Lídia Almeida Barros

Aspectos terminológicos e terminográficos do vocabulário da Dermatologia

Tomo I

1910002995

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Lídia Almeida Barros

Aspectos terminológicos e terminográficos do vocabulário da Dermatologia

T 2995/17

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas UNESP
BIBLIOTECA
São José do Rio Preto

Trabalho apresentado ao Concurso Público de Provas e Títulos para a obtenção do título de Livre-Docente no Departamento de Letras Modernas, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-IBILCE, Universidade Estadual Paulista-UNESP campus de São José do Rio Preto.

São José do Rio Preto
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Lídia Almeida Barros

Aspectos terminológicos e terminográficos do vocabulário da Dermatologia

COMISSÃO JULGADORA

TRABALHO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE LIVRE-DOCENTE

Primeiro examinador e Presidente: .....

Segundo examinador: .....

Terceiro examinador: .....

Quarto examinador: .....

Quinto examinador: .....

AGRADECIMENTOS

Tudo o que temos feito é pouco em comparação a tudo o que ainda deve ser feito, mas esperamos dar, com este trabalho, uma pequena contribuição ao avanço das pesquisas em Terminologia.

Nada neste mundo se faz sozinho, menos ainda em Ciência. Por isso, agradecemos a todos aqueles que, de algum modo, colaboraram para que esta investigação científica se realizasse, mais particularmente:

Ao Prof. Carlos Daghlian, que tem guiado nossos passos no mundo acadêmico da UNESP.

Aos especialistas em Lingüística e Terminologia, em cuja fonte temos bebido e adquirido o conhecimento necessário ao desenvolvimento de nossos projetos.

Às agências de fomento à pesquisa – FAPESP, CNPq, CAPES e FUNDUNESP –, cujo auxílio financeiro tem sido imprescindível à obtenção dos resultados.

Aos membros da equipe do VMD, colegas docentes, especialistas em Dermatologia e alunos, pela colaboração.

À Profa. Diva Cardoso de Camargo, companheira de caminhada.

A meu marido e a minha filha, pelo apoio e amor.

A

Meu marido, Maurizio,

Minha filha, Gabriella,

E quem mais chegar...

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar aspectos terminológicos e terminográficos do vocabulário do domínio da Dermatologia. Os dados aqui apresentados resultam da pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto *Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia-VMD*. Durante nosso estudo, verificamos a existência de variantes e de sinônimos nesse campo do saber. Termos científicos coexistem com termos populares, regionais, variantes ortográficas, sintáticas e outras. Analisando alguns dicionários médicos, notamos que variantes e sinônimos nem sempre recebem um tratamento terminográfico, sendo normalmente excluídos da nomenclatura desses dicionários. Esse procedimento dificulta o acesso aos dados contidos nos dicionários a quem só conhece uma dessas unidades terminológicas. Neste trabalho analisamos o tratamento terminográfico dado a variantes terminológicas em alguns dicionários médicos, de Dermatologia e de língua geral, brasileiros e estrangeiros. Diante dos dados obtidos, fazemos uma proposta de organização de macroestrutura e de sistema de remissivas que leve em consideração as variantes. O estudo a que procedemos sobre a terminologia da Dermatologia deu-se também de um ponto de vista qüinqüelíngüe (português, inglês, francês, espanhol e italiano). Este trabalho discute o conceito de equivalência em Terminologia Bilíngüe e, baseados em alguns pressupostos teóricos e exemplificando com dados adquiridos nas pesquisas desenvolvidas no VMD, pretendemos mostrar que existem equivalentes perfeitos entre termos do domínio da Dermatologia. Observamos ainda questões de equivalência parcial entre os idiomas do VMD e ressaltamos diferentes graus desse tipo de equivalência, levando em consideração o nível de língua, os usos e a extensão semântica dos termos. A ausência de equivalência também ocorre entre termos de diferentes idiomas no domínio da Dermatologia. Alguns aspectos socioculturais das equivalências terminológicas são ainda abordados no âmbito deste trabalho. Complementam nosso estudo dados relativos a projetos de harmonização terminológica no campo da Medicina e a descrição do que acreditamos ser o primeiro dicionário médico em língua portuguesa do Brasil.

Palavras-chave: Terminologia; Terminologia Bilíngüe; Equivalência Lexical, Dicionários especializados; Dermatologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ABSTRACT

The existence of terminological variants and of synonyms in the same domain is a fact which has been registered by various studies of descriptive terminology. Technical / scientific terms coexist with popular, regional, orthographical, syntactical and other variants. Analyzing particular dictionaries of medical terminology it was observed that variants and synonyms do not receive a terminological treatment and are therefore excluded from the nomenclature. It is thus difficult for someone who only knows one of these terminological units to refer to these works and obtain the required information. This work analyses the terminographical treatment given to terminological variants in a number of medical dictionaries, but specifically in dermatological dictionaries. A proposal for the organization of cross-indexing systems is presented taking into consideration the existence of various terms to designate the same concept. It also brings up for discussion the concept of equivalence in Bilingual Terminology. Based on some theoretical premises, this is intended to show that there is a perfect equivalence among terms of the dermatological domain with data derived from the research project called "Multilingual Vocabulary of Dermatology." Questions of partial equivalence between Brazilian Portuguese, French, English, Italian and Spanish terms in the domain of Dermatology were also analyzed. The extent to which they bear partial identity regarding language level, usage or semantic extension is also shown .

Keywords. *Terminology, Bilingual Terminology; Lexical Equivalence, Specialized Dictionaries, Dermatology.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

O PROJETO VMD 1

QUESTIONAMENTOS DE PARTIDA 2

ORGANIZAÇÃO INTERNA DO TRABALHO 6

1. O PRIMEIRO DICIONÁRIO MÉDICO DO BRASIL **13**

1.1. COMO A OBRA CHEGOU AOS BRASILEIROS DO SÉCULO XX 13

1.2. DÚVIDAS SOBRE A AUTORIA DA OBRA 14

1.3. SOBRE PERO DE CASTILHO 16

1.4. CARACTERÍSTICAS LEXICOGRÁFICAS DA OBRA 17

1.4.1. Objetivos e público-alvo *17*

1.4.2. A macroestrutura *17*

1.4.3. A microesturura *22*

1.5. A PRIMEIRA E A ÚLTIMA *NOMINA ANATOMICA* EM PORTUGUÊS SE ENCONTRAM 27

2. VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NOS DICIONÁRIOS DE MEDICINA MONOLÍNGÜES E BILÍNGÜES **33**

2.1. A ESCOLHA DA NOMENCLATURA 34

2.2. TRATAMENTO TERMINOGRÁFICO DAS VARIANTES 37

2.2.1. O sistema de remissivas: aspectos gerais *37*

2.2.2. Variantes nos dicionários médicos e de língua geral *40*

2.3. TRATAMENTO TERMINOGRÁFICO DAS VARIANTES EM NOSSO DICIONÁRIO 45

3. PROJETOS INTERNACIONAIS DE HARMONIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA E DE DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES MÉDICAS **50**

3.1. NOMINA ANATOMICA 51

3.1.1. Aspectos gerais *51*

3.1.2. A Anatomia e sua história *52*

3.1.3. A terminologia anatômica e a homogeneidade lingüística *54*

3.1.4. A Nomina Anatomica de São Paulo e a geração de neônimos *56*

3.2. A NOMENCLATURA INTERNACIONAL DE DOENÇAS 58

3.3. SISTEMA UNIFICADO DE LINGUAGEM MÉDICA 60

3.4. A BVS-BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE 63

3.4.1. O BIREME *63*

3.4.2. A BVS-Biblioteca Virtual de Saúde *64*

3.4.3. Atualização da terminologia em Saúde Pública: o projeto DeCS *66*

3.4.4. A renovação terminológica no DeCS *75*

3.5. CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DAS DOENÇAS 77

3.5.1. Considerações iniciais *77*

3.5.2. Conceito e objetivos *78*

3.5.3. Aspectos históricos *78*

3.5.4. A CID NA DÉCIMA VERSÃO *79*

3.5.4.1. Processo de preparação da CID10 80

3.5.4.2. Conteúdo e características gerais 81

3.5.4.3. Semelhanças e diferenças das versões anteriores 83

3.5.5. A CID e o Brasil *85*

3.5.5.1. Participação do Brasil na elaboração da CID 85

3.5.5.2. Divulgação das informações 85

3.5.5.3. PesqCID10 86

3.5.5.4. Capítulos temáticos da CID-10 88

3.6. A DERMATOLOGIA NA CID10 89

4. O DOMÍNIO DA DERMATOLOGIA 93

4.1. A DERMATOLOGIA NO BRASIL 93

4.2. A DERMATOLOGIA NO MUNDO 95

5. MECANISMOS DE PRODUÇÃO LEXICAL EM MEDICINA E DERMATOLOGIA 98

5. 1. MODELOS TEÓRICOS GERAIS 98

5.2. DINÂMICA DE PRODUÇÃO NEOLÓGICA 101

5.3. PRINCÍPIOS DE CRIAÇÃO TERMINOLÓGICA EM MEDICINA 104

5.4. PARTICULARIDADES DA TERMINOLOGIA DA DERMATOLOGIA 105

6. A TERMINOLOGIA DA DERMATOLOGIA 108

6.1. ESTRUTURAS MORFOSSINTÁTICAS E LÉXICO-SEMÂNTICAS DOS TERMOS DA DERMATOLOGIA ..108

6.1.1. Termos simples, comlexos e compostos 108

6.1.2. Unidades braquigráficas 112

6.2. ASPECTOS DA EPONÍMIA NO DOMÍNIO DA DERMATOLOGIA 117

6.2.1. Conceito de epônimo 118

6.2.2. Postura da Medicina e da Dermatologia em relação aos epônimos 121

6.2.3. Eponímia: objeto de estudos lingüísticos e terminológicos 124

6.2.4. Tipos de termos eponímicos 126

6.2.5. Os termos eponímicos do domínio da Dermatologia 126

6.2.5.1. Questões gerais 126

6.2.5.2. Termos eponímicos simples 129

6.2.5.3. Termos eponímicos compostos 130

6.2.5.4. Termos eponímicos complexos 131

6.3. ESTRANGEIRISMOS NA TERMINOLOGIA DA DERMATOLOGIA 138

6.3.1.Pressupostos teóricos gerais 138

6.3.2. Os empréstimos nas línguas de especialidade 140

6.3.3. Empréstimos no domínio da Dermatologia 142

6.3.4. Cultismos 152

6.4. ASPECTOS CULTURAIS E SOCIAIS DA TERMINOLOGIA DA DERMATOLOGIA 155

6.4.1. Algumas considerações antropológicas 156

6.4.2. A terminologia da Dermatologia e a visão do outro 157

6.4.3.O caso da sífilis 161

6.4.3.1. Origem do nome 161

6.4.3.2. A origem da doença 162

6.4.3.3. A terminologia como expressão de acusações cruzadas 168

7. QUESTÕES DE EQUIVALÊNCIA TERMINOLÓGICA EM DERMATOLOGIA 171

7.1. METODOLOGIA 172

7.1.1. Estabelecimento da nomenclatura e sistematização dos dados 172

7.1.2. Informatização do Projeto 173

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

7.1.2.1. Base de dados terminológicos monolíngüe português 173
7.1.2.2. Base de dados textuais 180
7.1.2.3. Bases de dados terminológicos bilíngües 183
7.2. TERMINOLOGIA BILÍNGÜE OU COMPARADA 186
7.3. EQUIVALÊNCIA LEXICAL EM DERMATOLOGIA 191
7.3.1. Equivalência total *191*
7.3.2. Equivalência parcial *196*
7.3.3. Termos genéricos e específicos português-italiano *201*
CONCLUSÃO **204**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **211**

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Pero de Castillo: Primeira página da parte tupi-português. 18

Figura 2: Pero de Castillo: separação das entradas pelas letras do alfabeto. 18

Figura 3: Pero de Castillo: Última página da primeira parte. 19

Figura 4: Pero de Castillo: Primeira página da segunda parte (português-tupi) 19

Figura 5: Pero de Castillo: Última página da segunda parte (português-tupi) 20

Figura 6: Pero de Castillo. Rasuras manuscritas. 21

Figura 7 - Consulta ao DeCS 68

Figura 8 - Pesquisa de poiquilodermia. 69

Figura 9 - Versão 1.6c CID-10 85

Figura 10 - Substantivos masculinos, femininos e nomes científicos. 112

Figura 11 - Siglas e acrônimos. 115

Figura 12 - Epidemia de sífilis na Europa. 161

Figura 13 - Ficha terminológica monolíngüe eletrônica. 177

Figura 14 - Ficha terminológica bilíngue (parte 1). 184

Figura 15 - Ficha terminológica bilíngue (parte 2). 184

Figura 16 - Ficha terminológica bilíngue (parte 3). 185

Figura 17 - Graus de equivalência lexical 187

INTRODUÇÃO

O PROJETO VMD

O trabalho que ora apresentamos à comunidade científica é fruto de sete anos de pesquisas desenvolvidas após nosso Doutorado. Constitui uma parte dos resultados obtidos no âmbito do projeto *Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia* (VMD).

Esse foi reconhecido pelo CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico como Projeto Integrado de Pesquisa em duas oportunidades (2000-2003 e 2003-2005), tendo recebido dessa agência de fomento diversas bolsas de Iniciação Científica PIBIC e por quota (balcão). A coordenadora foi agraciada com Bolsa de Produtividade em Pesquisa (2001-2003, 2003-2005 e 2005-2008).

O projeto também contou com o apoio da FAPESP-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo sob a forma de bolsas de Iniciação Científica e de Mestrado para os alunos e de Pós-Doutoramento para a coordenadora. Essa agência de fomento ainda contribuiu com a concessão de Auxílio à Pesquisa, o que viabilizou o projeto do ponto de vista material. A CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior também colaborou com a concessão de uma bolsa de Mestrado.

Desse modo, cerca de sessenta subprojetos de pesquisa foram desenvolvidos no âmbito do VMD, aproximadamente 30 deles com bolsas de estudos.

Os resultados obtidos têm sido apresentados em eventos científicos e a publicação da versão monolíngüe do dicionário encontra-se em fase de preparação pela Editora Artes Médicas, de São Paulo. Pretendemos apresentar à comunidade médica uma obra que possa ser utilizada como manual por estudantes de Medicina, médicos em geral e dermatologistas. Pode ainda constituir material de consulta a jornalistas

científicos, tradutores e a toda pessoa interessada em obter informações sobre questões de Dermatologia.

Essa área do saber tem conhecido no Brasil, nos últimos anos, um acelerado desenvolvimento e tem sido objeto de interesse internacional, sobretudo nos campos clínico e da estética.

Esse interesse se explica pelo fato do Brasil ter alto índice de câncer de pele e, no campo da estética, ser um dos maiores consumidores de produtos dermatológicos (cremes hidratantes, bronzeadores, protetores solares e outros). As pesquisas feitas em nosso país nessa área têm obtido bons resultados e a Dermatologia brasileira tem angariado respeito da comunidade científica mundial, além de já sermos conhecidos pela cirurgia plástica de excelente qualidade.

Apesar da reconhecida importância da Dermatologia no Brasil, não existe ainda em circulação, em nosso país ou em qualquer país de língua portuguesa, um dicionário especializado nessa área do saber médico. Nossa proposta de vocabulário pretende contribuir para o preenchimento dessa lacuna editorial.

QUESTIONAMENTOS DE PARTIDA

No processo de elaboração do VMD, diversos aspectos da terminologia da Dermatologia tiveram que ser analisados para que pudéssemos dar aos dados tratamento terminográfico adequado. Em nossas reflexões e pesquisas buscamos respostas às seguintes questões:

1) Que características deve ter um dicionário de Dermatologia dirigido a um público brasileiro? Que tratamento deve ser aplicado aos dados terminológicos desse campo?

2) Considerando-se que no Brasil não há outros dicionários de Dermatologia que nos permitam ter idéia concreta de uma obra dessa natureza elaborada por especialistas, como os dados são tratados em dicionários de Medicina?
3) Tendo em vista que a terminologia da Dermatologia se insere no contexto da terminologia médica e que esta tem sido objeto de harmonização por parte de autoridades internacionais e nacionais,
    i) Quais as diretrizes dadas por essas autoridades no que concerne à linguagem médica?
    ii) A Dermatologia seguiria estritamente as normas gerais da Medicina nesse sentido ou teria particularidades?
    iii) Que projetos foram criados para auxiliar os especialistas no que tange à sua terminologia e à comunicação na área?
    iv) O que preconizam e como funcionam esses projetos?
4) Como se dá a produção lexical no domínio da Dermatologia? Que estrutura morfossintática e léxico-semântica predomina na terminologia dessa área?
5) A eponímia é um mecanismo de criação lexical marcante em Medicina e combatido pelos especialistas da área. Como essa se comporta no domínio da Dermatologia? Do ponto de vista lingüístico e do processo de criação lexical, quais as principais características dos termos eponímicos no que concerne à sua estrutura morfossintátia e léxico-semântica?
6) Devido ao fato da Dermatologia brasileira ter como referência a produção científica francesa e norte-americana, provavelmente se encontram estrangeirismos no conjunto terminológico dessa área. Questionamo-nos, então, sobre:
    i) Como esses estrangeirismos se comportam nessa terminologia?
    ii) Viriam eles só do inglês e do francês?

iii) Sua presença, do ponto de vista quantitativo, seria significativa?

7) A Dermatologia é uma área científica e a comunicação entre especialistas emprega, evidentemente, termos científicos. Porém, colocamo-nos as seguintes questões:

   i) Apesar dos esforços da Medicina em harmonizar sua terminologia e da orientação dada por essa para que se siga o princípio da univocidade terminológica (apenas um termo para designar um conceito), não existiria mais de um termo científico concorrendo entre si no domínio da Dermatologia?

   ii) A comunicação entre médico e paciente não conduziria a uma interação entre termos científicos e populares?

   iii) A terminologia da Dermatologia se compõe apenas de termos científicos e populares, ou outros tipos de variantes marcariam essa terminologia? Que tipos?

   iv) Como devem ser tratadas as variantes num dicionário de Dermatologia para que o consulente encontre a informação de que necessita independente da porta pela qual adentre?

   v) Como os dicionários de Medicina brasileiros e estrangeiros tratam esse aspecto lingüístico?

   vi) Se há termos populares que designam doenças da pele, que aspectos culturais subjazem a esses? Do ponto de vista bi- ou multilíngüe, como essas questões culturais se manifestam?

8) O VMD colocou em confronto cinco idiomas com o objetivo de identificar os equivalentes em português, francês, inglês, espanhol e italiano do domínio da Dermatologia. No início do projeto, questionamo-nos sobre:

   i) Qual a metodologia mais adequada a esse tipo de trabalho?

ii) Há equivalência perfeita ou total entre termos desse domínio nos idiomas estudados?

iii) Tendo em vista a homogeneidade internacional da terminologia médica e a intensa divulgação dos dados científicos à comunidade médica mundial, ocorreriam situações de ausência de equivalência em algum dos idiomas-alvo da pesquisa? Quais as prováveis causas dessa ausência?

9) A equivalência parcial (ou correspondência) é uma das possibilidades previstas por terminólogos e tradutores para a relação entre termos de uma área em mais de um idioma.

i) De que modo a equivalência parcial se realiza no domínio da Dermatologia?

ii) Que tipo de situação conduz à classificação da relação entre dois termos da Dermatologia (numa perspectiva bilíngüe) como equivalência parcial?

iii) Considerando-se que boa parte dos termos dessa área mantém entre si uma relação de hiperonímia e hiponímia, ocorreriam situações de equivalência parcial de tipo genérico-específico?

Essas e outras questões motivaram nossas pesquisas. A nomenclatura analisada compôs-se de 3707 termos, sendo 1607 entradas de verbetes, acrescidos de 2100 quase-sinônimos. Para cada um dos conceitos designados pelos 1607 termos em português (língua de partida) foram pesquisados equivalentes em inglês, francês, espanhol e italiano (línguas-alvo do projeto). Este trabalho concentra os principais resultados dessa reflexão e pesquisa.

ORGANIZAÇÃO INTERNA DO TRABALHO

Os capítulos estruturam-se com base em elementos inéditos associados a dados veiculados por artigos já publicados, nos quais expusemos resultados parciais de nossas pesquisas em autoria exclusiva ou em conjunto com membros de nossa equipe. Em cada capítulo damos informações mais precisas sobre as referências bibliográficas e eventos científicos nos quais os dados em questão foram divulgados.

Cumpre ressaltar que, devido ao fato de trabalharmos em equipe, muito da produção bibliográfica sobre a terminologia da Dermatologia e sobre o tratamento terminográfico aplicado aos dados da área foram divulgados sob a forma de artigos em co-autoria com membros da nossa equipe. Desse modo, outras questões foram analisadas, mas não são expostas neste trabalho, uma vez que não desejamos ultrapassar o limite de 20% dos capítulos deste trabalho com produção não exclusiva nosssa.

Em alguns casos, porém, como o da eponímia e o das equivalências terminológicas (respectivamente, subcapítulo 6.2. *Aspectos da eponímia no domínio da Dermatologia* e capítulo 7. *Questões de equivalência terminológica em Dermatologia*), outros artigos, mesmo de autoria exclusiva nossa não conseguiriam apresentar de modo tão adequado as questões relativas a esses temas. Por esse motivo, decidimos utilizá-los neste trabalho para o bem da compreensão global da terminologia da Dermatologia. É, no entanto, fundamental esclarecer que nossa participação na elaboração dos mesmos não foi de menor importância. De fato, o subcapítulo sobre a eponímia compõe-se, além do artigo em co-autoria, de partes provenientes da comunicação de nossa autoria apresentada no XIX Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Letras e Lingüística-ENANPOLL (que ocorreu de 28 de junho a 02 de julho de 2004 na cidade de Maceió) e de partes inéditas. Assim, nossa participação na redação desse capítulo ultrapassa os 50%.

Não dedicamos, neste trabalho, um capítulo específico para a síntese dos modelos teóricos que deram sustentação ao estudo ora em apreço: o arcabouço teórico e a metodologia adotada na análise dos dados são apresentados em cada capítulo, de acordo com o assunto em pauta. As traduções de citações em língua estrangeira são nossas.

O estudo da terminologia do domínio da Dermatologia não pode deixar de levar em consideração as características gerais da linguagem médica. Um projeto de cunho terminográfico como o nosso, embora inédito, não poderia esquecer a máxima de Lavoisier adaptada ao caso: em Ciência nada se perde nada se cria, tudo se transforma. Assim, antes de nos lançarmos na elaboração do VMD, analisamos dicionários médicos estrangeiros e brasileiros e dicionários de Dermatologia franceses e italianos. Buscávamos compreender sua organização interna e depreender as principais características dos mesmos.

Nessa etapa da pesquisa, deparamo-nos com uma obra que, se não for o primeiro, pode, com certeza, ser considerado como um dos primeiros dicionários médicos brasileiros. Trata-se de uma lista bilíngüe tupi-português dos nomes das partes do corpo humano, elaborada pelo padre Pero de Castillo em 1613. Os dados contidos nesse livreto são interessantes para o estudo da terminologia médica do ponto de vista histórico e cultural. Por esse motivo, descrevemos a obra no Capítulo *1. O primeiro dicionário médico do Brasil*. Nele resgatamos dados históricos sobre o autor e sua obra, procedemos a uma análise da organização interna da mesma (do ponto de vista lexicográfico) e procuramos mostrar como esse dicionário, do século XVII, angaria, ainda hoje, o respeito e o interesse da Medicina.

O VMD teve como uma de suas diretrizes registrar todos as formas designativas dos conceitos da área da Dermatologia tratados na obra. Assim, a nomenclatura

estudada não se compôs apenas de termos científicos, mas também de termos populares, regionais, em desuso e outros. Desse modo, nosso estudo não poderia deixar de abordar a variação lexical nesse domínio, sobretudo sob a perspectiva do tratamento terminográfico desse aspecto lingüístico.

Com o intuito de verificar como os dicionários especializados em Medicina tratam as variantes e sinônimos, procedemos a uma análise de algumas dessas obras brasileiras, francesas e norte-americanas. Baseados nos dados que observamos, elaboramos uma proposta de organização da macroestrutura, da microestrutura e do sistema de remissivas do VMD, de modo que a existência de diferentes termos para designar um mesmo conceito fosse levada em consideração. Essas questões são relatadas no Capítulo 2. *Variação terminológica nos dicionários de Medicina monolíngües e bilíngües*.

A Medicina faz esforços para divulgar as informações médicas, sobretudo nos países menos privilegiados, com o fim de auxiliar as comunidades médicas e autoridades sanitárias no combate às doenças. Para os médicos, a riqueza vocabular que marca essa área científica pode conduzir a erros graves e, para diminuir os riscos, procuram harmonizar a terminologia dessa área.

Alguns projetos como a *Nomina Anatomica*, a *Nomenclatura Internacional de Doenças*, o *Sistema Unificado de Linguagem Médica* e a *Classificação Internacional das Doenças Classificação Estatística Internacional das Doenças e de Problemas relacionados à Saúde* – CID são expressões das tentativas de divulgar informações e de harmonizar as terminologias médicas. Nesse sentido, revestem-se de grande importância.Os terminólogos que desenvolvem pesquisas sobre a linguagem médica não podem desconhecê-los. Por esse motivo, no Capítulo *3. Projetos internacionais de*

harmonização da terminologia e de divulgação de informações médicas analisamos esses projetos.

Como subsídio para a compreensão da área da Dermatologia, expomos, no Capítulo *4. O domínio da Dermatologia*, algumas informações de caráter conceitual e histórico sobre esse campo.

A Medicina e seus diversos ramos – dentre eles, a Dermatologia – almejam um universo vocabular específico marcado pela precisão, lógica, coerência e uniformidade, cujas unidades terminológicas possuam maior carga sêmica. Os termos simples devem predominar sobre os termos complexos e estes devem ser mais descritivos no que concerne à forma e à função da estrutura anatômica ou fisiológica, ou ainda da doença, em questão. Esses e outros aspectos relativos às orientações dos especialistas da área sobre os mecanismos de criação lexical nos campos da Medicina e da Dermatologia condizentes com a política de harmonização internacional da linguagem médica são descritos no Capítulo *5. Mecanismos de produção lexical em Medicina e Dermatologia*.

Ainda nesse capítulo, e precedendo esses dados, apresentamos, de modo sucinto, os principais modelos teóricos que deram sustentação às análises a que procedemos, notadamente no que concerne aos processos de criação lexical nas línguas (linguagens) de especialidade.

Nos diversos ramos da Medicina, as pesquisas científicas conduzem permanentemente à identificação de novas doenças e freqüentemente à descoberta de novos processos de cura, novos instrumentos de intervenção cirúrgica, novas técnicas e medicamentos. Esse dinamismo ganha expressão em nível lingüístico e a terminologia da Medicina encontra-se em constante evolução. A Dermatologia não foge a esse processo. Nesse sentido, o Capítulo *6. A terminologia da Dermatologia*, procedemos a um estudo sobre os principais processos geradores de neônimos nessa área.

O primeiro aspecto abordado diz respeito aos processos de formação dos termos, suas classes lexicais e categorias gramaticais. Os dados são expostos no subcapítulo *6.1.Estruturas morfossintáticas e léxico-semânticas dos termos da Dermatologia.*

Os epônimos são considerados pelas autoridades médicas que se ocupam da terminologia da área como unidades terminológicas opacas e prejudiciais à boa comunicação entre especialistas e propõem, de modo insistente, que os epônimos sejam banidos da linguagem médica. Nossa análise do conjunto terminológico do campo da Dermatologia revela, porém, que esse tipo de unidade lingüística ainda é produtiva na comunicação. Questões conceituais, tipológicas e de estrutura morfossintátia e léxico-semântica dos epônimos são discutidas no subcapítulo *6.2.Aspectos da eponímia no domínio da Dermatologia.*

Procedemos, no subapítulo *6.3. Estrangeirismos na terminologia da Dermatologia*, a um estudo sobre os empréstimos lexicais, os estrangeirismos visíveis e não-visíveis e os cultismos (unidades terminológicas sob forma latinizada) que se destacam no conjunto vocabular da Dermatologia.

No subcapítulo *6.4. Aspectos culturais e sociais da terminologia da Dermatologia*, expomos, sob o ângulo da diversidade lingüística e cultural, algumas questões concernentes às terminologias em português, inglês, francês, espanhol e italiano relativas a dermatoses (doenças da pele). Mostramos como elementos de cunho ideológico, sociológico, político e psicológico influem no processo de criação terminológica no domínio da Dermatologia.

Na pesquisa terminológica bilíngüe ou multilíngüe, o terminólogo deve encontrar, na língua de chegada (LC), um termo que possua identidade de sentidos e de uso com o termo da língua de partida (LP). Porém, observa-se que nem sempre um candidato a equivalente na LC recobre totalmente o campo de significação, situa-se no

mesmo nível de língua ou possui os mesmos usos do termo da LP. Essas diferenças se devem, principalmente, ao fato de que "uma mesma realidade extralingüística pode ser analisada de pontos de vista muito divergentes em línguas diferentes, com base nos laços profundos e complexos que existem entre estrutura da língua e visão de mundo" (ALPÍZAR-CASTILLO, 1995, p. 102).

A elaboração de qualquer obra lexicográfica ou terminográfica bilíngüe ou multilíngue depara-se freqüentemente com esses problemas. Não são raros os casos em que não há termo equivalente na LC para a unidade lexical ou terminológica em LP. O maior perigo, no entanto, não reside nessa falta de correspondência, mas nas indicações imprecisas de aparentes equivantes.

No Capítulo *7. Questões de equivalência terminológica em Dermatologia*, abordamos um tema bastante discutido em Terminologia Bilíngüe ou Comparada – o conceito de equivalência – e fazemos uma análise dos diferentes graus de equivalência lexical encontrados entre os termos do domínio da Dermatologia em português, francês, inglês, italiano e espanhol. Mostramos que existem equivalentes perfeitos entre termos dessa área do saber e analisamos as situações em que ocorrem relações de identidade parcial, demonstrando alguns fatores que subjazem às diferenças. Enfocamos também casos de equivalência por superioridade conceptual entre termos da LP e da LC.

Compõem ainda este trabalho anexos. No primeiro, encontra-se o quadro de equivalências dos termos da Dermatologia nos cinco idiomas, organizado em ordem sistemática. Cumpre ressaltar que a pesquisa multilíngüe não se concluiu totalmente e que ainda procedemos a uma revisão para certificação da correção dos dados. Por esse motivo, o leitor encontrará no quadro observações feitas por nossa equipe sobre problemas ou dúvidas relativos aos equivalentes. A apresentação, como anexo a este

trabalho, do quadro de equivalências multilíngüe tem por único objetivo oferecer ao leitor um panorama dos resultados obtidos até o momento.

O *Dicionário de Dermatologia*, em sua versão monolíngüe, também se encontra anexo. Este se divide em duas partes: a primeira, em ordem sistemática (*Termos em ordem sistemática*) e a segunda em ordem alfabética. Precedem essas partes uma apresentação da obra, com a explicação de seu funcionamento, e uma lista das pessoas que colaboraram na elaboração do VMD. Destacam-se os dermatologistas que deram uma contribuição enquanto assessores científicos e os colegas de Departamento que verificaram os dados em cada idioma-alvo da pesquisa. Os alunos que desenvolveram subprojetos no âmbito do VMD também receberam seus créditos.

Procedendo aos estudos acima mencionados, esperamos deixar alguma contribuição às pesquisas sobre a terminologia da Dermatologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1. O PRIMEIRO DICIONÁRIO MÉDICO DO BRASIL[1]

Qualquer afirmação categórica sobre dados históricos é temerária. Toda verdade científica é passível de revisão à luz de novas descobertas. Nesse sentido, podemos apenas afirmar que, em nossa pesquisa sobre o tema "História dos dicionários médicos no Brasil", encontramos um trabalho que é forte candidato à indicação de primeiro dicionário dessa área do saber elaborado em nosso país. Trata-se de uma pequena obra com título longo: *Nomes das partes do corpo humano, pella lingua do Brasil, cõ primeiras, segundas & terceiras pessoas & mais differenças q nelles ha; mujto necessarios aos confessores que se occupão no menisterio de ouuir confissões, & ajudar aos jndios onde de contino sẽ. Juntos por ordem alphabetica, pera mais facilmente se achaẽ, & saberẽ; pello padre PERO de CASTILHO da Companhia de Iesu. Anno 1613.*

Essa obra é considerada por autoridades médicas como a primeira *Nomina Anatômica*[2] brasileira e, pela forma de organização das informações, também pode ser considerada como o primeiro dicionário brasileiro de Anatomia Humana, a mais antiga e tradicional das área da Medicina.

1.1. COMO A OBRA CHEGOU AOS BRASILEIROS DO SÉCULO XX

Adquiridos pelo bibliófilo Felix Pacheco em Paris, este vendeu, tempos mais tarde, à Prefeitura de São Paulo, manuscritos do século XVII compostos de duas obras: um *Vocabulario na lingua brasílica* (dicionário manuscrito português-tupi) e, em anexo

---

[1] Este capítulo contempla dados publicados sob a forma de artigo de nossa autoria, intitulado *O primeiro dicionário médico do Brasil* (*Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 46, n. 1, p. 21-42, 2004).
[2] *Nomina Anatomica*, documento que oficializa o conjunto de termos que designam as estruturas do corpo humano.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

a esse, os *Nomes das partes do corpo...* O material foi entregue ao Chefe da Divisão de Bibliotecas do Município, que, na época, era Rubens Borba de Morais, famoso por sua paixão e cuidados com o acervo.

Em 1936, os textos originais da obra do jesuíta foram entregues a Plínio Ayrosa, primeiro professor de tupi da Universidade de São Paulo, que, após estudá-los com cuidado, organizou a publicação da obra em 1937, pela Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, de São Paulo, da qual só foram impressos "cinqüenta exemplares em papel especial" (AYROSA, 1937, contra-capa). O *Vocabulario na lingua brasílica* foi editado, sob a coordenação de AYROSA, pelo Departamento de Cultura do Município de São Paulo, em 1938.

De acordo com esse pesquisador, a obra adquirida por Félix Pacheco em Paris (*Vocabulário + Nomes das partes do corpo...*) tem origem comum com a parcialmente copiada por Ferreira França de um exemplar manuscrito que se encontra no Museu Britânico, em Londres, e integra o "Catálogo dos Manuscritos Portugueses" dessa instituição. Esse trabalho foi publicado em 1859 como parte da coletânea organizada por França, *Chrestomathia da Lingua Brasílica*. Não fica claro, no entanto, se os *Nomes das partes do corpo...* faziam parte do mesmo manuscrito do *Vocabulário*. Ayrosa acredita ser possível que essas duas obras se encontrassem juntas no documento original, uma vez que se assemelham em muito às obtidas por Félix Pacheco (AYROSA, 1937, p. 16).

1.2. Dúvidas sobre a autoria da obra

O estudo minucioso a que procedeu Plínio Ayrosa sobre os *Nomes das partes do corpo...* deixou-o intrigado sobre divergências evidentes de grafia quando comparada a primeira parte do dicionário com a segunda:

> Quem quer que examine com alguma atenção os manuscritos notará, sem dificuldade alguma, que há enormes diferencias ortográficas entre a primeira e a segunda parte; que várias palavras existentes numa delas não aparecem na outra e, finalmente, que termos portugueses surgem aqui e ali escritos de maneira diversa.
>
> Ora, parece-nos, só as diverências ortográficas dos termos tupis e portugueses que ocorrem nas duas partes em que se divide tão pequenino trabalho, são de molde a afastar a possibilidade de ter ele sido escrito por pessoa culta e dada aos estudos como o foi Pero de Castilho. ...
>
> Pero de Castilho, si tivesse escrito ele mesmo, com seu próprio punho, estes documentos, teria forçosamente usado de apenas um sistema ortográfico, maximé no registro de vocábulos tupi-guaranis. (AYROSA, 1937, p. 12)

O autor dá como provas de suas suspeitas elementos que evidenciam dois sistemas ortográficos diversos para a transcrição, em português, de sons do tupi. De acordo com o pesquisador, a primeira parte deve ter sido escrita por uma pessoa, que adotou certos critérios, e a segunda por outra, que pode ter-se baseado na grafia empregada por Anchieta em sua *Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, publicada em 1595. As conclusões de Ayrosa vão ainda mais longe:

> Verificada a identidade quase completa de ambos e perfeitamente constatados os erros, a péssima grafia dos termos tupis e a inépcia de quem os acentuou, queremos concluir que nem o nosso manuscrito e menos o de Ferreira França podem ser atribuídos ao punho de Pero de Castilho; ambos foram mal copiados por alguém que teve à vista o texto original do prestadio jesuíta ou, talvez mesmo, uma cópia já de seu trabalho. (AYROSA, 1937, p. 17)

A hipótese lançada pelo pesquisador tem seu fundamento, uma vez que esse tipo de problema tem, ao longo da história das obras que antecedem a invenção da imprensa, inúmeros precedentes de cópias que deturpavam os originais.

Outro detalhe não passou despercebido a Ayrosa: o *Vocabulário na Língua Brasílica (Portuguez-Brasiliano),* que acompanha, nos manuscritos, os *Nomes das partes do corpo...*, foi copiado em 1622. Esse dado leva-o a lançar a hipótese de que os o pequeno dicionário de Anatomia tenha sido escrito na Bahia ou Pernambuco, mas tenha sido rapidamente copiado em vários exemplares e enviado a diversas localidades

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

do Brasil da época. Na Província de Piratininga (São Paulo), foi enriquecido, em 1622, com uma lista inversa, na qual a língua de partida era o português e a de chegada, o tupi. Essa é a opinião de Ayrosa, mas a polêmica não se esgotou aí:

> Muitos manuscritos são analisados e comparados, procurando-se identificar os autores e avalia-los. O VLB é um exemplo. Na discussão sobre sua autoria, que se estende pelas décadas de 30 e 40, envolveram-se, além de Plínio Ayrosa e outros estudiosos do tupi, o padre Serafim Leite, que então escrevia sua *História da Companhia de Jesus* no Brasil e tinha acesso aos arquivos da Companhia. Buscava-se indicar entre os primeiros jesuítas que estudaram o tupi os que teriam composto os manuscritos. Depois de se cogitar o nome de Pero de Castilho, Leite (1944, 1946) aponta Leonardo do Vale como autor do VLB. Enquanto isso, Maria de L. de P. Martins, analisando manuscritos do VLB, do DPB e do DBP, tende para a autoria de Anchieta. A questão não ficou resolvida, mas o que importa é sublinhar o trabalho com a historicidade dos textos, que ultrapassava o interesse biográfico e se estendia à análise dos fatos de linguagem. (NUNES, 1996, p. 129-130)

Embora não se possa determinar com precisão a autoria do VLB e nem se saiba ao certo se os *Nomes das partes do corpo...* pertençam, como anexo, a essa obra, sobre a autoria destes últimos parece não pairar dúvidas: é de Pero de Castillo, pelo menos em sua parte inicial tupi-português.

1.3. Sobre Pero de Castilho

São poucos os dados biográficos sobre esse sacerdote brasileiro. A melhor fonte de informações continua sendo a carta do Padre Serafim Leite, enviada a Félix Pacheco, cujos trechos mais importantes foram transcritos por Ayrosa, na qual pode-se ler:

> O P. Pero de Castilho é natural da Vila do Espírito Santo, onde nasceu em 1572. Entrou na Companhia de Jesus, na Baía, em 1587, com 15 anos de idade. Estudou gramática durante quatro anos e teologia moral por algum tempo. Em 1606 já era sacerdote, e em 1608 fez os últimos votos de Coajutor Espiritual. Foi Superior dalgumas Aldeias de índios (era-o em 1616 da aldeia de São João Baptista, anexa ao Colégio da Baía). Fez duas grandes entradas ao Sertão; uma em 1613 ao Rio Grande; outra em 1621 ao interior da Baía com o Padre José da Costa, siciliano. Da sua primeira missão deixou uma preciosa narrativa, dirigida ao P. Henrique Gomes, Provincial do Brasil, e escrita em Pernambuco, a 10 de maio de 1614, em português, intitulada *Redação*

> *da Missão do Rio Grande: 1613-1614*. Possuo cópia fotográfica dessa narração, ainda inédita. O P. Pero de Castilho dominava perfeitamente a língua brasílica, que aprendeu na meninice. Ainda vivia em 1631 no Colégio de Pernambuco, com 59 anos de idade e boa saúde. (AYROSA, 1937, p.22)

Essas são as informações que se tem do padre brasileiro nascido na Vila do Espírito Santo (diocese do Rio de Janeiro), que nos legou o primeiro dicionário médico do Brasil.

1.4. CARACTERÍSTICAS LEXICOGRÁFICAS DA OBRA

1.4.1. Objetivos e público-alvo

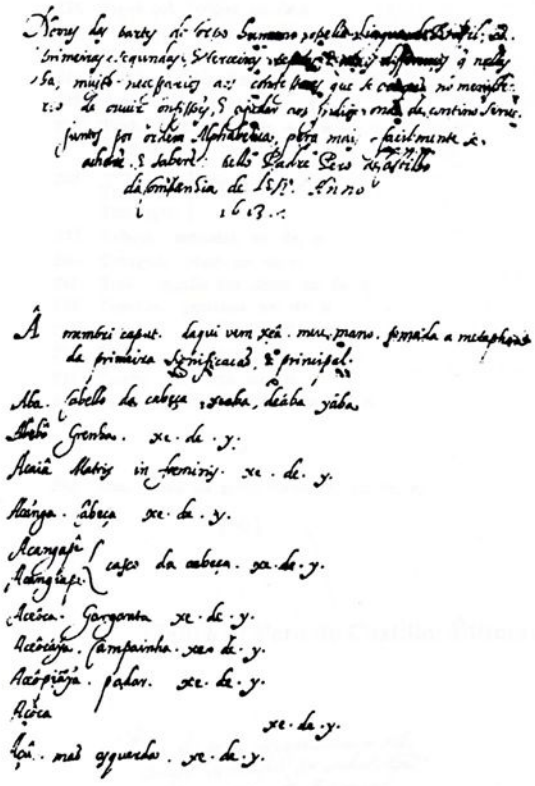
Os *Nomes das partes do corpo...* não visavam auxiliar os médicos da época em seu trabalho de socorro aos índios. Seu objetivo primeiro era facilitar aos padres o ofício de catequese e, como se pode ler no título, ser um instrumento de utilidade *"aos confessores que se occupão no menisterio de ouuir confissões, & ajudar aos jndios onde decontino serã"*. Seu público-alvo era, portanto, os sacerdotes que lidavam diretamente com as populações indígenas e sua motivação era de cunho religioso.

1.4.2. A macroestrutura

Na edição de 1937, antecede o dicionário propriamente dito um longo prefácio em que Plínio Ayrosa expõe seu conteúdo, objetivos e, principalmente, lança hipóteses sobre a história da obra. Complementa o livreto uma série de 249 notas explicativas sobre qiestões fonéticas, fonológicas, ortográficas e semânticas. O dicionário organiza-se em duas listas bilíngües, em ordem alfabética, de termos que designam estruturas da Anatomia Humana: a primeira, tupi-português; a segunda, na direção inversa.

As primeiras páginas de ambas as partes desse repertório lexicográfico apresentam os dados datilografados, acompanhados dos mesmos escritos pelo punho do

autor. Para termos uma visão mais concreta da configuração da obra em si, vejamos algumas de suas páginas:



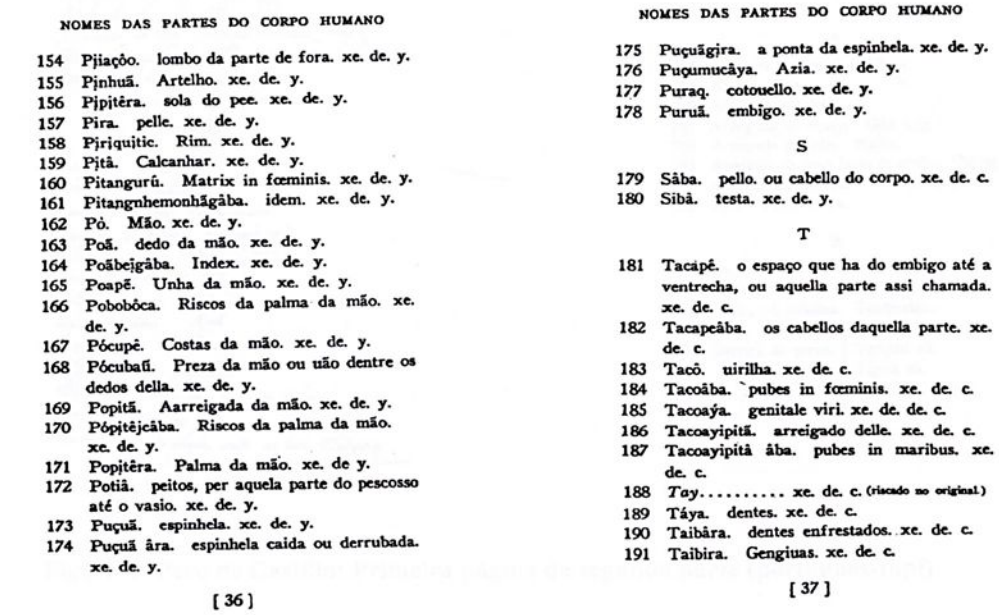
NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO, PELLA LINGUA DO BRASIL, CŌ PRIMEIRAS, SEGUNDAS, & TERCEIRAS PESSOAS & MAIS DIFFERENÇAS Q̄ NELLES HA; MUJTO NECESSARIOS AOS CONFESSORES QUE SE OCCUPÃO NO MENISTERIO DE OUUIR CONFISSÕES, & AJUDAR AOS JNDIOS ONDE DE CONTINO SERUĒ. JUNTOS POR ORDEM ALPHABETICA, PERA MAIS FACILMENTE SE ACHARĒ, & SABERĒ; PELLO PADRE PERO DE CASTILHO DA COMPANHIA DE IESU. ANNO 1618.

A

1 Â membri caput. daqui vem *xeâ*. meu mano. tomada a metaphora da primeira significação, e principal.
2 Âba. Cabello da cabeça. xeâba, deâba, yâba.
3 Abebô. Grenha. xe. de. y.
4 Acaiâ. Matrix in fœminis. xe. de. y.

[27]

Figura 1: Pero de Castillo: Primeira página da parte tupi-português.



NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO

154 Pjiaçôo. lombo da parte de fora. xe. de. y.
155 Pjnhuã. Artelho. xe. de. y.
156 Pjpjtêra. sola do pee. xe. de. y.
157 Pira. pelle. xe. de. y.
158 Pjriquitic. Rim. xe. de. y.
159 Pjtâ. Calcanhar. xe. de. y.
160 Pitangurũ. Matrix in fœminis. xe. de. y.
161 Pitangnhemonhãgâba. idem. xe. de. y.
162 Pò. Mão. xe. de. y.
163 Poã. dedo da mão. xe. de. y.
164 Poãbeigâba. Index. xe. de. y.
165 Poapẽ. Unha da mão. xe. de. y.
166 Pobobôca. Riscos da palma da mão. xe. de. y.
167 Pócupê. Costas da mão. xe. de. y.
168 Pócubaũ. Preza da mão ou uão dentre os dedos della. xe. de. y.
169 Popitã. Aarreigada da mão. xe. de. y.
170 Pópjtêjcâba. Riscos da palma da mão. xe. de. y.
171 Popjtêra. Palma da mão. xe. de y.
172 Potiã. peitos, per aquela parte do pescosso até o vasio. xe. de. y.
173 Puçuã. espinhela. xe. de. y.
174 Puçuã âra. espinhela caida ou derrubada. xe. de. y.

[36]

NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO

175 Puçuãgira. a ponta da espinhela. xe. de. y.
176 Puçumucâya. Azia. xe. de. y.
177 Puraq. cotouello. xe. de. y.
178 Puruã. embigo. xe. de. y.

S

179 Sâba. pello. ou cabello do corpo. xe. de. c.
180 Sibâ. testa. xe. de. y.

T

181 Tacapê. o espaço que ha do embigo até a ventrecha, ou aquella parte assi chamada. xe. de. c.
182 Tacapeâba. os cabellos daquella parte. xe. de. c.
183 Tacô. uirilha. xe. de. c.
184 Tacoãba. pubes in fœminis. xe. de. c.
185 Tacoaya. genitale viri. xe. de. de. c.
186 Tacoayipitã. arreigado delle. xe. de. c.
187 Tacoayipitã âba. pubes in maribus. xe. de. c.
188 *Tay*..... xe. de. c. (riscado no original)
189 Táya. dentes. xe. de. c.
190 Taibâra. dentes enfrestados. xe. de. c.
191 Taibira. Gengiuas. xe. de. c.

[37]

Figura 2: Pero de Castillo: separação das entradas pelas letras do alfabeto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO

235 Tĵbĵtâba. Sobrancelhas. xe. de. y.
236 Tĵguê. barriga. o interior. xe. de. c.
237 Tĵguêguaçú. bucho. xe. de. c.
238 Tiguê poi. tripas. xe. de c.
239 Tĵmã. perna. xe. de. c.
240 Tĵmãoô. barriga da perna. xe. de. c.
241 Tĵurû. bexiga. xe. de. y.
242 Toô. Carne humana. xe. de. c.
243 Tobâ. Rosto humano. xe. de. c.
244 Tobâpĵâba. / Tobâapoã. / Tobâibĵra. / Tobâapĵra. } topete. xe. de. c.
245 Tobapĵ. entradas. xe. de. c.
246 Tobaguâ. idem. xe. de. c.
247 Topê. capella dos olhos. xe. de. c.
248 Topeâba. pestanas. xe. de. c.
249 Topepira. capella dos olhos. c.
250 Tiguĵ. sangue humano. xe. de. c.
251 Tumbĵ. Cadeiras. xe. de. c.
252 Tumbĵquira. Rabadilha. xe. de. c.

U

253 Ûba. coxa da parte dianteira. xe. de. y.

[40]

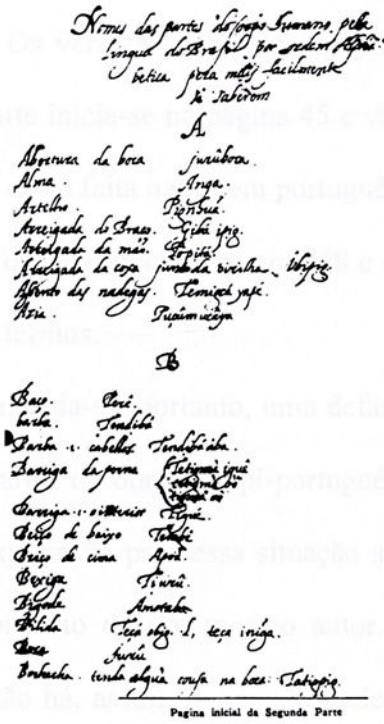
NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO

254 Ûba poã. a ponta da coxa junto ao giolho. xe. de. y.
255 Ûba poã ajýa. lagarto. xe. de. y.
256 Ûbĵpĵ. Arreigada da coxa junto a virilha. xe. de. y.
257 Uûba. Genitale viri. E ainda que metaphorico he usado. xe. de. c.

FINIS

[41]

Figura 3: Pero de Castillo: Última página da primeira parte.



Pagina inicial da Segunda Parte

NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO, PELLA LINGUA DO BRASIL POR ORDEM ALPHABETICA PERA MAIS FACILMENTE SE SABEREM.

A

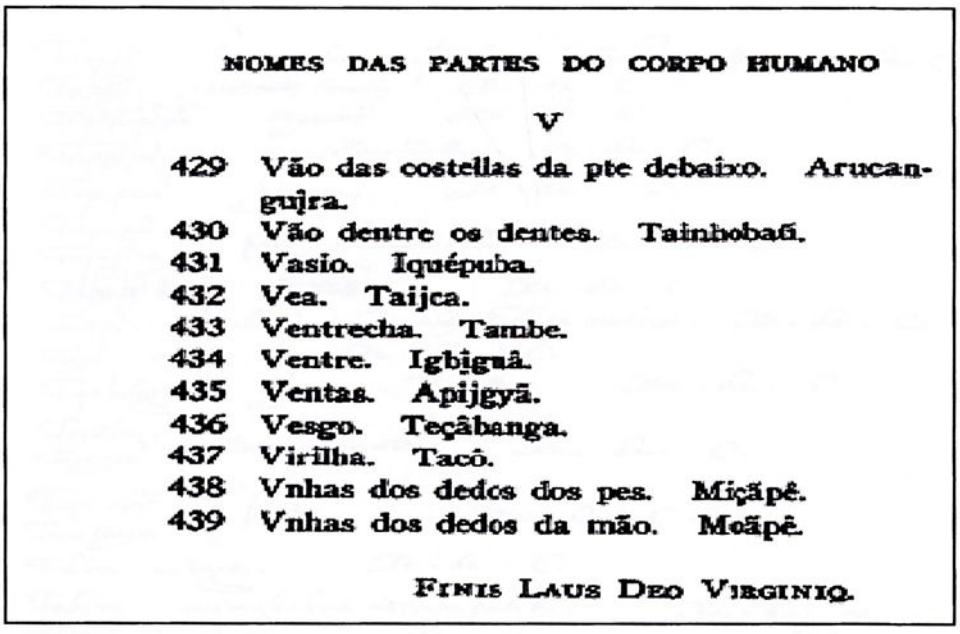
258 Abertura da boca. jurûboca.
259 Alma. Anga.
260 Artelho. Pignhuã.
261 Arreigada do Braço. Gĵbá ipig.
262 Arreigado da mão. Pópĵtá.
263 Arreigado da coxa junto da virilha. Ûbĵpig.
264 Assento das nadegas. Temigcá yapé.
265 Azia. Puçûmucâya.

B

266 Baço. Perê.
267 Barba. Tendĵbâ.
268 Barba. i. cabellos. Tendĵbaâba.
269 Barriga da perna. / Tetigmã iguê / Tetigmã oô. / Tigmã oô.

[45]

Figura 4: Pero de Castillo: Primeira página da segunda parte (português-tupi)



NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO

V

429 Vão das costellas da pte debaixo. Arucangujra.
430 Vão dentre os dentes. Tainhobafi.
431 Vasio. Iquépuba.
432 Vea. Taijca.
433 Ventrecha. Tambe.
434 Ventre. Igbiguâ.
435 Ventas. Apijgyã.
436 Vesgo. Teçâbanga.
437 Virilha. Tacô.
438 Vnhas dos dedos dos pes. Miçãpê.
439 Vnhas dos dedos da mão. Moãpê.

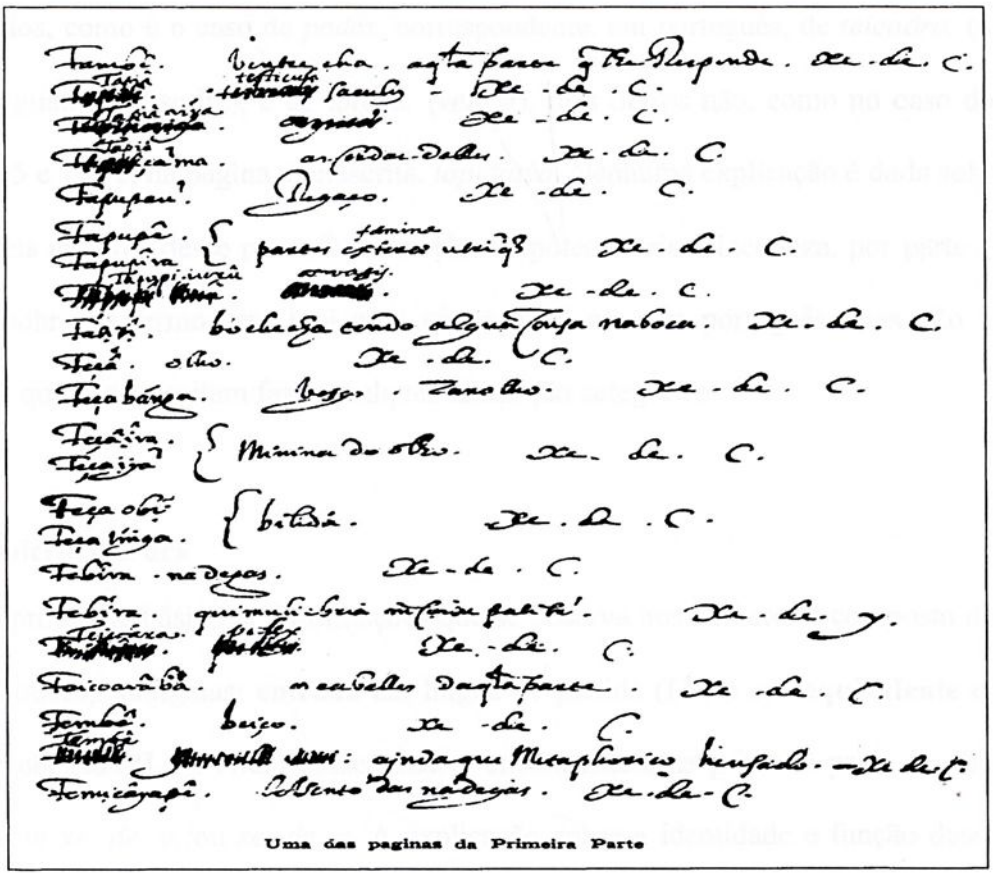
FINIS LAUS DEO VIRGINIQ.

Figura 5: Pero de Castillo: Última página da segunda parte (português-tupi).

Assim, da página 27 à 41 dispõem-se as entradas de acordo com a letra do alfabeto que inicia a entrada em língua indígena, uma vez que a primeira parte é a tupi-português. Os verbetes são precedidos de um número de série. No total, são 257. A segunda parte inicia-se na página 45 e vai até à 54. A mesma organização dos verbetes lhe é dada, desta feita na ordem português-tupi. Os números de série dão continuidade à seqüência, ou seja, iniciam-se em 258 e o último verbete é de número 439, perfazendo, assim, 181 termos.

Evidencia-se, portanto, uma defasagem entre o tratamento dado à nomenclatura nas duas partes da obra: a tupi-português possui 76 verbetes a mais que a outra. Uma possível explicação para essa situação seria a suspeita de que a versão português-tupi não seja produto de um mesmo autor. No que concerne à organização da lista de entradas, não há, assim, homogeneidade no tratamento da nomenclatura no interior do conjunto da obra.

Nos manuscritos verificam-se, por vezes, rasuras feitas pelo próprio autor, como podemos observar na página que segue:



Uma das paginas da Primeira Parte

Figura 6: Pero de Castillo. Rasuras manuscritas.

Aqui encontramos certas entradas em tupi (LP) e/sou seus equivalentes rasurados. Os curadores da edição de 1937 registram esse fato sob a forma de uma observação entre parênteses, ao final do enunciado lexicográfico dos respectivos verbetes, como se pode observar em:

> 94. **Ibiguâ.** Ventre. xe. de. y. (riscado no original) (AYROSA, 1937, p.32)
>
> 95. **Ibiguapîra.** ... xe. de. y. (riscado no original) (AYROSA, 1937, p.32)
>
> 188. **Tay** ..... xe. de. c. (riscado no original) (AYROSA, 1937, p. 37)

Como podemos ver, no lugar dos termos que não puderam ser identificados, os organizadores da publicação preencheram o espaço com uma série de pontinhos. Apesar do obstáculo à compreensão provocado pelas rasuras, alguns termos puderam ser

identificados, como é o caso de *podex*, correspondente, em português, de *teicoâra,* (na página original manuscrita), e de *ibiguâ.* (*ventre*), mas outros não, como no caso dos verbetes 95 e 188 e, na página manuscrita, *tapiâaiýa*. Nenhuma explicação é dada sobre os possíveis motivos desse procedimento. Uma hipótese seria a incerteza, por parte de Castillo, sobre os termos em tupi e/ou seu equivalente, em português, mas não há elementos que nos permitam fazer qualquer afirmação categórica.

1.4.3. A microesturura

O programa básico de informações que se observa nos verbetes é composto dos seguintes microparadigmas: **entrada** em língua de partida (LP) e seu **equivalente** em língua de chegada (LC). Além desses dados, encontramos, na primeira parte da obra, outros como *xe. de. y.* ou *xe. de. c.* A explicação sobre a identidade e função desses elementos vem com Ayrosa:

> No nosso manuscrito vem, além das palavras tupis, os pronomes ou índices de possessão das três primeiras pessoas do singular, isto é, *xe. de. y.* ou *c*. Isso demonstra uma preocupação muito particular do autor do trabalho, um como que traço característico numa obrinha que, por suas finalidades, poderia ter exigido muito mais úteis e interessantes anotações. (AYROSA, 1937, p. 16)

A presença desses dados nos enunciados lexicográficos dos verbetes já é pré-anunciada no próprio título da obra: *Nomes das partes do corpo humano, pella lingua do Brasil, cõ primeiras, segundas & terceiras pessoas*.

O sintagma grifado indica os dados que se observam nos verbetes logo após o equivalente em português. Esses se encontram, todavia, apenas na primeira parte do repertório, não constando dos enunciados lexicográficos da segunda. Esse seria, talvez, mais um indício de que o trabalho completo foi feito a quatro mãos (ou mais), provavelmente em épocas diferentes. Em outras palavras, esse detalhe pode reforçar a

idéia de que não tenha sido a mesma pessoa a preparar as listas tupi-português e português-tupi.

Outro aspecto que chama a atenção é a indicação de sinonímia. De fato, tanto na parte tupi-português, quanto na outra, por vezes ocorrem situações em que para dois ou mais termos em uma língua seja indicado apenas um equivalente na outra. É o caso, por exemplo, dos verbetes 6, 7, 244 e 269.

6. Acangapê
7. Acangiape } Casco da cabeça *xe. de. y.*

244. Tobâpiába
Tobâapoã
Tobâibíra
Tobâapíra } Topete *xe. de. c.*

269. Barriga da perna } Tetigmã iguê, Tetigmã oô, Tigmã oô

Nos exemplos acima verificamos que os termos indígenas *Acangapê* e *Acangiape* têm, ambos, como equivalentes *casco da cabeça*. Assim, os termos em tupi mantêm uma relação sinonímica entre si, sendo, mais provavelmente parassinônimos, ou seja, termos que possuem uma larga zona de instersecção semântica, mas que não são intercambiáveis em todos os contextos. O mesmo ocorre com os termos *Tobâpiába, Tobâapoã, Tobâibíra* e *Tobâapíra* (sinônimos entre si), e os termos *Tetigmã iguê, Tetigmã oô* e *Tigmã oô* (idem).. O primeiro trio tem como equivalente único *topete* e o segundo, *barriga da perna*.

Cumpre dizer que o enunciado lexicográfico não traz nenhuma informação explícita que permita fazer uma afirmação categórica sobre este último aspecto, entretanto podemos lançar a hipótese de que a sinonímia possa não ser perfeita por serem os termos variantes não apenas ortográficas, mas de outra natureza e,

conseqüentemente, tenham usos de algum modo diferentes. Nossa posição se baseia em informações fornecidas por Ayrosa, grande especialista em línguas indígenas. Segundo esse pesquisador, esses sinônimos constituem-se, na verdade, de "variantes de sentido, composições por analogia, regionalismos, etc." (AYROSA, 1937, p.10).

Graficamente o conjunto de unidades terminológicas que se caracterizam como sinônimos/variantes é, por vezes, reunido por um colchete, como observamos nos exemplos acima. Em outras ocasiões, apresenta-se sob a forma de uma seqüência de termos semelhantes colocados, fisicamente, após o equivalente. É o que ocorre no exemplo abaixo, onde se lê:

2. Ába. Cabello da cabeça. <u>Xeába, deába, yába.</u> (AYROSA, 1937, p. 27)

Nesse verbete, após a entrada em língua de partida (tupi), encontra-se o equivalente em LC (português). Em seguida a este encontram-se as unidades terminológicas *xeába, deába, yába*. A semelhança formal das mesmas e o tratamento lexicográfico dado a elas evidenciam uma relação sinonímica mantida entre as mesmas. Essas unidades lingüísticas podem ser ou variantes fonético-fonológicas em uso pelos indígenas na época ou expressões adotadas por Castillo para grafar os sons que seus ouvidos podiam captar. Nossa posição apóia-se, mais uma vez, nas explicações de Ayrosa:

> Si de tal ou qual modo eram ditas e compreendidas certas palavras, assim ele as procurou grafar e traduzir. Nada de preocupações puristas e gramaticais. Retratou o linguajar de sua época e da região em que vivia, com todos seus defeitos e com todos os seus traços característicos. (AYROSA, 1937, p. 11)

Assim, o registro da sinonímia/variação nos enunciados lexicográficos deve-se a uma preocupação de Castillo em fornecer elementos que facilitassem a compreensão, por parte dos confessores, da língua falada por seus confessados. A variação em si se deve, por outro lado, de acordo com Ayrosa, a particularidades do tupi da região em que

se encontrava o autor. Muito provavelmente (hipótese nossa) está ligada a diferenças de falares de grupos indígenas praticantes da mesma língua geral. Nossa posição se apóia ainda na informação contida no próprio título da obra: "*& mais differenças q nelles há*". Possivelmente predomine no trabalho o tupi tal qual era falado no litoral, já que o dicionário visava servir de instrumento ao trabalho dos sacerdotes que atuavam na costa nordeste do Brasil.

A sinonímia também se dá em português e, por vezes, é disposta no enunciado lexicográfico de outra forma, como podemos observar abaixo:

> 145. **Perê.** Baço ou passarinha. xe. de. y. (AYROSA, 1937, p. 35)
>
> 174. **Puçuã âra.** Espinhela caída ou derrubada. xe. de. y. (AYROSA, 1937, p. 36)
>
> 179. **Sâba.** Pello ou cabello do corpo. xe. de. c. (AYROSA, 1937, p. 37)

Nesses exemplos, os sinônimos dos equivalentes são ligados pela conjunção *ou: baço ou passarinha, espinhela caída ou derrubada, pello ou cabello do corpo*.

A falta ou o desconhecimento de um termo equivalente preciso em português talvez tenham sido os motivos que levaram o autor a recorrer, em certos casos, a explicações, em lugar de apresentar equivalentes, como podemos observar nos exemplos abaixo:

> 72. **Bopitéraiçâba.** Riscos da palma da mão. xe. de. y. (AYROSA, 1937, p. 31)
>
> 102. **Iurumopi.** Cantos da boca de fora. xe. de. y. (AYROSA, 1937, p. 32)
>
> 128. **Moataçâba.** O espaço que ha nas costas entre as duas espaduas. xe. (AYROSA, 1937, p.34)
>
> 134. **Muruãçáma.** A tripa que fica pegada no embigo das crianças qdo. nacẽ. xe. de. y. (AYROSA, 1937, p.34)

> 137. **Muruã porá**. Os embigos que sae muyto fora per falta das parteiras. (AYROSA, 1937, p.35)
>
> 181. **Tacapê.** Espaço que há do embigo até a ventrecha, ou aquella parte assi chamada. xe. de. c. (AYROSA, 1937, p. 37)

Nesses casos, os enunciados lexicográficos se compõem da entrada em tupi e, no lugar do equivalente, uma paráfrase sinonímica da entrada. Não se trata de uma definição, mas de uma explicação do significado do termo em tupi. Não se pode dizer ao certo se, na época, existiam termos científicos para designar todas essas partes do corpo humano, mas, na terminologia do século XX, *riscos da palma da mão* são conhecidos, popularmente, como *linhas da palma da mão* e, cientificamente, como *pregas palmares*; o que Castillo chamou de *cantos da boca de fora* tem hoje, como denominação científica, *comissuras labiais*; *o espaço que ha nas costas entre as duas espáduas* é designado, atualmente, pelo termo *espaço inter-escapular*; *os embigos que saẽ muyto fora per falta das parteiras* é conhecido como *umbigo protruso*; *a tripa que fica pegada no embigo das crianças qdo nac* corresponde ao tradicionalmente chamado *cordão umbilical*, atualmente *funículo umbilical* (após a *Nomina Anatômica* de 1997, de São Paulo); o *espaço que há do embigo até a ventrecha* [nome popular, na época, para *barriga*], *ou aquella parte assi chamada* corresponde, hoje, a *abdome* (DI DIO & BEZERRA & BEZERRA, 2000, p. 187-190).

Algumas explicações são, porém, de outra natureza, como podemos observar nos exemplos abaixo:

> **1. Â. Membri caput.** Daqui vem xeâ, meu mano, tomada a metaphora da primeira significação, e principal. (AYROSA, 1937, p. 27)
>
> **216. Tembê. .....:** ainda que metaphorico he usado. Xe. de. c. (AYROSA, 1937, p. 39)

Nesses casos, as explicações dadas pelo autor são de tipo metalingüístico, isto é, constituem observações sobre o caráter e uso metafórico dos termos. Poucos são os enunciados lexicográficos que possuem essa característica, mas são um aspecto interessante da obra, uma vez que demonstram uma preocupação do autor em fornecer o máximo possível de informações a respeito do termo, que ultrapassam o objetivo serem úteis no ofício da confissão. Assim, apesar do caráter pragmático da obra e científico da terminologia listada (anatômica), Pero de Castilho teve a preocupação de fornecer também dados metalingüísticos que demonstram uma observação particular da língua e que são comuns nos bons repertórios lexicográficos de hoje.

Com o passar dos séculos, essa obra, considerada por alguns cientistas de nosso tempo como a primeira *Nomina Anatomic*a do Brasil, tornou-se, também, um registro importante do português escrito em nosso país no século XVII.

1.5. A PRIMEIRA E A ÚLTIMA *NOMINA ANATOMICA* EM PORTUGUÊS SE ENCONTRAM

Os professores A.J.C. Bezerra, R.F.A. Bezerra e L.J.A. Di Dio, grandes autoridades brasileiras em Anatomia e terminologia dessa área do saber médico, encantaram-se com a obra de Castillo. Os dois primeiros são professores da Universidade Católica de Brasília e o último, da Universidade de Santo Amaro/Instituto do Coração do Hospital das Clínicas e presidente da Comissão internacional que elaborou a última *Nomina Anatômica* (de São Paulo), que passou a chamar-se *Terminologia Anatômica* (FCAT, 2001).

Esses pesquisadores de renome internacional consideram a obra de Castillo como a primeira *Nomina* brasileira e lhe atribuem grande valor. Os professores A.J.C. Bezerra, R.F.A. Bezerra e L.J.A. Di Dio, conhecedores que são de sua importância, não puderam deixar de admirar a obra de Castillo e aliaram seus conhecimentos

unesp

especializados em Anatomia e aos sobre sua terminologia para dar um novo tratamento aos dados registrados pelo padre do século XVII. O trabalho de reelaboração dos *Nomes das partes do corpo...* produziu o seguinte resultado (DI DIO & BEZERRA & BEZERRA, 2000, p. 187-190) :

Â = Membri caput (glande). Cabeça do membro viril. A palavra *caput*, além de cabeça, também pode significar bola, grão, semente.	**Ába = Cabello da cabeça** (cabelo). Por *abebô* entende-se cabelo grande, cabeludo. Amotâba é bigode. Buço é apoãâba.
Acaiâ = Matrix in foeminis (útero). Enquanto no Dicionário Brasiliano-Português o termo é traduzido como "madre das mulheres", no Vocabulário de Piratininga aparece como "madre da molher ou de qualquer femea".	**Acánga = Cabeça**. O prefixo "a" significa cabeça e "cang" significa duro. Assim acánga deve ser traduzido, com mais exatidão, como crânio.
Acangapê = Casco da cabeça (calota craniana). A palavra deriva de acánga, mais pê, que significa casca, crosta. É interessante observar que api é couro cabeludo. Cui é pó. Caspa é apicui.	**Aceôca = Garganta**. Nos peixes têm o significado de guelras. Em outros animais goela ou papo. **Aceôcáýa = Campainha** (úvula). Áýa significa pendente, suspenso.
Aceôpiáýa = Padar (palato). Piá parece ser corruptela de piaguá que pode ser traduzido por côncavo (céu da boca).	**Açû = Mão esquerda**. Deve ser a maneira coloquial de poaçû. Açû é grosseiro ou seja, poaçû é a mão sem destreza. Ecatuâba é a mão direita. Deriva de écatú (hábil, jeitoso, apto).
Agueâ = Dentes queixaes (dentes molares). Nas aves têm o significado de moela (que moe).	**Aipi = Cacho do pescoço** (proeminência larín-gea). Api é saliência e ayê significa coisa arredon-dada.
Aiûra = Pescoço. Esta palavra parece resultar da união do termo guarani (ayú) e do tupi (ajúra).	**Âjurû = Canalis membri** (uretra peniana). Jurû ou iurû é boca no sentido de entrada ou do início do tubo digestório. Canal do membro (viril). O termo melhor define o óstio externo da uretra ou do meato urinário. Nesta oportunidade registre-se que o canto da boca é iurû ou iurupopi.
Âmopîra = coxa pella parte morta das nadegas (face posterior da extremidade proximal da coxa). Añã significa grossa (aqui no sentido de glúteos) e guîra o que fica localizado logo abaixo ou a coxa depois que morre a nádega.	**Apecu = Língua**. No sentido mais amplo é tudo que é achatado e comprido. Apecu apira é a ponta ou ápice da língua.
Apiçâ = Ouvidos (orelhas). Desta deriva apî-çáy (surdo). Namby é o pavilhão auricular (da orelha externa) e apiçâcoâra é o meato acústico externo. Cerume é apiçâcoaruuma.	**Apijguára = Cachagens** (conchas nasais). Deriva de apijã (narinas). Apijguarába são os pêlos do nariz (vibrissas).
Apîra = Moleira (fontanela, fontículo). O significado geral é ápice, cume.	**Apoã = Beiço de cima** (lábio superior). O lábio inferior é tembê.
Aputuuma = Miolos. Deriva de pituu que quer dizer recheio mole (cérebro). Pode ser também miolo de pão e juízo no sentido figurado. Aputu-umaôba significa saco dos miolos (meninges). Talvez medula dos ossos (tutano) e, por extensão, a medula da coluna vertebral, que os antigos consideravam um só	**Arucánga = Costelas**. Arucangira é cartilagem costal. Arucanguíra é o "vão das costellas debaixo" (espaço intercostal).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

osso longo, e que atualmente é a medula espinhal.	
Atîba = Fontes (têmporas). Atibaiá são os cabelos das têmporas (costeletas).	**Atiîba = Hombro** (ombro). Região da espádua.
Atucupê = As costas. Escápula chama-se iibâpecãga.	**Bi = Pee** (pé). Biçâ é dedo do pé, na forma guarani. Na forma tupi é picú.
Biâ = Fígado. Biâupiâra é fel (bile).	**Bicupê = Peito do pee**. É o dorso do pé. Bipitéra é a "sola do pee" (planta).
Bîra = Pelle. Tegumento.	**Bô = Mão**. Bocupê ou pócupê significa costas da mão (dorso da mão). O oposto, palma da mão é popitê ou bopitéra.
Bopitâ = Punho.	**Bopitéicâba = Riscos da palma da mão** (Pregas palmares, linhas da palma da mão). Bopitéraiçâba é sinônimo.
Câba = Gordura (tecido adiposo). Tela subcutânea.	**Câma = Peito, teta**. Câma apoã é a ponta da teta (papila mamária, paoila da mama, mamilo). **Canga = Osso**. Serve para osso em pessoa viva. O osso em um esqueleto (ossada) é canguêra.
Cuâ = Cintura.	**Ieapaçâba = Curua do giolho** (patela).
Iepotaçâba = Iuntas (articulação).	**Iibâ = Braço**. Iibâcánga é a cana do braço (úmero). Iibâguîra é sobaco (sovaco, axila) visto que guî significa embaixo. Iibâguirâba são os pêlos da axila ou hircos.
Iibâipi = Aarreigada do braço (ombro).	**Iibaipiaiýa = Lagarto do braço** (bíceps do braço). Para os músculos do compartimento ante-rior do braço usa-se também o termo iibâtupôyá (bucho do braço). Obviamente tem o sentido de ventre muscular. Músculo (diminutivo de *mus*, rato) do braço é o ratinho do braço, ou seja, o pequeno rato do braço.
Ibiyã = Entranhas (tripas, vísceras ou órgãos viscerais).	**Iurû = Boca. Iurubôca = Abertura da boca** *(rima oris* ou rima da boca).Também significa fenda, rachadura.
Iurumopê = Cantos da boca de fora (comissuras labiais).	**Membinhemonhãgâba = Matrix in foeminis**. O sentido é de lugar onde se gera o filho pois membir significa filho. O uso da palavra membir é privativa das mulheres da tribo. (Ver acaiâ).
Miçã = Dedo do pee. Qualquer dedo do pé.	**Miçã apira = A ponta de dedo do pee**. Apira é bico, ponta.
Miçã guaçû = Dedo polegar do pee. Guaçu é grosso. Dedão. (Halux ou grande dedo do pé).	**Miçã guaçû Ibirixoâra = Dedo do pee junto ao polegar**. Deriva de ibirichuar que significa vizinho.
Miçã mirî = Dedo memingo do pee. Minguinho (dedo mínimo). Ver Moã miri.	**Miçã mitêra = Dedo do meyo**. Deriva de pítera (meio).
Miçãpê = Unha do dedo do pee. Apê é a unha.	**Miçãquitâ = Noos dos dedos dos pees**. Quitã é nó, caroço, verruga. Poderia ser nós dos dedos, ao nível das articulações das falanges.
Mitâ = Calcanhar. Calcâneo.	**Miteribirixoâra = Dedo que está junto ao dedo do meyo**. Provavelmente subentende-se que esta palavra é precedida de miçã (dedo), pois seu significado literal é vizinho do meio.
Moã = Dedo da mão. Moãguaçû significa dedo grosso da mão.	**Moã iepotaçâba = Junturas dos dedos da mão.**
Moã miri = Dedo memingo da mão (dedo mínimo).	**Moã mitêra = Dedo do meo da mão** (dedo médio).
Moã miter ibirixoâra = O quarto dedo da mão (dedo anular).	**Moape = Unhas da mão.**

Moãpira = Ponta dos dedos das mãos.	**Moãquitã = Os noos dos dedos das mãos.** É mais utilizado no sentido das cabeças dos ossos do metacarpo.
Moataçâba = O espaço que ha nas costas entre as duas espaduas. Moatár é distante e hába é o lugar. Deve ser o lugar que não se alcança com a mão. Espaço inter-escapular.	**Motiâ = Peitos. Do pescosso até o vasio** (Parede anterior do tórax). Peito sem ser no sentido de mama. Motiâãba são os pêlos do peito.
Muçuã = Espinhela (processo xifóide). O que se mexe, balança. Muçuã apira é a ponta da "espinhela".	**Muruã = Embigo** (umbigo). Mi ou mu pi significa centro e huã talo.
Muruãçáma = A tripa que fica pegada no embigo das crianças quando nace (cordão umbilical, atualmente o funículo umbilical). Çama é corda. Funículo é pequena corda, cordinha.	**Muruã pôra = Os embigos que sae muyto fora per falta das parteiras** (umbigo protruso). Pôra é saltar, pular. É interessante a atribuição de culpa às parteiras (não havia médicos? obstetras).
Nambi = Orelha. Pode ser alça, aba. É orelha por semelhança.	**Nhiã = Coraçam** (coração). Pode ser usada como vísceras. A pronúncia neã talvez designe mais precisamente coração. Nhiãbebúya ("bofes") tem o sufixo búya que significa que bôia, flutua. Talvez pulmões. Nhiãçáma (cordas do coraçam) são as cordas tendíneas visto que o sufixo isoladamente é fibra, corda.
Penarãga = Rodella do giolho. Rótula (rodinha) do joelho. Hoje, patela.	**Perê = Baço ou passarinha.**
Pî = Pee. Também é pé de mesa.	**Piâ = Figado.** Parece ser víscera de uma maneira geral. Piâupiâra significa fel (bile).
Piçã = Dedo do pee. Picupê é o peito do pé.	Pipitêra é a sola do pé.
Pira = Pelle.	**Piriquitic = Rim.**
Pita = Calcanhar. Calcâneo.	**Pitangurû = Matrix in foeminis.** Pitang é criancinha. Urû deriva de rerú, criança, filho. Seu equivalente é pitangnhemonhãgâba (útero).
Pô = Mão. Ver também bô. Poã é dedo da mão. Poãbeigâba significa dedo indicador ou índice, index (mais precisamente é apontar com o dedo). Pobobôca ou pópitêjcâba quer dizer riscos (linhas) da palma da mão (pregas palmares).	**Popitêra = Palma da mão.** Pócupê significa costas da mão (dorso da mão).
Puçuã = Espinhela. Ver muçuã (processo xifoide, do esterno).	**Puraq = Cotouello.** Atualmente, região posterior do cúbito.
Puruã = Embigo. Ver muruã.	**Sâba = Cabello do corpo, pello.**
Sibâ = Testa. Fronte.	**Tacapê = Espaço do embigo até a ventrecha** (abdome). Ventrecha é barriga no popular. Ventre.
Tacô = Uirilha. Também quadris, ancas ou cadeiras, em ambos os sexos. Região inguinal.	**Tacoâba = Pubes in foeminis.** Monte púbico feminino, onde se encontra os pêlos (púbios). Região púbica da mulher.
Tacoayipitã âba = Pubes in maribus. Devia ser pubes in viri (pube do homem, do marido).	**Tacoaýa = Genitale viri.** Aquãi é ponta, alongado. (órgão genital externo do homem, pênis). Observe-se que Uûba é genitale viri (genital do homem) do ponto de vista metafórico, de uib flexa, haste, caniço, vara.
Táya = Dentes	
Taibira = Gengiuas. Na verdade pira ou bira é pele ou couro. Táiioâra é o alvéolo dental.	**Táimitêra = Dentes dianteiros** (incisivos).
Tapiâ = Testiculi, saculus. Também apiá. (Testículos, sáculo, pequeno saco, escroto, onde estão situados os testículos).	**Tapiâçãma = As cordas do testiculi** (funículo espermático).
Tapupê = Partes extera utrinque (vulva).	**Tapupîiurû = Os vagis** (óstio vaginal). Iurû é

	boca, entrada.
Teça = Olho.	**Teçâîra = Minina do olho** (pupila).
Teça obi = Bilida. Obi é verde ou azul. Faz alusão à íris.	**Teçâ tinga = Bilida**. Tinga é branco (esclera). Belida significa mancha esbranquiçada na córnea.
Tebîra = Nadegas. Tebi, ebi também significam nádegas. Glúteos, região glútea.	**Teicoâra = Podex** (intestino reto, ânus). Tei deriva de tebî, assento e coára orifício, buraco.
Tembê = Beiço embê é labio inferior.	**Tenangupi = Quadril** ou Tumbi = cadeiras (quadril), ancas.
Tendibâ = Barba, parte per onde soe nacer (queixo, mento).	**Puraq, tendibagã ou tenybangâ = Cotovelo** (cotovelo, esquina, ângulo). Região cubital, cúbito.
Tendipiã = Joelho ou tenypiã.	**Tetê = Corpo humano.**
Tetimã = Perna ou timã = perna.	**Tetimã canga = Canella da perna** (tíbia).
Tetimã iguâ = Barriga da perna (panturrilha) ou tetimã oô ou timãoô.	**Tetimã iûra = Collo da perna** (tornozelo).
Tetobapê = Face. Na verdade na frase tem sentido de bochecha.	**Te = Nariz**. É ponta, bico. Tiápira é a ponta do nariz.
Tiquê = Barriga, o interior (cavidade abdominal).	**Tiguê poî = Tripas** (intestino delgado, órgãos viscerais). Poî é fibra, filamento, fio, cordão.
Tiurû = Bexiga ou irû. Irû é recipiente, continente, vaso, depósito, bexiga urinária.	**Toô = Carne humana** (músculo). Oô é carnudo, encorpado.
Tobâ = Rosto humano (face, cara).	**Topê = Capella dos olhos** (órbita e pálpebra). Bainha, vagem.
Topeâba = Pestanas (cílios). Literalmente cabelo (âba) da pálpebra.	**Tumbiquira = Rabadilha** (cóccix). Deriva de tumbiquir que significa ápice, ponta, rabo, cauda.
Ûba = Coxa da parte dianteira (coxa). Face anterior da coxa.	**Ûba poã = Ponta da coxa junto ao giolho** (extremidade distal da coxa).
Ûba poã aiýa = Lagarto (ventre muscular). Lagarto é toda parte muscular polpuda, carnuda dos membros inferiores. Ver Iibaipiaiýa.	

Como podemos observar, aos termos originais em tupi descritos nos verbetes dos *Nomes das partes do corpo....* e seus equivalentes em português foram acrescentadas as atuais denominações das estruturas anatômicas Aliás, percebe-se no dicionário resultante do trabalho dos pesquisadores a presença de termos não apenas utilizados no século XX, mas também os mais recentemente adotados pela Terminologia Anatômica, publicada no Brasil em 2001. É o caso, por exemplo, de:

Mitâ = Calcanhar. Calcâneo.

Sibâ = Testa. Fronte.

Aipi = Cacho do pescoço (proeminência laríngea).

Assim, os enunciados lexicográficos foram enriquecidos com comentários de caráter metalingüístico, enciclopédico e da especialidade da Anatomia. O trabalho dos

professores aproximou o que eles próprios consideram como a primeira *Nomina Anatômica* do Brasil da última versão desta. O interesse desses especialistas por uma obra do século XVII evidencia o prestígio e o respeito que o trabalho de Castillo angariou ao longo da história da Medicina e ainda mantém 400 anos depois de sua elaboração.

2. VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NOS DICIONÁRIOS DE MEDICINA MONOLÍNGÜES E BILÍNGÜES[3]

A constatação da existência de variantes e sinônimos nas terminologias das áreas técnicas e científicas por parte dos estudos em Terminologia descritiva conduziu ao questionamento do princípio de univocidade (tão caro à Terminologia wüsteriana), segundo o qual somente um termo poderia designar um conceito.

De fato, nos conjuntos terminológicos de diversas áreas técnicas e científicas encontram-se variantes populares, regionais, ortográficas, sintáticas e outras. Essa realidade também é válida para o domínio da Medicina.

Essa área faz esforços para harmonizar sua terminologia e, dentre as diretrizes adotadas pelos organismos internacionais de saúde, encontra-se a de que se almeje, na medida do possível, a univocidade do signo terminológico. A *Nomina Anatomica,* as regras de formação dos termos médicos e os projetos de harmonização terminológica (que veremos mais adiante, no Capítulo *5. Mecanismos de produção lexical em Medicina e Dermatologia* deste trabalho) são medidas que deveriam fazer com que não existissem variantes lexicais na terminologia médica, mas essa não é a realidade.

Com o objetivo de obter subsídios para a elaboração do VMD, procedemos, no início de nosso projeto, a uma análise de alguns dicionários de Medicina e da Dermatologia, procurando observar o tratamento terminográfico dado às variantes.

Neste capítulo, apresentamos os dados obtidos nessa pesquisa e fazemos uma reflexão sobre o assunto. Mais precisamente, analisamos o tratamento dado ao conjunto terminológico do domínio da Medicina em alguns dicionários franceses, brasileiros e

---

[3] Os dados deste capítulo foram publicados sob a forma de artigo de nossa autoria, intitulado *Variation, synonymie et équivalence terminologique dans les dictionnaires de médecine monolingues et bilingues* (Alfa, São Paulo, v.43 , p. 2000).

americanos. Fazemos ainda uma proposta de modelo de macroestrutura, de microestrutura e de sistema de remissivas que leve em consideração a existência de várias designações para um mesmo conceito. Essa proposta foi a adotada em nosso *Dicionário de Dermatologia*.

2.1. A ESCOLHA DA NOMENCLATURA

Nossa pesquisa permitiu-nos constatar que a indicação de variantes nos dicionários médicos nem sempre ocorre: alguns prevêem, na microestrutura dos verbetes, espaço para o registro de informação sobre a existência de outros termos científicos ou de termos populares, mas raramente para informações sobre a existência de variantes diacrônicas, ortográficas, regionalismos e outros.

A nomenclatura dos dicionários médicos contempla, em sua maioria, apenas termos científicos. Os dicionários de língua portuguesa, porém, registram toda designação de um conceito, fornecendo, inclusive, marcas de uso. Para ilustrarmos nossa afirmação, tomemos como exemplo o termo *lepra,* cujo conceito é designado, em português, pelas seguintes unidades lexicais:

lepra:

- **seqüência 1)** hanseníase, leprose, hansenose, micobacteriose neurocutânea.
- **seqüência 2)** doença de Hansen, mal de Hansen.
- **seqüência 3)** gafa (*pop.*), gafo (*pop.*), lazeira (*pop.*), elefantíase-dos-gregos (*pop.*), mal-bruto (*pop.*), mal-de-lázaro (*pop.*), mal-de-são-lázaro (*pop.*), mal-morfético (*pop.*), morféia (*pop.*).
- **seqüência 4)** mal (*pop. Br.*), mal-do-sangue (*pop. Br.*), guarucaia (*pop. Br.*), macota (*pop. Br.*).

seqüência 5) macutena (*pop. Br, MG*), mal-de-cuia (*pop. Br, SP*).

As seqüências acima correspondem a uma classificação ditada por critérios sociolingüísticos (nível de língua, distribuição geográfica de uso). Nela temos:

1) termos científicos;
2) termos empregados por especialistas e não-especialistas;
3) termos populares;
4) termos de distribuição geográfica sobre o território brasileiro (alguns de origem indígena: *guarucaia*, ou africana: *macota*, da língua quimbundo) ;
5) termos de ditribuição geográfica restrita a certas regiões do Brasil.

Os termos das seqüências de número 1 e 2 foram obtidos em dicionários de Medicina e em um dicionário de língua geral (*Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, 1986), os demais só foram encontrados nesse último repertório.

Essa situação é normal, devido à natureza das obras. Os dicionários de Medicina têm como público-alvo especialistas do domínio e, conseqüentemente, a nomenclatura se compõe, em sua maior parte, de termos científicos. Os dicionários de língua, por outro lado, visam ao grande público e o objetivo é registrar todo tipo de designação de um mesmo conceito.

O acesso à informação é, no caso dos dicionários especializados, mais restrito, pois o leitor deve, obrigatoriamente, conhecer um dos termos científicos para poder entrar na obra. Os não-especialistas terão, assim, dificuldade em obter os dados que desejam.

Se, de um lado, todo tipo de obra terminográfica é possível e a única exigência feita pela Terminologia é que essa seja homogênea e coerente, por outro lado, nossa experiência nos faz refletir sobre a função social de um dicionário que tenha uma nomenclatura tão restrita.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

De fato, os dicionários especializados são freqüentemente consultados por um público menos ou nada especializados no domínio: estudantes de Medicina, jornalistas, tradutores e toda pessoa que tenha algum interesse particualr sobre uma ou outra questão relativa à saúde. Esse público não obrigatoriamente conhece todos os termos científicos, ao contrário, diferentes situações podem levar um tradutor a procurar uma unidade terminológica que pertença a um dado domínio, um jornalista de divulgação científica a procurar um sinônimo mais acessível à compreensão do grande público, uma pessoa portadora de uma doença – e que só conhece uma designação popular – a se informar sobre seu problema, um médico trabalhando em uma determinada região e tendo que explicar a um doente, em linguagem local, o que lhe acontece.

Um dicionário que contemple uma nomenclatura restrita aos termos científicos impede, freqüentemente, o acesso aos dados e, nesse sentido, não desempenha totalmente sua função cognitiva e social de informar e de facilitar a comunicação.

Por todos esses motivos, acreditamos ser útil o tratamento nos dicionários dos dados relativos a toda designação possível de um mesmo conceito, designações pertencendo às diferentes normas lingüísticas e níveis de língua. O acesso à informação constitui uma condição *sine qua non* para uma comunicação eficaz e para a divulgação do saber. Os dicionários ocupam um lugar importante nesse processo.

Nosso projeto de dicionário segue esse princípio e procura registrar todos os dados relativos às designações das dermatoses. A microestrutura dos verbetes do VMD conta com um microparadigma chamado *Outras designações*. Nesse campo são registradas todas as variantes do termo-entrada. Em nosso vocabulário, o verbete de *hanseníase*, por exemplo, assume a seguinte configuração:

> **hanseníase:** s f micobacteriose causada pela *Mycobacterium leprae* e transmitida ao homem através de contágio direto (provavelmente por soluções de continuidade da mucosa nasal ou da pele) ou indireto (objetos contaminados, vetores). É uma doença crônica e infectocontagiosa, encontrada apenas em seres humanos, sendo mais

> freqüente em homens do que em mulheres. Apresenta quadros clínicos diversos, dependendo do grau de resistência do organismo: 1) hanseníase indeterminada; 2) hanseníase tuberculóide; 3) hanseníase virchowiana; 4) hanseníase dimorfa. (...) **Outras designações:** lepra, leprose, hansenose, micobacteriose neurocutânea, doença de Hansen, mal de Hansen, elefantíase-dos-gregos (*pop.*), gafa (*pop.*), gafo (*pop.*), guarucaia (*pop. Br.*), lazeira (*pop.*), macota (*pop. Br.*), macutena (*pop. Br., MG*), mal (*pop. Br.*), mal-bruto (*pop.*), mal-de-cuia (*pop. Br., SP*), mal-de-lázaro (*pop.*), mal-de-são-lázaro (*pop.*), mal-do-sangue (*pop. Br.*), mal-morfético (*pop.*), morféia (*pop.*). **Símbolo de classificação:** 3.22.1.

Como podemos observar, a microestrutura dos verbetes de nosso dicionário prevê sempre o registro de toda outra designação do conceito descrito pelo enunciado definicional. Como nossa obra se caracteriza como um dicionário especializado no domínio científico, tomamos a decisão de escolher sempre como entrada o termo científico mais empregado na bibliografia médica e por dermatologistas.

Nossa decisão de registrar no enunciado terminográfico dos verbetes de nossa obra todas as formas designativas de um conceito atende à nossa concepção de trabalho terminológico, sobretudo no que concerne à eficácia da comunicação e à divulgação do saber.

2.2. TRATAMENTO TERMINOGRÁFICO DAS VARIANTES

2.2.1. O sistema de remissivas: aspectos gerais

A existência de variantes constitui, por vezes, uma dificuldade de acesso à informação em um dicionário. A organização do sistema de remissivas é, nesse sentido, muito importante para a obtenção de bons resultados na busca dos dados. Esse sistema, enquanto rede de relações léxico-semânticas, tem por objetivo garantir a circulação das informações e orientar os leitores sobre o percurso a seguir para obtê-las. As funções e objetivos desse componente estrutural dos repertórios podem ser concebidos como segue:

> Esse sistema pertence ao código de todos os dicionários. Manifesta-se na macroestrutura e na microestrutura. No nível da microestrutura, tem por função corrigir o isolamento das mensagens, notadamente construindo campos semânticos. No nível da macroestrutura, permite encontrar as mensagens deslocadas pela ordem alfabética ou agrupar duas entradas que conduzam à mesma mensagem (variantes gráficas). Na ordem alfabética introduz-se uma entrada que não é tratada, seguida de uma remissiva à entrada do verbete onde os dados se encontram. (REY-DEBOVE, 1971, p. 59)

O sistema de remissivas pode, assim, apresentar-se na macroestrutura e/ou na microestrutura. Na primeira, algumas entradas não são definidas. A relação leitor-informação se estabelece por meio de um mecanismo prático: "lá onde o leitor deveria ler a palavra procurada encontra a instrução: dirija-se a outra entrada para conhecer a definição do termo pesquisado" (DUBOIS & DUBOIS, 1971, p. 58). A função dessa instrução é a de servir de chamada a outras entradas e indicar ao consulente, o percurso que ele deve seguir para obter a informação procurada.

O verbete remissivo é, então, um verbete cuja função é a de remeter o leitor a outro verbete. O verbete princial tem, por outro lado, a função de transmitir todas as informações relativas à unidade terminológica pesquisada pelo leitor.

O sistema de remissivas desempenha um papel importante sobretudo no caso de organização alfabética das entradas. A necessidade de explicitar as relações léxico-semânticas que se estabelecem entre o conjunto de entradas de um repertório por meio do sistema de remissivas se apresenta, de acordo com alguns autores, por causa da organização alfabética. De fato, esses autores sustentam que nos vocabulários sistemáticos a presença do sistema de remissivas é totalmente supérflua. O Office de la langue française, por exemplo, considera que "na ordem sistemática, as remissivas tornam-se inúteis, uma vez que as relações entre os conceitos são claramente expressas pela organização das palavras" (CORBEIL, 1973, p. 69).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Essa posição é, entretanto, contestada por outros autores, que vêem nos índices alfabéticos dos vocabulários sistemáticos uma expressão do sistema de remissivas.

> Mas os dicionários conceptuais que organizam a nomenclatura por critérios semânticos (campos de interesse, domínios etc.) não garantem o fechamento do enunciado e não podem ser consultados facilmente sem o auxílio de um índice (isto é, pelo retorno à ordem alfabética); a organização sistemática implica, aliás, um recorte de mundo (considerado universal e finito) incapaz de traduzir a mudança. Assim, a ordem alfabética continua a predominar, se é que não exclusivamente. (DUBOIS & DUBOIS, 1971, p. 57)

É, portanto, evidente que a ordem alfabética é de fundamental importância no processo de busca dos dados dentro de um repertório. A organização do sistema de remissivas depende da natureza, das funções e do tipo de obra terminográfica e está presente em todo tipo de repertório, inclusive nos sistemáticos.

Evidenciar toda e qualquer relação semântica estabelecida entre entradas de um dicionário pode inviabilizar a execução de um projeto de obra terminográfia, pois "um sistema completo de remissivas que corrija as derrogações da ordem alfabética torna pesada demais a nomenclatura e nenhum lexicógrafo de nosso conhecimento o adota" (REY-DEBOVE, 1971, p. 60).

O fato de que, *a priori*, todas as unidades terminológicas que compõem a macroestrutura de uma obra mantenham relações semânticas entre si impõe um limite ao estabelecimento do sistema de remissivas. Os terminólogos são, então, obrigados a definir critérios para o estabelecimento desse sistema. Os critérios são, em geral, qualitativos e quantitativos. A eficácia e a coerência do sistema de remissivas dependem, assim, do estabelecimento de critérios semânticos e estatísticos adaptados à natureza e às funções específicas da obra em projeto.

Os aspectos teóricos aqui levantados nortearam as análises que fizemos sobre o sistema de remissivas e, de modo geral, da organização interna dos dicionários de

unesp

Medicina, de Dermatologia, de língua portuguesa e de língua francesa, com o objetivo de verificarmos o tratamento dado às variantes lexicais. Os dados obtidos nesse estudo são descritos nos próximos itens deste Capítulo.

2.2.2. Variantes nos dicionários médicos e de língua geral

Quase todos os dicionários de Medicina e de Dermatologia (estrangeiros) que consultamos organizam o conjunto de suas entradas em ordem alfabética. Essa característica, associada à existência de variantes, faz com que o sistema de remissivas seja necessário. A maior parte dos repertórios analisados em nossa pesquisa adota como critério para o estabelecimento desse sistema a relação de significação mais freqüente: a sinonímia. O objetivo é, portanto, o de agrupar duas entradas que transmitam uma mesma mensagem.

Tomando como exemplo o termo *lepra*, analisamos o tratamento terminográfico dado a essa unidade terminológica em alguns dicionários médicos e de língua geral, nonolíngües e bilíngües.

Em francês, constatamos que o único sinônimo de *lèpre* presente nos dicionários consultados é *maladie de Hansen*. A obra especializada *Dermatologie générale, dermato-allergologie, angéiologie-vénéréologie* (CARTIER & GUILLET, 1999), organizada em capítulos cujos títulos seguem a ordem alfabética, não registra nem *lèpre*, nem *maladie de Hansen* ou outros sinônimos. O *Dictionnaire de dermatologie* (DANIEL, 1990) não indica, no verbete consagrado à lepra (p. 391-394), nenhuma variante terminológica e o termo *maladie de Hansen* não é entrada de nenhum verbete remissivo.

O *Dictionnaire médical Masson* (1997) dá o seguinte tratamento terminográfico a essas unidades terminológicas:

> **Hansen (maladie de).** Syn. de lèpre. (p. 477)
>
> **lèpre.** f. (angl. leprosy) Maladie infectieuse chronique généralisée de l'homme, due à Mycobacterium leprae et caractérisée par des lésions granulomateuses spécifiques de la peau, des muqueuses, des nerfs, des os et des viscères. ¤ **- indéterminée.** Lèpre qui donne lieu à des cas bénins (...). ¤- **lépromateuse.** Lèpre maligne, stable, riche en bacilles (...).¤- **tuberculoïde.** Lèpre habituellement bénigne, stable, en générale négative (...).¤- **tuberculoïde maculaire.** Lèpre tuberculoïde présentant des lésions cutanées bien définies (...).¤- **tuberculoïde majeure.** Forme de lèpre bacillonégative, caractérisée par des infiltrations délimitées d'aspect souvent lupoïde. (p. 587)

Como podemos observar, o verbete principal tem como entrada o termo *lèpre* e não informa se existem variantes de qualquer tipo. Há, porém, um verbete cujo termo-entrada é *maladie de Hansen*, que indica a existência de *lèpre.* A remissiva não é explícita, mas o leitor pode facilmente deduzir que, se as informações não se encontram nesse verbete, essas se encontram, com certeza, no verbete cuja entrada é *lèpre*.

Várias obras especializadas têm como título do capítulo consagrado à descrição dessa doença os dois termos: *lèpre ou maladie de Hansen.* É o caso do *Livre de l'interne. Dermatologie et maladies sexuellement transmissibles* (BELAÏCHE, 1994, p. 280) ; *Dermatologie clinique et vénéréologique* (TOURAINE & REVUZ, 1994, p. 91). Outras obras, como o *Dictionnaire de dermatologie pédiatrique* (BONAFÉ et al., 1985) e *Dermatologie infectieuse* (HALIOUA et al., 1997) têm como entrada o termo *lèpre*, seguido da informação "*Syn.: maladie de Hansen*", ou "*Lèpre*" (= entrada), *Syn.: Hansen (maladie de)*". Seguindo a ordem alfabética, o leitor não encontra, porém, em *Hansen* ou em *maladie de Hansen* a remissiva a *lèpre*.

Os dicionários de língua geral francesa não dão um tratamento lexicográfico muito diferente a essas unidades terminológicas. O *Petit Larousse illustré* (1991)

apresenta como entrada do verbete principal o termo *lèpre* (p. 566) e não indica nenhum sinônimo no enunciado lexicográfico. A unidade terminológica *maladie de Hansen* não é entrada de um verbete remissivo nem na forma cruzada freqüentemente empregada nos casos de epônimos (*Hansen, maladie de*). O mesmo ocorre no *Le Robert pour tous. Dictionnaire de la langue française* (1994, p. 659) e no *LEXIS Dictionnaire de la langue française* (1994, p. 1037).

No Brasil, entre os dicionários médicos mais utilizados se encontram traduções de obras originalmente escritas em língua inglesa, destacando-se o *Dicionário médico Stedman* (STEDMAN, 1996) e o *Vocabulário médico* (BLAKISTON, 1979).

A versão brasileira do Stedman tem como característica principal o fato de ter as entradas em inglês seguidas do termo equivalente em português e de uma definição neste idioma. Para um leitor brasileiro que não conheça o termo em inglês, encontra-se, no final da obra, um índice alfabético português → inglês. Nesse índice encontra-se o termo *lepra* seguido dos equivalentes respectivamente em latim e em inglês:

lepra: lepra, leprosy.

Leprosy é o termo-entrada do verbete principal onde podemos encontrar as informações relativas à doença. O índice alfabético dessa obra não registra, entretanto, os termos *doença de Hansen*, *mal de Hansen* ou outro termo equivalente em português, tampouco *hanseníase*, o termo científico mais empregado pelos especialistas do domínio no Brasil.

Um leitor brasileiro que só conheça uma dessas unidades terminológicas encontra dificuldade para entrar nesse dicionário. É verdade que é raro que um brasileiro que conheça esses termos não saiba que são sinônimos de *lepra*. É, no entanto, possível que o contrário ocorra e que o leitor, tendo ouvido falar de *doença de*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Hansen, mal de Hansen ou de *hanseníase,* e não sabendo que designam o mesmo conceito de lepra, queira saber mais sobre essa doença e não possa encontrar os dados que procura, pois o dicionário não prevê entradas para esses termos.

Uma situação parecida ocorre no *Blakiston*, onde o termo *lepra* é entrada de um verbete principal (p. 580). Seu enunciado terminográfico indica como sinônimo o termo *doença de Hansen*, mas este, assim como *hanseníase, mal de Hansen* e outros, não são entradas de artigos remissivos.

O mesmo acontece nos demais dicionários médicos em português, como o *Dicionário médico* (MANUILA & MANUILA & NICOULIN, 1997). Nesse repertório, o termo *lepra* encontra-se definido (p. 430), mas o enunciado terminográfico de seu verbete não indica nenhum sinônimo. *Doença de Hansen, mal de Hansen, hanseníase* ou outro sinônimo ou variante não são entradas de verbetes remissivos. Outra obra, também chamada *Dicionário médico* (FORTES & PACHECO, 1968), descreve essa doença em um verbete cuja entrada é o termo *lepra* (p. 647), mas não indica nenhuma variante ou sinônimo no enunciado terminográfico. Por outro lado, *mal de Hansen* e *hanseníase* encontram-se na macroestrutura :

> **Hansen, mal de.** Lepra; morféia (definição). (p. 525)
>
> **hanseníase.** Lepra ou morféia; mal de Hansen. (p. 525)

Apesar da aproximação errônea da identidade conceptual entre *morféia*[4] e *lepra*, esse dicionário médico, cria verbetes remissivos que dão pistas ao usuário no sentido de auxilia-los a encontrar as informações que procura.

No campo dos repertórios bilíngües, o *Dicionário médico inglês-português* (ALVES, 1992) indica os equivalentes em português, remete o leitor ao verbete principal e, neste, dá definição:

---

[4] Atualmente morféia e lepra são consideradas pelos especialistas como doenças distintas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> **Hansen's disease** - Doença de Hansen, lepra ou hanseníase. V. *leprosy*. (p.120)
>
> **leprosy** - Lepra, morféia. Infecção de evolução lenta e longo período de incubação causada pela *Mycobacterium leprae*. V. *Hansen's disease*. (p. 157)

O sistema de remissivas desse dicionário, contrariamente aos demais analisados, é mais completo, talvez até demais, visto que indica um duplo percurso: do verbete remissivo ao principal e vice-versa.

O *Dicionário médico inglês-português* (FORTES & PACHECO, 1968), por sua vez, distingue-se de seu homônimo (ALVES, 1992) no sentido de que apresenta, logo após a entrada do verbete principal *leprosy,* os equivalentes em português *lepra* e *leprose* e de uma definição (p. 385), mas não traz *Hansens'disease* como entrada de um verbete remissivo.

No que concerne aos dicionários brasileiros de língua geral, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986) apresenta, na página n° 1022, o verbete contendo a descrição de *lepra.* Ao final do verbete encontra-se uma lista de quase todas as expressões existentes em português para designar o conceito de *lepra* pertencentes a diferentes níveis de língua e tendo uma distribuição geográfica mais larga ou mais estreira, como vimos anteriormente. Na macroestrutura desse dicionário podemos constatar a presença, enquanto entradas de verbetes remissivos, de todas as variantes:

> **elefantíase-dos-gregos:** S. f. V. lepra (1). (p. 624)
> **gafa:** S. f. (...) 2. V. lepra (1). (...) (p. 827)
> **gafo:** S. m. (...) 4. V. lepra (1). (...) (p. 827)
> **guarucaia:** S. f. *Br.* V. lepra (1). (p. 875)
> **hanseníase.** (...) s. f. Patol. V. lepra (1). (p. 882)
> **lazeira:** (...) S. f. (...) 2. V. lepra (1) (p. 1016)
> **macota.** (...)S. f. (...) 5. V. lepra (1) (...) (p. 1060)
> **macutena.** (..) S. f. *Br., MG.* 1. V. lepra (1). (p. 1061)
> **mal[1].** (...) S. m. (...) **Mal de Hansen.** V. lepra (1). (...) (p.1067)
> **mal-bruto.** S. m. (p. 1068)
> **mal-de-cuia.** (...) S. m. *Br., SP, Pop.* V. lepra (1). (p. 1069)
> **mal-de-lázaro.** (...) S. m. V. lepra (1). (p.1069)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

mal-de-são-lázaro. (...) S. m. V. lepra (1). (p.1069)
mal-do-sangue. (...) s m. *Br. Pop.* V. lepra (1). (p.1069)
mal-morfético. (...) s m. V. lepra (1). (p.1072)
morféia: (...) s f. V. lepra (1). (p.1159)

O sistema de remissivas desse dicionário é, a nosso ver, o mais completo e funcional de todos os analisados nesta pesquisa. Ele permite aos leitores, conhecedores de diversas ou de apenas uma das designações acima, entrar no repertório e enontrar a informação que deseja.

2.3. TRATAMENTO TERMINOGRÁFICO DAS VARIANTES EM NOSSO DICIONÁRIO

Para evitar a situação na qual o usuário que não conhece o termo-entrada do verbete principal – e que, portanto, não pode entrar no repertório por meio de uma variante ou sinônimo -, adotamos, no âmbito do VMD, dois procedimentos gerais:

1) Registro, no microparadigma do verbete principal chamado *Outras designações*, de todas as formas designativas de um mesmo conceito encontradas em nossa pesquisa.

Essas designações podem ser termos científicos (latinizados ou em língua vernácula), termos populares, regionalismos, termos mais antigos (arcaicos ou em desuso), formas abreviadas (siglas ou acrônimos) ou outra expressão do conceito descrito no verbete principal. Logo após esses termos são apresentadas as marcas de uso *pop.* (popular), *reg.* (regionalismo), *ant.* (antigo) etc.

2) Criação de um verbete remissivo para cada variante, com o fim de orientar o leitor a procurar no verbete principal a informação que deseja. Os exemplos abaixo demonstram esse procedimento:

hansenose: s f **Ver:** hanseníase.
lepra: s f **Ver:** hanseníase.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

leprose: s f **Ver:** hanseníase.
micobacteriose neurocutânea: s f **Ver:** hanseníase.
doença de Hansen: s f **Ver:** hanseníase.
elefantíase-dos-gregos: s f *pop.* **Ver:** hanseníase.
gafa: s f *pop.* **Ver:** hanseníase.
gafo: s m *pop.* **Ver:** hanseníase.
guarucaia: s f *pop. Br.* **Ver:** hanseníase.
Hansen (doença de): s f **Ver:** hanseníase.
lazeira: s m *pop.* **Ver:** hanseníase.
macota: s m *pop. Br.* **Ver:** hanseníase.
macutena: s f *pop. Br., MG* **Ver:** hanseníase.
mal: s m *pop. Br* **Ver:** hanseníase.
mal de Hansen: s m **Ver:** hanseníase.
mal-bruto: s m *pop.* **Ver:** hanseníase.
mal-de-cuia: s m *pop. Br., SP* **Ver:** hanseníase.
mal-de-lázaro: s m *pop.* **Ver:** hanseníase.
mal-de-são-lázaro: s m *pop.* **Ver:** hanseníase.
mal-do-sangue: s m *pop. Br.* **Ver:** hanseníase.
mal-morfético: s m *pop.* **Ver:** hanseníase.
morféia: s m *pop.* **Ver:** hanseníase.

Essa lista de remissivas é fruto de nossa decisão de fazer constar na macroestrutura de nosso dicionário todas as designações de um mesmo conceito, sejam elas termos científicos ou não. O sistema de remissivas tenta, assim, tornar mais fácil o acesso do leitor à informação.

Do ponto de vista da organização da macroestrutura, nossa obra é um vocabulário sistemático e alfabético. As unidades terminológicas do domínio da Dermatologia são organizadas em quatro campos conceptuais, a saber: *Dermatologia e seus ramos*, *sistema tegumentar*, *lesões* e *dermatoses*. Os campos são os que seguem:

1. Dermatologia e seus ramos;
2. Sistema tegumentar;
3. Lesões:
4. Dermatoses:

Este se subdivide nos seguintes campos conceptuais:

4.1.Dermatoses Metabólicas
4.2.Dermatoses Auto-imunes
4.3.Dermatoses Pustulosas Amicrobianas
4.4.Dermatoses Basicamente Papulosas
4.5.Discromias
4.6.Eritemas
4.7.Dermatoses eritematoescamosas
4.8.Eczemas, dermatites e eczemátides
4.9. Buloses
4.10. Dermatoses atróficas
4.11. Dermatoses escleróticas
4.12 Dermatoses atróficas e escleróticas
4.13. Hipodermites
4.14. Afecções Vasculares
4.15. Dermatoviroses
4.16. Zoodermatoses
4.17. Pruridos
4.18. Prurigos
4.19. Urticárias
4.20. Angioedemas
4.21. Bacterioses
4.22. Micobacterioses
4.23. Treponematoses
4.24. Micoses
4.25. Afecções sebáceas
4.26.Afecções Granulomatosas
4.27. Doenças Sexualmente Transmissíveis
4.28. Dermatoses pré-cancerosas
4.29. Neoplasias epiteliais
4.30. Disembrioplasias Cutâneas e Genodermatoses
4.31.Farmacodermias
4.32.Fotodermatoses
4.33. Afecções das mucosas
4.34. Onicopatias
4.35. Afecções dos pêlos
4.36. Malformação dos pêlos
4.37. Afecções das glândulas sudoríparas écrinas
4.38. Afecções das glândulas sudoríparas apócrinas
4.39. Afecções auriculares
4.40. Afecções dos pés
4.41. Dermatoses psicogênicas
4.42. Cirurgias dermatológicas

Cada termo ocupa um lugar específico no sistema conceptual; desse modo, as relações de significação mantidas entre as unidades terminológicas foram claras. Nesse caso, teoricamente não haveria (como preconizam alguns terminólogos) necessidade de um sistema de remissivas ou seria suficiente um índice alfabético no final da obra.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Entretanto, partindo do pressuposto de que o público-alvo muito provavelmente não esteja habituado a vocabulários sistemáticos, acreditamos que a organização dos verbetes em ordem alfabética seja a forma mais prática de consulta à obra. Nesse caso, é preciso que o sistema de remissivas preveja a criação de verbetes remissivos para as variantes dos termos-entrada dos verbetes principais.

O leitor pode, assim, consultar o repertório seguindo a ordem alfabética das entradas, mas pode igualmente ter uma visão mais ampla da organização das unidades terminológicas que compõem a nomenclatura do repertório e das relações semânticas que essas mantêm entre si consultando o sistema conceptual que se encontra no início da obra.

Constatando a existência de variantes terminológicas, ao elaborar o sistema conceptual colocamo-nos as seguintes questões: que termos devem constar desse sistema? Unicamente os termos-entrada dos verbetes principais? E as demais designações? Refletimos sobre a questão e consideramos pertinente a presença de todas as formas designativas no sistema conceptual. Para melhor vizualizarmos essa estruturação, vejamos o exemplo abaixo:

4.22. Micobacterioses

4.22.1. Hanseníase, hansenose, micobacteriose neurocutânea, lepra, leprose, doença de Hansen (pop.), mal de Hansen (pop.), gafa (pop.), gafo (pop.), lazeira (pop.), elefantíase-dos-gregos (pop.), mal-bruto (pop.), mal-de-lázaro (pop.), mal-de-são-lázaro (pop.), mal-morfético (pop.), morféia, mal (Bras. S), mal-do-sangue, (Bras. pop.), mal-de-cuia (Bras. SP pop.), guarucaia (Bras.), macota (Bras.), macutena (Bras. MG)

4.22.1.1. Hanseníase indeterminada, hanseníase incaracterística, hanseníase indiferenciada, HI

4.22.1.2. Hanseníase virchowiana, lepra lepromatosa, HV

4.22.1.2.1. Hanseníase virchowiana históide

4.22.1.2.2. Hanseníase virchowiana difusa, lepra bonita de Latapi, lepra de Lúcio, lepra manchada, lepra lazarina, lepromatose difusa pura e primitiva

4.22.1.3. Hanseníase dimorfa, hanseníase borderline, hanseníase borderline de Wade, HB

4.22.1.4. Hanseníase tuberculóide, lepra nervosa, lepra cutânea, lepra nodular, HT, lepra tuberculóide tórpida, reação tuberculóide, hanseníase tuberculóide em reação

4.22.1.4.1. Hanseníase tuberculóide infantil, lepra tuberculóide nodular da infância

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Como podemos constatar, todas as unidades terminolócas que designam um mesmo conceito são organizadas na seqüência marcada por um mesmo símbolo de classificação. A série é composta, na ordem, do termo-vedete do verbete principal e as demais formas designativas (outros termos científicos, regionalismos, termos populares etc). Dessa maneira, quando um leitor consultar o sistema conceptual de nosso repertório terá uma visão completa de todas as designações possíveis.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3. PROJETOS INTERNACIONAIS DE HARMONIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA E DE DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES MÉDICAS[5]

A evolução dos estudos no domínio da Medicina tem sido acompanhada de outro processo também em constante renovação: o lingüístico. A preocupação da Medicina com sua terminologia é grande e se deve à consciência de que, apesar de seus esforços em sentido contrário, essa terminologia continua a conter número considerável de termos polissêmicos, homônimos, sinônimos e epônimos.

Para os lingüistas, esse quadro revela uma riqueza, porém, do ponto de vista da Medicina, pode conduzir a erros graves. Para diminuir os riscos, organizações médicas internacionais desenvolvem inúmeros projetos de harmonização e divulgação da terminologia dessa área, uns antigos (como a *Nomina Anatomica*) e a *Classificação Estatística Internacional das Doenças e de Problemas relacionados à Saúde*–CID, outros mais modernos, como a *Nomenclatura Internacional de Doenças* e outros ainda mais recentes, como o *Sistema Unificado de Linguagem Médica.*

Alguns desses projetos não têm como fim específico harmonizar a terminologia, mas facilitar o acesso às informações médicas. Para tanto, o tratamento da terminologia da área é fundamental. Por essa razão, esses projetos aliam terminologia e divulgação da informação médica.

Esses são apenas alguns projetos, mas de grande importância, e o estudo da terminologia médica fica, a nosso ver, incompleto sem a compreensão dos mesmos em

---

[5] Este capítulo contempla dados publicados sob a forma de: um artigo de nossa autoria, intitulado *Aspectos da dinâmica lexical no domínio da Medicina: a Nomina Anatômica* (Revista *Estudos Lingüísticos*, São Paulo: GEL, vol. 28, p. 385-390, 1999); um artigo de nossa autoria, intitulado *Processos clássicos e atuais da internacionalização da terminologia médica* (Rrevista *Estudos ingüísticos*, São Paulo: GEL, vol. 29, p. 1151-1156, 2004-CD-Rom).

seus objetivos, metodologia e funcionamento. Com efeito, o terminólogo que se dedica à análise e descrição da linguagem dessa área não pode desconhecê-los ou deixar de considerá-los ao desenvolver suas pesquisas. A elaboração de dicionários das áreas médicas também não pode ficar alheia à harmonização terminológica proposta pelas organizações internacionais da Saúde. Neste capítulo expomos alguns aspectos históricos e funcionais desses projetos.

3.1. NOMINA ANATOMICA

3.1.1. Aspectos gerais

O fato de o corpo humano ser objeto privilegiado de estudo dos cientistas das áreas biológicas e médicas pode levar a crer que nada de novo possa haver no fronte. A realidade não é, no entanto, essa. Em vez de estagnação há dinamismo, renovação científica e lingüística.

Desde Hipócrates, o pai da Medicina, até hoje, os estudos no campo da Anatomia evoluíram consideravelmente, embora não tenham ainda esgotado a questão. Em algumas épocas da história da Humanidade, como na Idade Média, o progresso das descobertas científicas foi dificultado pela proibição religiosa de dissecar cadáveres. O Renascimento trouxe novas perspectivas e o corpo humano, além de objeto biológico, tornou-se também referência estética.

Ao longo dos séculos, a descrição sistemática da máquina humana tornou-se mais exata, mais detalhada e cientistas do mundo todo somam esforços no sentido de divulgar as descobertas mais recentes, empregando uma metalinguagem homogênea e internacional.

Nesse sentido, criou-se, no século XIX, a *Nomina Anatomica*, documento que oficializa o conjunto de termos que designam as estruturas do corpo humano. No que

concerne à *Nomina Anatomica*, nosso objetivo é abordar alguns aspectos da dinâmica de produção lexical no campo da Anatomia, situando-a dentro de um processo histórico e da consolidação da nomenclatura médica designativa das partes do corpo humano.

3.1.2. A Anatomia e sua história

Considerado o pai da Medicina, o médico grego Hipócrates (+-460-377 a.C.) foi o pioneiro na descrição sistemática do corpo humano. Seus estudos baseavam-se em um método racional de diagnose e de terapia. Atribui-se a ele a obra *Corpo hipocrático*, coletânea de aproximadamente 60 textos escritos nos séculos V e IV a. C. No *Juramento de Hipócrates* encontram-se normas de deontologia médica.

Contemporâneo de Hipócrates, Demócrito (460-370 a. C.) colaborou para os estudos na área da Medicina sob um outro ponto de vista. Fundador do atomismo, postulou a existência do átomo como a menor partícula da matéria, indivisível. Sobre essa questão, polemizou com Anaxágoras, defensor da idéia de que a matéria poderia ser dividida infinitamente em partes menores.

Esses estudos científicos constituíram a base das pesquisas de Herófilo (séc. III a. C.), um dos mestres da Escola de Alexandria. Apoiado pelos monarcas egípcios, recebeu autorização para estudar a Anatomia Humana, dissecando cadáveres. Esse apoio devia-se, fundamentalmente, à necessidade que os egípcios tinham de bem conhecer a máquina humana para melhor embalsamar seus faraós. Herófilo deixou obra importante e muitas das denominações que propôs são empregadas até hoje. É considerado o fundador da Anatomia Humana.

O século III a. C. foi um período de grande impulso para os estudos no domínio da Anatomia. Outro contemporâneo de Herófilo, Erasístrato, médico grego, ampliou as pesquisas de seu colega, estudando profundamente os sistemas nervoso e circulatório.

Descreveu o coração, suas cavidades e intercomunicações. Acreditava, porém, que pelas veias corresse sangue, ao contrário das artérias, que só correriam ar. É considerado o pai da Fisiologia.

Os estudos de Erasístrato foram retomados mais tarde por Galeno de Pérgamo (129-199). Médico grego, trabalhou em Roma, estudou fundamentalmente a Anatomia Animal. Apesar das suspeitas de nunca ter dissecado um ser humano, demonstrou que as artérias ligam-se às veias e também por elas corre sangue. Suas descobertas e propostas influenciaram as diferentes escolas de anatomistas da Idade Média e algumas do Renascimento. Destacou-se entre seus seguidores Mondino dei Liùzzi (+-1270-1326), médico italiano, que ensinou em Bolonha. Seus estudos práticos no campo da Anatomia foram uma verdadeira exceção para a época, pois essas atividades eram totalmente proibidas pela Igreja Católica na época. Di Liùzzi recebeu, autorização de Frederico III para fazer avançar os conhecimentos no campo da Anatomia, dissecando cadáveres de condenados. Em 1316 escreveu o primeiro tratado de Anatomia Humana, *Anathomia Mundini*, publicado em 1478. É considerado o fundador da Anatomia moderna, tendo fornecido as bases da pesquisa sistemática.

Com o advento do Renascimento, uma nova visão do corpo humano se impôs. O homem e o mundo passaram a ser vistos em seus valores imanentes, laicos, naturais, racionais. Leonardo da Vinci (1452-1519) e Albrecht Dürer (1477- *id.* 1528) se interessaram pela Anatomia enquanto elemento referencial para uma nova estética. Para Leonardo da Vinci, a Anatomia Humana, a máquina e a Terra, juntas, combinadas, constituem objetos naturais e vivos. Para Dürer, pintor e autor do *Tratado das proporções do corpo*, a Anatomia está na base de sua teoria da arte. É ainda no período renascentista que surge a primeira classificação anatômica de Andreas Versalius (1514-

1564). Anatomista belga, publicou em 1543 *De humani corporis fabrica*, fundando com essa obra a Anatomia Descritiva do ser humano.

Em 1628 o anatomista e fisiólogo inglês William Harvey (1578-1657) publicou *Exercitacio anatomica de motu cordis et sanguinis in animalibus*, propondo um novo tipo de Anatomia e de Fisiologia. Estudou com profundidade a circulação sanguínea.

Com a invenção do microscópio no séc. XVI, abriram-se novos horizontes de pesquisa. Marcello Malpighi (1628-1694), médico e naturalista italiano, foi um dos primeiros anatomistas a fazer uso desse novo e precioso instrumento. Fez estudos sistemáticos e comparados de diferentes estruturas vegetais e animais.

Fundador da Anatomia Geral, Xavier Bichat (Thoirette, Jura, 1771-Paris, 1802), fisiologista e anatomista francês, desenvolveu estudos de histologia e é considerado o pai da Anatomia contemporânea.

3.1.3. A terminologia anatômica e a homogeneidade lingüística

O processo evolutivo dos estudos no domínio da Anatomia foi, evidentemente, acompanhado de uma correspondente modificação e adaptação lingüística. Objetivando uma comunicação clara e sem problemas de compreensão em nível internacional, além do estabelecimento de uma classificação geral que garantisse uma uniformidade na descrição dos seres, os anatomistas preocuparam-se em criar uma terminologia específica homogênea. Assim, diversas reuniões de comitês especialmente criados para esse fim foram realizadas desde o século XIX e alguns documentos foram elaborados nesse sentido.

A primeira tentativa de homogeneização da terminologia anatômica humana aconteceu em Leipzig, Alemanha, em 1887. A nomenclatura proposta não obteve, no entanto, muito sucesso, sendo pouco seguida.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Outra tentativa frustrada foi a da lista proposta por cientistas do Reino Unido e apresentada em 1894. No ano seguinte, nova tentativa foi feita, desta vez com mais sucesso do que as precedentes. De fato, a Sociedade Alemã de Anatomia propôs a que se convencionou chamar *Nomina Anatomica de Basiléia* (1895). Esta recebeu adesão total da comunidade científica alemã e tornou-se uma referência importante para diversos países, embora não houvesse ainda unanimidade sobre todas as denominações propostas.

Em 1903 foi fundada a Federação Internacional de Associações de Anatomistas, cujo objetivo maior era o de reunir grupos de anatomistas do mundo todo. Uma de suas principais atribuições era a de analisar os termos designativos das partes do corpo humano então em uso e elaborar uma proposta de nomenclatura. Determinou-se que o latim seria a língua do documento e decidiu-se por uma dinâmica de revisão da terminologia a cada cinco anos.

Uma importante revisão da *Nomina Anatomica de Basiléia* foi feita em 1933 pela Sociedade Britânica de Anatomistas, dando lugar à *Nomina Anatomica de Birmingham*. Em 1935 foi a vez dos alemães procederem a mais uma revisão e de proporem a *Nomina Anatomica de Jena*.

Em 1950, um grupo de cientistas ingleses, reunido em Oxford, começou a preparar nova lista, que foi finalmente apresentada em 1955 no Congresso Mundial de Anatomia de Paris: a *Nomina Anatomica Parisiensis.*

Em 1989, a Comissão de Nomenclatura Anatômica da Federação Internacional das Associações de Anatomistas foi livremente eleita pela Assembléia Geral. Compõem essa comissão representantes dos cinco continentes e os critérios para sua escolha foram: serem os melhores especialistas em lingüística anatômica e serem poliglotas com profundos conhecimentos de latim e de grego. O espírito democrático dá à Comissão

uma respeitabilidade que pode favorecer a aceitação de sua proposta pela comunidade científica. Seu secretário geral é o médico brasileiro Dr. Liberato John Di Dio, já falecido. Após oito anos de trabalho, a Comissão apresentou a *Nomina Anatomica de São Paulo* em agosto de 1997.

Essa nova versão de nomenclatura, agora chamada de Terminologia Anatômica, parte da concepção de que não só é necessário que a linguagem médica entre em ritmo de globalização, como também se coloque em consonância com novas dinâmicas de estudos do corpo humano.

Um exemplo claro é a perspectiva dos fractais. Criada em 1975 pelo matemático polonês naturalizado americano, Benoit Mandelbrot, a expressão *fractal* designa uma nova concepção em geometria que ultrapassa a visão tridimensional dos objetos. Segundo essa teoria, esses podem ser analisados em dimensões fracionárias. Assim, qualquer objeto, inclusive as partes do corpo humano, poderiam ser vistas, por exemplo, em três dimensões e meia.

Essa teoria já foi aplicada nos estudos do fígado pelo próprio Dr. Liberato Di Dio e acredita-se que em breve começará a ser aplicada ao estudo de todos os órgãos da máquina humana. Surgirão, então, novas partes, pois o corpo humano será visto de modo diferente; surgirão também novos termos, que deverão designar os novos conceitos e objetos resultantes dessa nova visão.

3.1.4. A *Nomina Anatomica de São Paulo* e a geração de neônimos

Redigida em latim e em inglês, a nova terminologia anatômica foi traduzida para o português. No total, cerca de 10 mil termos foram revistos. Desses, quatro mil não foram considerados pertinentes e, portanto, somente seis mil foram efetivamente analisados. O princípio orientador da nova nomenclatura foi o de consagrar o uso de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

termos mais precisos, informativos, descritivos e simples, além de desambigüizar a terminologia.

Um dos problemas atacados pela *Nomina de São Paulo* foi o de designações pouco informativas quanto à forma ou função da estrutura em questão. Uma expressão desse tipo de problema eram os epônimos, como por exemplo, *trompa de Eustáquio* e *tendão de Aquiles*. Os nomes próprios *Eustáquio* ou *Aquiles* pouco ou nada dizem a quem não conhecesse a origem do termo. Os cientistas preferiaram, então, substituí-los respectivamente pelos termos *trompa auditiva* e *tendão calcâneo*. No primeiro caso, o termo torna-se mais carregado de significação e marcado por semas aplicativos que indicam a função da trompa. No caso de tendão calcâneo, o qualificativo ressalta a localização do referido tendão (calcanhar). O mesmo acontece com o epônimo *trompa de Falópio*, agora chamado *tuba uterina*.

Havia ainda problemas de polissemia, quando um mesmo termo designava estruturas diferentes. Um exemplo é o termo *cúbito*. Este designava anteriormente: 1) o osso longo que, junto com o rádio, formava o antebraço; 2) o cotovelo. Para se eliminar o problema de imprecisão e/ou polissemia na descrição das partes ósseas, decidiu-se chamar *ulna* o osso longo que, com o rádio, forma o antebraço e *cúbito* o antigo cotovelo.

O problema da imprecisão terminológica tinha, por vezes, origem em uma lacuna científica. Um exemplo é o caso do termo *corpo pineal*. Até pouco tempo não se sabia ao certo como classificar esse "corpo" do ponto de vista anatômico. Recentemente descobriu-se que se trata de uma glândula. A *Nomina Anatomica de São Paulo* substituiu, então, *corpo pineal* seja substituído por *glândula pineal*.

A nova nomenclatura procura ainda corrigir a expressão de erros lógicos em Anatomia, como por exemplo, o termo *pomo de Adão*. Segundo o Dr. Liberato Di Dio,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

a referência a Adão (que, em hebraico, significa "homem") é errônea, pois há mulheres que apresentam essa protuberância, enquanto que alguns homens não a apresentam. A referência a Adão ou a Eva (que, em hebraico, significa "mulher") é, portanto, incorreta. Para corrigir esse erro lógico e propor um termo mais neutro e carregado de informação, propõe-se o termo *proeminência laríngea*.

Havia, enfim, outros tipos de problemas, tais como sinonímia entre termos complexos e simples. Nesses casos, a *Nomina de São Paulo* procura seguir o princípio da univocidade (ou monossemia), ou seja, atribuir uma única designação a uma mesma estrutura. Dá também preferência ao uso de termos simples em relação a parassinônimos complexos.

3.2. A Nomenclatura Internacional de Doenças

Uma linguagem sem ambigüidades, uma terminologia livre de falsos cognatos e de fácil compreensão é, na verdade, uma condição fundamental para o desenvolvimento das ciências médicas e para a garantia de boa qualidade da Saúde Pública. Partindo desses princípios, o Conselho das Organizações Internacionais de Ciências Médicas iniciou em 1970 um projeto que visa à preparação de uma Nomenclatura Internacional de Doenças-NID (em inglês, IND):

> A Nomenclatura Internacional de Doenças (IND) visa facilitar o armazenamento e a recuperação da informação científica em nível internacional, evitando o uso de sinônimos e a imprecisão de conceitos na definição das doenças. (REZENDE, 1992, p. 7)

Assim, a NID tem como objetivo a homogeneização da linguagem médica e, para isso, propõe à comunidade médica uma terminologia a ser utilizada de preferência. Busca, desse modo, um acordo de utilização. Adota os seguintes critérios para a determinação dos termos a serem considerados como preferenciais:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> O principal propósito da NID é o de prover e recomendar um termo único para cada doença. O critério principal para seleção do termo abrangeria sua especificidade, sua não-ambigüidade, o caráter simples e autodescritivo do termo e, quando possível, baseado na causa da doença. Cada enfermidade ou síndrome para a qual um nome fosse recomendado, seria definida de forma direta e resumida. Uma lista de sinônimos seria adicionada a cada definição. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003)

Os princípios que norteiam a elaboração da NID e o tratamento dos dados são:

> A IND adota um único nome para cada doença e só admite designações alternativas e epônimos em casos muito especiais. Fundamenta-se, essencialmente, na etiologia e patogenia das doenças para escolha dos termos que devem prevalecer sobre os demais. Cada nome escolhido é seguido de uma definição e dos sinônimos a serem abandonados. Quando necessário, acrescenta-se uma nota explicativa de natureza médica ou lingüística. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003)

Numa primeira etapa, a NID tratou as terminologias relativas às doenças do trato respiratório inferior, doenças infecciosas (virais, bacterianas, parasitárias e micoses) e o de doenças cardíacas e vasculares. Numa segunda etapa – e atual – estão sendo elaboradas as Nomenclaturas das doenças do aparelho digestivo; do aparelho genital feminino; do aparelho urinário e trato genital masculino; de doenças endócrinas e do metabolismo; doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos; do sistema imunológico, do sistema osteomuscular e do sistema nervoso. Prevê-se a continuidade dos trabalhos no sentido de harmonizar a terminologia relativa às doenças psiquiátricas, doenças da pele, ouvido, nariz e garganta, olhos e anexos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003).

Para que seja respeitada mundialmente, é necessário que essa Nomenclatura seja oficial, atualizada e internacional: a Organização Mundial de Saúde - OMS e o Conselho para Organizações Internacionais de Ciências Médicas encontram-se engajadas nesse sentido.

3.3. Sistema Unificado de Linguagem Médica

Além do objetivo de criar meios de comunicação eficazes, a comunidade médica mundial e as autoridades em Saúde Pública preocupam-se em criar mecanismos que facilitem a circulação das informações. Nesse sentido, a National Library of Medicine-NLM americana, iniciou, em 1986, um projeto de fôlego que visa criar um Sistema Unificado de Linguagem Médica-UMLS.

O UMLS é uma coleção de referências cruzadas de dados médicos e uma série de fontes de conhecimento, que pretende auxiliar a troca de informações no domínio da Saúde, atancando o problema da multiplicidade de sistemas de códigos existentes atualmente. Os principais objetivos e mecanismos desse Sistema podem ser resumidos da seguinte maneira:

> O UMLS foi criado para ajudar os profissionais da Saúde e pesquisadores a recuperar e integrar informações biomédicas contidas em diferentes fontes. Pode ser usado para superar variações na maneira com que conceitos similares são expressos em fontes diferentes. Isso torna mais fácil para os usuários a obtenção de dados de diferentes sistemas de informação, como o prontuário de pacientes em bases computacionais, bases de dados bibliográficos, bases de dados fatuais, sistemas peritos etc. O projeto UMLS desenvolve "fontes de conhecimento" que podem ser usadas por uma grande variedade de programas de aplicações que superam problemas causados por diferenças de terminologia e pela dispersão de informações relevantes contidas em várias bases de dados. (USNLM, 2003)

O UMLS pretende desenvolver sistemas que sejam de auxílio a pesquisadores e profissionais da área da Saúde no que tange ao resgate de informações desse campo do saber em fontes diversas. Pretende ainda criar bases eletrônicas que permitam acesso fácil ao conhecimento. Três são as fontes de conhecimento do UMLS: o *Metathesaurus*, o *SPECIALIST Lexicon* e o *Semantic Network.*

O primeiro contém informações sobre conceitos e termos das áreas biomédicas provenientes dos diversos vocabulários e classificações usados em prontuários médicos, em bases de dados bibliográficos, textuais e administrativos no campo da

Saúde. O *Metathesaurus* "preserva os nomes, significados, hierarquia de contextos e relações intersígnicas presentes nos vocabulários-fonte, acrescenta algumas informações básicas sobre cada conceito e estabelece novas relações entre termos de diferentes vocabulários-fonte" (USNLM, 2003). Um aspecto importante do funcionamento do *UMLS Metathesaurus* é o fato de ligar entre si designações alternativas dos termos principais, como sinônimos. Sua organização interna baseia-se em conceitos ou significados e é assim explicada pelos conceptores do projeto:

> Cada conceito do *Metathesaurus* tem atributos que ajudam a definir seu significado, isto é, as categorias semânticas às quais pertence, sua posição na hierarquia de contextos de vários vocabulários-fonte e, para diversos conceitos, a definição. Certas relações entre diferentes conceitos são representadas: algumas provêm dos vocabulários-fonte, outras são criadas durante a construção do *Metathesaurus*. A maioria das relações inter-conceitos se dá entre conceitos próximos semanticamente. O *Metathesaurus* contém ainda informações sobre o(s) nome(s) da(s) base(s) de dados selecionada(s) na(s) qual(is) o conceito aparece e, para os termos do MeSH[6], informações sobre os qualificadores aplicados aos termos no MEDLINE. O UMLS traz informações sobre conceitos co-ocorrentes no MEDLINE e alguns dados sobre outras fontes. (USNLM, 2003)

O *Metathesaurus* dispõe, em sua versão 2002[AA], de 776.940 conceitos e de 2.100.000 designações, por vezes em várias línguas, encontradas em mais de 60 vocabulários das áreas biomédicas.

Juntamente com o *Metathesaurus* e o *Semantic Network*, o *SPECIALIST Lexicon* (Léxico especializado, SL) compõe o Sistema UMLS. Sua função é a de armazenar – e disponibilizar – um léxico de língua geral inglesa, enriquecida de grande quantidade de termos biomédicos. Para cada palavra ou termo, o SL fornece informações sintáticas, morfológicas e ortográficas: categoria gramatical, flexão (isto é,

---

[6] *MeSH- Medical Subject Heading* é um *thesaurus* documental controlado, formado por termos geralmente ligados a outros termos que mantêm diferentes relações conceptuais entre si, especializado em Medicina. Foi criado pela National Library of Medicine dos Estados Unidos. É utilizado para indexar 4.300 artigos de revistas das áreas biomédicas com registro na base de dados MEDLINE, também especializada em Medicina. (USNLM, 2003)

unesp

singular e plural para os nomes, conjugações de verbos, os graus do adjetivo e advérbios) e outros dados (USNLM, 2003). De modo mais detalhado, o funcionamento do SL pode ser assim descrito:

> O programa gerenciador de variantes lexicais está preparado para administrar a alta quantidade de variação das palavras e termos na linguagem natural. As palavras geralmente têm diversas formas flexionadas as quais podem ser consideradas como formas diferentes da mesma palavra. O verbo 'treat', por exemplo, tem três formas flexionadas: 'treats', a terceira pessoa do singular no presente do indicativo; 'treated', o pretérito e o particípio passado, e 'treating', o particípio presente. Muitos termos complexos do *Metathesaurus* e de outro vocabulário-fonte têm variantes de outra ordem, além das formas flexionais e variantes ortográficas. O objetivo do programa gerenciador de variantes lexicais é auxiliar o usuário a obter a informação apesar dessa variação. (USNLM, 2003)

Composto de termos médicos e de língua geral, o conjunto lexical do SP foi obtido em uma gama enorme de fontes, inclusive da base de dados bibliográfica especializada em Medicina – MEDLINE (USNLM, 2003).

Completando o Sistema UMLS, o *Semantic Network* é sua terceira fonte de conhecimento. Sua função principal é organizar todos os conceitos do *Metathesaurus* e o faz por meio de seus 134 categorizadores semânticos. "As informações sobre um conceito são obtidas no *Metathesaurus*, mas é o *Network* que fornece informações sobre as categorias semânticas básicas às quais esse conceito está ligado; ele define ainda as relações que podem se estabelecer entre essas categorias" (USNLM, 2003). No *Network*, os categorizadores semânticos são nós e as relações mantidas entre os mesmos se apresentam sob a forma de *links*. As categorias semânticas organizam-se internamente no *Network* em grupos maiores, que contemplam, por exemplo, estruturas anatômicas, funções biológicas, organismos, elementos químicos, objetos físicos, conceitos, idéias, e outros (USNLM, 2003).

Uma possibilidade de acesso ao UMLS dá-se por meio do Medical World Search, serviço de busca *on line*. Ao se pesquisar um termo da área médica, o MWS

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

utiliza os recursos do UMLS para ligar os possíveis sinônimos do termo pesquisado, tornando, assim, mais eficiente a busca das informações. É preciso ressaltar que esse é um serviço de acesso restrito, ou seja, o usuário deve cadastrar-se e receber uma autorização para usufruir da base de dados.

3.4. A BVS-BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE

3.4.1. O BIREME

A eficiência dos serviços em Saúde Pública depende muito da boa circulação das informações. Cônscia dessa questão, a Organização Mundial da Saúde-OMS preocupa-se em auxiliar os países a desenvolverem sistemas eficazes de transmissão de informações biomédicas.

Nesse sentido, foi criado o BIREME-Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, um centro especializado da Organização Pan-Americana da Saúde-OPAS, estabelecido no Brasil desde 1967, e que trabalha em colaboração com o Ministério de Saúde, o Ministério da Educação, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de São Paulo.

A principal missão do BIREME é "contribuir para o desenvolvimento da Saúde nos países da América Latina e do Caribe (denominada REGIÃO), através da promoção do uso da informação científico-técnica em Saúde" (BIREME-BVS, 2005). Deve, portanto, promover a cooperação técnica para a transmissão da informação em Saúde nos e entre os países da América Latina e do Caribe. Pretende-se, assim, que haja eqüidade no acesso à informação atualizada de modo rápido e eficiente (BIREME-BVS, 2005). Para tanto, as principais tarefas do BIREME são:

- desenvolver o Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (denominado SISTEMA). No Brasil, o SISTEMA é implementado pela Rede Brasiliera de Informação em Ciências da Saúde, que opera descentralizadamente e seus integrantes participam, em diferentes níveis, das atividades cooperativas;

- criar e manter o Sistema LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), uma base de dados produzida de forma cooperativa pelas instituições que integram o SISTEMA e que armazena a literatura da área médica produzida por autores latino-americanos e do Caribe após 1982.

- criar, desenvolver e garantir o funcionamento da Biblioteca Virtual em Saúde (denominada BVS), uma base do conhecimento da área médica, que permite o acesso às mais variadas fontes de informação científica especializada em Saúde, em formato eletrônico e outros suportes. A BVS também divulga *sites* que contenham informação científica da área biomédica, disponibilizados na Internet pelos países latino-americanos e do Caribe;

- promover o desenvolvimento e a atualização da terminologia empregada nos domínios da Medicina e Saúde em geral. Essa tarefa é feita pelo vocabulário trilíngüe (português, espanhol e inglês) *Descritores em Ciências da Saúde* (DeCS), disponibilizado no *site* da BVS.

Dentre as tarefas acima, interessa, de modo particular, aos estudos terminológicos no campo da Medicina o projeto da Biblioteca Virtual de Saúde-BVS, uma vez que a mesma disponibiliza alguns serviços e desenvolve projetos diretamente ligados à atualização da terminologia em Saúde Pública, concentra publicações eletrônicas de textos completos dessa área (o que permite o estudo de corpus), organiza o domínio em uma estrutura temática e disponibiliza, *on line*, um vocabulário controlado trilíngüe desse campo do saber.

3.4.2. A BVS-Biblioteca Virtual de Saúde

A BVS Saúde Pública - Brasil (BVS-SP) é um projeto desenvolvido conjuntamente pelo Ministério da Saúde do Brasil e o BIREME, representante em nosso país da Organização Pan-Americana da Saúde-OPAS (BVS, 2005). Insere-se em um projeto maior - o da Biblioteca Virtual em Saúde para América Latina e Caribe – e tem

por objetivo "promover acesso *on line* eficiente, universal e eqüitativo à informação científica e técnica relevante para o desenvolvimento da Saúde" (BVS, 2005).

A BVS-SP Brasil permite o acesso à literatura científica especializada em áreas biomédicas, a listas de discussão, a modelos de ação, notícias e à legislação estadual e municipal no que tange à Saúde Pública. Mantém ainda um programa de capacitação de produtores, intermediários e usuários da BVS-SP Brasil, oferecendo cursos presenciais ou à distância (BVS, 2005).

Para um funcionamento mais direcionado à Saúde Pública no Brasil, a BVS criou uma estrutura composta de 17 grandes temas, nos quais concentra seus esforços de busca, armazenamento e difusão da informação científica. São eles:

1. Administração e Planejamento em Saúde
2. Alcoolismo e abuso de drogas/Tabagismo
3. Alimentação e Nutrição
4. Ambiente e Saúde
5. Atenção à Saúde
6. Ciência e Tecnologia em Saúde
7. Doenças Não-Transmissíveis
8. Doenças Transmissíveis
9. Economia da Saúde
10. Epidemiologia e Demografia
11. Ética e Bioética
12. Participação da População
13. Política e Reforma do Setor de Saúde
14. Promoção, Educação e Comunicação em Saúde
15. Recursos Humanos em Saúde
16. Vigilância em Saúde
17. Violência e Acidentes

A BVS-SP Brasil desenvolve ainda alguns projetos específicos, dentre os quais se destacam (BVS, 2005):

1. Controle bibliográfico da literatura nacional em Saúde Pública;
2. Desenvolvimento e atualização da terminologia em Saúde Pública;
3. Fontes de informação de apoio a tomadores de decisão em Saúde Pública;

4. Grupo de trabalho "Estrutura Temática da BVS Saúde Pública - Brasil";
5. Localizador de Informação em Saúde Pública na Internet;
6. Plano de Marketing da BVS Saúde Pública – Brasil;
7. Programa de capacitação na Biblioteca Virtual em Saúde;
8. Publicação eletrônica de textos completos em Saúde Pública.

De todos os projetos do BIREME no âmbito da BVS-SP Brasil, o que mais nos interessa, enquanto terminólogos, é o *Desenvolvimento e atualização da terminologia em Saúde Pública*, que passamos a descrever de modo detalhado.

3.4.3. Atualização da terminologia em Saúde Pública: o projeto DeCS

O BIREME preocupa-se com a atualização da terminologia contida na BVS-SP, uma vez que por meio dela se garante a "descrição, recuperação e navegação conceitual em fontes de informação científico-técnica em Saúde Pública em âmbito nacional, regional e internacional" (BVS, 2005). Nesse sentido, para cumprir de modo eficaz seus objetivos, a BVS criou o *DeCS - Descritores em Ciências da Saúde*, uma "ferramenta que permite a navegação entre registros e fontes de informação através de conceitos controlados e organizados em português, espanhol e inglês" (BVS, 2005).

O DeCS é um vocabulário controlado trilíngüe, que já armazena em sua base de dados mais de 25.000 termos da área da Saúde Pública. Esse conjunto terminológico é padrão e utilizado pelos 36 países membros do Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (o SISTEMA) no tratamento e difusão das fontes de informação em Saúde. As instituições responsáveis pelo projeto são, além do BIREME (coordenadora geral), a Faculdade de Saúde Pública-FSP da Universidade de São Paulo e Escola Nacional de Saúde Pública- ENSP/Fundação Oswaldo Cruz.

O DeCS é estruturado em categorias e contém uma terminologia ligada à administração, aos serviços de Saúde, Meio Ambiente, Nutrição e outras áreas, particularmente à de Saúde Pública (categoria SP), que, sozinha, conta com aproximadamente 5.000 termos. O DeCS é uma base de dados de primeira linha e mantém relação com os principais sistemas de busca de informação científica em Saúde, como podemos observar pela descrição do DeCS feita por seus conceptores:

> Nas áreas de Ciências Biológicas e Medicina, o DeCS contém a terminologia do MeSH - Medical Subject Headings da U.S. National

> Library of Medicine (NLM), o que permite aos usuários da região efetuarem buscas nas bases de dados MEDLINE, LILACS, AdSaúde e outras utilizando os mesmos termos ou conceitos. O DeCS é também responsável pelo aporte de toda essa terminologia em português e espanhol junto ao projeto UMLS (Unified Medical Language System) coordenado pela NLM, ampliando, assim, sua visibilidade e capacidade de uso, não só nos países da região, mas também internacionalmente. (BVS, 2005)

Assim, a terminologia trilíngüe do DeCS contempla os termos constantes das principais bases de dados norte e latino-americanas especializadas em Ciências da Saúde.

A atualização do DeCS é constante e resulta de um trabalho desenvolvido conjuntamente entre os especialistas em Saúde e em Lingüística (terminólogos). A metodologia definida pelos organizadores da base prevê atividades e responsáveis pelas mesmas, ou seja, determina com clareza quais atividades serão desenvolvidas por quais profissionais, como podemos verificar pelos dados contidos no Capítulo *5. Metodologia de desenvolvimento e macroatividades* do documento que descreve o projeto *Desenvolvimento e atualização da terminologia em Saúde Pública*:

> d. Identificação e contratação de profissional especializado em terminologia da Saúde Pública para desenvolvimento de atividades junto à coordenação do projeto no BIREME, que será responsável pela integração da terminologia à estrutura do DeCS. Tem como objetivo contar com um profissional integrado ao projeto de desenvolvimento da BVS-SP que possa desenvolver interface na área de terminologia em Saúde Pública.
>
> e. Formação de equipe de especialistas. Cada uma das instituições participantes no projeto deverá identificar especialistas para o trabalho de consultoria no desenvolvimento da área específica e um profissional de informação que será o responsável pelo andamento do projeto na instituição. Tem por objetivo formar o corpo de consultores e profissionais para o trabalho conjunto e o apoio ao desenvolvimento e certificação terminológica em áreas de especialização.
>
> f. Análise das categorias terminológicas em Saúde Pública existentes. Atividade a ser desenvolvida em conjunto por profissionais de informação e especialistas e de acordo com os temas específicos de cada instituição.
>
> g. Desenvolvimento de áreas terminológicas. Cada instituição responsável deverá desenvolver o elenco de termos da área que lhe foi delegada pelo projeto, de acordo com os parâmetros preestabelecidos pelo DeCS, em que cada termo deverá apresentar sua localização e família hierárquica, termos sinônimos correspondentes, termos relacionados e notas de escopo, notas de indexação, e qualificadores adequados para uso. Essa atividade será desenvolvida em constante comunicação entre as instituições para evitar duplicidade ou

> distorções conceituais. Tem como objetivo a criação da nova estrutura terminológica para a categoria de Saúde Pública.
>
> h. Integração de novas áreas terminológicas na estrutura do DeCS. Entrada de dados e consistência terminológica, avaliação da necessidade de criação de novas hierarquias, sinonímia e relações conceituais. Integração das versões ao espanhol e ao inglês da terminologia criada, assim como da terminologia proposta por instituições de outros países da região, como Argentina, Chile, Colômbia, dentre outros. Essa atividade será executada sob a coordenação do BIREME. Tem como objetivo a integração modular da nova terminologia à estrutura do DeCS. (DECS, 2005)

Como podemos observar, a estrutura conceptual e a terminologia do DeCS são constantemente revistas e cientificamente tratadas por profissionais da Saúde e por lingüistas, o que confere dinamismo ao projeto e confiabilidade às informações. Preocupa-se também com o desenvolvimento de instrumentos metodológicos para a avaliação e atualização da terminologia em Saúde Pública.

O acesso à base de dados se dá via Internet, pelo site http://decs.bvs.br. A página é trilíngüe, português, inglês e espanhol. A consulta ao DeCS é simples e fácil, como podemos observar pela interface da base, disponibilizada no site já mencionado:

Consulta ao DeCS

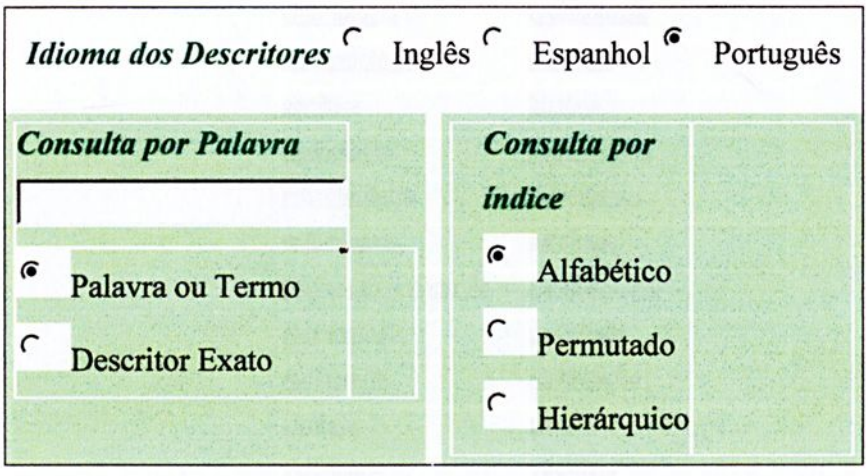


Figura 7 - Consulta ao DeCS

Para termos uma visão mais exata do funcionamento DeCS, procederemos, a seguir, a algumas buscas, a título de exemplo. Se no campo "consulta por palavra" da base acima inserirmos o termo *poiquilodermia*, obteremos o seguinte resultado:

1 / 1 DeCS	
Descritor *Inglês*:	**POIKILODERMA CONGENITALE**
Descritor *Espanhol*:	**POIQUILODERMIA CONGENITA**
Descritor *Português*:	**POIQUILODERMIA CONGÊNITA**
Sinônimos *Português*:	SÍNDROME DE ROTHMUND-THOMSON
Categoria:	C16.131.831.649 C16.320.850.715 C16.614.739 C17.800.804.649 C17.800.827.715
Definição *Português*:	Síndrome autossômica recessiva, que ocorre principalmente em mulheres, caracterizada pela presença de placas cutâneas telangiectáticas, hiperpigmentadas, atróficas, reticuladas, em geral acompanhadas de catarata juvenil, nariz selado, defeitos congênitos ósseos, distúrbios no crescimento capilar, unhas e dentes e hipogonadismo.
Nota de Indexação *Português*:	anormalidades da pele & outras; não use /congen & não coord com DOENÇAS DO RECÉM-NASCIDO

Qualificadores Permitidos *Português*:	
sangue	líquido céfalo-raquidiano
induzido quimicamente	classificação
complicações	dietoterapia
diagnóstico	quimioterapia
economia	etnologia
embriologia	enzimologia
epidemiologia	etiologia
genética	história
imunologia	metabolismo
microbiologia	mortalidade
enfermagem	patologia
prevenção & controle	fisiopatologia
parasitologia	psicologia
radiografia	reabilitação
cirurgia	terapia
veterinária	virologia

Número do Registro:	11468
Identificador Único:	D011038

Figura 8 - Pesquisa de poiquilodermia.

Um único termo surge como resposta à consulta que fizemos: *poiquilodermia congênita*, que tem como sinônimo *síndrome de Rothmund-Thomson*. Notamos nessa consulta uma limitação da base de dados, uma vez que em nossa pesquisa no âmbito do VMD identificamos um número bem maior de poiquilodermias: além de *poiquilodermia*, temos *poiquilodermia de Riehl-Civatte, poiquilodermia acroceratótica hereditária, poiquilodermia esclerosante hereditária* e outros. Para o termo *poiquilodermia congênita*, nosso VMD registra como outras designações possíveis *síndrome de Rothmund-Thomson* e *poiquiloderma congênito.*

Os códigos indicados no campo "categoria" do formulário de acesso informam sobre o lugar que a dermatose pesquisada ocupa na estrutura do sistema conceptual que dá suporte ao DeCs. Se clicarmos nos mesmos, obteremos uma lista sistemática de descritores com a indicação da posição atribuída a *poiquilodermia congênita* no conjunto, como podemos ver abaixo:

1. CATEGORIA C16.131.831.649

DOENÇAS
DOENÇAS CONGÊNITAS, HEREDITÁRIAS E NEONATAIS E ANORMALIDADES
ANORMALIDADES
ANORMALIDADES INDUZIDAS POR DROGAS
ANORMALIDADES MÚLTIPLAS +
ANORMALIDADES INDUZIDAS POR RADIAÇÃO
ANORMALIDADES CARDIOVASCULARES +
Transtornos Cromossômicos +
SÍNDROME DE DIGEORGE
ANORMALIDADES DO SISTEMA DIGESTÓRIO +
ANORMALIDADES DO OLHO +
ANORMALIDADES DA PELE
ACRODERMATITE
DISCERATOSE CONGÊNITA
EPIDERMÓLISE BOLHOSA +
ICTIOSE +
INCONTINÊNCIA PIGMENTAR
POIQUILODERMIA CONGÊNITA
MANCHA DE VINHO

PSEUDOXANTOMA ELÁSTICO

2. CATEGORIA C16.320.850.715

DOENÇAS

DOENÇAS CONGÊNITAS, HEREDITÁRIAS E NEONATAIS E ANORMALIDADES

Doenças Genéticas Inatas

ACONDROPLASIA

HIPERPLASIA SUPRA-RENAL CONGÊNITA

ANEMIA HEMOLÍTICA CONGÊNITA +

Anemia Hipoplástica Congênita +

QUERUBISMO

Transtornos Cromossômicos +

FIBROSE CÍSTICA

OFTALMOPATIAS HEREDITÁRIAS +

INSENSIBILIDADE CONGÊNITA À DOR

Síndrome de Romano-Ward

DERMATOPATIAS GENÉTICAS

ALBINISMO +

CÚTIS LAXA

DERMATITE ATÓPICA

DISCERATOSE CONGÊNITA

DISPLASIA ECTODÉRMICA +

SÍNDROME DE EHLERS-DANLOS

EPIDERMÓLISE BOLHOSA +

ERITRODERMIA ICTIOSIFORME CONGÊNITA +

ICTIOSE VULGAR

ICTIOSE LIGADA AO CROMOSSOMO X

INCONTINÊNCIA PIGMENTAR

CERATODERMIA PALMAR E PLANTAR +

CERATOSE FOLICULAR

PENFIGO FAMILIAR BENIGNO

POIQUILODERMIA CONGÊNITA

POROCERATOSE

PORFIRIA ERITROPOÉTICA

PORFIRIA HEPÁTICA +

PSEUDOXANTOMA ELÁSTICO

SÍNDROME DE SJOGREN-LARSSON

XERODERMA PIGMENTOSO

SÍNDROME DE WERNER

3. CATEGORIA C16.614.739

DOENÇAS

DOENÇAS CONGÊNITAS, HEREDITÁRIAS E NEONATAIS E ANORMALIDADES

ANORMALIDADES +

CRETINISMO

DOENÇAS FETAIS +

Doenças Genéticas Inatas +

DOENÇAS DO RECÉM-NASCIDO

SÍNDROME DE BANDAS AMNIÓTICAS

ANEMIA NEONATAL +

ASFIXIA NEONATAL

TRAUMATISMOS DO NASCIMENTO +

FIBROSE CÍSTICA

EPILEPSIA NEONATAL BENIGNA

HIDROFTALMOS

HIPEROSTOSE CORTICAL CONGÊNITA

ICTIOSE +

DOENÇAS DO PREMATURO +

ICTERÍCIA NEONATAL +

ASPIRAÇÃO DE MECÔNIO

SÍNDROME DE MÖBIUS

SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA NEONATAL

NISTAGMO CONGÊNITO

OFTALMIA NEONATAL

SÍNDROME DA PERSISTÊNCIA DO PADRÃO DE CIRCULAÇÃO FETAL

POIQUILODERMIA CONGÊNITA

ESCLEREMA NEONATAL

IMUNODEFICIÊNCIA COMBINADA SEVERA

SÍFILIS CONGÊNITA

DISPLASIA TANATOFÓRICA

TOXOPLASMOSE CONGÊNITA

DOENÇA DE WOLMAN

4. CATEGORIA C17.800.814.649

DOENÇAS

DOENÇAS DA PELE E DO TECIDO CONJUNTIVO

DERMATOPATIAS

ERUPÇÕES ACNEIFORMES +

HIPERPLASIA ANGIOLINFÓIDE COM EOSINOFILIA

CICATRIZ +

FÍSTULA CUTÂNEA

DERMATITE +

DERMATOSES DA MÃO

CERATOSE +

PRURIGO
PRURIDO +
PIODERMA +
DERMATOSES DO COURO CABELUDO +
ESCLEREDEMA DO ADULTO
ESCLERODERMA CIRCUNSCRITO
ESCLERODERMA SISTÊMICO +
DOENÇAS DAS GLÂNDULAS SEBÁCEAS +
ANORMALIDADES DA PELE
ACRODERMATITE
DISCERATOSE CONGÊNITA
DISPLASIA ECTODÉRMICA +
SÍNDROME DE EHLERS-DANLOS
EPIDERMÓLISE BOLHOSA +
ICTIOSE +
INCONTINÊNCIA PIGMENTAR
POIQUILODERMIA CONGÊNITA
MANCHA DE VINHO
PSEUDOXANTOMA ELÁSTICO
ESCLEREMA NEONATAL
XERODERMA PIGMENTOSO
DERMATOPATIAS ECZEMATOSAS +
DERMATOPATIAS GENÉTICAS +
DERMATOPATIAS INFECCIOSAS +
DERMATOPATIAS METABÓLICAS +
DERMATOPATIAS PAPULOESCAMOSAS +
DERMATOPATIAS VESICULOBOLHOSAS +
MANIFESTAÇÕES CUTÂNEAS
NEOPLASIAS CUTÂNEAS +
ÚLCERA CUTÂNEA +

5. CATEGORIA C17.800.827.715

DOENÇAS
DOENÇAS DA PELE E DO TECIDO CONJUNTIVO
DERMATOPATIAS
ERUPÇÕES ACNEIFORMES +
HIPERPLASIA ANGIOLINFÓIDE COM EOSINOFILIA
CICATRIZ +
FÍSTULA CUTÂNEA
DERMATITE +
DERMATOMIOSITE
ERITEMA +

EXANTEMA +
CERATOACANTOMA
CERATOSE +
LIPOMATOSE
LUPUS ERITEMATOSO CUTÂNEO +
MASTOCITOSE +
DOENÇAS DA UNHA +
PRURIGO
PRURIDO +
PIODERMA +
DERMATOSES DO COURO CABELUDO +
DERMATOPATIAS GENÉTICAS
ALBINISMO +
CÚTIS LAXA
DERMATITE ATÓPICA
EPIDERMÓLISE BOLHOSA +
ICTIOSE VULGAR
ICTIOSE LIGADA AO CROMOSSOMO X
INCONTINÊNCIA PIGMENTAR
CERATODERMIA PALMAR E PLANTAR +
CERATOSE FOLICULAR
PENFIGO FAMILIAR BENIGNO
POIQUILODERMIA CONGÊNITA
POROCERATOSE
PORFIRIA ERITROHEPÁTICA
PORFIRIA ERITROPOÉTICA
PORFIRIA HEPÁTICA +
PSEUDOXANTOMA ELÁSTICO
XERODERMA PIGMENTOSO
DERMATOPATIAS VESICULOBOLHOSAS +
MANIFESTAÇÕES CUTÂNEAS

No campo DOENÇAS CONGÊNITAS, HEREDITÁRIAS E NEONATAIS e no campo ANORMALIDADES (cat. 1, 2 e 3), *poiquilodermia congênita* encontra-se classificada em ANORMALIDADES DA PELE, DERMATOPATIAS GENÉTICAS e em DOENÇAS DO RECÉM-NASCIDO. Já no campo das DOENÇAS DA PELE E DO TECIDO CONJUNTIVO (cat. 4 e 5), o mesmo termo encontra-se, mais uma vez, classificado sob ANORMALIDADES DA PELE e DERMATOPATIAS GENÉTICAS.

Por ser trilíngüe, essa base de dados foi fundamental à busca de equivalentes em inglês e em espanhol dos termos em português que compõem a nomenclatura do VMD.

O DeCs é uma base que prevê a inclusão, exclusão e alteração de termos. Para fazer sugestão de modificações, deve-se acessar o *site* http://decs.bvs.br e preencher um formulário que solicita as seguintes informações:

- **Sugestão de alteração ou criação de termo:**
  - Use um formulário para cada sugestão.
  - Escreva o termo ou a alteração proposta.
- **Justificativa:** Defina o novo conceito ou a alteração proposta. Mencione o contexto em que o termo ocorre, caso não possa defini-lo.
- Com que freqüência de uso você encontrou este termo?
- **Citações:** Envie duas ou mais citações da LILACS ou outra base de dados, particularmente se o conceito ou termo é novo ou não muito frequentemente citado na literatura.
- Nome da pessoa que faz a sugestão, Instituição, país, telefone e e-mail.

É importante notar que uma proposta de criação ou de alteração de um termo deve ser fundamentada: deve-se apresentar uma justificativa, definir o novo conceito, citar o contexto em que o termo foi encontrado, indicar a frequência de uso e mencionar duas ou mais citações da LILACS ou outra base de dados. Além das informações sobre o termo, o proponente deve identificar-se, fornecendo dados pessoais, da Instituição à qual pertence, o país de origem e coordenadas para o contato direto (telefone e e-mail). As propostas são posteriormente analisadas por terminólogos e especialistas da área da Saúde e recebem o tratamento adequado. Desse modo, a renovação contínua dos dados se faz sobre bases sólidas.

3.4.4. A renovação terminológica no DeCS

A atualização do DeCs é constante, contando com a colaboração de toda a comunidade científica. Somente no primeiro semestre de 2002 as mudanças no DeCS foram as seguintes:

- 847 descritores foram adicionados, representando conceitos sem correspondência direta com os descritores DeCS/MeSH 2001;
- 185 descritores alterados com atualização terminológica mais precisa;
- 47 descritores deletados;
- 2.041 referências cruzadas (sinônimos) (DECS, 2005)

unesp

Pelas alterações e acréscimos referidos acima, podemos perceber a intensidade da renovação do DeCS. Os fatores que levam a essa renovação são assim expostos pelos próprios gestores do projeto :

> Esse conjunto terminológico (DeCS) tem sido utilizado desde então para representar o conteúdo temático das fontes de informação em Saúde Pública, assim como das demais áreas das Ciências da Saúde. No entanto, observando as alterações expressivas que vêm ocorrendo nos últimos anos principalmente na terminologia relacionada à Saúde Pública, com ênfase nas áreas de Políticas de Saúde, nas relações de Saúde, Meio Ambiente e Ecologia, na gestão e reforma do setor, financiamento de serviços e administração dos Sistemas de Saúde, faz-se necessária uma reavaliação e atualização da terminologia em Saúde Pública que, embora bastante completa, já não expressa de maneira adequada as necessidades advindas dessas mudanças. Considerando a necessidade de atualização e ampliação terminológica em Saúde Pública como instrumento facilitador de navegação por conceitos na BVS-SP; considerando a ampliação do escopo da área de Saúde Pública provocando novas demandas por terminologia sobre aspectos sociais, gerenciais, antropológicos e culturais; considerando que o trabalho de conceituação da nova terminologia em Saúde Pública é inédito na região; e considerando a necessidade de atualização da terminologia como um componente integrador das fontes de informação na BVS-SP, formula-se o presente projeto. (DECS, 2005)

O dinamismo de alterações no conjunto terminológico que compõe a nomenclatura do DeCs segue, assim, o dinamismo da própria terminologia do domínio, que, por sua vez, decorre de mudanças científicas, sociais e políticas da área da Saúde Pública.

A avaliação e a atualização terminológica não se fazem aleatoriamente, ao contrário, seguem critérios rigorosos de estatística lingüística e outros que encontram sustentação teórica na Terminologia. A aplicação dos critérios adotados obedece às seguintes etapas:

(i) pesquisa com usuários sobre a terminologia utilizada;

(ii) análise de freqüência de uso da terminologia em bases de dados;

(iii) avaliação e identificação das áreas obsoletas e das áreas carentes de desenvolvimento;

(iv) criação da nova terminologia e sua correspondente conceituação;

(v) aprovação e certificação por especialistas. (DECS, 2005)

As etapas acima enumeradas fazem transparecer o rigor científico de tratamento do conjunto vocabular utilizado no domínio médico/Saúde Pública. O trabalho em parceria entre os especialistas da área médica e os lingüistas é primordial e fecha um processo de análise criteriosa dos dados.

No que concerne ao estudo de freqüência de uso dos termos de Saúde Pública em bases de dados, esse é o resultado de um projeto maior, de responsabilidade do BIREME, que se encarregou de elaborar um programa informático para essa finalidade específica. Este é aplicado às bases LILACS, AdSAÚDE e ao acervo das bibliotecas da Faculdade de Saúde Pùblica da USP e da ENSP/FIOCRUZ. É ainda de responsabilidade do BIREME "compilar os dados relativos à estatística de uso, para se identificar termos com sobrecarga de uso e avaliar a necessidade de desmembramento conceitual" (DECS, 2005).

Pelos dados acima expostos, podemos verificar que, na base DeCS, a atualização e renovação terminológica é constante e obedece a um ritmo acelerado, procurando, assim, acompanhar o dinamismo de produção terminológica próprio do domínio da Medicina/Saúde Pública.

3.5. CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DAS DOENÇAS

3.5.1. Considerações iniciais

A *Classificação Estatística Internacional das Doenças e de Problemas relacionados à Saúde* – CID é um importante mecanismo de identificação dos principais males que afligem as populações, servindo às autoridades sanitárias como orientação sobre as diretrizes a serem tomadas no que concerne às políticas sanitárias.

A CID revelou-se de grande auxílio em nossa pesquisa, tanto no que concerne à confirmação das designações em português, quanto no que tange à identificação de equivalentes em outros idiomas, visto que é traduzida para boa parte das línguas do mundo.

3.5.2. Conceito e objetivos

Nos meios médicos internacionais entende-se por classificação de doenças "um sistema de categorias atribuídas a entidades mórbidas segundo algum critério estabelecido" (DATASUS-CID 10, 2002).

Existem diversos sistemas de classificação internacionais, como, por exemplo, *ICIDH-2-International Classification of Functioning, Disability and Health*, *CIDI-Composite International Diagnostic Interview*, mas a adoção de uma classificação depende do uso que se deseja fazer das estatísticas elaboradas. Segundo as autoridades no assunto, "uma classificação estatística de doenças precisa incluir todas as entidades mórbidas dentro de um número manuseável de categorias" (DATASUS-CID 10, 2002).

Muitas especialidades médicas adotam classificações próprias, mas, do ponto de vista geral, a classificação mais abrangente e importante, mundialmente reconhecida, é a *CID- Classificação Estatística Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados à Saúde*.

3.5.3. Aspectos históricos

Em 1893, o médico francês Alphonse Bertillon elaborou a cassificação que viria a ser chamada de *Lista Internacional de Causas de Morte*, também conhecida por Classificação de Bertillon. Recebia esse nome porque era fruto das anotações de Bertillon que, como médico legista, registrava a *causa mortis* dos falecidos cuja autópsia era obrigado a fazer. Tornou-se internacional porque, mais tarde, essa classificaçãofoi adotada por autoridades médico-legais de vários países.

Desde então essa classificação é periodicamente submetida a revisões e a Sexta Versão, de 1948, passou a incluir doenças fatais e não-fatais, procurando,

assim, tornar-se uma classificação geral das doenças (e não apenas das causas de morte), daí o nome Classificação Internacional das Doenças - CID.

Com o objetivo de atender às necessidades estatísticas das diferentes organizações nacionais e internacionais, a Nona Revisão foi enriquecida, a título experimental, com classificações suplementares de deficiências, incapacidades, desvantagens e de procedimentos em Medicina (DATASUS-CID 10, 2002), medida aprovada pela Conferência Internacional Para a Nona Revisão, ocorrida em Genebra, em 1975.

3.5.4. A CID NA DÉCIMA VERSÃO

A Décima Revisão é a última versão da tradicional CID. Com o objetivo de "tornar mais claro o conteúdo, a finalidade, bem como refletir a extensão progressiva da abrangência da classificação além de doenças e lesões" (DATASUS-CID10, 2002) foi alterado o título da classificação para *Classificação Estatística Internacional de Doenças e de Problemas relacionados à Saúde*. Manteve-se, porém, a sigla "CID", uma vez que já está memorizada pela comunidade médica.

A Décima Revisão da CID entrou em vigor, em nível internacional, em 1º de janeiro de 1993 e seus dados foram disponibilizados em suporte tradicional (forma impressa) e em meios eletrônicos, para maior facilidade de acesso. A Organização Mundial da Saúde-OMS também pretende disponibilizar, no futuro, com o auxilio dos Centros Colaboradores, outros programas (softwares), inclusive um que permita a conversão da Nona Revisão para a Décima Revisão, e vice-versa (DATASUS-CID 10, 2002).

3.5.4.1. Processo de preparação da CID10

Em 1983 iniciaram-se os trabalhos para a Décima Revisão da CID. Nesse sentido realizou-se em Genebra a primeira Reunião Preparatória, que deliberou um programa de trabalho. Este se caracterizou por reuniões periódicas dos Diretores de Centros Colaboradores da OMS para a Classificação de Doenças, complementadas por reuniões especiais, realizadas em 1984 e 1987, dentre as quais, as do Comitê de Peritos em Classificação Internacional de Doenças - Décima Revisão (DATASUS-CID 10, 2002).

A Conferência Internacional Para a Décima Revisão da Classificação Internacional de Doenças deu-se em sua sede em Genebra, de 26 de setembro a 2 de outubro de 1989. Esta adotou uma agenda que discutia o "conteúdo dos capítulos da Décima Revisão e o material a ser incorporado no manual a ser publicado; o processo para sua introdução; e sobre a família de classificações e temas correlatos" (DATASUS-CID 10, 2002). Dela participaram delegados de 43 países membros, representantes da ONU, da Organização Internacional do Trabalho-OIT, dos Escritórios Regionais da OMS, do Conselho das Organizações Internacionais de Ciências Médicas, de doze organizações não-governamentais que se ocupam de registros de câncer, surdez, Epidemiologia, Medicina de Família, Ginecologia e Obstetrícia, hipertensão, documentação médica, Medicina Preventiva e Social, Neurologia, Psiquiatria, reabilitação e doenças sexualmente transmissíveis (DATASUS-CID 10, 2002).

A Conferência elegeu seu presidente, vice-presidentes e relatores, destando-se, entre eles, o Prof. Dr. Rui Laurenti, da USP, representante do Brasil e eleito Vice-Presidente da Conferência (DATASUS-CID 10, 2002).

Procurou-se, nas atividades preparatórias, proceder a uma revisão radical sobre a adequação da estrutura da CID tendo em vista várias necessidades, dentre elas, estatísticas sobre mortalidade e o fornecimento de dados para a assistência à Saúde.

unesp

Foram estudadas maneiras de se estabilizar o sistema de códigos, visando, assim, minimizar a descontinuidade em sucessivas revisões e garanntir o equilíbrio do conteúdo dos diferentes capítulos da CID (DATASUS-CID 10, 2002).

Um dos objetivos da última atualização é torná-la mais adequada às necessidades dos estudos epidemiológicos gerais e a uma avaliação mais precisa da assistência à Saúde. Assim, as afecções foram agrupadas de forma a dar conta desses aspectos.

No processo de revisão da estrutura da CID, percebeu-se que a mesma não seria capaz de atender a todas as necessidades. Por isso, decidiu, adotar o conceito de "família" de classificações. Assim, a CID passou a constituir o núcleo central que recobriria as necessidades de estatísticas de mortalidade e morbidade, e outras classificações específicas supririam as necessidades de pormenores.

A proposta final da CID é o resultado de um processo que preparou minutas, que foram encaminhadas para comentários entre os países membros, revisadas por outros interessados, revistas pelo Comitê de Peritos, analisadas por grande número de associações de especialistas, por peritos individuais, por unidades da OMS (da sede central e dos escritórios regionais) e pelos Centros Colaboradores (DATASUS-CID 10, 2002).

3.5.4.2. Conteúdo e características gerais

Os textos que compõem a CID-10 foram distribuídos em três volumes. O volume 1 contém a Lista Tabular, o Relatório da Conferência Internacional para a Décima Revisão, a Classificação propriamente, a classificação da morfologia de neoplasias, listas especiais de tabulação para mortalidade e para morbidade, as definições e os regulamentos da nomenclatura.

O volume 2 se caracteriza como um Manual de Instruções, apresentando notas sobre a certificação médica e sobre a classificação, enriquecida de informações e instruções sobre o uso do Volume 1, sobre as tabulações e sobre o planejamento para o uso da CID, material que não constava das revisões anteriores. Uma história da CID também é exposta no volume 2. Por fim, no volume 3 encontra-se o Índice Alfabético, com instruções de uso da CID.

Uma das principais inovações da Décima Revisão da CID é o código alfanumérico, "que consiste em uma letra seguida de três números em nível de quatro caracteres" (DATASUS-CID 10, 2002). A nova estrutura permitiu redobrar de tamanho o conjunto de códigos em relação à Nona Revisão.

Para a maior parte dos capítulos foi atribuída uma única letra e a cada uma foram associadas 100 categorias de três caracteres. Das 26 letras existentes foram utilizadas 25, tendo a letra U sido deixada como código-reserva, para adições e alterações futuras. Poderá ainda servir a classificações provisórias, para resolver problemas que venham a surgir entre as revisões, em nível nacional ou internacional (DATASUS-CID 10, 2002). Decidiu-se que algumas categorias de três caracteres ficariam vazias para expansões e revisões futuras e que esse número variaria de acordo com os capítulos. Assim, alguns deles, que tratam de elementos de Anatomia – e, portanto, passíveis de revisões restritas – teriam menor número de categorias (DATASUS-CID 10, 2002).

Uma inovação importante foi a introdução, ao final de alguns capítulos, de categorias para identificação de transtornos advindos de procedimentos cirúrgicos ou decorrentes de problemas de assistência médica.

O sistema duplo de classificação "cruz e asterisco", foi mantido – e mesmo expandido – , para alguns diagnósticos. De acordo com ele, "+": classificação por etiologia; "*": classificação por manifestação; em branco: não tem dupla classificação.

3.5.4.3. Semelhanças e diferenças das versões anteriores

As principais inovações da CID10 – e que a distinguem das versões que a precederam – foram descritas no item anterior (*Conteúdo e características gerais)*. Outros aspectos merecem ainda destaque, como o fato de a Décima Revisão da CID, em português, deixar de considerar o homossexualismo como uma doença. Essa nova compreensão permite tratar de modo mais adequado – e socialmente justo – a AIDS. Com efeito, na CID-10 essa doença é descrita como causada pelo vírus HIV e indica subcategorias que abrangem as doenças oportunistas (EDUSP-CID10, 2005).

A CID-10, depois de aprovada, passou ainda por revisões, tendo tido a versão eletrônica 1.5a, de 01/12/1997; 1.5b, de 17/12/1997; 1.6, de 30/01/1998; 1.6a, de 29/06/1998; 1.6b, de 07/08/1998 e 1.6c, de 30/09/1998. A versão 1.5a foi a primeira a ser disponibilizada em suporte eletrônico. Exemplos de diferenças existentes entre as versões podem ser visualizadas na tabela abaixo:

Versão 1.6c

F45.0 (*)	Estão assinaladas em negrito as categorias e subcategorias adicionadas ou eliminadas. As alterações efetuadas sob recomendação da Organização Mundial de Saúde - OMS estão assinaladas com asterisco; as demais foram feitas sob recomendação do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português - CBCD.

Código	Alteração
A81 (*)	Alterado *vírus lentos* para *vírus atípico* Adicionado o termo de inclusão *Doença do sistema nervoso central causada por príon*
A81.8 (*)	Alterado vírus lentos para vírus atípico
A81.9 (*)	Alterado *vírus lentos* para *vírus atípico* Eliminado o termo de inclusão *Infecção por vírus lento SOE* Adicionado o termo de inclusão *Doença do sistema nervoso central causada por príon*
B60 (*)	Adicionado o termo de exclusão *microsporidiose intestinal* (A07.8)

	C13.8	Alterado o termo *orofaringe* para *hipofaringe*
	C96.7	Alterado o termo *relacionados* para *correlatos*
	C96.9	Subcategoria adicionada: *Neoplasia maligna dos tecidos linfático, hematopoético e tecidos correlatos, não especificado*
	E16.4 (*)	Subcategoria adicionada: *Secreção anormal de gastrina* Adicionado o termo de inclusão *Hipergastrinemia* Adicionado o termo de inclusão *Síndrome de Zollinger-Ellison*
	E16.8 (*)	Eliminado o termo de inclusão *Hipergastrinemia* Eliminado o termo de inclusão *Síndrome de Zollinger-Ellison*
	F31.8 (*)	Alterado o termo de inclusão *Episódios maníacos recidivantes para Episódios maníacos recidivantes SOE*
F48.8 (*)	Eliminado o termo de inclusão *Transtorno de Briquet*	
H50.2 (*)	Adicionado o termo de inclusão *Hipertropia* Adicionado o termo de inclusão *Hipotropia*	
H50.4 (*)	Eliminado o termo de inclusão *Hipertropia* Eliminado o termo de inclusão *Hipotropia*	
J34.1 (*)	Alterada a descrição da subcategoria para *Cisto e mucocele do nariz e do seio paranasal*	
K31.7 (*)	Subcategoria adicionada: *Pólipo do estômago e do duodeno* *Adicionado o termo de exclusão pólipo adenomatoso do estômago* (D13.1)	
K63.5 (*)	Subcategoria adicionada: *Pólipo de cólon* Adicionado o termo de exclusão *pólipo adenomatoso de cólon (D12.6)* Adicionado o termo de exclusão *polipose de cólon (D12.6)*	
K75.4 (*)	Subcategoria adicionada: *Hepatite autoimune*	
N13.1	Alterado o termo *uretra* para *ureter*	
N13.2	Alterado o termo *uretral* para *ureteral*	
Q15.0 (*)	Alterado o termo de inclusão *Ceratoglobo congênito* para *Ceratoglobo congênito, com glaucoma* Adicionado o termo de inclusão *Macrocórnea com glaucoma* Alterado o termo de inclusão *Megalocórnea para Megalocórnea com glaucoma*	
Q35.0, Q35.2, Q35.4 e Q35.8 (*)	Subcategorias eliminadas	
Q35.1, Q35.3, Q35.5 e Q35.9 (*)	Eliminados os termos *unilateral* e *bilateral*	
Q37.0 a Q37.9 (*)	Os termos *unilateral* e *bilateral* passaram a se referir à *fenda labial* e não mais à *fenda do pálato*	
Q37.1	O termo *pálato duro mole* passou a ser apenas *pálato duro*	
Q71.9	Descrição alterada para *Defeito por redução de membro superior, não especificado*	
Q75.4 (*)	Adicionado o termo de inclusão *Síndrome de Franceschetti* Adicionado o termo de inclusão *Síndrome de Treacher Collins*	
Q87.0 (*)	Eliminado o termo de inclusão *Síndrome de Treacher Collins*	
S37 (*)	Alterada a descrição de *Traumatismo de órgãos pélvicos* para *Traumatismo do aparelho urinário e de órgãos pélvicos*	
T59	Alterado o termo *fumo* para *fumaça*	

X00-X09 e respectivas subcategorias	Alterado o termo *fumo* para *fumaça*
Z52.6 (*)	Subcategoria adicionada: *Doador de fígado*
Z52.7 (*)	Subcategoria adicionada: *Doador de coração*
Geral	Acertos de português e de formatação, principalmente os marcadores (*bullets*) a partir do capítulo XI

Figura 9 - Versão 1.6c CID-10

As informações mostram que a revisão da CID se faz não apenas no que concerne à organização em categorias de doenças, mas também no que tange à precisão terminológica da Medicina.

3.5.5. A CID e o Brasil

3.5.5.1. Participação do Brasil na elaboração da CID

A participação brasileira foi marcante durante todo o processo de revisão da CID10, atuação reconhecida pela própria eleição do Prof. Dr. Rui Laurenti, da USP, como Vice-Presidente da Conferência Internacional Para a Décima Revisão da Classificação Internacional de Doenças.

O Brasil é o responsável pela tradução, adaptação, publicação e divulgação da CID nos países de língua portuguesa, e quem desenvolve essas atividades é o Centro Brasileiro de Classificação de Doenças-CBCD. Esse foi criado em 1976 em função de um convênio estabelecido entre a Organização Panamericana de Saúde-OPAS, o Ministério da Saúde do Brasil e a Universidade de São Paulo. Sua sede encontra-se no Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP.

3.5.5.2. Divulgação das informações

O Brasil participou da 43ª Assembléia Mundial de Saúde e é signatário das Resoluções aprovadas na mesma. Honrando o compromisso assumido, o Ministério da

Saúde brasileiro baixou a Portaria nº 1.311, de 12 de setembro de 1997, que determina a implantação da *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* - CID-10. A data de referência da competência da mesma é janeiro de 1998, válida para todo o território nacional, no que concerne aos aspectos da Morbidade Hospitalar e Ambulatorial. Desse modo, compatibiliza o Sistema de Informação de Mortalidade (Portaria GM/MS/nº 1832/94) com o de Morbidade (DATASUS-CID10, 2002).

Com o objetivo de disseminar informações sobre Saúde em geral e, no caso particular, da CID10, o Ministério da Saúde, mais especificamente Sistema Único de Saúde-SUS, determinou à Coordenação de Informações de Saúde, do Departamento de Informática do SUS, da Secretaria Executiva do Ministério da Saúde (COINS/DATASUS/SE/MS) a criação do DATASUS.

Assim, por meio do *site* www.datasus.gov.br, os usuários podem acessar a CID diretamente via *Internet* ou dar o *download,* gratuitamente, dos arquivos contendo todos os dados (códigos e descrições) da CID-10.

3.5.5.3. PesqCID10

Buscando atingir plenamente seu objetivo de "facilitar a codificação de agravos pela CID-10, a partir da descrição dos mesmos" (DATASUS-CID10, 2002), o DATASUS desenvolveu um programa, o PESQCID-Programa de pesquisa Versão 2.2, por meio do qual pode-se procurar o código de uma doença ou elemento anatômico. O funcionamento da base de dados é explicado detalhadamente pelo *site*, como segue:

> Ao se iniciar o programa, a tela apresenta dois painéis e um campo de pesquisa.
>
> Digite os termos referentes ao agravo a ser pesquisado no campo Procurar. Os termos podem ser digitados usando-se apenas a raiz da palavra, apendada por um asterisco (*). Exemplo: tuberc* recupera

tuberculose, tuberculina, tuberculoso, tuberculosa, tubérculo etc. Observação: os termos podem ser digitados com ou sem acentuação, maiúsculas ou minúsculas. Recomenda-se não usar preposições, conjunções e artigos, por serem pouco significativos na pesquisa.

Clique no botão Procurar ou tecle Enter ou comande alt-P.

No painel superior, serão exibidas as categorias e subcategorias que satisfazem ao critério de pesquisa.

Clique em alguma das categorias ou subcategorias indicadas. No painel inferior, será exibida a descrição completa da categoria/subcategoria, inclusive com termos de exclusão, sinônimos, observações etc. O texto é um espelho da descrição existente no volume I.

Se a categoria apresentada contiver um hífen no seu quarto caractere, isto indica que esta categoria contém subcategorias, não devendo, portanto, ser usada como código do agravo. Ela é exibida para verificar as observações e termos de exclusão correspondentes.

Se a categoria apresentada contiver apenas três caracteres (letra + 2 dígitos), esta categoria não contém subcategorias, podendo ser usada como código do agravo.

Utilizando-se um clique duplo sobre uma palavra do painel inferior, esta palavra é transposta para o campo Procurar e nova pesquisa é automaticamente feita com este termo. Isto é particularmente útil quando, no painel inferior, aparecem termos de exclusão sobre os quais se deseja fazer a pesquisa.

Clicando-se sobre o botão contendo um livro fechado, é aberto o dicionário contendo todas as palavras- chave existentes. Esse dicionário pode ser acessado clicando-se sobre a seta no lado direito do campo Procurar. Clicando-se novamente no botão com o livro (agora aberto), o dicionário é fechado. Isso não interfere nos resultados da busca.

Restrições de uso: O dicionário de termos foi construído a partir do volume I. Portanto, alguns sinônimos só existentes no volume III não serão encontrados.

Alguns termos, apesar de comuns, não são replicados em todas as categorias/subcategorias correspondentes. Exemplos: o termo *câncer* só recupera alguns poucos casos específicos.

Deve-se utilizar, então, o termo neoplasia, adotado pela CID-10. Analogamente, *disparo* ou *arma* devem ser usadas no lugar de *tiro*. (DATAUS, 2002)

Exemplo de consulta: quando solicitamos ao Pesq CID10 o termo *amiloidose*, a base de dados nos fornece os seguintes dados:

E85 Amiloidose
Exclui:
doença de Alzheimer (G30.-)

E85.0 Amiloidose heredofamiliar não-neuropática
Febre familiar do Mediterrâneo
Nefropatia amilóide hereditária

E85.1 Amiloidose heredofamiliar neuropática
Polineuropatia amilóide (portuguesa)

E85.2 Amiloidose heredofamiliar não especificada

E85.3 Amiloidose sistêmica secundária
Amiloidose associada à hemodiálise

E85.4 Amiloidose limitada a órgãos
Amiloidose localizada

E85.8 Outras amiloidoses

E85.9 Amiloidose não especificada

Como podemos observar, a base de dados nos informa o código geral da doença (E85) e os diferentes tipos de amiloidose, acompanhados das respectivas classificações.

3.5.5.4. Capítulos temáticos da CID-10

Consultando-se a CID10 em português, na base de dados PesqCID10, podemos ter uma visão panorâmica dos capítulos que ela contém e os respectivos códigos alfa-numéricos:

- Capítulo I Algumas doenças infecciosas e parasitárias (A00-B99)
- Capítulo II Neoplasias [tumores] (C00-D48)
- Capítulo III Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (D50-D89)
- Capítulo IV Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (E00-E90)
- Capítulo V Transtornos mentais e comportamentais (F00-F99)
- Capítulo VI Doenças do sistema nervoso (G00-G99)
- Capítulo VII Doenças do olho e anexos (H00-H59)

- Capítulo VIIIDoenças do ouvido e da apófise mastóide (H60-H95)
- Capítulo IX Doenças do aparelho circulatório (I00-I99)
- Capítulo X Doenças do aparelho respiratório (J00-J99)
- Capítulo XI Doenças do aparelho digestivo (K00-K93)
- Capítulo XII Doenças da pele e do tecido subcutâneo (L00-L99)
- Capítulo XIII Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (M00-M99)
- Capítulo XIV Doenças do aparelho geniturinário (N00-N99)
- Capítulo XV Gravidez, parto e puerpério (O00-O99)
- Capítulo XVI Algumas afecções originadas no período perinatal (P00-P96)
- Capítulo XVII Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas (Q00-Q99)
- Capítulo XVIII Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte (R00-R99)
- Capítulo XIX Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas (S00-T98)
- Capítulo XX Causas externas de morbidade e de mortalidade (V01-Y98)
- Capítulo XXI Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde (Z00-Z99)

São, portanto, 21 capítulos, que procuram abarcar o maior número possível de doenças e causas de morte.

3.6. A DERMATOLOGIA NA CID10

O capítulo 12 da CID10 dedica-se às dermatoses e doenças do tecido subcutâneo, possuindo a seguinte estrutura:

Capítulo XII Doenças da pele e do tecido subcutâneo (L00-L99)

L00-L08 Infecções da pele e do tecido subcutâneo

L00 Síndrome da pele escaldada estafilocócica do recém-nascido

L01 Impetigo

L02 Abscesso cutâneo, furúnculo e antraz

L03 Celulite (Flegmão)

L04 Linfadenite aguda

L05 Cisto pilonidal

L08 Outras infecções localizadas da pele e do tecido subcutâneo

L10-L14 Afecções bolhosas

L10 Pênfigo

L11 Outras afecções acantolíticas

L12 Penfigóide

L13 Outras afecções bolhosas

L14* Afecções bolhosas em doenças classificadas em outra parte

L20-L30 Dermatite e eczema

L20 Dermatite atópica

L21 Dermatite seborréica

L22 Dermatite das fraldas

L23 Dermatites alérgicas de contato

L24 Dermatites de contato por irritantes

L25 Dermatite de contato não especificada

L26 Dermatite esfoliativa

L27 Dermatite devida a substâncias de uso interno

L28 Líquen simples crônico e prurigo

L29 Prurido

L30 Outras dermatites

L40-L45 Afecções pápulo-descamativas

L40 Psoríase

L41 Parapsoríase

L42 Pitiríase rósea

L43 Líquen plano

L44 Outras afecções pápulo-descamativas

L45* Afecções pápulo-descamativas em doenças classificadas em outra parte

L50-L54 Urticária e eritema

L50 Urticária

L51 Eritema polimorfo (eritema multiforme)

L52 Eritema nodoso

L53 Outras afecções eritematosas

L54* Eritema em doenças classificadas em outra parte

L55-L59 Transtornos da pele e do tecido subcutâneo relacionados com a radiação

L55 Queimadura solar

L56 Outras alterações agudas da pele devidas a radiação ultravioleta

L57 Alterações da pele devidas à exposição crônica à radiação não ionizante

L58 Radiodermatite

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

L59 Outras afecções da pele e do tecido subcutâneo relacionadas com a radiação

L60-L75 Afecções dos anexos da pele

L60 Afecções das unhas

L62* Afecções das unhas em doenças classificadas em outra parte

L63 Alopécia areata

L64 Alopécia androgênica

L65 Outras formas não cicatriciais da perda de cabelos ou pêlos

L66 Alopécia cicatricial [perda de cabelos ou pêlos, cicatricial]

L67 Anormalidades da cor e do pedículo dos cabelos e dos pêlos

L68 Hipertricose

L70 Acne

L71 Rosácea

L72 Cistos foliculares da pele e do tecido subcutâneo

L73 Outras afecções foliculares

L74 Afecções das glândulas sudoríparas écrinas

L75 Afecções das glândulas sudoríparas apócrinas

L80-L99 Outras afecções da pele e do tecido subcutâneo

L80 Vitiligo

L81 Outros transtornos da pigmentação

L82 Ceratose seborréica

L83 Acantose nigricans

L84 Calos e calosidades

L85 Outras formas de espessamento epidérmico

L86* Ceratodermia em doenças classificadas em outra parte

L87 Transtornos da eliminação transepidérmica

L88 Piodermite gangrenosa

L89 Úlcera de decúbito

L90 Afecções atróficas da pele

L91 Afecções hipertróficas da pele

L92 Afecções granulomatosas da pele e do tecido subcutâneo

L93 Lúpus eritematoso

L94 Outras afecções localizadas do tecido conjuntivo

L95 Vasculite limitada a pele não classificadas em outra parte

L97 Úlcera dos membros inferiores não classificada em outra parte

L98 Outras afecções da pele e do tecido subcutâneo não classificadas em outra parte

L99* Outras afecções da pele e do tecido subcutâneo em doenças classificadas em outra parte

As afecções da pele e dos tecidos correspondentes recebem, dessa maneira, como código a letra L, acompanhada de dois ou três numerais, que vão de 00 a 99.

Boa parte das doenças identificadas ou tratadas por dermatologistas não é exatamente da pele, mas afecções que têm manifestação cutânea. Com efeito, a hanseníase, por exemplo, não é uma doença do sistema tegumentar, mas apresenta manifestações na pele. Por esse motivo, todos os tratados de Dermatologia a incluem entre as afecções que devem obrigatoriamente ser conhecidas pelos dermatologistas, visto que inúmeros pacientes procuram esses profissionais impulsionados pelo aparecimento de manchas na pele com falta de sensibilidade ao toque. Sendo assim, é comum um dermatologista ser o primeiro a identificar casos de hanseníase, por exemplo, e, em seguida, encaminhar o paciente aos especialistas na matéria.

Esse caso – e tantíssimos outros – que ocorrem no campo da Dermatologia evidenciam uma característica dessa área do saber e, com certeza, de outros ramos da Medicina: a interdisciplinaridade das disciplinas da área médica.

4. O DOMÍNIO DA DERMATOLOGIA

A Medicina tem se desenvolvido a passos largos nos últimos séculos (XIX e XX), tendo entrado no século XXI com pesquisas de grande porte em andamento. A Dermatologia segue trajetória semelhante.

Entendida neste trabalho como o "ramo da Medicina que estuda a pele, sua química, fisiologia, histopatologia, as lesões cutâneas e as relações com a doença sistêmica" (STEDMAN, 1996, P. 347), a Dermatologia ocupa lugar de destaque no Brasil, uma vez que, por ser predominantemente tropical, nosso país é vítima de uma série de doenças provocadas por insetos ou animais peçonhentos e sofre com alto índice de câncer de pele, devido ao sol forte.

Segundo Jayme de Oliveira Filho (2001), cabe ao dermatologista "avaliar, prevenir e tratar do mais extenso órgão do ser humano que é a pele e sua atividade resulta do conhecimento de mais de 2000 doenças que acometem essa extensa área corporal".

4.1. A DERMATOLOGIA NO BRASIL

Remédios para a cura de feridas, coceiras e outras enfermidades da pele são comuns entre a população brasileira: benzedeiras e curandeiros conhecem sempre uma receita caseira ou simpatia para esses males.

Esse conhecimento vem sendo passado de geração em geração desde os povos indígenas que habitavam o Brasil pré-cabralino, enriquecendo-se com as contribuições portuguesa e africana.

A indústria farmacêutica atual investe muito na produção de remédios para dermatoses, levando em consideração as particularidades brasileiras. Para tanto,

alimenta-se dos estudos desenvolvidos nas Universidades, uma vez que, hoje, o Brasil é dono de intensa produção científica na área, com alto padrão de excelência.

O atual grau de desenvolvimento da Dermatologia em nosso país é fruto de pouco mais de um século de pesquisas. De fato, de acordo com Carneiro (2002, p. 41), "não existiu uma dermatologia brasileira antes do final do Século XIX, em se falando de teoria e prática estruturadas dentro do conceito de especialização".

A Dermatologia instalou-se como cátedra nas Universidades brasileiras em 1883. Em 5 de fevereiro de 1912 foi fundada, na cidade do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Dermatologia-SBD, na época denominada *Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia*. Sua criação foi fundamental para o desenvolvimento dessa disciplina médica em nosso país, como nos conta Carneiro (2002, p. 50):

> Resultante da dinâmica induzida pelo ensino da nova especialidade no país – na década de oitenta do Século XIX-, e do impulso à pesquisa microbiológica dado pelo Instituto Oswaldo Cruz – no começo do Século XX -, a Sociedade Brasileira de Dermatologia surgiu para apoiar e ampliar o processo de formação, coesão e valorização da categoria profissional, priorizando o estímulo à investigação científica e favorecendo a implantação de uma escola nacional criativa no país, além de conectada e respeitada no exterior.

A criação da cátedra de Dermatologia, a fundação da SBD, associadas às pesquisas desenvolvidas por Oswaldo Cruz, impulsionaram, assim, consideravelmente, esse ramo médico no Brasil, permitindo sua projeção no cenário científico mundial.

Hoje a Sociedade Brasileira de Dermatologia tem os seguintes objetivos e funções:

> A Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), fundada em 5 de fevereiro de 1912, com prazo de duração indeterminado, sob a denominação de Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia, na cidade do Rio de Janeiro, na Av. Rio Branco nº 39, 18º andar, CEP 20090-003, Caixa Postal 389, sua sede e foro, tem por objetivo o estudo, ensino e pesquisa da Dermatologia e domínios afins.
>
> A SBD manifestar-se-á, sempre que necessário, sobre: definição de atos dermatológicos; delimitação de área de atividade do dermatologista; outros assuntos de interesse do exercício da profissão.

> A SBD poderá propor, às entidades competentes, medidas visando preservar, disciplinar e fiscalizar o exercício da Dermatologia.
>
> A SBD procurará contribuir para a orientação e solução dos aspectos médico-sociais da Dermatologia e domínios afins. (SBD, 2005)

Contando com o apoio da SBD e com os inúmeros estudos financiados pelas agências de fomento à pesquisa, a Dermatologia brasileira afirmou-se em qualidade, sendo, hoje, respeitada em nível internacional.

4.2. A DERMATOLOGIA NO MUNDO

Os estudos sobre a pele e seus males é, talvez, um dos mais antigos. De fato, as doenças da pele sempre chamaram a atenção do homem, uma vez que são aparentes e, muito freqüentemente, incomodam, sobretudo as feridas, coceiras e alergias.

Baseada em Carneiro (2002, p. 34-35), Francine de Assis Silveira resume a evolução da Dermatologia da Antigüidade à Idade Média como segue:

> A história da Dermatologia se confunde com a da Medicina em geral. Desde a Antigüidade, as doenças da pele sempre preocuparam o homem, por serem, em sua grande maioria, visíveis e por incomodarem muito, como as coceiras, alergias e feridas. A partir da civilização egípcia, todas as que se seguiram deram muita importância às doenças da pele. Alguns nomes são lembrados ainda hoje por sua participação nos estudos dermatológicos: Imhotep (egípcio, 3000 a.C.), que foi o primeiro a preocupar-se com doenças cutâneas; Hipócrates, que as descreveu parcialmente; Aristóteles (384-322 a.C.) que estudou unhas, cabelos, piolhos e lepra; o romano Celso e Galeno, grego radicado em Roma, tendo este último iniciado os estudos de Anatomia e Fisiologia cutâneas.
>
> Entre os nomes que poderíamos citar, estão o próprio Moisés, que foi considerado o primeiro sanitarista do mundo; Rhazes (860-932 d.C.), que fez uma descrição da varíola, distinguindo-a do sarampo, e Avicena (989-1037 d.C.), que descreveu as doenças do couro cabeludo, carbúnculos e antrax.
>
> A partir do século XII, a Europa voltou a ser o centro de desenvolvimento dos estudos médicos. Grandes descobertas e sistematizações aconteceram, revelando a evolução científica do domínio. (SILVEIRA, 2005, p. 50-51)

Com o advento dos descobrimentos, a Europa passou a ter contato com outros povos e com doenças antes desconhecidas nesse continente. Por força das circunstâncias, a Medicina teve que se debruçar sobre a nova realidade e procurar cura para males desafiadores.

Os séculos XVIII e XIX foram marcantes para a Dermatologia e foi nesse período que nasceu e viveu o médico inglês considerado o fundador da Dermatologia: Robert Willan (1757-1812). Nascido em Londres, esse cientista elaborou uma classificação das doenças da pele baseada em "pilares sólidos de morfologia" (CARNEIRO, 2002, p. 37), que passou a ser referência internacional. Thomas Bateman (1779-1821) deu continuidade a seu trabalho após sua morte.

A contribuição de Ferdinand Ritter von Hebra foi fundamental para a afirmação da Dermatologia enquanto disciplina científica. Austríaco nascido em 1816 e falecido em1880,

> foi um dos fundadores da nova Escola de Dermatologia de Viena, a qual forneceu as bases da Dermatologia moderna. Descreveu e denominou várias doenças da pele, destacando-se entre elas o lupus, a pitiríase, a tinea cruris, a tinea rubra e a dermatite herpetiforme, tendo sido o primeiro a descrever esta última. (WHONAMEDIT, 2005)

Na França, a Dermatologia conheceu grande desenvolvimento, tendo ocorrido em Paris o I Congresso Internacional de Dermatologia e Sifiligrafia (agosto de 1889). O Hospital São Luís, de Paris, tornou-se um grande centro de pesquisas e, até hoje, ocupa lugar de destaque no cenário científico mundial no que concerne às doenças da pele.

O forte e acelerado desenvolvimento da Medicina nos Estados Unidos acabou por transformar esse país na maior referência mundial da atualidade no campo dos estudos da Dermatologia.

Os cientistas brasileiros são unânimes em afirmar que as duas grandes fontes em que bebem são a francesa e a norte-americana. Os conhecimentos adquiridos com a produção científica desses dois países associados, aos conhecimentos obtidos com as pesquisas desenvolvidas no Brasil, conduzem a excelentes resultados no tratamento das enfermidades da pele que mais afligem a população brasileira.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

5. MECANISMOS DE PRODUÇÃO LEXICAL EM MEDICINA E DERMATOLOGIA[7]

A Dermatologia, enquanto ramo da Medicina, segue, em linhas gerais, as orientações dessa no que concerne à criação de novos termos. Reserva-se, no entanto, o direito a particularidades. Os processos de criação lexical em ambas as áreas não fogem, no entanto, do padrão geral da língua portuguesa e constituem igualmente objeto de estudo da Terminologia.

Neste capítulo expomos as principais diretrizes dadas pela Medicina e pela Dermatologia para a criação dos termos dessas áreas. Antes, porém, de nos atermos a esses aspectos específicos, apresentaremos os pressupostos teóricos gerais que dão sustentação às análises que faremos neste e no próximo capítulo.

5. 1. Modelos Teóricos gerais

As últimas décadas foram marcadas por intensa produção no campo da Terminologia, sobretudo no que concerne à descrição de conjuntos terminológicos, elaboração de obras terminográficas, desenvolvimento de tecnologia adequada ao tratamento computacional de terminologias e ao planejamento lingüístico.

Essa intensa atividade promoveu um inevitável processo de reflexão sobre o ser e o fazer da Terminologia, conduzindo a observações sobre as limitações da Teoria Geral da Terminlogia-TGT, elaborada por Eugen Wüster, que fundou a Terminologia

---

[7] Este capítulo contempla dados publicados no livro de nossa autoria, intitulado *Curso Básico de Terminologia* (São Paulo: Edusp, 2004) e dados apresentados sob a forma de comunicação no XIX Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Letras e Lingüística-ENANPOLL, que ocorreu de 28 de junho a 02 de julho de 2004 na cidade de Maceió.

unesp

em 1935. No bojo desse processo amadureceram críticas científicas que conduziram à evidência da necessidade de uma nova proposta teórico-metodológica para a Terminologia.

Sistematizada por Maria Teresa Cabré, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) nasceu como resposta a essa necessidade, constituindo, hoje, um novo paradigma, alternativo à TGT. A TCT reconhece o valor do modelo de Wüster e sua contribuição ao desenvolvimento dos estudos no campo da Terminologia, mas não deixa de considerá-lo reducionista e idealista, uma vez que este parte do pressuposto de que o conhecimento especializado é uniforme e independente das línguas e culturas (CABRÉ, 1999[a], p. 117).

Contrariamente à TGT, a TCT não aceita a distinção drástica entre unidade terminológica (termo) e unidade lexical da língua geral (palavra). Considera os termos como unidades lingüísticas que exprimem conceitos técnicos e científicos, mas que não deixam de ser signos de uma língua natural (geral), com características e propriedades semelhantes. A TCT reconhece a existência da variação conceptual e denominativa nos domínios de especialidade e leva em conta a dimensão textual e discursiva dos termos. Estes são unidades lingüísticas que devem ser consideradas em uma perspectiva poliédrica, ou seja, em seus aspectos lingüísticos, cognitivos e sociais (CABRÉ, 1999[a], p. 120).

A proposta de Cabré, alternativa à TGT de Wüster, calca-se numa visão comunicativa da linguagem e, mais particularmente, dos signos lingüísticos utilizados em domínios de especialidade. Seu objetivo é:

> descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como são ativados e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que nela se usam. (CABRÉ, 1999b, p. 133)

BIBLIOTECA

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A TCT tem conquistado terreno a passos largos entre os especialistas da área, uma vez que sintetiza os anseios dos pesquisadores em Terminologia descritiva e formaliza as observações oriundas de décadas de trabalho do coletivo mundial dos terminólogos, instrumentalizando os especialistas na matéria com uma nova ferramenta, mais adequada ao objeto de estudo da Terminologia e mais próxima da realidade.

A linha teórico-metodológica proposta por Wüster, e que marcou os estudos no campo da Terminologia desde os anos 1930 até os de 1990, prima, fundamentalmente, por seu caráter normativo. Considera que não deve haver ambigüidade na comunicação especializada e o princípio da univocidade (um conceito só pode ser designado por um único termo) deve ser respeitado a todo custo. Nesse sentido, rejeita totalmente a idéia da variação lingüística, da sinonímia, da polissemia e da homonímia.

Em oposição a essa visão, surgiu a Socioterminologia, antes mesmo da TCT ser formalizada. A Socioterminologia nasceu no bojo de um processo de amadurecimento nutrido pelas observações acima e, sobretudo, pelas contribuições dos terminólogos canadenses, destacando-se as preciosas colaborações de Yves Gambier, Jean-Claude Boulanger e Pierre Auger, tendo se formalizado com François Gaudin (1993).

A Socioterminologia procura analisar as terminologias do ponto de vista das "práticas lingüísticas e sociais concretas dos homens que a empregam" (GAUDIN, 1993, p. 216). Opõe-se à análise *in vitro* das terminologias (como o faz a TGT) e propõe um estudo *in vivo* nas línguas de especialidade. Para essa disciplina científica, é fundamental levar em consideração o uso dos termos e situar a comunicação especializada em seu lugar social. Privilegia, portanto, os aspectos sociais das linguagens de especialidade e parte do pressuposto de que a "prática terminológica é inseparável tanto do conhecimento do espaço da ação onde ela se dá, quanto das práticas de linguagem que visa modificar ou assegurar" (GAUDIN, 1993, p.212).

T. 2995/17

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas UNESP
BIBLIOTECA

Nesse sentido, a Socioterminologia opõe-se à TGT, uma vez que reconhece a existência da sinonímia, da homonímia, da polissemia e da variação lingüística nos discursos especializados, além de conceber o termo como um signo lingüístico no sentido que lhe dá Saussure, ou seja, como uma unidade composta de um conteúdo e uma expressão indissociáveis. De fato, para Wüster, o conceito e sua forma designativa são entidades distintas; a prioridade é dada ao conceito, que é independente da expressão, visão antagônica à da Socioterminologia.

Esta última ocupa-se, ainda, de estudos acerca dos processos de banalização da linguagem. As línguas de especialidade, assim como os conjuntos terminológicos a elas pertencentes, devem ser analisados levando-se em conta os aspectos sociais que os envolvem e as variações que deles decorrem.

5.2. Dinâmica de produção neológica

A produtividade dos sistemas lingüísticos é compreendida aqui como a capacidade de elaboração, de reelaboração, de recuperação e de armanezamento de informação dos sistemas lingüísticos. O equilíbrio entre a existência de um domínio de compreensão em um grupo sociolingüístico e a renovação do universo lexical, que responde às necessidades de comunicação, repousa na tensão dialética conservação/mutação. Cidmar T. Pais explica essa questão como segue:

> A tendência à conservação assegura a intercompreensão dos sujeitos falantes-auditores, impedindo mudanças rápidas demais, que poderiam conduzir a uma situação de incomunicação geral e à ruptura do sistema. Por outro lado, a tendência à mutação permite ao sistema semiótico produzir grandezas-signos, funções semióticas, isto é, novas significações, ao mesmo tempo que criar novos recortes culturais da substância que lhes corresponde. Dessa maneira, a criação simultânea das *designationes* e dos *designata* lhe dá a possibilidade de responder às necessidades de comunicação da comunidade e de ser um instrumento válido para a reelaboração da visão de mundo, acompanhando as mudanças socioculturais e se articulando entre si. (PAIS, 1979, p. 110)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A tensão dialética conservação/renovação constitui, assim, uma condição *sine qua non* para o funcionamento satisfatório do sistema lingüístico. O discurso é o espaço privilegiado da produção lexical.

A neologia é o processo de formação de novas unidades lexicais e o neologismo é o resultado desse processo, ou seja, é "uma unidade lexical nova (novo significante ou nova relação significante-significado), que funciona em um determinado modelo de comunicação e que não existia anteriormente" (DUBOIS, 1994, p. 322.). Em Terminologia, empregam-se freqüentemente os termos *neonímia* e *neônimo* para designar, respectivamente, o processo de criação lexical nas línguas (linguagens) de especialidade e a nova unidade terminológica (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 23).

Submetido à aceitação da comunidade sociolingüística e cultural, o neologismo pode chegar (ou não) a se instalar no nível do sistema. A renovação do léxico pode se dar pela substituição de certas unidades lexicais por outras e vários fenômenos podem se apresentar na dinâmica de produção lexical no seio de uma comunidade sociocultural. Maria A. Barbosa (1989, p. 147-148) menciona os seguintes casos:

- uma nova unidade lexical ganha prestígio em uma comunidade lingüística e sociocultural e começa a tornar-se uma norma. O neologismo passa a ter grande aceitação e perde, assim, seu caráter neológico;
- certas unidades lexicais podem vir a ser menos utilizadas em um ou mais universos de discurso, ficando, no entanto, disponíveis aos usuários no nível do sistema lingüístico;
- algumas unidades lexicais, embora em desuso, continuam a pertencer ao sistema, sendo conhecidas apenas por usuários de idades diferentes;

unesp

- com outras ocorre o mesmo fenômeno (deixam de ser empregadas correntemente), mas são conhecidas apenas por um bloco de usuários de idade avançada.

Deve-se, a nosso ver, fazer uma distinção entre os neologismos que obtêm sucesso em uma comunidade e que conquistam um lugar no sistema lingüístico, e os neologismos que são fruto de uma moda passageira. Esses últimos são o resultado de uma produção individual ou coletiva, porém não permanecem por muito tempo em uso. Os primeiros são chamados por Georges Matoré (1953) de *palavras-testemunhas*, enquanto que os últimos são chamados por J. Guiraud (1971) de *palavras ao vento*.

O neologismo pode ser, segundo Guilbert, o resultado de quatro processos lexicogênicos[8], que são assim explicados pelo autor:

> a neologia fonológica, a sintagmática, a semântica e o empréstimo. A primeira consiste na formação da substância do significante e na sua transcrição. A segunda engloba todos os modos de formação que implicam a combinação de elementos diferentes; ela é morfossintática e reúne todas as formas de derivação independentemente do lugar dos componentes ou da natureza formal de sua relação, apresente-se ela sob a forma de uma palavra ou de várias palavras. A terceira consiste na mutação semântica sem criação de uma substância significante nova; situa-se no nível do significado. A quarta trata os diferentes aspectos do empréstimo proveniente de uma língua estrangeira. (GUILBERT, 1975, p.59)

A produtividade lexical pode dar-se pelos mecanismos citados e por outros, dependendo das circunstâncias discursivas.

***

Os modelos teóricos que dão sustentação científica às nossas pesquisas sobre a terminologia da Dermatologia são, portanto, em suas linhas gerais, os da TCT e da Socioterminologia. É preciso, no entanto, ressaltar, que para determinados aspectos da pesquisa foi necessário buscar na Lingüística Geral, notadamente na Lexicologia,

---

[8] No âmbito das línguas (ou linguagens) de especialidade diríamos *processos terminogênicos*.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

arcabouço científico que permitisse sua análise. Os elementos teóricos relativos a questões específicas serão apresentados nos respectivos capítulos que compõem este trabalho.

5.3. Princípios de criação terminológica em Medicina

As intensas discussões sobre a terminologia médica que têm se dado em diversos congressos internacionais resultaram no estabelecimento de alguns princípios que norteiam a criação de neônimos nessa área do saber e em todos seus ramos.

Cumpre ressaltar que essas diretrizes nasceram, inicialmente, das discussões havidas no âmbito da Anatomia e se generalizaram à terminologia da Medicina. Por isso, os princípios que enumeramos abaixo apresentam, por vezes, marcas próprias da Anatomia. Apesar dessa especificidade, as normas são válidas para qualquer subárea da Medicina.

1. Cada estrutura anatômica deve ser designada por apenas um único termo, salvo pequeno número de exceções;
2. Todo termo da lista oficial (da Anatomia) deve se apresentar em forma latinizada, porém cada país tem a liberdade de traduzi-lo para o vernáculo com propósitos didáticos;
3. O termo deve ser, dentro do possível, curto e simples;
4. Sua formação morfossintática deve levar em conta aspectos mnemônicos;
5. De preferência, deve ter também algum valor informativo ou descritivo;
6. Estruturas relacionadas topograficamente pela proximidade devem, dentro do possível, ser designadas pelos mesmos termos; por exemplo: *Arteria femoralis, Vena femoralis, Nervus femoralis*, etc.

unesp

7. Os adjetivos qualificativos devem ser, de modo geral, opostos; por exemplo: *major* e *minor*, *superficialis* e *profundus* etc.
8. Epônimos não devem ser usados.
9. Os termos devem ser os mais facilmente traduzíveis para as línguas modernas.

Esses princípios são básicos para a Anatomia e servem de referência para toda a Medicina (BECKER, 1977, p. VII- XIII).

5.4. Particularidades da terminologia da Dermatologia

No caso da Dermatologia, os especialistas têm discutido a questão da harmonização da sua terminologia em diversos eventos internacionais e têm determinado regras básicas para a criação ou adoção de termos nesse subdomínio médico.

Uma grande referência para o tema é o Congresso Internacional de Dermatologia ocorrido em 1935, em Budapeste, no qual o Comitê de Nomenclatura apresentou certas regras.

No âmbito Ibero-americano e brasileiro, o I Congresso do Colégio Ibero-latino e americano de Dermatologia (Rio de Janeiro, 1951) e o XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Dermatologia (Rio de Janeiro, 1965) foram marcados pela discussão de aspectos importantes relativos à terminologia da área.

Em seu trabalho intitulado *Nomenclatura Dermatológica: fundamentos formais e conceptuais da Medicina cutânea*, F. E. Rabello (1974, p. 13-16) retoma alguns desses pontos e faz novas propostas, questiona denominações, indica outras que considera mais adequadas e lhes dá definição. Como autoridade em Dernatologia e estudioso da terminologia dessa área, Rabello orienta no sentido de que:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1. As denominações clássicas e antigas sejam conservadas sempre que possível;
2. As designações dermatológicas sejam calcadas em evidências morfológicas e na caracterização do conceito em pauta;
3. Designações que espelham e decorrem da aquisição recente de novos conhecimentos tornem obrigatória a proscrição daquelas claramente superadas e obsoletas;
4. Os nomes de duas doenças diferentes não sejam reunidos sob uma única designação;
5. As designações sejam curtas e características, tanto quanto possível.
6. Os termos sejam formados, de preferência, por radicais e afixos de origem grega e latina, para facilitar a comunicação em nível internacional;
7. Os termos que designam doenças não obrigatoriamente exprimam a sede das lesões;
8. Evite-se a criação de termos que evidenciem ou acentuem características de gravidade ou malignidade da doença, para poupar o paciente;
9. Epônimos sejam evitados tanto quanto possível, porém nomes de autores podem ser mantidos, caso não haja alternativa melhor;
10. Não se empreguem termos que impliquem conceitos patológicos expressos por nomes de órgãos atingidos pela doença.

Esses princípios complementam os gerais da Medicina e são indicados como parâmetros a serem adotados pelos especialistas em Dermatologia ao criarem novos

termos. De modo geral, a postura de médicos especialistas em linguagem dessa área é favorável, quando não à normalização, pelo menos à harmonização de sua terminologia.

Apesar desse desejo, nossa pesquisa constatou uma terminologia rica em variantes e epônimos. Os principais aspectos relacionados à estrutura morfossintática e léxico-semântica dos termos do campo da Dermatologia serão objeto de nossa análise no próximo capítulo deste trabalho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

6. A TERMINOLOGIA DA DERMATOLOGIA[9]

6.1. ESTRUTURAS MORFOSSINTÁTICAS E LÉXICO-SEMÂNTICAS DOS TERMOS DA DERMATOLOGIA

6.1.1. Termos simples, comlexos e compostos

Entre as diferentes categorias funcionais (classes nominal, dos determinantes, prepositiva, verbal, adjetival, adverbial etc.), a classe lexical de base nominal (substantivos) ocupa um lugar de destaque nos estudos sobre as línguas de especialidade. Nossa pesquisa concentrou-se nesse tipo de unidade terminológica.

Do ponto de vista de sua estrutura morfossintática e léxico-semântica, o termo pode constituir-se de um único lexema ou de uma seqüência lexemática. No primeiro caso, os termos são **simples** (ex.: *martelo*, *serrote* etc.), no segundo, são **complexos** (ex.: *evasão de receitas, evidência contábil*[10], *fundo de reposição do ativo*[11]).

Nossa pesquisa observou presença marcante desses tipos de termos no domínio da Dermatologia, além de alguns formados por composição com o auxílio de hífen, tais como: *angio-histiocitoma, halo-nevo, mal-de-são-névio, auto-eczema*. A nosso ver, esses não podem ser classificados nem como termos simples nem como termos sintagmáticos.

Temos consciência de que alguns autores não compreendem o processo de composição do mesmo modo que nós e consideram o que chamamos de *termos*

---

[9] Este capítulo apresenta dados divulgados sob a forma de comunicação de nossa autoria no XIX Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Letras e Lingüística-ENANPOLL, que ocorreu de 28 de junho a 02 de julho de 2004 na cidade de Maceió.

[10] Demonstração de um fato patrimonial ou de todo um patrimônio (LOPES DE SÁ, 1995, p.201).

[11] Valor que se forma para permitir a reposição do ativo aplicado na produção (LOPES DE SÁ, 1995, p.201).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

complexos como *termos compostos*. Nesse sentido, cumpre expor a posição que adotamos no âmbito deste trabalho e que norteará nossas análises. Consideramos um:

- *termo simples*: unidade terminológica constituída por um único lexema, independente do processo de formação deste;
- *termo complexo*: unidade formada por **composição sintagmática**, ou seja, por um grupo de lexemas e morfemas gramaticais (palavras nocionais e gramaticais) não ligadas por hífen, também independente do processo de formação dos termos;
- *termo composto*: unidade terminológica formada por dois ou mais lexemas que se encontram em situação de não-autonomia representada graficamente pela utilização do hífen.

Para fins de análise no âmbito deste trabalho, não incluímos dentre os termos compostos os formados por aglutinação nem os por justaposição sem hífen, porque consideramos que tanto os termos simples quanto os lexemas que compõem os termos complexos possam receber essa formação. De fato, o termo simples *xantogranuloma*, por exemplo, tem a seguinte formação:

xant(o)- < gr. *ksanthós*,ê, ón 'amarelo, amarelado';
+ **granul-** < lat. *granùlum*, i 'grão pequeno';
+ **-oma** = '*tumor*');

Do mesmo modo, o termo complexo *xantogranuloma necrobiótico* tem a seguinte formação:

xant(o)- < gr. *ksanthós*,ê, ón 'amarelo, amarelado';
+ **granul-** < lat. *granùlum*, i 'grão pequeno';
+ **-oma** = '*tumor*');

+ *necrobiótico* (f.hist. 1877) =

necr(o)- < [Do gr. *nekro*- < gr. *nekrós*, oû.] El. comp. = 'morte'; 'cadáver'; 'os mortos'; 'extinto':

+ **bio-** do gr. *bíos,* 'vida'

+ **–ótico** < [Do gr. *-otikós*.] Suf. nom. formador de voc. eruditos, ger.adjetivos para nomes terminados em -ose = 'de, ou relativo a (ação, processo, ou condição específica)'; 'que tem ou apresenta (certa doença, ou condição anormal)'; 'que apresenta um aumento ou formação de (algo específico). (HOUAISS, 2001; FERREIRA, 1999)

Como podemos verificar, a composição é, a nosso ver, um processo que pode marcar a formação tanto de termos simples quanto de termos complexos (sintagmáticos). Por esse motivo, é temerário distinguir de modo categórico termos simples, complexos e compostos quando se trata dos tradicionais processos de aglutinação ou justaposição sem hífen.

Acreditamos serem fundamentais os esclarecimentos que acabamos de fazer sobre a visão que adotamos nesta pesquisa, sem a pretensão de ter esgotado o assunto, ao contrário, e menos ainda esperarmos unanimidade em relação a nossa posição. Nosso propósito é o de distinguir três categorias que sejam operacionais e capazes de auxiliar nosso estudo sobre a terminologia do domínio da Dermatologia.

Analisando o conjunto terminológico dessa área, percebemos que a maioria dos termos que o compõem formam-se por composição sintagmática, adotando como lexema-base um hiperônimo (termo mais genérico), como nos seguintes exemplos:

amiloidose
amiloidose cutânea genuína
amiloidose cutânea genuína difusa
amiloidose cutânea genuína localizada

amiloidose cutânea genuína localizada maculosa
amiloidose cutânea genuína localizada maculopapulosa

Assim, os hipônimos são construídos pelo acréscimo de unidades lexicais de conteúdo específico. Esse processo é comum na formação de termos das línguas de especialidade. Os termos complexos gerados por esse processo podem ter tamanhos diferentes, como comprovam os sintagmas terminológicos acima.

Do ponto de vista estatístico, verificamos em nossa pesquisa que, de um total de 3707 termos, 2745 são complexos, ou seja, cerca de 74% das unidades terminológicas estudadas configuram-se como termos sintagmáticos. Os termos simples, por sua vez, contam-se em número de 839, o que corresponde a cerca de 22,6% do conjunto estudado.

Os termos compostos (no sentido que explicamos anteriormente, ou seja, termos formados por justaposição com o auxílio de hífen) apresentaram-se, em nossa pesquisa, em número de 68, quantidade não expressiva, visto que corresponde a cerca de 2% do total de unidades terminológicas estudadas. Somadas, essas três categorias de termos perfazem 3650 unidades terminológicas[12]. Da nomenclatura total (3707) restam ainda, a serem analisados, os acrônimos e as siglas, como exporemos nos próximos itens.

No que concerne à classe lexical e à categoria gramatical, os substantivos femininos apresentam-se em número de 2422, os masculinos em 1103 e os nomes científicos em 127.

---

[12] 2745 termos complexos + 839 termos simples + 68 termos compostos + 55 siglas e acrônimos = 3707.

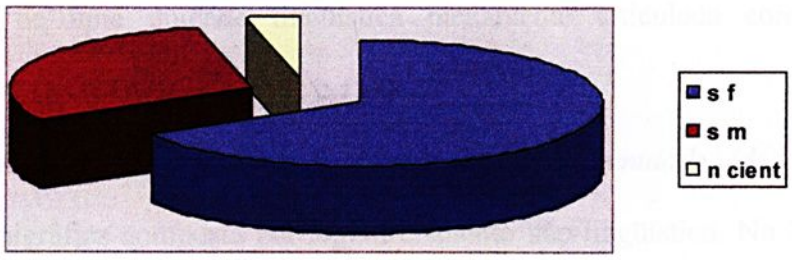


Figura 10 - Substantivos masculinos, femininos e nomes científicos.

]Assim, do ponto de vista da classe lexical e da categoria gramatical, predominam os substantivos femininos, seguidos, em ordem decrescente, dos substantivos masculinos e dos nomes científicos. Esses últimos se apresentam nas formas total ou parcialmente latinizada, como veremos mais adiante no item *6.3.4. Cultismos*.

6.1.2. Unidades braquigráficas

Nos textos técnicos e científicos, os conceitos podem ser designados por *termos* ou por *símbolos*. Os primeiros são unidades lingüísticas e os segundos se apresentam "em forma de letras, números, pictogramas ou de qualquer combinação desses elementos" (ISO 1087, 1990, p. 5). Ambos são, no entanto, *designações*, ou seja, "qualquer representação de um conceito" (ISO 1087, 1990, p. 5).

Nas línguas de especialidade é comum encontrarmos designações que se caracterizam como *unidades braquigráficas* (*braqui-*, do grego, breve, conciso, curto), isto é, formas mais concisas (reduzidas, abreviadas) ou termos que compreendem elementos não-lingüísticos em sua formação.

As unidades braquigráficas podem assumir diferentes formas, podendo ser "compostas de letras, de números ou de símbolos especiais (não-alfanuméricos), formadas por diferentes combinatórias desses elementos, ou, enfim, por meio do

agrupamento de uma unidade lingüística plenamente articulada com elementos braquigráficos" (KOCOUREK, 1991, p.158).

De modo mais específico, Kocourek denomina *unidade ideográfica* uma unidade braquigráfica composta por algum elemento não-lingüístico. No âmbito deste trabalho adotamos essa distinção.

Observamos em nossa pesquisa que a maior parte dos termos da Dermatologia constitui-se de formas expandidas de unidades lingüísticas plenamente articuladas. As siglas, os acrônimos e as formas ideográficas apresentam-se em menor número.

De fato, no que concerne às unidades ideográficas, encontramos em nosso estudo apenas (s.m.j.) as abaixo mencionadas:

1. mucopolissacaridose tipo I-H/S
2. mucopolissacaridose tipo VI
3. mucopolissacaridose tipo I-H
4. mucopolissacaridose tipo VII
5. mucopolissacaridose tipo II
6. queratodermia plurifocal com tirosenimia tipo II
7. mucopolissacaridose tipo III
8. síndrome de Ehlers- Danlos tipo IX
9. mucopolissacaridose tipo I-S
10. neurofibromatose 1
11. mucopolissacaridose tipo IV
12. neurofibromatose 2
13. neurofibromatose 1
14. neurofibromatose 2
15. NF1
16. NF2

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Assim, de acordo com os dados obtidos em nossa pesquisa, um número irrisório de termos da Dermatologia utiliza em sua formação elementos numéricos (0,43% da nomenclatura estudada). Em sua maioria, esses têm a finalidade de distinguir um tipo de dermatose de outra.

No que concerne à acronímia e à sigla (siglação), ambos são tipos especiais de composição sintagmática que resultam da lei de economia discursiva (ALVES, 1990, p. 56). Kocourek distingue *sigla soletrada* de *sigla integrada*. Pela primeira, o autor compreende a formada "por iniciais pronunciadas letra por letra, de maneira separada, destacada: CAP/seape/" (KOCOUREK, 1991, p.165). Pela segunda, compreende as siglas que "não são soletradas, têm pronúncia 'unida': ZAC/zak/" (KOCOUREK, 1991, p. 165).

Pavel & Nolet (2001), na versão francesa do *Manual de Terminologia*, publicado no Quebec, consideram *acrônimo* uma sigla pronunciada como uma palavra: exemplo, LATTER = *L'Atelier du TERminologue* (PAVEL & NOLET, 2001, p. 103). A sigla, por sua vez, seria o resultado da abreviação de um termo complexo formado pelas iniciais de seus componentes ("siglaison"). Diferentemente do acrônimo, a sigla não é pronunciada como uma só palavra (PAVEL & NOLET, 2001, p. 115).

Nesse sentido, a *sigla soletrada* de Kocourek equivaleria à *sigla* como compreendida por Pavel & Nolet (2001); enquanto que a *sigla integrada* de Kocourek corresponderia à *acrônimo* na concepção de Pavel & Nolet. No âmbito deste trabalho, adotamos os termos *sigla* e *acrônimo* nos sentidos dados por esses últimos autores canadenses.

No domínio da Dermatologia, encontramos 55 entre acrônimos e siglas e podemos citar como exemplos os que seguem:

		Forma expandida
AIDS	Acrônimo	síndrome da imunodeficiência adquirida.
DAG	Acrônimo	linforreticulose de inoculação benigna.
PAI	Acrônimo	porfiria aguda intermitente.
PEC	Acrônimo	porfiria eritropoiética congênita.
SIDA	Acrônimo	síndrome da imunodeficiência adquirida.
TEN	Acrônimo	Toxic Epidermal Necrolysis.
UNG	Acrônimo	uretrite não-gonocócica.
HI	Sigla	Hanseníase indeterminada.
HV	Sigla	Hanseníase virchowiana.
PE	sigla	porfiria eritropoiética.

Figura 11 - Siglas e acrônimos.

Os acrônimos acima mencionados são exaustivos, ou seja, são todos os encontrados em nossa pesquisa; as siglas, por sua vez, são em número bem maior do que as que constam no quadro de exemplos. No total, 48 siglas (1,3%) e apenas sete são acrônimos (0,19%) da nomenclatura total. Os acrônimos são, portanto, minoria, predominando, entre as unidades terminológicas totalmente reduzidas, as siglas.

Em Dermatologia, encontramos ainda **termos parcialmente reduzidos**, ou seja, termos formados por uma sigla ou acrônimo e por uma parte expandida (um lexema). Como exemplo, podemos citar:

SKE nodular < sarcoma de Kaposi endêmico nodular

SKE florido < sarcoma de Kaposi endêmico florido

SKE infiltrativo < sarcoma de Kaposi endêmico infiltrativo

SKE linfadenopático < sarcoma de Kaposi endêmico linfadenopático

Nesses casos, os elementos mais genéricos do sintagma terminológico terminogênico (a base) são reduzidos a uma sigla e os mais específicos mantêm-se em sua forma expandida.

Os termos *vasculite granulomatosa alérgica de C-S* e *granuloma de C-S* são epônimos parcialmente reduzidos respectivamente de *vasculite granulomatosa alérgica de* ***Churg-Strauss*** e *granuloma de* ***Churg-Strauss***[13].

Ao serem empregados pela primeira vez em texto, o acrônimo ou a sigla costumam vir acompanhados da respectiva forma expandida; em seguida são utilizados de modo autônomo. É ainda comum ocorrer a nominalização da sigla ou do acrônimo pela incidência de um artigo. Esses dois fenômenos também se verificam em Dermatologia, como podemos observar nos contextos abaixo:

> **LINFOMAS CUTÂNEOS DE CÉLULAS T (LCCT)** Conceito. Hoje não há dúvidas de que os linfócitos T podem produzir, primariamente, na pele, quadros de linfomas. A micose fungóide (MF), a síndrome de Sèzary (SS) e a reticulose pagetóide (RP) (doença de Woringer-Kolopp) representam manifestações clínicas de um mesmo processo imunopatológico — linfoma epidermotrópico de células T. ... Epidemiologia. **Os LCCT** parecem ser tão freqüentes quanto a doença de Hodgkin; são mais comuns em homens depois dos 45 anos de idade; suspeita-se de uma possível base genética; antígenos HLA, Aw3 1 e Aw32 ocorrem com freqüência; parece que a exposição à indústria química (petroquímica, metais, solventes) tem certa correlação com a doença. (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 364 – grifos nossos)

Assim, o termo *linfomas cutâneos de células T*, em sua forma expandida, vem seguido de sua respectiva sigla *LCCT*; após isso, a forma reduzida é empregada autonomamente, como se observa na frase "Os *LCCT*, parecem ser tão freqüentes quanto a doença de Hodgkin". A nominalização de formas total ou parcialmente abreviadas é freqüente no domínio da Dermatologia, do mesmo modo que o é na língua geral.

Segundo Louis-Jean Calvet (1980), apesar da criação de acrônimos ou siglas ser um procedimento muito difundido, cada um(a) encontra-se intimamente ligado(a) a um universo de discurso particular. Em um primeiro momento, a sigla ou o acrônimo é

---

[13] Esses termos parcialmente reduzidos foram contabilizados entre os termos complexos.

unesp

empregada(o) por uma parte da sociedade e sua banalização depende do interesse que desperta. Esse é o caso do acrônimo AIDS, encontrado em nossa pesquisa, que infelizmente, passou a ser conhecido pela grande maioria da população brasileira devido ao sério problema de saúde que o vírus HIV provoca.

6.2. Aspectos da eponímia no domínio da Dermatologia[14]

Em Medicina e em Dermatologia é muito comum uma doença, lesão ou estrutura do corpo ser designada por um termo formado em parte por um nome próprio, ou seja, por um epônimo. Nessas áreas do saber, os epônimos normalmente visam homenagear cientistas que se destacaram no estudo desses elementos ou fazer alusão a pacientes que se tornaram referência da enfermidade.

A Medicina faz esforços para harmonizar sua terminologia e imprimir-lhe certas características. Orienta, sistematicamente, à não-criação e mesmo ao não-emprego de termos eponímicos por parte dos especialistas.

No domínio da Dermatologia, observamos, por meio de nosso estudo, que, apesar das constantes orientações da Medicina contra a criação e a utilização de epônimos, os tratados e compêndios da área originalmente redigidos em língua portuguesa ainda empregam epônimos.

Neste capítulo, abordamos essa questão e delineamos o perfil morfossintático e léxico-semântico da terminologia eponímica da Dermatologia.

---

[14] Este capítulo contempla dados divulgados sob a forma de: um artigo, intitulado *Estrutura morfossintática e léxico-semântica dos termos eponímicos do domínio da Dermatologia*, redigido em co-autoria com Francine de Assis Silveira e que se encontra em processo de análise pela assessoria científica da Revista de Estudos da Linguagem, da UFMG; de comunicação de nossa autoria no XIX Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Letras e Lingüística-ENANPOLL, que ocorreu de 28 de junho a 02 de julho de 2004 na cidade de Maceió; e de dados inéditos de nossa autoria.

Para melhor compreensão das questões que envolvem o fenômeno da eponímia, antes de adentrar qualquer aspecto puramente terminológico discorreremos sobre o conceito de epônimo e de termo eponímico. Exporemos ainda a postura da Medicina e da Dermatologia a respeito do uso desse tipo de termo na comunicação entre especialistas dessas áreas. Em seguida, procederemos à análise de um conjunto terminológico eponímico do domínio da Dermatologia, procurando traçar um perfil dessa terminologia no que concerne à estrutura morfossintática e léxico-semântica.

6.2.1. Conceito de epônimo

Consultando o Novo Aurélio século XXI, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, encontramos a seguinte definição de epônimo:

> Epônimo [do grego epónymos] – Adj. 1. Que dá ou empresta seu nome a alguma coisa. [...] S.m. 2. Aquele que dá ou empresta seu nome a alguma coisa [...]. (FERREIRA, 1999, p. 781)

Esse verbete fornece o sentido geral da palavra, sem mencionar acepções mais específicas. Também não explica se o nome próprio é de pessoa, lugar ou outro.

Na Wikipedia – the free encyclopedia, por sua vez, encontramos a seguinte definição: "um epônimo é uma pessoa (real ou fictícia) cujo nome foi identificado com um objeto ou atividade particular" (WIKIPEDIA, 2004 – grifo nosso).

Em linguagem científica, epônimo é ora utilizado como sendo o antropônimo que dá origem ao termo eponímico, ora como sendo o termo gerado com base no nome de uma pessoa.

Alguns autores orientam, todavia, que se reserve epônimo para se referir à pessoa ou lugar (nome próprio) e que o adjetivo eponímico seja empregado como qualificativo. A seguinte citação confirma o que acabamos de dizer: "É importante

enfatizar que no uso correto, a palavra [epônimo] se refere mais à pessoa do que ao objeto ou ao nome em si. Nos últimos casos, use o adjetivo eponímico" (EXPLANATION GUIDE, 2004 – grifo nosso).

Em Medicina, essas unidades lexicais passam a ter sentidos mais específicos, como podemos observar no dicionário médico Stedman:

> **Eponym** [G. epónymos, denominado segundo]. Epônimo; o nome de uma doença, estrutura, operação ou método, em geral derivado do nome da pessoa que a (o) descobriu ou descreveu em primeiro lugar.
>
> **Eponymic.** Eponímico. 1. Relativo a um epônimo. 2. Um epônimo. (STEDMAN, 1996, p. 438)

De acordo com as definições encontradas nesse dicionário, observamos mais uma vez o problema terminológico que envolve o termo. Depreendemos, com base na primeira definição, que epônimo se refere ao objeto cuja denominação tem origem em um antropônimo. Porém, na segunda, vemos que eponímico pode ser considerado um sinônimo de epônimo, além de adjetivo que se refere ao nome da pessoa em questão.

Contudo, na seção Como usar este dicionário, que se encontra no início da obra, pode-se ler a seguinte explicação: "Os sobrenomes de pessoas às quais são atribuídos epônimos recebem uma breve entrada principal biográfica que serve para localizar as referências cruzadas para epônimos" (STEDMAN, 1996, p. 22 – grifo nosso). Observamos aqui a terminologia utilizada por esse dicionário: de acordo com essa colocação, epônimo é o termo e não a pessoa ou o sobrenome que foi utilizado para a formação do mesmo.

Ainda no âmbito da definição de epônimo, a questão se enriquece com a explicação posterior, dada pelo Stedman, a respeito da forma possessiva com esses sobrenomes:

> Tradicionalmente, a forma possessiva foi adicionada ao nome do descobridor ou descritor de uma doença (Down's syndrome, Wilms' tumor), mas não ao nome da pessoa que tenha a doença (Christmas disease, Job syndrome), um nome composto (Bence Jones proteinuria, Niemman-Pick disease), ou o nome da localidade em que a doença foi encontrada pela primeira vez (Lyme disease, Pontiac fever). (STEDMAN, 1996, p. 22 – grifos nossos)

Observamos nessa explicação que o dicionário considera os nomes de localidades (topônimos) como passíveis de formação de epônimos (termos eponímicos). Essa informação encontra-se na seção "Epônimos", da parte "Como usar este dicionário".

Na bibliografia sobre eponímia encontramos sempre referências a antropônimos, mas poucas vezes a topônimos. Porém, lemos em Victor A. McKusick o seguinte trecho:

> O uso de epônimos, isto é, nomear doenças através de nomes próprios, geralmente nomes de médicos, mas algumas vezes de pacientes (por exemplo, Christmas disease e Lou Gehrig disease) e algumas vezes nomes geográficos (por exemplo, familial Mediterranean fever) ou étnicos, segue o princípio de Hermógenes, mas não completamente, já que o nome não carrega informação específica à doença. (McKUSICK, 1998, p. 425)

Verificamos por meio desse comentário que o autor engloba na categoria epônimo todos os nomes próprios, e não somente os de pessoas. Assim, nomes geográficos e étnicos fariam parte do conceito estudado.

Após analisar as posições acima expostas, acreditamos que o mais adequado seria atribuir o termo epônimo à pessoa cujo nome foi utilizado e não ao termo derivado, que seria o eponímico. Assim, no âmbito deste trabalho, empregaremos o termo epônimo para nos referirmos ao nome próprio (antropônimo, topônimo ou outro) e termo eponímico à unidade terminológica que conta, em sua expressão, com um epônimo.

6.2.2. Postura da Medicina e da Dermatologia em relação aos epônimos

Os termos eponímicos (baseados em ou derivados de nomes próprios) pululam nas terminologias científicas e são considerados, nas áreas médicas, problemáticos. Por não serem descritivos e não trazerem, em si, características que possam ser atribuídas ao seu referente, são considerados obscuros quanto à definição de seu objeto. Por essa razão, os acadêmicos da área médica, as associações de anatomistas e todos os organismos normalizadores têm buscado a exclusão de epônimos da linguagem médica. A tendência atual, em todos os ramos da Medicina, é a de atualizar as terminologias, substituindo, sempre que possível, os termos eponímicos por termos que evidenciem características descritivas ou etiológicas, facilitando assim, a compreensão do conceito designado. Nesse sentido, o Prof. Dr. Liberato J.A. Di Dio afirma que:

> Hoje, pelo menos a Terminologia Anatômica oficial, base da Terminologia Médica, é publicada em Latim, acompanhada não pela tradução inglesa, mas por termos "equivalentes" em inglês, como orientação para os que não sabem ou não se lembram do Latim.
>
> Apesar disso, não faz muito tempo, a linguagem da Anatomia, tanto em Latim quanto em outra língua, prestava-se a gerar confusão, devido ao uso de termos eponímicos [...] (DI DIO, 2000, p. 191).

> [...] Para evitar confusões, a solução, proposta reiteradas vezes, só agora foi oficialmente aprovada e adotada pelas associações de anatomistas de todo o mundo: eliminar os epônimos, escolher um termo significativo para cada estrutura, simplificar, atualizar e uniformizar a terminologia. (DI DIO, 2000, p. 192)

De acordo com os especialistas da área, a linguagem médica deve, portanto, primar pela objetividade e clareza e os epônimos são considerados por muitos uma ameaça a esses princípios.

Outro problema que ocorre envolvendo os termos eponímicos é a existência de vários epônimos para designar uma mesma estrutura ou doença. Na introdução à Nomenclatura Anatômica da Língua Portuguesa (1977), Idel Becker declara:

> O caos da nomenclatura anatômica foi crescendo com o progresso das observações anatômicas. Idênticas estruturas, descobertas (ou supostamente descobertas) por diferentes anatomistas, davam origem a nomes diversos. (BECKER, 1977, p. 7)

Esse "caos" terminológico do qual fala o autor deve-se à variedade de designações existente para cada conceito. A cada novo detalhe de uma doença ou estrutura descoberto por observadores posteriores um novo termo é criado e cada descobridor quer associar seu nome à descoberta. Explica-se, dessa forma, o fenômeno da multiplicação dos termos eponímicos.

Em Dermatologia também os termos eponímicos não são bem vistos. Os especialistas dessa área médica são sempre orientados a utilizar uma "classificação morfológica mais simples", ou seja, baseada nos formantes clássicos (gregos e latinos).

Na obra Nomenclatura Dermatológica, de Francisco Eduardo Rabello (1974), podemos constatar, entretanto, uma posição menos rígida com respeito a esses termos. De fato, no prefácio à obra citada, escrito por J. de Aguiar Pupo (1974, p. 5-6), podemos ler a seguinte explicação sobre os verbetes da Nomenclatura Dermatológica:

> A cada um dos textos são adjudicadas subdivisões clínicas de tipo evolutivo, seguidos de subsídios conceptuais de natureza doutrinária, altamente instrutivos que enaltecem a cultura e a ética intelectual do Autor: a precisão dos conceitos, a riqueza de citações autorais e o respeito pelos epônimos dos grandes mestres, precioso acervo sobre o qual edificou-se a Dermatologia, são sumariados com seguro critério didático. (RABELLO, 1974, p.5 – grifo nosso)

Notamos, então, que, na opinião de Rabello, os epônimos remetem aos grandes mestres da Dermatologia e, por isso, devem ser respeitados. Pupo (outra autoridade em

Dermatologia) elogia a cultura e a ética intelectual de Rabello justamente por conhecer e tratar esses termos de maneira criteriosa. Pupo ressalta ainda que, mesmo os epônimos sendo incluídos na Nomenclatura Dermatológica, as regras gerais utilizadas no trabalho de F. E. Rabello estão

> [...] em consonância às sugestões do 'Comitê de Nomenclatura' do Congresso Internacional de Dermatologia (Budapesth, 1935) mantendo o critério das Comissões de Nomenclatura, aprovados pelo I Congresso do Colégio Ibero-Latino e Americano de Dermatologia e XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Dermatologia, reunidos no Rio de Janeiro (1951 e 1965). (RABELLO, 1974, p. 6)

Assim, na primeira parte de sua obra, em que descreve as regras que nortearam seu trabalho, Rabello retoma as regras gerais sugeridas pelo Comitê de Nomenclatura do Congresso de Budapeste (1935) acrescentando, porém, "ligeiras e necessárias modificações" (RABELLO, 1974, p. 13). Sendo a eponímia o fenômeno que nos interessa mais de perto, citamos aqui somente a regra que diz respeito a esse aspecto:

> 4.0. Epônimos devem ser evitados quanto possível; nomes de autores podem entretanto ser conservados quando não existir melhor designação (máxime quando a etiologia não for exatamente conhecida); então alguns epônimos podem ser mantidos, como nos exemplos – Morbus Darier, Morbus Kaposi (com o abandono de cerca de 38 sinônimos), Morbus Raynaud, Syndroma Ehlers-Danlos, Syndroma Reiter.
>
> - provisoriamente parece imprescindível a adoção de um número relativamente grande de designações eponímicas, sendo suficiente lembrar que mesmo a 'Standard Nomenclature' (ed. 1952) não dispensou alguns epônimos, tais como Erythroplasia Queyrat, Fox-Fordyce disease, Hodgkin´s disease of the skin, multiple hemorrhagic hemangioma of Kaposi. (RABELLO, 1974, p. 15)

Como podemos observar, Rabello aceita a adoção de certo número de epônimos, especialmente quando não existe uma designação melhor no que diz respeito à etiologia do objeto designado. Dessa forma, alguns nomes de autores, cientistas e pacientes ainda figuram entre os termos da Nomenclatura Dermatológica.

6.2.3. Eponímia: objeto de estudos lingüísticos e terminológicos

O estudo da eponímia situa-se no campo da Onomástica, incluindo-se em dois dos ramos teóricos desta última: a Toponímia (nomes de lugares) e a Antroponímia (nomes de pessoas). A Onomástica, por sua vez, tem-se consolidado, no Brasil, como uma disciplina de caráter lingüístico, na medida em que estuda os nomes. Estes são abordados do ponto de vista de seu significado e de sua origem, podendo ser topônimos ou antropônimos. Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick,

> O sistema onomástico comporta as realizações do sistema lexical, compatíveis ao desempenho denominativo do enunciador e do enunciatário. A participação de cada um dos actantes, nos enunciados produzidos, representa a maior ou menor competência no emprego de um vocabulário que se caracteriza pela especialização. (DICK, 1998, p.77)

A autora situa, então, o sistema onomástico-denominativo no âmbito dos estudos do léxico. Assim, bases lexicais são utilizadas para identificar lugares e pessoas através de um simbolismo próprio a essas formas lingüísticas. Por esse processo, nomes próprios passam a ser "lugares existenciais" e indivíduos passam a ser "personalidades sociais" (DICK, 1998, p. 77).

Rostislav Kocourek (1991, p. 94) chama atenção para o fato de que os nomes próprios são geralmente excluídos dos estudos terminológicos. Contudo, esse autor os considera como parte do léxico técnico-científico, visto seu emprego na formação de termos e sua freqüência em discursos de áreas de especialidade.

Segundo esse autor, os nomes próprios "são palavras e sintagmas lexicais que têm uma manifestação falada e escrita e que pertencem às classes lexicais e são caracterizadas por categorias gramaticais" (KOCOUREK, 1991, p. 94). Podem dar

origem a palavras derivadas ou compostas e a sintagmas nominais (terminológicos) complexos.

No que diz respeito aos epônimos, que o autor define como "unidades lexicais cuja fonte é um nome próprio" (KOCOUREK, 1991, p. 96), afirma que esses são abundantes nas terminologias técnico-científicas, principalmente porque os nomes próprios de lugar, de personalidades e de especialistas de uma determinada área constituem elementos essenciais dos domínios especializados.

De acordo com Kocourek, o processo envolvido na formação de termos eponímicos é a metonímia, que ocorre "quando a relação entre o sentido do termo e o sentido comum da palavra que constitui o termo é de contigüidade" (KOCOUREK, 1991, p. 171). Diversos tipos de motivação metonímica apresentam-se com freqüência nas terminologias especializadas. As relações que poderiam gerar termos eponímicos com base em um antropônimo seriam as seguintes: inventor/invenção, descobridor/descoberta, produtor/produto, ou, mais especificamente em nosso caso, cientista célebre/unidade criada em sua homenagem. Existe ainda a relação lugar/produto, que explica a motivação dos termos eponímicos com base em topônimos.

No que concerne aos epônimos terminológicos (ou, segundo nossa terminologia, termos eponímicos), Kocourek faz a seguinte afirmação:

> Diversos tipos de metonímia deram origem ao que chamamos de epônimos terminológicos (termos-epônimos), isto é, termos comuns (e não nomes próprios) que contêm um elemento originário de um nome próprio, [...] compreendendo o caso em que o nome próprio serve de base para a derivação [...]. (KOCOUREK, 1991, p. 172)

Observamos, então, que Kocourek considera os termos eponímicos como elementos integrantes das terminologias das áreas especializadas e, portanto, merecedores de atenção por parte dos estudos em Terminologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

6.2.4. Tipos de termos eponímicos

De acordo com Henri Van Hoof (1999, p. 212), os epônimos em Medicina podem ser de dois tipos: os que conservam o nome próprio em sua forma original e os que dão origem a substantivos comuns (epônimos banalizados). Como exemplo do primeiro caso podemos citar *doença de Bowen*, e, como exemplos do segundo caso, *schwannoma* e *hanseníase*. O autor categoriza esses termos, incluindo verbos e adjetivos em seus estudos:

> Por epônimo banalizado deve-se entender todo termo substantivado (parkinsonism/parkinsonisme), verbalizado (to pasteurize/pasteuriser) ou adjetivado (parkinsonian/parkinsonien) por oposição ao epônimo mantido nome próprio (Parkinson's syndrome/maladie de Parkinson). (VAN HOOF, 2001, p. 82)

O fenômeno lingüístico da eponímia se manifesta, portanto, em pelo menos três grandes classes lexicais: na dos substantivos, na dos adjetivos e na dos verbos. Devido aos limites naturais deste trabalho, ater-nos-emos aqui somente às informações relativas aos substantivos.

6.2.5. Os termos eponímicos do domínio da Dermatologia

Os elementos apresentados nos itens anteriores constituem a base de sustentação teórica do estudo a que procederemos agora sobre a eponímia e a estrutura morfossintática e léxico-semântica dos termos eponímicos do domínio da Dermatologia.

6.2.5.1. Questões gerais

Apesar das insistentes recomendações da Dermatologia (e da Medicina) para que se evite criar epônimos – uma vez que se considera que esses pouco ou nada informam

sobre a estrutura do sistema tegumentar, a lesão ou a dermatose – ainda se encontram diversos termos em uso que se caracterizam como tais. Seguem abaixo alguns exemplos de termos com esse estatuto encontrados em nossa pesquisa:

nevo de Ito
febre de Assam
mal de Hansen
doença venérea
doença de Bannister
fenômeno de Raynaud
glândula de Boerhaave
lepra bonita de Latapi
dermite de Favre e Chaix
síndrome de Chrsit-Siemens
bactéride pustulosa de Andrews
doença auto-agressiva hansênica
síndrome de Zinsser-Cole- Fanconi
acrodermatite contínua de Hallopeau
eritema urticado atrofiante de Pellizari
nevo foscocerúleo oftalmomaxilar de Ota
impetigo neonatal de Ritter Von Ritterschein
melanodermite tóxica de Hoffmann e Habermann
dermatofitose inflamatória tipo quérion (Kérion Celsi)
vasculite necrosante granulomatosa de Churg-Strauss
paniculite nodular migratória subaguda de Vilanova-Piñol Aguadé
púrpura pigmentar crônica na forma anular telangiectásica de Majocchi

Como podemos observar, do ponto de vista morfossintático e léxico-semântico, os epônimos apresentam tamanhos variados. Todos os termos eponímicos são complexos, porém essa formação não é a única dentre os epônimos da Dermatologia, como veremos mais adiante.

Os termos eponímicos apresentam diversidade no que concerne a seus elementos constitutivos. De fato, pode-se contar de um a três nomes próprios no interior do termo,

ligados ou não entre si por meio de hífen ou pela conjunção aditiva *e*; as bases dos termos podem se compor de apenas um lexema (como em *nevo de Ito*) ou de até seis lexemas e dois morfemas gramaticais (como em *púrpura pigmentar crônica na forma anular telangiectásica de Majocchi*).

Dentre os exemplos acima, a grande maioria dos termos contém um epônimo em sua forma original. Dois caracterizam-se, porém, por contar em sua formação com epônimos banalizados. É o caso de *doença venérea* e de *doença auto-agressiva hansênica*. No primeiro caso, o adjetivo *venérea* faz alusão a Vênus, a deusa do amor; no segundo, *hansênica* refere-se a Hansen, cientista norueguês que descobriu o *Mycobacterium leprae*, causador da doença.

As bases mais produtivas dos termos eponímicos complexos são: doença = 104, síndrome = 82 e moléstia = 21. Uma possível explicação para essa produtividade seria o fato de esses termos serem genéricos e permitirem a criação de outras unidades terminológicas mais específicas. De fato, segundo o dicionário Aurélio, esses termos têm as seguintes acepções:

> **Doença** [Do lat. Dolentia] S.f. 1. Med. Denominação genérica de qualquer desvio do estado normal. 2. Med. Conjunto de sinais e/ou sintomas que têm uma só causa; moléstia. [...]. (FERREIRA, 1999, p. 701)
>
> **Moléstia** [Do lat. molestia] S.f. 1. Incômodo ou sofrimento físico; doença, achaque, mal. 2. Doença (2). (FERREIRA, 1999, p. 1355)
>
> **Síndrome** [Do gr. Syndrome, 'reunião', 'concurso'] S.f. 1. Estado mórbido caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, e que pode ser produzido por mais de uma causa. Ex.: síndrome de obstrução intestinal, síndrome de insuficiência respiratória. (FERREIRA, 1999, p.1860)

Podemos perceber pelas definições acima que *doença*, *moléstia* e *síndrome* podem, por vezes e em determinados contextos, ser intercambiáveis.

6.2.5.2. Termos eponímicos simples

Os termos eponímicos simples encontrados em nossa pesquisa apresentam baixa freqüência em nosso corpus. Alguns exemplos de termos dessa natureza empregados no domínio da Dermatologia são:

Epônimo banalizado	Outras designações
merkeloma	carcinoma das células de Merkel, carcinoma trabecular, carcinoma neuroendócrino
schwannoma	neurilema, nevrilema
maduromicose	pé-de-madura

No primeiro caso, podemos notar uma substantivação do epônimo Merkel, que, acrescido do sufixo *–oma*, originou o termo *merkeloma*. Merkel é um epônimo que pode se referir a dois anatomistas diferentes: Friedrich S. Merkel ou Karl L. Merkel. Segundo o dicionário Stedman (1996, p. 786), o anatomista que deve ser associado à célula envolvida no tumor citado acima é o primeiro, Friedrich Sigmund Merkel. Esse anatomista e fisiologista alemão, que viveu de 1845 a 1919, descreveu, em 1875, as Tastzellen (células tácteis), células claras da camada basal da epiderme. Essas funcionam como terminações nervosas sensoriais e como receptores cutâneos.

Vale lembrar que, apesar da formação *merkeloma* poder parecer "tumor de Merkel", a referência completa é, na verdade, "tumor das células de Merkel". Desse modo, "tumor de Merkel" ou "merkeloma" são termos sinônimos sintéticos da unidade terminológica "tumor das células de Merkel". O primeiro termo é formado por elipse lexical, na medida em que desaparece da expressão (mas não do conteúdo) o componente "das células"; o segundo é formado por derivação por sufixação do epônimo *Merkel* + o sufixo *–oma*.

No segundo e terceiro casos, observamos a mesma formação, agora com base no epônimo Schwann, ao qual se associa o sufixo *–oma*, indicativo de tumor. Schwann é o epônimo que se refere ao histologista e fisiologista alemão Theodor Schwann, que viveu entre 1810 e 1882. Descobriu células que compõem o envoltório ao redor de cada fibra dos nervos periféricos e que podem formar a bainha de mielina dos axônios periféricos. Essas células passaram a ser chamadas de células de Schwann em homenagem a esse cientista. O termo *schwannoma* designa, então, o tumor que atinge essas células e que consiste, basicamente, na proliferação desordenada das mesmas.

Em *maduromicose* observamos a seguinte formação: a junção do epônimo *madur(o)* a um outro lexema: *micose*. Nesse caso, o termo deixa transparecer grande parte de seu significado: *micose* é um termo muito utilizado e sua significação é bastante conhecida (qualquer doença causada por um fungo ou lêvedo); *Madura* designa a região da Índia onde essa doença foi originalmente descrita.

6.2.5.3. Termos eponímicos compostos

Os termos eponímicos são chamados compostos quando um único lexema é formado por dois ou mais radicais, sendo um deles um epônimo, ou quando é formado por mais de um lexema (um deles é um epônimo) e por morfemas gramaticais graficamente ligados por hífen.

Maduromicose é, de um ponto de vista, um termo simples, na medida em que se apresenta sob a forma de um único lexema; de outro ponto de vista, é um termo composto, uma vez que dois radicais a um sufixo se associam para formar o lexema em questão.

No que concerne aos termos eponímicos compostos formados pela ligação, por meio de hífen, dos elementos lexicais e gramaticais que os compõem, verificamos, em nosso estudo, pouca ocorrência desse tipo de unidade terminológica na área da Dermatologia. A título de exemplo, podemos citar alguns sinônimos de sífilis, a saber: *mal-da-baía-de-são-paulo, mal-de-nápoles, mal-de-santa-eufêmia, mal-de-são-jó, mal-de-são-névio, mal-de-são-semento.*

A doença sexualmente transmissível *sífilis* apresenta, em português, uma cadeia sinonímica que conta com termos eponímicos de origem antroponímica, tais como *mal-de-santa-eufêmia, mal-de-são-jó, mal-de-são-névio* e *mal-de-são-semento*; de origem toponímica, como *mal-de-nápoles*; e ainda um termo misto: *mal-da-baía-de-são-paulo*. De fato, este último possui o topônimo *baía-de-são-paulo* que, por sua vez, contém um antropônimo (*São Paulo*).

Todas essas unidades terminológicas possuem como base o termo *mal* e constituem variantes diastráticas de *sífilis*, na medida em que se situam em um nível de língua diferente, ou seja, são variantes populares.

Outro exemplo de termo eponímico composto encontrado em nosso corpus é *pé-de-madura*, que designa o mesmo conceito que maduromicose, analisado anteriormente neste trabalho. O termo *pé-de-madura* mantém, em sua expressão, o topônimo *Madura* em sua forma original, enquanto que *maduromicose* consiste em um epônimo banalizado, de acordo com a proposta de Van Hoof.

6.2.5.4. Termos eponímicos complexos

Em sua grande maioria, os termos eponímicos da Dermatologia são sintagmáticos (termos complexos). Do ponto de vista de sua estrtura morfossintática, os sintagmas terminológicos eponímicos estudados em nossa pesquisa podem ter como

base um termo simples ou um termo complexo. Como exemplo do primeiro tipo, podemos citar o conjunto de unidades terminológicas abaixo:

Acantoma de Degos
Acne de Majorca
Angioceratoma de Fabry
Bainha de Henle
Bainha de Huxley
Camada de Huxley
Camada de Malpighi
Célula de Malpighi
Contratura de Dupuytren
Corpúsculo de Meissner
Doença de Bazex
Doença de Nicolas Favre
Doença de Boeck-Shauman
Doença de Besnier-Boeck-Shaumann
Epitelioma de Borst-Jadassohn
Eritrodermia de Sézary
Glândula de Boerhave
Linfoma de Burkitt
Membrana de Huxley
Moléstia de Besnier-Boeck-Shaumann
Moléstia de Bowen
Moléstia de Paltauf-Sternberg
Nevo de Spitz
Nó de Bizzozzero
Pseudolinfocitoma de Spiegler-Fendt
Sarcoma de Kaposi
Síndrome de Besnier-Boeck-Shauman
Síndrome de Buschke-Ollendorff
Sarcóide de Boeck
Tumor de Abrikossoff
Úlcera de Marjolin
e outros.

Os termos acima possuem algumas características comuns no que concerne à estrutura morfossintática e léxico-semântica:

1) todos são termos complexos (sintagmáticos);

2) a base é um termo simples (os lexemas grifados);

3) o modificador é um adjunto adnominal formado pela preposição ***de*** + ***epônimo*** (nome próprio em sua forma original).

Os termos eponímicos complexos podem ainda ter como base um termo complexo. A título de exemplo podemos citar as unidades terminológicas que constam da lista abaixo:

Bases complexas

Acroceratose paraneoplásica de Bazex
Angioqueratoma difuso de Fabry
Carcinoma das células de Merkel
Carcinoma eritematoso benigno de Little
Condiloma acuminado gigante de Buschke-Lowenstein
Epitelioma calcificado de Malherbe
Epitelioma intra-epidérmico de Borst-Jadassohn
Epithelioma calcificante de Malherbe
Granuloma actínico de O'Brien
Infiltrado linfocítico de Jessner-Kanof
Lentigo maligno de Hutchinson
Linfodenóide sarcóide de Spiegler-Fendt
Melanose circunscrita pré-cancerosa de Dubreuilh
Melanose pré-cancerosa de Hutchinson
Nevo azul de Jadassohn-Tièche
Prurigo nodular de Hyde
Queilite glandular apostematosa de Puente
Sarda infecciosa melanótica de Hutchinson

e outros.

Nessa lista, a base dos termos eponímicos caracteriza-se como um sintagma terminológico .

No que concerne aos epônimos propriamente ditos (os nomes próprios citados), esses podem ser:

- **únicos**, como em *angioceratoma de Fordyce, bainha de Huxley, camada de Malpighi, tumor de Abrikossof, doença de Bazex, epitelioma calcificado de Malherbe* etc.

- **duplos**, como em *síndrome de Melkerson-Rosenthal, doença de Boeck-Shauman, epitelioma de Borst-Jadassohn, epitelioma intra-epidérmico de Borst-Jadassohn, doença de Roch-Leri, doença de Nicolas Favre, síndrome de Buschke-Ollendorff, pseudolinfocitoma de Spiegler-Fendt, condiloma acuminado gigante de Buschke-Lowenstein, nevo azul de Jadassohn-Tièche, infiltrado linfocítico de Jessner-Kanoff, moléstia de Paltauf-Sternberg e linfodenóide sarcóide de Spiegler-Fendt.*

- **triplos**, como em *doença de Besnier-Boeck-Shaumann, moléstia de Besnier-Boeck-Shaumann, síndrome de Besnier-Boeck-Shaumann e moléstia de Nicolas-Durand-Favre.*

Em nossa pesquisa, demonstraram-se mais produtivos os termos eponímicos que mencionam um único epônimo.

Além dessas formações, pudemos ainda observar casos em que a expressão da designação é um pouco diferente da dos termos mencionados acima:

1. necrobiose lipoídica 'diabeticorum' (Oppenhein Urbach)
2. infiltração linfocitária da pele (Jessner-Kanof)
3. dermatofibrossarcoma protuberante (Darier-Ferrand)

Esses três termos eponímicos possuem como base termos complexos, mas sua particularidade repousa no fato de que o epônimo não se liga a essa base por meio da preposição de. Efetivamente, sua "participação" no termo sintagmático dá-se por sua inserção entre parênteses.

O Compêndio de Dermatologia (1988), obra científica em português que registra o termo eponímico *necrobiose lipoídica 'diabeticorum' (Oppenhein Urbach)*, descreve a doença designada por esse termo como segue:

> VI) Necrobiose lipoídica 'diabeticorum' (Oppenheim- Urbach): É muito rara, predominante no sexo feminino e em diabéticos, caracteriza-se por lesões numulares ou placas de centro amarelado e periferia purpúrica. (BECHELLI & CURBAN, 1988, p. 338)

Fica clara a ligação, à unidade terminológica, dos nomes próprios, mesmo estes sendo grafados entre parênteses. Moriz Oppenheim e Erich Urbach foram os médicos e professores de Dermatologia responsáveis pela descrição, em 1932, da doença citada acima. Oppenheim estudou em Viena e ingressou na clínica dermatológica da Universidade dessa cidade em 1902. Urbach nasceu na Tchecoslováquia, mas também estudou na Universidade de Vienna, onde provavelmente conheceu seu colega Oppenheim. Ambos estão envolvidos na descrição de necrobiose lipoídica, daí a formação do epônimo duplo contendo os dois sobrenomes.

No segundo caso, verificamos que não inserir o epônimo no interior do termo sintagmático é uma opção de uso terminológico por parte de brasileiros especialistas em Dermatologia. De fato, Sampaio, Castro e Rivitti utilizam essa forma de termo eponímico (com o epônimo entre parênteses inserido no sintagma), como podemos observar no contexto abaixo:

> Infiltração Linfocitária da Pele (Jessner e Kanof): Patogenia. É desconhecida, existindo dúvidas quanto à posição nosológica desta entidade. Alguns autores reconhecem sua individualidade nosológica e outros interpretam-na como variante de outros processos, lúpus eritematoso, erupção polimorfa à luz ou linfocitoma cútis. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 910)

No entanto, outros especialistas, como Bechelli e Curban (1988) empregam esse termo eponímico sob outra forma, como podemos verificar pelo contexto que segue:

> A imunofluorescência é negativa em lucites e na infiltração linfocitária de Jessner-Kanoff. (BECHELLI & CURBAN, 1988, p.479 – negrito nosso).

Como podemos notar, Sampaio e Rivitti utilizam uma forma menos lexicalizada do epônimo em relação à base do termo eponímico, apresentando-o somente entre parênteses, o que não ocorre com Bechelli e Curban.

No caso de *dermatofibrossarcoma protuberante (Darier-Ferrand)*, observamos a ocorrência do mesmo, com essa expressão específica, em somente um tratado de Dermatologia, o de Azulay e Azulay (1999):

> Dermatofibrossarcoma protuberante (Darier-Ferrand): É um tumor fibroblástico de baixa malignidade, com representação clínica muito característica: vários nódulos aglomerados em placas, protuberantes, de evolução lenta e progressiva, chegando a ulcerar-se, de localização preferencial nas paredes abdominal e dorsal, podendo, entretanto, ter outras localizações (extremidades e cabeça). A histopatologia é característica: presença de células fusiformes dispostas em rodamoinhos, pouca mitose e atipia, invadindo derme profunda e hipoderme (ao contrário do dermatofibroma). Uma de suas características básicas é ser recidivante com muita freqüência, mesmo após excisão cirúrgica ampla. Raramente dá metástases. (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 359)

Esse termo, caracterizado pela inserção entre parênteses dos epônimos Darier e Ferrand, é empregado apenas por Azulay & Azulay, enquanto que Bechelli e Curban preferem o termo não-eponímico *dermatofibrosarcoma protuberante*. Apesar disso, podemos constatar a relação entre os nomes próprios e a doença descrita também na obra desses dois últimos especialistas:

> O dermatofibrossarcoma protuberante foi descrito por Darier e Ferrand (1925) sob o nome de dermatofibromas progressivos e recidivantes ou fibrossarcomas da pele. Considerado de pouca

> malignidade, origina-se na derme e desenvolve-se de preferência no abdômen e região inguinal, em forma de placa fibrosa em que se vão formando saliências globosas, isoladas ou coalescentes, podendo surgir raras lesões na vizinhança da massa tumoral primitiva. (BECHELLI & CURBAN, 1988, p. 467-468 – grifo nosso)

Como podemos observar, Bechelli & Curban, embora adotem como uso preferencial o termo *dermatofibrosarcoma protuberante* (não-eponímico), não deixam de mencionar, em sua obra, a relação com os cientistas que descreveram a doença em pauta, homenageados no termo utilizado de preferência por Azulay & Azulay.

Na obra de duas outras autoridades em Dermatologia, Sampaio & Castro & Rivitti, o termo é apresentado em sua forma descritiva sem o epônimo inserido, do mesmo modo que Bechelli e Curban. Nesse tratado, porém, nenhuma menção é feita aos nomes dos cientistas que descreveram a doença:

> Dermatofibrossarcoma Protuberante: O dermatofibrossarcoma ou fibrossarcoma cutâneo é tumor de baixa malignidade, que se origina do tecido conjuntivo da derme. Manifestações Clínicas: Inicia-se com um ou vários nódulos duros de cor acastanhada ou vermelho-azulada, móveis em relação aos tecidos subjacentes. Os nódulos desenvolvem-se, formando placas elevadas, crescem lentamente e freqüentemente se ulceram. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 852)

Os epônimos utilizados na formação do termo eponímico são os sobrenomes de Ferdinand-Jean Darier e Marcel Ferrand. O primeiro foi Chefe do Departamento Médico do Hospital Saint-Louis, de 1909 a 1922. Com 70 anos, foi o editor-chefe da maior enciclopédia dermatológica francesa: a Nouvelle Pratique Dermatologique, publicada em 1936. Marcel Ferrand foi um médico francês que viveu entre 1878 e 1940. Embora o site não traga dados mais precisos sobre a descrição da doença que leva seu nome e o de Marcel Ferrand, dá pistas de que esses especialistas se conheceram na França e juntos descobriram esse dermatofibrossarcoma.

6.3. ESTRANGEIRISMOS NA TERMINOLOGIA DA DERMATOLOGIA[15]

As pesquisas com vistas à determinação da nomenclatura do VMD em português conduziram-nos a observações concernentes à presença de empréstimos terminológicos no domínio da Dermatologia. Neste capítulo, procuramos mostrar que tipo de empréstimo ocorre em textos brasileiros sobre essa área do saber médico, de que idiomas provêm e como se comportam do ponto de vista de seu uso em língua portuguesa.

6.3.1.Pressupostos teóricos gerais

Os contatos entre culturas e idiomas diferentes provocam o fenômeno do empréstimo lexical. Segundo Nelly Carvalho (1989, p.58), "o enriquecimento e a renovação vocabular são apontados como finalidades dos empréstimos". Para Guilbert, "o empréstimo consiste na introdução, no interior de um sistema, de segmentos lingüísticos que possuem estrutura fonológica, sintática e semântica em conformidade com outro sistema"(GUILBERT, 1975, p. 90).

Esse autor distingue as etapas de adaptação pelas quais a unidade lexical estrangeira passa no processo de integração na língua receptora; adota a proposta de

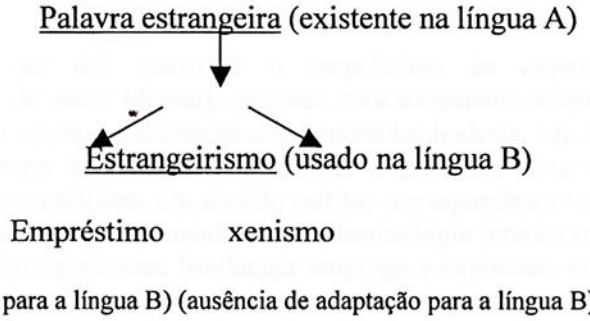
---

[15] Este capítulo apresenta dados divulgados sob a forma de: um artigo de nossa autoria, intitulado *Os empréstimos na terminologia da Dermatologia em português do Brasil* (*Acta Semiótica et Lingvistica*, São Paulo, v. 10, p. 55-68, 2004); uma comunicação de nossa autoria no XIX Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Letras e Lingüística-ENANPOLL, que ocorreu de 28 de junho a 02 de julho de 2004 na cidade de Maceió.

Louis Deroy (1956) e chama de *peregrinismo* a fase de instalação, numa língua, de uma unidade lexical emprestada. O empréstimo constitui, de acordo com o autor, o resultado final, a unidade lexical adotada pela língua receptora. Compreende, por outro lado, por *xenismo* uma unidade lexical estrangeira que mantém, na língua receptora, o significante que possuía na língua fonte (GUILBERT, 1975, p.92).

Um mecanismo muito empregado de integração do estrangeirismo na língua receptora é o decalque, que consiste na substituição de um empréstimo "por sua tradução literal ou pela imitação de seu tipo de formação e de motivação" (KOCOUREK, 1991, p. 156). O decalque pode ser de sentido ou de forma. O primeiro resulta de uma adaptação do conteúdo semântico da unidade lexical existente na língua fonte e o segundo, de uma adequação da unidade lexical às estruturas morfossintáticas da língua receptora.

Nelly Carvalho (1989) afirma que com o decalque (ou tradução literal) o falante da língua receptora não percebe a origem alógena da unidade lexical e contesta a crença de que esse processo seja o mais comum de introdução de palavras na língua. De acordo com a autora, a inserção da unidade lexical segue, normalmente, quatro fases (p. 43):



Assim, para a autora, o empréstimo se distingue do xenismo, uma vez que o primeiro é uma unidade lexical de origem estrangeira que passa por processo de adaptação fonética, fonológica, morfossintática e/ou semântica na língua receptora. O

segundo, por sua vez, é uma unidade lexical que se mantém na forma original (estrangeira) e é empregada desse modo em discursos na língua receptora.

O melhor critério, segundo Guilbert, para avaliação da integração da unidade lexical à nova língua é o morfossintático. Para esse autor, a partir do momento em que a unidade lexical estrangeira serve de base à formação de outras unidades (notadamente pelo processo de derivação) no sistema lingüístico receptor, torna-se completamente integrada (GUILBERT, 1975 ,p. 97).

6.3.2. Os empréstimos nas línguas de especialidade

No âmbito das áreas de especialidade, a adoção de um termo estrangeiro vem preencher uma lacuna, uma vez que, em muitas situações, a língua receptora não tem um termo próprio para designar o objeto resultante de uma recente invenção, um fenômeno recém-descoberto ou qualquer inovação, normal nos domínios técnicos e científicos.

Kocourek (1991, p.152) restringe o termo *empréstimo* à forma de uma unidade lexical de aquisição contemporânea por parte de uma língua receptora e explica esse fenômeno da seguinte maneira:

> Acreditamos ser útil restringir o empréstimo às expressões *alógenas* (provenientes de outro idioma), que são suficientemente freqüentes na língua receptora para serem consideradas como unidades lexicais, isto é, como fazendo parte do sistema lexical. O empréstimo é, portanto, uma unidade lexical alógena. ... O empréstimo, em sentido estrito, corresponde ao termo *empréstimo estrangeiro* de Bernard Quemada. ... À Terminologia interessam, sobretudo, as aquisições contemporâneas. Boulanger emprega a expressão *xenoterminologia*. Nós consideramos apenas os empréstimos contemporâneos e os examinamos mais de um ponto de vista sincrônico, enquanto componente marginal do sistema lexical (sentido nº3 acima), do que diacronicamente, enquanto procedimento de integração ou de substituição. (KOCOUREK, 1991, p.152-153)

Kocourek considera, então, o empréstimo como uma expressão alógena, isto é, uma expressão cuja origem encontra-se em outro sistema lingüístico e que deve ser

considerado de um ponto de vista sincrônico. O empréstimo lexical deve, por isso, ser analisado no eixo do tempo. Nessa perspectiva, Kocourek distingue uma *unidade lexical emprestada* de uma *unidade lexical herdada*. Por esta última o autor compreende a unidade lexical que participava do desenvolvimento regular da língua e sua origem remonta às línguas que têm contribuíram para a formação do idioma no qual se emprega, hoje, a unidade lexical em questão. Um caso freqüente de xenismo nas línguas de especialidade é o de algumas siglas ou acrônimos em relação à forma expandida, ou seja, a sigla/o acrônimo se mantém no original, enquanto que a unidade terminológica em sua forma expandida assume nova expressão na língua receptora. É o caso de ISO, acrônimo que mantém sua forma original em inglês – fenômeno devido à popularidade mundial do mesmo –, cuja forma expandida, de uso consolidado em português, é *Organização Internacional de Normalização*.

Nas áreas científicas e técnicas, boa parte dos empréstimos provém, hoje em dia, da língua inglesa, devido ao enorme desenvolvimento tecnológico de países que têm esse idioma como oficial. Outro elemento que contribui para a influência da língua inglesa sobre o processo de empréstimo de nos domínios especializados é o fato de que muitos periódicos científicos internacionais adotam esse idioma como língua de comunicação, mesmo que os autores dos artigos não se originem de países que possuam como idioma nacional o inglês.

O decalque é um procedimento terminogênico muito produtivo e Jean Dubois (1989, p.74) destingue-o do empréstimo propriamente dito, na medida em que, no que concerne ao decalque, o termo estrangeiro se integra na língua receptora com expressão semelhante à que possuía na língua fonte. No caso dos termos tomados em empréstimo da língua inglesa pelas línguas neolatinas – entre elas o português – é necessária uma adaptação, sobretudo no que tange ao sistema de determinação. De fato, esse sistema no

unesp

inglês caracteriza-se pela seqüência determinante-determinado, enquanto que, no português, normalmente a ordem é inversa. Os exemplos abaixo ilustram esse aspecto do decalque:

(em inglês) *sky-scraper* *data bank*

(em português) *arranha-céu* *banco de dados*

É visível, nesses casos, a adaptação formal à língua receptora, embora no plano semântico tenha-se ficado o mais próximo possível da língua de origem.

6.3.3. Empréstimos no domínio da Dermatologia

Aplicando-se as reflexões acima à terminologia da Dermatologia, observamos, em nossa pesquisa, a dificuldade – assinalada por Carvalho – de perceber qualquer origem alógena da maior parte dos termos. Essa "dificuldade" se dá pelo fato de que a terminologia dessa área (assim como de toda a Medicina) recebe orientação internacional para criar seus neônimos utilizando radicais e afixos gregos e latinos, embora adaptados a cada língua. Assim, mesmo que um termo tenha sido originalmente criado em outro idioma, esse já teve sua formação baseada no princípio acima. Desse modo, a adaptação ao português ocorre facilmente e não transmite ao leitor a sensação de estrangeirismo.

Analisando o conjunto terminológico que constituiu o córpus de nossa pesquisa, encontramos poucos exemplos de xenismos e mesmo de estrangeirismos que ainda transmitam a sensação de alogenidade. Siglas ou acrônimos que se mantêm em sua forma original, embora existam formas expandidas em vernáculo (na língua receptora, no caso, o português) ocorrem com certa – embora pequena – freqüência.

Como exemplos, podemos citar o da AIDS (em inglês), cuja forma expandida em português é *Síndrome de Imunodeficiência Adquirida*. Apesar de existir um

acrônimo vernáculo – SIDA –, este é mais empregado em Portugal, no Brasil predominando AIDS, cujo uso é consolidado em nossa variante nacional do português.

Situação semelhante ocorre com a sigla SSSS, forma reduzida de *Staphylococcal Scalded Skin Syndrome* (em inglês), que tem como equivalente vernáculo o termo *síndrome da pele escaldada estafilocócica*. A forma expandida em inglês não tem uso efetivo na literatura sobre Dermatologia originalmente escrita em português. Os especialistas apenas indicam-na ao lado da sigla, como podemos ver no contexto abaixo:

> SÍNDROME DA PELE ESCALDADA ESTAFILOCÓCICA (SSSS: STAPHYLOCOCCAL SCALDED SKIN SYNDROME) OU IMPETIGO NEONATAL DE RITTER VON HITTERSCHEIN. Ambas são produzidas pela toxina esfoliativa- esfoliatina - do *Staphylococcus aureus* do grupo 2, fagotipo 71. O impetigo de Ritter von Ritterschein, descrito há muito tempo, é, na realidade, **a SSSS**[16] no neonato, enquanto **a SSSS** é mais abrangente, incidindo na criança de qualquer idade. O quadro realmente apresenta aspectos histológico e clínico, mitigados de necrólise epidérmica tóxica, ou síndrome de Lyell; preferimos reservar esta última designação para os casos de etiologia por fármacos com predileção pelo adulto e prognóstico mais grave. No capítulo das farmacodermias, faremos o diagnóstico diferencial entre essas duas entidades aparentemente semelhantes, porém, na realidade, bem distintas. Deter-nos-emos, aqui, apenas no estudo **da SSSS** (preferindo este nome ao impetigo de Ritter von Ritterschein). Caracteriza-se pelo surgimento em indivíduo com foco localizado de infecção estafilocócica (ex.: orofaringe, pele), de eritema, inicialmente na face, dobras do pescoço, axilares e inguinais, com rápida generalização, seguido de formação de grandes bolhas flácidas que, ao se romperem, originam extensas áreas exulceroexsudativas, assemelhando-se o paciente a um grande queimado. O sinal de Nikolsky é positivo. Em que pese a extensão da doença, o estado geral é relativamente bom, apesar da febre. A doença pode involuir espontaneamente em dias; não obstante, não é raro o êxito letal por pneumonia, septicemia e meningite. Nesta fase teremos descamação. **Na SSSS**, a indicação formal são os antibióticos, além de cuidados quanto ao equilíbrio hidroeletrolítico. (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 165)

Percebe-se claramente no texto que acabamos de ler que o autor apresenta os quase-sinônimos em seqüência para que o leitor compreenda que, embora a sigla SSSS não corresponda às letras iniciais dos lexemas que compõem o termo sintagmático em português *síndrome da pele escaldada estafilocócica,* essa é seu quase-sinônimo, na

---

[16] Todos os realces em negrito sublinhados constantes em citações neste trabalho são nossos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

medida em que substitui freqüentemente o termo vernáculo em textos, por uma questão de economia lingüística.

O mesmo fenômeno ocorre com outros termos e suas respectivas formas reduzida e expandida em língua estrangeira, tal como *Síndrome do choque tóxico*, *TSS*, *Toxic Shock Syndrome*. A forma expandida em português é de uso consolidado na literatura especializada (redigida em língua portuguesa) sobre Dermatologia, acompanhada – e, por vezes, substituída – da sigla em inglês, como podemos observar no contexto abaixo:

> **SÍNDROME DO CHOQUE TÓXICO.** Esta síndrome é uma complicação de qualquer infecção estafilocócica (pele, faringe, vagina) em que haja produção especialmente da enterotoxina denominada toxina 1 da síndrome do choque tóxico (**TSS**-1). (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 166)

Neste caso, porém, diferentemente do SSSS, não encontramos o uso em contexto da forma expandida em inglês; esta é indicada apenas em dicionários de Medicina. De fato, o *Dicionário Médico Stedman* (1996) apresenta tanto a sigla, quanto a forma expandida em inglês e seu equivalente em português, como podemos constatar nos verbetes abaixo:

> **TSS** abreviação de toxic shock syndrome. (STEDMAN, 1996, p.1373)

> **toxic shock s.[yndrome]**, s.[índrome] do choque tóxico; infecção por estafilococos que produzem uma endotoxina, mais freqüente na vagina de mulheres menstruadas que usam tampões superabsorventes e caracterizada por febre alta, vômito, diarréia, um exantema escarlatiniforme seguido por descamação, queda da pressão arterial e choque, que podem resultar em morte; também ocorre hiperemia das mucosas conjuntival, orofaríngea e vaginal. (STEDMAN, 1996, p. 1283)

O *Dicionário Médico Stedman* (1996) foi originalmente escrito em inglês e traduzido para nosso idioma. Na versão brasileira, essa obra renomada e respeitada pela

comunidade científica monolíngüe português com equivalências em inglês. Possui como uma de suas singularidades o fato de apresentar as entradas em língua inglesa. No caso de TSS, a sigla remete à forma expandida (ambas em inglês), esta, por sua vez, indica o equivalente em português, seguido de definição nesse idioma.

Outro termo proveniente do inglês e de uso corrente na literatura brasileira sobre Dermatologia é *borderline,* como podemos observar nos contextos abaixo:

> **Hanseníase dimorfa ou *borderline* (HB).** Caracteriza-se por lesões infiltradas, algumas com características de V e outras com características de T. Costumam ter coloração ferrugínea. Chamamos a atenção para lesões que denominamos esburacadas ou em "queijo suíço". São lesões anulares com borda interna nítida e externa apagada; podem ser simétricas ou assimétricas. Às vezes, a infiltração de um único lóbulo auricular sela o diagnóstico. O comprometimento dos nervos é assimétrico. (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 180)

> Ressentia-se esta classificação da inclusão de uma forma que não se enquadrava em nenhuma das formas descritas e designadas como **intermediária ou "borderline"**. No Congresso de Madri, em 1953, essa forma foi assimilada e a doença passou a ser dividida em dois tipos polares, tuberculóide e lepromatoso, mutuamente incompatíveis e dois grupos instáveis: indeterminado e dimorfo ou **"borderline"**. Esta classificação continua sendo a classificação oficial porque nenhum outro congresso internacional se dispôs a modificá-la. Em 1962 e depois em 1966, Ridley e Jopling propuseram uma classificação para ser utilizada pelos pesquisadores. Nessa classificação, a doença é considerada um espectro que apresenta dois tipos polares estáveis, o tuberculóide polar (TTp) e o virchoviano polar (VVp) e os interpolares, imunologicamente instáveis: tuberculóide secundário (TTs), **os "borderlines"** ou dimorfos tuberculóides (DT), dimorfo-dimorfo (DD), dimorfo virchoviano (DV) e o virchoviano sub-polar (VVs). Apesar desta classificação ter sido elaborada mais para o interesse da pesquisa, ela começou a ser utilizada indiscriminadamente sem que os seus usuários se atenham fielmente aos seus conceitos histopatológicos que são definidos de maneira rigorosa. O resultado é que o que está se usando hoje em dia é a classificação de Madri com a subdivisão do grupo dimorfo e as respectivas siglas, concebidas por .Ridley e Jopling. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 470)

> Lepra dimorfa, **"Bordeline" de Wade**. As lesões dermatológicas lembram pelo aspecto e distribuição, as de reação tuberculóide pápulas, tubérculos, máculo-pápulas delas se diferenciando, porém, pela imprecisão dos limites e tonalidade da cor, que é fulva ou acastanhada, características estas próprias da lepra lepromatosa. Notam-se, próximos ou em regiões diferentes, elementos com aspecto de placas reacionais tuberculóides, de limites mais ou menos nítidos, enquanto outros têm contornos imprecisos e coloração fulva, como se observa na lepra lepromatosa. Parece haver, no mesmo doente, combinação dos dois tipos de lepra. Lesões de lepra dimorfa englobam pele aparentemente normal, da qual são separadas por limites mais ou menos nítidos, enquanto o contorno externo é impreciso. Na lepra dimorfa pode haver surto eruptivo agudo. Há anestesia, distúrbio da sudorese (anidrose) e alopecia nas lesões. A

> bacterioscopia é fortemente positiva nas lesões fulvas, enquanto nas lesões semelhantes às da reação tuberculóide é menor o teor bacilar. (BECHELLI & CURBAN, 1988, p. 145)

> Clima, alimentação, moléstias debilitantes: podem interferir no binômio exposição-resistência e favorecer a disseminação da lepra, principalmente ao incidir em individuos leprominonegativos. Para o controle da lepra as seguintes observações epidemiológicas são importantes: 1. Há acordo em que os doentes lepromatosos sejam os mais infecciosos; os tuberculóides em reação e limítrofes **("bordeline")** têm certo grau de infecciosidade. (BECHELLI & CURBAN,1988, p.157)

> A Comissão de Controle da Lepra no Congresso de Bergen (1973) considera, em vista dos resultados até então obtidos, que é prematuro recomendar BCG entre as medidas de profilaxia. O 5º Comité de Peritos da Organização Mundial de Saúde (1977) referiu aparecimento de casos lepromatosos e **"bordelines"** não só no grupo contrôle mas também no grupo de crianças calmetizadas, no ensaio da Birmânia. Isto indica o limitado valor do BCG. Conclui confirmando parecer do Comité de Peritos da OMS (1970) e do Congresso de Bergen (1973) e julgando que o BCG não é medida profilática específica na prevenção da lepra. Dados recentes (1985) do estudo na Birmânia confirmaram os de 1974: BCG produz, somente, nível muito modesto de proteção e não parece constituir solução importante para o contrôle da moléstia. (BECHELLI & CURBAN, 1988, p.162)

O termo *borderline* também é encontrado em alguns autores com grafia um pouco diferente – *bordeline* – e significa "limite ou limítrofe, entre duas patologias". Funciona ora como determinante (*hanseníase borderline*), ora como determinado ("Bordeline" de Wade) no âmbito de um termo complexo ou ainda como termo simples (os *"borderlines"*).

A presença da língua inglesa na terminologia da Dermatologia brasileira também se exprime em termos que mantêm a forma original naquele idioma e que concorrem com termos vernáculos, mas que apresentam freqüência de uso bem menor nos textos da área em português, como nos casos abaixo:

> **Cabelo enroscado *(kinking hair)*.** O cabelo aparentemente normal trata-se, na extremidade terminal, enroscado e de coloração diferente. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 318)

> **Cabelo laniforme *(wooly hair)*.** É o cabelo encaracolado como do negro, porém, neste, os cabelos são individualizados, enquanto, no caso de cabelo laniforme, os pêlos são tão entrelaçados que se torna difícil penteá-los. E mais comum na criança e vai-se normalizando na idade adulta; é como se fosse uma pele de carneiro encastoada em uma área do couro cabeludo. Há casos familiares e outros

> genéticos (dominância autossômica); há nevos com cabelos laniformes. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 318)

> CABELOS LANOSOS (**WOOLLY HAIR**). O termo designa cabelos crespos, encaracolados, lembrando os cabelos negróides. Há uma forma difusa, hereditária, transmitida por gene autossômico dominante e outra por gene autossômico recessivo. Ocorre também em forma localizada, com aspecto de lesão névica do couro cabeludo. Outro quadro é o aparecimento, na adolescência, de áreas de cabelos encaracolados, sem relação com herança. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p.318)

> **Cabelo com casca *(hair cacts)*.** O cabelo apresenta uma envoltura ceratínica como se fosse uma luva de 3 a 5 mm de comprimento; esse material é fluorescente-amarelo à luz de Wood (lembra a tinha), e é devido à retenção de segmentos da bainha interna do folículo; essa condição parece ser hereditária (foi observada em duas irmãs). (AZULAY & AZULAY, 1999, 438)

Assim, *kinking hair, wooly hair* e *hair cacts*, têm, respectivamente, como equivalentes em língua portuguesa, *cabelo enroscado*, *cabelo laniforme* (ou *lanoso*) e *cabelo com casca*. As formas vernáculas são encontradas em uso nos tratados e compêndios de Dermatologia escritos por autoridades científicas brasileiras, porém as formas em inglês só são indicadas como seus equivalentes em inglês. Seu uso de outro modo não foi atestado em textos que constituíram o córpus de nossa pesquisa.

Alguns termos da Dermatologia tomados em empréstimo pelo português a outros idiomas mantiveram-se como xenismo, apesar do longo tempo de uso em textos em vernáculo. É o caso de *kwashiorkor, craquelé, eczema craquelé, peau citrine, perlèche* e *borderline*. O termo *kwashiorkor* é empregado regularmente em textos sobre Dermatologia originalmente escritos em português. O contexto abaixo comprova o que afirmamos e explica a origem do mesmo:

> **Kwashiorkor**. É quadro grave, eventualmente observado em nosso meio, produzido por deficiência de proteína associada a ingestão calórica adequada ou até excessiva de açúcares e farináceos. O nome Kwashiorkor é originário da África e significa "menino vermelho". (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 669)

Essa designação é, portanto, um xenismo não apenas em português, mas também em francês, inglês e italiano, como verificamos em nossas pesquisas no âmbito do *Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia*:

No que concerne a *craquelé* e *eczema craquelé*, ambos são efetivamente empregados em textos sobre Dermatologia em português, embora contem com um quase-sinônimo vernáculo, de uso também consolidado em nossa língua, como podemos verificar no contexto abaixo:

> **Eczema asteatósico (craquelé)** O eczema asteatósico está associado a xerodermia, sendo possivelmente causado pela diminuição dos lipídios da superfície cutânea. Ocorre mais freqüentemente no idoso, podendo ser precipitado pelo clima frio e seco (inverno), uso de diuréticos, hipotireoidismo, deficiência de zinco, excesso de banho e uso de sabões. Sua distribuição preferencial é nas pernas, mãos e braços. A pele é xerótica, apresentando fissuras às vezes hemorrágicas, com bordas levemente elevadas e eritematosas. O prurido está presente e a coçadura agrava o quadro. Pode ocorrer eczema numular. Aumentar a umidade do ambiente, evitar o contato com lã, diminuir a freqüência dos banhos e do uso de sabões, além da aplicação de emolientes contendo uréia e, às vezes, corticóides não-fluorados, em geral são medidas que conseguem reverter o processo. (AZULAY & AZULAY, 1999, p.92)

Como podemos observar, o termo *craquelé* é indicado pelo especialista em Dermatologia como quase-sinônimo de *eczema asteatósico*. Na verdade, *craquelé* é uma forma abreviada, por meio de elipse lexical, do termo *eczema craquelé*, também empregado em português. Ambas as formas são de origem francesa, como se verifica no contexto abaixo, extraído de obra de referência sobre Dermatologia originalmente escrita em francês:

> ECZÉMA CRAQUELÉ. Touchant avec prédilection les sujcts âgés, il siège électivement aux faces d'extension des membres. Il réalise des plaques érythémato-squameuses, sèches, craquelécs. (BELAÏCHE, 1994, p. 194)

Craquelé significa, em português, *trincado*, *com fissuras*. Esse mesmo fenômeno de xenismo ocorre com outros termos de origem francesa, como:

Peau citrine :

> **Elastose Solar.** Conhecida como ***peau citrine***, é uma alteração caracterizada por espessamento de consistência coriácea, cor amarelada e superfície sulcada como casca de laranja. É causada pela degeneração de fibras elásticas e colágenas da pele pela ação da luz solar. Há uma forma de localização solitária na nuca, denominada cútis romboidal da nuca. Outro aspecto é encontrado na face, associando as alterações descritas com cistos e comedões. É a elastose com cistos e comedões (Favre-Racouchot). (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 634)

Perlèche :

> **Queilite Angular**. A **queilite angular**, **comissurite labial** ou **perlèche**, apresenta-se como fissura nos cantos da boca, às vezes com eritema em tomo. E decorrente do acúmulo de saliva nesses locais, principalmente em indivíduos idosos (principalmente os que usam próteses antigas ou mal adaptadas), pela "queda" dos cantos da boca, que ocorre devido à reabsorção óssea dos rebordos alveolares, que leva à diminuição da distância entre o maxilar superior e a mandíbula. A saliva depositada pode irritar a pele e, freqüentemente, sofrer contaminação por *Candida albicans*. Existe tendência a relacionar a queilite angular à carência de vitaminas, principalmente do complexo B. Esta causa é exceção e somente deve ser cogitada quando existam manifestações de pelagra ou de carência protéica. **O tratamento da perlèche** é feito com pomadas ou cremes de antibióticos e imidazólicos, além da causa dentária ou óssea. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 958)

> A **queilite angular *(perlèche)***, representada por fissuras na junção dos lábios, pode ser causada por *Candida,* entretanto, na maioria dos casos, particularmente em idosos, a levedura é contaminante, já que a causa é a dobra labial, pelo uso de próteses. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p.530)

Tanto *peau citrine*, quanto *perlèche* são formas originariamente francesas e são de uso corrente em português no domínio da Dermatologia. No caso de *perlèche*, podemos dizer que se encontra em processo de adaptação ao português, uma vez que alguns autores já não utilizam o acento grave sobre a letra *e* e não escrevem esse termo em itálico ou outro destaque normalmente empregado para indicar uma forma alógena. Esse termo, embora de uso efetivo na literatura sobre Dermatologia em nosso idioma, possui quase-sinônimos não apenas científicos, mas também diversos de uso popular, inclusive regional, no Brasil, como *quilite comissural, boqueira, boqueiro, canto-de-passarinho (BA), canto-de-sabiá* e *sabiá.*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Outro caso interessante é o de *mancha "café-au-lait"*, termo complexo formado em parte por forma vernácula e em parte por expressão claramente alógena. Esse termo conta com equivalente totalmente em português – *mancha café-com-leite* –, sendo ambas as designações de uso efetivo na literatura brasileira sobre Dermatologia, como podemos constatar nos contextos abaixo:

> **Xantogranuloma Juvenil (xantoma neviforme).** É quadro benigno, consistindo de lesão solitária ou múltipla localizada no couro cabeludo ou extremidades. Surge em semanas ou meses após o nascimento e pode involuir espontaneamente em 1 a 3 anos. Individualmente, é pápula-nódulo, de milímetros a centímetros, de cor amarelo-vermelha. Em 20% dos doentes com lesões papulosas múltiplas, estão presentes **manchas "café-com-leite"**. Além das lesões cutâneas, podem, excepcionalmente, ocorrer lesões nos olhos, pulmões, meninges e baço, que também regridem espontaneamente. Os lípides séricos estão normais. Pela involução espontânea, normalmente não é necessário tratamento. Excepcionalmente, pode estar indicada, para lesões que causam desconforto, a excisão cirúrgica. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p.694)

> MANCHA MELÂNICA. Denominadas **manchas hepáticas ou "café au lait"** são manchas com cor castanha-clara à escura, diâmetro entre 2-10 cm, ocorrendo em qualquer região cutânea. São congênitas ou hereditárias, devidas, como as efélides, ao aumento de atividade dos melanócitos, sem alteração no número. Ocorrem: 1. por malformação congênita, sem outras anomalias. 2 na neurofibromatose ou moléstia de Recklinghausen. Podem ser a única manifestação sem as tumorações e o quadro neurológico. Esta diagnose deve ser lembrada quando há múltiplas manchas. Quando localizadas nas axilas, constituem o sinal de Crowe. 3. na síndrome de Albright em que há alterações ósseas, endócrinas e puberdade precoce. As manchas melânicas surgem nos primeiros dois anos de vida, principalmente nas áreas com comprometimento ósseo. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 276)

> **Imunodeficiências Complexas. Ataxia – Telangiectasia**. ... Do ponto de vista dermatológico, estes doentes apresentam telangiectasias na conjuntiva, na hélix, na face posterior dos pavilhões auriculares, nas faces laterais do pescoço, na face, às vezes com disposição em vespertílio, e nas pregas antecubitais e poplíteas. Têm sido assinaladas associações com **manchas café-com-leite**, dermatite atópica e eczema numular, além de elevada incidência de linfomas. (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p. 732)

A afirmação de Guilbert de que a maior demonstração de integração da unidade lexical à língua receptora é o fato de essa unidade estrangeira passar a servir de base à formação de outras unidades, sobretudo por meio da derivação (mais freqüentemente sufixal) encontra expressão no domínio da Dermatologia. De fato, em nosso estudo

observamos um caso interessante de um termo de origem estrangeira que se comporta dessa maneira em português: *langherose*.

Este tem origem em um nome próprio, Paul Langerhans, anatomista e anatopatologista alemão (1847-1888), que lecionou em Friburgo-Brisgau. Esse cientista deu grande contribuição à Medicina, o que foi retribuído pela comunidade acadêmica com epônimos como *célula de Langerhans, grânulos de Langerhans* e o próprio termo *langherose*, formado pelo acréscimo do sufixo *–ose* (que indica *estado degenerativo*, por oposição a *–ite*, ou simplesmente *estado de...*) à base *langer-*, que, por sua vez, forma-se por apócope (perda do final *–hans*). A motivação para a criação desse neônimo em português é explicada por Azulay & Azulay:

> HISTIOCITOSE X ***(LANGHEROSES)*** Sob esta denominação agrupam-se três entidades mórbidas que, além de não apresentarem limites bem definidos, podem ser formas de transição entre si. São elas: doença de Letterer-Siwe, doença de Hand-Schühler-Christian e granuloma eosinofílico. São doenças proliferativas histiocitárias que podem apresentar xantomização ou formação de granulomas. **A microscopia eletrônica revela a presença de grânulos de Langerhans nas células, o que levou ao conceito de langherroses**, enquanto a letra X significava etiologia desconhecida. (AZULAY & AZULAY, 1999, p.290)

Observamos ainda que esse fenômeno ocorre também em outros idiomas, embora não predomine, como podemos verificar no quadro abaixo:

Português	Espanhol	Francês	Inglês	Italiano
HistiocitoseX, langherose	Histiocitosis X, Histiocitosis de células de Lagerhans	histiocytose X, histiocytose langerhansienne, histiocytosis X	Histiocytosis X; histiocytosis; Histioctosis, Langerhans-cell; Langerhans-cell granulomatosis	istiocitosi X, istiocitosi a cellule di Langerhans

Uma análise comparativa permite-nos verificar que, entre os idiomas acima, o processo de criação terminológica por meio do acréscimo de um sufixo a um nome próprio estrangeiro dá-se também em francês: *histiocytose langerhansienne*.

Assim, o que era nome próprio estrangeiro transformou-se, em português, em termo simples por processo (do ponto de vista da expressão) de truncação (apócope) da base acrescida de um sufixo. Nesse sentido, podemos apresentar aqui um exemplo de termo da Dermatologia que se integrou completamente à língua receptora, originando, inclusive, neônimo.

6.3.4. Cultismos

Os termos em forma latinizada são também muito empregados nos domínios da Dermatologia. Adotamos aqui a expressão forma latinizada, em vez de em latim, porque muitos termos contam, em sua formação, com radicais gregos. Assim, embora a construção da maioria dos termos siga as regras do Latim (desinências e outros elementos), não podemos dizer que as unidades terminológicas que abaixo mencionaremos são apenas latinas. Como exemplos podemos mencionar:

actinis
angiokeratoma corporis diffusum
anthrax
chromidrosis
dermatitis
folliculitis (et perifolliculitis) abscedens et suffodiens
lymphogranuloma venereum
monilethrix
nevus araneus
ophthalmia neonatorum
pili annulati

pili pseudo-annulati
telangiectasia macularis eruptiva pertans
tinea capitis
trichokinesis
trichoptilosis
trichorrhexis nodosa
trichostasis spinulosa

É importante dizer que essas unidades terminológicas não foram encontradas, em nossa pesquisa, apenas *in vitro*, ou seja, como formas que existem, mas que não são utilizadas em contexto. A maior parte foi extraída de contextos de uso ou definitórios, ou seja, de textos em que são utilizadas, mencionadas ou definidas e, portanto, são efetivamente empregadas pelos especialistas. Exemplos:

> ***Pili annulati* (cabelo em anéis).** O cabelo apresenta faixas anulares alternantes, de coloração mais intensa e menos intensa (cavidades com ar).

> ***Pili pseudo-annulati.* O** aspecto é idêntico ao anterior, mas difere porque, naquele, o anel mais claro decorre de alterações internas, enquanto, neste tipo de pêlo, o anel mais brilhante é devido à reflexão e refração da luz por superfícies achatadas e torcidas do pêlo.

> ***Trichoptilosis:*** O pêlo parte-se espontaneamente e as pontas apresentam-se com filamentos de tamanhos diversos como uma pena de ave. (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 438)

> O elemento eruptivo é a pústula:
>
> • lesões bulopustulosas em crianças, em geral circunscritas – impetigo,
>
> • pústula centrada por pele – foliculite estafilocócica (impetigo de Bockhart),
>
> • idem, na nuca, com formações queloidiformes – foliculite queloidiana,
>
> • pústula centrada por pêlo, na região da barba – sicose,

> • idem, com desenvolvimento centrífugo e depilação definitiva dos folículos afetados – foliculite decalvante,
>
> • foliculite e perifoliculite com túneis intercomunicantes, couro cabeludo — ***foliculitis capitis abscedens et suffodiens***. (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 47)

> ***Trichostasis spinulosa*** Trat[17].a-se de um feixe de pêlos moles com 2-3 mm de projeção para fora, simulando uma rolha córnea; ocorre em velhos e parece ser devido à retenção de pêlos telógenos originários de uma mesma matriz pilosa (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 438).

Muitas deas expressões latinizadas são a única forma de designar um conceito e algumas possuem um equivalente vernáculo,mas são preferidas a estes últimos. Alguns cultismos utilizados no plural seguem a regra do latim, mesmo em contexto escrito em português. Como exemplo, podemos citar *milium*:

> ***Milium.*** Entende-se por ***milia*** pequenos cistos epidérmicos de 1-2 mm, superficiais, de coloração esbranquiçada e, em geral, múltiplos. E dito primário quando surge espontaneamente, caso em que tem localização preferencial na face, com o processo tendo início a partir da porção inferior do infundíbulo folicular. É dito secundário quando surge durante o processo de reparação de bolhas subepidérmicas, sendo, então, associado a doenças como: epidermólise bolhosa distrófica, porfiria cutânea tarda, líquen escleroso e atrófico e penfigóide bolhoso; pode surgir ainda após trauma (cirúrgico ou não) e dermabrasão; nesse caso, o processo pode ter início a partir de qualquer estrutura epitelial. (AZULAY & AZULAY, 1999, p. 351)

Neste caso, *milium* não apenas é utilizado em latim, mas também seu plural *milia*.

Essas formas, que chamamos aqui de eruditas ou cultismos, são normais na terminologia da Dermatologia, embora percentualmente não sejam tão relevantes.

É importante ressaltar que não consideramos esse tipo de termo como uma unidade lexical herdada, no sentido que lhe dá Kocourek. De acordo com esse autor, nas

---

[17] Todos os negritos associados a grifos contidos em citações são nossos.

línguas neolatinas, os termos dos domínios científicos compostos de radicais e afixos gregos e latinos não seriam empréstimos alógenos (KOCOUREK, 1991 ,p.153). Ocorre, porém, que os termos latinizados encontrados no domínio da Dermatologia são de criação contemporânea e não participaram, ao longo da historia da língua portuguesa, do desenvolvimento normal desta. Foram, na verdade, criados sob as regras mofossintáticas do Latim, mas seus criadores redigiam os textos em inglês ou francês.

O português acolheu e adotou esses cultismos e os emprega freqüentemente em textos especializados em Medicina/Dermatologia, em concorrência ou não com termos em vernáculo. Esses, por sua vez, são, em muitos casos, traduções literais dos termos latinizados. Diante do exposto, consideramos os cultismos ou formas eruditas como estrangeirismos.

6.4. ASPECTOS CULTURAIS E SOCIAIS DA TERMINOLOGIA DA DERMATOLOGIA[18]

As pesquisas que temos desenvolveremos no âmbito do projeto *Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia-VMD* revelaram aspectos muito interessantes – e mesmo surpreendentes – sobre a visão de mundo de cada língua, que se exprime nas denominações das doenças. De fato, alguns nomes populares em idiomas distintos evidenciam aspectos da visão do mundo que rodeiam as populações e de a outros povos.

No português do Brasil, as variantes populares e regionais apresentam-se em grande número na terminologia médica. Um dos fatores que contribuem para essa variedade é a grande extensão territorial do país, que abre espaço para muitos

[18] Este capítulo apresenta dados apresentados em comunicação de nossa autoria no IX Simpósio da Rede Ibero-americana de Terminologia, que se realizou em Barcelona em 2004. O artigo correspondente, intitulado *Terminologia da Dermatologia: aspectos da diversidade lingüística e cultural*, encontra-se no prelo e deverá ser publicado nos Anais do respectivo Simpósio.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

regionalismos. Outro motivo é a riqueza da cultura popular brasileira, a cultura de raiz, dos negros e índios escravos coloniais, do sertanejo, bem como a cultura do estrangeiro imigrante.

Sob outro aspecto, em um estudo comparado de denominações populares criadas por povos diferentes, percebem-se visões distintas de alteridade que, freqüentemente, têm raízes históricas e culturais antigas. Rivalidades nacionais, necessidades de afirmação em relação a outros povos e mesmo de exorcização de males podem ser identificadas como pano de fundo dessas denominações. Abordaremos ainda aspectos da terminologia da Dermatologia.

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos relativos a visões culturais que subjazem ao processo de criação de termos populares que designam dermatoses.

6.4.1. Algumas considerações antropológicas

A diversidade pressupõe, obrigatoriamente, a identidade; o outro existe por oposição ao *eu*, *a mim mesmo*. A identidade cria o referencial maior, determina a linha de raciocínio, dá a tônica da relação:

> O verbo ser é a pedra angular da lógica da identidade. Procedendo ao recorte de um continuum, instaura uma relação de coincidência entre o indivíduo e si-mesmo, entre a sociedade, a cultura e quem dela faz parte. O pensamento do ser é um pensamento da identificação. É ela que designa, marca, coloca, põe, dispõe e, finalmente, institui a pretensão identitária: a negritude, a indianidade, a latinidade, a germanidade, a orientalidade, a ocidentalidade... (LAPLANTINE, 1999,p. 18-19)

A identidade permite a afirmação do *eu* e oferece referências fundamentais ao *ser*. Individual ou coletiva, pode ser produzida em uma relação de oposição transitiva, na qual há interação entre elementos que possuem características comuns; ou em uma

relação de disjunção, na qual os elementos confrontados não compartilham nenhum traço.

A reação ao diferente pode dar-se de distintas maneiras, notadamente de três modos:

1. pela indiferença – o novo não me diz nada;
2. pela aprovação – o novo me está simpático e/ou "me diz alguma coisa";
3. pela rejeição – "Narciso acha feio tudo o que não é espelho".

Em caso extremo, a identidade pode conduzir à anulação do *outro* que vive no *eu.* Sem a diversidade, o real transforma-se em uma imagem reducionista e simplista de si próprio. É na interação desejosa de transformação dos referenciais que se instaura o princípio da evolução enriquecedora.

No nível do coletivo, da sociedade e, portanto, das relações políticas, a identidade e a diversidade podem se transformar em joguetes ideológicos, a ideologia sendo "uma espécie de astúcia, uma justificação ou imposição do vivido, aceito como tal. Como elaboração secundária do imaginário, constitui-se como um pensamento selvagem (conforme os significados definidos por Lévy-Straus), mas pervertido" (LAPLANTINE, 1997, p. 25). Pode servir a interesses políticos e fazer com que a identidade alimente rivalidades entre povos.

6.4.2. A terminologia da Dermatologia e a visão do outro

As rivalidades entre populações ou poros podem conduzir a verdadeiros holocaustos ou, mais moderadamente, deixar apenas marcas lingüísticas. É o que ocorre com termos do domínio da Dermatologia que fazem clara alusão a povos ou a categorias sociais, de modo mais ou menos neutro ou carregado de conotação ideológica.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A referência a nacionalidades e, portanto, a povos, é freqüente nessa área do saber médico. De fato, encontramos em nossa pesquisa denominações de doenças que exprimem a região do planeta em que essa é endêmica. Nesses casos, não se evidenciam maiores preconceitos, apenas se procuram distinguir tipos diferentes das dermatoses em questão.

É o caso de *blastomicose sul-americana* por oposição a *blastomicose norte-americana*. De fato, esta última é assim chamada porque se dá fundamentalmente (ou exclusivamente) nos Estados Unidados da América; já a primeira limita-se à América do Sul, com grande incidência no Brasil. A blastomicose queloidiana, por sua vez, é endêmica da região amazônica (zona intertropical das Américas). Nesses casos, não vemos – s.m.j. – conotação pejorativa ou preconceituosa.

Caso semelhante é o de *leishmaniose*. Esse termo possui uma extensão semântica razoável, uma vez que recobre uma série de doenças infecto-contagiosas, cada uma recebendo denominações específicas, muitas fazendo alusão a povos ou a regiões, sempre em consonância com a localização geográfica em que houve ocorrência histórica marcante da enfermidade. Podemos compreender melhor essa questão por meio das explicações que nos oferece o médico Carmello Liberato Tadei (2004):

> Os protozoários do gênero LEISHMANIA, do qual o primeiro descrito por Ross, no ano de 1903, compreende várias espécies encontradas em todo o mundo, e estas diferentes espécies vêm sendo responsabilizadas pela doença, com sintomatologia característica conforme a espécie causal. ...
>
> 1 - BOTÃO DO ORIENTE OU LEISHMANIOSE TEGUMENTAR. Sinonímia: Cravo ou Botão de Biskra, Botão de Touggourt, Botão de Zibans, Botão de Laghouat e Botão d'Ouargla na Argélia; Botão de Tebessa ou de Gafsa na Tunísia; Botão do Nilo no Egito; Botão d'Alep na Síria; Botão de Bagdad ou de Bouchir na Arábia; Botão de Delhi na Índia, Botão das Filipinas nesse mesmo país e Úlcera de Bauru no Brasil. Como frisei na sinonímia dessa enfermidade, é ela no Brasil conhecida pelo nome de ÚLCERA DE BAURU, pelo fato de haver sido primeiramente assinalada na cidade de Bauru do Estado de

> S. Paulo, porém em pessoas procedentes de outras regiões do país que para Bauru vieram à procura de tratamento médico, devido situar-se nessa cidade o entroncamento ferroviário com os estados de Mato Grosso e Goiás, de onde procediam em sua maior parte os doentes.
>
> 2 - LEISHMANIOSE TROPICAL OU VISCERAL. Sinonímia - Kala-Azar, Moléstia de Sahib, Febre Dum-Dum, e outros nomes. Esta forma clínica da doença, endêmica em numerosos pontos da Índia e da África, é produzida pelo mesmo protozoário descoberto no ano de 1903, por Leishman, no Hospital Militar de Londres, e alguns meses após por Donovan em Madras. Pouco tempo depois, Manson e Low também o isolaram de casos de pessoas internadas no Hospital da Marinha em Londres, e também na Alemanha por Marchand e Ledingham, estes últimos em cadáveres de pessoas mortas procedentes da China. Recebeu essa doença o nome de Leishman, assim como seu agente causal, em consideração e homenagem a uma sua monografia pioneira escrita a respeito desse agente causal e da própria doença. (TADEI, 2004, p.1)

Os exemplos aqui fornecidos sobre a menção a alguma nacionalidade relacionavam-se de modo mais direto a localidades onde as enfermidades são endêmicas, ocorreram de modo marcante ou ainda local de grande concentração de doentes em busca de cura.

Há outros casos em que a alusão a um povo se dá por outro motivo. É o que ocorre com o termo *sarampo alemão*, também chamado *rubéola, sarampo de três dias, rubéola epidêmica* e *terceira doença*. A referência ao povo alemão obedece a uma razão específica, como se observa no contexto explicativo abaixo:

> A rubéola foi descrita pela primeira vez na Alemanha há duzentos anos e por isso também costuma ser chamada sarampo alemão. A sua sintomatologia caracteriza-se principalmente pelo aparecimento de uma erupção, primeiramente na face e no pescoço, e depois com propagação pelo resto do corpo, em aproximadamente vinte e quatro horas, embora nos casos das mulheres adultas nem sempre se verifiquem as tais manchas avermelhadas sobre a pele (as mesmas não costumam elevar-se acima da superfície). (SENA, 2000)

unesp

Em todos os exemplos acima, não identificamos, na menção a cidades, países, continentes, povos ou personagens, conotação preconceituosa ou ideologicamente marcada por forte carga negativa.

Em nossa pesquisa, encontramos, entretanto, outras situações em que os termos empregados para designar certas dermatoses comportam traço de preconceito ou discriminação evidente. É o que ocorre, por exemplo, com o termo *doença dos vagabundos*. Essa unidade terminológica remete a uma categoria social – a dos vagabundos, mendigos ou, mais modernamente, sem-teto – na qual essa dermatose apresenta elevado índice de ocorrência, devido ao modo de transmissão, como podemos verificar pela explicação abaixo:

> A infestação do homem e sua vestimenta pelo parasita corporal (Pediculus humanos) está confinada quase exclusivamente a indivíduos que raramente removem suas roupas e vivem em situações muito aglomeradas e com pouca higiene. É transmitida por contato corporal direto ou por troca de roupa infestada. Prurido é a principal queixa, particularmente à noite. O corpo é freqüentemente coberto por escoriações, com hiperpigmentação amarronada resultando na infestação crônica (a chamada "doença dos vagabundos"). (PeDOIA, 2002)

Pelo exposto, pode-se observar que a falta de higiene, agravada pelo uso de roupa contaminada pelo parasita *Pediculus humanos*, conduz à condição de portador da chamada *doença dos vagabundos*. Essa denominação manifesta, porém, claro preconceito em relação aos mendigos. Se, por um lado, é verdade que dentre eles ocorre alta incidência dessa dermatose, por outro, a doença não é exclusividade dos mesmos.

A generalização comporta alto grau de discriminação e, por esse motivo, alguns especialistas preferem empregar as designações *pediculose do corpo* ou *pediculose da roupa*. Afinal, os vagabundos já padecem de grandes males; cabe à Medicina mitigá-los e não adicionar carga ideológica ainda mais prejudicial à imagem de seus pacientes.

No domínio da Dermatologia, encontramos, ainda, situações em que a terminologia designativa das doenças é fruto claro de oposições políticas, de rivalidades entre povos. É o caso da sífilis, sobre a qual discorremos de modo mais detalhado a seguir.

6.4.3.O caso da sífilis

Todos nós herdamos no sangue lusitano
uma boa dosagem de lirismo. Além da sífilis, é claro.
(*Calabar*, Chico Buarque e Ruy Guerra).

6.4.3.1. Origem do nome

1497. Los enfermos de mal de las Indias (sífilis) con exantemas floridos propios del segundo periodo son atendidos en el hospital. Mientras el médico examina la orina de un enfermo, el ayudante aplica a otro algún emplasto, posiblemente mercurial. (Grabado de la portada del libro de Barto. 1497. Med. E Historia. 9/1965). (Museo Virtual de la Sanidad en España, 2004.)

Figura 12 - Epidemia de sífilis na Europa.

O primeiro a atribuir a denominação *sífilis* a essa doença sexualmente transmissível foi Gerolamo Fracastore, que, em 1530, compôs um poema, cujo personagem principal, o pastor Sifilo, por ter ofendido o deus Apolo, foi punido com uma doença que apresentava pústulas e úlceras (GIUSTI et. al, 2004, p. 1):

> É assim que, em 1530, Girolamo Fracastoro, dito Fracastor (1483-1553), Humanista e médico italiano, publica seu célebre poema Syphilis Sive Morbus Gallicus, dedicado ao Cardeal Bembo. Seu sucesso foi enorme. Trata-se de uma trama mitológica composta em versos latinos, no estilo de Ovídio. Fracastor nele descreve um quadro teórico, clínico e terapêutico bastante complexo de uma nova peste:

> Syphilis Sive Morbus Gallicus. Por ter ultrajado Apolo, um pastor sedutor chamado Sífilo foi punido pelas poderosas divindades com uma doença dolorida e hedionda de evolução rápida. Após longos sofrimentos que lhe conferiram um aspecto ao mesmo tempo repugnante e miserável, Sífilo curou-se graças a um novo medicamento: o guáiaco. Coisa curiosa: Vênus é mencionada en passant. (GOURDOL, 2004, p.1-2)

O poema de Fracastoro foi criado em um momento em que a Europa vivia uma grande peste, a da sífilis, doença então "nova" e que provocava verdadeiro pânico no Velho Continente. Talvez por esse motivo, o poema do médico tenha tido tamanha repercussão, imortalizando a designação *sífilis* em diversos idiomas.

6.4.3.2. A origem da doença

Ocorria, de fato, na época, uma tragédia na Europa, abatida por essa nova peste, que tomou proporções gigantescas após combates entre tropas francesas e napolitanas, como contam alguns historiadores da doença:

> Em 1495, quando o rei Carlos VIII da França cercou a cidade de Nápoles, na Itália, entre os soldados de ambos os lados havia mercenários que tinham estado a serviço de Colombo. Os dois exércitos contraíram a sífilis, e muitos desses soldados infectados voltaram para o seu local de origem. A partir daí a sífilis se espalhou por toda a Europa e tornou-se uma praga mortal em todas as capitais européias no início do século XVI. (FIOCRUZ, 2003, p.1)

Os dois países mais afetados foram Itália e França, e a causa da maior incidência da enfermidade nesses países era claramente o contato que ambos os povos haviam mantido durante o cerco de Nápoles. Talvez nessa guerra o maior vencedor tenha sido a sífilis, que fez mais mortos entre as partes do que a própria ação militar.

O desespero tomou conta do continente e a Medicina da época lançou-se no combate à doença. Em 1496, o médico alemão Grünpek escreveu o primeiro Tratado sobre a sífilis; em 1497, o médico italiano Niccolo Leoniceno, escreveu o segundo e um

terceiro surgiu no mesmo ano do italiano, desta feita redigido pelo cientista espanhol Torrella (MUSEO (2), 2004).

Hipóteses sobre a origem da doença foram lançadas. Em um primeiro momento, opositores se acusavam mutuamente: os napolitanos atribuíam aos franceses a contaminação e a disseminação da peste e os franceses revidavam com afirmações de mesmo gênero.

A comunidade científica procurou ir além das rivalidades políticas e investigar a hipótese de a doença já existir no Velho Continente antes da guerra entre franceses e napolitanos e mesmo antes da chegada dos europeus às Américas. Sobre esse assunto, as posições divergiam na comunidade científica escreveram:

> De acordo com outras hipóteses, a doença já seria endêmica do Velho Continente, provavelmente chamada com nomes diversos, agente de epidemia não bem identificada... Outros, por sua vez, afirmavam que os gregos, romanos e até egípcios já sofressem do contágio recíproco. (GIUSTI et al., 2004, p.1)

Outra explicação é a de que a sífilis sempre esteve presente no Velho Mundo, mas, até os anos de 1500 d.C., não era identificada como uma doença distinta da lepra (ROSE, 1997, p.1). A semelhança com esta fez com que se parasse para pensar em um detalhamento maior da etiologia e das características de ambas enfermidades.

Avanço científico ou vontade deliberada de não assumir a endemia da doença, o fato é que a Medicina européia negou a possibilidade de a sífilis já estar presente nesse continente há muitos séculos.

Outra hipótese surgiu, então, a de que a doença era originária do Novo Mundo e talvez tivesse chegado ao Velho Continente por meio dos marinheiros da esquadra de Cristóvão Colombo, em 1493 (ROSE, 1997; GIUSTI et al., 2004, FIOCRUZ, 2003).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Segundo os defensores dessa posição, a sífilis teria sido um verdadeiro Cavalo de Tróia dos povos americanos contra a indesejada visita dos europeus:

> A sífilis: presente envenenado do Novo Mundo
>
> O Capitão Martin Alonzo Pinzon foi a primeira vítima européia da sífilis, uma doença venérea que se caracteriza pelo surgimento de feridas nas partes genitais. Essa doença misteriosa (em francês, também chamada de vérole) contaminou em um tempo recorde a península italiana graças à guerra declarada pelo rei da França, Carlos VIII, no dia 25 de janeiro de 1494... Foi somente em 1504 que um médico espanhol, Rodrigo Diaz de l'Isla, descreveu-a corretamente e identificou o local de origem da doença como sendo a Ilha Espanhola. Percebeu-se, então, que a sífilis tinha sido levada para a Europa pelos marinheiros de Colombo, que tinham tido contato com as mulheres Taïnos. ... A doença espalhou-se rapidamente por todo o Velho Continente, chegando à China e ao Japão. (HERODOTE.NET., 2004, p. 5-6)

Assim, após acusações entre povos europeus, as baterias se voltaram contra outro actante: as Américas. De um ponto de vista sociológico, essa mudança de foco exercia a função política de aplacar ânimos e permitir que um relacionamento menos hostil entre vizinhos pudesse ser retomado. Afinal, como afirma Carrara (1996-97):

> De fato, nenhuma outra doença provocou tão acirradas disputas em relação ao seu local de origem quanto a sífilis. Por ter sido uma das mais estigmatizantes doenças humanas, nenhum povo ou nação aceitava de bom grado ser apontado como seu berço, 'privilégio' que sempre se reservava aos inimigos. Como dizia um sifilógrafo brasileiro da década de 1920 (Almeida, 1925, p.iii): "A sífilis ninguém a quer, nem como hóspede, nem como vizinha e muito menos como patrimônio histórico ou de família. A sua vida de indesejável, negada por toda a parte, apresenta, já por si, um embaraço para a fixação de sua história através dos séculos." (CARRARA, 1996-97, p. 2)

Já no século XV se observava a tática que inúmeras vezes se repetiu ao longo da história da Humanidade e, mais particularmente, na história da Medicina: a de imputar ao "Terceiro Mundo" a causa de todos os males que afligem países que se consideram

mais desenvolvidos. Foi assim com a sífilis, foi assim com a AIDS, e tantas outras enfermidades. Essa discriminação social não passou despercebida e foi registrada pelas autoridades médicas das Américas:

> Durante o século XIX, a opinião dos médicos brasileiros a esse respeito parece ter divergido bastante. Enquanto figuras eminentes acreditavam ser a sífilis doença autóctone no continente, outros já apontavam claramente o caráter discriminatório e estigmatizante da hipótese americana. Para alguns, os europeus, mais particularmente os espanhóis, querendo desculpar o seu "procedimento com os desgraçados americanos" fizeram "acreditar ao povo e mesmo a um avultado número de facultativos ilustres que a pura, a inocente América, ignorando torpezas, ornada dos costumes os mais simples, havia comunicado sífilis à já tão corrupta e voluptuosa Europa" (Lima, 1849, p. 2). (CARRARA, 1996-97, p. 3)

A reação da comunidade médica americana no século XIX e início do XX procurou revidar acusações tão indesejadas feitas aos povos de nosso continente pelos europeus.

Apesar dessa atitude de autodefesa, cientistas brasileiros juntaram-se à comunidade médica internacional e procederam a estudos no sentido de verificar se uma terceira situação não seria plausível: a de que a sífilis tivesse se desenvolvido em ambos os hemisférios ao mesmo tempo (ROSE, 1997, p. 1).

Procurou-se, então, analisar a possibilidade de a sífilis ser uma variante de doenças conhecidas há muito no Velho Mundo: lepra, bejel e framboesia. No que concerne à primeira, até certo período acreditou-se que fossem a mesma enfermidade, mas estudos mais aprofundados comprovaram a alteridade de cada uma. Sabe-se, hoje, que os agentes etiológicos de framboesia e de bejel são espécies de *Treponema*, sendo ambas, assim, consideradas como formas de treponematose. A proximidade com a sífilis é, visto que esta também é uma treponematose.

De fato, os agentes etiológicos de bejel e framboesia são os mesmos da sífilis, o espiroqueta *Treponema pallidum*, mas as três doenças se caracterizam como espécies

distintas. Essas doenças são, então, consideradas pelas autoridades médicas como tipos de sífilis (*lato sensu*), embora não se confundam com a sífilis *stricto sensu*, provocada pelo *Treponema pallidum sp. pallidum.*

Atente-se para o fato de que a bejel é, ao que tudo indica, endêmica de países árabes ou, pelo menos, de ocorrência particular entre crianças desses povos. Nesse sentido, não se poderia descartar a possibilidade de a doença ter sua origem em outro continente que não o americano nem o europeu. Isso corroboraria a hipótese da existência concomitante da sífilis em diversos locais do planeta, desde tempos remotos, com expressões diferentes provocadas por variações climáticas ou outros fatores.

Deixando de lado qualquer preconceito social ou rusgas políticas, os cientistas continuaram suas pesquisas, verificando todas as possibilidades e chegaram a um certo consenso, conforme relata Giusti et al. (2004):

> Hoje em dia não só a análise de documentos históricos, mas sofisticados meios de Biologia molecular e Bioquímica de precisão permitiram estudos mais aprofundados sobre achados arqueológicos; segundo esses estudos nos esqueletos e nos vários escombros de civilizações mediterrâneas anteriores ao século XV, não foram encontrados indícios da doença; ao contrário, sinais da enfermidade foram encontrados em amostras de ossos de várias épocas provenientes de diversas zonas do continente americano. Ou seja, um "presente" aos conquistadores ou uma vingança inconsciente da parte dos ameríndios do Novo Mundo em troca da pilhagem e das destruições sofridas. (GISUTI et. al., 2004, p. 1)

A conclusão da Ciência no século XX é de que, efetivamente, a origem da sífilis *stricto sensu* é americana. A comunidade médica brasileira está, em boa parte, de acordo com essa posição e, atualmente, não se preocupa tanto em saber de onde veio a enfermidade, mas em tratá-la e, sobretudo, em prevenir sua ocorrência.

Apesar dessa postura, algumas autoridades médicas brasileiras que se debruçam sobre aspectos históricos e geopolíticos das doenças envidaram esforços para descobrir se a sífilis é endêmica do Brasil ou se teria vindo de outras localidades da América e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

desde quando grassa em nosso país. Fazendo coro com especialistas franceses como A. Fournier e E. Jeanselme, vários estudiosos brasileiros são de firme opinião de que a doença não era conhecida no Brasil antes da chegada de Cabral.

Uma grande referência entre os sifilógrafos brasileiros, o Prof. Dr. Eduardo Rabelo, afirmou, após pesquisas sobre a matéria (e em certo tom nacionalista), que a sífilis havia sido "mau grado nosso, implantada em nosso solo virgem e transmitida à nossa raça sadia" (RABELLO, 1921, p. 325). De acordo com esse especialista, a doença é originária das Grandes Antilhas e efetivamente deve ter sido levada à Europa pelos marinheiros de Colombo:

> Porém, não podia ser brasileira. E, para prová-lo, o sifilógrafo se volta para os cronistas do século XVI e para os testemunhos sobre os povos indígenas brasileiros ainda isolados, que começavam então a ser produzidos de forma mais sistemática. Para ele, todos os nossos cronistas de primeira hora haviam tecido "universais gabos à pele dos índios". Apenas os cronistas da segunda metade do século XVI (André Thévet, Jean de Lery, Gabriel Soares de Souza) e observadores posteriores teriam se referido à incidência de males que se poderiam considerar manifestações sifilíticas ou boubáticas entre as populações indígenas, já em contato regular com europeus e africanos. Além disso, observadores contemporâneos que penetravam os sertões, como Rondon, Murilo de Campos, Olímpio da Fonseca Filho e Roquette-Pinto, atestavam que populações indígenas ainda isoladas eram indenes à sífilis. ... O eminente prof. Sigaud, escrevendo em meados do século XIX, apoiava-se em relato setecentista do viajante português Ribeiro de Sampaio para defender a hipótese americana. Tal relato era sem dúvida estratégico, por tratar justamente da região do rio Negro, no Norte do país, mais próxima, portanto, das Antilhas. (CARRARA, 1996-97, p. 3)

Firma-se, portanto, entre os estudos de brasileiros sobre a presença da sífilis em território nacional, a idéia de que, embora seja de origem americana, essa enfermidade não é endêmica do Brasil. Nosso país teria sido também vítima do contato de populações estrangeiras contaminadas. No caso, a situação se inverteu: os transmissores da doença tinham sido os europeus colonizadores que, após contraírem a sífilis em suas andanças pelo Caribe, trouxeram-na para o Brasil.

unesp

Realiza-se, desse modo, o mesmo discurso de franceses e napolitanos do século XV. De um ponto de vista sociológico, o Brasil repetia a mesma atitude desses povos quando lançaram a hipótese de que a culpa da epidemia de sífilis no Velho Continente era do Novo Mundo e, assim, colocava-se no mesmo patamar dos europeus da época, como bem observa Carrara:

> Como se vê, durante a década de 1920, a reflexão sifilográfica brasileira conseguiu a extraordinária façanha de fazer com que a sífilis pudesse ser simultaneamente americana, como queriam os mestres europeus, e européia, como queriam os americanos. Interessante origem da doença que simbolicamente parece traduzir, de um lado, a própria posição que os sifilógrafos brasileiros (e mais amplamente, a medicina brasileira) assumiam na hierarquia internacional de especialistas: dependentes, é certo, dos centros europeus, mas já com poder suficiente para desenvolverem uma reflexão científica original. De outro lado, parecia também traduzir a própria posição que se reivindicava para o Brasil na hierarquia das nações. Ora, seguramente havia países ainda mais pobres e politicamente mais frágeis, como os das Antilhas, para carregarem sem protestos o ônus de serem o berço do mal. Nesse sentido, a reflexão dos sifilógrafos brasileiros quanto à origem da sífilis não deixava de distinguir o Brasil dessas outras nações, incorporando-o, ainda que parcialmente, ao "mundo civilizado". (CARRARA, 1996-97, p. 4)

Verifica-se aqui uma postura também discriminatória por parte dos brasileiros. Apesar de essa atitude ser investida mais de um caráter psicológico (de afirmação e de superioridade) do que de cunho político, não deixa de ser estigmatizante. Por outro lado, tal como no caso dos europeus do século XV, as afirmações da maior parte dos médicos brasileiros, estão, ao que tudo indica atualmente, corretas, ou seja, a sífilis (*stricto sensu*) é endêmica das Américas, embora não o seja do Brasil.

6.4.3.3. A terminologia como expressão de acusações cruzadas

É preciso dizer que as acusações que correram nos idos da peste sifilítica pela Europa e outros continentes dos séculos XV e XVI não se dirigiram apenas aos povos

americanos. Como a doença se espalhava pelos quatro cantos do mundo de então devido aos contatos de guerra e comerciais – mas, sobretudo, sexuais –, a peste contaminou turcos, árabes, africanos, chineses, russos e tantos outros povos. Cada um atribuía ao outro a culpa do mal. Assim, além das mútuas acusações entre franceses e italianos, e das respectivas expressões denominativas empregadas por esses, outros termos foram cunhados de acordo com as rivalidades entre povos, como explica Giusti et al. (2004):

> Para os alemães, era "frantzozen (o franzosischen) pocken", para os ingleses "french disease", para os espanhóis e portugueses, "mal de Castilla", para os povos asiáticos "mal dos turcos", mas para os turcos, "mal dos cristãos"; para os poloneses, "mal dos alemães", enquanto que para os russos, era "mal polaco". (GIUSTI et al., 2004, p. 1)

A língua portuguesa – e os dicionários desse idioma – não deixam de registrar, sob a forma de expressões lingüísticas, as rivalidades. De fato, em nossa pesquisa no âmbito do VMD elencamos 37 designações diferentes para o conceito de *sífilis*, a saber:

doença britânica	doença gálica	doença venérea
gálico	lues	lues venérea
mal venéreo	mal-americano	mal-canadense,
mal-céltico	mal-da-baía-de-são-paulo	mal-de-coito
mal-de-fiúme	mal-de-franga	mal-de-frenga
mal-de-nápoles	mal-de-santa-eufêmia	mal-de-são-jó
mal-de-são-névio	mal-de-são-semento	mal-dos-cristãos
males	mal-escocês	mal-francês
mal-gálico	mal-germânico	mal-ilírico
mal-napolitano	mal-polaco	mal-turco
peste sexual	sífilis	sífilis *d'emblée*
sifilose	venéreo.	

Dessas unidades terminológicas, 15 exprimem denúncias ou acusações de povos como responsáveis pela enfermidade: *doença britânica, doença gálica, gálico, mal-americano, mal-canadense, mal-céltico, mal-da-baía-de-são-paulo, mal-de-nápoles,*

mal-ilírico, mal-escocês, mal-francês, mal-gálico, mal-germânico, mal-napolitano, mal-polaco e *mal-turco*. Ninguém escapa: europeus de diversas nações, americanos do norte e até mesmo os brasileiros.

Aspectos religiosos também entram em jogo no conjunto de denominações em língua portuguesa: *mal-de-santa-eufêmia, mal-de-são-jó, mal-de-são-névio, mal-de-são-semento, mal-dos-cristãos*.

Algumas delas – sobretudo a última – foram, com certeza, forjadas por muçulmanos e outros povos de religião não-católica, como contrapartida no processo de acusações pelo contágio.

No caso de São Jó, esse termo popular deve-se ao fato de que, por longo tempo, confundiu-se a sífilis com a lepra. Conta Brigitte Rossignol, em seu livro *Médecine et médicaments au XVIe siècle à Lyon* (1990), que "em 12 de agosto de 1497, uma Portaria real reforçou as medidas de higiene, sob pena de multas pesadas. Mas os médicos não queriam nem ver, nem tratar os pacientes. A estes só restava celebrar uma missa em honra de São Jó "para serem curados da sífilis" ou simplesmente implorar à Virgem Santa" (ROSSIGNOL, 1990, p. 142-143).

As demais denominações existentes em língua portuguesa para a doença caracterizam-se como termos científicos ou fazem alusão ao principal meio de transmissão do mal: a via sexual.

7. QUESTÕES DE EQUIVALÊNCIA TERMINOLÓGICA EM DERMATOLOGIA[19]

A elaboração de uma obra terminográfica bilíngüe ou multilíngüe enfrenta normalmente o problema das equivalências de termos que refletem realidades diferentes e que não encontram correspondentes na língua de chegada. O processo de produção do *Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia*, projeto no qual trabalhamos durante sete anos, não foge à regra, embora a Medicina adote o princípio de uma comunicação facilitada pela homogeneidade internacional de sua terminologia.

Entre o português (língua de partida do VMD), o espanhol, o francês e o italiano (línguas-alvo do VMD) há freqüentemente, mesmo em nível de língua geral, muita proximidade de conteúdo e de expressão. O inglês afasta-se um pouco do português, porém a *Nomina Anatomica* e as regras de formação de termos da área médica fazem com que haja menos dificuldades de correspondências.

Essa proximidade e homogeneidade não significam, entretanto, ausência de problemas. Ao contrário, as aparentes semelhanças podem transformar-se em armadilhas para terminólogos ou tradutores desatentos.

Neste capítulo, discutimos questões relativas à equivalência lexical no domínio da Dermatologia, utilizando, para tanto, exemplos obtidos em nossa pesquisa sobre os idiomas português, italiano, francês, inglês e espanhol.

---

[19] Este capítulo apresenta dados divulgados sob a forma de três trabalhos apresentados em eventos científicos e publicados: 1) *É possível a equivalência perfeita português-francês entre termos do domínio da Dermatologia?* Francine Ferraz da Silva/Lídia Almeida Barros (*Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. XXXIV, p. 668-673, 2005); 2) *Equivalência terminológica bilíngüe português-italiano no domínio da Dermatologia: o caso dos termos genéricos e específicos.* Viviane Teixeira Rodrigues/Lídia Almeida Barros (*Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 686-691, 2005); 3) Questões de graus de equivalência lexical entre português, inglês e espanhol no domínio da Dermatologia.* Ivanir Azevedo Delvizio/Lídia Almeida Barros (*Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. XXXIV, p.1218-1223, 2005).

Antes, porém, de abordar aspectos específicos das equivalências, exporemos a metodologia adotada para a elaboração do VMD e alguns pressupostos teóricos relativos à Terminologia Bilíngüe ou Comparada, que deram sustentação às nossas pesquisas.

7.1. METODOLOGIA

7.1.1. Estabelecimento da nomenclatura e sistematização dos dados

A primeira etapa de nosso trabalho consistiu na leitura da bibliografia sobre Dermatologia indicada pelos especialistas da matéria. Após a aquisição de conhecimentos fundamentais ao domínio e detentores da formação necessária à identificação do conjunto terminológico dessa área especializada, passamos à delimitação dos termos em contexto.

A bibliografia utilizada para a recolha dos termos compôs-se de manuais e compêndios de Dermatologia escolhidos por indicação de profissionais dessa área. O corpus compôs-se das seguintes obras:

- AZULAY, R., AZULAY, D. R. **Dermatologia**. Rio de Janeiro: Koogan, 1999.
- BECHELLI, L. M., CURBAN, G. V. **Compêndio de Dermatologia**. 5ªed. São Paulo:Atheneu, 1988.
- CUCÉ, C. L, NETO, F. C. **Manual de Dermatologia**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1990.
- SAMPAIO, S. A. P, CASTRO, R. M, RIVITTI, E. A. **Dermatologia Básica**. 2ªed. São Paulo: Artes Médicas, 2001.

A coleta dos dados terminológicos referentes ao conjunto vocabular estudado compôs-se das mesmas obras, complementadas por dicionários médicos e de língua geral portuguesa, a saber:

- BLAKISTON. **Vocabulário médico**. Nova Iorque:Macgraw-Hill Book Company, 1979.
- DORLAND. **Dicionário médico**. 25ªed. Tradução: Paulo Marcos A. de Oliveira. São Paulo: Rocca, 1997.
- **STEDMAN dicionário médico**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.
- FERREIRA, A. B. De H. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexicom Informática, 1999. CD-ROM, versão 3.0.

Os dados sobre cada termo foram, inicialmente, registrados em fichas manuais (em suporte papel), uma vez que não dispúnhamos das condições necessárias no que concerne ao material eletrônico.

Uma vez concluída essa etapa, procedemos à organização do conjunto terminológico próprio da Dermatologia em um sistema conceptual. O sistema compõe-se de 3707 termos (1607 termos definidos, acrescidos de 2100 sinônimos). A estruturação do sistema em campos conceptuais foi descrita no subcapítulo *2.3. Tratamento terminográfico das variantes em nosso dicionário* e o conjunto dos termos em ordem sistemática encontra-se nos Anexos deste trabalho.

7.1.2. Informatização do Projeto

7.1.2.1. Base de dados terminológicos monolíngüe português

As fichas terminológicas manuais foram extremamente úteis para o desenvolvimento de nosso projeto em um período em que não possuíamos nem o material informático adequado à pesquisa, nem a bibliografia sobre Dermatologia. Éramos, então, obrigados a buscar os dados na biblioteca da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto-FAMERP.

Nesse caso, as fichas manuais eram práticas no armazenamento das informações, na medida em que eram de fácil transporte. Os resultados obtidos eream digitalizados com o auxílio do programa Word do Office (Microsoft).

A partir do momento em que passamos a ter condições de informatizar nosso trabalho e adquirimos a bibliografia necessária, esse procedimento deixou de ser adequado.

Nesse sentido, criamos uma base de dados terminológica eletrônica (BDTE), utilizando, para tanto, o programa Access 2000, do Microsoft Office 2000. Preparamos os resultados até então obtidos de modo que pudéssemos passar do formato Word ao Access. Uma vez preparados os dados, exportamos o trabalho até aquele momento concluído para essa base, monolíngüe, português, que passou a armazenar as informações colhidas e tratadas até então (de 1997 a 2001). A partir daí, os novos dados passaram a ser registrados diretamente nas fichas terminológicas eletrônicas.

Para o tratamento dos dados com vistas à redação das definições, elaboramos dois modelos de fichas eletrônicas: uma terminológica e outra se síntese.

A ficha terminológica eletrônica compunha-se de seis subformulários, cada um correspondendo a uma fonte e esta, por sua vez, correspondendo a uma obra do corpus: Azulay, Sampaio, Bechelli, Dorland, Stedman e o Aurélio Séc. XXI- versão eletrônica. As obras Blakiston e Cucé passaram a ser complementares e só eram consultadas quando as demais não dispunham dos dados de que necessitávamos.

De cada uma delas extraímos as seguintes informações: termo principal, categoria gramatical, outras designações, marcas de uso, contexto. O "contexto" é um dos principais campos da ficha, pois nele foram registrados contextos definitórios ou explicativos extraídos de manuais e dicionários. Também abrimos campos para registrar

unesp

o símbolo de classificação, a CID9 e a CID10, outras fontes, notas sobre o termo e notas sobre o trabalho.

Podemos visualizar todos os campos da ficha, por meio do exemplo abaixo:

Código	**Termo:**	
	urticária gigante	
Fonte1	**Termo principal**	**Cat gram1**
Azulay	urticária gigante	s f
Outras designações1	Marcas de uso1	
-	-	
Definição/contexto1		
A lesão característica é o ponfo, isto é, uma lesão eritematoedematosa; esta pode ser de pequenas dimensões ou apresentar-se como grandes placas (urticária gigante).		
Fonte2	**Termo principal2**	**Cat gram2**
Sampaio	edema angioneurótico	s m
Outras designações2	**Marcas de uso2**	
edema de Quincke ou urticária gigante	-	
Definição/contexto2		
Há uma forma especial, denominada edema angioneurótico, edema de Quincke ou urticária gigante, na qual os fenômenos anatomopatológicos localizam-se na derme profunda e subcutâneo. Resulta edema agudo, intenso e localizado, que atinge mais freqüentemente extremidades, pálpebras, lábios, língua e laringe, dificultando inclusive a respiração e constituindo risco de vida pela asfixia por obstrução mecânica, podendo até ser necessária traqueostomia. Área de edema circunscrito pode ocorrer no subcutâneo, causando tumefação ou fazendo saliência em superfície. Denomina-se, também, edema de Quincke.		
Fonte3	**Termo principal 3**	**Cat gram3**
Bechelli	edema de Quincke	S m
Outras designações3	**Marcas de uso3**	
urticária gigante	-	
Definição/contexto3		

É tumefação edematosa, circunscrita, de início brusco e duração fugaz. A pele apresenta-se inchada por edema tenso, duro, não depressível, em geral desacompanhado de alteração de cor. Em alguns casos, o edema é precedido ou acompanhado de prurido intenso. As partes mais afetadas são as pálpebras, lábios, narinas, pênis, escroto e, muito raramente, mãos e dedos. Acomete a região de um lado do corpo, mas pode afetar, simetricamente, pálpebras e narinas. Inicia-se subitamente, para regredir em algumas horas. Em alguns pacientes só se manifesta uma vez, em outros há tendência à recidiva havendo surtos repetidos, próximos ou afastados.
O edema pode localizar-se na glote, ocasionar obliteração aguda e morte por asfixia. Dada a rapidez de eclosão do edema, este fato reveste-se de extrema gravidade, maximé, quando constitui manifestação única e inicial da doença, não estando, portanto, o paciente prevenido da possibilidade de sua ocorrência. Isto talvez explique casos de morte súbita, sem causa aparente.
Histologia: Quadro histológico semelhante ao da urticária. O edema é muito intenso e pode atingir o tecido subcutâneo.
A manifestação característica é a lesão urticada, pápula ou placa edematosa, intensamente pruriginosa, fugaz, que, após alguns minutos ou horas, desaparece sem deixar sinal. A lesão é elevada ou discretamente saliente, sendo percebida pela palpação, de superfície lisa e forma cir-cular ou irregular. É de cor porcelânica ou rósea e mesmo eritematosa. O tamanho é variável, de alguns milímetros até 10, 15 ou mais cm no maior comprimento. Permanecem isoladas ou coalescem, formando, por vezes, placas de grande dimensão, a ponto de recobrir extensa área de pele. Em alguns casos, o edema urticariano, muito pronunciado, manifesta-se por grandes placas elevadas: é a urticária gigante. O prurido é intenso e algumas vezes desesperador. Em geral precede a manifestação cutânea.

Fonte4	**Termo principal4**	**Cat. Gram.4**
Dorland	angioedema	s m

Outras designações4	**Marcas de uso4**
-	-

Definição/contexto4

reação vascular que envolve a derme profunda ou os tecidos subcutâneos ou submucosos, representando um edema localizado causado pela dilatação e aumento de permeabilidade dos capilares e caracterizado pelo desenvolvimento de pústulas gigantes.

Fonte5	**Termo principal5**	**Cat gram5**
Stedman	edema angioneurótico	s m

Outras designações5	Marcas de uso5
angioedema; atrofedema; doença de Bannister; doença de Milton, doença de Quincke, edema circunscrito, edema periódico, ededema periódico, edema de Quincke; urticária gigante ou urticária tuberosa.	-

Definição/contexto5

episódios periodicamente recidivantes de inchação não-inflamatória da pele, das mucosas, vísceras e cérebro, de início súbito e durando horas a dias, ocasionalmente com artralgia, púrpura ou febre; o e. cerebral ou glótico pode ocasionar a morte;

Fonte6	Termo principal6	**Cat gram6**
Aurélio	angioedema	s m

Outras designações6	**Marcas de uso6**
-	-

Definição/contexto6		
Reação vascular vista na camada profunda do derma, ou em situação subcutânea ou submucosa, e em que a dilatação e o aumento da permeabilidade capilares levam a edema localizado, além de pápulas de grande tamanho.		
CID 9	**CID 10**	**Símbolo de classificação**
708.8/2	178.3	4.19.1.
Outras fontes: -		
Notas sobre o termo: -		
Notas sobre o trabalho: -		

A ficha acima ilustra nosso trabalho de armazenamento dos dados na base terminológica eletrônica. Em formato "formulário" do Access, essa ficha assumiu a seguinte configuração:

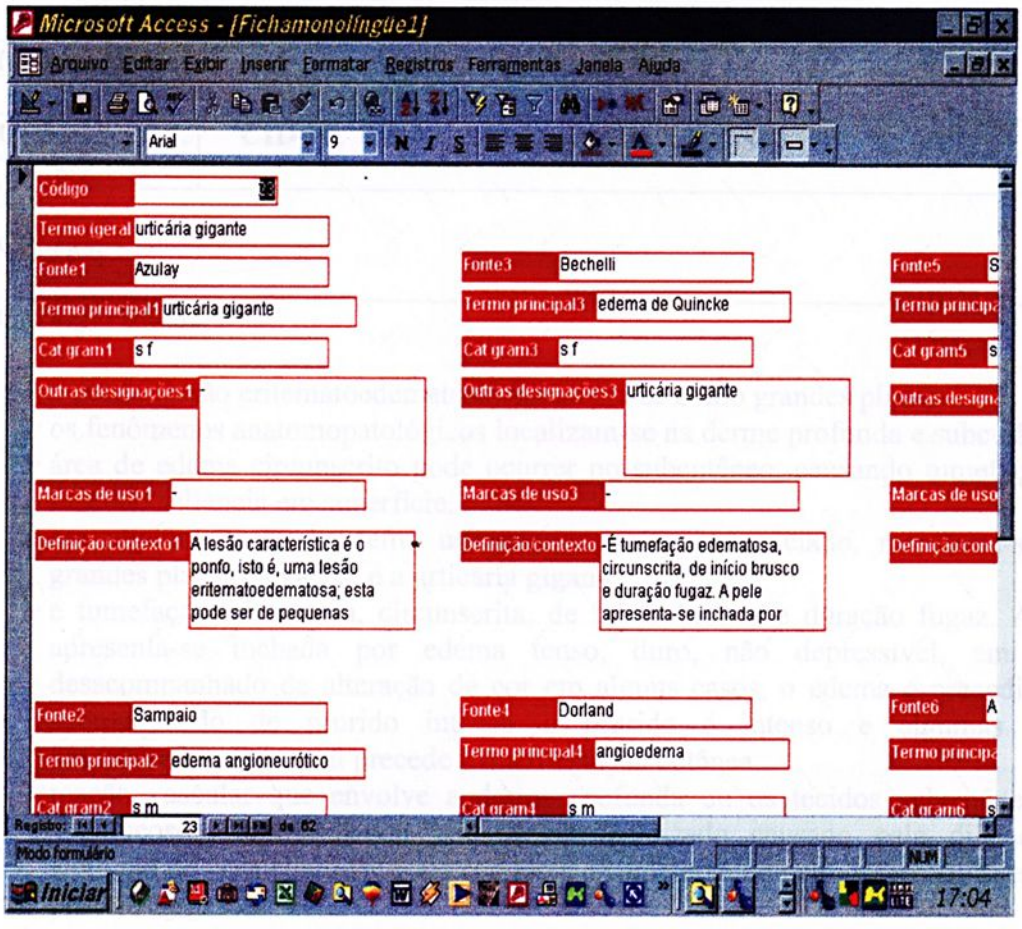


Figura 13 - Ficha terminológica monolíngüe eletrônica.

No segundo tipo de ficha (de síntese, de compatibilização dos dados) constam os seguintes campos: termo, símbolo de classificação, outras designações, marcas de uso, CID9, CID10, causas, características, localização das doenças, definição, notas sobre o termo e notas sobre o trabalho. Abaixo também podemos visualizar os campos que a compõem:

<table>
<tr><td colspan="2">Código 23</td></tr>
<tr><td colspan="2">Termo : urticária gigante</td></tr>
<tr><td colspan="2">Símbolo de classificação: 4.19.1.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Outras designações: Angioedema, atrofedema, doença de Bannister, doença de Milton, doença de Quincke, edema circunscrito, edema periódico, edema angioneurótico, edema de Quincke, urticária gigante, urticária tuberosa.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Marcas de uso: -</td></tr>
<tr><td>CID 9: 708.8/2</td><td>CID 10: 178.3</td></tr>
<tr><td colspan="2">Causas: -</td></tr>
<tr><td colspan="2">Características:
➢ o ponfo (lesão eritematoedematosa) apresenta-se como grandes placas
➢ os fenômenos anatomopatológicos localizam-se na derme profunda e subcutâneo.
➢ área de edema circunscrito pode ocorrer no subcutâneo, causando tumefação ou fazendo saliência em superfície.
➢ em alguns casos, o edema urticariano, muito pronunciado, manifesta-se por grandes placas elevadas: é a urticária gigante.
➢ é tumefação edematosa, circunscrita, de início brusco e duração fugaz. A pele apresenta-se inchada por edema tenso, duro, não depressível, em geral desacompanhado de alteração de cor em alguns casos, o edema é precedido ou acompanhado de prurido intenso o prurido é intenso e algumas vezes desesperador. Em geral precede a manifestação cutânea.
➢ reação vascular que envolve a derme profunda ou os tecidos subcutâneos ou submucosos, representando um edema localizado causado pela dilatação e aumento de permeabilidade dos capilares e caracterizado pelo desenvolvimento de pústulas gigantes.
➢ reação vascular vista na camada profunda do derma, ou em situação subcutânea ou submucosa, e em que a dilatação e o aumento da permeabilidade capilares levam a edema localizado, além de pápulas de grande tamanho.</td></tr>
</table>

- histologia: Quadro histológico semelhante ao da urticária. O edema é muito intenso e pode atingir o tecido subcutâneo.
- episódios peridicamente recidivantes de inchação não-inflamatória da pele, das mucosas, vísceras e cérebro, de início súbito e durando horas a dias, ocasionalmente com artralgia, púrpura ou febre;
- em alguns pacientes só se manifesta uma vez, em outros há tendência à recidiva havendo surtos repetidos, próximos ou afastados.
- dada a rapidez de eclosão do edema, este fato reveste-se de extrema gravidade, maximé, quando constitui manifestação única e inicial da doença, não estando, portanto, o paciente prevenido da possibilidade de sua ocorrência. Isto talvez explique casos de morte súbita, sem causa aparente.

Localização:

- resulta edema agudo, intenso e localizado, que atinge mais freqüentemente extremidades, pálpebras, lábios, língua e laringe, dificultando inclusive a respiração e constituindo risco de vida pela asfixia por obstrução mecânica, podendo até ser necessária traqueostomia
- das partes mais afetadas são as pálpebras, lábios, narinas, pênis, escroto e, muito raramente, mãos e dedos.
- acomete a região de um lado do corpo, mas pode afetar, simetricamente, pálpebras e narinas.
- O edema pode localizar-se na glote, ocasionar obliteração aguda e morte por asfixia.

Definição:

urticária gigante: s f urticária que apresenta edema urticariano localizado, duro, tenso, não-depressível, podendo manifestar pústulas gigantes na superfície da pele, devido a dilatação e aumento de permeabilidade dos capilares, envolvendo a derme profunda ou os tecidos subcutâneos ou submucosos. Observam-se episódios recidivantes de inchação não-inflamatória da pele, das mucosas, vísceras e cérebro, de início súbito e durando de horas a dias, ocasionalmente com artralgia, púrpura ou febre. Acomete extremidades, lábios, língua, narinas, pálpebras, laringe, pênis, escroto e mais raramente, mão e dedos. Frequentemente, atinge apenas a região de um lado do corpo, mas pode afetar, simetricamente, pálpebras e narinas. Constitui risco de vida uma vez que o edema pode causar asfixia por obstrução mecânica, dificultando a respiração. Algumas vezes há necessidade de traqueostomia. Há no quadro a presença de prurido intenso, que pode ocorrer antes mesmo da manifestação cutânea. A doença pode ser grave devido à rapidez da eclosão do edema, principalmente quando este constitui manifestação única e inicial da doença, não estando, desse modo, o paciente prevenido da possibilidade de sua ocorrência. Este fato talvez explique casos de morte súbita, sem causa aparente. **Outras designações**: angioedema, atrofedema, doença de Bannister, doença de Milton, doença de Quincke, edema circunscrito, edema periódico, edema angioneurótico, edema de Quincke, urticária gigante, urticária tuberosa. **Símbolo de classificação**: 4.19.1. **CID-9**: 708.8/2 **CID-10**:178.3

angioedema: s m Ver: urticária gigante.

atrofedema: s m Ver: urticária gigante.

doença de Bannister: s f Ver: urticária gigante.
doença de Milton: s f Ver: urticária gigante.
doença de Quincke: s f Ver: urticária gigante.
edema circunscrito: s m Ver: urticária gigante.
edema periódico: s m Ver: urticária gigante.
edema angioneurótico: s m Ver: urticária gigante.
edema de Quincke: s m Ver: urticária gigante.
urticária gigante: s f Ver: urticária gigante.
urticária tuberosa: s f Ver: urticária gigante.
Notas sobre o termo: -
Notas sobre o trabalho: -

7.1.2.2. Base de dados textuais

Criamos também uma base de dados textuais, escaneando os tratados de Dermatologia em português, documentos originais que serviram de fonte a nossa pesquisa.

Após o escaneamento, tratamos os textos e buscamos os dados referentes aos termos de modo eletrônico.

Como nosso projeto é multilíngüe, criamos cinco bases de dados textuais monolíngües, cada uma reunindo textos sobre Dermatololgia originalmente escritos em português, inglês, francês, espanhol e italiano. O corpus na língua portuguesa compôs-se das obras Azulay, Bechelli e Sampaio. Nos demais idiomas, compôs-se das seguintes obras:

Língua italiana:

- ALESSI, Elvio, CAPUTO, Ruggero. **Dermatologia e malattie a trasmissione sessuale.** Milano: Cortina Raffaello, 1999. (Col. Manuali. Medicina).
- CAINELLI, Tullio. GIANNETTI, Alberto; REBORA, Alfredo. **Manuale di Dermatologia medica e chirurgica**. Milano: McGraw-Hill Libri Italia, 2000.
- LOTTI, Torello M. **Dermatologia pratica per immagini.** Torino: UTET, 2000.
- MEA, Giuseppe. **Dizionario portoghese italiano, italiano portoghese**. 2 v. Porto: Editora Porto, 1994.
- SAURAT, Jean-Hilaire; GROSSHASNS, Edouard. **Dermatologia e malattie sessualmente trasmesse**. Paris: Masson, 2000.
- SCHOMOECKEL, Christian. **Dizionario di Dermatologia.** 2ª ed. Milano: McGraw-Hill Libri Italia, 1996.
- SPINELLI, Vincenzo, CASASANTA, Mario. **Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliano) e portoghese (brasiliano)-italiano.** Milão: Ulrico Hoepli, 1976.
- ZINGARELLI, Nicola. **Lo Zingarelli 2001: vocabolario della lingua italiana**. Bolonha: Zanichelli, 2000.

Língua espanhola:

- NAVARRO, F. A, **Glosario Dermatológico de dudas inglés-español**. Madrid: Actas Dermo-Sifiliográficas, 1999
- FITZPATRICK, T.B. et al. **Dermatología en Medicina General.** 3.ed. Buenos Aires: Panamericana, 1988.
- MARKS, R, SAMMAN, P: D. **Manual de Dermatología.** Barcelona: Editorial Médica y Técnica, S.A, 1979.
- STEWART, W, DANTO, J. L, MADDIN, S. **Dermatología.** 2.ed, México: Interamericana, 1974.
- **DICCIONARIO terminológico de ciencias médicas**. 11. ed. Barcelona: Salvat Editores, 1974.

Língua francesa:

- BELAÏCH, S. **Le livre de l'interne: dermatologie et maladies sexuellement transmissibles.** Paris: Flamarion Médecine-Sciences, 1994,
- BONAFE, J. L. et al. **Dictionnaire de dermatologie pédiatrique**. Paris: Maloine, 1985.
- CHEVALIER, J. **Précis de terminologie médicale.** 6ªed. Paris: Maloine, 1995.
- DELAMARE, G. **Dictionnaire des termes techniques de médecine**. 20ªed. Paris: Maloine, 1978.
- **DICTIONNARIE médical Masson.** Paris/Milan/Barcelona: Masson, 1997.
- DOMART, A. BOURNEUF, J. **Nouveau larousse médical.** Paris: Larousse, 1981.
- DURANT, H. et BICLET, P. **Dictionnaire des examenes biologiques et investigations complémentaires**. Paris: Doin éd, 1997.
- **ENCYCLOPEDIE médico-chirurgicale**. Paris: Editions Técniques, sd.
- HALIQUA, B. et al. **Dermatologie infectieuse.** Paris/Milan/Barcelona: Masson, 1997.
- HOERNI, B. (coord.) **Les cancers de A à Z: science, médecine et société.** Saint-Chéron: Alain Schrotter éd, 1995.
- TOURAINE, R. et REVUZ, J. **Dermatologie clinique et vénéréologie.** 4ªed. Paris/Milan/Barcelona: Masson, 1994.

Língua Inglesa:

- ROOK, A. et al. **Textbook of dermatology**. 4th. ed. Oxford: Blackwell Scientific, 1986.
- **DORLAND'S illustrated medical dictionary**. 28th. ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 1994.
- **STEDMAN'S medical dictionary illustrated**. 23th. ed. Baltimore: Waverly Press, 1996.
- **BVS - Biblioteca Virtual de Saúde**. Disponível em: <http:// www.bvs.br>.

Os dicionários que constam dessa bibliografia não foram escaneados, devido à facilidade de busca dos dados.

7.1.2.3. Bases de dados terminológicos bilíngües

A busca das equivalências dos termos da Dermatologia nas línguas-alvo de nossa pesquisa levou-nos a criar mais quatro bases de dados terminológicos bilíngües, utilizando o programa Access 2000.

O modelo de ficha terminológica eletrônica foi elaborado de modo a que o registro e o tratamento dos dados multilíngües fosse homogeneamente seguido pelos membros da equipe. A ficha dividide-se em cinco subformulários. O primeiro contém todos os dados da língua de partida, ou seja, os dados em português constantes dos verbetes do VMD: termo-entrada, categoria gramatical, marcas de uso, definição, outras designações, símbolo de classificação, CID em suas versões 9 e 10, e remissivas. Os dados da língua de partida foram exportados da base de dados monolíngüe português para cada uma das bases bilíngües.

Os demais quatro subformulários que compõem a ficha terminológica eletrônica correspondem às quatro fontes das línguas de chegada. Cada um conta com os seguintes campos: fonte, termo principal, categoria gramatical, outras designações/marcas de uso e definição/contexto. Após a Fonte 4, encontram-se os campos correspondentes às CID9 e 10 nas línguas de chegada (LC). Ao final da ficha encontram-se campos onde são registradas notas sobre o termo e notas sobre o trabalho.

Para o preenchimento desses campos, servimo-nos da base de dados textuais de cada idioma; os contextos encontrados no corpus foram copiados automaticamente no campo correspondente da ficha eletrônica.

Para melhor visualizarmos a ficha terminológica bilíngue, seguem ilustrações de uma ficha português-francês:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

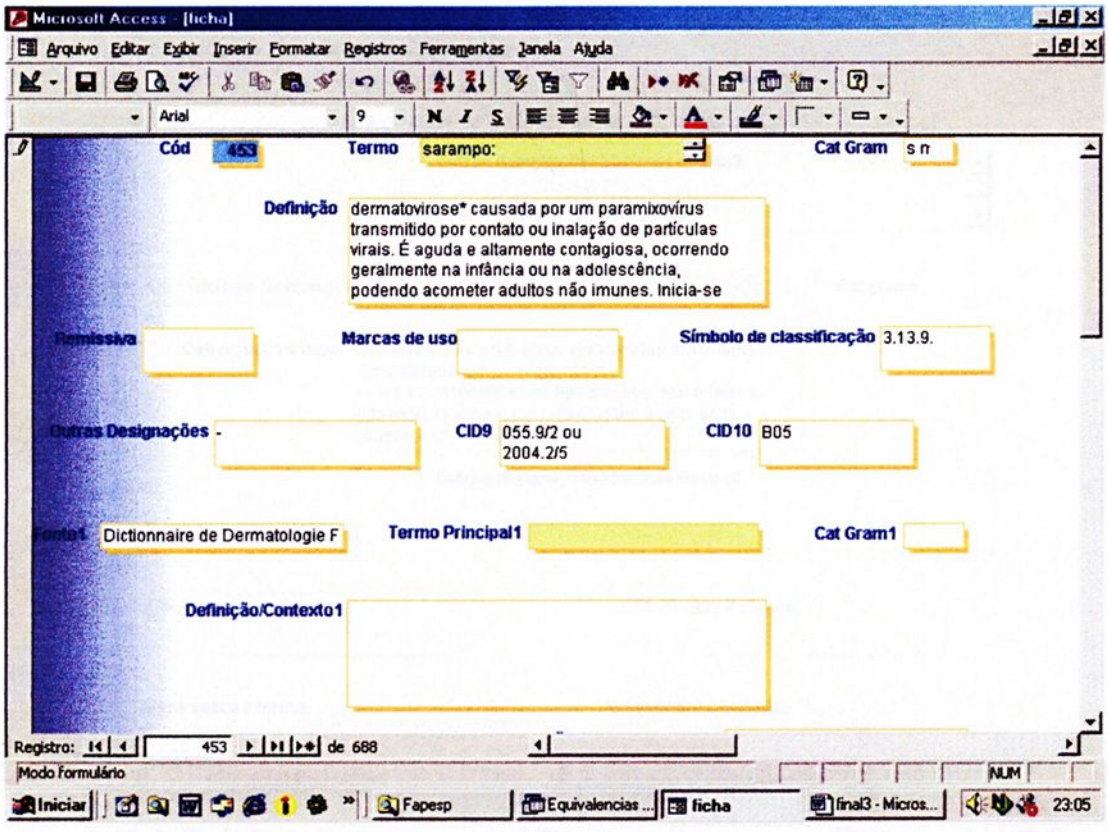


Figura 14 - Ficha terminológica bilíngue (parte 1).

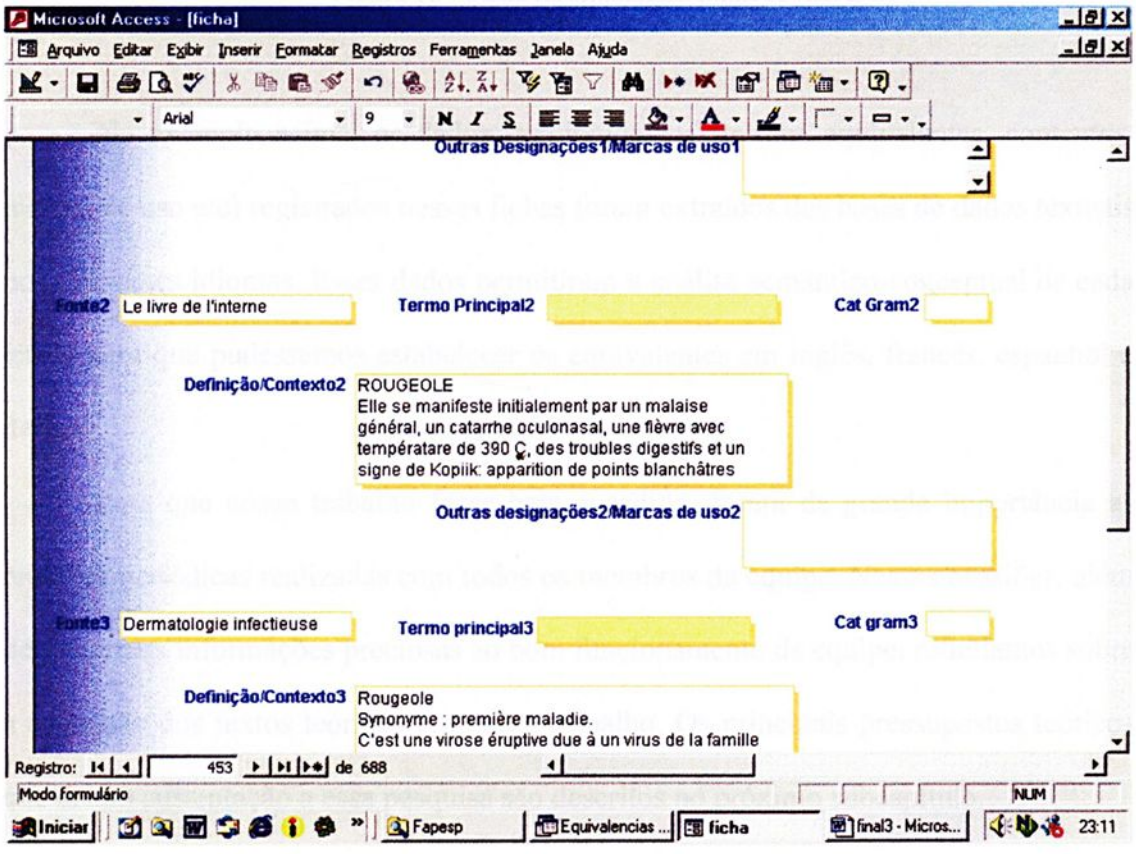


Figura 15 - Ficha terminológica bilíngue (parte 2).

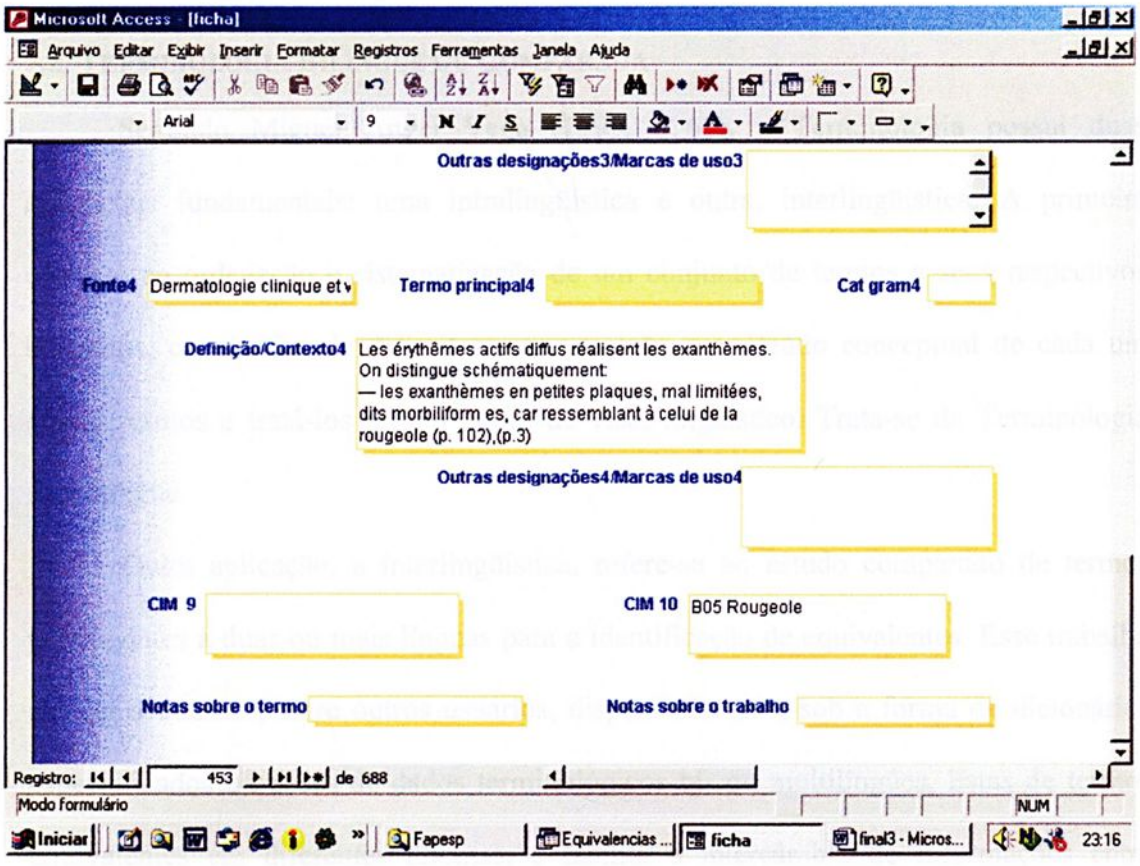


Figura 16 - Ficha terminológica bilíngue (parte 3).

No exemplo acima, os dados terminológicos (termos equivalentes, contextos, marcas de uso etc) registrados nessas fichas foram extraídos das bases de dados textuais nos diferentes idiomas. Esses dados permitiram a análise semântico-conceptual de cada termo para que pudéssemos estabelecer os equivalentes em inglês, francês, espanhol e italiano.

Para que nosso trabalho fosse bem sucedido, foram de grande importância as reuniões periódicas realizadas com todos os membros da equipe. Nessas ocasiões, além de trocarmos informações preciosas ao bom funcionamento da equipe, refletíamos sobre a aplicação dos textos teóricos em nosso trabalho. Os principais pressupostos teóricos que deram sustentação a essa pesquisa são descritos no próximo subcapítulo.

7.2. Terminologia Bilíngüe ou Comparada

Segundo Miguel Ángel Vega (1995, p. 65), a Terminologia possui duas aplicações fundamentais: uma intralingüística e outra, interlingüística. A primeira consiste na ordenação e sistematização de um conjunto de termos e seus respectivos conceitos, com o fim de delimitar com precisão o conteúdo conceptual de cada um desses termos e tratá-los de um ponto de vista lingüístico. Trata-se da Terminologia monolíngüe.

Outra aplicação, a interlingüística, refere-se ao estudo comparado de termos pertencentes a duas ou mais línguas para a identificação de equivalentes. Esse trabalho auxilia o tradutor, entre outros usuários, disponibilizando, sob a forma de dicionários especializados ou bases de dados terminológicos bi- ou multilíngües, listas de termos equivalentes em diferentes idiomas, e facilita o intercâmbio de informações entre especialistas falantes de línguas diferentes. Trata-se da Terminologia Bilíngüe ou Comparada.

Deve-se atentar para o fato de que o princípio básico que norteia a pesquisa terminológica bilíngüe é que "fazer Terminologia não é fazer Tradução" (CABRÉ, 1993, p. 246). De fato, como explica Rodolfo Alpízar-Castillo (1995, p. 104), a busca de equivalentes não consiste na simples tradução literal do termo, o que poderia ocasionar a criação de termos artificiais, ou seja, que não correspondam à realidade lingüística do domínio em questão. Deve-se, depois de recolhidas as denominações que os usuários de uma língua empregam para se referirem a um conceito, identificar, na língua estrangeira, o termo equivalente usado pelos especialistas para se referirem ao mesmo conceito.

O terminólogo deve, portanto, encontrar, na língua de chegada (LC), um termo que possua identidade de sentidos e de uso com o termo da língua de partida (LP). Ao

unesp

se compararem os conceitos existentes em um dado domínio em línguas distintas, observamos, contudo, que nem sempre o termo de uma língua recobre totalmente o conceito designado em outro idioma, havendo diferentes graus de equivalência lexical.

Segundo Alpízar-Castillo (1995, p. 101) "a correspondência entre termos de idiomas diferentes situa-se em um diapasão de possibilidades que vai desde o total recobrimento do conteúdo do termo da língua A por um da língua B, até a total falta de equivalências, passando por uma variada gama de recobrimentos parciais". De acordo com o autor, "é possível, inclusive, que o próprio conceito não exista em alguma das línguas confrontadas" (1995, p. 102).

Robert Dubuc distingue *equivalência* de *correspondência*. Para ele, termos de línguas diferentes são equivalentes se "têm uma identidade completa de sentido e de uso no interior de um mesmo domínio de aplicação" (DUBUC, 1985, p. 55).

Há correspondência quando "o termo da língua A só recobre parcialmente o campo de significação do termo da língua B e vice-versa ou, ainda, quando um dos termos se situa em um nível de língua diferente de seu homólogo da outra língua" (DUBUC, 1985, p. 55).

Pode ocorrer também um vazio de equivalência ou correspondência entre línguas diferentes. Esses três casos (equivalência total, correspondência ou equivalência parcial, e ausência de equivalência ou correspondência) podem ser visualizados no esquema abaixo:

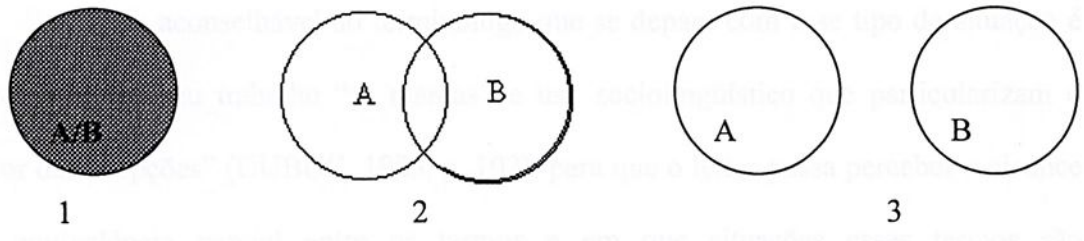


Figura 17 - Graus de equivalência lexical.

O primeiro conjunto ilustra dois termos equivalentes, ou seja, um termo recobre totalmente o campo de significação do outro; o segundo ilustra dois termos correspondentes, isto é, um termo recobre parcialmente o campo de significação do outro; e o terceiro ilustra dois termos em que não há nenhuma relação de equivalência.

Segundo Dubuc, para identificarmos dois termos como sendo equivalentes perfeitos (figura 1) deve-se observar:

a) se há identidade de sentido entre os termos;

b) se se situam no mesmo nível de língua;

c) se há identidade de uso.

Assim, dá-se à equivalência perfeita quando a relação mantida entre dois termos de línguas diferentes atende aos três critérios acima mencionados, ou seja, os termos possuem mesmo conteúdo semântico, pertencem ao mesmo nível de língua e apresentam o mesmo uso por parte dos especialistas nos dois idiomas confrontados.

Quanto às figuras 2 e 3, a equivalência parcial e a falta de equivalência entre termos de línguas diferentes podem estar ligadas à visão de mundo, pois cada cultura recorta de maneiras diferentes a realidade extralingüística.

Por esse motivo, pode ocorrer que, em uma dada língua, só exista o termo genérico e não os específicos ou vice-versa. De acordo com Alpízar-Castillo, "isso depende das necessidades de precisão denominativa que possuem os falantes dos diversos sistemas lingüísticos" (ALPÍZAR-CASTILLO, 1995, p.102).

O mais aconselhável ao terminólogo que se depara com esse tipo de situação é apresentar em seu trabalho "as marcas de uso sociolingüístico que particularizam o valor das acepções" (DUBUC, 1985, p. 102), para que o leitor possa perceber o alcance da equivalência parcial entre os termos e em que situações esses termos são empregados.

Dentre os graus de equivalência lexical apontados pelos terminólogos, encontra-se o que Felber denomina *superioridade*, isto é, pode acontecer de determinada língua apresentar apenas um termo mais genérico para vários específicos na outra língua ou vice-versa (ALPÍZAR-CASTILLO,1997, p.102). É o que se observa no caso do termo francês *clavette* (genérico) e os específicos *clavette transversale* e *clavette longitudinale.*

Quando se buscam seus equivalentes em língua inglesa, encontra-se a seguinte situação:para o primeiro termo, mais genérico, não há equivalente ou correspondente; para o segundo termo, o equivalente seria *cotter* e para o terceiro, o termo *key*. Nesse caso, em língua inglesa há um vazio no que concerne ao termo genérico.

Essas diferenças podem ser explicadas, como vimos anteriormente, por aspectos culturais e pelo recorte de realidade que cada comunidade lingüística faz dos referentes. Alpízar-Castillo (1997) acrescenta que este fenômeno pode estar ligado às "necessidades de precisão denominativa que enfrentam os falantes dos diversos sistemas lingüísticos, a partir da forma em que se estruturam seus sistemas conceptuais em relação ao universo extralingüístico e suas relações objetivas e subjetivas com este" (1997, p.102).

Nesse sentido, a árvore conceptual do domínio de especialidade estudado é uma ferramenta de extrema importância no momento de se determinarem os termos equivalentes de uma língua em outra. De fato, uma vez que se tem um sistema conceptual estruturado na LP, a busca dos equivalentes tem essa organização como referencial e a delimitação do conceito facilita a identificação do termo exato a ser indicado como correspondente.

Em Terminologia, essa diferença de recorte pode ainda se dar devido a diferentes visões conceptuais e referenciais dos especialistas do domínio. Em

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Dermatologia, por exemplo, inúmeros são os casos em que autoridades na matéria classificam as doenças de modo diferente e, muito freqüentemente, designam-nas com uma terminologia própria, chegando a criar neônimos.

É preciso, porém, ressaltar que, antes do terminólogo concluir que dois termos são equivalentes (totais ou parciais), é preciso proceder a uma análise do conteúdo semântico dos termos em cada língua.

Nessa fase da pesquisa bilíngüe é fundamental a identificação dos *ganchos terminológicos,* definidos por Dubuc como "os descritores comuns aos contextos que acompanham os termos em uma ficha terminológica" (1985, p.72). Por descritores o autor entende "os elementos reveladores do conceito contidos no contexto" (1985, p.62).

Segundo esse autor, a presença de um gancho terminológico é necessária para a plena validade de uma ficha terminológica bilíngüe (1985, p.72).

Não se deve pensar que a correspondência formal das unidades terminológicas possa ser considerada de modo absoluto como um gancho terminológico. Segundo Auger e Rousseau, "o único modo de se garantirem os equivalentes dos termos em duas línguas é comparando os contextos e as definições coletadas em cada língua" (1978, p.39). Ao se considerar como equivalente um termo descontextualizado, corre-se o risco de cair em falsos cognatos.

A ausência de equivalentes, mesmo que parciais, em uma língua não nos permite afirmar que uma seja melhor ou mais completa do que outra, ou ainda que uma língua possua falhas em seu sistema lexical. De fato, "todo léxico apresenta incoerências, redundâncias e vazios. Mas, ainda que incompletos e sem simetria, os sistemas lexicais coincidem com as necessidades maiores de seus locutores" (SZENDE, 1996, p.113).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

No próximo subcapítulo analisaremos a terminologia do domínio de Dermato à luz dos pressupostos acima, identificando a ocorrência de diferentes graus de equivalência terminológica português-inglês-francês-espanhol-italiano.

7.3. EQUIVALÊNCIA LEXICAL EM DERMATOLOGIA

7.3.1. Equivalência total

Com o fim de verificarmos se é possível haver equivalência total entre termos da Dermatologia, analisaremos agora duas unidades terminológicas provavelmente equivalentes, *oncocercose* em português e seu suposto equivalente *onchocercose* em francês. Como parâmetros metodológicos de nossa análise adotamos os três critérios propostos por Dubuc para a identificação de equivalentes totais na ordem descrita anteriormente, ou seja, identidade conceptual, de nível de língua e de uso.

Observemos, então, em primeiro lugar, se os dois termos apresentam identidade de conteúdo, ou seja, se designam o mesmo conceito. Para tanto, vejamos a definição em português que nos fornece o VMD:

> **Oncocercose:** s f helmintíase causada pelo verme filariano Onchocerca volvulus, transmitido através da picada de mosquitos do gênero Simulium (borrachudos). Manifesta-se inicialmente por dores articulares, urticária e febre. A seguir surge uma erupção pruriginosa, decorrente da migração dos vermes na pele, caracterizada por pápulas edematosas, que podem ser seguidas por liquenificação (sarna filariana) e lesões vegetantes. Mais tarde evidenciam-se lesões nodulares, indolores, subcutâneas ou musculares, de número e tamanho variáveis. Nas áreas afetadas pode ocorrer ainda linfedema com tumefação e elefantíase. As lesões localizam-se, sobretudo, no tronco e no couro cabeludo. Quando os vermes invadem o globo ocular, podem provocar inflamação da coróide (coroidite), inflamação da íris (irite), inflamação da íris e do corpo ciliar (irídiociclite) e até cegueira. Outras Designações: oncocercíase, volvulose, erisipela nas costas, doença cega(pop.), cegueira dos rios, mal morado(pop.). Símbolo de classificação: 4.16.13.5.

Sampaio & Castro & Rivitti (2001, p.587) ainda apresentam as seguintes informações sobre *oncocercose*:

> Encontrado na África, Oriente Médio e nas Américas e transmitida por várias espécies de simulídeos. Constitui problema de saúde pública no México, Guatemala e Venezuela. Há focos da doença no Brasil, Equador e Colômbia. Quadro erisipelóide encontrado na Guatemala, chamada, nesse país, de "erisipela de la costa"; comprometimento ocular que, freqüentemente, leva à cegueira, comum na África, donde a denominação de "cegueira dos rios".

Em francês, procedendo a um levantamento das informações contidas nas obras que compuseram nosso corpus, encontramos as seguintes características de *onchocercose*:

> Synonyme: volvulose.
>
> Due à *Onchocerca volvulus* transmise par la piqüre d'un petit moucheron noir dermatose hautement prurigineuse lichénifiée marchée par fièvre et des arthralgies, prurit quasi constant aboutissant au tableau de gale filarienne. La cécité est la complication habituelle vue en Afrique tropicale, au Nord de Mali, en Amérique du Sud (Mexique, Guatemala, Equateur, Venezuela, Colombie) et dans la péninsule arabique (Yémen, Sud-Ouest de l'Arabie). Elle est dénominée mal morado au Mexique, surnommé « érysipèle de la côte » au Guatemala. La maladie siège habituellement au niveau de la région cervicocéphalique, l'onchocercose, pouvant entrainer une cécité qui lui vaut son nom de «cécité des rivières » (HALIOUA, 1997, p.95)

Nota-se que, tanto nas obras em português quanto em francês, os especialistas afirmam que essa dermatose é encontrada em países da África, do Oriente Médio e das Américas e que é causada pelo verme filariano *Onchocerca volvulus,* sendo transmitida através da picada de mosquitos. Pode apresentar sintomas como prurido, atingindo até um quadro de sarna filariana, liquenificação, febre e artralgia. Quando provoca cegueira, a oncocercose recebe o nome de *cegueira dos rios* em português e *cécité des rivières* em francês. Em ambas as línguas, faz-se referência à denominação que essa

dermatose recebe na Guatemala: *erisipela de la costa*, cuja forma em português é *erisipela nas costas* e em francês *érysipèle de la côte*. As lesões são encontradas, sobretudo, nas regiões cervical e cefálica.

Desse modo, fica claro que *oncocercose* e *onchocercose* e os respectivos sinônimos em cada idioma apresentam conteúdo idêntico em português e em francês, ou seja, em ambos os idiomas designam o mesmo conceito. Desse ponto de vista, são equivalentes.

Passemos, então, à verificação do nível de língua. Nosso corpus em português consituiu-se, fundamentalmente, de três importantes tratados de Dermatologia, a citar: Azulay & Azulay (1999), Sampaio & Castro & Rivitti (2001) e Bechelli & Curban (1988). Como fontes em francês, utilizamos também obras renomadas na área, a saber: Belaïch (1994), Halioua (1997) e Touraine & Revuz, (1994).

Visto que tanto as obras em português quanto as em francês foram escritas por importantes especialistas na área e estes empregam uma linguagem científica, podemos afirmar que os termos foram extraídos de textos que se situam em um mesmo nível de língua.

Isso não significa, porém, que toda série sinonímica *oncocercose, oncocercíase, volvulose, erisipela nas costas, doença cega, mal morado e cegueira dos rios* pertençam ao mesmo nível de língua, o mesmo ocorrendo com o francês. Podemos, todavia, identificar pares bilíngües português-francês que mantêm uma relação de equivalência no que concerne ao nível de língua, sendo classificados como científicos ou populares: *oncocercose/onchocercose, volvulose/volvulose, erisipela nas costas/érysipèle de la côte, cegueira dos rios/cécité des rivières, mal morado/mal morado.*

No que tange ao uso, observamos que, em ambas as línguas, o termo mais utilizado pelos especialistas em Dermatologia é *oncocercose/onchocercose*, por ser um termo científico.

Quanto ao termo *volvulose* em português, encontramos nas obras francesas o equivalente *volvulose*. Em ambas as línguas o termo é apenas citado pelos especialistas, que não fornecem maiores detalhes nem o utilizam mais de uma vez. Empregam-no somente quando o indicam como outra designação de *oncocercose/onchocercose*.

Tanto nas obras brasileiras como nas francesas, os autores fazem referência ao nome que essa dermatose recebe na Guatemala (*erisipela de la costa* em espanhol), como se observa nos trechos abaixo:

> ...quadro erisipelóide encontrado na Guatemala, chamada, nesse país, de "erisipela de la costa" (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p.587).

> ...il peut survenir surtout chez les sujets jeunes, un placard inflammatoire douloureux, prurigineux du visage, surnommé « érysipèle de la côte » au Guatemala. (HALIOUA, 1997, p.191)

O VMD indica – como o faz, do mesmo modo, Halioua em francês – o termo *mal morado*, em espanhol, como sinônimo de *oncocercose/onchocercose*.

Nos trechos abaixo, nota-se que, quando a oncocercose provoca cegueira, essa dermatose recebe o nome de *cegueira dos rios*, em português, e *cécité des rivières*, em francês:

> ...comprometimento ocular que, freqüentemente, leva à cegueira, comum na África, donde a denominação de "cegueira dos rios" (SAMPAIO & CASTRO & RIVITTI, 2001, p.587).

> L'onchocercose pouvant entrainer une cécité qui lui vaut son nom de *cécité des rivières*. (HALIOUA, 1997, p.191)

unesp

Com exceção dos termos *oncocercose* e *onchocercose*, os demais termos são apenas mencionados pelos especialistas em ambas as línguas, não havendo, portanto, uso efetivo desses termos nos compêndios e tratados de Dermatologia.

Desse modo, podemos afirmar que, do ponto de vista do uso, esses pares terminológicos bilíngues são equivalentes, seja porque são utilizados de modo preferencial (caso de *oncocercose/onchocercose*), seja por serem regionalismos (caso de *mal morado*, de origem mexicana e *erisipela nas costas*, na Guatemala), seja porque são apenas mencionados pelos especialistas, sem nenhum uso real comprovado em contexto (caso de *oncocercíase, volvulose e doença cega*).

No que concerne ao termo em português *oncocercíase*, apenas Sampaio o utiliza, enquanto que Azulay e Bechelli sequer o mencionam. Há também indicação do termo *doença cega* no VMD, entretanto poucos foram os contextos em que esse termo apareceu. Desse modo, acreditamos que os dois termos supracitados não possam ser intercambiáveis com *oncocercose* em português em qualquer contexto. Assim, em termos de uso, não são sinônimos perfeitos.

Observamos também que, em francês, não há nenhum possível equivalente nem para *oncocercíase* nem para *doença cega;* Portanto, há um vazio de equivalência em francês para esses termos.

Podemos sintetizar as relações aqui expostas da seguinte maneira:

Português		**Francês**
oncocercose	→	onchocercose
oncocercíase	→	ø
volvulose	→	volvulose
erisipela nas costas	→	érysipèle de la côte
doença cega	→	ø
cegueira dos rios	→	cécité des rivières
mal morado	→	mal morado

Como, durante nossa pesquisa, utilizamos sempre obras francesas tão confiáveis quanto as brasileiras e que, principalmente foram escritas por e têm como público-alvo especialistas da área, o fato de haver esse vazio de equivalência deve-se, muito provavelmente, a uma ausência parcial de necessidade denominativa por parte do francês.

Os exemplos apresentados neste item comprovam que é possível ocorrer equivalência total entre termos do domínio da Dermatologia. Aqui apresentamos, a título de ilustração um par de termos em português e em francês (oncocercose/ onchocercose), porém o mesmo tipo de situação ocorreu com outros pares de termos nos demais idiomas de nossa pesquisa.

7.3.2. Equivalência parcial

Analisaremos, agora, alguns casos que nos chamaram a atenção durante nossa pesquisa e que ilustram diferentes graus de equivalência lexical entre termos da Dermatologia, nos idiomas português, inglês e espanhol, notadamente de equivalência parcial.

Hanseníase

Na Antiguidade, o termo *lepra* era usado para designar diversas doenças da pele, especialmente as de caráter crônico ou contagioso e incurável. Na Dermatologia atual, esse termo designa uma doença infecciosa causada pelo *Mycobacterium leprae* ou Bacilo de Hansen.

Devido aos avanços da Medicina atual, a hanseníase possui tratamento, porém, o termo lepra ainda carrega o "estigma historicamente inerente ao seu nome, fortemente

vinculado ao preconceito social" (FARIA, 2003). O mesmo ocorre com os termos *lepra*, em espanhol, e *leprosy*, em inglês.

Como designações alternativas a essas existem os epônimos *mal de Hansen* (port.), *enfermedad de Hansen* (esp.) e *Hansen's disease* (ingl.). Porém, como pudemos atestar em nosso corpus textual de Dermatologia, esses termos são pouco utilizados nos três idiomas em questão.

O português ainda dispõe do termo *hanseníase* para se referir à mesma doença. Esse é um termo científico e hoje é utilizado com o intuito de amenizar o estigma social que *lepra* impõe. Não foram encontrados equivalentes formais para esse termo nos outros dois idiomas. Assim, chegamos ao seguinte quadro de comparação terminológica:

	Português	**Espanhol**	**Inglês**
A	mal de Hansen	enfermedad de Hansen	Hansen's disease
B	lepra	Lepra	leprosy
C	Hanseníase	Ø	Ø

Na linha (a) do quadro temos um caso de equivalência total, já que os termos designam o mesmo conceito, possuem o mesmo nível de língua e a mesma freqüência de uso (pouco usado) nos três idiomas em contraste.

Na linha (b) os três termos se equivalem do ponto de vista etimológico, conceptual e quanto ao valor sociolingüístico (forma marcada). Entretanto, diferem quanto ao uso: em inglês e espanhol, respectivamente, as formas *leprosy* e *lepra* são freqüentemente utilizadas em obras científicas. Já em português, o uso do termo *lepra* em textos científicos é menos freqüente e não recomendado. Por isso, *leprosy* (ingl.) e *lepra* (esp.) não podem ser considerados como equivalentes totais de *lepra* (port.).

No Brasil, a Lei nº. 9.010, de 29 de março de 1995, substituiu o termo *lepra* por *hanseníase* com a intenção de diminuir o preconceito em relação à doença. Conforme o art. 1º dessa, "o termo 'lepra' e seus derivados não poderão ser utilizados na linguagem empregada nos documentos oficiais da Administração centralizada e descentralizada da União e dos Estados-membros". Essa proibição tem expressão tanto nos tratados de Dermatologia, quanto na campanha nacional de prevenção a essa doença (*A hanseníase tem cura*).

O termo hanseníase não possui equivalentes nos outros idiomas, como se pode observar no item (c) do quadro. Assim, podemos dizer que *leprosy* (ingl.) e *lepra* (esp.), que são equivalentes entre si, são apenas equivalentes parciais de *hanseníase* (port.). Do ponto de vista prático, porém, são equivalentes funcionais desse termo, já que as três unidades terminológicas são usadas em obras científicas (nos respectivos idiomas) para designarem o mesmo conceito.

Cútis

O termo *pele* (port.) designa o revestimento cutâneo de todo o corpo humano, enquanto o termo *cútis* (port.) designa especificamente a pele do rosto, possuindo, portanto, uma extensão menor do que o primeiro. O mesmo ocorre em espanhol entre os temos *piel* e *cutis*, que também se situam no mesmo nível de língua e possuem os mesmos usos. Assim, podemos dizer que os pares *pele* / *piel* e *cútis* / *cutis* mantêm entre si uma relação de equivalência perfeita, uma vez que, além de designarem o mesmo conteúdo, encontram-se no mesmo nível de língua e têm o mesmo uso.

Entretanto, isso não ocorre em inglês, entre os pares *skin* e *cutis*. Segundo Fernando A. Navarro (1999), *cutis* é um latinismo utilizado em inglês e não corresponde ao que em português e em espanhol é chamado, respectivamente, de *cútis* e *cutis* (pele

do rosto). Refere-se, ao contrário, ao revestimento do corpo todo, do mesmo modo que *skin*. Esta é a forma vernácula (inglesa) de *cutis* (forma erudita). Para designar a pele do rosto o inglês emprega o termo *facial skin*. Para melhor visualizarmos o que dissemos até o momento, vejamos o quadro abaixo:

Conceito	Português	Espanhol	Inglês
"revestimento do corpo"	Pele	piel	skin, cutis
"pele do rosto"	Cútis	cutis	facial skin

O latinismo *cutis* não possui, portanto, os mesmos traços conceptuais nesses três idiomas, sendo genérico em inglês (pele do corpo todo) e específico (do rosto) em português e espanhol. Nesses dois últimos idiomas são equivalentes totais, enquanto que, em relação ao inglês, são apenas equivalentes parciais.

Córion

Os termos *derme* e *dermis*, respectivamente, em português e inglês, designam a camada da pele subjacente à epiderme. Também são utilizados para designar esse mesmo conceito os termos *córion* (port.) e *corium* (ingl.), apesar de seu uso ser bem menos freqüente.

Isso poderia nos levar a crer que o termo *corion*, em espanhol, fosse sinônimo de *dermis* (esp.), porém, *corion* (esp.) refere-se somente ao envoltório do embrião dos animais vertebrados e não à camada cutânea localizada abaixo da epiderme (que, em espanhol, é chamada apenas de *dermis)*, como podemos constatar na definição a seguir:

> **Corión:** s/m Anat. De las dos membranas que envuelven al embrión o, después, al feto de los animales vertebrados (incluso el ser humano), la más exterior, que, unida al alantoide, forma las vellosidades y penetra em la capa interna del útero, formando la placenta. (SANCHES, 2001)

O verbete acima traz apenas uma acepção de *corion* (esp.), que não corresponde ao conceito recoberto por *córion* (port.) e *corium* (ingl.).

Além do conceito de "derme", o termo *córion*, em português, também pode se referir ao "envoltório embrionário", como atesta a definição abaixo:

> 1 EMBR nos répteis, aves e mamíferos, membrana celular que envolve o embrião e o saco vitelínico, e que, nos mamíferos placentários, se associa ao alantóide para formar a placenta 2 EMBR membrana acelular que reveste o ovo de diversos animais como peixes e insetos 3 HISTOL m.q. derma. (...) (HOUAISS, 2001)

O termo *corium* (ingl.), por sua vez, não possui essa segunda acepção. Em consulta ao *The Concise Dictionary of Current English*, verificamos que esse termo reporta-se apenas ao conceito de "derme", não fazendo nenhuma referência a "envoltório embrionário". Vejamos a definição:

> **corium** n Anat. the dermis. (THOMPSON, 1995)

Podemos resumir o que dissemos até o momento no seguinte quadro comparativo:

Conceito	Português	Espanhol	Inglês
"camada cutânea subjacente à epiderme"	derme, córion / cório	dermis, Ø	dermis, corium
"envólucro do embrião"	córion / cório	corion / corión	Ø

Como podemos observar, no domínio da Dermatologia, área de interesse de nossa pesquisa, as unidades terminológicas *derme* (port.), *dermis* (ingl.) e *dermis* (esp.) mantêm entre si uma relação de equivalência perfeita, pois recobrem o mesmo conteúdo semântico (camada cutânea subjacente à epiderme) e possuem os mesmos níveis de língua (usados em obras científicas) e uso (muito usados).

A mesma relação se estabelece entre os termos *córion* (port.) e *corium* (ingl.), sendo que esses são de uso menos freqüente. Entretanto, não possuem um equivalente perfeito em espanhol, já que *corion* (esp.) não recobre o mesmo campo semântico, sendo utilizado apenas para designar um conceito exterior ao domínio da Dermatologia (envoltório embrionário).

7.3.3. Termos genéricos e específicos português-italiano

Durante nosso trabalho tivemos dificuldade em encontrar os equivalentes em italiano de alguns termos, principalmente daqueles que se apresentavam como hipônimos (termos específicos) de um hiperônimo (termo mais genérico) dentro do sistema conceptual estabelecido.

Para solucionar esse problema, debruçamo-nos, de modo mais aprofundado, sobre os livros especializados em Dermatologia em italiano que constituíam o corpus de nossa pesquisa e observamos que esses não apresentavam a mesma organização das informações em relação ao corpus em língua portuguesa por nós adotado sobre o tema (no caso, sobre um conjunto de dermatoses).

Assim, confirmamos o que Thomas Szende explica: que as redes de significação da Dermatologia brasileira e da italiana são organizadas de modos diferentes, conforme a experiência de mundo dos especialistas de cada país (1996, p.111-112).

De fato, após pesquisa minuciosa e atenta, verificamos que muitos termos específicos que designavam subtipos de dermatoses em português só encontravam em italiano termos genéricos, que designavam o conceito geral daquela doença da pele. Um exemplo encontrado em nossa pesquisa é o termo *Síndrome de Sweet* e seus hipônimos.

No sistema conceptual (árvore do domínio) de termos relacionados à Dermatologia em português, elaborado pela equipe do VMD, o termo citado e seus respectivos hipônimos se apresentam na seguinte ordem:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

4.3.9. Síndrome de Sweet, dermatose neutrofílica febril aguda

4.3.9.1. Síndrome de Sweet clássica, síndrome de Sweet idiopática

4.3.9.2. Síndrome de Sweet parainflamatória

4.3.9.3. Síndrome de Sweet paraneoplásica

Em italiano, em todos os contextos em que foi encontrado o termo *síndrome de Sweet*, essa subclassificação não ocorria, como podemos observar abaixo:

> **sindrome di Sweet:** malattia definita unicamente da criteri clinici: eruzione papulonodulare acuta, febbrile, accompagnata da una leucocitosi polimorfonucleata e da un quadro istologico del tutto particolare. (DANIEL, 1995, p.629)

> La **sindrome di Sweet** comporta lesioni cutanee polimorfe di tipo nodulare o in placca, spesso leucocitosi con neutrofilia, raramente lesioni aftoidi orali o genitali e congiutive o episclerite." (CAINELLI & GIANNETTI &¨REBORA, 2000, p.193)

> **sindrome di Sweet:** SINONIMI: dermatite neutrofila febbrile acuta. DEFINIZIONE: malattia acuta allergica infettiva della cute. Compare 1-4 settimane dopo infezioni broncopolmonari o gastrointestinale, soprattutto in donne di media età. Occasionalmente in tumori maligni, morbo di Crohn, colite ulcerosa, artrite reumatoide, sindrome di Sjögren, psoriasi pustulosa, sindrome di Dresler, tiroidite subacuta. (SCHMOECKEL, 1996, p.556)

Evidencia-se, portanto, que os hipônimos *síndrome de Sweet clássica (síndrome de Sweet idiopática), síndrome de Sweet parainflamatória e síndrome de Sweet paraneoplásica* não são mencionadas em obras especializadas em Dermatologia em língua italiana. O termo só possui, nesse caso, o termo genérico *sindrome di Sweet.*

De acordo com a classificação de equivalências parciais sugerida por Felber (1987, p.129), trate-se aqui de um caso de "superioridade conceptual". Assim, se um termo genérico for indicado como equivalente de termos específicos, é preciso que se

alerte o leitor para a diferença de extensão semântica e para a relação de equivalência parcial que esses termos mantêm entre si.

O fato de não existirem, em italiano, termos específicos equivalentes para os hipônimos, em português, de *síndrome de Sweet*, permite afirmar que este é um exemplo de ausência de equivalência na língua de chegada.

CONCLUSÃO

Com o objetivo de obter subsídios para a elaboração do VMD, lançamo-nos, no início de nossa pesquisa, no estudo dos dicionários médicos brasileiros. Nesse percurso, verificamos que o vocabulário bilíngüe de Pero de Castilho, escrito em 1613, tornou-se uma referência para os estudos lingüísticos do tupi e do português coloniais e deu uma contribuição ao resgate da história da Anatomia e da Medicina no Brasil.

A obra foi criada com a intenção de servir como instrumento de trabalho a padres em seu exercício de confissão junto aos silvícolas. Para tanto, foi organizada em forma de dicionário bilíngüe, composta de duas partes: tupi-português e vice-versa. O modelo de microestrutura dos verbetes prevê alguns dados constantes: a entrada e seu equivalente. Dados metalingüísticos relativos ao uso de pronomes e à variação terminológica (lexical) não são constantes, sendo apresentados de acordo com a existência ou necessidade dos mesmos.

O *Nomes das partes do corpo...* pode ser considerado como o primeiro dicionário de área médica de nosso país e como a primeira *Nomina Anatomica* nacional.

Ainda na linha da análise dos dicionários médicos brasileiros e de Dermatologia estrangeiros, verificamos heterogeneidade no tratamento terminográfico das variantes de termos da Medicina. Nos dicionários analisados, as variantes nem sempre constam como entradas de verbetes remissivos e muitas vezes não são mencionadas nos enunciados terminográficos dos verbetes principais. Caso essas variantes sejam os únicos termos conhecidos do consulente, esse tratamento terminográfico torna impossível o acesso à informação desejada.

Levando em consideração esse tipo de problema, elaboramos para nosso dicionário um modelo de microestrutura e um de sistema de remissivas adaptados às diversas formas designativas de um mesmo conceito.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O termo entrada do artigo principal é o termo científico mais empregado pelos dermatologistas e os demais termos que designam o mesmo conceito são registrados no microparadigma *Outras designações*. Esses termos podem pertender a diferentes níveis de língua ou ter uma distribuição geográfica diversificada.

Cada uma das formas registradas nas *Outras designações* ocupa obrigatoriamente o lugar de entrada em um verbete remissivo. Desse modo, o leitor que conhecer apenas uma forma regional ou outra, e não o termo científico que consta como entrada do verbete principal, poderá encontrar as informações que deseja. O VMD tenta, assim, prever as diferentes portas pelas quais o leitor poderá desejar entrar.

A variação lexical, a eponímia, a sinonímia, a homonímia e a polissemia têm sido alvo da preocupação das organizações internacionais de Medicina, que procuram harmonizar a terminologia dessa área de modo que a comunicação entre especialistas seja marcada pelo menor número possível de ruídos. Essas autoridades também trabalham intensamente no sentido de garantir o acesso às informações médicas.

Os projetos *Nomina Anatomica*, *Nomenclatura Internacional de Doenças* e *Sistema Unificado de Linguagem Médica* e CID–*Classificação Estatística Internacional das Doenças e de Problemas relacionados à Saúde* são expressões dessas tentativas. É fundamental aos terminólogos que se dedicam ao estudo do conjunto lexical das áreas médicas o conhecimento desses projetos. De fato, as pesquisas monolíngües ou multilíngües de termos das diversas áreas médicas encontram neles grande auxílio, como ocorreu em nossa pesquisa.

No domínio da Dermatologia, observamos que o princípio da univocidade, segundo o qual cada conceito deve ser designado por uma única expressão, está longe de ocorrer. Se tomarmos como base o número de conceitos descritos em nosso Dicionário de Dermatologia – 1607 – e as demais unidades terminológicas que

designam os mesmos conceitos – 2100 –, contabilizamos uma média de 2,3 designações para um mesmo conceito.

No que tange à estrutura morfossintática e léxico-semântica dessas unidades terminológicas, predominam os termos complexos. Desse modo, o principal processo gerador de neônimos nessa área do saber é a composição sintagmática. As unidades braquigráficas, isto é, formas terminológicas concisas, apresentam-se como siglas e acrônimos, ambos em número reduzido, notadamente os últimos. As unidades ideográficas (formadas com o auxílio de elementos não-lingüísticos) também se manifestam no conjunto terminológico estudado, porém em quantidade diminuta.

Do ponto de vista da classe lexical e da categoria gramatical das unidades lingüísticas plenamente articuladas, predominam, na nomenclatura analisada, os substantivos femininos (2422). Estes são numericamente mais do que o dobro dos substantivos masculinos (1103) e cerca de 19 vezes os nomes científicos.

Médicos e especialistas em linguagem médica divergem quanto ao uso de epônimos e apresentam justificativas bastante interessantes tanto a favor quanto contra o emprego desses termos. Embora os argumentos a favor da utilização sejam relevantes, as opiniões contrárias são mais numerosas.

A postura da Dermatologia com relação aos termos eponímicos é a mesma da Medicina em geral: orienta sistematicamente à não-criação e à não-utilização dos mesmos. Contudo, percebemos que alguns especialistas consideram que se deva abrir exceções diante da importância e da utilidade de que certas designações eponímicas se investem.

Os argumentos que embasam ambas posições são muitos e variam de especialista a especialista. O fato concreto é que os termos eponímicos continuam a ser

utilizados pelos especialistas das áreas médicas, dentre elas, a Dermatologia, em comunicação oral e escrita.

No que tange à estrutura morfossintática e léxico-semântica dos termos eponímicos do domínio da Dermatologia, pudemos observar a existência de termos simples (epônimos banalizados) e sintagmáticos (termos complexos). Do ponto de vista quantitativo, predominam, em larga escala, estes últimos. As bases lexicais sobre as quais se formam os termos eponímicos complexos se configuram, por sua vez, como termos simples ou como termos complexos (sintagmáticos).

Os epônimos (nomes próprios) que participam do processo de formação dos termos eponímicos da Dermatologia se apresentam, em sua grande maioria, em sua forma original. Pequena parcela assume a característica de epônimo banalizado. Os epônimos da Dermatologia são, de modo geral, em altíssima percentagem de origem antroponímica e apenas um número reduzido tem caráter toponímico.

Os empréstimos são freqüentes nas línguas de especialidade, alguns permanecem em forma de xenismo, outros adaptam-se ao sistema lingüístico da língua receptora. A Medicina e a Dermatologia também experimentam esses fenômenos.

A presença marcante de termos de origem francesa e inglesa, sob a forma de empréstimos ou de xenismos, totais ou parciais, explica-se pelo fato de a França ter sido, durante muito tempo, a maior referência mundial no campo da Dermatologia. Hoje ainda ocupa lugar de destaque, embora as pesquisas norte-americanas tenham influenciado mais a comunidade internacional nas últimas décadas.

Forma estrangeira e forma vernácula são, em várias situações, apresentadas concomitantemente pelos especialistas em tratados de Dermatologia, embora, de modo geral, dê-se preferência pela expressão nacional, como fica evidente pela colocação entre parênteses dos termos em forma estrangeira.

Os cultismos (formas latinizadas ou termos eruditos) podem também ser classificados entre os estrangeirismos e ocupam um lugar de destaque na terminologia da Dermatologia. Cumpre ressaltar que não se trata apenas de termos criados com base em radicais e afixos gregos e latinos, mas de termos dessa natureza mantidos sob forma latinizada. Freqüentemente essas formas concorrem com variantes vernáculas, muitas das vezes traduções literais das primeiras.

A explicação mais comum dada pelos especialistas da área para esse aspecto lingüístico é o de que a forma latinizada se investe de um caráter erudito, relembrando os tempos em que o latim era a língua da Ciência e dando a seu usuário o "status de culto".

No domínio da Dermatologia é comum a criação de termos que façam alusão a animais, personagens históricos, categorias sociais, povos, nacionalidades ou localidades. Do ponto de vista cultural, social e político, podem ocorrer fundamentalmente duas situações: 1. essa alusão é pouco ou nada preconceituosa, tendo um caráter referencial; 2. essa alusão se configura como um ato discriminatório exercido por meio lingüístico (da terminologia).

É interessante observar a quantidade e a diversidade denominativas de algumas doenças (como a sífilis, por exemplo), quadro que espelha aspectos sociológicos, políticos e mesmo psicológicos de um coletivo. De fato, povos de países e continentes diferentes se entreacusam, culpando o outro pela disseminação de doenças.

Diante da ameaça de estigmatização (como na situação de vítima de acusação de provocar catástrofes bacteriológicas), a identidade nacional ou de grupo se fortalece e reage. Como forma de autodefesa, nada melhor do que o ataque. Assim, o povo acusado faz esforços para passar de réu a vítima e, nesse processo, cunha termos que são expressões dessa atitude. A diversidade cultural assume, então, caráter de rivalidade

ideológica, política e mesmo religiosa, produzindo verdadeiras "guerras terminológicas mundiais", como foi o caso da sífilis exposto neste trabalho.

Alguns terminólogos afirmam que não existe equivalência lexical perfeita entre duas línguas devido às diferenças culturais. Todavia, em nossa pesquisa verificamos que é possível sim ocorrer equivalência total entre termos da Dermatologia, como é o caso dos pares terminológicos *onchocercose/onchocercose*, *volvulose/volvulose*, *erisipela das costas/érysipèle de la côte*, *cegueira dos rios/cécité des rivières* e *mal morado/mal morado* em português-francês. Esses são apenas alguns exemplos, outros ocorreram nos demais idiomas-alvo do VMD.

Acreditamos que esse fenômeno ocorra devido, sobretudo, ao fato de a Dermatologia ser uma área de especialidade que busca padronizar sua terminologia em nível internacional. Há ainda que se considerar que a troca de informações no mundo globalizado de hoje é grande, o que facilita a generalização do conhecimento de terminologias científicas.

Verificamos também, em nosso estudo, que podem ocorrer diferentes graus de equivalência lexical entre termos da Dermatologia em idiomas distintos ou mesmo a ausência de um equivalente em algum deles. É o caso do termo *hanseníase* (port.), que não possui equivalentes quanto ao uso e valor sociolinguístico em espanhol e em inglês; o termo *lepra* possui também apenas equivalente parcial, e o termo *mal de Hansen* possui equivalente total.

O latinismo *cutis* não possui os mesmos traços conceptuais em português, inglês e espanhol, sendo genérico em inglês e específico em português e espanhol. O termo *córion* (port.) recobre, em cada um dos três idiomas confrontados, um conceito diferente ou de forma parcial.

unesp

O fato de não existir um termo equivalente na língua de chegada, principalmente no que tange a termos específicos, não significa que uma língua seja melhor ou mais completa do que a outra. Significa apenas que a classificação e a organização dos fatos extralingüísticos é diferente e que essa diferença se exprime em nível lingüístico. O estabelecimento da equivalência por superioridade conceptual é, ele também, fruto desse recorte.

Por isso, o terminólogo, ao elaborar obras terminográficas bi- ou multilíngües, deve ficar sempre atento aos diferentes recortes da realidade de cada língua e proceder a análises contextuais que evidenciem o uso, o conteúdo semântico e o nível de língua dos termos para estabelecer entre eles relações de equivalência ou correspondência.

Em vocabulários bilíngües e em casos em que não haja equivalência de termos em LP e em LC, deve-se, a nosso ver, indicar essa ausência. A indicação de qualquer termo semanticamente próximo deve ser acompanhado de nota explicativa. A equivalência imprecisa depõe contra o precioso trabalho da Terminologia.

Os dados aqui apresentados constituem as principais conclusões a que chegamos após a análise dos aspectos lingüísticos estudados neste trabalho. Esperamos que venham a contribuir para o avanço das pesquisas sobre a terminologia das diferentes áreas médicas e sobre o próprio fazer da Terminologia/Terminografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPÍZAR-CASTILLO, R. **Cómo hacer un diccionario cientifico-técnico?**. La Habana: Félix Varela, 1995.

ALVES, E. **Dicionário médico inglês-português**. São Paulo: Atheneu, 1992.

ALVES, I. M. **Neologismo criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990,

ATLAS OF PEDIATRIC DERMATOLOGY. **Pediculose corporal**. 2002. Disponível em: http://dermis.multimedica.de/doia/diagnose.asp. Acesso em: 14.06.2004.

AUGER, P. & ROUSSEAU, L.-J. **Méthodologie de la recherche terminologique**. Québec, Office de la langue française, 1978.

AYROSA, P. **Os Nomes das partes do corpo humano pella lingua do Brasil, de Pero de Castilho. Texto tupi-português e português-tupi do seculo XVII.** São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1937.

AZULAY, R.D.; AZULAY, D.R. **Dermatologia.** Rio de Janeiro: Koogan, 1999.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo.** São Paulo: Global Editora, 1989.

BARROS, L. A. Aspectos da dinâmica lexical no domínio da Medicina: a Nomina Anatômica. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, vol. 28, p. 385-390, 1999.

BARROS, L. A. Aspectos da dinâmica lexical no domínio da Medicina: a Nomina Anatomica. **Estudos Lingüisticos**, São Paulo, v. 28, p. 385-390, 1999.

BARROS, L. A. O primeiro dicionário médico do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 46, n. 1, p. 21-42, 2004.

BARROS, L. A. Os empréstimos na terminologia da Dermatologia em português do Brasil. **Acta Semiotica et Lingvistica**, São Paulo, v. 10, p. 55-68, 2004.

BARROS, L. A. Processos clássicos e atuais da internacionalização da terminologia médica. **Estudos ingüísticos**, São Paulo, vol. 29, 2004. 1 CD-Rom.

BARROS, L. A.; Variation, synonyme, et equivalence terminologique dans les dictionnaires de medécine monolingues et bilingues. **Alfa**, São Paulo, v.43, p. 69-88, 2000.

BARROS, L.A. **Curso Básico de Terminologia**. Edusp: São Paulo, 2004.

BECHELLI, L. M., CURBAN, G. V. **Compêndio de dermatologia**. 5ªed. São Paulo: Atheneu, 1988.

BECKER, I. (coord.) **Nomenclatura Anatômica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977.

BÉJOINT, H., THOIRON, Ph. (dir.) **Les dictionnaires bilangues**. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1996

BELAÏCHE, S. **Le livre de l'interne. dermatologie et maladies sexuellement transmissibles**. Paris: Flammarion, 1994.

BIANCARELLI, A. Partes do corpo mudam de nome na próxima quinta-feira. In: **Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano**, São Paulo: Folha de São Paulo, 24.08.97, p. 3.

BIREME. **Biblioteca Virtual de Saúde.** Disponível em: http://www.bireme.br. Acesso em: agosto de 2005.

BLAKISTON. **Vocabulário médico**. Nova Iorque:Macgraw-Hill, 1979.

BONAFÉ, J. L.; CHRISTOL, B. ; LASSÈRE, J. **Dictionnaire de dermatologie pédiatrique**. Paris: Maloine, 1985.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985 (Cahiers de l'Office de la langue française).

BUSETTI, J. H. et al. Anatomia cirúrgica da região inguinal: correlação entre a Nomina Anatomica e os epônimos. **Arquivo Médico ABC**, São Paulo, vol. 12(1-2), p. 24-26, 1989.

BVS-BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE. **Saúde Pública**. Disponível em: http://saudepublica.bvs.br. Acesso em: agosto de 2005.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoria, metodologia, aplicaciones.** Barcelona: Antártida, Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. Lexicología y variación: hacia un modelo integrado. In: SIMPOSIO IBEROANERICANO DE TERMINOLOGÍA-RITERM (5), 1996, Ciudad de Mexico, **Actas del Simposio Iberoanericano de Terminología-RITerm.** Paris: UNILAT, Disponível em: http://www.unilat.org/dtil/MEXICO/cabre.html. Acesso em: 30 ago. 2003.

CABRÉ, M.T. Hacia una Teoría Comunicativa de la Terminología: Aspectos Metodológicos. In: _____ **La Terminología: Representación y Comunicación**. Barcelona: IULA, 1999b, p. 129-150.

CABRÉ, M.T. Una Nueva Teoría de la Terminología: de la Denominación a la Comunicación. In: _____ **La Terminología: Representación y Comunicación**. Barcelona: IULA, 1999a, p. 109-127.

CAINELLI, T. GIANNETTI, A.; REBORA, A. **Manuale di dermatologia medica e chirurgica**. Milano: McGraw-Hill Libri Italia, 2000.

CALVET, L.-J. **Les sigles.** Paris: PUF, 1980. (Coll. Que sais-je?)

CAPAZOLI, U. Anatomia faz sua revolução terminológica. In: **O Estado de São Paulo,** Caderno Especial. São Paulo: O Estado de São Paulo, 07.09.97, p. D14.

CARNEIRO, G. **História da Dermatologia no Brasil: dados sobre a especialidade e a sociedade científica.** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Dermatologia, 2002.

CARRARA, S. **A geopolítica simbólica da sífilis: um ensaio de Antropologia Histórica. História, Ciências, Saúde -Manguinhos**, III (3):391-408, Nov. 1996-Feb. 1997. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/hscience/vol3n3/art33_carrara.html. Acesso em: 14.06.2004.

CARTIER, H., GUILLET, G. **Dermatologie générale, dermato-allergologie, angéiologie-vénéréologie.** Thoiry : Heures de France, 1999.

CARVALHO, N. **Empréstimos Lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989 (Série Princípios)

CORBEIL, J.-Cl.; AUGER, P.; BESSE, B. De ; SALVAIL, B. **Guide de travail en terminologie**. Québec: Gouvernement du Québec, 1973

DANIEL, F. **Dictionnaire de dermatologie**. Paris: Masson, 1990.

DANIEL, F. **Dizionario Pratico di Dermatologia.** a cura di F.Caputto, Manzoni:Milano, 1995

DATASUS-CID 10. **Base de dados da CID 10.** Disponível em http://www.datasus.gov.br. Acesso em: maio de 2002.

DELVIZIO, I. A. BARROS, L. A. Questões de graus de equivalência lexical entre português, inglês e espanhol no domínio da Dermatologia. **Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. XXXIV, p.1218-1223, 2005.

DEROY, L. **L'emprunt linguistique**. Paris : Les Belles Lettres, 1956.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

DI DIO, L.J.A. Lançamento oficial da Terminologia Anatomica em São Paulo: um marco histórico para a medicina brasileira. **Rev. Assoc. Med. Bras.,** v.46, n.3, p.191-193, Jul/Set. 2000.

DI DIO, L.J.A., A.J.C. BEZERRA, R.F.A. BEZERRA. Brasil 500 anos. Nomenclatura anatômica de um jesuíta no tempo do Descobrimento. **Rev Ass Med Brasil**, 2000; 46(2): 186-90 186.

DICK, M. V. P. A. O Sistema Onomástico: Bases Lexicais e Terminológicas, Produção e Freqüência. **As Ciências do Léxico - Lexicologia Lexicografia e Terminologia**: Campo Grande, p.77 - 88, 1998.

DICTIONNAIRE médical Masson. Paris : Masson, 1997.

DORLAND, W. A. N. **Dicionário médico.** 25. ed. São Paulo: Rocca, 1997.

DUBOIS, J. (dir.) **Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage.** Paris: Larousse, 1994.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1989.

DUBOIS, J., DUBOIS, C. **Intrroduction à la lexicographie : le dictionnaire.** Paris: Larousse, 1971.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. 2ªed. Québec: Linguatech, 1985.

EDITORA MODERNA. **Moderna OnLine: Sala do Professor.** História da Nomina Anatomica. Disponível em: http://www.moderna.com.br. Acesso em: dez./97.

EDUSP-EDITORA DA USP. **A Classificação Internacional das Doenças – versão 10.** Disponível em http://www.edusp.com.br/detlivro.asp?id=31401933. Acesso em: agosto de 2005.

EXPLANATION GUIDE. **Bibliographical Database.** Disponível em: <http://explanation-guide.info/meaning/ Eponym.html>. Acesso em: 02 jul. 2004.

FARIA, L. R. **Hanseníase: histórico e perspectivas atuais.** (26/09/2003). Disponível em: www.hu.ufal.br. Acesso em: junho de 2004.

FEDERATIVE COMMITTEE ON ANATOMICAL TERMINOLOGY. **Terminologia Anatômica Internacional**. São Paulo: Manole, 2001. (FCAT)

FELBER, H. **Manuel de Terminologie**. Paris:UNESCO, 1984.

FERINI, V. do A. **Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia:** Levantamento e Tratamento Terminográfico de dados de um subconjunto terminológico. Relatório de Iniciação Científica (Graduação em Letras com Habilitação de Tradutor), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-IBILCE, UNESP, São José do Rio Preto, 2003 (Bolsa FAPESP).

FERREIRA, A. B. De H. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexicom Informática, 1999. CD-ROM, versão 3.0.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

FIOCRUZ-FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. DCC / CICT. **Exposição Para contar sobre a Sífilis.** 2003. Disponível em: http://www.fiocruz.br/cict/arqnoticias/exposifilis.htm. Acesso em: 14.06.2004.

FORTES, H., PACHECO, G. **Dicionário médico inglês-português**. Rio de Janeiro: Fábio M. de Mello Ed., 1968.

GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles**. Rouen : Publications de l'Université de Rouen, 1993.

GIUSTI, C. et. al. **La sifilide.** Disponible em: http://www.gallarate.it/ipsia/Pirelli98/lettera/lasifilide.htm. Acesso em: 14.06.2004.

GOURDOL, J.-Y. **Portraits de médecins. Girolamo Fracastoro dit Fracastor 1483–1553**. Disponível em: http://perso.club-internet.fr/jgourdol/Medecins/MedecinsTextes/fracastor.html. Acesso em: 14.06.2004.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris : Larousse, 1975. (Coll. Langue et Langage)

GUIRAUD, J. et ali. **Les mots dans le vent**. Paris : Larousse, 1971.

HALIOUA, B. et al. **Dermatologie infectueuse**. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1997.

HERODOTE.NET. URVOY, J.-M. **Jours d'Histoire. 12 octobre 1492. Christophe Colomb atteint le Nouveau Monde.** Disponível em: http://www.herodote.net/14921012.htm. Acesso em: 14.06.2004.

HOLLANDA, F. B. de, GUERRA, R. **Calabar: o elogio da traição**. 14a. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Teatro hoje : v. 24)

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM, versão 1.0.

KOCOURECK, R. **La langue française de la technique et de la science: ver une linguistique d'une langue savante.** Wiesbaden : Brandstette, 1991.

LA NUOVA enciclopedia delle scienze Garzanti. Milano:Garzanti, 1988.

LAPLANTINE, F., TRINDADE, L. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997 (Col. Primeiros Passos).

LE ROBERT pour tous. Dictionnaire de la langue française. Paris: Le Robert, 1994.

LEXIS Dictionnaire de la langue française. Paris : Larousse, 1994.

LOPES DE SÁ, A. & LOPES DE SÁ, A. M. **Dicionário de Contabilidade**. São Paulo, Atlas, 1995.

MANUILA, L., MANUILA, A., NICOULIN, M. **Dicionário médico Andrei**. São Paulo: Andrei, 1997.

MATORE, G. **La méthode en lexicologie. Domaine français.** Paris : Didier, 1953.

McKUSICK, V.A. On the naming of clinical disorders, with particular reference to eponyms. **Medicine**, v.77, n.1, p. 1-2, Jan 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Datasus.** Disponível em: http://www.datasus.gov.br. Acesso em: 15.04.2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DECS-Descritores em Ciências da Saúde.** Disponível em: http://decs.bvs.br. Acesso em: agosto de 2005. (DECS)

MOORE, K. L. **Anatomia orientada para a clínica**. 3a. ed. Guanabara: Koogan, p. 2, 1994.

MUSEO VIRTUAL DE LA SANIDAD EN ESPAÑA(1) e (2). **Edad Moderna (1474-1799). Enfermos de sífilis en el hospital.** Disponível em: http://www.isciii.es/museo/crono/ed/edrc112.html. Acesso em: 14.06.2004.

NAVARRO, F. A, **Glosario Dermatológico de dudas inglés-español**. Madrid: Actas Dermo-Sifiliográficas, 1999

NUNES, J. H. **Discurso e instrumentos lingüísticos no Brasil**: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários. 1996. Tese (Doutorado em Lingüística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas, 1996

OLIVEIRA FILHO, J. **Qual é a missão do dermatologista?** 2001. Disponível em: www.saudetotal.com.br. Acesso em: 30/08/2004.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION. **Terminologie – Vocabulaire**. Genebra. ISO, 1990 (Norme Internationale ISO 1087, 1990).

PAIS, C. T., Les tensions et les parcours de production du processus sémiotique. **Acta Semiotica et Lingüística**, vol. 3, São Paulo: Global Editora/SBPL, 1979.

PAVEL, S. & NOLET, D. **Precis du terminologie.** Ci. Inf. 2002. Disponível em: www.translationbureau.gc.ca. Acesso em: 1° de setembro de 2002.

PETIT Larousse Illustré. Paris:Larousse, 1991.

PUPO, J. de A. Prefácio. In: RABELLO, F. E. **Nomenclatura Dermatológica: fundamentos formais e conceptuais da Medicina cutânea.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1974.

RABELLO, E. Orientação actual da lucta contra a syphilis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA (8)/CONGRESSO SUL-AMERICANO DE DERMATOLOGIA E SIFILOGRAFIA (1), 1921, Rio de Janeiro, **2º Boletim do VIII Congresso Brasileiro de Medicina/I Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia,** Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1921.

RABELLO, F. E. **Nomenclatura Dermatológica: fundamentos formais e conceptuais da Medicina cutânea.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1974.

REY-DEBOVE, J. **Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. Paris : Mouton, 1971.

REZENDE, J. M. de **Linguagem médica**. São Paulo: Fundo Editorial Byk, 1992.

RODRIGUES, V. T., BARROS, L. A. Equivalência terminológica bilíngüe português-italiano no domínio da Dermatologia: o caso dos termos genéricos e específicos. **Estudos Lingüísticos**, XXXIV, p. 686-691, 2005.

ROSE, M. **Origins of Syphilis. Archaelogy. Newsbriefs.** Volume 50 Number 1, January/February 1997. Disponible em: http://www.archaeology.org/9701/newsbriefs/syphilis.html. Acesso em: 14.06.2004.

ROSSIGNOL, B. **Médecine et médicaments au XVIe siècle à Lyon**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1990.

SAMPAIO, S. A. P., CASTRO, R. M., RIVITTI, E. A. **Dermatologia Básica**. 2ªed. São Paulo: Artes Médicas, 2001.

SCHOMOECKEL, C. **Dizionario di dermatologia**. 2ª ed. Milano: McGraw Hill Libri Italia, 1996.

SENA, N. M. de. **O sarampo alemão. Ferreira & Bento. Saúde Mais.** 2000. Disponível em: http://ad.pt.doubleclick.net/jump/sky.fbento.pt/saudemais. Acesso em: 14.06.2004.

SILVA, F. F. da , BARROS, L.A. É possível a equivalência perfeita português-francês entre termos do domínio da Dermatologia? **Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. XXXIV, p. 668-673, 2005.

SILVEIRA, F. A., BARROS, L. A. Estrutura morfossintática e léxico-semântica dos termos eponímicos do domínio da Dermatologia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, (em análise).

SILVEIRA, F. De A. **As equivalências terminológicas e o caso dos epônimos no domínio da Dermatologia.** Estudo comparado português-inglês em um conjunto terminológico. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-IBILCE, UNESP, São José do Rio Preto, 2005.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANATOMIA. **Terminologia Anatômica Internacional**. São Paulo: Editora Manole, 2001.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. Dermatonline. **O portal da Sociedade Brasileira de Dermatologia.** Disponível em: http://www.sbd.org.br. Acesso em: agosto/2005. (SBD)

STEDMAN: dicionário médico. 25ª ed. Ilustrda. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

SZENDE, T. Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilangues. In: THOIRON, P., BÉJOINT, H. **Les dictionnaires bilangues**. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1996, p. 111-126.

TADEI, C. L. **Leishmaniose: revisão histórica. Saúde Animal.** Disponível em: http://www.saudeanimal.com.br/artig99a.htm. Acesso em: 14.06.2004.

THOMPSON, D. F. (ed). **The Concise Dictionary of Current English.** 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TOURAINE, R.; REVUZ, J. **Dermatologie clinique et vénéréologie.** 4.ed. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1994.

U.S. NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE. **Unified Medical Language System (UMLS)**. Disponível na Internet via www. URL: http://www.nlm.nih.gov. Acesso em: 15.04.2003. (USNLM)

UNIVERSIDADE VIRTUAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **O Sistema Unificado de Linguagem Médica(UMLS).** Disponível na Internet via www. URL: http://www.virtual.epm.br. Acesso em: 15.04.2003.

UNIVERSITY OF HEIDELBERG. **Dermis. Dermatology Online Atlas**. Disponível em: http://dermis.multimedica.de. Capturado em: agosto de 2005. (PeDOIA)

VAN HOOF, H. **Manual prático de la traducción médica. Diccionario básico de términos médicos (inglés – francés – español).** Granada: Comares, 1999.

VEGA, M. A. Terminología y traducción. In: CABRÉ, Maria Teresa (dir.) **Jornada panllatina de terminologia: perspectives i camps d'aplicació.** Barcelona: IULA, 1995, p. 65-72.

WHO NAMED IT? **Dictionary of medical eponyms.** Disponível em: http://www.whonamedit.com. Acesso em: 27 set. 2004.

WIKIPEDIA. **The free encyclopedia.** Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Eponym. Acesso em: 24 jun. 2004.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ANEXOS

QUADRO DE EQUIVALÊNCIAS

PORTUGUÊS-ESPANHOL-FRANCÊS-INGLÊS-ITALIANO DO

VOCABULÁRIO MULTILÍNGÜE DE DERMATOLOGIA

	PORTUGUÊS	ESPANHOL	FRANCÊS	INGLÊS	ITALIANO
1.	1. Dermatologia	dermatología	Dermatologie	dermatology	Dermatologia
2.	1.1.onicologia	onicología	onychologie	onychology	Onicologia
3.	1.2. psicodermatologia	psicodermatología (Internet)	psychodermatologie, psycho-dermatologie (Internet)	psychodermatology (Internet)	Psicodermatologia
4.	1.3. pilodermatologia, tricologia	tricología	trichologie	trichology	Tricologia
5.	1.4. dermatopatologia	dermatopatología	dermatopathologie (Internet)	dermatopathology	Dermatopatologia
6.	1.5 dermatologista	dermatólogo	dermatologiste, dermatologue	dermatologist	Dermatologo
7.	2. sistema tegumentar	sistema tegumentario	système tegumentaire	integumentary system	apparato tegumentario
8.	2.1. pele, derma, cútis, tez, tegumento, couro (pop, fam), cute	piel, cutis, tegumento	peau, tégument, cutis	skin, cutis	Cute, pelle Tegumento
9.	2.1.1. epiderme	Epidermis	épiderme	epidermis	Epidermide
10.	2.1.1.1. camada córnea, estrato córneo	capa córnea, estrato córneo	couche cornée	stratum corneum, horny layer, stratum corneum epidermidis, corneal layer of epidermis	Strato corneo
11.	2.1.1.2. camada lúcida, estrato lúcido	capa lúcida, estrato lúcido	stratum lucidum	stratum lucidum, clear layer, clear layer of epidermis	strato lúcido
12.	2.1.1.3. camada granulosa, estrato granuloso	capa granulosa, estrato granuloso	couche granuleuse	granular layer, stratum granulosum, stratum granulosum epidermidis, granular layer of epidermis	strato granuloso
13.	2.1.1.3.1. grânulo queratohialínico, grânulo ceratohialínico, grânulo de querato-hialina	gránulo queratohialínico, gránulo de queratohialina	grains de kératohyaline (KHG)	keratohyalin granule	granulo di cheratoialina
14.	2.1.1.4. camada espinhosa, estrato espinhoso, camada de lpighi	capa espinosa, estrato espinoso, estrato de malpighi, capa de lpighi, capa malpighiana	stratum spinosum, corps muqueux, corps épineux	spinous layer, prickle-cell layer, stratum spinosum, stratum spinosum epidermidis	strato spinoso, strato malpighiano
15.	2.1.1.4.1. célula de lpighi, célula espinhosa	célula de lpighi, célula espinosa	cellules du corps muquex de lpighi	Alpighian cell, spinous cells, prickle cell, spine cell	cellula malpighiana
16.	2.1.1.4.2. célula de	célula de Langerhans	cellule de Langerhans	Langerhan's cell, dendritic cell	cellula di Langerhans,

unesp

	Langerhans, célula dendrítica				cellula dentritica
17.	2.1.1.4.3. desmossoma, desmossomo, desmosomo, desmosoma, nó de Bizzozzero, nó de Bizzozzaro	desmosoma	desmosome	desmosome	Desmosoma
18.	2.1.1.5. camada basal, estrato basal, estrato germinativo	capa basal, estrato basal, estrato germinativo	couche basale	stratum basale, stratum germinativum, basal layer, germinative layer, germinative epithelium, stratum basale epidermidis	strato basal
19.	2.1.1.5.1. hemidesmossoma, hemidesmossomo, hemidesmosoma	hemidesmosoma	hémidesmosome	hemidesmosome	Emidesmosoma
20.	2.1.1.5.2. queratinócito, ceratinócito, célula basal	queratinocito	kératinocyte	keratinocyte, basal cell	Cheratinocita
21.	2.1.1.5.3. célula de Merkel	célula de Merkel, receptor de Merkel	cellule de merkel	Merkel cell, tactile meniscus, meniscus tactus, Merkel's tactile cell	cellula de Merkel
22.	2.1.1.5.4. melanócito	melanocito	mélanocyte	melanocyte	Melanocita
23.	2.1.1.5.4.1. melanogênese, melanização	melanogénesis	mélanogenèse	melanogenesis	melanogenesi, melanizzazione
24.	2.1.1.5.4.1.1. pré-melanossomo, pré-melanossoma, pré-melanosoma	premelanosoma	eumélanosome	premelanosome	premelanosoma
25.	2.1.1.5.4.1.2. melanossomo, melanonosoma, melanossoma	melanosoma	mélanosome	melanosome	Melanosoma
26.	2.1.1.5.4.1.3. melanina	Melanina	mélanine	melanin	Melanina
27.	2.1.1.5.5. cone interpapilar, crista epidérmica, crista interpapilar	cresta interpapilar	crête épidermique interpapillaire	interpapillary ridge, rete ridge	cresta epidermica, cresta interpapillare, cresta epidermica interpapillare
28.	2.1.2. membrana basal	membrana basal, lámina basal	membrane basale	basement membrane (zone), dermo-epidermal junction, basal lamina	membrana basale
29.	2.1.2.1. lâmina lúcida, lâmina elétron-densa	lámina lúcida, espacio intermembranoso	lamina lucida	lamina lúcida, electron-dense layer	lamina lucida

30.	2.1.2.2. filamento de ancoragem, fibrila de ancoragem, fibra ancorante, fibra de reticulina	filamento de anclaje, fibra de anclaje	fibres d'ancrage	anchoring fibrils, reticular fiber	filamento di ancoraggio, fibrilla d'ancoraggio, fibra d' ancoraggio
31.	2.1.2.3. lâmina basal	lámina basal	lame basale	basal lamina	lamina densa, lamina basale
32.	2.1.2.4. lâmina densa	lámina densa	lamina densa	lamina densa	**nenf**
33.	2.1.3. derme, cório, córion	dermis, corium, corion	derme	dermis, corium	derma
34.	2.1.3.1. elementos celulares da derme Titulo	elementos celulares, células libres de la dermis	cellules	cellular elements of the dermis (Internet)	Elementi cellulari
35.	2.1.3.1.1. fibroblasto	Fibroblasto	fibroblaste	fibroblast	Fibroblasto
36.	2.1.3.1.2. histiócito	Histiocito	histiocyte	histiocyte, macrophage	Istiocito
37.	2.1.3.1.3. mastócito	stocito	mastocyte	mast cell, mastocyte	MAstocito
38.	2.1.3.1.4. linfócito	Linfocito	lymphocyte	lymphocyte	Linfócito
39.	2.1.3.2. derme papilar	dermis papilar	derme superficiel, derme papillaire	papillary dermis	derma papillare, derma superficiale
40.	2.1.3.2.1. papila dérmica	papila dérmica	papille dermique	dermal papilla, papillae dermis	papilla dérmica
41.	2.1.3.2.2. glômus	glomus	glomus cutané	glomus, glomus bodies	Glomo
42.	2.1.3.2.3. corpúsculo de Meissner	corpúsculo de Meissner	corpuscule de Meissner, corpuscule tactile	Meissner´s corpuscle, tactile corpuscle, corpusculum tactus	corpuscolo di Meissner
43.	2.1.3.2.4. corpúsculo de Ruffini	corpúsculo de Ruffini	corpuscule de Ruffini	Ruffini ending, Ruffini end-organs, Ruffini's corpuscle	Corpuscolo di Ruffini
44.	2.1.3.2.5. fibra oxitalânica, fibra de oxitalina	fibra de oxitalan (Internet)	fibres oxytalanes	oxytalin fibre, oxytalan	fibra ossitalana, fibra di ossitalano, fibra ossitalanica, fibra elastica immatura
45.	2.1.3.2.6. fibra elaunínica	elaunin (Internet)	fibres élaunines	elaunin fibre	Fibra eulaninica, fibra eulanina
46.	2.1.3.3. derme reticular	dermis reticular	derme réticulaire	reticular dermis	derma reticolare
47.	2.1.3.3.1. corpúsculo de Pacini	corpúsculo de Pacini, corpúsculo de Vater-Pacini	corpuscules de Pacini	Pacinian corpuscle, lamellar corpuscle, lamellated corpuscle, Pacini's corpuscle,	corpuscolo di Pacini, corpuscolo di Vater-Pacini

				corpuscula lamellosa	
48.	2.1.3.3.2. fibra colágena	fibra colágena, fibra de colágeno	fibres de collagène, fibre blanche	collagen fibre, collagen fiber, collagenic fiber, callagenous fiber	fibra collagena
49.	2.1.3.3.3. fibra de reticulina, fibra reticular	fibra de reticulina, fibra reticular, fibrilla de reticulina	fibre réticulée, fibre de réticuline	reticulin fibre, reticular fiber	Fibra di reticolina
50.	2.1.4. tela subcutânea, hipoderme, tecido gorduroso subcutâneo, tecido subcutâneo	tela subcutânea, hipodermis, tejido graso subcutáneo, tejido subcutáneo, fascia superficial	hypoderme	subcutaneous tissue, fatty subcutaneous tissue, tela subcutanea	tessuto sottocutaneo, grasso sottocutneo, sottocutaneo, ipoderma, tessuto adiposo sottocutaneo
51.	2.1.4.1. lóbulo de lipócito	lipocito adipocito, célula adiposa	cellule adipeuse, adipocytes	lipocyte, fat-storing cell	Adipocita
52.	2.1.4.2. septo de colágeno	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
53.	2.1.4.3. lipocromo	lipocromo	lipochrome	lipochrome	Lipocromo
54.	2.2. anexos cutâneos	anexo cutâneo, anexo de la piel	annexes de la peau	skin appendages, appendages of skin	annesso cutaneo
55.	2.2.1. glândula sebácea	glándula sebácea	glande sébacée	sebaceous gland, glandulae sebaceae	ghiandola sebacea
56.	2.2.2. glândula sudorípara, glândula sudorífera, glândula perspiratória, glândula miliar, glândula da sudorese, glândula de Boerhave	glándula sudorípara	glandes sudorales, sudoripares	sweat gland, sudoriferous gland; Boerhaave's gland, glandulae sudoriferae	ghiandola sudoripara, ghiandola sudorale
57.	2.2.2.1. glândula sudorípara écrina, glândula écrina	glándula sudorípara écrina	glandes eccrines, glandes sudorales eccrines	eccrine sweat gland, eccrine gland	ghiandola sudoripara eccrina
58.	2.2.2.1.1. célula mioepitelial	célula mioepitelial	cellules myoépithéliales	myoepithelial cell	cellula mioepiteliale
59.	2.2.2.1.2. célula clara	célula clara	cellules claires	clear cell	cellula chiara
60.	2.2.2.1.3. célula escura	célula oscura	cellule sombre	dark cell	cellula scura
61.	2.2.2.2. glândula sudorípara apócrina, glândula apócrina	glándula sudorípara apócrina, glándula apócrina	glande sudorale apocrine	apocrine sweat gland, apocrine gland	ghiandola sudoripara apocrina
62.	2.2.3. pêlo	pelo, cabello	poil	hair, pilus, thrix, capillus/capilli (usado no pl. para designar os do couro cabeludo)	Pelo

63.	2.2.3.1. folículo piloso, folículo pilossebáceo, folículo sebáceo	folículo piloso, folículo pilosebáceo, folículo sebáceo	follicule pileux	hair follicle, pilosebaceous follicle, folliculus pili	follicolo pilifero, follicolo pilosebaceo, follicolo sebaceo
64.	2.2.3.1.1. infundíbulo	infundíbulo	infundibulum	follicular infundibulum	Infundibolo
65.	2.2.3.1.2. acrotríquio	acroinfundibulo e infrainfundibulo (Internet)	acrotrichium	**nenf**	Acrotrichium
66.	2.2.3.1.3. ístmo	istmo	isthme	isthmus (Internet)	Istmo
67.	2.2.3.1.4. segmento inferior, segmento piloso	segmento inferior	segment inférieur	lower segment (Internet)	Segmento inferiore
68.	2.2.3.1.5. bulbo piloso, bulbo, bulbo do pêlo piloso	bulbo piloso, bulbo, bulbo del folículo piloso	bulbe	hair bulb, bulb of hair, bulbus pili	bulbo pilifero, radice, bulbo, bulbo del pelo
69.	2.2.3.1.5.1. papila pilosa, papila	papila pilosa, papila	papille	hair papilla, papilla pili	papilla follicolare, papilla del pelo
70.	2.2.3.1.5.2. célula da matriz do folículo piloso	célula de la matriz del folículo	cellules matricielles	hair matrix (Internet)	cellula della matrice, cellula matricale
71.	2.2.3.2. bainha epitelial da raiz do pêlo	vaina radicular epitelial	gaïnes épitheliales	hair sheath (Internet)	guaina epiteliale
72.	2.2.3.2.1. bainha radicular interna, bainha interna da raiz do pêlo	vaina radicular interna, vaina de la raíz interna	gaine épitheliale interne	inner root sheath, internal root sheath	guaina epeiteliale interna
73.	2.2.3.2.1.1. camada de Huxley, membrana de Huxley, bainha de Huxley	capa de Huxley, vaina de Huxley	couche de Huxley	Huxley's layer	strato di Huxley
74.	2.2.3.2.1.2. camada de Henle, membrana de Henle, bainha de Henle	capa de Henle, vaina de Henle	couche de Henle	Henle's layer	strato di Henle
75.	2.2.3.2.2. bainha radicular externa	vaina radicular externa, vaina de la raíz externa	gaine épithéliale externe	external root sheath	guaina epiteliale esterna
76.	2.2.3.2.3. bainha do tecido conjuntivo	vaina de tejido conjuntivo	membrane conjonctive épaisse membrane conjonctive vitrée	connective-tissue sheath	guaina fibrosa, guaina connettivale fibrosa
77.	2.2.3.3. haste do pêlo, haste pilosa, haste	Tallo piloso, tallo del pelo, tallo	tige pilaire	hair shaft, scapus pili	Fusto
78.	2.2.3.3.1. cutícula externa do pêlo, cutícula do pêlo	cutícula externa, cutícula exterior del pelo, cutícula del pelo	cuticule, cuticule du poil, épidermicule	hair cuticle, cuticula pili, cuticle of hair	cuticola, cuticola del pelo
79.	2.2.3.3.2. córtex do pêlo,	corteza del pelo, corteza	zone corticale, corticale,	hair cortex, cortex of hair shaft	corteccia, corticale

	córtex, córtex intermediário, córtice(F. paral.)		cortex		
80.	2.2.3.3.3. medula interna, medula	médula central, médula	zone médullaire centrale, zone médullaire aérée, médullaire	medulla of hair shaft, medulla	Midollo
81.	2.2.3.3.4. membrana hialina	membrana hialina, vaina hialina	membrane hyaline	hyaline membrane, glassy membrane	Membrana ialina
82.	2.2.3.4. ciclo folicular, ciclo piloso	ciclo piloso, ciclo folicular	cycle	hair cycle	ciclo del pelo, ciclo pilare
83.	2.2.3.4.1. anágena, anágeno	anágena	anagène	anagen	anagen
84.	2.2.3.4.2. catágena, catágeno	catágena	catagène	catagen	Catagen
85.	2.2.3.4.3. telógena, telógeno	telógena	télogène	telogen	Telogen
86.	2.2.4. unha, placa ungueal	Uña, placa ungueal	ongle	nail; nail plate, unguis	unghia, unità ungheale matrice ungueale
87.	2.2.4.1. raiz ungueal, raiz da unha, matriz ungueal, matriz ventral da unha	matriz ungueal	racine de l'ongle	nail matrix, matrix ungüis, root of nail, radix unguis	tessuto circostante
88.	2.2.4.1.1. tecido periungueal	tejido periungueal	périonychium	**nenf**	perionichio, piega superiore, piega sopraungueale
89.	2.2.4.1.1.1. prega ungueal proximal	pliegue ungueal proximal	repli péri-unguéal postérieur	proximal nail fold, vallum unguis	perionichio, piega superiore, piega sopraungueale
90.	2.2.4.1.1.2. prega ungueal lateral, dobra lateral, eponíquio, eponíquia, cutícula, pele, pele da unha, pelinha sinônimos em português	pliegue ungueal lateral, borde lateral de la uña, eponiquio	cuticule, éponychium	lateral nail fold, nail skin, eponychium, vallum unguis	eponichio, piega laterale
91.	2.2.4.2. hiponíquio, hiponíquia	hiponiquio	hyponychium	hyponychium	Iponichio
92.	2.2.4.3. lâmina ungueal	lámina ungueal	lame unguéale	nail plate	lamina ungueale
93.	2.2.4.4. leito ungueal	lecho ungueal	lit de l'ongle	nail bed	letto ungueale, letto dell'unghia
94.	2.2.4.5. lúnula, lúmula, meia-lua	Lúnula	lunule	lunula	Lunula
95.	2..3. função da pele	función de la piel	fonctions de la peau (Internet)	skin function, functions of the	Funzione della cute

			cyanodermie		
113.	3.1.1.1.1.2. enantema	enantema	enathème	enanthem, enanthema	Enantema
114.	3.1.1.1.1.3. exantema	exantema, erupción, rash cutáneo	exanthème	exanthem, exanthema, rash, skin rash	Esantema
115.	3.1.1.1.1.3.1. exantema difuso	**nenf**	**nenf**	diffuse exanthem, scarlet rash (Internet)	**nenf**
116.	3.1.1.1.1.3.2. exantema morbiliforme, exantema rubeoliforme	exantema morbiliforne	exanthème morbiliforme	morbiliform exanthem (1 ocorrência- net)	esantema mobiliforme
117.	3.1.1.1.1.3.3. exantema escarlatiniforme	exantema escarlatiniforme	exanthème scarlatiniforme	erythematous rashes, scarlet fever-like rashes, scarlatiniform rashes, scarlatiniform exanthem, confluent erythematous sandpaper-like rash (Internet)	esantema scarlattiniforme
118.	3.1.1.1.1.4. rubor	rubor, enrojecimiento	rougeur	flushing, rubor, flare, flush, blush, rubedo	rossore, arrossamento
119.	3.1.1.1.1.5. eritema figurado	eritema figurado	érythème figuré	figurate erythema, erythema figuratum, gyrate erythema, erythema gyratum (Internet)	eritema figurato
120.	3.1.1.1.1.6. eritema solar	eritema solar	érythème solaire	solar erythema, sunburn, erythema solare	eritema solare
121.	3.1.1.1.1.7. eritema poliforme, eritema polimorfo; eritema multiforme	eritema multiforme, eritema polimorfo	érythème polymorphe	erythema multiforme, erythema polymorphe, ectodermosis erosiva pluriorificialis, dermatostomatitis, Stevens-Johnson syndrome, herpes iris, erythema papulosum rheumaticum and erythême polymorphewr (grafia)	eritema polimorfo
122.	3.1.1.1.1.8. eritema nodoso	eritema nudoso, eritema nodoso	érythème noueux	erythema nodosum	eritema nodoso
123.	3.1.1.1.1.9. eritrodermia	IAD eritrodermia, dermatitis exfoliativa	erythrodermie	erythroderma, exfoliative dermatitis	Eritrodermia (eritroderma só achei na cid)

124.	3.1.1.1.1.10. uleritema	uleritema (Internet)	ulérythème	ulerythema	Uleritema (Internet)
125.	3.1.1.1.2. mancha lívida	mancha lívida (Internet)	lividités cadavériques	**nenf**	MACCHIA LÍVIDA
126.	3.1.1.1.3. mancha anêmica, mácula esbranquiçada		nævus anémique	**nenf**	macula anemica
127.	3.1.1.1.4. mancha angiomatosa, mácula vermelho vivo, mácula eritêmato-arroxeada		placards érythémato-angiomateux , nappes angiomateuses	**nenf**	chiazza angiomatosa
128.	3.1.1.1.5. telangiectasia	telangiectasia	télangiectasie	telangiectasia	Teleangectasia
129.	3.1.1.1.6. púrpura	púrpura	purpura	purpura	Porpora
130.	3.1.1.1.6.1. petéquia	petequia	pétéchie	petechiae	Petecchia
131.	3.1.1.1.6.2. equimose	equimosis	ecchymose	ecchymosis, bruise	Ecchimose
132.	3.1.1.1.6.3. víbice	víbice	vibices	**nenf**	Vibici
133.	3.1.2. mancha pigmentar, mácula pigmentar	mancha pigmentada, pigmentaria	tache cutané (1 fonte), macule pigmentaire	**nenf**	macula pigmentaria, macula pigmentata
134.	3.1.2.1. mancha discrômica	mancha discrómica	macules dyschromiques	**nenf**	macula discromica (só uma fonte)
135.	3.1.2.2. mancha acrômica	mancha acrómica	macule, tache achromique (Internet)	**nenf**	macula acromica
136.	3.1.2.3. mancha hipocrômica, mancha hipopigmentar	mancha hipocrómica	macule hypochromique	**nenf**	macchia ipo-acromica, macchia ipocromica
137.	3.1.2.4. mancha hipercrômica, mancha hiperpigmentar	mancha hipercrómica	macules dyschromiques hyperpigmentées	**nenf**	macula iperpigmentata
138.	3.1.2.5. despigmentação	despigmentación	dépigmentation	depigmentation	Depigmentazione
139.	3.1.2.6. hiperpigmentação	hiperpigmenatción	hyperpigmentation	hyperpigmentation	Iperpigmentazione
140.	3.1.2.7. leuconíquia	leuconiquia	leuconychie	leukonychia	Leuconichia
141.	3.1.2.8. poiquilodermia	poiquilodermia, poiquiloderma	poïkilodermie	poikiloderma	Poichilodermia
142.	3.2. formação sólida	lesiones primaria/primitivas de consistencia sólida (Internet)	**nenf**	**nenf**	formazione solida
143.	3.2.1. pápula, lesão papulosa	pápula	papule	papule, papula, papular lesion	papula
144.	3.2.2. vegetação	vegetación	végétation	Vegetation, vegetating lesions (Internet)	vegetazione (só uma fonte)
145.	3.2.3. tubérculo	tubérculo	tubercules	tubercle, tuberculum	Tubercolo, (ou "lesione infiltrata" só em uma

					fonte)
146.	3.2.4. nódulo, nodo	nódulo, nodo	nodule	nodule, nodulus	nodulo
147.	3.2.5. goma	goma	gommes	gumma	gomma
148.	3.2.6. nodosidade, tumor	nudosidad	nodosité	nodosity, nodositas	nodosità
149.	3.2.7. verrucosidade	verrugosidad	verrucosité	verrucosity (Internet)	verrucusità
150.	3.2.8. urtica	urtica, urticária	urticaire	urticaria, hives	Pomfo
151.	3.2.9. comedão, cravo, comedo	comedón	comédon	comedone, comedo	comedone
152.	3.2.9.1. comedão branco	comedón blanco (Internet)	comédons fermés, micro-kystes fermés, points blancs	whitehead, closed comedone, closed comedo	comedone chiuso
153.	3.2.9.2. comedão preto	comedón negro (Internet)	comédons ouverts, points noirs	blackhead, open comedone, open comedo	comedone aperto
154.	3.2.10. pólipo	pólipo	polype	Polyp, polypus	Polipo
155.	3.2.11. placa	placa	plaque	plaque	Placca
156.	3.2.11.1. placa papulosa	**nenf**	plaque papuleuse (Internet)	papulous plaque (Internet)	Placca papulosa
157.	3.3. coleção líquida	colección líquida (Internet)	collection (1 fonte)	liquid collection (Internet)	Raccolta liquida (Internet).
158.	3.3.1. vesícula	vesícula	vésicules	vesicle, vesicula, bleb, blister, vesication, bulla	Vescicola
159.	3.3.2. bolha, flictena	ampolla, flictena, bulla, vejiga	bulles	bulla, blister, vesication	Bolla
160.	3.3.3. furúnculo, leicenço, (pop) fruncho, frunco, frúnculo, (prov port, Lus) bichoca	furúnculo, forúnculo, grano, divieso, clavo	furoncle	furuncle, furunculus	Foruncolo
161.	3.3.4. antraz, carbúnculo	ántrax, carbunco	anthrax	carbuncle	Antrace
162.	3.3.5. abscesso, coleção purulenta	absceso	abcès cutané	abscess	Ascesso
163.	3.3.6. pústula	pústula	pustule	pustule, pustula	pustola
164.	3.3.7. hematoma	hematoma	hématome	hematoma, haematoma	Ematoma
165.	3.4. perda tecidual, lesão elementar caduca	pérdida de tejido	perte de tissu (Internet)	tissue loss (Internet)	Perdita di sostanza
166.	3.4.1. escama	escama	squame	scale, squame, squama , furfur	Squama
167.	3.4.1.1. escama laminar	**nenf**	**nenf**	**nenf**	Squama esfoliativa
168.	3.4.1.2. escama furfurácea,	**nenf**	squame pityriasiforme,	furfuraceous scale	squama pitiriasica,

	escama pitiriásica		squame furfuracée		squama pitiriasiforme
169.	3.4.1.3. escama psoriática	escama psoriasiforme	squame psoriasiforme	psoriatic scale	squama psoriasica, squama psoriasiforme
170.	3.4.1.4. escama lamelar	**nenf**	**nenf**	lamellar scale (Internet)	squame a piccole lamelle
171.	3.4.1.5. escama em forma de tacha	**nenf**	**nenf**	**nenf**	squame a colaretto
172.	3.4.2. ulceração, helcose	ulceración	ulcération	ulceration	ulcera, ulcerazione
173.	3.4.3. exulceração, erosão	erosión	erosion	erosion	erozione, esulcerazione
174.	3.4.4. crosta	costra, exudados incrustados	croûtes	crust	crosta
175.	3.4.4.1. crosta melicérica	**nenf**	croûte méllicerique	**nenf**	crosta sierosa
176.	3.4.4.2. crosta hemática	crosta hemática (Internet)	croûte de sang	**nenf**	crosta emorragica
177.	3.4.5. rúpia	**nenf**	rupia	rupia, rupioid form	Rúpia
178.	3.4.6. escara, esfacelo	escara, esfacelo	escarre	eschar	Escara
179.	3.4.7. anetodermia	anetodermia, atrofia macular (desu.)	anétodermies	anetoderma	Anetodermia
180.	3.4.8. afta	estomatitis aftosa, afta	aphtes	aphtha, aphthous stomatitis, aphthae, canker sore, aphthous ulcer, periadenitis mucosa necrotica recurrens	Afta
181.	3.4.9. fissura, ragádia, rágade, rágada	fisura	fissure	fissure, cleft, lacuna, fissura	Ragade
182.	3.4.10. maceração	maceración	macération	maceration	MAcerazione
183.	3.4.11. fístula	fístula	fistule	fistula	Fistola
184.	3.4.12. escoriação	excoriación, escoriación	excoriation	excoriation	Escoriazione
185.	3.5. alteração na espessura, modificação na espessura	cambio en el espesor	**nenf**	skin thickness change (Internet)	**nenf**
186.	3.5.1. queratose, ceratose	queratosis	kératose	keratosis, keratoma, keratoderma blennorrhagicum, keratosis blennorrhagica	cheratosi
187.	3.5.1.1. acantose	acantosis	acanthose, hyperacanthose	acanthosis	acantosi
188.	3.5.1.2. disqueratose, disceratose	disqueratosis	dyskératose	dyskeratosis	discheratosi
189.	3.5.1.3. hiperqueratose, hiperceratose; poquidermia	hiperqueratosis	hyperkératose	hyperkeratosis	ipercheratosi
190.	3.5.1.4. tilose, (vulg) olho-de-perdiz	hiperqueratosis palmoplantar, hiperqueratosis palmar y	tylosis	tylosis, Thost-Unna syndrome, Unna-Thost syndrome,diffuse	Tilosi

		plantar, tilosis		palmoplantar keratoderma **nenf**	
191.	3.5.2. liquenificação	liquenificación	lichénification	lichenification	lichenificazione
192.	3.5.2.1. liquenificação primária	liquenificación primaria, liquen simple crónico	lichénification primitive	primary lichenification	**nenf**
193.	3.5.2.2. liquenificação secundária		lichénification secondaire	secondary lichenification	lichenificazione secondaria (só achei em uma fonte)
194.	3.5.2.3. liquenificação circunscrita simples, neurodermite circunscrita	liquen simple crónico, neurodermatitis circunscripta, neurodermatitis local, localizada liquenificación circunscrita	prurigo circonscrit, lichen simplex chronique, névrodermite	lichen simplex, circumscribed neurodermatitis	lichenificazione circoscritta(só achei em uma fonte)
195.	3.5.2.4. liquenificação difusa simples, neurodermite generalizada	neurodermatitis generalizada, neurodermatitis diseminada, liquenificación difusa de la piel*	lichénification généralisée diffuse	**nenf**	lichenificazione generalizzata diffusa(pois só achei em uma fonte)
196.	3.5.2.5. liquenificação macropapulosa, prurigo nodular de Hyde	prurigo nodular, neurodermatitis localizada, liquenificación hipercrómica (Internet)	Prurigo nodulaire (de Hyde), lichen obtusus corné de Lailler et Brocq	prurigo nodularis, Hyde's disease	lichenificazione nodulare (só achei em uma fonte)
197.	3.5.2.6. liquenificação verrugosa		lichénifications - formes verruqueuses	**nenf**	lichenificazione verrucosa(só achei em uma fonte)
198.	3.5.3. infiltração	infiltración	infiltration	infiltration	Infiltrazione
199.	3.5.4. edema	edema	œdème	edema, dropsy, hydrops	edema
200.	3.5.5. esclerose	esclerosis	sclérose	sclerosis, induration	sclerosi
201.	3.5.6. paquidermia, elefantíase	paquidermia	eléphantiasis,pachydermie	pachyderma, elephantiasis	Elefantiasi, pachidermia
202.	3.5.7. leucoplasia	leucoplasia	leucoplasie	leukoplakia	leocoplachia
203.	3.6. seqüela	secuela	séquelle	sequela	Sequela
204.	3.6.1. atrofia	atrofia	atrophies	atrophy	atrofia
205.	3.6.1.1. atrofia senil	atrofia senil	peau sénile,atrophie sénile G	senile atrophy, senile atrophy of skin	Pelle senile, cute senile
206.	3.6.1.2. estria atrófica	estría atrófica, estría distensa	vergetures, stries atrophiques	striae, striae atrophicae; striae distensae; stretch mares, striae	Stria atrofica

				cutis distensae	
207.	3.6.1.3. hemiatrofia	hemiatrofia	hémiatrophie	hemiatrophy	emiatrofia
208.	3.6.2. cicatriz	cicatriz	cicatrice	Scar	cicatrice
209.	3.6.2.1. cicatriz atrófica	cicatriz atrófica	cicatrice atrophique	atrophic scar	cicatrice atrofica
210.	3.6.2.2. cicatriz críbrica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
211.	3.6.2.3. cicatriz hipertrófica	cicatriz hipertrófica	cicatrice hypertrophique	hypertrophic scar, hypertrophic cicatrix	cicatrice ipertrofica
212.	3.7. lformação da epiderme	malformación de la epidermis	**nenf**	**nenf**	**nenf**
213.	3.7.1. aplasia	aplasia	aplasie	aplasia	Aplasia
214.	3.7.2. hipoplasia	hipoplasia	hypoplasie	hypoplasia	Ipoplasia
215.	3.7.3. hiperplasia, hipertrofia numérica	hiperplasia	hyperplasie	hyperplasia	iperplasia
216.	3.8. onicodistrofia	onicodistrofia	onychodystrophie	onychodystrophy	onicodistrofia
217.	3.8.1. onicólise	onicólisis	oncholyse	oncholysis	onicolisi
218.	3.8.2. onicorrexe, onicorrexia	onicorrexis	onychorrhexis	onychorrhexis	onicoressi
219.	4. dermatose, dermatopatia, dermopatia	enfermedades de la piel, dermatosis	Dermatose		Dermatose
220.	4.1. dermatose metabólica	trastorno metabólico, desorden metabólico	affections métaboliques, maladies métaboliques	**Nenf**	Dermatosi metaboliche
221.	4.1.1. desvitaminodermia	avitaminosis, deficiencia vitaminica	avitaminose, déficit vitaminique, déficit en vitamines, carence vitaminique	Avitaminosis	Avitaminosi
222.	4.1.1.1. pelagra	Pelagra	Pellagre	Pellagra	Pellagra, mallatia delle tre D
223.	4.1.1.2. Kwashiorkor	Desnutrición proteica, Desnutrición proteica calórica, desnutrición maligna, mehlä hrschaden	Kwashiorkor	Kwashiorkor	Kwashiorkor
224.	4.1.1.3. friniderma	Friniderma, deficiencia de vitamina A, piel de sapo	avitaminose A	Phrynoderma	Carenza di vitamina A
225.	4.1.1.4. escorbuto, mal-de-luanda (pop.)	Escorbuto, deficiencia de ácido ascórbico, Deficiencia de vitamina C	scorbut	Scurvy, scorbutus	Scorbuto

226.	4.1.1.5. beribéri, perneira (Bras, MG, pop)	beriberi, deficiencia de tiamina, deficiencia de vitamina B1	béribéri, béri-béri	Beriberi	Beribéri
227.	4.1.1.5.1. beribéri úmido	beriberi húmedo	béribéri humide	wet beriberi	Beri-beri umido (int)
228.	4.1.1.5.2. beribéri seco	beriberi seco	béribéri sec	dry beriberi	Beri-beri secco (int)
229.	4.1.1.6. desvitaminodermia por deficiência de riboflavina, desvitaminodermia por carência de riboflavina	Deficiencia de riboflavina, arriboflavinosis, deficiencia de vitamina B2	carence en riboflavine, ariboflavinose, déficit en vitamine B2, déficit en riboflavine	Ariboflavinosis, riboflavin deficiency, riboflavine deficiency	Carenza di vitamina B2
230.	4.1.1.7. desvitaminodermia por deficiência de piridoxina, desvitaminodermia por carência de piridoxina	Deficiencia en vitamina B6, piridoxina-deficiente, deficiencia de vitamina B6, deficiencia de Piridoxina	carence en pyridoxine, avitaminose B6, déficit en vitamine B6, déficit en pyridoxine	pyridoxine deficiency	Carenza di vitamina B6
231.	4.1.1.8. desvitaminodermia por deficiência de cobalamina, desvitaminodermia por carência de cobalamina	Deficiencia de vitamina B12	carence em vitamine B12, déficit en vitamine B12, déficit en cobalamine	B12 deficiency	Carenza di vitamina B12
232.	4.1.1.9. raquitismo	Raquitismo, raquitis	rachitisme évolutif, rachitisme	Rickets, Rachitis	Rachitismo
233.	4.1.1.10. desvitaminodermia por deficiência de biotina, desvitaminodermia por carência de biotina	Deficiencia en biotina	déficit en biotine	Biotin deficiency	Carenza di vitamina H
234.	4.1.1.11. desvitaminodermia por deficiência de vitamina K, desvitaminodermia por carência de vitamina K	Deficiencia de vitamina K	carence en vitamine K	**Nenf**	Carenza di vitamina K
235.	4.1.1.12. desvitaminodermia por deficiência de ácido fólico, desvitaminodermia por carência de ácido fólico	Deficiencia de ácido fólico	carence en acide folique, déficit en acide folique	folate deficiency	Ipervitaminosi da acido folico
236.	4.1.2. lipidose	lipidosis, lipidosis glicolípida, idiotez amaurótica familiar	Lipidose	Lipidosis, lipoidosis, amaurotic familial idiocy	Lipidosi
237.	4.1.2.1. xantoma	xantoma, xantomatosis	xanthome, xanthome cutané	Xanthoma, xanthomatosis	Xantomi

unesp

238.	4.1.2.1.1. xantoma tuberoso	xantoma tuberoso, xantoma tuberosum	xanthome tubéreux	Tuberous xanthomas, xanthoma tuberosum	Xantomi tuberosi
239.	4.1.2.1.2. xantoma tendinoso	xantoma de los tendones, xantoma tendinoso	xanthome tendineux	Tendinosum xanthoma, tendinous xanthoma	Xantomi tendinei
240.	4.1.2.1.3. xantoma estriado	Xantoma estriado	xanthome strié palmaire	**Nenf**	Xantomi striati palmari
241.	4.1.2.1.4. xantoma eruptivo, xantoma dos diabéticos, xantoma pápulo-eruptivo	Xantoma eruptivo, xantoma papuloeruptivo	xanthome éruptif, xanthome papuleux éruptif	Eruptive xanthomas, eruptive xanthoma, xanthoma eruptivum	Xantomi eruttivi
242.	4.1.2.1.5. xantoma palmar	Estría palmar Xantoma palmar	**nenf**	**Nenf**	Xantomi palmari
243.	4.1.2.1.6. xantelasma, xantoma das pálpebras	xantelasma, xantoma de los párpados	xanthélasma de la paupière, xanthélasme des paupières, xanthelasma, xanthome plan des paupières	Xanthelasma palpebrarum, xanthelasma, xanthoma palpebrarum	Xantelasma, xantelasmi delle palpebre
244.	4.1.2.1.7. xantoma plano	Xantoma plano, xantoma planum	xanthome plan	xanthoma planum, planar xanthoma, plane xanthoma, plane xanthomas	Xantomi piani
245.	4.1.2.1.8. xantoma nodular	Xantoma nodular	xanthome nodulaire	**Nenf**	Xanroma nodulare
246.	4.1.2.1.9. xantoma secundário	Xantoma secundario	xanthomatose secondaire	**Nenf**	Xantoma secondario
247.	4.1.2.1.10. xantoma histiocitário	**nenf**	Histiocytoxanthome	**Nenf**	Istiocito xantoma
248.	4.1.2.1.11. xantomatose múltipla, xantoma múltiplo	Xantoma diseminado, xantoma múltiple	xanthomatose, xanthome multiple	Xanthomatosis, xanthoma	xantoma multiplo, xantomi disseminati, xantoma disseminato
249.	4.1.2.2. angioceratoma corporal difuso	angioqueratoma corporal difuso	Angiokératome	Anderson-Fabry's Disease, Fabry's disease, angiokeratoma corporis diffusum, glycolipid lipidosis, Fabry disease, Anderson-Fabry disease	Angiocheratoma corporale
250.	4.1.2.3. lipogranulomatose disseminada	**nenf**	lipogranulomatose de Farber	disseminated lipogranulomatosis, Farber´s disease, Farber's syndrome	Lipogranulomatosi disseminata
251.	4.1.2.4. doença de Gaucher	Enfermedad de Gaucher	maladie de Gaucher	Gaucher's disease, Gaucher disease, Cerebroside Lipidosis Syndrome,	MAllatia di Gaucher

				Glucocerebrosidase Deficiency disease, Glucosylceramide, Beta-Glucosidase Deficiency Disease, Neuronopathic Gaucher Disease	
252.	4.1.2.5. doença Niemann Pick	enfermedade de Niemann-Pick	maladie de Niemann-Pick	Niemann-Pick disease; Niemann-Pick diseases; classical Niemann-Pick disease; Lipidosis, Neuronal Cholesterol; Ophthalmoplegia, Supraoptic Vertical; Sphingomyelinase Deficiency Disease;Niemann-pick	MAllatia di Niemann Pick
253.	4.1.2.6. doença de Tangier	Enfermedad de Tangier	maladie de Tangier	Tangier disease; HDL deficiency; lipoprotein deficiency disease; Analphalipoproteinemia, Hypoalphalipoprteinemia, familial; Alpha-Lipoprotein Deficiency Disease, Familial; A-Alphalipoprotein Neuropathy; Familial High-Density Lipoprotein Deficiency Disease; Lipoprotein Deficiency Disease, HDL, Familial; Tangier Disease Neuropathy	MAllatia di Tagier familiare
254.	4.1.3. porfiria	porfiria	porphyrie, porphyrie cutanée	Porphyrias, porphyria	Porfiria
255.	4.1.3.1. porfiria eritropoiética, PE	porfiria eritropoyética	porphyrie érythropoïetique héréditaire	erythropoietic porphiria; Porphyria, erythropoietic; Gunther's Disease; Porphyria, Erythropoietic, Congenital	Porfiia eritropoietica congenita
256.	4.1.3.1.1. protoporfiria eritropoiética	protoporfiria eritropoyética	protoporphyrie érythropoïétique	Erythrohepatic protoporphyria; EPP;	Protoporfiria eritropoietica, PPE

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

				erythropoietic protoporphyria and protoporphyria; Protoporphyria; Porphyria, Erythrohepatic; protoporphyria, erythropoietic	
257.	4.1.3.1.2. porfiria eritropoiética congênita, doença de Gunther, PEC	porfiria eritropoyética hereditária, enfermedad de Gunther	porphyrie congénitale, maladie de Günther, porphyrie congénitale de Gunther, porphyrie érythropoïétique congénitale	Congenital erythropoietic porphyria; CEP; Gunther's disease; haematoporphyria congenital; Porphyria, erythropoietic; Gunther's Disease; Porphyria, Erythropoietic, Congenital	Porfiria eritropoietica congenita
258.	4.1.3.1.3. porfiria hepatoeritropiética	Porfiria eritrohepática	porphyrie hépato-érythropoïétique	HEP; Hepatoerythropoietic porphyria	porfiria epatoeritropoietica, porfiria epato-eritrocitaria
259.	4.1.3.1.4. porfiria hepatoereditária	**Nenf**	**nenf**	**Nenf**	Porfiria ereditaria
260.	4.1.3.2. porfiria hepática	porfiria hepática, porfiria del hígado	porphyrie hépatique	hepatic porphyria; Porphyria, Hepatic; Coproporphyria, Hereditary; Hapatic Porphyria; Porphyria, Variegate	Porfiria epatica
261.	4.1.3.2.1. porfiria aguda intermitente, porfiria sueca, PAI	porfiria intermitente aguda, porfiria aguda intermitente	porphyrie aiguë intermittente	Porphyria, Acute Intermittent; intermittent acute porphyria; AIP; acute intermittent porphyria; Swedish genetic porphyria; and pyrroloporphyria	Porfiria acuta intermittente
262.	4.1.3.2.2. porpiria cutânea tardia, porfiria sintomática, profiria hepática crônica, porfiria adquirida, PCT	porfiria cutánea tardia, porfiria cutánea tarda	porphyrie cutanée tardive	Porphyria Cutanea Tarda; PCT; symptomatic cutaneous porphyria or acquired porphyria	Porfiria cutanea tarda, PCT
263.	4.1.3.2.3. porfiria variegata	porfiria variegata	porphyrie variegata, porphyrie mixte	Porphyria, Hepatic; Coproporphyria, Hereditary; Hapatic Porphyria; Porphyria, Variegate; variegate	Porfiria variegata

				porphyria; VP; South African genetic porphyria; mixed porphyria; 'Royal malady; protocoproporphyria	
264.	4.1.3.2.4. coproporfiria hereditária	coproporfiria hereditaria	coproporphyrie héréditaire	Hereditary coproporphyria; HCP; coproporphyria; Porphyria, Hepatic; Coproporphyria, Hereditary; Hapatic Porphyria; Porphyria, Variegate	Coproporfiria ereditaria
265.	4.1.4. amiloidose	Amiloidosis	Amylose	Amyloidosis	Amiloidosi
266.	4.1.4.1 amiloidose primária sistêmica, amiloidose sistêmica primária, síndrome de Lubarsh-Pick	**Nenf**	amylose diffuse, maladie de Lubarsh-Pick	Systemic Amyloidosis; Lubarsh-Pick Disease	amiloidosi atipica poliviscerale (Lubarsh-Pick)
267.	4.1.4.2. amiloidose secundária sistêmica	**Nenf**	amylose généralisée secondaire	**Nenf**	amiloidosi secondarie, A A
268.	4.1.4.3. amiloidose primária localizada	**Nenf**	amylose primitive localisée	Primary Localized Cutaneous Amyloidosis	amiloidosi primitiva
269.	4.1.4.4. amiloidose secundária localizada	**Nenf**	**nenf**	**nenf**	amiloidosi secondaria localizzata
270.	4.1.4.5. amiloidose cutânea genuína	**Nenf**	amylose cutanée pure	**Nenf**	amiloidosi cutanee pure
271.	4.1.4.5.1. amiloidose cutânea genuína difusa	**Nenf**	**nenf**	**nenf**	amiloidosi diffuse
272.	4.1.4.5.2. amiloidose cutânea genuína localizada	**Nenf**	**nenf**	**nenf**	amiloidosi localizzata
273.	4.1.4.5.2.1. amiloidose cutânea genuína localizada maculosa	**Nenf**	amylose pigmentaire	**Nenf**	amiloidosi pigmentaria (forme maculari)
274.	4.1.4.5.2.2. amiloidose cutânea genuína localizada maculopapulosa	**Nenf**	**nenf**	**nenf**	amiloidosi cutanea maculosa
275.	4.1.4.5.2.3. amiloidose cutânea genuína localizada papulosa	**Nenf**	lichen amyloïde	**Nenf**	lichen amiloidosico (forme papulose)

276.	4.1.5.1. mucinose cutânea difusa, mixedema generalizado	MUCINOSIS MIXEDEMA	mucinose cutanée	Mucinosis	mucinosi cutanee
277.	4.1.5.2. mucinose cutânea localizada, mixedema circunscrito, mixedema pré-tibial	Mixedema pretibial	mucinose cutanée diffuse	**Nenf**	mucinosi cutanee diffuse, mixedema generalizzato
278.	4.1.5.2. mucinose cutânea localizada, mixedema circunscrito, mixedema pré-tibial	Mixedema pretibial	mucinose cutanée localisée	pretibial myxedema; circumscribed myxedema; Localized Myxoedema	mucinosi cutanee localizzate
279.	4.1.5.3. mucinose papular, mucinose papulosa	**Nenf**	mucinose papuleuse, lichen myxoedémateux, myxoedème lichénoïde	**nenf**	mucinosi papulosa, lichen mixedematoso, mixedema lichenoide
280.	4.1.5.3.1. mucinose papular estrita, líquen mixedematoso	**Nenf**	myxoedématose lichéniforme	Lichen myxoedematosus; lichen fibromucinoidosus; lichen myxedematosus	lichen mixedematoso
281.	4.1.5.3.2. escleromixedema, síndrome de Gottron-Arndt, líquen mixedematoso	**Nenf**	scléromixoedème, scléromixoedème d'Arndt-Gottron	Scleromyxoedema; the Arndt-Gottron syndrome; scleromyxedema	Scleromixedema
282.	4.1.5.3.3. mucinose papular em placa	**Nenf**	mucinose en plaque	**Nenf**	mucinosi papulose a placche, mucinosi in placca
283.	4.1.5.4. mucinose folicular, alopecia mucinosa	Mucinosis folicular, Alopecia mucinosa	mucinose folliculaire, alopécie mucineuse	Follicular Mucinosis; alopecia mucinosa; Mucinosis, Follicular	mucinosi follicolare, alopecia mucinosa
284.	4.1.5.5. mucinose eritematosa reticulada, síndrome R.E.M	Mucinosis reticular eritematosa	R.E.M. syndrome, mucinose érythémateuse réticulée, érythème réticulé mucineux	REM syndrome; Reticular Erythematous Mucinosis; REM Syndrome: Plaque-Like Cutaneous Mucinosis	Mucinosi eritematosa reticolata, sindrome R.E.M
285.	4.1.5.6. mucinose cutânea juvenil auto limitada	**Nenf**	mucinose cutanée juvénile spontanément résolutive	**Nenf**	mucinosi giovanile risolutiva, Mucinosi cutanea giovanile autorisolutiva

286.	4.1.5.7. escleredema de Buschke, escleredema do adulto	Escleredema de Buschke, escleredema, escleredema del adulto, escleredema adultorum	scléroedème de Buschke	Scleredema Adultorum; Buschke's disease; Busse-Buschke disease; cryptococcosis; Scleredema of Buschke	scleredema de Buscke, sclererderma adulttorum Buschke
287.	4.1.6. mucopolissacaridose	MUCOPOLISACARIDOSIS I SINDROME DE HURLER SINDROME DE PFAUNDLER-HURLER LIPOCONDRODISTROFIA SINDROME DE HURLER-SCHEIE MUCOPOLISACARIDOSIS V SINDROME DE SCHEIE	Mucopolysaccharidose	The Mucopolysaccharidoses; mucopolysaccharidosis; mucopolysaccharidoses	Mucopolisaccaridosi
288.	4.1.6.1. mucopolissacaridose tipo I-H, gargolismo, síndrome de Hurler	**Nenf**	mucopolysaccharidose type I-H, maladie de Hurler, syndrome de Hurler	Hurler's syndrome; mucopolysaccharidosis I; Pflaundler-Hurler syndrome; Lipochondrodystrophy	mucopolisaccaridosi tipo I H, malattia de Hurler, mucopolisaccaridosi tipo I, morbo di Hurler
289.	4.1.6.1.1. mucopolissacaridose tipo I-S, síndrome de Scheie	MUCOPOLISACARIDOSIS I	mucopolysaccharidose type I-S, syndrome de Scheie	Scheie's syndrome; mucopolysaccharidosis type IS; mucopolysaccharidosis I; Pflaundler-Hurler syndrome; Lipochondrodystrophy	mucopolisaccaridose tipo I S, sindrome de Scheie, Morbo di Scheie
290.	4.1.6.1.2. mucopolissacaridose tipo I-H/S, síndrome de Hurler-Scheie	mucopolisacaridosis II	mucopolysaccharidose type I-H-S, Syndrome de Hurler-Scheie	mucopolysaccharidosis I; Pflaundler-Hurler syndrome; Lipochondrodystrophy	mucopolisaccaridosi tipo I H-S, sindrome de Hurler-Scheie
291.	4.1.6.2. mucopolissacaridose tipo II, síndrome de Hunter	mucopolisacaridosis II	mucopolysaccharidose type II, maladie de Hunter	Hunter's syndrome; Gargoylism; mucopolysaccharidosis type II; mucopolysaccharidosis II; Hunter syndrome	mucopolisaccaridose tipo II, malattia de Hunter, sindrome de Hunter, morbo di Hunter
292.	4.1.6.3. mucopolissacaridose	mucopolisacaridosis III	mucopolysaccharidose type	Sanfilippo's syndrome;	mucopolisaccaridosi tipo

	tipo III, síndrome de Sanfilippo		III, maladie de San Filippo, syndrome de San Filippo	mucopolysaccharidosis type III; mucopolysaccharidosis III; Polydystrophic Oligophrenia	III, malattia de Sanfilippo, sindrome de Sanfilippo, morbo di Sanfilipo
293.	4.1.6.4. mucopolissacaridose tipoIV, síndrome de Morquio, doença de Morquio-Uhicer, doença de Morquio	mucopolisacaridosis IV	mucopolysaccharidose type IV, maladie de Morquio	Morquio's syndrome; Morquio's disease; Morquio-Ullrich disease; mucopolysaccharidosis type IV; mucopolysaccharidosis IV; Eccentro-Osteochondrodysplasia	mucopolisaccaridose tipo IV, malattia de Morquio, malattia de Morquio-Braisalford
294.	4.1.6.5. mucopolissacaridose tipoVI, síndrome de roteaux-Lamy, síndrome de roteaux-Lamy	MUCOPOLISACARIDOSIS VI	mucopolysaccharidose type VI, maladie de rotteaux-Lamy	MAroteaux-Lamy syndrome; mucopolysaccharidosis type VI; mucopolysaccharidosis VI; Polydystrophyc dwarfism	mucopolisaccaridosi tipo VI, malattia de rotteaux-Lamy, morbo di roteaux-Lamy
295.	4.1.6.6. mucopolissacaridose tipo VII, síndrome de Sly	mucopolisacaridosis VII	mucopolysaccharidose type VII, maladie de Sly	mucopolisaccharidosis type VII; mucopolisaccharidosis VII; Sly syndrome	Mucopolisaccaridosi tipo VII, malattia de Sly, morbo di Quinton-Sly
296.	4.1.7. glicopoidoproteinose, hialinose, doença de Urbach-Weithe, proteinose lipídica	**nenf**	hyalinose cutanéomuqueuse, lipoïdoprotéinose, maladie de Urbach-Wiethe	lipid proteinosis; lipoid proteinosis; Urbach-Wiethe disease; lipoidosis cutis et mucosae; hyalinosis cutis et mucosae; Lipoglycoproteinosis	malattia de Urbach-Wiethe, ialinosi cutaneo-mucosa, proteinosi, Ialinosi cutaneomucosa, proteinosi lipoidica, morbo di Urbach-Wiethe
297.	4.1.8. aminoacidúria, aminacidúria	aminoaciduria	amino-acidopathie	Aminoaciduria; acidaminuria; hyperaminoaciduria	aminoaciduria da imidazolo, aminoacidopatie
298.	4.1.8.1. fenilcetonúria, oligofrenia fenilperúvica	Fenilcetonúria, Enfermedad por Deficiencia de Dihidropteridina Reductasa Hiperfenilalaninemia no Fenilcetonúrica Enfermedad por Deficiencia de Fenilalanina Hidroxilasa	phényl cétonurie, phénylcétonurie, phénylcétonurie classique	Dihydropteridine Reductase Deficiency Disease; Hyperphenylalaninemia, Non-Phenylketuonuric; Phenylalanine Hydroxylase Deficiency Disease; phenylketonuria; phenylketonurias; Folling's disease; PKU;	fenilchetonuria, morbo di folling, oligofrenia fenilperuvica

				hyperphenylalaninaemia type 1: Folling's disease; phenylpyruvic oligophrenia	
299.	4.1.8.2. ocronose, alcoptonúria, oxidase do ácido homogentísico	Ocronosis	Ochronose	Ochronosis	Ocronosi
300.	4.1.8.3. ocronose exógena, acronose exógena	**nenf**	ochronose exogène	exogenous ochronosis	ocronosdi localizzata acquisita, ocronosi acquisita
301.	4.1.8.4. hemocistinúria	**nenf**	Hemocystinurie	**Nenf**	Omocistinuria
302.	4.1.8.5. aminoacidúria argininssuccínica, deficiência de arginossuccinase	**nenf**	amino-acidopathie arginino-succinurie	Argininosuccinicaciduria	Argininosuccinaria
303.	4.1.9. calcinose cutânea	Calcinosis de la piel, calcinosis, calcificación patológica	calcinose cutanée	calcinosis cutis; dystrophic calcinosis; dystrophic calcification	calcinosi cutanee, calcinosis cutis
304.	4.1.9.1.calcinose cutânea idiopática	Gota	calcinose idiopathique	**Nenf**	calcinosi scrotale idiopatica, calcinosis idiophatica scrotalis
305.	4.1.9.2.calcinose cutânea metastática	**Nenf**	calcinose métabolique	Metastatic calcification	calcinosi metastatica
306.	4.1.9.3. calcinose cutânea distrófica	**Nenf**	calcinose dystrophique	dystrophic calcification; calcinosis cutis; dystrophic calcinosis	calcinosi distrofiche
307.	4.1.9.4 calcinose cutânea tumoral	**Nenf**	calcinose tumorale	Tumoral calcinosis	Calcinosi tumorale
308.	4.1.10. gota	Gota	Goutte	Gout; arthritis nodosa; arthritis uratica	Gotta
309.	4.1.10.1. gota latente	**nenf**	goutte latente	masked gout; latent gout	Gotta latente (int)
310.	4.1.10.2. gota cálcica	**nenf**	goutte tophacé	Chondrocalcinosis; Calcium Pyrophosphate Dihydrate Deposition; calcium gout; pseudogout; CPDD; calcium pyrophosphate deposition disease	gotta calcica
311.	4.1.11. histiocitose X,	Histiocitosis X, Histiocitosis	histiocytose X, histiocytose	Histiocytosis X; histiocytosis;	istiocitosi X, istiocitosi a

	langherose	de células de Lagerhans	langerhansienne, histiocytosis X	Histioctosis, Langerhans-cell; Langerhans-cell granulomatosis	cellule di Langerhans
312.	4.1.11.1. histiocitose aguda disseminada	**nenf**	histiocytose disseminée aiguë	**Nenf**	istiocitosi acuta disseminata
313.	4.1.11.2. histiocitose multifacial crônica	**nenf**	maladie de Hand-Schuller-Christian	**Nenf**	istiocitosi cronica, malattia di Christian-Schuller-Hand
314.	4.1.11.3. granuloma eosinofílico, granuloma eosinófilo	granuloma eosinofílico	granulome éosinophile, granulome éosinophile des os	Eosinophilic granuloma; Granuloma, eosinophilic	Granuloma eosinofilo
315.	4.1.11.4. xantoma disseminado, xantoma múltiplo	xantoma diseminado	xanthome disséminé, syndrome de Montgomery, xanthoma disseminatum	Xanthoma disseminatum; Reticulohistiocytoma; Hemophagocytic syndrome, infection-associated lymphohistiocytosis, hemophagocytic reticulohistiocytoma xanthoma disseminatum; histiocytosis, non-langerhans-cell	xantoma disseminato
316.	4.1.11.5. xantossideroistiocitose	**nenf**	Xanthosidérohistiocitosis	**Nenf**	xantosideroistiocitosi dissminata
317.	4.1.11.6. xantomatose plana difusa	**nenf**	xanthomatose plan diffus	Diffuse plane xanthomatosis	xantomi piani diffusi, Xantoma piano normolipemico diffuso, xantelasmi generalizzati
318.	4.1.11.7. reticuloistiocitose	**nenf**	réticulohistiocytose, réticulo-histiocytose, histiocytose giganto-cellulaire	Reticulosis; reticulohistiocytosis; Reticuloendotheliosis	reticoloistiocitoma, granuloma reticoloistiocitario
319.	4.1.11.7.1. reticuloistiocitose multicêntrica	**nenf**	histiocytose multicentrique, réticulo-histiocytose multicentrique, dermato-arthrite lipoïdique	Multicentric reticulohistiocytosis; Lipoid dermato-arthritis; reticulocytoma cells; lipoid dermatoarthritis	reticoloistiocitosi multicentrica, dermatoartrite lipoidea, reticoloistiocitosi benigna

320.	4.1.11.7.2. histiocitoma eruptivo generalizado	**nenf**	histiocytome éruptif généralisé de Winkelmann et Müller	generalized eruptive histiocytoma; nodular non X histiocytosis	Istiocitomi eruttivi, istiocitomi eruttivi generalizzati
321.	4.1.11.7.3. xantogranuloma necrobiótico	**nenf**	xanthogranulome nécrobiotique	necrobiotic xanthogranuloma	xantogranuoloma necrobiotico
322.	4.1.11.7.4. xantoma verruciforme	**nenf**	xanthome verruciforme de la vulve	verrucous xanthoma	xantoma verruciforme
323.	4.1.11.7.5. xantogranuloma juvenil, xantoma juvenil	xantogranuloma juvenil, Nevoxantoendotelioma Xantoma Juvenil	xanthogranulome juvénile, nævo-endothélio-xanthome	Juvenile xanthogranuloma; Naevoxanthoendothelioma; Xanthogranuloma, juvenile; xanthoma, juvenile	xantogranuloma giovanile
324.	4.1.11.7.6. granuloma reticuloistiocítico	**nenf**	réticulo-granulomatose	**nenf**	Granuloma reticoloistiocitico
325.	4.2. Dermatose auto-imune	**nenf**	réactions auto-immunes, manifestations auto-immunes	**Nenf**	MAlattie dermatologiche autoimmunitarie
326.	4.2.1. lúpus eritematoso	lupus eritematoso	lupus érythémateux	Lupus erythematosus; LE, lupus erythematodes, lupus superficialis	lupus eritematoso
327.	4.2.1.1. lúpus eritematoso discóide	lupus eritematoso discóide, lupus eritematoso cutâneo crónico	lupus érythémateux chronique, lupus discoïde, lupus érythémateux cutané chronique	Discoid lupus erythematosus ; cutaneous lupus erythematosus; chronic discoid lupus erythematos ; DEL ; Lupus erythematosus, discoid ; lupus erythematosus, chronic cutaneous ; lupus erythematosus, cutaneous, chronic	lupus eritematoso discoide, Lupus eritematoso cronico discoide, LED
328.	4.2.1.2. lúpus eritematoso sistêmico	LUPUS ITEMATOSO SISTEMICO	lupus érythémateux disséminé, lupus érythémateux systémique, lupus systémique	systemic lupus erythematosus ; SLE ; Lupus erythematosus, systemic ; libman-sacks disease ; lupus erythematosus disseminatus	lupus eritematoso sistemico, LES
329.	4.2.1.2.1. lúpus eritematoso sistêmico subagudo	Lupus Eritematoso Cutâneo, Lupus Eritematoso Cutáneo	lupus érythémateux cutané subaigu, lupus érythémateux	**Nenf**	lupus eritematoso cutaneo subacuto (SCLE), Lupus

		Subagudo	subaigü, lupus subaigu		eritematos subacuto cutaneo
330.	4.2.1.2.2. lúpus eritematoso sistêmico neonatal	**nenf**	lupus érythémateux disséminé de la mère, lupus néonatal	neonatal lupus erythematosus, neonatal lupus	lupus eritematoso neonatale
331.	4.2.1.3. lúpus eritematoso profundo	PANICULITIS DE LUPUS ITEMATOSO	lupus érythémateux profond	Panniculitis ; lupus erythematosus profundus ; Panniculitis, lupus erythematosus ; lupus panniculitis	lupus eritematoso profondo
332.	4.2.2. síndrome de Rowell	**nenf**	syndrome de Rowell	Rowell's syndrome ; Lupus erythematosus, erythema multiforme-like syndrome	sindrome di Rowell
333.	4.2.3. esclerodermia	Esclerodermia	Sclérodermie	Scleroderma; sclerosis cutanea, dermatosclerosis; Scleroderma, circumscribed; dermatosclerosis; Morphea; scleroderma, localized	Sclerodermia
334.	4.2.3.1. esclerodermia circunscrita, esclerodermia morphea	Esclerodermia Localizada, Esclerodermia Circunscrita	sclérodermie circonscrite	Dermatosclerosis ; morphea ; scleroderma, localized ; localized scleroderma ; Localized morphoea ; circuncribed scleroderma	Sclerodermia circoscritta, Morfea
335.	4.2.3.1.1. esclerodermia circunscrita em gotas, esclerodermia guttata	Esclerodermia Localizada em gota	sclérodermie en goutes	Lichen sclerosus ; lichen sclerosus et atrophicus; guttate morphoea; guttate scleroderma; white-spot disease	sclerodermie circoscritte guttata
336.	4.2.3.1.2. esclerodermia circunscrita em placas	**nenf**	sclérodermie en plaques, sclérodermie morphée, morphée en plaque	Localized morphoea: Plaque lesions	sclerodermie circoscritte in placca o morfea
337.	4.2.3.1.3. esclerodermia circunscrita em faixas,	**nenf**	sclérodermie en bandes, scléroderime en coup de sabre	Localized morphoea: Fronto parietal lesions (en coup de	Sclerodermie circoscritte in banda

	esclerodermia en coup de sabre			sabre—from its resemblance in a sabre cut) with or without hemiatrophy	
338.	4.2.3.1.4. esclerodermia circunscrita linear	Esclerodermia Localizada lineal	morphée linéaire en coup de sabre du cuir chevelu et du front	Localized morphoea: linear lesions	sclerodermia circoscritta lineare
339.	4.2.3.1.5. esclerodermia circunscrita fasciíte eosinifílica, doença de Shulman	**nenf**	syndrome de Shulman, fasciite à éosinophiles	eosinophilic fasciitis ; Shulman's syndrome	sclerodermia fasite eosinofila de Shulman
340.	4.2.3.2. Esclerodermia sistêmica	ESCLERODERMIA SISTEMICA	sclérodermie systémique	Systemic sclerosis; progressive systemic sclerosis; systemic scleroderma; acrosclerosis; scleroderma, systemic; sclerosis, progressive systemic; scleroderma, diffuse; sclerosis, systemic	sclerodermia sistemica, sclerodermia diffusa, sclerosi sistemica, sclerosi sistemica progressiva e altri
341.	4.2.3.2.1. Esclerodermia difusa	ESCLERODERMIA SISTEMICA ESCLEROSIS PROGRESIVA SISTEMICA ESCLERODERMIA DIFUSA ESCLEROSIS SISTEMICA	sclérodermie maligne, sclérodermie diffuse aiguë, sclérodermie diffuse maligne	**Nenf**	sclerodermia diffusa
342.	4.2.3.2.2. Acroesclerose	Acrosclerosis	Acrosclérose	Systemic sclerosis; progressive systemic sclerosis; systemic scleroderma; acrosclerosis; acroscleroderma; sclerodactyly; sclerodactylia	acrosclerosi o sclerosi sistemica limitata
343.	4.2.4. Dermatomiosite	DERMATOMIOSITIS POLIMIOSITIS-DERMATOMIOSITIS	Dermatomyosite	Dermatomyositis; Polymyositis-dermatomyositis	Dermatomiosite
344.	4.2.5. Doença mista do tecido	ENFERMEDAD MIXTA	maladies associées du tissu	Mixed connective tissue	**Nenf**

	conjuntivo, DMTC	DEL TEJIDO CONJUNTIVO ENFERMEDAD MIXTA DEL TEJIDO CONECTIVO SINDROME DE SHARP	conjonctif	disease ; connective tissue disease, mixed; sharp syndrome	
345.	4.2.7. Doença auto-agressiva hansênica	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**nenf**
346.	4.3. dermatose pustulosa amicrobiana, pustulose essencial	**nenf**	pustules amicrobiennes	**Nenf**	Pustulosi non foiculare (corrispondere a un'infezzione microbica)
347.	4.3.1. pustulose subcórnea, doença de Sneddon-Wilkinson	DERMATOPATIAS VESICULOBULLOSAS	dermatose pustuleuse sous-cornée, maladie de Sneddon-Wilkinson, syndrome de Sneddon, pustulose sous-cornée	Subcorneal pustular dermatosis ; sneddon-wilkinson disease ; skin diseases, vesiculobullous ; bullous skin diseases pustular dermatosis, subcorneal skin diseases, bullous skin diseases, vesicular sneddon-wilkinson disease subcorneal pustular dermatosis vesicular skin diseases vesiculobullous skin diseases	Pustulosi subcornea, lattia di Sneddon-Wilkinson, dermatosi pustulosa subcornea, Pustulosi subcornea di Sneddon-Wilkinson
348.	4.3.2. dermatite crural pustulosa e artrófica	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**nenf**
349.	4.3.3. pustulose recalcitrante das mãos e pés	**nenf**	pustulose palmo-plantaire, psoriasis pustuleux palmo-plantaire	Acrodermatitis continua; acropustulosis: pustular acrodermatitis; acrodermatitis perstans; dermatitis repens; pustulosis palmaris et plantaris; Hallopeau's disease; Psoriasis; palmoplantaris pustulosis; pustular psoriasis of palms and soles; pustulosis of palms and soles	Pustulosi palmoplantare, pustulosi palmo-palntari

350.	4.3.4. acrodermatite contínua de Hallopeau, acropustulose, acrodermatite perstans	**nenf**	acrodermatite continue d'Hallopeau, acrodermatite continue de Hallopeau, acrodermatite pustuleuse continue	Acrodermatitis continua; acropustulosis: pustular acrodermatitis; acrodermatitis perstans; dermatitis repens; pustulosis palmaris et plantaris; Hallopeau's disease	Acrodermatite continua suppurativa di Hallopeau
351.	4.3.5. bactéride pustulosa de Andrews	**nenf**	bactéride pustuleuse	**nenf**	Batteride de Andrews
352.	4.3.6. foliculite pustulosa eosinofílica, síndrome de Ofuji	**nenf**	pustulose folliculaire à éosinophiles, maladie d'Ofuji, folliculite d'Ofuji	Eosinophilic pustular folliculitis	MAlattia di Ofuji, pustulosi follicolare eosinofila, Follicolite pustulosa eosinofila (Ofuji)
353.	4.3.7. impetigo herpetiforme, pustulose herpetiforme	impétigo herpetiforme	impétigo herpétiforme, pustulose exanthématique gravidique	Generalized pustular psoriasis of pregnancy; impetigo herpetiformis	Impetigo erpetiforme, Impetigo herpetiformis
354.	4.3.8. pustulose vegetante de Hallopeau	**nenf**	pyodermite végétante de Hallopeau	**nenf**	acrodermatite di Hallopeau
355.	4.3.9. síndrome de Sweet, dermatose neutrofílica febril aguda	síndrome de Sweet, dermatosis neutrófila aguda febril	syndrome de Sweet	Acute febrile neutrophilic dermatosis; Sweet's syndrome; acute neutrophilic dermatosis; dermatosis, neutrophilic, febrile, acute; neutrophilic dermatosis, acute febrile	Sindrome di Sweet, dermatite neutrofila febbrile acuta
356.	4.3.9.1. síndrome de Sweet clássica, síndrome de Sweet idiopática	**nenf**	syndrome de Sweet classique	**nenf**	**nenf**
357.	4.3.9.2. síndrome de Sweet parainflamatória	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
358.	4.3.9.3. síndrome de Sweet paraneoplásica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**

359.	4.3.10. melanose pustulosa neonatal transitória	**nenf**	mélanose pustuleuse transitoire néonatale	transient neonatal pustular melanosis	melanosi pustulosa neonatale
360.	4.3.11. acropustulose infantil	**nenf**	acropustulose infantile	Infantile acropustulosis	acropustolosi infantile
361.	4.4. dermatose basicamente papulosa	**nenf**	dermatoses papulaires	**nenf**	dermatosi papulosi
362.	4.4.1. líquen plano, líquen rubro plano	LIQUEN PLANO LIQUEN ROJO PLANO	lichen plan, LP	lichen planus; lichen acuminatus; lichen ruber planus; Wilson's lichen	Lichen planus
363.	4.4.1.1. líquen plano actínico	liquen plano actínico	lichen actinique	Lichen planus actinicus; lichen planus subtropicus	Lichen actinicus, lichen attinico
364.	4.4.1.2. líquen plano vulgar, líquen plano agudo, líquen plano crônico	liquen plano agudo	lichen aïgu	Acute and subacute lichen planus with confluence of lesions	lichen planus acuto
365.	4.4.1.3. líquen plano hipertrófico, líquen plano verrucoso	liquen plano hipertrófico	lichen plan hypertrophique, lichen hypertrophique	Lichen planus hypertrophicus ; lichen planus verrucosus ; lichen ruber verrucosus	Lichen planus (forme ipertrofiche)
366.	4.4.1.4. líquen plano atrófico	**nenf**	lichen plan atrophique	Lichen planus atrophicus	Lichen plauns (forme atrofiche)
367.	4.4.1.5. líquen plano linear, líquen plano estriado	**nenf**	lichen plan linéaire	Lichen planus linearis	Lichen planus (forme lineari)
368.	4.4.1.6. líquen plano bolhoso	liquen plano ampollar	lichen plan bulleux	Bullous Lichen planus ; lichen planus vesiculosus	Lichen bolloso, lichen planus (forme vesciolo-bollose)
369.	4.4.1.7. líquen plano penfigóide, líquen penfigóide	**nenf**	lichen plan vésiculo-bulleux, penphigoïde bulleuse, lichen vésiculo-bulleux	lichen planus pemphigoides	lichen planus pemfigoide, Lichen pemfigoide
370.	4.4.1.8. líquen plano de mucosa	**nenf**	lichen plan de muqueuse bucale, LP buccal	Lichen planus principally involving mucosa membranes	lichen planus della mucosa orale
371.	4.4.1.9. líquen anular	liquen anular	lichen plan annulaire, lichen plan génital	Lichen planus annularis ; granuloma anulare; lichen	Lichen planus (forme anulari)

				annularis	
372.	4.4.1.10. líquen palmoplantar	**nenf**	lichen palmo-plantaire	Lichen planus of the palms and soles	lichen palmoplantare
373.	4.4.2. erupção liquenóide	erupción liquenoide, erupciones liquenoides	éruption lichénienne, éruption lichénoïde	**nenf**	Eruzione lichenoidi
374.	4.4.3. líquen nítido	liquen nítido liquen nitidus	lichen nitidus	lichen nitidus	Lichen nitidus
375.	4.4.4. líquen estriado	liquen estriado	lichen strié	lichen striatus	Lichen striatus
376.	4.4.5. dermatose liquenóide, liquenificação	Liquenificación	dermatose lichenoïde	lichenoid dermatosis; Lichenification	Lichenificazioni
377.	4.4.5.1. liquenificação primária	**nenf**	lichénification primitive	**nenf**	Lichenificazioni
378.	4.4.5.2. liquenificação secundária	**nenf,**	lichénification secondaire	Secondary lichenification	Lichenificazioni secondarie
379.	4.4.5.3. liquenificação circunscrita simples, neurodermite circunscrita	**nenf**	lichénification circonscrite, nevrodermite, lichen simplex	**nenf**	Lichenificazioni circoscritto
380.	4.4.5.4. liquenificação difusa simples, neurodermite generalizada	**nenf**	**nenf**	Lichenification	Lichenificazioni forme generalizzato diffuso
381.	4.4.5.5. liquenificação hipertrófica gigante	**nenf**	**nenf**	**nenf**	Lichenificazioni giganti
382.	4.4.5.6. liquenificação macropapulosa, prurigo nodular de Hyde	**nenf**	prurigo nodulaire	prurigo nodularis; Hyde's disease	Lichenificazioni nodulari, Prurigo nodulare di Hyde
383.	4.5. Discromias	Discromía	Dyschromies	Dyschromia	Discromia
384.	4.5.1. Acromia	Acromía	Achromie	Achromia	Acromia, amelanosi
385.	4.5.1.1. Albinismo, albinismo oculocutâneo, leucodermia congênita, leucopatia	albinismo, albinismo oculocutáneo	albinisme, albinisme oculocutané	Albinism; congenital leukoderma; congenital leukopathia/leukopathy	Albinismi

	congênita, albinia (Sin. ger.).				
386.	4.5.1.1.1. Albinismo tirosinase-negativo, albinismo total	albinismo tirasinasa negativo, albinismo universal, albinismo completo	albinisme tyrosinase négatif, albinisme complet type I	tyrosinase-negative albinism; oculocutaneous albinism; Albinism, oculocutaneous; albinism, tyrosinase-negative; albinism, yellow-mutant	Albinismo tirosinasi negativo o albinismo imcompleto tipo I
387.	4.5.1.1.2. Albinismo tirosinase-positivo, albinismo parcial	albinismo tirosinasa positiva, albinismo parcial	albinisme tyrosinase positif, albinisme incomplet type II	tyrosinase-positive albinism; oculocutaneous albinism; Albinism, oculocutaneous; albinism, tyrosinase-positive; albinism, yellow-mutant	Albinismo tirosinasi positivo o albinismo incompleto tipo II
388.	4.5.1.1.3. Albinismo mutante amarelo	Albinismo Oculocutáneo, Albinismo Tirosinasa-Negativo, Albinismo Tirosinasa-Positivo, Albinismo Amarillo-Mutante	albinisme mutant jaune	yellow mutant albinism ; Albinism, oculocutaneous; albinism, yellow-mutant	Albinismo mutante giallo
389.	4.5.1.1.4. Síndrome de Hermansky-Pudlak	síndrome de Hermansky-Pudlak	syndrome de Hermansky-Pudlak	Hermansky—Pudlak syndrome albinism ; Hermanski-pudlak syndrome	Sindrome di Hermansky-Pudlack
390.	4.5.1.2. Piebaldismo	Piebaldismo	Piébaldisme	Piebaldism; albinism, cutaneous; albinism, partial; piebaldness; (partial albinism—an undesirable term) white spotting	Piebaldismo
391.	4.5.1.3. Poliose	Poliosis	Poliose	Poliosis; trichopoliosis	Poliosi
392.	4.5.1.4. Incontinência pigmentar acrômica, hipomelanose de Ito	Incontinencia pigmentaria acrómica, hipomelanosis de Ito, Incontinencia pigmentaria acrómática, síndrome de Ito	incontinentia pigmenti achromians, hypomélanose de Ito	naevus depigmentosus; achromic naevus; incontinentia pigmenti achromians of Ito; incontinentia pigmenti	Incontinentia pigmenti, sindrome di Bloch-Sulzberge

				achromiens; hypomelanosis of Ito; pigmentation disorders; schamberg's disease; incontinentia pigmenti achromians; ito syndrome	
393.	4.5.1.5. Vitiligo, vitiligem, leucodermia	vitiligo	Vitiligo	Vitiligo; acquired leukoderma; acquired leukopathia/leukopathy	Vitiligine, leucodermia, ipomelanosi
394.	4.5.1.6. Leucodermia por substâncias químicas, leucodermia por drogas	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	Ipomelanosi acquisite chimiche
395.	4.5.1.7. Leucodermia gutata, hipomelanose gutata idiopática	**nenf**	hypomélanose idiopatique en gouttes, leucopathie symétrique progressives des extrémités, leucodermie acquise en gouttes	idiopathic guttate hypomelanosis	Ipomelanosi guttata idiopatica (int)
396.	4.5.2. Hipocromia	hipocromia	Hypomélanose	Hypochromia; hypochromasia; hypochrosis	ipermelanosi, ipercromie
397.	4.5.2.1. Nevo acrômico	**nenf**	naevus achromique	naevus depigmentosus; achromic naevus; incontinentia pigmenti achromians of Ito	Nevo acromico o depigmentoso
398.	4.5.2.2. Síndrome de Chediak-Higashi, doença de Béguez-César	síndrome de Chediak.Higashi	syndrome de Chediak (-Steinbrinck)- Higashi, syndrome de Chediak Higashi	Chediak-Higashi syndrome; Chediak—Higashi—Steinbrinck syndrome; Chédiak-Steinbrinck-Higashi syndrome; Chédiak-Steinbrinck-Higashi anomaly; Chédiak-Higashi disease; Béguez César disease	sindrome de Chediak-Higashi
399.	4.5.2.3. Síndrome de Klein-Waardenburg, síndrome de Waardenburg	síndrome de Waardenbur	syndrome de Waardenburg-Klein	Waardenburg syndrome; Waardenburg`s syndrome; Klein-Waardenburg syndrome	Sindrome di Waardenburg-Klein
400.	4.5.2.4. Síndrome de Cross-	síndrome oculocerebral de	syndrome de Cross, syndrome	Cross syndrome;	sindrome de Cross

	McKusick-Breen	Cross y McKusick	de Cross-Breen-MAcKusick	oculocerebral syndrome with hypopigmentation	
401.	4.5.2.5. Leucodermia dos vagabundos	leucodermia de los vagabundos, enfermedad de los vagabundos	leucomélanodermie des vagabonds	**Nenf**	leucodermie dei vagabondi
402.	4.5.3. Hipercromia, hipermelanose	Hipermelanosis	hyperchromie, hypermélanose	Hypermelanosis ; hyperchromatism ; hyperchromia ; hyperchromasia	Ipermelanosi
403.	4.5.3.1. ncha mongólica	mancha mongólica, mancha mongólica azul, melanocitosis dérmica congénita, melanocitosis dérmica	tache bleue lombaire des nourrissons, tache mongolique	blue spot; mongolian macula; mongolian spot	MAcchi mongolica
404.	4.5.3.2. Melanose oculodérmica, nevo de Ota, nevo foscocerúleo oftalmomaxilar de Ota	mancha mongólica, melanocitosis dérmica congénita; melanocitosis dérmica nevo de Ota, nevo fuscocerúleo oftalmomaxilar, melanocitosis oculodérmica	naevus de Ota	Naevus of Ota; naevus fuscocaeruleus ophthalmomaxitlaris; oculodermal melanosis; Ota's nevus; nevus of Ota	Nevo di Ota, nevo fusco-ceruleo oftalmo-mascellare, melanocitosi oculodermica
405.	4.5.3.3. Nevo foscocerúleo acrômico deltoidiano de Ito, nevo de Ito	nevo fuscocerúleo, nevo de Ito	naevus de Ito	Naevus of Ito; Ito's nevus	Nevo di Ito, nevo fusco-ceruleo o melanocitosi acromio-deltoidea
406.	4.5.3.4. Síndrome de Albright, doença de Albright, osteodistrofia hereditária de Albright, síndrome de Garnisé Seabright, síndrome de McCune-Albright	síndrome de Albright, síndrome de McCune-Albright, Osteítis fibrosa quística; displasia fibrosa poliostótica	syndrome d'Albright (-McCune-Sternberg)	McCune-Albright syndrome; Albright's syndrome; Albright's disease; fibrous dysplasia, polyostotic	Sindrome di Albright
407.	4.5.3.5. Efélide, sarda(pop.), lentigem, lentigo, ovo-de-peru e (bras.) titinga.(M. us. no pl.)	efélide, peca	Ephélide	Freckle ; ephelis ; ephelides ; Hutchinson's melanotic freckle ; lentigo, malignant; freckle, melanotic; melanotic freckle	Efelidi
408.	4.5.3.6. Mácula melanótica labial	**nenf**	mélanose labiale de Laugier, maladie de Laugier, pigmentation mélanique	**Nenf**	macula melanotica labiale, lentigo labiale

			lenticulaire essentielle de la muqueuse jugale et des lèvres		
409.	4.5.3.7. Lentigo	lentigo, lentiginosis	Lentigo	Lentiginosis; lenticula; lentigo	Lentigo, Lentigo maligna
410.	4.5.3.7.1. Lentigo juvenil	**nenf**	naevus de Spitz, mélanome juvénile	**Nenf**	Nevo di Spitz (int)
411.	4.5.3.7.2. Lentigo solar, lentigo senil	**nenf**	lentigo sénile du dos des mains, tache sénile, tache solaire brunâtre lenticulaire	senile lentigo; liver spot	Lentiggini solare
412.	4.5.3.7.3. Nevus spilus, nevo lentiginoso salpicado	léntigo nevoide, nevo spilus, léntigo simple	naevus spilus	Nevus spilus	Nevo spilus o nevo lentigginoso punteggiato
413.	4.5.3.7.4. Lentiginose profusa, lentiginose difusa	**nenf**	lentiginose profuse	**Nenf**	**nenf**
414.	4.5.3.7.4.1. Lentiginose multipla	lentiginosis generalizada	lentiginose multiple	Multiple lentigines syndrome; the leopard syndrome; Leopard syndrome	Sindrome Leopard, Sindrome delle lentiggini multiple, lentigginosi cardiomiopatica progressiva.
415.	4.5.3.7.4.1.1. Lentiginose centro-facial	**nenf**	lentiginose centrofaciale neurodystrophique	centrofacial lentiginosis	lentigginosi centrofacciale
416.	4.5.3.7.4.1.2. Lentiginose unilateral	**nenf**	**nenf**	Unilateral lentiginosis	Letigginosi localizzate unilaterali
417.	4.5.3.8. Poiquilodermia de Riehl-Civatte	**nenf**	poïkilodermie de Civatte	Poikiloderma of Civatte; Civatte's disease	Poichilodermie acquisite (melanosi di Riehl)
418.	4.5.3.8.1. Melanose de Riehl, poiquilodermia de Civatte	**nenf**	mélanose de Riehl	Riehl's melanosis	Poichilodermie acquisite (melanosi di Riehl)
419.	4.5.3.8.1.1. Melanodermite tóxica de Hoffmann e Habermann	melanosis por alquitrán, melanodermatitis tóxica, enfermedad de Hoffman-Haberman	melanodermatite toxique lichénoïde et bulleuse de Hoffmann e Habermann, maladie de Hoffmann et Habermann	**Nenf**	Perifollicolite abscendens et suffodiens di Hoffman
420.	4.5.3.8.2. Poiquilodermia acroceratótica hereditária	**nenf**	acrokératose poïkilodermique bulleuse et héréditaire de Weary et Kindler, poïkilodermie acrokératosique héréditaire	Hereditary acrokeratotic poikiloderma of Weary	poichilodermia accrocheratosica ereditaria (tipo Kindler, tipo Weary)

421.	4.5.3.8.3. Poiquilodermia congênita, síndrome de Rothmund-Thomson, poiquiloderma congênito	POIQUILODERMIA CONGENITA SINDROME ROTHMUND-THOMSON	poïkilodermie congénitale, syndrome de Rothmund-Thomsom	Rothmund—Thomson syndrome; congenital poikiloderma; Rothmund's syndrome; poikiloderma congenitale; poikiloderma atrophicans and cataract	poichilodermie congenite: sindrome di Rothmund-Thomson
422.	4.5.3.8.4. Poiquilodermia esclerosante hereditária, poiquilodermia de Weary	**nenf**	poïkilodermie héréditaire sclérosante de Weary	Hereditary sclerosing poikiloderma of Weary (–)	Poichilodermia acrocheratosica di Weary
423.	4.5.3.9. Melanose neviforme, nevo piloso pigmentado de Becker, melanose pilosa de Becker, nevus pigmentado e piloso	**nenf**	mélanose de Becker	Pigmented hairy epidermal naevus, Becker's naevus, pigmented hair epidermal nevus	Nevo di Becker, nevo epidermico pigmentado peloso,melanosi di Becker
424.	4.5.3.10. nchas "café-au-lait"	**nenf**	Tache café au lait	café au lait spot's, café-au-lait marks/macules	MAcchia o chiazza caffè-latte
425.	4.5.3.11. Acropigmentação reticulada de Kitamura, doença de Kitamura	**nenf**	**nenf**	Reticulate acropigmentation of Kitamura	acropigmentazione reticolata di Kitamura
426.	4.5.3.12. Incontinência pigmentar, doença de Bloch-Sulzberger, síndrome de Bloch-Sulzberger	INCONTINENCIA PIGMENTARIA SINDROME DE BLOCH-SULZBERGER	incontinentia pigmenti	Bloch—Sulzberger syndrome, Bloch—Siemens syndrome, incontinentia pigmenti, Bloch-Sulzberger disease	MAlattia di Bloch-Sulzberger
427.	4.5.3.13. Lentiginose perioficial, síndrome de Peutz-Jeghers,, síndrome de Leopard, síndrome de Jeghers-Peutz	Síndrome de Peutz-Jeghers, lentiginosis perioral	syndrome de Peutz-Jeghers, lentiginose de Peutz-Jeghers, symdrome léopard	Peutz-Jeghers syndrome/Peutz's syndrome, Jeghers-Peutz syndrome, periorificial lentiginosis, perioral lentiginosis	Sindrome di Peutz-Jeghers, poliposi associata a chiazze pigmentate
428.	4.5.3.14. Síndrome de Cronkhite-Canadá	POLIPOS INTESTINALES SINDROME DE CRONKHITE-CANADA	syndrome de Cronkhite-Canada	intestinal polyps, Cronkhite-Canada syndrome	Sindrome di Cronkhite-Canada
429.	4.5.3.15. Hipercromia adquirida	**nenf**	hypermélanose acquise	**nenf**	ipermelanosi acquisite
430.	4.5.3.15.1. Cloasma, melasma,	Cloasma, melasma, máscara	chloasma, mélasma, masque	Melasma, chloasma,	Cloasma, melasma

	mancha da gravidez	de embarazo, melanosis, pecas, melanismo	de grossesse	melanosis, freckles, melanism	
431.	4.5.3.15.1.1. Cloasma gravídico	**nenf**	chloasma gravidique	**nenf**	cloasma gravidico
432.	4.5.3.15.2. Fitofotodermatite, berloque dermatite, fitofotodermatose	Dermatitis de berloque	dermite de photocontact, dermite de breloque, berloque dermatitis	Phytophotodermatitis	Fitofotodermatiti
433.	4.5.3.15..3. Eritema discrômico persistente, erytema dyscromicum perstans, dermatose cinienta	eritema discrómico perstans, dermatosis cenicienta, eritema crómico dermatosis ceniza, dermatosis de Ashea	érytema dyschromicum perstans	ashy dermatosis of Ramirez, erythema dyschromicum perstans	erythema dyschromicum perstans, ashy dermatosis, dermatosis cenicienta
434.	4.5.3.15.4. Hipercromia medicamentosa, melanose medicamentosa	**nenf**	**nenf**	**nenf**	Ipermelanosi da farmaci (int)
435.	4.6. Eritema, mancha vasculo-sangüínea, dermatite eritematosa, dermatose eritematosa	Eritema, lesión eritematosa	Erythèmes	Erythema	Eritema
436.	4.6.1. Eritema figurado	eritema figurado	érythème figuré	**nenf**	eritema figurato
437.	4.6.1.1. Eritema anular centrífugo, eritema pápulo-circinado migrante crônico	eritema anular centrífugo, EAC	érythème annulaire centrifugue	Erythema annulare centrifugum	Eritema anulare centrifugo
438.	4.6.1.2. Eritema crônico migratório, eritema crônico migrante	eritema crónico migratorio, eritema crónico migrans, Eritema crônico, ECM migrante debido a Borrelia burgdorferi	érythème chronique migrateur, erythema chronicum migrans	erythema chronicum migrans	Eritema cronico migrante di Lipschutz
439.	4.6.1.3. Eritema giriforme persistente, erytema gyratum perstants	eritema gyratum perstans	erytema gyratum perstants	erythema gyratum	Eritema giratum perstans, eritema anulare familiare
440.	4.6.1.4. Erytema gyratum repens	eritema gyratum repens, EGR	erythema gyratum repens	erythema gyratum repens	Eritema giratum repens
441.	4.6.1.5. Eritema migratório neocrolítico	eritema migratorio necroíltico, síndrome de giucagonoma	érythème nécrolytique	necrolytic migratory erythema, glucagonoma syndrome	Eritema necrolitico migrante, sindrome del glucagonoma
442.	4.6.2. Eritema localizado	eritema local, eritema	érythème localisé	Localized erythematous	Eritemi localizzati

		localizado		eruptions	
443.	4.6.2.1. Eritema palmar	eritema palmar	érythème palmaire	palmar erythema	eritema palmari e plantari, eritema palmare
444.	4.6.2.1.1. Eritema palmar adquirido	eritema palmar idiopático	**nenf**	**nenf**	**nenf**
445.	4.6.2.1.2. Eritema palmar hereditário, eritema palmo-plantar hereditário	**nenf**	érythème palmo-palmaire symétrique héréditaire	erythema palmare heriditarium	eritema palmare e plantare ereditario
446.	4.6.3. Eritema generalizado, eritema difuso, eritema universal	eritema difuso	érythème diffus, érythème généralisé	Diffuse erythematous eruptions	Eritemi generalizzati
447.	4.6.3.1. Eritema escarlatiforme	**nenf**	érythème scarlatiniforme	Scarlatiniform eruptions, scarlatiniform erythema/ scarlatinoides erythema	Eritemi generalizzati scarlatiniformi
448.	4.6.3.2. Eritema morbiliforme, eritema rubeoliforme	**nenf**	érythème morbiliforme	Morbilliform eruptions	Eritemi generalizzati morbiliformi
449.	4.6.4. Eritema pudico	**nenf**	érythème pudique	**nenf**	eritema da pudore
450.	4.6.5. Eritrose facial	**nenf**	érythrose faciale, érythrose essentiellement au visage	**nenf**	Eritrosi facciale
451.	4.6.6. Eritema a agentes fisicos e químicos	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
452.	4.6.7. Eritrose pigmentar peribucal, eritrose pigmentar peribucal de Brocq, dermatose pigmentar peribucal, eritrodermia pigmentada peribucal	**nenf**	dermatose pigmentée péri-buccale	Erythrose peribuccale of Brocq	Angiolupoide di Brocq-Pautrier
453.	4.6.8. Eritema pérnio, perniose, frieira, geladura	eritema pernio, sabones	engelure, froidure	Perniosis or chilblains, erythema pernio, frosbite	eritema pernio
454.	4.6.9. Eritema tóxico neonatal, eritema tóxico dos recém-nascidos	eritema tóxico	érythème toxique du nouveau-né	erythema toxicum neonatorum, erythema neonatorum, toxic erythema of the newborn	Eritemi generalizzati morbilliformi tossici
455.	4.6.10. Eritema exsudativo multiforme, eritema multiforme, EM, doença de	eritema multiforme	érythème polymorphe	erythema multiforme, Hebra´s disease, herpes íris, erythema polymorphe	Eritema polimorfo, eritema multiforme, sindrome di Stevens-

	Hebra, eritema polimorfo, herpes íris				Johnson, ectodermosi pluriorifiziale di Fiessinger-Rendu
456.	4.6.10.1. Síndrome de Stevens-Johnson, ectodermose erosiva plurioroficial	Síndrome de Stevens-Johnson, eccema vesicular palmoplantar ponfolix, eritema multiforme mayor, eritema multiforme flictenular	syndrome de Stevens-Johnson	Stevens-Johnson syndrome, erythema multiforme bullosum or exudativum, ectodermosis erosiva pluriorificialis	Sindrome di Stevens – Johnson
457.	4.6.11. Eritema nodoso, dermatite contusiforme, febre nodal, paniculite septal	eritema nudoso, eritema nodoso	érythème noueux	erythema nodosum, nodal fever	Eritema nodoso
458.	4.7. Dermatoses Eritematoescamosas	**nenf**	dermatoses érythémato-squameuses	**nenf**	Dermatosi eritema-squamoze
459.	4.7.1. Psoríase, psoríase típica, psoríase vulgar, psoríase ordinária, alfos, lepra alfos, psora	Psora MIASMA PSORICO	Psoriasis	Psoriasis, lapos, psora	Psoriasi
460.	4.7.1.1. Psoríase pustulosa	Psoriasis pustular	psoriasis pustuleux	pustular psoriasis, pustular forms of psoriasis	Psoriasi pustolosa
461.	4.7.1.1.1. Psoríase pustulosa generalizada, psoríase pustulosa generalizada tipo von Zumbusch	**nenf**	psoriasis pustulaire généralisé, psoriasis pustuleux généralisé	generalized pustular psoriasis	Psoriasi pustolosa generalizzata (tipo Zumbush)
462.	4.7.1.1.1.1. Impetigo herpetiforme	**nenf**	pustulose exanthétnatique gravidique, impétigo herpétiforme	impetigo herpetiformis, Generalized pustular psoriasis of pregnancy	Impetigo erpetiforme
463.	4.7.1.1.2. Psoríase pustulosa localizada	**nenf**	psoriasis pustuleux palmo-plantaire	localized pustular psoriasis	Psoriasi pustolosa localizzata
464.	4.7.1.2. Psoríase eritrodérmica	**nenf**	érythrodermie psoriasique, psoriasis érythrodermique	Erythrodermic psoriasis	Psoriasi eritrodermica
465.	4.7.1.3. Psoríase ungueal	**nenf**	psoriasis des ongles	**nenf**	Psoriasi ungueale
466.	4.7.1.4. Psoríase linear, psoríase zosteriforme	**nenf**	psoriasis linéaire	psoriasis - Linear and zonal lesions	psoriasi lineare
467.	4.7.1.5. Psoríase eruptiva, psoríase gutata	Psoriasis guttata	psoriasis en gouttes, psoriasis éruptif	Guttate psoriasis, psoriasis guttata	psoriasi eruttiva
468.	4.7.1.6. Psoríase mínima	**nenf**	**nenf**	**nenf**	psoriasi minima (int)

469.	4.7.1.7. psoríase artropática, psoriase artrópica, artrite psoriásica	ARTRITIS PSORIASICA PSORIASIS ARTRITICA PSORIASIS ARTROPATICA	psoriasis arthropathique	psoriasis arthropica, arthritic psoriasis, psoriasis arthropathica, arthropathic psoriasis, psoriatic arthritis (pa), arthropathy	Psoriasi atropatica
470.	4.7.1.8. psoríase invertida	**nenf**	intertrigo psorisiaque, psoriasis inversé	**nenf**	psoriasi intertriginosa
471.	4.7.1.9. psoríase puntacta, psoríase pontilhada	**nenf**	psoriasis en points (punctata)	psoriasis puntata	psoriasi puntata
472.	4.7.2. parapsoríases, paracetose variegada, xantoeritrodermia persistente	Parapsoriasis	Parapsoriasis	Parapsoriasis, xanthoerythrodermia perstans, maculopapular erythroderma, parakeratosis variegata, parapsoriasis en plaques	Parapsoriasi
473.	4.7.2.1. parapsoríases em gotas, parapsoríase gutata	**nenf**	parapsoriasis en gouttes, pityriasis lichénoide	pityriasis lichenoides, parapsoriasis en gouttes, guttate parapsoriasis, Mucha-Habermann disease, lymphomatoid papulosis, parapsoriasis guttata	Parapsoriasi gutata, pitiriasi lichenoide (termine anglosassone), Pitiriase lichenoide ronica, Pitiriase lichenoide e varioliforme acuta di Mucha-Habermann (forma acuta)
474.	4.7.2.1.1. parapsoríase em gotas aguda	**nenf**	pityriasis lichénoïde et varioliforme aigu de Mucha-Habermann	**nenf**	Pitiriase lichenoide e varioliforme acuta di Mucha-Habermann (forma acuta), lattia di Mucha-Habermann (forma acuta)
475.	4.7.2.1.2. parapsoríase em gotas crônica	**nenf**	pityriasis lichénoïde cronique	**nenf**	parapsoriasi guttata, pitiriasi lichenoide cronica
476.	4.7.2.2. parapsoríase em placas	PARAPSORIASIS ERITRODERMIA CULOPAPULAR PARAQUERATOSIS VARIEGATA PARAPSORIASIS EN	parapsoriasis en plaques	chronic superficial scaly dermatitis, persistent superficial dermatitis, benign form of parapsoriasis-en-plaques, small plaque type of parapsoriasis, digititate	parapsoriasi in placche

		PLACAS		dermatosis, parapsoriasis en plaque, parapsoriasis, maculopapular erythroderma, parakeratosis variegata	
477.	4.7.2.2.1 parapsoríase em pequenas placas	parapsoriasis de placas pequeñas	parapsoriasis à petites plaques	chronic superficial scaly dermatitis, persistent superficial dermatitis, benign form of parapsoriasis-en-plaques, small plaque type of parapsoriasis, digititate dermatosis	Parapsoriasi a piccole chiazze digitiformi, xanto-eritrodermia perstans, chronic superficial dermatitis, persitent superficial dermatits
478.	4.7.2.2.2. parapsoríase em grandes placas, poiquilodermia atróficans vascular	parapsoriasis de placas grandes	parapsoriasis à grandes plaques	Poikiloderma atrophicans vasculare, parakeratosis variegata, parapsoriasis lichenoides, maculopapular erythroderma, parakeratosis variegata, parapsoriasis en plaques, parapsoriasis	Parapsoriasi a grandi chiazze, parapsoriasi lichenoide, parapsoriasi atrofiante vascolare, parapsoriasi variegata
479.	4.7.3. eritrodermia esfoliativa, eritroderma esfoliativo, dermatite esfoliativa, ceratose esfoliativa	DERMATITIS EXFOLIATIVA ERITRODERMIA	dermite exfoliatrice	Erythroderma, exfoliative dermatitis, erythema exfoliativa, erythroderma exfoliativa, keratolysis exfoliativa	Eritrodermia o dermatite esfoliativa
480.	4.7.3.1. eritrodermia metaeruptiva	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
481.	4.7.3.2. eritrodermia tóxica	**nenf**	érythrodermie toxique	**nenf**	**nenf**
482.	4.7.3.3. eritrodermia de origem indeterminada, eritrodermia indeterminada	**nenf**	**nenf**	Erythroderma of unknown origin	**nenf**
483.	4.7.4. pitiríase rósea	pitiríase ROSADA	pityriasis rosé de Gibert	pityriasis rosea, pityriasis circinata, pityriasis maculata	Pitiriasi rosea di Gibert
484.	4.7.5. eczemas, dermatites e eczemátides	ECCEMA DERMATITIS ECCEMATOSA	Eczémas	Eczema, eczematous dermatitis	Eczema

485.	4.7.6. dermatite, dermatitis, dermatitides,dermite	DERMATITIS	dermite, dermatite	Dermatitis	Dermatite
486.	4.8.2.1. dermatite de contato	Dermatitis por contacto	**nenf**	irritant contact dermatitis, primary irritant dermatitis, irritant dermatitis	Eczema da contatto, Dermatite da contatto
487.	4.8.2.1.1. dermatite de contato por irritante primário, DCIP, eczema de contato por irritante preimário, eczema por irritação primária	Dermatitis primaria irritante eccema de las ama de casa	dermite irritante de contact, dermite irritative	diaper rash, Jacquet's erythema, diaper dermatitis, ammonia dermatitis, napkin dermatitis	dermatite dovuta a sostanza specificata
488.	4.8.2.1.1.1. dermatite amoniacal, dermatite das fraldas, exantema das fraldas	dermatitis del pañal	dermite fessière du nourrisson	infantile gluteal granuloma	Dermatite ammoniacale
489.	4.8.2.1.1.2. granuloma glúteo infantil:.	**nenf**	granulome glutéal infantile	allergic contact dermatitis, allergic eczematous dermatitis	Granuloma gluteale infantum
490.	4.8.2.1.2. dermatite de contato alérgica, DCA	dermatitis de contacto alérgica	dermite allergique de contact, eczéma de contact allergique	Atopic eczema, atopic neurodermatitis, disseminated neurodermatitis, infantile eczema, atopic dermatitis	Dermatite allergica da contatto, eczema allergico da contatto
491.	4.8.2.2. dermatite atópica, eczema atópico	dermatitis atópica, eccema atópico	dermite atopique, dermatite atopique, eczéma constitutionnel, eczéma atopique	dermatitis of the sebaceous áreas, seborrheic dermatitis/dermatitis seborrheica, seborrheic dermatosis, seborrheic eczema, seborrhea corporis, Unna's disease, dyssebacia, seborrhea	Dermatite atopica, eczema costituzionale, prurigo di Besnier
492.	4.8.2.3. dermatite seborréica, DS	Dermatitis seborreica, seborrea	dermite séborrhéique, dermite séborrhéique de l'adulte, dermite séborrhéique	infantile seborrhoeic dermatitis	Dermatite seborroica, eczema seborroico, pitiriasi steatoide, pitirosporosi
493.	4.8.2.4. dermatite seborréica infantil, dermatite seborréica do lactente	dermatitis seborreica infantil	dermite séborrhéique infantile, dermite séborrhéique du nourrisson, maladie de Leiner-Moussous	Leiner's syndrome, eruthroderma desquamativum	dermatite seborroica Del neonato, dermatitis seborrhoides infantum

494.	4.8.2.5. eritrodermia descamativa, eritrodermia de Leiner, síndrome de Leiner, eritrodermia descamativa de Leiner, síndrome de Leiner-Moussous	eritrodermia descamativa, eritrodermia exfoliativa	dermatite séborrhéique disséminée, érythrodermie desquamative de Leiner-Moussous	pityriasis alba	MAlattia di Leiner-Moussus, dermatite seborreica del lattante, eritrodermia desquamativa
495.	4.8.2.6. eczema microbiano, dermatite eczematóide infecciosa	eczema microbiano, eczema bacteriano, dermatitis eccematoidea infecciosa	eczéma microbien	infective dermatitis, infectious eczematoid dermatitis, dermo-epidermite microbienne, infectious eczematoid dermatitis	Eczema microbico
496.	4.8.2.7. eczema asteatósico, craquelé, eczema craquelé	eccema asteatósica, eczema asteatótico, eczema cracquelée	eczéma craquelé	winter eczema, eczema craquelé, asteatotic eczema	Eczema asteatosico
497.	4.8.2.8. eczema numular,dermatite numular	eczema numular	dermite nummulaire, eczéma nummulaire, eczéma en médaille	discoid eczema, nummular eczema, eczema nummulare	Eczema nummulare
498.	4.8.2.9. eczema de estase, dermatite de estase, eczema hipostácio, eczema varicoso	dermatitis por estasis, eccema varicoso	dermite de stase	gravitational eczema, stasis dermatitis, varicose eczema	dermatite da estasi, eczema da estasi
499.	4.8.2.10. dermatose plantar juvenil	**nenf**	dermatose plantaire juvénile	juvenile plantar dermatosis, peridigital dermatosis, forefoot eczema, shoe dermatitis in children, atopic winter feet	dermatosi (palmo)plantare giovanile, pulpite secca, dermatite plantare secca, "piedi invernali"
500.	4.8.2.11. eczema das mãos	eczema de la mano, eccema de la mano	eczáma des mains	hand eczema	eczemi delle mani
501.	4.8.2.12. eczema disidrótico, desidrose, pomphoyx	ECCEMA DISHIDROTICO ECCEMA VESICULAR PALMOPLANTAR PONFOLIX	dyshidrose, pompholyx, dysidrose, eczéma dysidrosique	dyshidrotic eczema, vesicular eczema of palms and soles, pompholyx, dyshydrosis, vesicular palmoplantar eczema	eczema disidrosiforme
502.	4.8.2.13. fotoeczema	**nenf**	eczémas de contact photo-allergiques	**nenf**	**nenf**
503.	4.8.2.14. auto-eczema	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
504.	4.8.3. eczemátide, pitiríase alba	eczemátide, pitiriasis Alba	eczématide, parakératose ("pityriasis alba, dartres")	**nenf**	**nenf**
505.	4.8.3.1. eczemátide figurada	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**

	esteatóide				
506.	4.8.3.2. eczemátide psoriasiforme	**nenf**	parakératose psoriasiforme	**nenf**	**nenf**
507.	4.8.3.3. eczemátide pitiriasiforme	**nenf**	parakératose pityriasiforme	**nenf**	**nenf**
508.	4.8.3.4. eczemátide do tipo pitiríase rósea de Gibert, eczemátide do tipo pitiríase rósea	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
509.	4.8.3.5. eczemátide peripilar	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
510.	4.8.3.6. eczemátide eritrodérmica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
511.	4.9. bulose	**nenf**	dermatoses bulleuses	diabetic bullae, bullosis diabeticorum, bullosis	Malattie bollose
512.	4.9.1. pênfigo	Pénfigo	Pemphigus	Pemphigus, pemphigus vulgaris	Pemfigo
513.	4.9.1.1. pênfigo vulgar, PV	pénfigo vulgar	pemphigus vulgaire	pemphigus vulgaris, pemphigus	Pemfigo volgare
514.	4.9.1.1.1. pênfigo vegetante, Pve	pénfigo vegetante	pemphigus végétant	Pemphigus vegetans (Neumann type), pemphigus vegetans	Pemfigo vegetante
515.	4.9.1.1.1.1. pênfigo vegetante do tipo Neumann, moléstia de Neumann	penfigo vegetante tipo Neumann	maladie de Neumann, pemphigus végétant grave	Pemphigus vegetans (Neumann type), pemphigus vegetans	pemfigo vegetante(tipo Neumann)
516.	4.9.1.2. pênfigo foliáceo, doença de Cazenave, fogo selvagem(pop.), pênfigo foliáceo de cazenave	pénfigo foliáceo	pemphigus foliacé, pemphigus superficiel	pemphigus foliaceus	Pemfigo fogliaceo
517.	4.9.1.2.1. pênfigo eritematoso, PE, pênfigo frusto, pênfigo seborréico, síndrome de Senear-Usher	pénfigo eritematoso, síndrome de Senear –Usher	pemphigus séborrhéique, pemphigus érythémateux	pemphigus erythematosus, Senear-Usher disease, Senear-Usher syndrome	Pemfigo eritematoso di Senear-Usher
518.	4.9.1.2.2. pênfigo foliáceo brasileiro, fogo selvagem(pop), PFB, pênfigo foliáceo forma edêmica	pénfigo endêmico, fogo selvagem, pênfigo brasileño	pemphigus brésilien, pemphigus foliacé brésilien, fogo selvagem	Wildfire, Brazilian pemphigus, brazilian pemphigus foliaceus, fogo selvagem	pemfigo brasiliano

519.	4.9.1.2.3. pênfigo paraneoplásico, penfigóide bolhoso	penfigoide ampolloso, penfigoide, parapénfigo, penfigoide bulloso	pemphigus paranéoplasique	Pemphigoid, bullous pemphigoid	Pemfigoide bolloso, Pemfigo paraneoplastico, pemfigoide bolloso di Lever
520.	4.9.1.3. penfigóide cicatricial, pênfigo benigno das mucosas	penfigoide cicatricial, penfigoide benigno de las membranas mucosas	pemphigoïde cicatriciel, pemphigoïde cicatricielle	benign mucous membrane pemphigoid, cicatricial pemphigoid, benign mucosal pemphigoid, ocular pemphigus, chronic scarring pemphigoid	Pemfigoide cicratiziale, derrmatite bollosa mucosinechiante e atrofizzante di Lortat Jacob
521.	4.9.2. dermatite herpetiforme, dermatite poliforma dolorosa, hidroa	dermatitis herpetiforme, enfermedad de Duhring-Brocq, Enfermedad de Duhring	dermatite herpétiforme	dermatitis herpetiformis, Coeliac—Eaocq disease, dermatitis multiformis, Duhring's disease, herpes circinatus bullosus, hydroa herpetiforme	Dermatite erpetiforme, Dermatite erpetiforme de Duhring
522.	4.9.3. bulose crônica da infância, dermatose bolhosa por IgA linear	**nenf**	dermatose bulleuse infantile	benign chronic bullous dermatosis of childhood, linear IgA bullous disease in childhood, juvenile pemphigoid, juvenile dermatitis herpetiformis	Dermatosi ad IGA Lineare, Pemfigo ad IgA
523.	4.9.4. herpes gestacional, herpes gestantionis	HERPES GESTATIONIS	herpès gestationis	herpes gestationis	erpes gestacionale
524.	4.10. Dermatoses Atróficas	Dermatosis que producen atrofia	Atrophie dermique, affections atrophiques de la peau	**nenf**	dermatosi artrofiche
525.	4.10.1. Atrofia maculosa, anetodermia, atrofioderma maculosa, atrofia macular primária da pele, atrofia macular, elastólise	atrofia macular, anetodermia	Atrophie maculeus, anétodermie	Anetoderma, macular atrophy	Anetodermie
526.	4.10.1.1. Atrofia maculosa hereditária	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
527.	4.10.1.2. Atrofia maculosa	Anetodermia tipo idiopático	Anétodermie	Anetoderma, primary	Anetodermia

	idiopática, anetodermias			idiopathic macular atrophy	
528.	4.10.1.2.1. Anetodermia de Schweninger-Buzzi, anetodermia idiopática de Schweninger-Buzzi	Anetodermia idiopático de Shweninger y Buzzi, Anetodermia de Schweninger-Buzzi	Anétodermie de Schweninger-Buzzi	Schweninger-Buzzi anetoderma, Anetoderrna of Schweninger—Buzzi	anetodermia tipo Schewenninger-Buzzi
529.	4.10.1.2.2. Anetodermia de Jadasshon, atrofodermia eritematosa em placas de Thibièrge, anetodermia de Jadasshon-Pellizari, anetodermia eritematosa de Jadasshon-Thibièrge	Anetodermia tipo (de) Jadassohn	Anétodermie de Jadassohn-Pellizzari	Anetoderma of Jadassohn—Pellizari, Jadassohn-Pellizzari anetoderma	anetodermia tipo Jadassohn
530.	4.10.1.2.3. Anetodermia de Pellizari, eritema urticado atrofiante de Pellizari	Anetodermia tipo Pellizari, anetodermia de Jadassohn-Pellizzari	Anétodermie secondaire à l'érythème ortié atrophiant de Pellizari	**nenf**	anetodermia tipo Pellizari
531.	4.10.1.3. Atrofodermia macular secundária, anetodermia secundária	Anetodermia secundaria a protesos inflamatorios específicos, atrofia macular secundaria	Anétodermie secondaire	Secondary anetoderma	Atrofodermia follicolare
532.	4.10..2. Atrofodermia de Pasini e Pierini, atrofodermia idiopática, atrofodermia esclerodérmica, atroforderma de Passini e Pierini	Atrofodermia idiopática de Pasini y Pierini, atrofodermia de Pasini y Pierini	Atrophodermie de Pasini et Pierini	atrophoderma of Passini and Pierini	atrofodermia idiopatica progressiva (Pasini-Pierini)
533.	4.10..3. Acrodermatite crônica atrofiante, eritomelia de Pick, moléstia de Pick-Herxcheimer, doença de Pick-Herscheimer, doença de Lyme.	Acrodermatitis atrofiante crónica, acrodermatitis crónica atrofiante	Acrodermatite chronique atrophiante, maladie de Pick-Herxheimer	chronic atrophic acrodermatitis, acrodermatitis chronica atrophicans	acrodermatite cronica atrofizzante (Herxheimer)
534.	4.10.4. .Poiquilodermia, poikilodermia, poikiloderma, pecilodermia, pecilodermia reticular da face e pescoço, pecilodermia atrofiante vascular	Poiquilodermia, poiquiloderma atrófica vascular	Poikilodermie	Poikiloderma	Poichilodermia

535.	4.10..5. Estria atrófica, estria cutânea, estria distensa, atrofia cutânea linear.	estria atrófica, estria distensa, estria, raya (acanaladura) distendida P7	Vergeture, strie atrophique	Striae, striae atrophicae, striae distensae, stretch mares, striae cutis distensae, striae gravidarum, linear atrophy, traction atrophy, lineae albicantes, lineae atrophicae	striae distensae, strie atrofiche
536.	4.10.6. Atrofia maculosa varioliforme, atrofia maculosa variforme da pele, atrofia maculosa varioliformis cutis	**nenf**	Hémi-atrophie faciale	varioliform atrophy	**nenf**
537.	4.10.7. Ainhum, dactilose espontânea	ainhum, dactilosis espontânea	Ainhum	Ainhum, dactylolysis spontanea	Ainhum
538.	4.10.8. Atrofia branca de Milian, atrofia branca, vasculite segmentar hialinizante, livedo, vasculite, vasculite livedóide	atrofia blanca	Vascularite livédoïde, atrophie blanche (en plaques)	atrophie blanche, milian's white atrophy, livedoid vasculitis, livedo vasculitis	atrophie blance, capillarite alba
539.	4.10..9. Eritema multiforme infantil atrofiante, elastólise cutânea generalizada adquirida pós-inflamatória	**nenf**	Érythème polymorphe	**nenf**	eritema multiformi
540.	4.11. Dermatoses Escleróticas	Dermatosclerosis	Sclérodermie	**nenf**	Dermatosclerosi
541.	4.11.1. Esclerodermia	Esclerodermia	Sclérodermie	**nenf**	Sclerodermia
542.	4.11.2. Dermatosclerose	ESCLERODERMIA CIRCUNSCRITA DERMATOSCLEROSIS MORFEA ESCLERODERMIA LOCALIZADA	Hypodermite sclérodermiforme	Scleroderma, dermatosclerosis, sclerosis cutânea, circumscribed scleroderma, morphea, localized scleroderma	Dermatosclerosi
543.	4.11.3. Quelóide	Queloide	Cicatrices hypertrophiques, chéloïdes, cicatrice chéloïde	**nenf**	cheloide, cicatrici ipertrofiche

544.	4.12. Dermatoses atróficas e escleróticas	**nenf**	Scléro-atrophies, états scléroatrophiques	**nenf**	dermatosi atrofica e sclerosa
545.	4.12.1. Líquen escleroatrófico, líquen plano esclerosante de Darier, líquen plano esclerosante primitivo de Hallopeau, morfea em gotas, líquen escleroso e atrófico, doença das manchas brancas (pop.), doença de Csillag	**nenf**	Lichen scléro-atrophique, lichen scléreux et atrophique, lichen scléreux atrophique	lichen sclerosus, lichen sclerosus et atrophicus, guttate morphoea, guttate scleroderma, white-spot disease	lichen scleroatrofico
546.	4.12..2. Craurose vulvar	**nenf**	Leucoplasie de la vulve, kraurosis de la vulve	**nenf**	craurosi vulvare
547.	4.12..3. Balanopostite xerófica e obliterativa	**nenf**	Balanite scléreuse oblitérante, balanite ou balanoposthite	lichen sclerosus et atrophicus, balanitis xerotica obliterans	lichen scleroatrofico, kraurosis vulvae, lichen scleroso, balanitis xerotica obliterans
548.	4.13. hipodermite, paniculite, adiposite	PANICULITIS PANICULITIS SUBAGUDA DE MIGRACION NODULAR	Hypodermite, panniculite	Panniculitides, panniculitis, subacute nodular migratory panniculitis	panniculite o ipodermite
549.	4.13.1. adiponecrose neotonal, necrose subcutânea do recém-nascido, necrose cutânea do recém-nascido, adiponecrosesubcutânea neonatal, adiponecrose neonatorum, necrose gordurosa subcutânea do recém-nascido	**nenf**	Cytostéatonécrose post-obstétricales du nouveau-né, adiponécrose sous-cutanée due à un traumatisme obstétrical	sclerema neonatorum, sclerema adiposum, subcutaneous fat necrosis of newborn, Underwood's disease, subcutaneous fat necrosis	adiponecrosi sottocutanea del neonato,adiposclerosi simmetrica
550.	4.13..2. escleredema neonatal, edema neonatorum, edema do recém-nascido, edema	**nenf**	Oedème aigu hémorragique du nouveau-né	scleredema nenatorum, sclerema, edema neonatorum	scleroderma del neonato

	neonatal				
551.	4.13..3. esclerema neotonal,esclerema do recém nascido, sclerema adiposum, esclerema neonatorum, doença de Underwood, esclerema adiposo, esclerema, necrose da gordura subcutânea do recém-nascido	ESCLEREMA NEONATAL	Sclérème du nouveau-né	sclerema neonatorum, sclerema adiposum, subcutaneous fat necrosis of newborn, Underwood's disease, sclerema	sclerema del neonato, sclerema adiposo dei neonati
552.	4.13.4. paniculite nodular não-supurativa febril recidivante, paniculite febril nodular não-supurativa e recidivante, paniculite de Weber-Christian, doença de Weber-Christian, doença de Christian	Enfermedad de Weber-Christian, paniculitis recidivante, paniculitis nodular no supurativa	Panniculite récidivante [Weber-Christian], panniculite aiguë nodulaire fébrile de Weber-Christian, panniculite nodulaire fébrile	nodular nonsuppurative panniculitis, nodular non-suppurative panniculitis, relapsing febrile nodular nonsuppurative panniculitis, Christian's disease, Weber-Christian disease	malattia di Weber-Christian
553.	4.13..5. síndrome de Rothmann-MAkai, Lipogranulatose subcutânea, lipogranulomatose subcutânea de Rothmann-MAkai	enfermedad de Rothman y McKai, Síndrome de Rothmann-MAkai	**nenf**	Rothman—MAkai syndrome, subcutaneous lipogranulomatosis	lipogranulomatosi sottocutanea, morbo di Rothmann-MAkai, lipogranulomatosi cutânea di Rothman-MAkai
554.	4.13.6. paniculite nodular migratória subaguda de Vilanova-Piño Aguadé, hipodernite nodular subaguda migrante, paniculite nodular subaguda migrante, paniculite migratória subaguda, eritema nodoso migratório, paniculite nodular migratória, hipodernite nodular subaguda migratória de Vianova-Piñol-Aguadé	Eritema nudoso migratório,	Hypodermite subaiguë, panniculite nodulaire migratrice, thrombo-phlébites migratrices	Erythema nodosum migrans, Subacute nodular migratory panniculitis, subacute migratory panniculitis, panniculitis, panniculitis, subacute nodular migratory	Entorna nodoso migrante, Panniculite subacuta nodosa migrante (Vilanova-Piñol Aguadé)
555.	4.13.7. paniculite pancreática, paniculite nodular de origem pancreática	Paniculitis nodular sistémica	Panniculite pancréatique	Panniculitis due to pancreatic disease	panniculiti (necrosi pancreática del tessuto adiposo)

556.	4.13.8. paniculite pós-esteróide	Paniculitis posesteroidal	Panniculite des corticoïdes	post-steroid panniculitis	Panniculite post-steroidea (int)
557.	4.13..9. paniculite pelo frio	Paniculitis por frío	Panniculite au froid	cold panniculitis	panniculite da freddo, panniculite circoscrita, innocua, da freddo
558.	4.13.10. paniculite traumática, necrose gordurosa traumática	**nenf**	Cytostéatonécroses post-traumatiques de la femme obèse, cytostéatonécrose du sein, nécrose adipeuse (segmentaire) du sein	**nenf**	panniculiti (necrosi traumática del tessuto adiposo)
559.	4.13.11. paniculite por pressão	Necrosis por presión	**nenf**	**nenf**	**nenf**
560.	4.13.12. paniculite factícia	Paniculitis factiela	**nenf**	factitial panniculitis	Panniculite factitia (int)
561.	4.13.13. paniculite lúpica, paniculite lúpica e lupos eritematoso profundo	Paniculitis lúpica	Lupus érythémateux profond, panniculite lupique	Lupus erythernatosus profundus (panniculitis), lupus erythematosus panniculitis, lupus erythematosus profundus, lupus panniculitis	lupus eritematoso profondo
562.	4.13.14. paniculite devida a insulina, insulinodistrofia	Lipoartrofia insulínica, lipodistrofia insulínica atrófica	Lipodystrophie insulinique	**nenf**	Lipodistrofia da insulina (int)
563.	4.14. afecções vasculares	**nenf**	Affections vasculaires	**nenf**	Affezione vascolare (int)
564.	4.14.1. púrpura	Púrpura	Purpura	Purpura, peliosis, petechiae	Porpora
565.	4.14.1.1. púrpura trombocítica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
566.	4.14.1.1.1. púrpura trombocitopênica, púrpura trombopênica, púrpura hemorrágica	Púrpura trombocitopénica trombótica, Púrpura trombocitopénica	Purpura thrombopénique, purpura thrombopénique thrombotique, purpura thrombocytopénique thrombotique	thrombopenic purpura, idiopathic thombocytopenic purpura, thrombocytopenic purpura, Werlhof's disease, land scurvy, purpura hemorrhagica, immune thrombocytopenic purpura	porpore trombocitopeniche
567.	4.14.1.1.1.1. púrpura	Púrpura trombocitopénica	Purpura thrombopénique	Idiopathic thrombocytopenic	porpora trombocitopenica

	trombocitopênica idiopática, doença de Werlhof, púrpura trombocitolítica, moléstia de Werlhof, escorbuto da terra	idiopática	idiopathique	purpura, JTP, autoimmune thrombocytopenic purpura, AIP, Werlhof's disease, land scurvy, purpura hemorrhagica, autoimmune thrombocytopenic purpura	idiopatica, morbo di Werlhof, trombocitopenia essenziale, trombocitopenia idiopatica
568.	4.14.1.1.1.1.1. púrpura trombocitopênica idiopática aguda	Púrpura trombocitopénica idiopática aguda	Purpura thrombopénique idiopathique aigu	**nenf** (fim dos termos rina)	Porpora trombocitopenica idiopatica acuta
569.	4.14.1.1.1.1.2. púrpura trombocitopênica idiopática crônica	Púrpura trombocitopática idiopática crónica	Purpura thrombopénique idiopathique chronique	**nenf**	Porpora trombocitopenica idiopatica cronica
570.	4.14.1.1.1.2. púrpura trombocitopênica secundária, púrpura trombocitopênica sintomática.	**nenf**	Thrombopénie secondaire	Secondary thrombocytopenia, symptomatic thrombocytopenia ()	**nenf**
571.	4.14.1.1.2. púrpura por disfunção dos trombócitos, púrpura por alterações do mecanismo de coagulação, púrpura intravascular, púrpura por deficiência do mecanismo de coagulação sangüínea	**nenf**	**nenf**	**nenf**	porpora trombocito-trombocitopenica, síndrome di Moschcowitz
572.	4.14.1.1.2.1. púrpura trombopática, trombopatia	Trombopatía, Tromboastenia	Purpuras plaquettaires, thrombopathie	**nenf**	**nenf**
573.	4.14.1.1.2.2. púrpura trombastênica, púrpura tromboastêmica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
574.	4.14.1.1.2.3. púrpura trombocitopática	hemorragia de causa trombocitopática(Internet)	**nenf**	**nenf**	**nenf**
575.	4.14.1.1.2.4. púrpura fulminante	Púrpura fulminante	Purpura fulminans	purpura fulminans, Schoenlein-Henoch purpura, allergic purpura, anaphylactoid purpura, Henoch purpura,	porpora fulminate

				rheumatoid purpura, hemorrhagic vasculitis, nonthrombocytopenic púrpura, purpura hemorrhagica, Henoch-Schoenlein purpura	
576.	4.14.1.1.2.5. púrpura por auto-sensibilização eritrocítica	síndrome de sensibilización autoeritrocítico, Síndrome de Gardner-Dlamofld	**nenf**	**nenf**	porpora autoeritrocitaria, síndrome wcchimotica dolorosa, síndrome delle chiazze blu, porpora psicogena, síndrome da sensibilizzazione eritrocitaria, síndrome di Gardner-Diamond
577.	4.14.1.1.2.6. púrpura disproteinêmica	**nenf**	**nenf**	Dysproteinaemic púrpura	NENR
578.	4.14.1.2. púrpura vascular	Púrpura vascular	Purpura vasculaire, vascularite	vascular purpura, non-thrombocytopenic purpura	porpore non trombocitopeniche dette vascolari
579.	4.14.1.2.1. púrpura anafilactóide de Henoch-Schönlein, púrpura de Henoch-Schönlein, púrpura de Henoch-Schoenlein, púrpura anafilactóide, púrpura reumática, peliose reumática de Schoenlein, púrpura abdominal de Henoch.	Púrpura anafilactoidea, Púrpura anafilactoide, Henoch-Schônlein, Púrpura Henoch-Schónlein	Purpura rhumatoïde [Schönlein-Henoch]	Henoch-Schonlein purpura, anaphylactoid purpura, Schönlein-Henoch purpura, allergic púrpura, henoch purpura, rheumatoid purpura, hemorrhagic vasculitis, nonthrombocytopenic purpura, purpura fulminans, purpura hemorrhagica	porpora di Schonlein-Henoch, porpora reumática, porpora anafilattoide
580.	4.14.1.2.2. púrpura pigmentar crônica, moléstia de Schamberg, púrpura de jocchi, dermatite purpúrica de Gougerot e Blum, púrpura pigmentosa crônica, angiíte purpúrica, angiíte pigmentar	Púrpura de jocchi Net	Dermites chroniques pur puriques pigmentaires, purpura dermatologique	**nenf**	Porpora pigmentosa progressiva, morbo di Schamberg
581.	4.14.1.2.2.1. púrpura	Púrpura de jocchi(Internet)	Purpura annulaire de jocchi	Purpura annularis	porpora anulare

	pigmentar crônica na forma anular telangiectásica de jocchi, púrpura anular telangiectóide, púrpura de jocchi, doença de jocchi.			telangiectodes, jocchi's disease	telangectasica, porpora di jocchi
582.	4.14.1.2.2.2. púrpura pigmentar crônica na forma pigmentar progressiva de Schamberg, púrpura de Schamberg, púrpura pigmentar progressiva, doença pigmentar progressiva, dermatose purpúrica, dermatose purpúrica pigmentar progressiva	Dermatosis púrpurica pigmentaria, Dermatitis pigmentaria de Schamberg Net púrpura progresiva de Schamberg Net.	MAladie de Schamberg	Schamberg's disease, progressive pigmented purpure dermatosis, progressive pigmentary disesase, Schamberg's dematites	porpora pigmentosa progressiva,síndrome di Schamberg
583.	4.14.1.2.2.3. púrpura pigmentar crônica na forma liquenóide de Gougerot-Blum, doença de Gougerot-Blum, dermatite liquenóide, púrpura pigmentosa crônica	Enfermedad de Gougerot-Blum, Net	**nenf**	Pigmented purpuric lichenoid dermatosis of Gougerot and Blum	Morbo di Gougerot-Blum, Porpora lichenoide, dermatite lichenoide purpurica e pigmentata.
584.	4.14.1.2.2.4. púrpura pigmentar crônica na forma eczematóide, púrpura eczematóide	Enfermedad de SCHAMBERG(Internet), dermatosis púrpúrica pigmentaria	Eczématides like-purpura	Itching púrpura, eczematide-like purpura, disseminated pruriginous angiodermatitis	Porpora Eczematide-like (int)
585.	4.14.1.2.2.5. púrpura pigmentar crônica na forma liquen aureus	**nenf**	**nenf**	Lichen aureus, lichen purpuricus	**nenf**
586.	4.14.1.2.3. angiodermite pigmentar e purpúrica de Favre e Chaix, dermite ocre, dermite dos membros inferiores, dermite de Favre e Chaix, síndrome de Favre e Chaix	Sindrome de Favre-Chaix, Net	Dermite ocre, angiodermite purpurique et pigmentée, dermite ocre des membres inférieurs	Gravitational púrpura, dermite ocre of Favre, acroangiodermatitis	porpora da stasi, angiodermite (Favre-Chaix), dermite ocre porpora jaune d'ocre
587.	4.14.1.2.4. púrpura do	Escorbuto	Scorbut	Scurvy, Barlow's disease,	Scorbuto

	escorbuto, púrpura escorbútica, escorbuto, mal-de-luanda			scorbutus	
588.	4.14.1.2.5. púrpura vascular tóxico-alérgica	Púrpura trombocitopénica alérgica, Púrpura alérgica	Vascularite allergique	Toxic purpura, drug púrpura	**nenf**
589.	4.14.1.2.6. púrpura senil	Púrpura senil	Purpura sénile	Senile purpura, corticosteroid purpura, purpura senilis	porpora senile
590.	4.14.2. vasculite, angiíte, vascularite, angeíte	Vasculitis	Vascularite, angéite	cutaneous vasculitis, angiitis, vasculitis	Vasculiti
591.	4.14.2.1. vasculite primária e predominantemente necrosante, vasculite necrosante, vasculite alérgica, vasculite leucocitoclásica, alegide nodular dérmica, angiíte necrosante, venulite necrosante cutânea	Angeítis necrosante, venulitis necrosante, vasculitis alérgica, Vasculitis cutánea alérgica, alérgide nodular dérmica	Vascularite allergique, purpura allergique	Necrotizing vasculitis	vasculite allergica, venulite necrotizzante cutânea
592.	4.14.2.1.1. vasculite necrosante de Gougerot-Ruiter, moléstia trissintomática de Gougerot-Ruiter, alergide nodular purpúrica, doença trissintomática	vasculitis nodular	Trisymptôme de Gougerot	**nenf**	**nenf**
593.	4.14.2.1.2. poliarterite nodosa, doença de Kussmaul-MAier, periarterite	Poliarteritis nudosa, Periarteritis nudosa	Panartérite noueuse, périartérite noueuse	polyarteritis nodosa, essential polyarteritis, necrotizing arteritis, periarteritis nodosa	poliarterite nodosa
594.	4.14.2.1.3. vasculite necrosante granulomatosa de Wegner, granulome de Wegner	granulomatosis de Wegener	Granulome facial de Wegener, granulomatose de Wegener, syndrome de Wegener	Wegener's granulomatosis	granulomatosi di Wegener
595.	4.14.2.1.4. vasculite necrosante granulomatosa de Churg-Strauss, síndrome Churg-Strauss, granulomatose	angeítis granulomatosa de Churg-Strauss, Síndrome de CHURG-STRAUSS	Périartérite avec atteinte pulmonaire [Churg-Strauss], angéite granulomateuse allergique, syndrome de Churg	allergic granulomatous angitis, churg-strauss syndrome, allergic angiitis, allergic granulomatous	síndrome di Churg-Strauss

	alérgica, granuloma de C-S, angelite alérgica de Churg-Strauss, vasculite necrosante alérgica, vasculite granulomatosa alérgica de C-S		et Strauss	angiitis, churg-strauss vasculitis	
596.	4.14.2.1.5. vasculites necrosante por hipersensibilidade de Zeek, angiíte por hipersensibilidade	síndrome de Goodpasture, Angiitis por hipersensibilidad	Angéite d'hypersensibilité, syndrome de Goodpasture	hypersensitivity angiitis, hypersensitivity vasculitis, leukocytoclastic angiitis, leukocytoclastic vasculitis	angioite da ipersensitività (Zeek)
597.	4.14.2.1.6. síndrome de Kawasaki, síndrome linfonodomucocutânea, doença de Kawasaki,	síndrome de Kawasaki	Syndrome adéno-cutanéo-muqueux [Kawasaki], ladie de Kawasaki	mucocutaneous lymph node, Kawasaki disease, Kawasaki's disease, mucocutaneous lymph node syndrome, MCLS	síndrome di Kawasaki
598.	4.14.2.1.7. granulomatose linfomatóide	Granulomatosis linfomatoide(internet)	Lymphogranulomatose, Granulomatose lymphomatoide, granulome malin centrofacial	lymphomatoid granulomatosis	granulomatosi linfomatoide (Liebow)
599.	4.14.2.1.8. eritema elevatum diutinum, doença de Bury, eritema elevado diutino	eritema elevado diutinum, erythema elevatum diutiuum	Erythema elevatum diutinum	Erythema elevatum diutinum	eritema elevatum diutinum
600.	4.14.2.1.9. parapsoríase aguda em gotas	**Nenf**	Parapsoriasis en gouttes, pityriasis lichénoide	**nenf**	parapsoriasi guttata
601.	4.14.2.1.10. urticária vasculite, UV, vascularite urticariforme	Urticaria vasculitis,Vasculitis urticariforme (net)	Syndrome des vascularites urticariennes	Urticarial vasculitis	orticaria vasculite
602.	4.14.2.1.11. vasculite necrosante sintomática, vasculite necrosante, vasculite alérgica, angiíte necrosante	venulitis necrosante cutánea	Vascularite allergique, vascularite nécrosante	**nenf**	vasculite necrotizzante
603.	4.14.2.1.12. granuloma facial	granuloma facial, granuloma de la cara	Granulome endonasal, granulome malin médio-facial	Granuloma faciale, facial granuloma with eosinophilia	granuloma facciale, granuloma faciei, granuloma facciale eosinofilico, granuloma eosinofilico facciale
604.	4.14.2.1.13. papulose	Papulosis Linfomatoidea	Papulose lymphomatoïde	lymphomatoid papulosis	papulosi linfomatoide

	linfomatóide				
605.	4.14.2.2. vasculite primária predominantemente trombosante	**nenf**	Thrombose vasculaire, thromboses veineuses	**nenf**	**nenf**
606.	4.14.2.2.1. tromboangiíte obliterante, moléstia de Buerger, doença de WiniWarter-Buerger, doença de Bürger, doença de Buerger, tromboangeíte obliterante	enfermedad de Buerger, tromboangiítis obliterante	Thrombo-angéite oblitérante, maladie de Buerger, thromboangéite oblitérante	thromboangiitis obliterans, Buerger's disease	tromboangioite obliterante, endoangioite obliterante, morbo di Winiwater-Buerger
607.	4.14.2.2.2. tromboflebite recidivante idiopática migrans, tromboflebite rastejante, tromboflebite migratória, trombofeblite superficial migratória	tromboflebitis migrans	Thrombophlébite migratrice	thrombophlebitis migrans	tromboflebite migrante (saltante)
608.	4.14.2.2.3. feblite de Mondor, doença de Mondor	enfermedad de Mondor, flebitis en cuerda	Phlébite sclérosante de la paroi thoracíque, phlébite de Mondor	Mondor's disease, sclerosing periphlebitis of the chest wall	MAlattia di Mondor, phlèbite en cordon de la paroi thoracique
609.	4.14.2.2.4. papulose atrofiante maligna, síndrome de Degos, doença de Degos, doença de Köhlmeier-Degos	Enfermedad de Degos, papulosis atrófica maligna	Papulose atrophiante maligne, maladie de Degos	malignant atrophic papulosis, papulose maligne atrophiante, lethal cutaneous and gastro-intestinal arteriolar thrombosis, degos syndrome	papulosi maligna atrofizzante, morbo di Degos
610.	4.14.2.2.5. síndrome de coagulação intravascular disseminada, síndrome trombo-hemorrágica, coagulação intravascular disseminada, coagulopatia intravascular disseminada, coagulopatia do consumo, coagulopatia de consumo.	Coagulación intravascular diseminada	Coagulation intravasculaire disséminée [syndrome de défibrination], coagulopathie de consommation	disseminated intravascular coagulation, diffuse intravascular coagulation, consumption coagulopathy	colagulopatia da consumo, coagulazione intravascolare disseminata (DIC)
611.	4.14.2.2.6. atrofia branca de Milian	atrofia blanca, Vasculitis segmentaria hialinizante (Internet)	Atrophie blanche (en plaques)	**nenf**	atrofia Bianca, atrophie blance, capillarite alba

612.	4.14.2.2.7. angioendoteliomatose proliferante sistêmica, linfoma angiotrópico, angioendoteliomatose proliferativa sistemática, angioendoteliomatose sistêmica neoplásica, doença de Plleger-Tappeiner	Angioendoliomatosis proliferativa maligna, Endoteliomatosis sistémica	Angioendothéliomatose	**nenf**	linfomi angiotropi, angio-endoteliomatosi maligna proliferante
613.	4.14.2.2.8. vasculite de síndrome de Raynaud, moléstia de Raynaud, fenômeno e doença de Raynaud, gangrena simétrica das extremidades, doença de Raynaud	enfermedad de Raynaud, síndrome de Raynaud, Fenómeno de Raynaud P	Syndrome de Raynaud, gangrène de Raynaud, maladie de Raynaud, phénomène (secondaire) de Raynaud	Raynaud's phenomenon, Raynaud's disease	Fenomeno di Raynaud, sindrome di Raynaud
614.	4.14.2.3. vasculite primária predominantemente granulomatosa, vasculite granulomatosa	**nenf**	Angéite granulomateuse, vascularite granulomateuse, angéite granulomateuse allergique	**nenf**	vasculite granulomatosa allergica
615.	4.14.2.3.1. vasculite de Horton, arterite cranial, arterite granulomatosa, arterite temporal, arterite de Horton	arteritis granulomatosa, arteritis de células gigantes del encéfalo, Arteritis de Horton, arteritis temporal, enfermedad de Horton	Artérite temporale, maladie de Horton, artérite giganto-cellulaire	giant-cell arteritis, temporal arteritis, polymyalgia rheumatica, giant cell aortic arteritis, giant cell aortitis, cranial arteritis, Horton disease, Horton giant cell arteritis, juvenile temporal arteritis	malattia di Horton, arterite temporale, arterite granulomatosa, arterite a cellule giganti
616.	4.14.2.3.2. polimialgia arterítica, doença de Bruce	polimialgia reumáticanenf, polimialgia arterítica; arteritis temporal	Polyarthrite rhumatoïde, artérite à cellules géantes avec polymyalgie rhumatismale, polymyalgie rhumatismale avec artérite à cellules géantes	**nenf**	poliartrite reumatoide (int)
617.	4.14.2.3.3. doença de	polimialgia arterítica; arteritis	Syndrome de la crosse	Takayasu's arteritis, pulseless	malattia di Takayasu

	Takayasu, arterite de Takayasu	temporal, síndrome de aortitis	aortique [Takayasu], maladie de Takayashu	disease, Takayasu syndrome	
618.	4.14.3 síndrome angiomatosa	**nenf**	Angiome	**nenf**	**nenf**
619.	4.14.3.1. síndrome de Sturge-Weber, angiomatose trigeminocranial, angiomatose encefalotrigeminal, angiomatose craniofacial, doença de Sturge-Weber-Dimitri, síndrome de Krabble	Angiomatosis encefalofacial, síndrome de Sturge-Weber, enfermedad de Sturge-Weber, nevus flammeus	Syndrome de Sturge-Weber(-Dimitri), angiomes encéphaliques, angiomes plans	Sturge-Weber syndrome, encephalofacial angiomatosis, Sturge's syndrome, Sturge-Kalischer-Weber syndrome, neuroretinoangiomatosis Sturge-Weber phakomatosis	sindrome di Sturge-Weber-Karabbe, síndrome di Sturge-Weber, angiomatosi encefalo-trigeminale
620.	4.14.3.2. Síndrome de Klippel-Trenaunay-Parkes Weber, hipertrofia hemangiectática, síndrome ângio-hipertrófica, nevo varicoso ósteo-hipertrófico	Síndrome de Klippel-Trénaunay-Weber	Syndrome de Klippel-Trénaunay-Weber, ostéo-onychodysostose, syndrome de Klippel-Trenaunay, hypertrophie osseuse	haemangiectatic hypertrophy, angio-osteohypertrophy syndrome	sindrome di Klippel-Trénaunay
621.	4.14.3.3. síndrome de ffuci	Síndrome de ffucci, síndrome de Kast	**nenf**	MAffucci's syndrome, dyschondroplasia with haemangiomata	sindrome di ffucci
622.	4.14.3.4. síndrome de Osler-Rendu-Weber, telangiectasia hemorrágica hereditária	Telangiectasia hemorrágica hereditaria, síndrome de Rendu-Osler-Weber, enfermedad de Osler, telangiectasia hereditaria hemorrágica	Télangiectasie hémorragique héréditaire, maladie de Rendu-Osler-Weber, télangiectasies hémorragiques familiales	Hereditary haemorrhagic telangiectasia, Osler Rendu-Weber disease, Osler's disease	morbo di Osler
623.	4.14.3.5. síndrome de blue rubber bleb nevus	Melanocitoma dérmico, nevo azul, Nevus azules	Naevus bleu ou pigmentaire	blue rubber bleb naevus syndrome	blue rubber bel nevus
624.	4.14.3.6. síndrome de Kasabach-Merritt, hemangioma com trombocitopenia, síndrome de hemangioma-trombocitopenia	Síndrome de Kasabach-Merritt, síndrome hemangioma-trombocitopénico	Syndrome de Kasabach et Merit, syndrome de Kasaback-Merritt	Kasabach-Merritt syndrome	sindrome di Kasabach-Meritt
625.	4.14.4. angioceratoma	angioqueratoma	Angiokératome	**nenf**	Angiocheratomi
626.	4.14.4.1. angioceratoma de Fordyce	**nenf**	**nenf**	**nenf**	granuli di Fordyce
627.	4.14.4.2. angioceratoma de		Porokératose de Mibelli	**nenf**	angiocheratoma Mibelli,

	Mibelli				angiokeratoma acroasphyctium digitorum
628.	4.14.4.3. angioceratoma circunscrito	**nenf**	**nenf**	**nenf**	angiocheratoma circoscritto, angiocheratoma circoscritto neviforme
629.	4.14.4.4. angioceratoma de Fabry	**nenf**	MAladie de Fabry	**nenf**	malattia di Fabry
630.	4.14.5. lesão ulcerada da perna de origem vascular e sangüínea	**nenf**	Ulcêres de jambes	**nenf**	Ulcera delle gambe, ulcera varicosa della gamba (int)
631.	4.14.5.1. úlcera angiodérmica, angiodermite de Favre	Síndrome de FAVRE-CHAIX (Internet)	Syndrome post-thrombotique	**nenf**	angiodermite (Favre-Chaix)
632.	4.14.5.2. úlcera hipertensiva, úlcera isquêmica	ulceración isquémica hipertensiva, Sindrome de rtorell, Úlcera isquémica hipertensiva	Angiodermite nécrotique	hypertensive ulcer, rtorell's ulcer	Ulcera di rtoreli, Ulcus cruris hypertonicum.
633.	4.14.5.3. úlcera de estase, úlcera varicosa	úlcera varicosa, Úlcera por estasis	Ulcère variqueux	varicose ulcer, stasis ulcer, venous ulcer	ulcera venosa
634.	4.14.5.4. úlcera hematopoética	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
635.	4.14.6. afecção vascular predominantemente funcional	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
636.	4.14.6.1. fenômeno de Raynaud, doença de Raynaud, síndrome de Raynaud	**nenf**	Syndrome de Raynaud, gangrène de Raynaud, maladie de Raynaud, phénomène de Raynaud	**nenf**	fenomeno di Raynaud, síndrome di Raynaud
637.	4.14.6.2. livedo reticular, livedo racemoso	livedo reticularis, livedo reticular, livedo reticularis primário P	Livedo racemosa	Livedo reticularis, livedo racemosa, vascular skin disease	livedo racemosa, livedo reticolare, vasculite racemosa
638.	4.14.6.2.1. livedo reticular fisiológico, cútis marmorata, cútis marmórea	cutis marmóreo, cutis marmorata P	Cutis marmorata, livedo réticulé passif	Cutis marmorata	livedo reticolare telangiectasica congênita, cutis marmorata telangectasica congênita, síndrome di van-Lohuizen, flebectasia congênita

639.	4.14.6.2.2. livedo reticular idiopático, livedo reticular idiopática	livedo reticularis idiopático P	Livedo inflammatoire	Idiopathic livedo reticularis	livedo idiopatiche
640.	4.14.6.2.3. livedo reticular congênito	**nenf**	**nenf**	Cutis marmorata telangiectatica congênita, congenital livedo reticularis	Livedo reticolare congenita
641.	4.14.6.2.4. livedo reticular secundário, livedo reticular sintomático, livedo reticular sintomática	**nenf**	**nenf**	Secondary livedo reticularis	**nenf**
642.	4.14.6.3. eritromeralgia, eritromelalgia	Eritromelalgia, eritermalgia, eritromelalgia P	Érythromélalgie, érythermalgie	erythromelalgia, erythermalgia, erythralgia	eritromelalgia, eritermalgia, eritralgia
643.	4.14.6.3.1. eritromeralgia idiopática	Eritermalgia idiopática P	**nenf**	**nenf**	**nenf**
644.	4.14.6.3.2. eritromeralgia secundária	Eritermalgia secundaria P	**nenf**	**nenf**	eritromelalgie secondarie
645.	4.14.6.4. acrocianose, doença de Crocq	Acrocianosis P	Acrocyanose	Acrocyanosis, Crocq's disease	Acrocianosi
646.	4.14.6.4.1. acrocianose necrosante remitente	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
647.	4.14.6.5. eritema pérnio, geladura, perniose	**nenf**	Gelure	Chilblains, perniosis, chilblain, pernio	Geloni, perniosi
648.	4.14.6.6. eritrocianose	**nenf**	Érythrocyanose	Erythrocyanosis	erythrocyanosis cruris puellarum
649.	4.14.6.7. síndrome branca de rshall, mancha de Bier	**nenf**	MAladie de Biermer	**nenf**	**nenf**
650.	4.14.6.8. angioma	Angioma, hemangioma, corioangioma, hemangioma histiocitoide, hemangioma intramuscular, nevo vascular, marca de nacimiento	Angiome	Angioma, hemangioma, chorioangioma histiocytoid hemangioma, intramuscular hemangioma	Angiomi
651.	4.14.6.8.1. angioma plano, nevus flameus, nevo de vinho do porto, mancha de vinho do porto, nevo flâmeo,	MAncha en vino de Oporto; Nevo flámeo; mancha de oporto; nevo flammeus; Nevus flammeus; hemangioma en	Angiome plan, naevus flammeus, tache de vin, angiome plan médian ou tache saumonée du front et/ou de la	Port-wine stain, naevus flammeus, nevus flammeus, salmon patch	angiomi piani

	hemangioma plano	vino de oporto	nuque		
652.	4.14.6.8.2. hemangioma tuberoso	Hemangioma fresa; hemangioma en fresa; Cambios vasculares de la piel; Hemangioma capilar; Hemangioma simple; hemangioma simplex; Angioma cavernoso ; rcas rojas de nacimiento	Angiome tubéreux, angiome fraise	**nenf**	angioma tuberoso
653.	4.14.6.8.3. angioma estelar, nevo aracnóidico, nevo aracnóide, angioma aracniforme, angioma aracneiforme, nevo aracniforme, mola aracniforme, telangiectasia aracniforme, aranha arterial, aranha vascular, hemangioma estelar, telangiectasia aranhosa	Angioma aracneo; araña vascular; araña arterial; Angioma en araña; Nevo aráneo; nevus araneus; nevus en araña;	Angiome stellaire, naevus arachnéen ou stellaire	Spider telangiectases, Arterial spider, spider naevus, naevus araneus, vascular spider	angioma stellare
654.	4.14.6.8.4. angioma puntiforme, angioma rubi, angioma rubi senil	Hemangioma senil; mancha color cereza o rubi; angioma cereza; Angioma senil; angioma en cereza	Taches rubis	Cherry angiomas, senile angiomas, senile hemangioma, papillary ectasia, senile ectasia	angioma rubino, ANGIOMA SENILE, ANGIOMA TARDIVO
655.	4.14.6.8.5. telangiectasia nevóide unilateral	Angioma telangiectásico	Télangiectasie linéaire	Unilateral telangiectases	**nenf**
656.	4.14.6.8.6. telangiectasia generalizada	Telangiectasia esencial generalizada; telangiectasia	Télangiectasie essentielle généralisée	Generalized essential telangiectasia	telangiectasie essenziali generalizzate, talngiectasie essenziali disseminate progressive
657.	4.14.6.8.7. hemangioma verrucoso	Hemangioma verrugoso; hemangioma queratósico;	Hémangiome verruqueux kératosique	**nenf**	**nenf**
658.	4.14.6.8.8. angioma serpiginoso, angioma serpiginosum, telangiectasia essencial	Angioma serpiginoso; Dermatosis purpúrica pigmentada	Angiome serpigineux	Angioma serpiginosum, essential telangiectasia	angioma serpiginoso
659.	4.14.6.8.9. linfangioma,	Linfangioma;	Lymphangiome	lymphangioma,	Linfangiomi

	angioma linfático	linfangioendotelioma; linfangioma cavernoso		lymphangioendothelioma, cavernous lymphangioma	
660.	4.14.6.8.9.1. linfangioma cicunscrito, linfangioma superficial simples, linfangioma capilar varicoso, linfangiectóide, lupus linfático	Linfangioma circunscripto; linfangioma circunscrito	Lymphangite	Lymphangioma circumscriptum	linfangioma circoscritto cistico
661.	4.14.6.8.9.2. linfangioma cavernoso, higroma, linfangiectasia cavernosa	Higroma; linfangioma quístico; higroma quístico	**nenf**	Cystic hygroma, cavernous lymphangioma	Igroma
662.	4.14.6.9. linfedema	Linfedema; Linfangiectasia; enfermedad de Milroy; obstrucción linfática	Lymphoedème, Lymphangiectasie	Lymphoedema, lymphedema, Milroy's disease	linfedema, edema linfostatico
663.	4.14.6.9.1. linfedema primário, linfedema idiopático	Linfedema primitivo; linfedema primario; linfedema precoz	Lymphoedème idiopathique	Primary lymphoedema	linfedema (forme primitive)
664.	4.14.6.9.1.1. linfedema congênito hereditário, doença de Milroy, doença de Meige, trofedema	Linfedema hereditario; linfedema congénito	Lymphoedème héréditaire	Milroy's disease, congenital lymphedema	linfedema (forme congenite)
665.	4.14.6.9.1.2. linfedema precoce	Linfedema precoz; linfedema primario	**nenf**	**nenf**	linfedema (forme precoce)
666.	4.14.6.9.1.3. linfedema tardio	**nenf**	**nenf**	**nenf**	linfedema (forme tardive)
667.	4.14.6.9.2. linfedema secundário	Linfedema secundario	**nenf**	Secondary lymphoedema	linfedema (forme secondarie)
668.	4.14.6.9.2.1. filariose linfática, filariose brancoftiana	Filariasis debida a Wuchereria bancrofti; Elefantiasis debida a Wuchereria bancrofti; Filariasis; elefantiasis filarial; filariasis linfática; elefantiasis bancroftiana; filariasis bancroftiana	Filariose à Wuchereria bancroffi, filariose de Bancroft, filariose lymphatique	filarial elephantiasis, lymphatic filariasis, bancroftian elephantiasis	filariasi linfatiche
669.	4.14.6.10. granuloma piogênico, granuloma	Granuloma piógeno; granuloma piogenico;	Granulome pyogénique, botriomycome, granulome	pyogenic granuloma, angiogranuloma,	granuloma piogenico, granuloma pediculatum,

	telangiectásico, granuloma pyogenicum	angiogranuloma; granuloma telangiecticum; hemangioma capilar lobular	inflammatoire hypertrophique	granuloma telangiecticum, lobular capillary hemangioma	granuloma telangectasico
670.	4.15. Dermatoviroses, dermatose por vírus	**nenf**	Dermatoses virales	**nenf**	dermatosi virali (int)
671.	4.15.1. Vacina, vacínia	Vaccinia; vacuna	Vaccine, vaccinia	Vaccinia	Vaccino
672.	4.15.1.1. Eczema vacinato, erupção variceliforme, erupção de Kaposi, eczema vaccinatum, eczema de vacínia, eczema herpeticum, pustulose aguda vacciniforme, erupção pós-vacínia	Eccema herpética; erupción variceliforme de Kaposi; eczema herpético; eczema vaccinatum; eccema vaccinatum; eccema herpético	Eczéma herpétique, pustulose varicelliforme de Kaposi, pustulose de Kaposi-Juliusberg, maladie de Kaposi	Kaposi's varicelliform eruption, eczema vaccinatum, eczema herpeticum, Kaposi varicelliform eruption	eczema vaccinato
673.	4.15.1.2. Vacina generalizada	Vaccinia generalizada	vaccine généralisée	generalized vaccinia	vaccino generalizzato
674.	4.15.1.3. Vacina gangrenosa, vacina progressiva	Vaccinia progresiva; vaccinia gangrenosa; vaccinia necrosante; necrosis causada por vaccinia	**nenf**	progressive vaccinia, vaccinia gangrenosa	**nenf**
675.	4.15.2. Herpes simples, herpes catarrhalis, herpes digitalis, herpes labialis, hydroa febrile, herpes febril, dartro (impr.)	herpes simplex; herpes simple; herpes recurrente	Herpes simples, herpes simplex virus (HSV)	herpes simplex, herpes catarrhalis, herpes digitalis, herpes facialis, herpes febrilis, herpes genitalis, herpes labialis, hydroa febrile	herpes simplex
676.	4.15.2.1. Primo-infecção herpética, priminfecção, primo-infecção	Estomatitis herpética; estomatitis aftosa Gingivoestomatitis herpética; herpes simple oral	Primo-infection herpétique	**nenf**	**nenf**
677.	4.15.2.2. Herpes recidivante, herpes recidivante labial	Herpes labial; ampolla febril; herpes simple oral; Herpes simple recurrente	Herpes récurrent, herpes labial	**nenf**	herpes recidivante
678.	4.15.3. Herpes zoster, zona ígnea, zona serpiginosa, zoster, cobreiro herpes-zoster, zona, cobrelo (pop.), cobro (pop.)	herpes zoster; herpes zona, zoster	Zona	Zoster, herpse zoster, shingles, zona	herpes zoster, Zoster, zona, shingles

679.	4.15.4. Verruga, verruca, verruga comum, berruga (bras., pop.)	Verruga	Verrues, verruca	common infectious warts, virus warts; verrucae, wart, verruca, bartonella infections, Carrion's disease, oroya fever, verruga peruana, bartonellosis, rochalimaea infections	Verruca
680.	4.15.4.1. Verruga plana, verruga plana juvenil	verruga plana juvenil; verruga plana; verruga juvenil	Verrues planes, verrues planes communes	Plane warts, verruca plana, verruca plana juvenilis	verruca piana (giovanile)
681.	4.15.4.2. Verruga filiforme, verruga digitiforme	verruga filiforme; verruga digitada	Verrues filiforme, verrue digitiforme	**nenf**	verruca volgare filiforme
682.	4.15.4.3. Verruga vulgar, verruga simples, verruca canthi	Verruga vulgar; Verruga común	Verrues vulgaires, verruca simplex, verruca vulgaris, verrues communes	**nenf**	verruca volgare
683.	4.15.4.4. Verruga plantar, olho-de-peixe, mimércia	Verruga plantar	Verrues plantaires, myrmécie	plantar wart, verruca plantaris	verruca plantare (verruca a fittone)
684.	4.15.4.5. Verruga genital, condiloma acuminado, cavalo de crista, condyloma acuminatum, condiloma pontiagudo, papiloma acuminado, papiloma venéreo, verruga acuminada	Verruga genital; verruga venérea; verruca acuminata; condilomas acuminados; verruga anogenital	Condylomes ano-génitaux (vénériens), condylomes acuminés, végétations vénénennes, crêtes de coq	genital warts, condyloma acuminatum, verruca acuminata	condilomi acuminati, condilomi
685.	4.15.4.6. Verruga peri-ungueal	verruga periungueal; verruga subungueal; verruga común	Verrues sous et péri-unguéales	**nenf**	verruca volgare periungueale
686.	4.15.4.7. Papulose Bowenóide, ceratose viral, pseudo-Bowen, papulose de Bowen	tumor de Buschke-Lowensteln; carcinoma verrugoso	Papulose bowenoïde	Bowenoid papulosis, multifocal indolent pigmented penile papules, multicentric pigmented Bowen's disease, papulosis bowenoid	papulosi bowenoide, papulosi bowenoide genitale
687.	4.15.4.8. Hiperplasia epitelial focal, doença de Heck	Hiperplasia epitelial focal; enfermedad de Heck	Hyperplasie inflammatoire de la muqueuse buccale, hyperplasie épithéliale focale, maladie de Heck.	Heck's disease, focal epithelial hyperplasia	iperplasia epidermica focale, morbo di Heck
688.	4.15.4.9. Epidermodisplasia	Epidermodisplasia	Épidermodysplasie	epidermodysplasia	epidermodisplasia

	verruciforme, Lutz-Lewandowski, doença de Lewandowski-Lutz	verruciforme; enfermedad de Lewandowski-Lutz	verruciforme (EV)	verruciformis, Lewandowski-Lutz disease, Lewandowsky-Lutz disease	verruciforme, sindrome di Lewandowski-Lutz
689.	4.15.5. Molusco contagioso, molusco verrucoso	Molusco contagioso	Molluscum contagiosum	molluscum contagiosum	mollusco contagioso
690.	4.15.6. Acrodermatite papulosa infantil, síndrome de Gianotti-Crosti, acrodermatite papular da infância, acrodermatite papular da segunda infância	Acrodermatitis papular infantil [Giannotti-Crosti]; Acrodermatitis; Síndrome de Giannotti-Crosti; acrodermatitis papular de la niñez; síndrome papulovesicular acro-localizado; acrodermatitis liquenoide infantil	Acrodermatite érythématopapuleuse infantile [Giannotti-Crosti], acrodermatite papuleuse infantile, maladie de Gianotti et Crosti, acrodermatite papuleuse de Gianotti-Crosti, syndrome de Gianotti-Crosti	Gianotti-Crosti syndrome, papular acrodermatitis, infantile papular acrodermatitis, papular acrodermatitis of childhood (PAC), infantile acrodermatitis, acrodermatitis	acrodermatite papulosa infantile
691.	4.15.7. Varicela, catapora (bras., vulg.), cataporas (bras., vulg.), tatapora (bras., vulg.), tataporas (bras., vulg.)	Varicela; viruela loca; Varicella	Varicelle	Varicella; chickenpox;	Varicella
692.	4.15.8. Varíola, bexiga (pop., vulg.)	Viruela; varíola; variola mayor y menor; alastrim; variola menor	Variole	small-pox; variola; Smallpox	Vaiolo
693.	4.15.9. Sarampo	Sarampión; rubela	Rougeole, première maladie	Measles; morbilli; rubeola	Morbillo
694.	4.15.10. Rubéola, sarampo alemão, sarampo de três dias, rubéola epidêmica, terceira doença	rubéola en embarazo, parto o puerperio; rubéola; sarampión alemán; sarampión de tres días	Rubéole, troisième maladie	Rubella; German measles, three-day measles, epidemic roseola	rosolia, rubeola
695.	4.16. Zoodermatose, dermatose zooparasitária, dermatozoonose, infecção cutânea zooparasitária	Dermatozoonosis	Dermatose parasitaire	Dermatozoonosis; dermatozoiasis	Epizoonosi
696.	4.16.1. Leishmaniose	Leishmaniasis; leishmaniosis; Kala-azar	Leishmaniose, leishmanioses tégumentaires	Leishmaniasis; visceral leishmaniasis; KALA-AZAR	Leishmaniosi
697.	4.16.1.1. Leishmaniose cutânea, leishmaniose do	Leishmaniasis cutánea, urbana; Leishmaniasis	Leishmaniose cutanée, leishmanioses tegumentaires	cutaneous leishmaniasis; American leishmaniasis; New	leishmaniosi cutanea acuta

	Velho Mundo, botão do Oriente, bolha do Oriente, úlcera do Oriente	americana; Leishmàniasis del nuevo mundo; Leishmaniasis del viejo mundo; ulcera oriental	de l'ancien monde, bouton d'Oriemt, d'Alep, de Dehli, dou de Biskra, de Jericho, de Gafsa, de Tebessa.	World leishmaniasis; Old World leishmaniasis; Oriental sore; Leishmaniasis of skin	
698.	4.16.1.2. Leishmaniose cutaneomucosa, leishmaniose mucocutânea, leishmaniose do Novo Mundo, leishmaniose naso-faríngea, leishmaniose (tegumentar) americana	Leishmaniasis mucocutánea	Leishmaniose cutanéo-muqueuse, leishmaniose américaine, leishmanioses tégumentaires du Nouveau Monde	American cutaneous and mucocutaneous leishmaniasis; AMERICAN LEISHMANIASIS; SOUTH AMERICAN LEISHMANIASIS; ESPUNDIA; PIAN BOIS; UTA; CHICLERO'S ULCER; BUSH YAWS; PICATURA DE PITO; MUCOCUTANEOUS LEISHMANIASIS; NEW WORLD LEISHMANIASIS; LEISHMANIASIS AMERICANA; NASOPHARYNGEAL LEISHMANIASIS; OLD WORLD LEISHMANIASIS; ORIENTAL SORE VA	leishmaniosi mucocutanea (sud)americana, espundia
699.	4.16.1.2.1. Espúndia, úlcera dos chicleros, doença de Breda	Espúndia; leishmaniasis mucocutánea progresiva	Espundia	American cutaneous and mucocutaneous leishmaniasis; american leishmaniasis; south american leishmaniasis; espundia; pian bois; uta; chiclero's ulcer; bush yaws; picatura de pito; bubas braziliana; Breda's disease	leishmaniosi –forme cutaneo-mucose da L.brasiliensis
700.	4.16.1.2.2. Leishmaniose tegumentar difusa, leishmaniose pseudolepromatosa, leishmaniose anérgica	Leishmaniasis cutânea difusa; Leishmaniasis cutánea anérgica diseminada	Leishmaniose cutanée diffuse	diffuse cutaneous leishmaniasis; disseminated cutaneous leishmaniasis; leishmaniasis cutis diffusa; leishmaniasis cutanea pseudolepromatosa; anergic	Leishmaniosi cutanea disseminata

				leishmaniasis; leishmaniasis tegumentari diffusa	
701.	4.16.1.3. Leishmaniose visceral, leishmaniose (pós-)calazar, esplenomegalia tropical, febre Dundum (pop.), febre caquética (pop.), febre negra (pop.), febre de Assam (pop.), calazar	leishmaniasis visceral; kala-azar; esplenomegalia tropical febril; fiebre epidémica de Assam; fiebre dumdum; fiebre negra; Sahib; Sirkari; enfermedad negra; Enfermedad sistêmica	Leishmaniose cutanéo-muqueuse, leishmaniose dermique après kala-azar, leishmaniose viscérale, kala-azar, fièvre noire, fièvre Dum-Dum	visceral leishmaniasis; kala-azar; death fever; dum-dum fever; post-kala-azar dermal leishmaniasis; dermal leishmanoid; Assam fever; Budwan fever; Dumdum fever; cachectic fever; topical splenomegaly; visceral leishmaniasis affecting skin	leishmaniosi viscerale, Kala-Azar.
702.	4.16.1.3.1. Leishmaniose infantil	leishmaniasis infantil; leishmaniasis canina; kala-azar infantil; kala-azar canino mediterrâneo; linfadenia esplénica de los niños; seudoleucemia infecciosa; ponos; anemia esplénica infantil	Leishmaniose viscérale	Infantile leishmaniasis	**nenf**
703.	4.16.2. Escabiose, sarcoptediase, sarna, coruba (bras., pop.), curuba (bras., pop.), já-começa (bras., pop.), jareré (bras. SP pop.), jereba (bras. GO pop.), jereré (bras. SP pop.), pereba (bras., pop.), pira (bras., pop.), pereva (bras.), bereba (bras.), bereva (bras.)	Sarna; Escabiosis; infección por sarcoptes	Gale, scabiose	scabies; sarcoptic mange	Scabbia
704.	4.16.2.1. Escabiose humana, sarna humana, escabiose pustular, escabiose puntiforme	sarna humana; sarna primaria	Gale humaine	human scabies	scabbia umana
705.	4.16.2.1.1. Sarna crostosa, sarna norueguesa	sarna noruega; sarna costrosa; sarna de Noruega; sarna de	Gale crouteuse, gale norvégienne	Norwegian scabies	scabbia norvegese, scabbia crostosa

		Boeck; sarna de Moeller			
706.	4.16.2.2. Sarna zoógena	**nenf**	Gales d'origine animale	animal scabies	scabbie animali
707.	4.16.3. demodecidose	**nenf**	Démodécidose	Demodiciosis	Demodecosi,, demodecidosi
708.	4.16.4. pediculose	Pediculosis y phthiriasis; infestaciones por piojos; ftiriasis; Pediculosis	Pédiculose, phtiriase	Pediculosis; pthiriasis; lice infestations	Pediculosi
709.	4.16.4.1. Pediculose da cabeça, pediculose do couro cabeludo	Piojos de la cabeza; pediculosis; pediculosis capitis; liendres de la cabeza; Pediculosis debida a Pediculus humanus capitis; Infestación de la cabeza debida a piojos; pediculus capitis	Pédiculose due à Pediculus humanus capitis, pédiculose du cuir chevelu, pédiculose de la tête, pédiculose céphalique	pediculosis capitis	pediculosi del cuio capelluto
710.	4.16.4.2. Pediculose do corpo, pediculose da roupa, doença dos vagabundos	Pediculosis debida a Pediculus humanus corporis; Infestación del cuerpo debida a piojos; pediculus corporis; Piojo del cuerpo; Pediculosis corporis; Piojos	Pédiculose due à Pediculus humanus corporis, pédiculose du corps, pédiculose corporelle	pediculosis corporis; pediculosis vestimenti; pediculosis vestimentorum	pediculosi del corpo
711.	4.16.4.3. Pediculose pubiana, pediculose do púbis, chato, fitiríase	pediculosis inguinalis; Piojo del púbis; Pediculosis; piojo púbico; ladillas; Pediculosis pubis; piojo cangrejo	Phtiriase, phtiriase inguinale, phtiriase du púbis, morpion, pédiculose pubienne	Pthiriasis pubis; Pthiriasis	pediculosi del pube
712.	4.16.5. Ixodidíase, ixodíase	Ixodiasis	Piqûre de tique	Ixodiasis	**nenf**
713.	4.16.6. Triatomidíase	**nenf**	Piqûre de punaise, maladie de Chagas	**nenf**	**nenf**
714.	4.16.7. Dermatite por paederus	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
715.	4.16.8. Pulicose	Pulicosis	Piqûre de puces	**nenf**	Pulicosi
716.	4.16.9. Tungíase, tunguíase, sarcopsilose, bicho-do-pé (bras. pop.), bicho (bras. pop),	Tungiasis; Infección debida a pulga de arena	Tungose	Tungiasis	tungiasi, malattia dal pulce della sabbia

	bicho-de-pé (bras.), bicho-de-porco (bras.), bicho-do-porco (bras.), espinho-de-bananeira (bras. sp pop.), jatecuba (bras.), nígua, pulga-da-areia (bras.), sico (bras.), taçura (bras.), taçuru (bras. S.), tunga (bras.), xiquexique (bras. SP), zunga (bras. pop.), zunja (bras.), bitacaia (angol.), matacanha (angol., moç. e santom.)				
717.	4.16.10. Dipteríase	Lesiones causadas por mosquitos y moscas (orden dipteros)	Prurigo parasitaire	**nenf**	**nenf**
718.	4.16.11. Miíase	miasis, miiasis	Myiase	Myiasis; ggot infestations	miasi, miiasi, ipodermiasi
719.	4.16.11.1. Miíase primária, miíase biontófaga	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
720.	4.16.11.1.1. Miíase migratória	**nenf**	Myiases à tumeurs ambulatoires	**nenf**	miiasi migranti, miiasi lineare migrante
721.	4.16.11.1.2. Miíase furunculóide	**nenf**	Myiases furonculoïdes	**nenf**	miasi foruncoloide, miiasi foruncoloide
722.	4.16.11.2. Miíase secundária, miíase necrobiontófaga	miasis en heridas, miasis traumática	Myiase des plaies cutanées, myiase traumatique, myiases des plaies	**nenf**	**nenf**
723.	4.16.11.2.1. Miíase cutânea, bicheira (bras., pop.)	miasis cutánea, miasis progresiva, miiasis cutánea	Myiase cutanée, myiase rampante	**nenf**	miiase cutanea
724.	4.16.11.2.2. Miíase cavitária, miíase nasal, miíase auricular, miíase ocular, miíase vaginal	Hirudiniasis, miasis ocular, miasis nasofaríngea, miasis laríngea, miasis aural	Myiase oculaire, myiase rhinopharyngée, myiase laryngée, myiase auriculaire	**nenf**	miiasi cavitaria, miiasi nasale
725.	4.16.11.2.3. Miíase intestinal	miasis intestinal	Myiase intestinale	intestinal myiasis	miiasi intestinale
726.	4.16.12. Helmintíase migrante, erupção serpiginosa, miíase serpiginosa, miíase linear,	Larva migrans dérmica, Larva migrans, erupción serpiginosa, erupción reptante, Larva	Larva migrans cutanée, creeping diseases, dermatite vennineuse rampante, pseudo-	larva migrans; creeping eruption; sandworm eruption; plumbers' itch; duckhunters'	larva migras, larva migrans cutanea, Creeping eruption.

	dermatite linear migrante, dermatite (linear) serpiginosa, larva migrans, bicho geográfico (pop.), bicho de praia (pop.), larva migrans cutânea	migrante cutánea	myiase rampante, creeping disease, larbish, «ver de chien ».	itch; ocular larva migrans; cutaneous larva migrans	
727.	4.16.13. Helmintíase	Infección por helminto, helmintiasis	Helminthiase	Helminthiasis; helminthism; invermination; nematomorpha infections	Elmintiasi
728.	4.16.13.1. Loíase, edema de Calabar, inflamação de Calabar, fugaz	loiasis, filaria ocular de Africa, hinchazón de Calabar, infección por Loa loa	Loase, filariose à Loa loa, infection à Loa loa, loïase, oedème de Calabar, filariose Loa loa.	loiasis; Calabar swellings; fugitive swellings; Loa loa filariasis; African eyeworm; loaiasis	loiasi, loa
729.	4.16.13.2. Dracunculíase, dracunculose, dracontíase	Infección con gusano de Guinea dracunculosis, dracontiasis, Infección debida a Dracunculus medinensis	Dracunculose, infection [dracontiase] (à) dracunculus medinensis, ver de Guinée, filaire de Médine, dragonneau, dracontiase	Dracunculiasis; dracunculosis; guinea worm infection; dracontiasis; medina worm; dragon worm; serpent worm	filaria di Medina, dracuncolosi, dracunculosi, verme della Guinea, dracontiasi
730.	4.16.13.3. Acantoqueilonemíase, acantoquilonemíase	**nenf**	**nenf**	Dipetalonema infections; acanthocheilonemiasis	**nenf**
731.	4.16.13.4. Filaríase, filariose, elefantíase filariana, elefantíase-dos-árabes	filariasis bancroftiana, filariasis malaya, filariasis	Filariose, filariose lymphatique	filariasis; tropical elephantiasis; filarial elephantiasis; lymphatic filariasis; bancroftian elephantiasis	Filariasi
732.	4.16.13.5. Oncocercíase, sarna filariana, oncocercose, erisipela nas costas, volvulose, doença cega, mal morado	Oncocercosis, ceguera de los ríos Infección debida a Onchocerca volvulus, oncocerciasis	Onchocercose, cécité des rivières, infection à Onchocerca volvulus, volvulose	Onchocerciasis; onchocercosis; coastal erysipelas; volvulosis; blinding filariasis; river blindness	oncocerchiasi, oncocercosi, filariasi nodosa
733.	4.16.13.6. nsoneliase,	MAnsoneliasis, infección	MAnsonellose, infection à	MAnsonelliasis	filariasi non patogene

	mansoneliose	debida a mansonella ozzardi	nsonella ozzardi, filarioses à nsonella ozzardi		nzonella ozzardi, filariasi e dracoontiasi da mansonella ozzardi
734.	4.16.13.7. Esquistossomíase, esquistossomose, esquistossomíase genital, esquistossomíase paragenital, esquistossomíase ectópica	Bilharziasis, esquistosomiasis, bilharzia, prurito de los nadadores, dermatitis por esquistosomas, esquistosomiasis cutânea	Schistosomose, schistosomiase, bilharziose, prurit des baigneurs	schistosomiasis; bilharziasis; visceral schistosomiasis; bilharziosis; snail fever	Schitosomiasi
735.	4.16.14. Doença de Lyme	Enfermedad de Lyme, eritema crónico migrante debido a Borrelia burgdorferi	MAladie de Lyme, érythème chronique migrateur à Borrelia burgdorferi, erythema chronicum migrans, borréliose, fièvre récurrente, borréliose de Lyme	Lyme disease; Lyme borreliosis	malattia di Lyme, morbo di Lyme, borreliosi, artrite di Lyme
736.	4.17. Prurido, prurido biopsiante, prurido ferox, prurido mitis, comichão, coceira, iuçá (bras. pop.), já-começa (bras. pop), cafubira (bras. MG pop.), quipã (bras. pop.), pruído, chanha (bras. PB pop.)	Prurito	Prurit, prurit féroce	Itching; pruritus; itch	prurito, prurito generalizzato
737.	4.17.1. Prurido asteatósico	xerosis, prurito de la piel seca	Prurit astéatosique	**nenf**	**nenf**
738.	4.17.1.1. Prurido do banho	prurito del baño	**nenf**	bath pruritus; pruritus balnea	prurito acquagenico
739.	4.17.1.2. Prurido senil	prurito senil	Prurit sénile	senile pruritus; senilis pruritus; pruritus senilis	prurito senile
740.	4.17.1.3. Prurido hiemal, dermatite hibernal, dermatite do inverno, prurido invernal, prurido de congelação, prurido do madeireiro, coceira do inverno	prurito del invierno	**nenf**	senile pruritus; senilis pruritus; pruritus hiemalis	prurito invernale
741.	4.17.2. Prurido autotóxico,	prurito generalizado	Prurit exceptionnel	symptomatic pruritus	Prurito secondario (int)

	prurido secundário, prurido sintomático				
742.	4.17.2.1. Prurido de anemia	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
743.	4.17.2.2. Prurido urêmico	prurito urémico	**nenf**	uremic pruritus; uraemic pruritus	Prurito uremico (int)
744.	4.17.3. Prurido essencial, prurido idiopático	prurito generalizado idiopático	Prurit psychogène	essential pruritus	prurito sine materia, prurito psicogeno
745.	4.17.4. Prurido anogenital	prurito anogenital	Prurit ano-génital, prurit vulvaire, prurit anal	**nenf**	prurito anale, prurito vulvare, prurito degli organi genitali
746.	4.18. Prurigo, prurigem	Prurigo	Prurigo	Prurigo	Prurigo
747.	4.18.1. Prurigo estrófulo, prurigo simples agudo infantil, prurigo infantil, líquen urticárico, líquen urticado, urticária infantil, urticária papular, urticária papulosa	urticária papulosa, urticaria papular	Urticaire papuleuse, prurigo strophulus, prurigo strophulus des acariens	papular urticaria; strophitlits infantum; lichen urticatus; prurigo simplex acuta—Brocq; prurigo simplex; urticaria papulosa	prurigo del banbino, prurigo strofulo, orticaria papulosa, prurigo simplex acuta, prurigo acuta, strofulo infantile, orticaria papulosa infantile, lichen urticato.
748.	4.18.2. Prurigo simples do adulto, prurigo simples agudo do adulto, prurigo simples	**nenf**	Prurigo simplex	papular urticária; prurigo simplex	prurigo dell'adulto, prurigo simplex subacuta, prurigo subacuta, orticaria papulosa cronica, strofulo degli adulti, prurigo simplex
749.	4.18.2.1. Prurigo gravídico, prurigo da gestação	prurito gravídico	Prurigo gravidique	prurigo gestationis	prurigo gravidiche
750.	4.18.2.2. Prurigo estival, prurigo do verão, prurigo solar	prurigo estival de Hutchinson	Prurigo solaire	prurigo aestivalis; summer prurigo	prurigo dell'estate
751.	4.18.3. Prurigo melanótico, Pierini-Borda	**nenf**	Prurit de cholostase	**nenf**	**nenf**
752.	4.18.4. Prurigo de Hebra, prurigo feroz, prurigo ferox,	Prurigo de Hebra, prurigo de Mitis	Prurigo de Hebra, prurigo de mitis	Hebra's prurigo; prurigo ferox; prurigo renitente; prurigo mitis	prurigo di Hebra

	prurigo renitente, prurigo mitis				
753.	4.18.5. Prurigo discóide e liquenóide, dermatite discóide e liquenóide de Sulzberger, doença "óid-óid"	**nenf**	**nenf**	**nenf**	Sindrome di Sulzberger-Garbe, dermatite lichenoide discoide essudativa, "oid-oid-disease"
754.	4.18.6. Prurigo nodular, prurigo nodular de Hyde, doença de Hyde	prurigo nodular	Prurigo nodulaire, prurigo nodulaire de Hyde	nodular prurigo; prurigo nodularis; Hyde's disease	prurigo nodulare di Hyde, prurigo nodulare (Hyde), prurigo nodularis
755.	4.19. Urticária, enidose, uredo, fervor-do-sangue (pop.)	urticária, urticaria crônica, escozor	Urticaire	Urticaria; uredo; urtication; hives; nettle-rash	Orticaria
756.	4.19.1. urticária gigante, angioedema, atrofedema, doença de Bannister, doença de Milton, doença de Quincke, edema circunscrito, edema periódico, edema angioneurótico, edema de Quincke, urticária gigan, urticária gigantea, urticária tuberosa, urticária subcutânea, urticária tuberosa	EDEMA ANGIONEUROTICO ANGIOEDEMA EDEMA DE QUINCKE URTICARIA GIGANTE	Urticaire du géante, oedême de Quincke, angio-oedême, urticaire profonde		edema di Quincke, edema angioneurotico, Angioedema
757.	4.19.2. urticária porcelânica, urticária porcelânea	**nenf**	**nenf**		**nenf**
758.	4.19.3. urticária rubra	**nenf**	**nenf**		**nenf**
759.	4.19.4. urticária girata	**nenf**	**nenf**		**nenf**
760.	4.19.5. urticária bolhosa, urticária vesiculosa.	**nenf**	Urticaire bulleuse		Orticaria bollosa (apenas 1 fonte)
761.	4.19.6. urticária hemorrágica, urticária purpúrica.	**nenf**	Urticaire hémorragique		**nenf**
762.	4.19.7. urticária aguda, urticária febril	Urticaria aguda	Urticaire aigue		ORTICARIA ACUTA
763.	4.19.8. urticária crônica	Urticaria crónica	Urticaire chronique		Orticaria cronica, Orticaria cronica idiopatica, OCI
764.	4.19.9. urticária endêmica,	**nenf**	**nenf**		**nenf**

	urticária epidêmica				
765.	4.19.10. urticária medicamentosa	**nenf**	Urticaires médicamenteuses		orticaria da farmaci (int)
766.	4.19.15. Urticária de contato, urticária física, urticária por agentes físicos	urticaria física, urticaria debida a agentes físicos	urticaire de contact, Urticaires physiques → ver as distinções	**nenf**	orticaria fisica, orticarie fisiche
767.	4.19.15.1. Urticária colinérgica, urticária do calor	urticaria colinérgica	Urticaire cholinergique	Cholinergic urticaria; Micropapular urticaria; heat urticaria	orticaria colinergica, orticaria da sudore, OC
768.	4.19.15.2. Urticária por pressão	urticaria por presión	Urticaire retardée à la pression	Pressure urticaria	Orticaria meccanica, orticaria da pressione
769.	4.19.15.3. Urticária aquagênica	urticaria acuagénica	Urticaire aquagénique	Aquagenic urticaria	orticaria acquagenica, AO
770.	4.19.15.4. Urticária ao frio, urticária do frio, urticária do congelamento	urticaria exposición al frio, urticaria debida al frío, urticaria al frio, urticaria por frío	Urticaire provoquée par le froid et la chaleur, urticaire au froid	Cold urticaria; congelation urticaria	orticaria da freddo, "a frigore"
771.	4.19.15.5. Urticária solar	urticaria solar	Urticaire solaire	Solar urticaria	orticaria solare, OS
772.	4.19.15.6. Urticária local ao calor	urticaria por calor	Urticaire de contact à la chaleur	Heat urticaria; Cholinergic urticaria	orticaria da calore localizzata, orticaria da calore, orticaria da caldo, OCL
773.	4.19.15.7. Urticária vibratória	urticaria vibratória, angioedema vibratório	Urticária vibratória	vibratory urticaria	angioedema vibratorio, orticaria vibratoria, AV
774.	4.19.15.8. Urticária factícia, dermografismo, urticária factitia, reação de Ebbecke,	Dermografismo	Dermographisme	Dermatographism; Dermographism; factitious urticaria	orticaria factitia, orticaria demografica, orticaria fittizia, dremografismo ritardato, OD
775.	4.20. Angioedema, edema angioneurótico, doença de Bannister, edema de Quincke (circunscrito e periódico), úlcera tuberosa	Edema angioneurótico, edema de Quincke	Oedème angioneurotique, Oedème de Quincke	angio-oedema; angioneurotic oedema; angioedema; angioneurotic edema; Quincke's edema; giant urticaria	edema di Quincke, edema angioneurotico, angioedema

776.	4.20.1. Angioedema adquirido	**nenf**	Oedème angioneurotique acquis	**nenf**	angioedema acquisito
777.	4.20.2. Angioedema hereditário, edema angioneurótico familiar	Angioedema hereditário	oedème angiomateux héréditaire	**nenf**	angioedema ereditario, angioedema familiare, edema di Quincke ereditario, edema angioneurotico ereditario, AEE
778.	4.21. Bacteriose	Infecciones Bacterianas con manifestaciones cutáneas, Infecciones bacterianas, Infecciones cutáneas Bacterianas	Dermatoses bactériennes	Bacteriosis	malattie cutanee causate da batteri, batteriologia cutanea
779.	4.21.1. Piodermite, dermoepidermite microbiana, piodermatose, piodermia, piodermatite	Piodermitis	Pyodermite	Pyoderma; pyodermatitis; pyodermatosis	piodermite, pioderma
780.	4.21.1.1. Impetigo, impetiginização, impetigo de Fox, impetigo contagioso, piose de Corlett, impetigem, salsugem (pop.)	Impetigo, impétigo contagioso	Impétigo	Impetigo; impetigo contagiosa; impetigo vulgaris; contagiosa impetigo	Impetigine
781.	4.21.1.1.1. Impetigo estafilocócico, impetigo bolhoso	Impétigo estafilocócic	Impétigo bulleux	Bullous impetigo; bullosa impetigo; impetigo bullosa	pemfigoide stafilococcico del neonato, pemfigo acuto del neonato, impetigine bollosa, impetigine contagiosa bollosa
782.	4.21.1.1.2. Impetigo estreptocócico, impetigo de Tibbury Fox	Impétigo estreptocócico	Impétigo non bulleux, impétigo croûteux	non-bullous impetigo; impetigo contagiosa of Tibbury Fox	impetigine non bollosa (int)
783.	4.21.1.2. Impetigo neonatal, impetigo neonatal de Ritter von Ritterschein, síndrome da	Enfermedad exfoliativa, Síndrome de la piel escaldada, síndrome estafilocócico de la	Syndrome d'épidermolyse staphylococcique du nourrisson, Dermatite	staphylococcal scalded skin syndrome; Ritter's disease; Iyell's disease; impetigo	stafilococcie esfoliatrici, necrolisi epidermica stafilococcica, sindrome di

	pele escaldada estafilocócica, SSSS, Staphylococcal Scalded Skin Syndrome	piel escaldada, enfermedad de Ritter	exfoliatrice staphylococcique du nourrisson, ladie de Ritter von Rittershein, Nécrolyse épidermique staphylococcique, maladie de Ritter-Lyell, staphylococcal scalded skin syndrome, SSSS, syndrome staphylococcique des enfants ébouillantés, SSEE, staphylococcie exfoliante, dermatite exfoliatrice de Ritter von Rittershein du nonveau-né	neonatorum; bullous impetigo of newborn; dermatitis exfoliativa infantum	Lyell, impetigine neonatale, dermatite esfoliatrice del neonato, malattia di Ritter von Rittershein, necrolisi combustiforme, sindrome SSS, Staphylococcal Scalded Skin Syndrome, scariattina stafilococcica; sindrome di Lyell stafilococcica; malattia di Ritter-Lyell, sindrome combustiforme, SSSS, Dermatite esfoliativa dei neonati di Ritter, Rittershain
784.	4.21.1.3. Hidroadenite, hidradenite, hidrosadenite (desus.)	Hidradenitis, hidrosadenitis, hidradenitis supurativa, hidrosadenitis supurativa	hidradénite suppurée, hidrosadénite, idrosadénite, apocrinite	hidradenitis; suppurative hidradenitis; hidrosadenitis; neutrophilic eccrine hidradenitis	idrosadeniti, idrosadenite, malattia di Verneuil
785.	4.21.1.4. Foliculite	Foliculitis	Folliculites staphylococciques, Folliculites	folliculitis ; sycosis	Follicolite
786.	4.21.1.4.1. Foliculite ostial, impetigo de Bockhardt, osteofoliculite, foliculite superficial, perifoliculite	Impétigo folicular, impétigo de Bockhart, foliculitis superficial,	Impétigo de Bockhart, Folliculites superficielles, ostiofolliculite	superficial folliculitis; follicular impetigo; bockhart's impetigo; superficial pustular perifoliculitis	ostiofollicoliti, ostiofollicolite, impetigine de Bockhardt, stafilodermia di Bockhart, periofollicolite
787.	4.21.1.4.2. Furúnculo, furunculose, leicenço, fruncho (pop.), frunco (pop.), frúnculo (pop.), bichoca (lus. prov. port.), para furúnculo pequeno	Furúnculo, divieso	Furoncle	furunculosis; boil(s); furuncle; furunculus	foruncolo, foruncoli
788.	4.21.1.4.3. antraz	ántrax, absceso cutáneo, furúnculo, carbunco	Anthrax	Carbuncle; anthrax	antrace, pustula maligna
789.	4.21.1.4.4. foliculite	acné queloide, acné queloidal	Acné chéloïde	folliculitis cheloidalis; acne	acne cheloidea, follicolite

	queloidiforme, acne quelóide, foliculite queloidiana da nuca, foliculite esclerosante, foliculite esclerosante e queloidiana da nuca			cheloid; keloidal folliculitis; keloidalis folliculitis; acne keloid; folliculitis keloidalis; dermatitis papillaris capillitii; sycosis frambesiformis; keloidal acne	sclerotizzante della nuca, acne keloidalis nuchae
790.	4.21.1.4.5. Foliculite da barba, sicose, sicose da barba, sicose vulgar	sicosis, sicosis de la barba, tinea barbae, foliculitis de la barba, sycosis barbae	Sycosis de la barbe	sycosis; sycosis barbae; mentagra; ficosis; folliculitis	dermatofizia follicolare profonda, sicosi tricofitico della barba, follicolite della barba, sicosi non parassitaria (oggi termine non usato), sicosi barbae (non parassitaria)
791.	4.21.1.4.6. Pseudofoliculite, pseudofoliculite da barba, pseudofoliculite da virilha	Seudofoliculitis de la barba, seudofoliculitis	pseudofolliculite de la barbe	Pseudofolliculitis	pseudofollicoliti, pili recurvati, pseudofollicolite della barba, peli incarnati.
792.	4.21.1.4.7. Foliculite decalvante, alopecia folicular, foliculite descalvante, doença de Quinquaud	Foliculitis decalvante, foliculitis decalvans, foliculitis agminada, enfermedad de Quinquaud	Folliculite décalvante, Folliculite décalvante du cuir chevelu	folliculitis decalvans; alopecia folicularis; Quinquaud's disease	follicolite decalvante di Quinquaud, follicolite decalvante, lupus sycosiformis atrophicans
793.	4.21.1.4.7.1. Sicose lupóide, sicose lupóide de Brocq	sicosis lupoide, sicosis lupoide de Brocq	sycosis lupîde	lupoid sycosis; ulerythema sycosiforme	sicosi lupoide, pseudoarea di Brocq
794.	4.21.1.4.8. Foliculite abscedante, folliculitis (et perifolliculitis) abscedens et suffodiens, foliculite dissecante do couro cabeludo	Perifoliculitis disecante del cuero cabelludo, enfermedad de Hoffman perifoliculitis capitis abscedens et sufodiens	Périfolliculite capitis abscedens	folliculitis abscedens et suffodiens	periofolliculitis capitis abscendens et suffodiens (hoffmann), folliculitis et perifolliculitis abscendens et suffodiens
795.	4.21.1.4.9. Foliculite necrótica, acne necrótica, acne varioliforme, acne corrosiva, foliculite necrosante, foliculite necrotizante	acné varioliforme, acné necrótico miliar	acné varioliforme	acne necrotica; acne frontalis; acne varioliformis; acne lupoides	acne necrotica
796.	4.21.1.4.10. Foliculite perfurante, foliculite	Foliculitis perforante	folliculite perforante	folliculitis of the nose; folliculitis nares perforans	follicoliti perforanti, follicolite perforante

	perfurante do nariz				
797.	4.21.1.5. Hordéolo, terçol (pop)	Orzuelo	Orgelet	Hordeolum; Stye (s); hordeoli	orzaiolo, orzaiolo esterno
798.	4.21.1.6. Piodermite cancriforme, piodermite cancriforme da face, piodermite cancriforme (Covisa e Bejarano)	Piodermitis estafilocócica, pioderma facial	pyodermite chancriforme	chancriform pyoderma	**nenf**
799.	4.21.1.7. Periporite, miliária pustulosa, abscesso (das glândulas sudoríparas) do lactente	Periporitis		periporitis	perioperite, miliaria cristallina
800.	4.21.1.8. Síndrome do choque tóxico, TSS, Toxic Shock Syndrome(**nenf**)	síndrome del choque tóxico	Syndrome du choc toxique	toxic shock syndrome; septic shock; endotoxic shock; toxic shock	shock stafilococcico, sindrome da shock tossico, TSS, sindrome dello shock tossico
801.	4.21.1.9. Éctima, éctima tenebrante	éctima	Ecthyma	ecthyma	Ectima
802.	4.21.1.10. Erisipela, erisipela metastática, erisipela bolhosa, erisipela gangrenosa, erisipela recidivante, erisipela de repetição, mal-do-monte (pop.), mal-de-monte (bras. NE pop.), mal-da-praia (bras.), maldita (bras. pop.), esipra (brás. N pop.)	erisipela, Celulitis estreptocócica, infección facial, infección en la cara	Érysipèle	erysipelas	erisipela, streptodermia cutanea linfática
803.	4.21.1.11. Celulite, celulite facial na criança	Celulitis	Phlegmon	cellulitis; phlegmon	flemmone, cellulite
804.	4.21.1.12. Abcesso, abscesso frio, abscesso quente, abscesso, apostema, postema	absceso, absceso frío, absceso de la piel absceso cutáneo, absceso subcutáneo	Abcès cutané	abscess	ascesso, ascesso cutâneo
805.	4.21.1.13. Fleimão, flegmão, freimão	flemón, flegmón	Phlegmon	Phlegmon; cellulitis	flemmone, cellulite
806.	4.21.1.14. Escarlatina	escarlatina, fiebre escarlatina	Scarlatine	scarlet fever; scarlatina	scarlattina, seconda

					malattia
807.	4.21.2. Úlcera tropical, úlcera de Áden, úlcera de labar, úlcera fagedênica	ulcera tropical, úlcera fagedénica tropical, fagedenismo tropical esfacelante	Ulcère tropical	tropical ulcer; tropical phagedenic ulcer; tropical phagedena	Ulcera tropicale (int)
808.	4.21.3. Erisipelóide, doença de Rosenbach, pseudoerisipela	Erisipeloide	Erysipéloïde, maladie du rouget do porc	erysipeloid; erysipeloid of Rosenbach; seal finger; Rosenbach's disease; pseudoerysipelas	erisipeloide, mal rossino
809.	4.21.3.1. Erisipelóide cutânea	**nenf**	Érysipéloïde cutanée	cutaneous erysipeloid	**nenf**
810.	4.21.3.1.1. Erisipelóide cutânea localizada	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
811.	4.21.3.1.2. Erisipelóide cutânea generalizada	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
812.	4.21.3.2. Erisipelóide sistêmica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
813.	4.21.4. Escleroma, rinoscleroma	Escleroma, Escleroma nasal, rinoescleroma Induración	rhinosclerome, sclerome nasal	scleroma; rhinoscleroma; nasal scleroma	Rinoscleroma
814.	4.21.5. Carbúnculo, antraz, anthrax, carbúnculo hemático	Carbunclo, carbunco, ántrax	Charbon, maladie des trieurs de laine, pustule maligne	Carbuncle; Anthrax	Carbonchio
815.	4.21.5.1. Carbúnculo cutâneo	carbunco, carbunclo cutáneo, ántrax de la piel, ántrax cutáneo	Charbon cutané	cutaneous anthrax	carbonchio cutâneo
816.	4.21.5.1.1. Carbúnculo maligno, pústula maligna	carbunco maligno, pústula maligna	Pustule maligne	Carbuncle; malignant carbuncle	pustola maligna, antrace
817.	4.21.5.1.2. Edema maligno	**nenf**	oedeme malin	malignant edema	edema maligno
818.	4.21.5.2. Carbúnculo gastrintestinal, carbúnculo intestinal	carbunclo intestinal, carbunco gastrointestinal,antraz gastrointestinal ánthrax intestinal	Charbon gastro-intestinal	Instestinal antrax	carbonchio gastrointestinale
819.	4.21.5.3. Carbúnculo	carbunclo pulmonar,	Charbon pulmonaire	pulmonary anthrax	carbonchio polmonare

	pulmonar, carbúnculo por inoculação	"enfermedades de los trabajadores laneros", carbunclo por inhalación, ánthrax pulmonar, carbunco pulmonar, carbunco por inhalación, enfermedad de los cardadores de lana, enfermedad de los traperos (papeleros), ántrax por inhalación, ántrax pulmonar			
820.	4.21.6. Infecção por Pseudomonas aeruginosa	infecciones debidas a Pseudomonas aeruginosa, Pseudomonas aeruginosa mallei pseudomallei como causa de enfermedades	Infections cutanées dues à Pseudomonas aeruginosa	**nenf**	infezioni polmonari da Pseudomonas aeruginosa
821.	4.21.6.1. Síndrome de unha verde	síndrome de uñas verdes, paroniquia crônica	syndrome des ongles verts	**nenf**	sindrome delle unghie verdi
822.	4.21.6.2. Intertrigo	Intertrigo	Intertrigo	intertrigo	intertrigine, intertrigo
823.	4.21.6.3. Éctima gangrenoso, pioderma gangrenoso, dermatite gangrenosa infantil, pênfigo gangrenoso, gangrena cutânea disseminada	éctima gangrenoso, Piodermia gangrenosa, pioderma gangrenoso	Ecthyma gangréneux, Pyodermite gangréneuse	Ecthyma gangrenosum; pyoderma gangrenosum; dermatitis gangrenosa infantum; pemphigus gangrenosus; disseminated cutaneous gangrene	ectima gangrenoso, pioderma gangrenoso, piodermite fagedênica
824.	4.21.7. Corinebacteriose cutânea	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
825.	4.21.7.1. Eritrasma	Eritrasma	Érythrasma	Erythrasma	Eritrasma
826.	4.21.7.2. Corinebacteriose palmelina, tricomicose palmelina, tricomicose axilar, tricomicose nodosa, tricomicose cromática, tricomicose nodular, triconocardíase axilar,	tricomicosis axilar	Trichobactériose, trichomycose axillaire	trichomycosis axillaris; Paxton's disease; trichomycosis nodosa; trichomycosis nodularis; trichomycosis chromatica; trichonodosis; trichonocardiosis axillaris	tricomicosi ascellare, tricomicosi palmellina, tricobatteriosi palmellina, trichomycosis axillaris

	lepotricose, leptofix, doença de Plaxton				
827.	4.21.7.3. Ceratólise pontuada, ceratólise plantar, keratolysis plantar sulcada de Castellani, queratólise plantar sulcada, queratólise puntuada Plaxton	queratolisis punctata, queratosis punteada de palmas y plantas, queratosis palmar y plantar	kératolyse ponctuée des pieds maceres, Kératoiysis plantare sulcatum, kératolyse ponctuée	pitted keratolysis; keratolysis plantare sulcatum; keratolysis plantare sulcatum	cheratolisi plantare solcata
828.	4.21.7.4. Difteria cutânea, difteria superficial, difteria profunda	difteria cutânea, difteria de la piel, difteria	Diphtérie cutanée	cutaneous diphteria	difterite cutanea
829.	4.21.7.5. Uretrite	Uretritis	Urétrite	Urethritis	Uretrite
830.	4.21.7.6. Vaginite, colpite, elitrite	vaginitis, vulvovaginitis	vulvo-vaginite	Vaginitis; acute vulvovaginitis	Vaginite
831.	4.21.8. Sodoku, febre da mordida do rato, febre de Haverhill	fiebre por mordedura de rata, fiebre de Haverhill, eritema artrírico epidémico, fiebre estreptobacilar, fiebre espirilar, sodoku, espirilosis	Sodoku	rat-bite fever; sokosho; spirillum minor rat-bite fever; sodoku; streptobacillary rat-bite fever; Haverhill fever	sodoku, malattia da morso di ratto, eritema artritico epidemico, febbre da morso di ratto, febbre di Haverhill.
832.	4.21.9. Balonopostite erosiva e circinada, balanite erosiva e circinada	balanitis circinada	balanite érosive et circinée	Circinate erosive balanitis	balanite erosiva ciricnata
833.	4.21.10. Verruga peruana, doença de Carrion (pop.), plano hemorrágico, verruga dos Andes (pop.), febre de Oroya (pop.), verruga-peruana, verruga-do-peru, bartonelose	bartonelosis, enfermedad de Carrión, fiebre de Oroya, verruga peruana, infecciones por rochalimaea	Bartonellose, maladie de Carrion, Verruga peruana	Bartonellosis; Carrion's disease; verruga peruana; verruga peruviana; verruca peruana; verruca peruviana; hemorrhagic pian; Bartonella infections; Rochalimaea infections; Oroya fever	verruca peruviana, verruga peruana, bartonellosi
834.	4.21.11. Rickettsiose, rickettsíase	infección por rickettsias, infección de rickettsias, infección rickettsiana, fiebre manchada de las Montañas Rocosas infección rickettsiana, rickettsiosis	Rickettsiose	rickettsial infections; rickettsiosis; rickettsia infections	Rickettisiosi

835.	4.21.11.1. Angiomatose bacilar	angiomatosis bacilar	Angiomatose bacillaire	bacillary angiomatosis; epithelioid angiomatosis	angiomatosi bacillare, angiomatosi epitelloide, emagiomatosi epitelloidea
836.	4.21.11.2. Linforreticulose de inoculação benigna, linforreticulose benigna de inoculação, doença da arranhadura do gato, DAG	enfermedad por arañazo de gato, enfermedad de arañazo de gato, enfermedad del rasguño del gato, enfermedad por rasguño de gato, fiebre por rasguño de gato	MAladie des griffes du chat, lymphoréticulose bénigne d'inoculation	cat-scratch disease; benign lymphoreticulosis; cat-scratch fever; benign inoculation lymphoreticulosis; regional granulomatous lymphadenitis; benign inoculation reticulosis; inoculation lymphoreticulosis	malattia da graffio di gatto
837.	4.22. Micobacteriose	micobacteriosis, infecciones micobacterianas, infecciones por mycobacterium, enfermedades debidas a micobacterias	Mycobactérioses cutanées	Mycobacteriosis; mycobacterium infections	micobatteriosi, patologie da micobatteri, malattie da micobatteri
838.	4.22.1. Hanseníase, hansenose, micobacteriose neurocutânea, lepra, leprose, doença de Hansen (pop.), mal de Hansen (pop.), gafa (pop.), gafo (pop.), lazeira (pop.), elefantíase-dos-gregos (pop.), mal-bruto (pop.), mal-de-lázaro (pop.), mal-de-são-lázaro (pop.), mal-morfético (pop.), morféia, mal (bras. S), mal-do-sangue, (bras. pop.), mal-de-cuia (bras. SP pop.), guarucaia (bras.), macota (bras.), macutena (bras. MG)	lepra, enfermedad de Hansen	Lèpre, maladie de Hansen	Leprosy; Hansen's disease; Hansen's infection; Hanseniasis; Elephantiasis graecorum; lepra	lebbra, morbo di Hansen
839.	4.22.1.1. Hanseníase indeterminada, hanseníase incaracterística, hanseníase indiferenciada, HI	lepra indeterminada, lepra	Lèpre indéterminée	indeterminate leprosy	lebbra indeterminata
840.	4.22.1.2. Hanseníase	lepra lepromatosa	Lèpre lépromateuse (formes	lepromatous leprosy;	lebbra lepromatosa, LL

	virchowiana, lepra lepromatosa, HV		BB, BL, LI, MB)	cutaneous leprosy; nodular leprosy	
841.	4.22.1.2.1. Hanseníase virchowiana históide	**nenf**	**nenf**	histoid leprosy	**nenf**
842.	4.22.1.2.2. Hanseníase virchowiana difusa, lepra bonita de Latapi, lepra de Lúcio, lepra manchada, lepra lazarina, lepromatose difusa pura e primitiva	lepra lepromatosa difusa, lepra difusa de Ludo, lepra bonita	**nenf**	pure diffuse lepromatous leprosy; Lucio's phenomenon; 'spotted' leprosy; 'lazarine' leprosy; Lucio's leprosy	lebbra lepromatosa diffusa
843.	4.22.1.3. Hanseníase dimorfa, hanseníase boderline, hanseníase boderline de Wade, HB	lepra "bordeline", lepra dimorfa	Lèpre de type intermédiaire atypique, Borderline (BB) proprement dite	borderline leprosy; dimorphous leprosy	lebbra borderline, lebbra dimorfa, BT, BL, BB
844.	4.22.1.4. Hanseníase tuberculóide, lepra nervosa, lepra cutânea, lepra nodular, HT, lepra tuberculóide tórpida, reação tuberculóide, hanseníase tuberculóide em reação	lepra tuberculoide, lepra macular, lepra neurítica	Lèpre tuberculoïde (formes TI, BT, PB)	tuberculoid leprosy; cutaneous leprosy; smooth leprosy; nodular leprosy; macular leprosy; neural leprosy	lebbra tubercoloide, TT
845.	4.22.1.4.1. Hanseníase tuberculóide infantil, lepra tuberculóide nodular da infância	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
846.	4.22.2. Tuberculose cutânea, tuberculose da pele, tuberculose dérmica	tuberculosis de la piel	Tuberculose cutanée, Tuberculose de la peau et du scrofuloderma; cutis tuberculosis; dermal tuberculosistissu cellulaire sous-cutané	cutaneous tuberculosis scrofuloderma; cutis tuberculosis; dermal tuberculosis; skin tuberculosis; tuberculid	tubercolosi della pelle, tubercolosi cutanea, tubercolosi cutanee
847.	4.22.2.1. Tuberculose, tuberculose cutânea propriamente dita, tuberculose cutânea primária, tuberculose primária, tuberculose	Tuberculosis	Tuberculose, Tuberculoses cutanées vraies	tuberculosis	Tubercolosi

	secundária				
848.	4.22.2.1.1. Complexo primário tuberculoso, cancro tuberculoso, cancro de inoculação primária, complexo primário da pele	complejo tuberculoso primitivo	Complexe primaire tuberculeux, Chancre tuberculeux primitif	tuberculous chancre; primary inoculation complex; primary tuberculous complex	Complesso primario tubercolare cutaneo, complesso primario cutaneo, complesso tubercolare primario cutaneo, complesso tubercolare primario
849.	4.22.2.1.2. Tuberculose coliquativa, escrofuloderma, escrófulo tuberculoso, escrofulodermia, escrofulodermia tuberculosa, escrofulodermia ulcerativa	tuberculosis colicuativa cutânea	Scrofuloderme, écrouelle	Scrofuloderma; tuberculous scrofuloderma; ulcerative scrofuloderma; scrofulotuberculosis; cutaneous tuberculosis; skin tuberculosis; tuberculid	Tubercolosi colliquativa, gomme, tubercolosi gommosa, scrofuloderma, gomma tubercolare
850.	4.22.2.1.3. Tuberculose verrucosa, tuberculose verrucosa da pele, tubérculo dos anatomistas, tubérculo anatômico, verruga necrogênica, verruga anatômica, verruga tuberculosa, lupo verrucoso, lupo papulomatoso, escrofulodermia verrucosa, escrofulofima	tuberculosis verrugosa cutánea, verruga necrógeoa, verruga del anatomista, verruga postmortem	Tuberculose verruqueuse	tuberculosis verrucosa cutis; warty tuberculosis; lupus verrucosus; lupus papillomatosus; verrucous scrofuloderma	tubercolosi verrucosa, tubercolosi verrucosa cutis
851.	4.22.2.1.4. Tuberculose luposa, tuberculose luposa da pele, tuberculosis luposa cutis, lúpus vulgar, lúpus tuberculoso	lupus vulgar	Lupus vulgaire	lupus vulgaris; tuberculosis cutis luposa; lupus tuberculosus; lupus	lupus vulgaris, lupus volgare, tubercolosi cutanea luposa, lupus tubercolare
852.	4.22.2.1.5. Tuberculose ulcerosa, tuberculose orificial, tuberculose orificial da pele, tuberculose cutânea dos orifícios	tuberculosis orificial	Tuberculose orificielle	orificial tuberculosis; tuberculosis cutis orificialis; acute tuberculous ulcer; tuberculosis ulcerosa	tuberculosis ulcerosa cutis sive mucosae

853.	4.22.2.1.6. Tuberculose cutânea miliar aguda, tuberculose miliar disseminada, tuberculose aguda, tuberculose miliar aguda	tuberculosis miliar aguda de la piel	Tuberculose miliaire, Tuberculose miliaire aiguë	miliary tuberculosis; acute tuberculosis; acute miliary tuberculosis; disseminated tuberculosis	tubercolosi miliare acuta
854.	4.24.2.2. Tubercúlide, tuberculose cutânea secundária	Tubercúlides	Tuberculides	Tuberculid; cutaneous tuberculosis; skin tuberculosis; scrofuloderma	tuberculidi, tuberculide
855.	4.22.2.2.1. Tubercúlide papulóide necrótica, tubercúlide papulonecrótica, acne agminata, tuberculose papulonecrótica, tuberculose disseminada folicular da pele	tubercúlide papulonecrótica	Tuberculides papulo-nécrotiques	papulonecrotic tuberculid; acne scrofulosorum; tuberculosis papulonecrotica; tuberculosis cutis follicularis disseminata	Tuberculidi papulo-necrotiche, tuberculide papulonecrotica
856.	4.22.2.2.2. Tubercúlide liquenóide, tubercúlide papular, lichen scrofulosorum, líquen scrofulosorum, líquen escrofuloso, escrofulodermia papular	liquen escrofuloso	Lichen scrofulosorum	lichen scrofulosorum; lichen scrofulosus; papular tuberculid; papular scrofuloderma	Lichen scrofulosorum, Lichen scrophulosorum, Tubereolosi lichenoide cutanea, tubercolosi lichenoides
857.	4.22.2.2.3. Tubercúlide micropapolusa	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
858.	4.22.2.2.3.1. Tubercúlide micropapolusa acneiforme, acnitis	tubercúlide rosaceiforme	actinis de Barthélémy, tuberculides papulonodulaires	**nenf**	**nenf**
859.	4.22.2.2.3.2. Tubercúlide micropapolusa lupóide	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
860.	4.22.2.2.4. Tuberculose endurativa de Bazin, eritema indurado (de Bazin), tuberculose endurativ da pele, tuberculose cutânea endurativ, doença de Bazin	Eritema indurado de Bazin	Érythème induré de Bazin	erythema induratum; Bazin's disease; nodular tuberculid; tuberculosis cutis indurativa	eritema indurato di Bazin, vasculite nodulare, lattia di Bazin
861.	4.22.3. Micobacteriose atípica	infección debida a	Infection atypique à	atypical mycobacterium	micobatteriosi atipiche e

		micobacterias atípicas	Mycobacterium, Mycobactéries atypiques	infections; tuberculoid infections	cutanee, micobatteriosi atipiche, micobatteriosi cutanee atipiche, infezioni atipiche da micobatteri, infezione micobatterica atípica
862.	4.22.3.1. Micobacteriose granulomatosa da piscina, granuloma da piscina	granuloma de las piscinas	Granulome des piscines, maladie des aquariums	mycobacterium marinum; swimming-pool granuloma; fish-tank granuloma	granuloma da acquario, granuloma da piscina
863.	4.22.3.2. Micobacteriose atípica ulcerada, úlcera de Buruli, ulceração micobacteriana, ulceração crônica por Mycobacterium ulcerans	infección de M. Ulcerans	Ulcère de Buruli	Buruli ulcer	ulcera di Buruli, ulcera del Buruli, mycobacterium ulcerans
864.	4.23.Treponematose, treponemíase, treponemose	Treponematosis	Tréponématoses non vénériennes	treponematosis; treponemiasis	treponematosi, infezione da treponema pallidum SAI
865.	4.23.1. Sífilis, lues, lues venérea, mal venéreo, sífilis d'emblée, cancro profissional, avariose, mal-americano (pop.), mal-canadense (pop.), mal-céltico (pop.), mal-da-baía-de-são-paulo (pop.), mal-de-coito (pop.), mal-de-fiúme (pop.), mal-de-franga (pop.), mal-de-frenga (pop.), mal-de-nápoles (pop.), mal-de-santa-eufêmia (pop.), mal-de-são-jó (pop.), mal-de-são-névio (pop.), mal-de-são-semento (pop.), mal-dos-cristãos (pop.), males (pop.), mal-escocês (pop.), mal-francês	sífilis, lúes	syphilis	syphilis; lues	sifilide, lue

	(pop.), mal-gálico (pop.), mal-germânico (pop.), mal-ilírico (pop.), mal-napolitano (pop.), mal-polaco (pop.), mal-turco (pop.), gálico (pop.), venéreo (pop.)				
866.	4.23.1.1. Sífilis congênita, sífilis pré-natal, sífilis hereditária	sífilis prenatal, Sífilis congénita	syphilis congénitale	congenital syphilis; syphilis hereditaria; hereditay syphilis; Hutchinson's teeth	sifilide congenita, lue connata
867.	4.23.1.1.1. Sífilis congênita recente, sífilis congênita precoce, pênfigo sifilítico, sifilide penfigóide	sífilis prenatal temprana	syphilis précoce, syphilis précoce primosecondaire	Early congenital syphilis; bullous syphilid; pemphigoid syphilid	sifilide congenita precoce, sifilide precoce, sifilide congenita precoce sintomatica, sifilide congenita precoce con sintomi
868.	4.23.1.1.2. Sífilis congênita tardia, sífilis hereditária tardia	sífilis prenatal tardia, sífilis congénita tardia	syphilis tardive	Late congenital syphilis; syphilis hereditaria tarda	sifilide tardiva, sifilide congenita tardiva
869.	4.23.1.2. Sífilis adquirida	sífilis adquirida	syphilis acquise	acquired syphllis	sifilide acquisita
870.	4.23.1.2.1. Sífilis adquirida recente, sífilis precoce	sífilis precoz	**nenf**	**nenf**	sifilide precoce
871.	4.23.1.2.1.1. Sífilis primária, protossífilis, sífilis redux, sífilis decapitada	sífilis primaria, sífilis temprana	syphilis primaire	primary syphilis	sifilide primaria, sifilide 1
872.	4.23.1.2.1.2. Sífilis secundária, mesossífilis, sífilis recidivante, sífilis maligna precoce	sífilis secundaria	syphilis secondaire, syphilis secondaire de la peau et des muqueuses	secondary syphilis; mesosyphilis	sifilide secondaria, Sifilide II (periodo secondario)
873.	4.23.1.2.1.3. Sífilis recente latente	sífilis latente reciente, Sífilis precoz latente	syphilis précoce, latente	**nenf**	sifilide latente, sifilide recente, lue latente sieropositiva
874.	4.23.1.2.2. Sífilis adquirida tardia	sífilis tardia adquirida, sífilis tardia, Sífilis sintomática tardía	**nenf**	**nenf**	sifilide tardiva
875.	4.23.1.2.2.1. Sífilis tardia latente	sífilis latente tardia, sífilis asintomática tardia, Sífilis latente, Sífilis tardía, latente	syphilis tardive, latente	**nenf**	Sifilide tardiva latente, Sifilide secondaria tardiva
876.	4.23.1.2.2.2. Sífilis terciária,	sífilis cardiovascular,	syphilis tertiaire, Syphilis	tertiary syphilis; late syphilis;	sifilide terziaria, sifilide

	sífilis tardia, sífilis cutânea tardia, goma sifilítica, sífilis cardiovascular, sífilis nevosa, neurossífilis	neurosifilis, sífilis terciária,aortitis sifilítica	tardive ou tertiaire	cardiovascular syphilis; syphilitic aortitis	sintomatica tardiva, Sifilide III, Neurosifilide, sifilide tardiva
877.	4.23.2. Framboesia, (framboésia), bouba, piã (bras.), pian, rúpia, botão de Amboíma, micose framboesióide, polipapiloma, papiloma zimótico, granuloma tropical	frambesia, buba, frambesia tropica, plan, yaws	pian, yaws, frambrsia, bouba, epian, goundou	yaws; frambesia; boubas; pian; rupia; Charlouis' disease; mycosis framboesioides; polypapilloma; granuloma tropicum; zymotic papilloma	framboesia, Yaws (ingl.)
878.	4.23.3. Pinta, caraté, puru-puru (bras. pop.), azul, doença manchada (pop.), mal das pintas (pop.), mal-da-pinta, mal-do-pinto, purupuru (bras. pop.)	pinta, carete mal de pinto,	pinta, caraté, mal de pinto	pinta; carate; mal de los pintos	pinta, carete
879.	4.24. micose, micose fungóide, dermomicose, dermatomicose, epidermomicose	micosis fungoide, micosis, enfermedad por hongos	mycose, dermatoses mycosiques	mycosis; mycosis fungoides	micosi, Dermatomicosi, micosi fungoide
880.	4.24.1. micose fungóide d'emblée	micosis fungoide d'emblée	forme tumorale d'emblée (Vidal-Brocq)	**nenf**	Micosi fungoide d'emblée
881.	4.24.2. micose superficial	micosis superficial	mycose superficielle	**nenf**	micosi superficiali
882.	4.24.2.1. cerafitose, micose saprofitária, saproficea de Unna	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
883.	4.24.2.1.1. pitiríase versicolor, acromia parasitária, cromofitose, tinea versicolor, tinea furfurácea, tinea da pele glabra, doença de Eichstedt	pitiriasis versicolor	Pityriasis versicolor	pityriasis versicolor; tinea versicolor; dermatomycosis furfuracea; tinea flavea; liver spots; chromophytosis	Pityriasis versicolor, Tinea versicolor
884.	4.24.2.1.2. pitiríase nigra, cerafitose negra, tinha negra,	tiña negra	Tinea nigra, Keratomycosis nigricans palmaire,	tinea nigra; tinea nigra palmaris; keratomycosis	tinea nigra, tigna nera

	tinha negra palmar		cladosporiose épidermique, Pityriasis nigra, microsporose noire	nigricans palmaris; pityriasis nigra	
885.	4.24.2.2. dermatofitose, dermofitose, epidermofitose, tinha, dermatofitose granulomatosa localizada tipo jocchi, dermatofitose granulomatosa localizada tipo Wilson-Cremer, dermatofitose generalizada tipo Azulay, dermatofitose generalizada tipo Artom, dermatofitose generalizada tipo Pelevine-Tchermogouboff, dermatofitose inflamatória tipo quérion (Kérion Celsi), dermatofitose inflamatória tipo sicose tricofítica, dermatofitose inflamatória tipo folliculitis capitis abscedens et suffodiens, porrigem	dermatofitosis, tiñas, infecciones por dermatófitos	Dermatophytose	dermatophytosis; tinea; epidermophytosis; ringworm; trichophytosis	Dermatofitosi
886.	4.24.2.2.1. dermatofitose do couro cabeludo, tinea capitis, tricoficose da cabeça, tinea tonsurans, tinha da cabeça, tinha fávica, favo, tinha favosa (obsol.), tinha vera, herpes tonsurante, porrigo furfurans, porrigo favoso, porrigo lupinoso	tiña del cuero cabelludo	Dermatophytoses du cuir chevelu teigne, Teigne du cuir chevelu	tinea capitis; ringworm of the scalp; tinea tonsitrans; trichophytosis capitis	Tinea capitis, tigna favosa
887.	4.24.2.2.2. dermatofitose do corpo, tinea corporis, tinea circinata, tricoficose do corpo, tinha do corpo, tinha da pele	tinea corporis, tiña del corpo, tiña circinada	Dermatophytoses du cuir chevelu teigne, Teigne du cuir chevelu	tinea corporis; ringworm of the body; tinea circinata; trichophytosis corporis	tinea corporis, Dermatofitosi del corpo, tigna del corpo, tinea corpis

	glabra, herpes tonsurante				
888.	4.24.2.2.3. dermatofitose marginada, tinea cruris, tinea inguinal, tinha da pele glabra, tricoficose crural, eczema marginado de hebra, tinha crural, coceira de jóquei, prurido de jóquei, prurido de lavandeiro nativo	tiña genitocrural, tinea cruris	Eczéma marginé de Hebra	tinea cruris; ringworm of the groin; dhobie itch; eczema marginatum; tinea inguinalis; trichophytosis cruris	Tinea cruris/crurum, epidermofizia inguinale, tigna ingueale
889.	4.24.2.2.4. dermatofitose dos pés, tinea pedis, dermatomicose dos pés, epidermofitose dos pés, epidermofitose interdigital dos pés, intertrigo interpododáctilo, tinha da pele glabra, tinha dos pés, pé-de-Hong-Kong, pé-de-atleta, frieira	tinea pedis, dermatofitosis interdigital, infección fungosa de los pies, pie de atleta)	Teigne du pied, Dermatophytose du pied, Pied d'athlète, Dermatophytose interdigito-plantaire	tinea pedis; foot ringworm; athlete's foot; dermatomycosis pedis; Hong Kong foot; Hong Kong toe	tinea pedis, Tinea pedis/pedum, Micosi del piede, Dermatofitosi del piede, Piede d'atleta, tigna del piede
890.	4.24.2.2.5. dermatofitose das mãos, tinea manum, pitiríase nigra, tinea nigra, tinha das mãos, tinha da pele glabra	tiña de la mano, infección fungosa de la mano, tinea nigra	Teigne de la main, Dermatophytose de la main, Dermatophytose palmaire	tinea manuum; ringworm of the hand; tinea manus	tinea manuum, Tinea manus/manuum, Dermatofitosi della mano, tigna della mano
891.	4.24.2.2.6. dermatofitose imbricata, tinea imbricata, tinea da Birmânia, tinea circinada tropical, tinea tropical, tinha chinesa, tinha da Índia, tinha de Toquelau, tinha oriental, tinha da ilha de Bowditch, tinha escamosa, prurido de labar, lota de Toquelau, herpes descamativo, chimberê	tinea imbricata, tiña imbricada	Teigne imbriquée, Tokelau	tinea imbricata; herpes desquamans; tinea tropicalis; tokelau	Tinea imbricata, Tinea imbricata [Tokelau], tigna embricata, tinea embricata di Tokelau
892.	4.24.2.2.7. dermatofitose ungueal, tinea unguium, tinha	tinea unguium, tiña de las uñas	Teigne de l'ongle, Dermatophytose de l'ongle,	tinea unguium; ringworm of the nails; onychomycosis	Tinea unguium, onicomicosi,

	das unhas, onicomicose		Onychomycose		Dermatofitosi dell'unghia, Onichia dermatofitica, Onicomycosi, tigna dell'unghia
893.	4.24.2.2.8. dermatofitose da face, tinea faciale, tinea da pele glabra, tinea glabrosa	Tiña de la cara, tinea faciei	**nenf**	tinea faciei; ringworm of the face; tinea faciale; tinea glabrosa	Tinea faciei
894.	3.24.2.2.9. dermatofitose da barba, tinea barbae, tinha da barba, mentagra (impr.), coceira de barbeiro (pop.)	tiña supurativa de la barba, mentagra, tinea barbae, sicosis	Teigne de la barbe	tinea barbae; ringworm of the beard; folliculitis barbae; trichophytosis barbae	Tinea barbae, tigna suppurata della barba, Sicosi parassitaria, dermatofitosi della barba, tigna della barba
895.	4.24.2.2.10. dermatofitides, mícides	dermatofítides	Dermatophytide	dermatophytid; dermatophytide	Micide
896.	4.24.2.3. candidíase, candidose, moniíase	Candidiasis, moniliasis, candidosis	Candidose, candidiase, moniliase	candidiasis; candidosis; moniliasis	candidiasi, candidosi, micosi da Candida, moniliasi
897.	4.24.2.3.1. candidíase cutânea	Candidiasis cutánea, moniliasis cutánea	Candidoses cutanées	cutaneous candidiasis; cutaneous moniliasis	candidosi cutanea, candidosi cutaneo-mucosa cronica, Candidiasi della pelle
898.	4.24.2.3.1.1. candidíase intertriginosa, intertrigo, intertrigo inflamamário, intertrigo crural, intertrigo interdigital, erosio digitalis blastomycetica, intertrigem, assadura (pop.), assado (pop.)	Intertrigo	Intertrigo	candida intertrigo; flexural candidiasis; intertrigo	intertrigine da candida, onichia da cândida
899.	4.24.2.3.1.2. oníquia	Oniquia	Onyxis, Onyxis à Cândida	onychia; onychitis; onyxitis	Onichia
900.	4.24.2.3.1.3. paroníquia, panarício, panariz, paroniquia	Paroniquia bacteriana	Périonyxis, Périonyxis à Cândida	paronychia; whitlow; onychia lateralis; onychia periungualis	paronichia, Patereccio para- e subungueale, bulla repens
901.	4.24.2.3.1.4. candídides	Candídide, Candidiasis	Candidide [lévuride]	candidid	candidide, levuride

		interdigital, erosión interdigitalis			
902.	4.24.2.3.1.5. candidíase cutânea generalizada, candidose disseminada	**nenf**	candidoses cutanéo-muqyeuses chroniques, CCMC	**nenf**	candidosi disseminate, sepsi da candida
903.	4.24.2.3.1.6. granuloma candidiásico	**nenf**	granulome candidosique	**nenf**	granuloma candidosico, granuloma da candida
904.	4.24.2.3.2. candidíase mucosa	Infecciones candidiásicas de las mucosas	Candidoses muqueuses	**nenf**	candidosi delle mucose
905.	4.24.2.3.2.1 candidíase oral	Candidiasis bucal, Candidiasis de los labios	Candidoses buccales	oral candidiasis; oral thrush; acute pseudomembranous candidosis	candidosi orale
906.	4.24.2.3.2.1.1. estomatite cremosa, sapinho (pop.), farfalho	Estomatitis candidiásica, afta oral	Stomatite à Candida, Muguet buccal, Muguet, candidose pseudomembraneuse aiguë	thrush; mycotic stomatitis	stomatite da candida, Stomatite candidosica, mughetto, mughetto orale
907.	4.24.2.3.2.1.2. queilite angular, perleche, boqueira (pop.), quilite comissural, boqueiro (pop.), canto-de-passarinho (bras. BA pop.), canto-de-sabiá (bras. pop.), sabiá (pop.)	queilitis angular, perleche	Cheilite commissurale, Perlèche	commisural cheilitis; perlèche; angular cheilitis; angular stomatitis	cheilite angolare, perlèche, boccarola
908.	4.24.2.3.2.2. candidíase vulvo-vaginal	Candidíasis vulvovaginal Infección vaginal por levaduras, moniliasis vulvovaginal, vaginitis monilial	Candidose de la vulve et du vagin, Vulvovaginite, Vulvovaginite à Candida	genital and perineal candidiasis; vulvovaginal thrush; vulvovaginitis	candidosi vaginale, vulvovaginiti candidosiche
909.	4.24.2.3.2.2.1. balanite, bálano-postite candidósica	Balanitis, balanitis aguda, craurosis del pene, Balanopostitis	Balanite	balanitis; balanoposthitis; kraurosis penis	Balanite
910.	4.24.2.3.3. candidíase de órgãos internos	Candidiasis sistêmica	**nenf**	**nenf**	candidosi degli organi interni
911.	4.24.3. micose profunda, micose subcutânea	micosis profunda	mycoses profondes, mycoses semi-profondes et profondes (¿),mycoses rares	**nenf**	micosi profonde, micosi sistemiche

912.	4.24.3.1. esporotricose	Esporotricosis	Sporotrichose	sporotrichosis; Schenck's disease	Sporotricosi
913.	4.24.3.1.1. esporotricose cutânea	esporotricosis cutánea primitiva, esporotricosis cutânea	formes cutanées	**nenf**	**nenf**
914.	4.24.3.1.1.1. esporotricose gomosa	Esporotricosis gomosa **nenf**(Internet)	Forme gomeuse typique	**nenf**	sporotricosi forma gommosa típica
915.	4.24.3.1.1.2. esporotricose abscedante	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
916.	4.24.3.1.1.3. esporotricose verrucosa	**nenf**	formes verruqueuses	**nenf**	sporotricosi forme ingannatrici
917.	4.24.3.1.1.4. esporotricose papulosa, esporotricose cutânea acneiforme	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
918.	4.24.3.1.1.5. esporotricose disseminada, doença de Beurmann	esporotricosis cutánea diseminada, esporotricosis diseminada P	Sporotrichose disséminée	**nenf**	sporotricosi disseminata, sporotricosi forma disseminata
919.	4.24.3.1.2. esporotricose linfático-ganglionar, linfangite nodular ascendente, cancro esporotricósico	chancro esporotricótico(net)	**nenf**	Sporotrichositic chancre	sporotricosi forma linfangitica (classica)
920.	4.24.3.1.3. esporotricose das mucosas e de órgãos internos	Esporotricosis mucocutánea (net)	sporotrichose cutaneo-muqueuse		**nenf**
921.	4.24.3.2. blastomicose	Blastomicosis P	Blastomycose, blastomycose nord-américaine, maladie de christ (ver obs)	blastomycosis; North American blastomycosis; Gilchrist's disease	Blastomicosi
922.	4.24.3.2.1. blastomicose sul-americana, paracoccidioidomicose, granuloma paracoccidióideo, blastomicose brasileira, doença de Lutz-Splendore-Almeida	granuloma sudamericano, enfermedad de Lutz-Splendore-Almeida, granuloma paracoccidioideo P	blastomycose brésilienne, blastomycose sud-américaine	paracoccidioidomycosis; South American blastomycosis; paracoccidioidal granuloma; Almeida's disease; Lutz-Splendore-Almeida disease	blastomicosi sudamericana, blastomicosi sud-americana, paracoccidiosi, paracoccidioidosi, paracoccidioidomicos, blascomicosi brasiliana, malattia di Lutz

923.	4.24.3.2.1.1. blastomicose sul-americana na forma cutânea, blastomicose sul-americana na forma cutânea-mucosa, blastomicose sul-americana na forma tegumentar	**nenf**	**nenf**	**nenf**	paracoccidioidomicosi forma cutaneo-mucosa
924.	4.24.3.2.1.1.1. blastomicose sul-americana na forma papulosa	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
925.	4.24.3.2.1.1.2. blastomicose sul-americana na forma tuberosa e túbero-ulcerosa	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
926.	4.24.3.2.1.1.3. blastomicose sul-americana na forma ulcerosa e úlcero-vegetante, blastomicose perianal, blastomicose peniana	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
927.	4.24.3.2.1.1.4. blastomicose sul-americana na forma abscedante	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
928.	4.24.3.2.1.1.5. blastomicose sul-americana na forma lupóide	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
929.	4.24.3.2.1.2. blastomicose na forma mucosa	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
930.	4.24.3.2.1.3. blastomicose na forma ganglionar	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
931.	4.24.3.2.1.4. blastomicose na forma visceral e ósteo-articular	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
932.	4.24.3.2.2. blastomicose queloidiana, micose de Jorge Lobo, doença de Jorge Lobo, lobomicose	lobomicosis, blastomicosis queloidal, enfermedad de Lobo	Lobomycose, Blastomycose chéloïdienne, ladie de Lobo, maladie de Jorge Lobo	lobomycosis; cheloidal blastomycosys; Lobo's disease	lobomicosi, malattia di Jorge Lobo, blastomicosi del tipo Jorge-Lobo, Blastomicosi cheloidea, blastomicosi dell'Amazzonia

933.	4.24.3.2.3. blastomicose norte-americana, blastomicose de christ	blastomicosis norteamericana, enfermedad de christ; blastomicosis norteamericana	blastomycose nord-américaine, maladie de christ (ver obs)	Blastomycosis; Gilchrist's disease; North American blastomycosis	blastomicosi nordamericana, Morbo di Gilchrist
934.	4.24.3.3.cromomicose, micose de Pedroso e Lane, dermatite verrucosa cromoparasitária	cromomicosis, cromoblastomicosis, dermatitis verrugosa	Chromomycose, chromoblastomycose, chromomycoses, dermatite verruqueuse	chromomycosis; chromoblastomycosis; verrucous dermatitis; dermatitis verrucosa	cromomicosi, Dermatite verrucosa, cromoblastomicosi.
935.	4.24.3.4. feoifomicose, feohifomicose	infección por hongos dermatiaceos	**nenf**	phaeohyphomycosis; phaeomycotic sbcutaneous cyst	Feoifomicosi
936.	4.24.3.5. histoplasmose	histoplasmosis, fiebre del valle del río Ohio	Histoplasmose, Histoplasmose américaine, histoplasmose de Danling, histoplasmose à «petites formes», histoplasmose à «grandes formes». (ver obs)	histoplasmosis; Darling's disease	Istoplasmosi
937.	4.24.3.6. coccidioidomicose, moléstia de Posada-Wernike, febre de São Joaquim	coccidioidomicosis, coccidiosis, fiebre del valle San Joaquín	Coccidioïdomycose, fièvre de la vallée de San Joaquim, rhumatisme du désert, maladie de Posadas ou Wernicke, coccidioïdose, coccidiomycose	coccidioidomycosis; coccidioidal granuloma; valley fever; San Joaquin valley fever; desert rheumatism; Posadas disease	Coccidioidomicosi
938.	4.24.3.7. criptococose, torulose, blastomicose européia, moléstia de Busse-Buschke	criptococosis, torulosis	Cryptococcose, torulose	cryptococcosis; Busse-Buschke disease; torulosis	criptococcosi, Blastomicosi europea
939.	4.24.3.8. rinosporidiose	Rinosporidiosis	Rhinosporidose, Rhinosporidiose	rhinosporidiosis	Rinosporidiosi
940.	4.24.3.9. micetoma	micetoma	Mycétome	Mycetoma; maduromycosis; madura foot; Bouffardi's black mycetoma; fungous foot	micetoma, piede di madura
941.	4.24.3.9.1. actinomicose,	actinomicosis, infecciones por	Actinomycose, nocardiose	Actinomycosis, actinomyces	actinomicosi,actinomicosi

	actinomicetose	actinomyces, ndíbula hinchada		infections	cutanea
942.	4.24.3.9.1.1. actinomicose cérvico-facial	actinomicosis cervicofacial	Actinomycose cervico-faciale, actinomycose cervicale	cervicofacial actinomycosis	actinomicosi cervicofacciale, actinomicosi cervicofaciale
943.	4.24.3.9.1.2. actinomicose tóraco-pulmonar	actinomicosis torácica, actinomicosis del pulmón, actinomicosis pulmonar	Actinomycose pulmonaire	thoracic type of actinomycosis, pulmonary actinomycosis	actinomicosi polmonare
944.	4.24.3.9.1.3. actinomicose abdominal	actinomicosis abdominal	Actinomycose abdominale	Abdominal actinomycosis	actinomicosi addominale, actinomicosi viscerali
945.	4.24.3.9.1.4. actinomicose podálica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
946.	4.24.3.9.2. maduromicose, pé-de-madura	maduromicosis, pie de madura, enfermedad de Ballingal	MAduromycose, Pied de dura mycosique, Eumycétome, pieds de dura, mycétome eumycosique	mycetoma, maduromycosis, madura foot	maduromicosi, micetoma, piede di madura
947.	4.24.3.9.3. botriomicose, actinifitose estafilocócica, granuloma piogênico, pseudomicose bacteriana	actinofitosis, angiogranuloma, granuloma telangiecticum, hemangioma capilar lobular, granuloma piogenico, botriomicosis	botriomycome, granulome inflammatoire hypertrophique, Granulome pyogénique	botryomycosis, actinophytosis, bacterial pseudomycosis (muito confuso)	Botriomicosi, Actinofitosi, botriomicoma, granuloma piogenico, Granuloma pediculatum, granuloma teleangectasico
948.	4.24.3.10. zigomicose	zigomicosis	Zygomycose	Zygomycosis, mucormycosis; phycomycosis (muito confuso)	Zigomicosi
949.	4.24.3.10.1. rinozigomicose, mucormicose, ficomicose, zigomicose visceral	Mucormicosis	Mucormycose	Checar melhor - (bem confuso)	mucormicosi rinocerebrale
950.	4.24.3.10.2. entomorfitoromicose subcutânea, zigomocose subcutânea	Ficomicosis, mucormicosis, zigomicosis	Phycomycose sous-cutanée, basidiobolomycose	subcutaneous zygomycosis, basidioboiomycosis, subcutaneous phycomycosis (muito confuso)	mucormicosi sottocutanea, mucormicosi cutanea
951.	4.24.3.10.3. rinoentomofitoromicose, zigomicose muco-cutânea	Mucormicosis	Rhinophycomycose, conidiomycose, entomophtorose, entomophthoromycose(conf)	Checar melhor - (bem confuso)	**nenf**
952.	4.25. afecção sebácea	**nenf**	pathologie sébacée, lésions	**nenf**	**nenf**

			sébacées		
953.	4.25.1. seborréia, esteatorréia, hiperesteatose	dermatitjs seborreica, Seborrea	Dermite séborrhéique, séborrhée	seborrhoea, seborrhea, seborrheic dermatitis, dermatitis seborrheica	seborrea,Stato seborroico, seborrea del corpo
954.	4.25.2. acne, acne juvenil, acne vulgar, acne da adolescência, acne comedoniana, acne polimorfa, acne papulosa, acne pustulosa, acne indurata, acne cística, acne flegnomosa	acné vulgar, acné	Acné, acné vulgaire	acne, acne vulgaris	acne, acne giovanile, acne volgare
955.	4.25.2.1. acne conglobata	Acné quistico, acne conglobata	Acné conglobata	acne conglobata, conglobate acne	acne conglobata
956.	4.25.3. erupção acneiforme, EA, acne induzida, elaiocomicose	Erupción acneiforme	eruption acneiforme	acneiform eruption, acniform eruption, steroid-induced acne	eruzione acneiforme
957.	4.25.3.1. acne infantil, acne neonatal	Acné neonatal, Acné infantil	Acné infantile, acné du nourrisson, acné néonatale	infantile acne, juventile acne, neonatal acne, acne neonatorum	acne infantile, ance infantum
958.	4.25.3.2. acne escoriada	Acné excoriada de las jovencitas, Acné excoriado	acné excoriée, Acné excoriée des jeunes filles	acne excoriée, acne excoriata, acne excoriée des jeunes filles	acne escoriata, acne escoriata delle ragazze, acne excoriee des jeunes filles
959.	4.25.3.3. acne pré-menstrual do adulto	Acné premenstrual	**nenf**	premenstrual eruption, premenstrual acne	**nenf**
960.	4.25.3.4. acne ocupacional	Acné ocupacional, Acné profesional	acné de contact	acne occupational, occupational acne, occupational chloracne, chloracne	Acni occupazionali, Acne da olii
961.	4.25.3.5. acne cosmética, acne por cosmético	Acné cosmética	acné cosmétique de la femme	acne cosmetica, cosmetic acne	acne cosmetica
962.	4.25.3.6. acne medicamentosa	Acné por drogas, foliculitis esteroidal, Acné inducido por los fármacos	acné médicamenteuse, acné iatrogène médicamenteuse (conf fonte 2-scanner)	acne medicamentosa	acne da medicamenti, acne da farmaci
963.	4.25.3.7. acne tropical	Acné tropical	Acné tropicale	hydration acne, tropical acne, acne tropicalis	Acne aestivalis, Acne di iorca, acne tropicale.

964.	4.25.3.8. acne oclusiva, acne mecânica	Acné mecánica	**nenf**	acne mechanica, mechanical acne	acne meccanica
965.	4.25.3.9. acne solar, acne estival, acne de jorca, acne praiana	Acné estival	**nenf**	solar acne (Internet)	acne estivale, Acne aestivalis, Acne di iorca, acne tropicale.
966.	4.25.3.10. acne endócrina	**nenf**	**nenf**	endocrine acne (Internet)	**nenf**
967.	4.25.3.11. rosácea, acne rosácea, rosácea ocular, rinofima, acne rosáceo	acné rosácea, rosácea	Acné rosacée, rosacée	rosacea, acne rosacea	Rosacea
968.	4.25.3.12. dermatite perioral	Dermatitis perioral, dermatitis peribucal	Dermite périorale, dermite péri-orale	dermatitis perioral, perioral dermatitis, periocular dermatitis	dermatite periorale, Dermatite tipo rosacea, "malattia delle hostess"
969.	4.26. afecção granulomatosa	enfermedad granulomatosa	Lésions granulomateuses de la peau et du tissu cellulaire sous-cutané	**nenf**	malattie granulomatose idiopatiche
970.	4.26.1. sarcoidose, doença de Boeck, sarcóide de Boeck, moléstia de Besnier-Boeck-Schaumann, síndrome de Besnier-Boeck-Schaumann, doença de Besnier-Boeck-Schaumann, síndrome de Schaumann, sarcóide cutâneo múltiplo, linfogranulomatose benigna, lupóide benigno, lúpus pérnio, eritrodermia hipodérmica, sarcóide hipodérmico, sarcóide infiltrativo difuso em placa, doença de Boeck-Schaumann	sarcoidosis, enfermedad de Besnier-Boeck, sarcoide de Boeck, enfermedad de Schauman	Sarcoïdose, maladie de Besnier-Boeck-Schaumann	Sarcoidosis, sarcoid, Boeck's disease, Besnier-Boeck-Schaumann disease, Besnier-Boeck-Schaumann syndrome, Schaumann's syndrome	Sarcoidosi
971.	4.26.2. granuloma anular, granuloma annulare	granuloma anular	Granulome annulaire	granuloma annulare, granuloma anulare	granuloma anulare
972.	4.26.2.1. granuloma anular de forma típica, eritema polimorfo, eritema arciforme dérmico	granuloma anular típico	érythème polymorphe	**nenf**	**nenf**

973.	4.26.2.2. granuloma anular de forma disseminada	granuloma anular diseminado, granuloma diseminado anular	**nenf**	**nenf**	granuloma anulare disseminato
974.	4.26.2.3. granuloma anular de forma nodular, granuloma anular nodular	granuloma anular subcutâneo	**nenf**	**nenf**	**nenf**
975.	4.26.2.4. granuloma anular de forma perfurante	granuloma anular perforante	Granulome annulaire perforant, élastome perforant	perforating granuloma annulare	granuloma anulare perforante
976.	4.26.3. granuloma multiforme	granuloma multiforme	**nenf**	granuloma multiforme	granuloma multiforme, lattia di Mkar
977.	4.26.4. necrobiose lipoídica, necrobiosis lipoídica, necrobiosis lipoídica diabeticulorum, necrobiose lipoídica diabética, necrobiose lipoídica "diabeticorum"(Oppenhein Urbach)	necrobiosis lipoica diabética, NDL	Nécrobiose lipoïdique	necrobiosis lipoidica, necrobiosis lipoidica diabeticorum	necrobiosi lipoidica, necrobiosis lipoidica diabeticorum, necrobiosi lipidica
978.	4.26.4.1. granuloma anular elastolítico, granuloma actínico, granuloma actínico de O'Brien	**nenf**	granulome actinique	actinic granuloma, O'Brien's granuloma	granuloma anulare elastolitico a cellule giganti, granuloma anulare forma attinica, granuloma attinico
979.	4.26.5. nódulo reumatóide	nódulo reumatoide	Nodule rhumatoïde, nodules rhumatismaux	rheumatoid nodule, systemic lupus erythematosus, SLE, Libman-Sacks disease, lupus erythematosus disseminatus	noduli reumatoidi, Noduli reumatici, nodulo reumatoide
980.	4.26.6. granuloma de corpo estranho	granuloma por cuerpo extraño, granuloma de cuerpo extraño, granuloma por cuerpo extraño en la piel y en el tejido subcutáneo	Granulome cutané et sous-cutané dû à la présence d'un corps étranger	foreign-body granuloma, foreign body granuloma	granuloma da corpo estraneo, granuloma da corpo estraneo della cute e del tessuto sottocutaneo
981.	4.26.7. queilite granulomatosa, Síndrome de Melkerson-Rosenthal	síndrome de Melkersson, queilitis granulomatosa, síndrome de Melkersson-Rosenthal	Syndrome de Melkersson-Rosenthal	granulomatous cheilitis, Melkersson-Rosenthal syndrome, cheilitis (chilitis)granulomatosa, facial	sindrome di Melkerson Rosenthal, sindrome di Melkersson Rosenthal, sindrome di Melkerson,

				neuropathy, orofacial edema	Cheilite granulomatosa
982.	4.27. Doença sexualmente transmissível, DST, doença venérea (termo antigo)	enfermedad sexualmente transmitida, EST	MAladie sexuellement transmise, maladies sexuellement transmissibles, maladies vénériennes	venereal disease, sexually transmitted disease, STD	malattie sessualmente trasmissibili, malattie a trasmissione sessuale, MST, malattie sessuali, malattia sessualmente trasmessa
983.	4.27.1. sífilis, avariose, lues, mal-americano (pop.), mal-canadense (pop.), mal-céltico (pop.), mal-da-baía-de-são-paulo (pop.), mal-de-coito (pop.), mal-de-fiúme (pop.), mal-de-franga (pop.), mal-de-frenga (pop.), mal-de-nápoles (pop.), mal-de-santa-eufêmia (pop.), mal-de-são-jó (pop.), mal-de-são-névio (pop.), mal-de-são-semento (pop.), mal-dos-cristãos (pop.), males (pop.), mal-escocês (pop.), mal-francês (pop.), mal-gálico (pop.), mal-germânico (pop.), mal-ilírico (pop.), mal-napolitano (pop.), mal-polaco (pop.), mal-turco (pop.), gálico (pop.), venéreo (pop.)	sífilis, lúes	Syphilis	syphilis, lues venérea	Sifilide, lue
984.	4.27.2. gonorréia, blenorragia, esquentamento (pop.), pingadeira (pop.), purgação (pop.)	Gonorrea	Infections à gonocoques, blennorragie, gonococcie, Infection gonococcique	gonorrhoea, specific urethritis, urethritis venerea, gonococcal urethritis(in men)	gonorrea, blenorragia
985.	4.27.3. uretrite não-gonocócica, UNG, uretrite inespecífica, uretrite pós-gonocócica, NGU, non gonococcal urethritis	Uretritis no gonocóccica	Urétrite non gonococcique	non-gonococcal urethritis, nongonococcal urethritis, NGU, post-gonococcal urethritis, nonspecific urethritis	uretrite non gonococcica, UNG, uretriti non gonococciche, uretrite aspecifica

986.	4.27.4. cancro mole, cancro venéreo simples, cancróide, doença de Ducrey	Chancroide, chancro, chancro blando	Chancre mou, chancrelle	chancroid, chancre mou (fr.), soft sore, soft chancre, ulcus venereum, cancroid	ulcera molle, ulcera venerea, Cancroide molle, ulcera venerea molle
987.	4.27.5. linfogranuloma venéreo, linfogranuloma inguinal, lynphogranuloma venereum, LGV, linfogranulomatose inguinal subaguda, quarta moléstia venérea, sexta moléstia venérea, bulbão climático, bulbão venéreo, bulbão tropical, adenite climática, doença de Frei, moléstia de Nicolas-Durand-Favre, doença de Nicolas Favre, linfopatia venérea	Bubón, adenitis inguinal, linfogranuloma venéreo, linfogranuloma inguinal	Lymphogranuloma ose vénérienne à Chlamydia, Bubon climatique ou tropical, Lymphogranulomatose inguinale, ladie de (Durand-)Nicolas-Favre, maladie de Nicolas-Favre, lymphogranulome vénérien, lymphogranulomatose vénérienne, LGV, lymphogranulomatose inguinale subaiguë	lymphogranuloma venereum, venereal lymphogranuloma, lymphogranuloma inguinale, lymphopathia venereum (raro), climatic bubo, tropical bubo, sixth venereal disease, Nicolas-Favre disease, LGV.	linfogranuloma venereo, linfogranulomatosi inguinale subacuta; malattia di Nicolas Favre, linfogranuloma inguinale, Linfopatia venerea, Linfogranuloma venereo da Clamydiae
988.	4.27.6. granuloma venéreo tropical, granuloma contagioso, úlcera serpiginosa	granuloma inguinal, Ulcera fagedénica tropical, úlcera tropical	Donovanose, granulome vénérien tropical, granulome ulcéreux tropical, granulome inguinal	donovaniosis, donovanosis, ulcerating, granuloma of the pudenda, pseudobubo, granuloma inguinale	granuloma venereo, Granuloma inguinale, donovanosi, danovaniosi
989.	4.27.7. síndrome da imunodeficiência adquirida, AIDS, SIDA	Síndrome de imunodeficiencia adquirida, SIDA	Syndrome d'immunodéficience acquise SIDA, S.I.D.A.	acquired immunodeficiency syndrome, acquired immune deficiency syndrome, acquired immunologic deficiency syndrome, AIDS	Sindrome da immunodeficienza acquisita, AIDS, Acquired immunodeficiency syndrome
990.	4.27.8. herpes simples genital, herpes catarrhalis	herpes genital	herpès genital, primo-infection herpétique génitale, Infection des organes génitaux et de l'appareil génito-urinaire par le virus de l'herpès	herpes genitalis, herpes simplex, genital herpes, herpes catarrhalis, herpes digitalis, herpes facialis, herpes febrilis, herpes labialis, genital herpes simplex	herpes genitale, infezioni anogenitali da herpes virus
991.	4.27.9. doença entérica	**nenf**	**nenf**	enteric disease (Internet)	**nenf**

992.	4.28. dermatose pré-cancerosa	carcinogénesis, carcinogenia, marcadores biológicos de tumor, marcadores carcinógenos, marcadores metabólicos de neoplasma, marcadores bioquímicos de tumor, marcadores de tumor	carcinogénese, lésions précancereuses(conferir scanner)	carcinogenesis	oncogenesi, carcinogenesi
993.	4.28.1. ceratose actínica, ceratose senil, ceratose solar, queratose solar, queratose actínica, queratose senil	queratosis solar, queratosis actínica, queratosis senil	Kératose actinique	solar keratosis, actinic keratosis, keratosis senilis, senile keratosis	cheratosi attinica, Cheratosi senile, cheratosi solare
994.	4.28.2. ceratose tóxica	Queratosis arsenical	**nenf**	arsenical keratosis	**nenf**
995.	4.28.3. radiodermite, radiodermatite, actinodermatite	radiodermatitis, radiodermitis	Radiodermite	radiodermatitis, actinodermatitis, radiation-induced dermatitis	radiodermatite, radiodermite
996.	4.28.3.1. radiodermite aguda, radiodermatite aguda	radiodermatitis aguda	Radiodermite aiguë	acute radiodermatitis	radiodermite acuta, radiodermatite acuta
997.	4.28.3.2. radiodermite crônica, radiodermatite crônica	radiodermatitis crónica, radiodermitis crônica	Radiodermite chronique, radiodermite chronique tardive	chronic radiodermatitis	radiodermite cronica, radiodermatite cronica, Radioderma, rontgenoderma
998.	4.28.4. úlcera de rjolin	úlcera de rjolin	ulcère de rjolin	MArjolin's ulcer, warty ulcer	ulcera di rjolin
999.	4.28.5. leucoplasia	leucoplasia, leucoplaquia	Leucoplasie	Leukoplakia	leucoplachia, leucoplasia
1000.	4.28.6. queilite, quilite	Queilitis	Cheilite, chéilite	Cheilitis, chilitis	Cheilite
1001.	4.28.6.1. queilite glandular simples	queilitis glandular	Cheilite glandulaire	glandular cheilitis, simple glandular cheilitis, Volkmann's cheilitis,, cheilitis glandularis, Baelz' disease	cheilite ghiandolare, cheilite ghiandolare (Volkmann)
1002.	4.28.6.2. queilite actínica	queilitis actínica	cheilite liée à une irradiation	actinic cheilitis, solar cheilitis	cheilite attinica cronica, cheilite attinica, cheilite solare
1003.	4.28.6.3. queilite glandular apostematosa de Puente,	queilitis apostematosa	chéilite glandulaire apostemateuse	apostematous glandular cheilitis (Internet) (1	cheilite abrasiva precancerosa

	queilite glandular apostematosa			ocorrência)	
1004.	4.28.7. epitelioma intra-epidérmico de Borst-Jadassohn, epitelioma de Borst-Jadassohn	epitelioma intraepidérmico de Jadassohn	Épithéliome intra-épidermique de Borst-Jadassohn	Borst-Jadassohn type intraepidermal epithelioma, intra-epidermal epithelioma, Borst-Jadassohn epithelioma	epitelioma intraepidermico, Epitelioma intraepidermico (Jadassohn), epitelioma intraepidermico di Jadassohn
1005.	4.28.8. doença de Bowen, DB, moléstia de Bowen	carcinoma in situ, enfermedad de Bowen, mitroplasla de Oueyrat, carcinoma de células escamosas in situ	maladie de Bowen, carcinome infra-épidermique	Bowen's disease, Bowen's precancerous dermatosis	malattia di Bowen, morbo di Bowen
1006.	4.28.9. xeroderma pigmentar	Xeroderma pigmentoso	Xeroderma pigmentosum ABA	xeroderma pigmentosum	Xeroderma pigmentoso
1007.	4.28.10. albinismo, albinia	Albinismo	Albinisme, albinisme oculocutané, albinisme oculo-cutané	albinism, congenital leukoderma, congenital leukopathia, congenital leucopathy	Albinismo
1008.	4.28.11. ataxia telangiectásica	Ataxia-telangiectasia enfermedad de Louis-Bar	Ataxie télangiectasique [Louis-Bar], ataxie-télangiectasie	ataxia telangiectasia, Louis Bar syndrome	atassia telangectasia, sindrome di Louis-Bar, atassia telangectasia (Louis Bar)
1009.	4.29. neoplasia epitelial	neoplasias epiteliales de la piel tumor epiteliales, tumor dérmico	Tumeurs épithéliales	epidermal neoplasia	neoplasie epiteliali
1010.	4.29.1. neoplasia benigna da epiderme	tumores epidérmico benigno, tumor epitelial benigno, tumor epitelial benignos de la piel, tumor benigno de la piel, neoplasias benignas	Tumeurs bénignes de la peau, Tumeurs épithéliales bénignes	**nenf**	**nenf**
1011.	4.29.1.1. nevo epidérmico verrucoso	naevus unius lateris, nevo verrugoso, nevo epidérmico, nevo no neoplásico, congênito	Naevus verruqueux	verrucous epidermal naevus, ILVEN, cutaneous epithelial naevus, epidermal naevus, epidermal naevus syndrome, verrucous naevus, naevus	nevo epidermico verrucoso, Nevo epidermico verrucoso infiammatorio lineare, nevo verrucoso, NEVIL

				unius lateris, verrucous nevus	
1012.	4.29.1.2. nevo comedônico	**nenf**	**nenf**	comedo naevus, nevus comedonicus, comedo nevus, nevus follicularis keratosis	nevo comedonico, Naevus follicularis keratosus.
1013.	4.29.1.3. ceratose seborréica, queratose seborréica, verruga seborréica, verruga senil	queratosis seborreica, verruga senil, papiloma de células basales, verruga seborreica	Kératose séborrhéique, verrue séborrhéique	seborrhoeic keratosis, seborrhoeic wart, senile wart, basal cell papilloma keratosis seborrheica, seborrheic verruca	cheratosi seborroica, Verruca seborroica, verruca senile.
1014.	4.29.1.4. ceratose seborréica hipocrômica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	Cheratosi seborroica pigmentata
1015.	4.29.1.5. stucco-keratosis, estucoqueratose, queratose estucada, stucco queratose	**nenfnenf**	Stuccokératose	stucco keratosis	Stuccocheratosi
1016.	4.29.1.6. papulose nigra, dermatose papulosa nigra	dermatosis papulosa, nigradermatosis papulosa nigra	dermatose papuleuse noire	dermatosis papulosa nigra	dermatosi papulosa nigra, dermatosi papulosa nigricans
1017.	4.29.1.7. granuloma fissuratum	**nenf**	**nenf**	granuloma fissuratum, acanthoma fissuratum	**nenf**
1018.	4.29.1.8. acantoma de células claras, acantoma de Degos	acantoma de células claras enfermedad de Degos, papulosis atrófica maligna, acantoma de Degos	maladie de Degos	clear-cell acanthoma, Degos' acanthoma, acanthome à cellules claires (fr.)	acantoma a cellule chiare
1019.	4.29.1.9. nevo espongiforme branco, nevo branco esponjoso, nevo esponjoso branco,nevo epitelial oral	nevus esponjoso blanco. nevo esponjoso blanco de la mucosa displasla plegada blanca famillar de la mucosa, gingivoestomatitis plegada blanca, leucoedema exfollativo de la mucosa bucal, enfermedad de Cannon	Naevus blanc spongieux	white sponge naevus, white folded gingivostomatitis, hereditary leukokeratosis, leuko-oedema exfoliativum mucosae oris, oral epithelial nevus, familial white folded dysplasia.	nevo bianco spugnoso, White sponge nevus
1020.	4.29.2. neoplasia benigna folicular	tumor del folículo piloso	tumeurs d'origine pilaire	**nenf**	neoplasia benigna follicolare
1021.	4.29.2.1. ceratoacantoma,queratoacanto	queratoacantoma, molluscum pseudocarcinomatosum	kérato-acanthome	kerato-acanthoma, keratoacanthoma, molluscum	cheratoacantoma, molusco sebaceo.

	ma, querato-acantoma, molusco sebáceo			sebaceum	
1022.	4.29.2.2. pilomatrixoma, epitelioma calcificante de lherbe, epitelioma calcificado de lherbe	epitelioma calcificado, epitelloma calcificado de lherbe, epitelioma calcificante benigno (MAlherbe), Pilomatrixoma	Pilomatrixome, épithélioma momifié de lherbe, pilomatricome, tumeur de lherbe	pilomatrixoma, benign calcifying epithelioma of lherbe, trichomatrioma, lherbe's disease, lherbe's calcifiyng epithelioma	pilomatricoma, pilomatrixoma, epitelioma calcifico di lherbe, epitelioma di lherbe.
1023.	4.29.2.3. tricofoliculoma, nevo do folículo piloso	tricofoliculoma, nevo del foliculo pilo	Trichofolliculome	trichofolliculoma, hair-follicle naevus	tricofolliculoma
1024.	4.29.2.4. tricoepitelioma, adenoma sebáceo tipo Balzer, adenoma sebáceo tipo Balzer-Menetrier, epitelioma adenóide cístico, trico-epitelioma papuloso múltiplo, epitelioma cístico múltiplo benigno	epitelioma adenoideo cistico, tricoepitelioma, epitetioma adenoide quistico	Tricho-épithéliome, Trichoépithéliome	tricho-epithelioma, epithelioma adenoides cysticum, trichoepithelioma, acanthoma adenoides cysticum, Brooke's tumor	tricoepitelioma.
1025.	4.29.2.5. tricolemoma, triquilemoma	triquilemoma	Tricholemmome	tricholemmoma, external root sheath tumour, trichilemmoma, tricholemmoma	trichilemmoma
1026.	4.29.2.6. tricodiscoma	Tricodiscoma	Trichodiscome	Trichodiscoma, haarscheibe tumor	tricodiscoma
1027.	4.29.2.7. tumor triquilemial proliferativo	tumor tricolemal proliferante	tumeur trichilemmale proliférante	**nenf**	tumore trichilemmale proliferante maligno
1028.	4.29.2.8. ceratose folicular invertida, acantoma folicular intra-epidérmico, poroma folicular	Queratoacantoma, queratosis folicular invertida	Porome folliculaire, kératose folliculaire inversée	inverted follicular keratosis, benign intra-epidermal follicular acanthoma, porome folliculaire	cheratose folliculare inversa, cheratosis follicolaris inversa, acrotricoma, poroma follicolare.
1029.	4.29.2.9. tricoadenoma	Tricoadenoma de Nikolowski	**nenf**	tricho-adenoma, trichoadenoma	tricoadenoma
1030.	4.29.3. neoplasia benigna sebácea	tumor benigno de los anexos de la piel	**nenf**	**nenf**	neoplasia benigna

1031.	4.29.3.1. nevo sebáceo, nevo organóide	nevo sebáceo	naevus sébacé	sebaceous naevus, naevus sebaceus of Jadassohn, nevus sebaceus, Jadassohn's nevus, organoid nevus	nevo sebaceo.
1032.	4.29.3.2. adenoma sebáceo	adenoma sebáceo, enfermedad de Pringle	Adénome sébacé	sebaceous adenoma, adenoma sebaceum	adenoma sebaceo.
1033.	4.29.3.3. hiperplasia sebácea senil, nevo sebáceo senil	hiperplasia sebáceo senil, hiperplasia sebáceo senil, adenoma sebáceo senil	hyperplasie sébacée sénile	senile sebaceous hyperplasia	iperplasia sebacea senile.
1034.	4.29.4. neoplasia benigna da glândula sudorípara écrina	tumores de las glándulas sudoríparas écrinas	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1035.	4.29.4.1. siringoma, hidradenoma	siringoma, hidradenoma eruptivo	Syringome	syringoma, hidradenomes éruptifs **nenf**, syringocystadenoma, syringocystoma	siringoma, idroadenoma
1036.	4.29.4.1.1. hidradenoma eruptivo	hidradenoma eruptivo	hidradénome éruptif	hidradenomes éruptifs **nenf**	siringomi eruttivi dei torace.
1037.	4.29.4.1.2. hidradenoma das pálbebras inferiores	**nenf**	Hidradénome	**nenf**	siringomi delle palpebre.
1038.	4.29.4.2. siringoma condróide	Siringoma condroide	Syringome chondroïde, tumeur mixte de la peau	chondroid syringoma	siringoma condroide.
1039.	4.29.4.3. poroma écrino, acrospiroma écrino	poroma ecrino	Porome eccrine	eccrine acrospiroma, eccrine poroma	poroma eccrino, acrospiradenoma eccrino, acrospiroma eccrino.
1040.	4.29.4.4. espiradenoma écrino, espiroadenoma écrino, espiroma écrino	espiradenoma ecrino	Spiradénome eccrine, spiradénome	spiradenoma, eccrine spiradenoma	spiroadenoma eccrino.
1041.	4.29.4.5. hidroadenoma de células claras, hidradenoma de células claras, hidroadenoma sólido-cístico, hidradenoma écrino, adenoma das glândulas sudoríparas écrinas	hidradenoma de células claras	hidradénome à cellules claires	eccrine hidradenoma, clear-cell myoepithelioma, solid cystic hidradenoma, clear-cell hidradenoma, eccrine acrospiroma	idradenoma a cellule chiare, idradenoma nodulare eccrino, idradenoma nodulare, idradenoma.
1042.	4.29.4.6. cilindroma, tumours turbans, tumor em turbante,	tumor en turbante, Cilindroma,	Cylindrome	dermal cylindroma, cylindroma, turban tumour,	cilindroma, tumore di Poncet-Spiegler, tumore di

	tumor de Spiegler			Spiegler's tumour	spiegler, neoplasia a turbante.
1043.	4.29.5.neoplasia benigna da glândula sudorípara apócrina	tumores de las gándulas sudoríparas apócrinas	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1044.	4.29.5.1. siringocistadenoma papilífero, nevo siringocistadenomatoso papilífero, siringocistadenoma papilífero	nevo siringocistadenomatoso papilífero, siringocistadenoma papilífero	Syringo-cystadénome papillaire	naevus syringocystadenomatosus papilliferus, syringocystadenoma papilliferum, papillary syringocystadenoma	siringocistoadenoma papillifero, idroadenoma verrucoso fistolo-vegetante, siringoadenoma papillifero.
1045.	4.29.5.2. hidradenoma papilífero	hidradenoma papilifero	Hidradénome papillaire	hidradenoma papilliferum, papillary hidradenoma, apocrine adenoma	idradenoma papillifero, siringoadenoma papillifero.
1046.	4.29.5.3. ceruminoma	**nenf**	Adénome cérumineux ()	glandular tumours of the external auditory canal, ceruminoma	ceruminoma
1047.	4.29.5.4. cistadenoma apócrino, cistadenoma écrino, hidrocistoma apócrino	**nenf**	hidrocystome apocrine	apocrine hidrocystoma, apocrine cystadenoma, cystadenoma	idrocistadenoma apocrino, cistadenoma apocrino, idrocistoma apocrino.
1048.	4.29.5.5. adenomatose erosiva do mamilo, papilomatose florida do mamilo, papilomatose florida dos ductos mamilares, papilomatose ductal subaerolar	**nenf**	adénomatose érosive du mamelon, papilome bénin intraductal, papillomatose galactophotique intramamelonnaire, papillomatose floride	erosive adenomatosis of the nipple, benign papillomatosis of the nipple, florid papillomatosis, subareolar duct papillomatosis, adenoma of nipple	adenomatosi erosiva del capezzolo, papiloma benigno intraduttale, papilomatosi galattofori intrammamaria, papilomatosi florida.
1049.	4.29.6. neoplasia maligna da epiderme	tumor epitelial maligno, tumor maligno	Tumeurs malignes de la peau, lésions épithéliales malignes	**nenf**	**NENF**
1050.	4.29.6.1. epitelioma basocelular, carcinoma basocelular, basalioma	epitelioma de células basales, carcinoma de células basales, Tumor maligno de la piel del labio, carcinoma de células basales del labio	épithélioma basocellulaire, carcinome basocellulaire, Carcinome baso-cellulaire, basaliome	basal cell carcinoma, basalloma, basaloma, basal cell epithelioma, pigmented basal cell carcinoma, rodent ulcer	epitelioma basocellulare, carcinoma basocellulare (termine anglosassono); basalioma.
1051.	4.29.6.1.1. epitelioma basocelular nódulo-ulcerativo,	Carcinoma basocelular nódulo ulcerativo, Epitelioma	Cancer baso-cellulaire ulcéreux	nodulo-ulcerative basal cell carcinoma (Internet)	basalioma nodulo-ulcerativo, epitelioma

	epitelioma basocelular ulcerativo.	basocelular nódulo ulcerativo,basalioma nódulo ulcerativo			basocellulare ulceroso.
1052.	4.29.6.1.2. epitelioma basocelular pigmentado.	epitelioma pigmentario de células basales	Cancer baso-cellulaire pigmenté	pigmented basal cell carcinoma (Internet)	epitelioma basocelullare pigmentato, carcinoma basocellulare pigmentato.
1053.	4.29.6.1.3. epitelioma basocelular plano-cicatricial.	epitelioma basocelular plano cicatricial	épithélioma plan cicatriciel, carcinome plan cicatniciel	**nenf**	epitelioma plano-cicatriziale
1054.	4.29.6.1.4. epitelioma basocelular superficial, carcinoma basocelular superficial, epitelioma basocelular pagetóide, carcinoma pagetóide de Darier, carcinoma eritematoso benigno de Little.	epiteliomas superficiales múltiples de células basales, carcinoma basocelular del mela-flama extensivo superficial	épithélioma basocellulaire superficiel	superficial basal cell carcinoma	epiteliomabasocellulare superficiale, carcinoma basocellulare superficiale, carcinoma basocellulare pagetoide/bowenoide.
1055.	4.29.6.1.5. epitelioma basocelular esclerosante, carcinoma basocelular esclerodermiforme.	epitelioma esclerosante de células basales	épithélioma basocellulaire sclérodermiforme	**nenf**	epitelioma sclerodermiforme, carcinoma basocellulare morfeiforme, carcinoma basocellulare sclerodermiforme, epitelioma basocelulare sclerodermiforme.
1056.	4.29.6.1.6. epitelioma basocelular terebrante, carcinoma basocelular terebrante.	Carcinoma basocelular terebrante, epitelioma basocelular terebrante	**nenf**	terebrant basal cell carcinoma (1 ocorrência)	epitelioma basocellulare terebranto.
1057.	4.29.6.1.7. epitelioma basocelular nodular.	epitelioma basocelular nodular	épithélioma basocellulaire nodulaire	nodular basal cell carcinoma (1 ocorrência)	epitelioma basocellulare nodulare, carcinoma basocellulare nodulare.
1058.	4.29.6.1.8. epitelioma basocelular vegetante.	epitelioma vegetante	épithélioma basocellulaire bourgeonnant et végétant	**nenf**	epitelioma basocellulare vegetante
1059.	4.29.6.2. espinalioma, carcinoma espinocelular,	carcinoma de células escamosas	carcinome épidermoïde « spinocellulaire », cancer	squamous cell carcinoma, epidermoid carcinoma,	epitelioma spinocellulare, carcinoma epidermoide (0

	epitelioma espinocelular		spino-cellulaire, carcinome spino-cellulaire	spinocellular carcinoma, spinalioma	M S), carcinoma spinocellulare, spinalioma, carcinoma squamocellulare.
1060.	4.29.6.3. carcinoma verrucoso	carcinoma verrucoso, tumor de Buschke-Lowensteln	Carcinome verruqueux	verrucous carcinoma, Ackerman tumour	carcinoma verrucoso, carcinoma di Ackerman.
1061.	4.29.6.3.1. carcinoma verrucoso plantar, carcinoma cuniculatum, epitelioma cuniculatum.	carcinoma verrugoso de los anelanos	carcinome cuniculatum	epithelioma cuniculatum	epitelioma cuniculatum
1062.	4.29.6.3.2. codiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein, carcinoma verrucoso da região anourogenital, condiloma pontiagudo, papiloma acuminado venéreo, verruga acuminada, excrescência em couve flor, verruga das vestes, verruga úmida, verruga pontiaguda, verruga venérea, cavalo de crista (bras., pop.)	verruga venérea, verruca acuminata, Verruga genital, verrugas genitales, condiloma acuminado	Condylomes ano-génitaux (vénériens), tumeur de Buschke-Loewenstein, condylome géant do pénis (conf scanner "do")	giant condyloma acuminatum, Buschke—Lowenstein tumour, giant condyloma of Buschke—Lowenstein, condyloma acuminatum	condilomi acuminati, creste di gallo, tumore Buschke-Loewenstein, condilomi.
1063.	4.29.6.3.3. papilomatose oral florida, carcinoma verrucoso da cavidade oral, tumor de Ackerman.	papilomatosis bucal florida, hipoplasia dérmica focal, síndrome de Goltz	papillomatose orale floride	florid oral papillomatosis, verrucous carcinoma, Ackerman tumour	papillomatosi florida orale, iperplasia verruciforme del cavo orale.
1064.	4.29.6.3.4. carcinoma verrucoso cutâneo.	tumor de Buschke-Lowensteln, carcinoma verrugoso	**nenf**	verrucous carcinoma	carcinoma cutaneo
1065.	4.29.7. neoplasia maligna dos anexos.	**nenf**	**nenf**	**nenf**	tumori degli annessi
1066.	4.29.7.1. adenocarcinoma sebáceo, carcinoma sebáceo, epitelioma sebáceo	Epitelioma Sebáceo, carcinomas de glândulas sebáceas	Adénocarcinome sébacé	sebaceous carcinoma, sebaceous epitelioma, sebaceous adenocarcinoma	epitelioma sebaceo
1067.	4.29.7.2. adenocarcinoma sudoríparo écrino	carcinomas de glánoula sudoripara ecrina	**nenf**	malignant tumors of eccrine sweat gland origin, eccrine	adenocarcinoma eccrino

				adenocarcinoma (Internet)	
1068.	4.29.7.3. adenocarcinoma sudoríparo apócrino	carcinomas de glândulas apocninas	(achei M8400/3Adénocarcinome sudoripare e M8401/3adénocarcinome apocrine)	apocrine adenocarcinoma, apocrine sweat gland adenocarcinoma (Internet)	adenocarcinoma delle ghiandole sudoripare apocrine
1069.	4.29.7.4. carcinoma das células de Merkel, carcinoma trabecular, carcinoma neuroendócrino merkeloma	carcinoma trabecular	Carcinome à cellules de Merkel, carcinome neuroendocrine cutané, tumeur à cellules de Merkel, merkéliome, apudome cutané, carcinome trabéculaire	Merkel cell tumour, trabecular cell carcinoma of skin, trabecular carcinoma	carcinoma neuroendocrino cutaneo, tumore a cellule di Merkel, merkeloma, apudoma cutaneo, carcinoma trabecolare, carcinoma a cellule di Merkel, tumore di Merkel.
1070.	4.29.8. neoplasia melanocítica.	**nenf**	**nenf**	melanocytic neoplasia (Internet)	neoplasia melanocitica
1071.	4.29.8.1. nevo melanocítico, mancha hepática, mancha café-com-leite (pop.)	nevo melanocítico, nevo celular	Naevus à mélanocytes	melanocytic naevus, naevocytic naevus, cellular naevus, naevus pigmentosus	nevo nevomelanocitario, nevo nevocellulare, nevo melanocitario, nevo pigmentario, melanoma benigno, nevi melanocitici.
1072.	4.29.8.1.1. nevo melanocítico juncional, nevo juncional, nevo epidérmico-dérmico	nevus juntural melanocíticonevos junturales, nevus juntural	Naevus jonctionnel	junctional naevus, junction nevus, epidermic-dermic nevus, mole, nevocytic nevus, nevus cell nevus	nevo epidermico.
1073.	4.29.8.1.2. nevo melanocítico dérmico, nevo intradérmico	nevus intradérmico	Naevus intradermique	intradermal naevus, intradermal nevus	nevo dérmico.
1074.	4.29.8.1.2.1. nevo melanocítico composto, nevo composto	nevus compuesto	Naevus composé	compound naevus, compound nevus	nevo melanocitico combinato, nevo composto.
1075.	4.29.8.1.3. nevo melanocítico congênito, nevo pigmentar congênito, nevo pigmentado	nevo pigmentado, nevo pigmentario	naevus pigmentaire	congenital naevus, etc (muita dúvida)	nevo nevomelanocitario congenito, nevo melanocitico congenito

1076.	4.29.8.2. nevo azul.	melanocitomas dérmicos, nevos azules	naevus bleu	blue naevus, blue nevus, Jadassohn-Tièche nevus	nevo blu, nevo di Tièche-Jadassohn.
1077.	4.29.8.2.1. nevo azul maligno.	**nenf**	Naevus bleu malin	malignant blue nevus (Internet)	nevo blu maligno
1078.	4.29.8.2.2. nevo azul de Jadassohn-Tieche, nevo azul comum	nevo azul de Jadassohn-Tieche	naevus de Tièche-Jadassohn (ver obs !!)	Jadassohn-Tièche nevus	nevo di Tièche-Jadassohn, nevo blu.
1079.	4.29.8.2.3. nevo azul celular	nevo azul, Nevus azules	Naevus bleu cellulaire	cellular blue naevus	nevo blu cellulato o típico
1080.	4.29..8.3. leucodermia centrífuga adquirida, halo-nevo, vitiligo perinévico, nevo de Sutton.	nevo con halo, leucoderma adquirido centrífugo	Naevus em halo, naevus de Sutton, halo naevus	leukoderma acquisitum centrifugum, Sutton's naevus, Sutton´s nevus, halo naevus, circumnevic vitiligo, Sutton's disease	nevo di Sutton, nevo com alone: leucodermia acquisita centrifuga.
1081.	4.29.8.4. nevo em cocarde.	nevo en halo	**nenf**	Cockade Naevus, kokardennaevus	nevo a coccarda
1082.	4.29.8.5. melanoma juvenil benigno, nevocitoma juvenil, nevo de Spitz, nevo celular epitelióide, nevo celular fusiforme.	melanoma juvenil benigno, Nevus juveniles P	naevus de Spitz, mélanome juvénile, Naevus juvénile (naevus à cellules épithélioïdes et fusocellulaires)	Spitz naevus, Spitz nevus, juvenile melanoma, spindle and epitheliod cell naevus, benign juvenile melanoma, epithelioid cell nevus, spindle cell nevus	nevo di Spitz, melanoma giovanile benigno.
1083.	4.29.8.6. tumor neuroectodérmico melanocítico da infância.	Tumor neuroectodermico melanótico, Melanoameloblastoma, Progonoma melanótico tumor del primordio retiniano, tumor melanótico neuroectodermico	Tumeur mélanique neuro-ectodermique (conferir)	melanotic neuro-ectodermal tumour of infancy, retinal anlage tumour, melanotic ameloblastoma, melanotic neuroectodermal tumor, melanoameloblastoma, retinal anlage tumor, progonoma of jaw, pigmented ameloblastoma, pigmented epulis, neuroectodermal melanotic tumor, melanotic progonoma	**NENF**
1084.	4.29.8.7. síndrome do nevo displásico, síndrome B-K mole.	síndrome de nevus de células basales	naevus dysplasique symétrique	familial atypical mole malignant melanoma syndrome, FAMMM, BK	nevo displasico, nevo atipico, nevo melanocitario acquisito

				mole syndrome dysplastic naevus syndrome, dysplastic nevus syndrome	displasico, BK mole syndrome.
1085. 093	4.29.8.8. melanoacantoma.	**nenf**	mélano-acanthome	Melano-acanthoma	melanoacantoma
1086. 094	4.29.8.9. lentigo maligno de Hutchinson, melanose circunscrita pré-cáncerosa de Dubreuilh, sarda infecciosa melanótica de Hutchinson, lentigem maligna, melanose pré-cancerosa de Hutchinson.	léntigo maligno, peca de Hutchinson	Mélanose circonscrite précancéreuse de Dubreuilh, Mélanome de Dubreuilh, Mélanose de Dubreuilh	Lentigo maligna melanoma, Hutchinson' s melanotic freckle; melanosis circumscripta precancerosa of Dubreuilh, malignant lentigo, melanosis circumscripta precancerosa, precancerous melanosis of Dubreuilh, Hutchinson's freckle, melanotic freckle	melanosi su melanosi du Dubreuilh, LMM (lentigo maligna melanoma), lentigo maligna di Hutchinson-Dubreuilh.
1087.	4.29.8.10. melanoma, câncer melanótico, melanoma maligno, sarcoma melanótico, melanoblastoma, melanocarcinoma, melanossarcoma, nevocarcinoma, nevomelanoma, tumor maligno melanocítico.	melanoma maligno de la piel, melanoma maligno	Mélanome, Mélanome malin de la peau	malignant melanoma, melanotic carcinoma, melanocarcinoma, melanoblastoma	melanoma maligno, melanoma cutâneo.
1088.	4.29.8.10.1. melanoma do lentigo maligno.	melanoma lentigo maligno	mélanome sur mélanose de Dubreuilh, LMM, lentigo maligna melanoma	lentigo maligna melanoma, malignant lentigo melanoma	melanoma in situ, lentigo maligna, melanoma tipo lentigo maligna, melanoma su lentigo maligna.
1089.	4.29.8.10.2. melanoma de crescimento superficial, melanoma extensivo superficial.	Melanoma extensivo superficial	Mélanome superficiel extensif, superficial spreading melanoma, S.S.M., Mélanome à extension superflcielle, MSE	superficial spreading melanoma	melanoma a diffusione superficiale, SSM (Superficial Spreading Melanoma).
1090.	4.29.8.10.3. melanoma nodular.	Melanoma noduloide	Mélanome nodulaire	Nodular melanoma	melanoma nodulare, NM (nodular melanoma).

1091.	4.29.8.10.4. acromelanoma, melanoma da mucosa, melanoma lentiginoso acral.	Melanoma palmo-plantar-subungueal-mucoso, Melanoma acrolentiginoso	Mélanome acral lentigineux, mélanome acral	acral lentiginous melanoma, Palmo-plantar malignant melanoma	melanoma acrale lentigginoso.
1092.	4.29.9. cisto cutâneo, quisto cutâneo.	Quiste	kyste (ver obs)	cyst	cisti della cute
1093.	4.29.9.1. cisto epidérmico, cisto intradérmico, cisto subcutâneo, cisto epidermóide.	quiste epidermoide, lobanillo,quiste pilífero, quiste sebaceo	Kyste épidermique, Kyste épidermoïde, kystes sébacés (impr.)	epidermal cyst, epidermoid cyst, sebaceous cyst, steatoma, epithelial cyst, pilar cyst	cisto epidermoide.
1094.	4.29.9.1.1. lúpia, esteatoma, lobinho (pop.), lombinho (bras., pop.), calombo (bras., pop.)	Esteatoma	Loupe	wen	steatoma.
1095.	4.29.9.2. milium, mílio.	Milium	milium, grains de milium	milium	grani di milio, milio.
1096.	4.29.9.2.1. milium primário.	**nenf**	milium primitif	**nenf**	milium primário
1097.	4.29.9.2.2. milium secundário.	**nenf**	milium secondaire	**nenf**	milium secondario
1098.	4.29.9.3. cisto sebáceo, cisto triquilemial, cisto pilar.	Quisto piloso, quiste epidermoide quiste pilifero quiste sebaceo	Kyste sébacé, Kyste pileux, Kyste trichilemmal	trichilemmal cyst, sebaceous cyst, pilar cyst, steatocystoma (muito confuso) - ver 4.29.9.1	cisti inclusionali, cisti sebacee.
1099.	4.29.9.4. esteatocistoma múltiplo, esteatoma múltiplo, sebocistomatose múltipla hereditária.	Esteatocistoma múltiplo, sebocistomatosis	Stéatokystose multiple	steatocystoma multiplex, sebocystomatosis, hereditary epidermal polycystic disease	steatocitoma multiplo o sebocistomatosi
1100.	4.29.9.5. cisto dermóide.	Quiste dermoideo	Kyste dermoïde	Dermoid cyst, sequestration cyst, dermoid tumor	cisti dermoide
1101.	4.29.9.6. cisto da linha rafe mediana do pênis.	**nenf**	**nenf**	median raphe cyst of the penis (Internet)	**NENF**
1102.	4.29.9.7. cisto eruptivo do velus	**nenf**	**nenf**	eruptive vellus cyst, steatocystoma (Internet)	cisti polari eruttive del pelo vello
1103.	4.29.10. neoplasia cutânea de origem mesenquimal.	**nenf**	tumeurs mésenchymateuses	**nenf**	neoplasia maligna mesenchimale
1104.	4.29.10.1. neoplasia cutânea benigna de origem mesenquimal	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1105.	4.29.10.1.1. dermatofibroma, histiocitoma fibroso,	Dermatofibroma	Dermatofibrome	dermatofibroma, sclerosing hemangioma, histiocytoma,	dermatofibroma, istiocitoma cutaneo,

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

	hemangioma esclerosante, fibroso subepidérmico nodular, fibroxantoma, xantoma fibroso.			fibrous histiocytoma, nodular subepidermal fibrosis, fibroxanthoma, fibrous xanthoma, sclerosing angioma	fibroma "in pastiglia", fibroma duro, dendrocitoma, istiocitoma.
1106.	4.29.10.1.2. histiocitoma, histiocitofibroma	Histiocitoma	histiocytofibrome, fibrome en pastille	Histiocytoma, dermatofibroma lenticulare, nodular subepidermal fibrosis, dermatofibroma	fibroistiocitoma, fibroma in pastiglia, dermatofibroma lenticolare, istiocitoma, dermatofibroma.
1107.	4.29.10.1.3. quelóide	Queloide, cicatriz hipertró fica	Chéloïde, cicatrices hypertrophiques	Cheloid, keloid	cheloide
1108.	4.29.10.1.4. fibroma mole, acrocórdon, molusco pêndulo, fibroma molusco, nevo molusco.	fibroma blando	Acrochordons, molluscums pendullums	skin tag, soft wart, achrochordon, fibroma molle, senile fibroma, fibroepithelial papilloma	fibroma peduncolato, fibroma molle, acrochordon, fibroma pendulo, fibroma mollusco.
1109.	4.29.10.1.5. mixoma, mucinose focal.	Mixoma	Myxome	Myxoma, myxosarcoma	mixoma
1110.	4.29.10.1.6. lipoma, adipoma, liparocele, esteatoma	Lipoma	Lipome	Lipoma, adipose tumor, pimeloma	lipoma
1111.	4.29.10.1.6.1. lipomatose simétrica, doença de Decrum.	Lipomatosis simétrica múltiple	lipomatose douloureuse [Dercum]	Dercum's disease, adiposis dolorosa, Ander's disease, lipomatosis neurotica	lipomatosi dolorosa di Dercum
1112.	4.29.10.1.6.2. lipomatose familiar, doença de Roch-Leri, lipomatose mesossomática, lipomatose múltipla circunscrita.	Lipomatosis simétrica múltiple, lipomatosis circunscrita nodular, cuello de delung	lipomatose multiple familiale, maladie de Roch-Leri, lipomatose mésosomatique, lipomatose multiple circonscrite	multiple symmetrical circumscribed lipomatosis	lipomatosi multipla familiare, malattia di Roch-Leri, lipomatosi mesosomatica, lipomatosi multipla circoscritta.
1113.	4.29.10.1.6.3. hibernoma, lipoma adiposo imaturo.	Hibernoma	Hibernome	Hibernoma, granular cell lipoma, brown fat	ibernoma, lipoma adiposo immaturo, lipoma fetale, lipoma a cellule granulose.
1114.	4.29.10.1.6.4. angiolipoma.	Angiolipoma	Angiolipome	Angiolipoma, angiolipofibroma, lipoma cavernosum, telangiectatic lipoma	angiolipoma
1115.	4.29.10.1.7. leiomioma,	Leiomioma	Léiomyome	Leiomyoma	leiomioma,

	dermatomioma.				dermatomioma.
1116.	4.29.10.1.7.1. angioleiomioma, angiomioma, leiomioma vascular.	Angioleiomioma	Angiomyome	Angiomyoma, vascular leiomyoma, angioleiomyoma, angiomyofibroma	angioleiomioma, angiomioma, leiomioma vascolare.
1117.	4.29.10.1.7.2. piloleiomioma, leiomioma cutâneo múltiplo, dermatomioma múltiplo eruptivo.	leiomioma cutáneo múltiple	Tricholéiomyome	Leiomyoma cutis, dermatomyoma	leiomioma cutaneo.
1118.	4.29.10.1.7.3. mioma dartóico, dermatomioma solitário.	leiomioma dartoico	léiomyome daroïque	dartoic myoma	leiomioma dartoico, mioma dartoico.
1119.	4.29.10.1.8. angioma, hemangioma.	Hemangioma	Hémangiome, Angiome	Haemangioma, hemangioma, angioma, chorioangioma, histiocytoid hemangioma, intramuscular hemangioma	angioma
1120.	4.29.10.1.8.1. angioma plano, nevus flammeus, nevo de vinho do porto (pop.), hemangioma plano, mancha vinhosa, nalvus flammeus, nevo teleangiectásico, nevo capilar, mancha de salmão (pop.), nevo em chama.	Nevo flammeus o viñoso, mancha de vino do porto	Angiome plan, Naevus en tache de vin, naevus flammeus	port wine's stain, port wine stain, port-wine stain, naevus flammeus, nevus flammeus, flame nevus,	angioma piano.
1121.	4.29.10.1.8.2. hemangioma tuberoso, hemangioma capilar, angioma tuberoso, angioma cavernoso.	hemangioma cavernoso	angiome tubéreux, Hémangiome capillaire	angiomatous naevus, capillary and cavernous haemangiomata, angioma cavernosum, carvernous hemangioma, cavernous angioma, nevus cavernosus	emangioma capillare.
1122.	4.29.10.1.8.3. angioma puntiforme, ponto de rubi, angioma senil, hemangioma senil, angioma framboesa, ectasia papilar, ectasia senil, lago nevoso, aneurisma capilar, variz papilar.	Hemangioma senil, manchas color cereza, manchas color rubi	tache rubi, angiome tardif, anévrysme capillaire	senile hemangioma, angioma senile, cherry angioma, papillary ectasia, senile ectasia, De Morgan's spot, ruby spot	angioma puntiforme.

1123.	4.29.10.1.8.4. telangiectasia nevóide unilateral, telangiectasia congênita.	flebectasia congénita	Télangiectasie naevoïde unitalérale	Unilateral naevoid telangiectasia (1 ocorrência)	telangectasia nevoide unilaterale
1124.	4.29.10.1.8.5. telangiectasia generalizada.	**nenf**	Télangiectasie essentielle généralisée	generalized telangiectasia, generalized essential telangiectasia (Internet)	teleangectasia generalizzata
1125.	4.29.10.1.8.6. hemangioma verrucoso.	**nenf**	Hémangiome verruqueux kératosique ()	verrucous haemangioma, verrucous hemangioma	emangioma verrucoso cheratosico
1126.	4.29.10.1.8.7. angioma serpiginoso, angioma serpiginosum, telangiectasia essencial, angiíte purpúrica pigmentar.	**nenf**	Dermatose purpurique pigmentée, Angiome serpigineux	angioma serpiginosum, essential telangiectasia	angioma serpiginoso.
1127.	4.29.10.1.8.8. angioma estelar, angioma aracneiforme, spider nevus, hemangioma estelar, nevus araneus, angioma aracnóide, nevo aracnóide.	**nenf**	Naevus Arachnéen, naevus stellaire, angiome stellaire	spider angioma, arterial spider, vascular spider, spider angioma, spider nevus, spider telangiectasia, spider mole	angioma stellare.
1128.	4.29.10.1.8.9. linfangioma, angioqueratoma, herpes.	**nenf**	Lymphangiome	lymphangioma, angioma limphaticum, lymphangioendothelioma	linfangioma
1129.	4.29.10.1.8.9.1. linfangioma superficial.	**nenf**	Lymphangiome superficiel circonscrit	lymphangioma superficium simplex, lymphangioma circumscriptum	linfangioma superficiale, linfangioma circoscritto.
1130.	4.29.10.1.8.9.2. linfangioma profundo.	**nenf**	lymphangiome profond, lymphangiome dermohypodermique ou caverneux	deep lymphangioma cavernosum (Internet)	linfangioma cavernoso
1131.	4.29.10.1.9. angioceratoma, angioqueratoma, verruga telangiestásica, telangiectasia verrucosa, ceratoangioma.	Angioqueratoma, hemangiectasla circunscripta superficial	Angiokératome	angiokeratoma, telangiectatic wart, telangiectasia verrucosa, keratoangioma	angiocheratoma.
1132.	4.29.10.1.9.1. angioceratoma de Fordyce, angioqueratoma do escroto.	angioqueratoma de Fordyce	angiokératomes du scrotum (Fordyce)	angiokeratoma of the scrotum, angiokeratoma of Fordyce, Fordyce´s angiokeratoma	granuli di Fordyce, angiocheratoma di Fordyce.
1133.	4.29.10.1.9.2. angioceratoma	angioqueratoma de Mibelli	angiokératomes des doigts	angiokeratoma of Mibelli,	angiocheratoma di

	de Mibelli, angioqueratoma de Mibelli.		(Mibelli)	Mibelli's angiokeratoma	Mibelli.
1134.	4.29.10.1.9.3. angioceratoma circunscrito, angioqueratoma circunscrito.	angioqueratoma circunscrito	angiokératome circonscrit naeviforme, angiokératome serpigineux Hutchinson	angiokeratoma circumscriptum, angiokeratoma corporis circumscriptum naeviforme	angiocheratoma circoscritto, angiocheratoma neviforme, angiocheratoma circoscritto neviforme.
1135.	4.29.10.1.9.4. angioceratoma de Fabry, angioqueratoma difuso de Fabry, angiokeratoma corporis diffusum, angioceratoma corporal difuso, lipidose glicolipídica.	Enfermedad de Fabry	maladie de Fabry	angiokeratoma corporis diffusum, Anderson-Fabry's disease, Fabry's disease, angiokeratoma corporis diffusum, glycolipid lipidosis	malattia di Fabry.
1136.	4.29.10.1.10. granuloma piogênico, granuloma telangiectásico, botriomicoma, granuloma gravidorum, caruncula uretral, angiofibroma faríngeo, GP	Granuloma piógeno	Granulome pyogénique, granulome inflammatoire hypertrophique, botriomycome	granuloma telangiectaticum, pyogenic granuloma, botriomycome, granuloma pyogenicum	botriomicoma, granuloma piogenico, granuloma telangectasico, granuloma pediculatum.
1137.	4.29.10.1.11. tumor glômico, glomangioma, angiomioneuroma, tumor de glomus.	Tumor glómico	tumeur glomique, Glomangiome	glomus tumour, glomangioma, angiomyoneuroma, angioneuromyoma	tumore glomico.
1138.	4.29.10.1.11.1. tumor glômico solitário.	**nenf**	**nenf**	solitary glomus tumour (Internet)	tumore glomico di sson
1139.	4.29.10.1.11.2. tumor glômico múltiplo.	**nenf**	**nenf**	multiple glomus tumour (Internet)	**NENF**
1140.	4.29.10.1.12. hemangiopericitoma.	Hemangiopericitoma	Hémangiopéricytome	haemangiopericytoma, perithelioma.	emangiopericitoma
1141.	4.29.10.1.13. hemangioendotelioma.	Hemangioendotelioma	Hémangio-endothéliome	haemangio-endothelioma, hemangioendothelioma, hemendothelioma.	emangioendotelioma
1142.	4.29.10.1.14. hiperplasia angiolinfóide com eosinofilia, doença de Kimura.	enfermedad de Kimura	maladie de Kimura, hyperplasie angiolymphoïde avec éosinophilie	angiolymphoid hyperplasia with eosinophils, Kimura´s disease, angiolymphoid hyperplasia with eosinophilia,	iperplasia linfoide, iperplasia angiolinfoide con eosinofilia, iperplasia angiolinfoide, emangioma

				pseudopyogenic granuloma	epitelioideo, emangioma istiocitoide, malattia di Kimura.
1143.	4.29.10.1.15. neuroma, nevroma	Neuroma, nevroma	Neurome, neuromes vrais	neuroma	neuroma
1144.	4.29.10.1.15.1. neuroma traumático, neuroma de amputação.	neuroma de amputación	Névrome sur moignon d'amputation	traumatic neuroma, amputation neuroma, false neuroma, pseudoneuroma	neuroma traumatico, neuroma da amputazione-traumatica
1145.	4.29.10.1.16. neurilema, schwanoma, nevrilema	Neurilema, neurolema	Schwannome	neurilemmoma, neurinoma, schwannoma, neuroschwannoma, neurilemmosarcoma, plexiform schwannomatosis	schwannoma, neurilemmoma, neurinoma.
1146.	4.29.10.1.17. schwanoma de células granulosas, tumor de Abrikossoff, tumor de células granulosas, mioblastoma de céluls granulosas, mioblastoma grânulo-celular, rabdomioma.	Tumor de células granulosas, Schwannoma de células granulosas, mioblastoma de células granulosas	Rhabdomyome	granular cell myoblastoma, Abrikossoff´s tumour, granular cell tumor	tumore di Abrikossoff, mioblastoma, rabdomioma granulocellulare, tumore a cellule granulose, mioblastoma cutaneo, tumore a cellule granulari, mioblastoma di Abrikossoff.
1147.	4.29.10.1.18. ganglioneuroma, ganglioma	ganglioneuroma, gangliocitoma	Ganglioneurome	ganglioneuroma, gangliocytoma, ganglioma, neurocytoma	ganglioneuroma, ganglioma.
1148.	4.29.10.1.19. mastocitose.	MAstocitosis	MAstocytose	MAstocytosis, mast-cell disease	mastocitosi
1149.	4.29.10.1.19.1.mastocitose cutânea, urticária pigmentosa, xantelasmoidea, urticária pigmentar, urticária maculosa, urticária macular, urticária nodular	urticaria pigmentaria	mastocytose maculopapuleuse, urticaire pigmentée, urticaire pigmentaire	Urticaria pigmentosa, maculopapular cutaneous mastocytosis	mastocitose cutânea
1150.	4.29.10.1.19.1.1. telangiectasia macular eruptiva pertans, telangiectasia macularis eruptiva pertans.	telangiectasta macular eruptiva perstans	telangiectasia macularis eruptiva perstans	telangiectasia macularis eruptiva perstans	telangectasia macularis eruptiva pertans

1151.	4.29.10.1.19.1.2. mastocitose eritrodérmica, mastocitose difusa.	mastocitosis difusa, mastocitosis eritrodérmica	mastocytose érythrodermique diffuse	diffuse cutaneous mastocytosis, cutaneous mastocytosis, bullous mastocytosis, skin mastocytosis	mastocitosi cutanea diffusa.
1152.	4.29.10.1.19.1.3. mastocitoma.	mastocitoma, mastocitoma aislado, mastocitoma benigno, mastocitoma cutáneo, mastocitoma de la piel	MAstocytome	mastocytoma, benign mastocytoma, cutaneous mastocytoma, skin mastocytoma	mastocitoma
1153.	4.29.10.1.19.2. mastocitose sistêmica.	mastocitosis sistémica, enfermedad sistémica de mastocitos, enfermedad de mastocitos sistémica	Leucémie à mastocytes	systemic mastocytosis, systemic mast-cell disease	mastocitosi sistemica
1154.	4.29.10.1.20. fibromatose.	fibromatosis, fibroma	Fibromatose	Fibromatosis, fibroma, fibromyxoma, myxofibroma	fibromatosi
1155.	4.29.10.1.20.1. fibromatose congênita.	fibromatosis generalizada congénita	fibromatose congénitale et juvénile	congenital generalized fibromatosis	fibromatosi solitaria congenita, amartoma fibroso infantile, fibromatosi congenita localizzata o multiloculare.
1156.	4.29.10.1.20.2. fibromatose hialina juvenil, fibromatose hialino juvenil, hialinose sistêmica.	fibromatosis juveniles	fibromatose hyaline juvénile	juvenile hyaline fibromatosis, juvenile hyalin fibromatosis, systemic hyalinosis	fibromatosi ialina multipla giovanile, fibromatosi ialina giovanile.
1157.	4.29.10.1.20.3. fibromatose coli, fibromatose do pescoço, fibromatose cervical.	fibromatosis coli	fibromatose du cou, fibromatose du sternocléidomastoïdien	fibromatosis colli, congenital torticollis	fibromatosi del collo, fibromatosi dello sternocieidomastoideo.
1158.	4.29.10.1.20.4. fibromatose infantil agressiva.	fibromatosis infantil agresiva, desmoide	fibromatose infantile agressive	aggressive infantile fibromatosis, aggressive fibromatosis	fibromatosi infantile, fibromatosi agressiva infantile.
1159.	4.29.10.1.20.5. fibromatose digital infantil, fibromatose digital infantil recorrente, edema digital fibroso, fibromatose infantil digital.	fibromatosis digital infantil	fibromatose digitale infantile	infantile digital fibromatosis, digital fibrous swellings, recurring digital fibromas of childhood	fibromatosi digitale infantile, fibroma digitale recidivante.

1160.	4.29.10.1.20.6. fibromatose palmoplantar, contratura de Dupuytren, fibromatose plantar e palmar, moléstia de Dupuytren, fibromatose palmoplantar juvenil	contractura de Dupuytren, fibromatosis palmoplantar	Fibromatose de l'aponévrose palmaire [Dupuytren], maladie de Dupuytren	palmar fibromatosis, Dupuytren's contracture, Dupuytren's contraction (muito confuso.... verificar)	contrattura di Dupuytren
1161.	4.29.10.1.20.7. fibromatose peniana, doença de Peyronie, indurativo penis plastica, doença de Dupuytren, moléstia de Peyronie.	Induración plástica del pene, enfermedad de Peyronie	Induration plastique des corps caverneux, maladie de La Peyronie	penile fibromatosis, Peyronie's disease, van Buren's disease, penile induration, fibrous cavernitis	Induratio penis plastica, Morbo di Peyronie.
1162.	4.29.10.1.20.8. fibroma aponevrótico, fibromatose palmoplantar juvenil, fibroma calcificante, fibroma aponevrótico.	fibroma aponeurótico	fibromatose palmoplantaire juvénile, fibrome aponévrotique juvénile calcifié	aponeurotic fibroma, juvenile palmo-plantar fibromatosis, calcifying fibroma, cartilage anlage of fibromatosis	fibromatosi palmo-plantare giovanile, fibroma aponeurotico giovanile calcifico, tumore multilobulare, chondroma rodens, fibroma aponeurotico giovanile, fibroma aponeurotico calcificante, osteosarcoma multilobulare, osteoma e condroma multilobulare, condroma multilobulare, osteoma multilobulare, osteocondrosarcoma multilobulare, fibroma aponeurotico.
1163.	4.29.10.1.20.9. tumor desmóide.	tumor desmoide P	tumeur desmoïde, fibrome envahissant	desmoid tumour, desmoid, abdominal fibromatosis, abdominal desmoid tumor	tumore desmoide, fibroma invasivo.
1164.	4.29.10.1.20.10. dermatofibrose lenticular disseminada, síndrome de Buschke-Ollendorff, síndrome de Ollendorff, osteodermatopecilose	dermatofibrosis lenticular diseminada, dermatofibrosis diseminada, síndrome de Buschke-Ollendorf P	syndrome de Buschke-Ollendorf	osteopoikilosis and connective tissue naevi, disseminated dermatofibrosis, Buschke-Ollendorf syndrome, dermatofibrosis lenticularis disseminata	sindrome di Buschke-Ollendorff.

1165.	4.29.10.1.20.11. fasceíte nodular, fasciíte nodular, fibromatose subcutânea pseudossarcomatosa, fasciíte pseudo-sarcomatosa, fibromatose pseudo-sarcomatosa.	fascitis nodular, fibromatosis seudosarcomatosa subcutánea	Fasciite nodulaire, fibromatose sous-cutané pseudo-sarcomateuse	nodular fasciitis, subcutaneous pseudosarcomatous fibromatosis, proliferative fasciitis	145. fasceite nodulare, fibromatosi sottocutanea pseudosarcomatosa, fascite nodulare, fascite sottocutanea pseudosarcomatosa, fasciite nodulare, fibromatosi proliferativa pseudosarcomatosa, dermatofibroma pseudosarcomatoso.
1166.	4.29.10.1.20.11.1. fasciíte para-óstea	Periostitis Reactiva florida	**nenf**	parosteal fasciitis	fascite nodulare tendinea, nodulo fibroso digitale, fibroma tendineo, fibromatosi nodulare.
1167.	4.29.10.1.20.11.2. fasciíte proliferativa.	fasciítis proliferativa	fasciite prolifération	proliferative fasciitis	fascite proliferativa
1168.	4.29.10.1.20.11.3. fasciíte necrotizante.	fasciítis necrotizante	fasciite nécrosante infectieuse	necrotizing fasciitis, gangrenous erysipelas	fascite necrotizzante
1169.	4.29.10.1.20.11.4. fasciíte eosinofílica, fasciíte eosinófila, síndrome de Shulman	fascitis eosinofílica	Fasciite disséminée (à éosinophiles), fasciite à éosinophiles	eosinophilic fasciitis, Shulman's syndrome, diffuse (eosinophilic) fasciitis	sindrome di Shulman, fasciite eosinofila, fascite eosinofila di Shulman.
1170.	4.29.10.1.20.12. fibroceratoma acral, fibroceratoma digital adquirido, fibroqueratoma digital adquirido.	fibroqueratoma digital adquirido	fibrokératome digital acquis, fibrokératome acral	acquired fibrokeratoma, acquired digital fibrokeratoma	fibrocheratoma digitale acquisito, fibrocheratoma acrale.
1171.	4.29.10.1.20.13. coxim falangiano, coxim falangeano, coxim das articulações dos dedos, coxim dos nós.	**nenf**	Coussinet des phalanges	knuckle pads, tylositas articuli, coussinets des phalanges (Fr.)	**NENF**
1172.	4.29.10.1.21. pseudolinfoma, hiperplasia linfóide benigna.	Linfocitoma seudolinfoma, seudolinfoma, hiperplasia linfóide reactiva, linfocitoma, hiperplasia reactiva linfóide P	pseudo-lymphome	pseudolymphomatous disorders, pseudolymphoma, reactive lymphoid hyperplasia, lymphocytoma	pseudolinfoma.
1173.	4.29.10.1.21.1. linfocitoma	Linfocitoma cutâneo P	lymphocytome cutané benin	lymphocytoma cutis, Spiegler-	linfocitoma cutaneo

	cútis, linfocitoma da pele, linfocitoma benigno da pele, linfadenose benigna da pele, pseudolinfocitoma de Spiegler-Fendt, linfoplasia cutânea, linfodenóide sarcóide de Spiegler-Fendt, infiltração linfocitária da pele.			Fendt sarcoid, lymphadenosis benigna cutis, benign lymphocythoma cutis, Spiegler-Fendt pseudolymphoma, Spiegler-Fendt benign lymphocytoma	benigno, sarcoide di Spiegler-Fendt: linfoadenosi benigna cutis (Bafversted); iperplasia cutanea linfoide, linfocitoma cutaneo.
1174.	4.29.10.1.21.2. pseudolinfoma provocado por picada de insetos.	reacciones a picaduras de insectos P	piqûres d'insectes	Cutaneous B-cell pseudolymphoma due to insect bite (Internet)	**NENF**
1175.	4.29.10.1.21.3. infiltrado linfocítico de Jessner-Kanol, infiltração linfocitária da pele (Jessner-Kanol).	Infiltración Iinfocitica de la piel (Jessner-Kanof), infiltración linfocitaria benigna de Jessner	infiltration lymphocytaire de la peau, maladie de Jessner-Kanof	benign lymphocytic infiltration (Jessner-Kanol)	infiltrato linfocitario di Jessner-Kanol.
1176.	4.29.10.1.21.4. síndrome de hipersensibilidade à fenitoína	**nenf**	**nenf**	phenytoin hypersensitivity syndrome (Internet)	**NENF**
1177.	4.29.10.1.21.5. reticulóide actínico	Reticuloide actínica	Actinoréticulose, pseudo-lymphome actinique, actinic reticuloid, actino-réticulose	actinic reticuloid, photodermatitis, actinic reticuloid syndrome, actinic dermatitis	pseudolinfoma reticuloide attinico
1178.	4.29.10.1.21.6. manifestação cutânea reveladora de neoplasia	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1179.	4.29.10.1.21.6.1. metástase cutânea de câncer visceral e infiltrações, manifestação cutânea reveladora de neoplasia de primeiro grupo	**nenf**	métastases cutanées, métastases cutanées de cancer profond	**nenf**	**NENF**
1180.	4.29.10.1.21.6.2. doença potencialmente reveladora de malignidade interna, manifestação cutânea reveladora de neoplasia de segundo grupo	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1181.	4.29.10.1.21.6.3. dermatose	dermatosis paraneoplásicas	dermatose paranéoplasique	**nenf**	**NENF**

	paraneoplásica, manifestação cutânea reveladora de neoplasia de terceiro grupo				
1182.	4.29.10.1.21.6.3.1. eritema gyratum repens	eritema gyratum repans, EGR	erythema gyratum repens	erythema gyratum repens	**NENF**
1183.	4.29.10.1.21.6.3.2. acantose nigricante	Acantosis nigricans	acanthosis nigricans	acanthosis nigricans	acanthosis nigricans
1184.	4.29.10.1.21.6.3.3. síndrome do glucagonoma, eritema migratório necrolítico, eritema necrolítico, eritema necrolítico migratório	Eritema migratorio necroíltico, síndrome de giucagonoma	érythème annulaire nécrolytique pancréatique	necrolytic migratory erythema, glucagonoma syndrome	sindrome da glucagonoma, sindrome del glucagonoma, eritema necrolitico migrante.
1185.	4.29.10.1.21.6.3.4. tromboflebite migratória	tromboflebitis migrans	Thrombophlébite migratrice, thrombo-phlébite migratrice	thrombophlebitis migrans	tromboflebite
1186.	4.29.10.1.21.6.3.5. síndrome carcinóide	Síndrome carcinoide	Syndrome carcinoïde	carcinoid syndrome, malignant carcinoid syndrome	sindrome carcinoide
1187.	4.29.10.1.21.6.3.6. dermatomiosite	Dermatomiositis	Dermatomyosite	dermatomyositis	dermatomiosite
1188.	4.29.10.1.21.6.3.7. ictiose adquirida	Ictiosis adquirida, atrofia cutánea ictiosiforme	Ichtyose acquise, ichtyose diffuse	acquired ichthyosis	ictiosi
1189.	4.29.10.1.21.6.3.8. paniculite eosinofílica multicêntrica	**nenf**	panniculite pancréatique	**nenf**	panniculiti
1190.	4.29.10.1.21.6.3.9. hipertricose lanuginosa adquirida, hipertricose adquirida	Hipertricosis lanuginosa adquirida	Hypertrichose lanugineuse acquise	acquired hypertrichosis lanuginosa, hypertrichosis lanuginosa acquisita, malignant down	ipertricosi lanuginosa, ipertricosi lanuginosa acquisita
1191.	4.29.10.1.21.6.3.10. doença de Bazex, acroceratose paraneoplásica	síndrome de Bazex	acrokératose para-néoplasique	paraneoplastic acrokeratosis, Bazex´s syndrome	acrocheratose paraneoplastica, Sindrome di Bazex.
1192.	4.29.10.1.21.6.3.11. piderma gangrenoso, fagedenismo geométrico	pioderma gangrenoso	Pyodermite gangréneuse, Dermite gangréneuse, Pyodermite phagédénique, pyoderma gangrenosum	pyoderma gangrenosum, phagedena geometrica, dermatitis gangrenosa, phagedenic pyoderma	**NENF**
1193.	4.29.10.1.21.6.3.12. doença de Paget, moléstia de Paget	enfermedad de Paget	maladie de Paget du sein, ladie de Paget, avec carcinome canalaire invasif du sein	Paget´s disease of the nipple, Paget´s disease, mammary Paget´s disease, Paget´s	morbo di Paget, malattia di Paget.

				disease of breast	
1194.	4.29.10.2. neuplasia cutânea maligna de origem mesenquimal	**nenf**	Tumeurs des parties molles, Tumeurs mesenchymateuses malignes	**nenf**	neoplasia maligna mesenchimale
1195.	4.29.10.2.1. dermatofibrossarcoma protuberante, Darier-Ferrand, fibrossarcoma cutâneo, dermatofibrossarcoma protuberans, dermatofibrossarcoma, dermatofibroma progressivo, fibrossarcoma da pele.	dermatofibrosarcoma, dermatofibrosarcoma protuberante	dermatofibrome de Darier-Ferrand, dermatofibrosarcome de Darier-Ferrand	dermatofibrosarcoma protuberans	dermatofibrosarcoma di Darier-Ferrand, dermatofibrosarcomaprotuberans.
1196.	4.29.10.2.2. fibrossarcoma, sarcoma fuso-celular.	Fibrosarcoma	Fibrosarcome	fibrosarcoma	fibrosarcoma
1197.	4.29.10.2.2.1. fibrossarcoma verdadeiro.	**nenf**	fibrosarcomes vrais	**nenf**	**NENF**
1198.	4.29.10.2.3. sarcoma epitelióide.	sarcoma epitelioide, sarcoma, Sarcoma del tejido blando, sarcoma de células fusiforme P	Sarcome à cellules épithélioïdes	epithelioid cell sarcoma	sarcoma epitelioide
1199.	4.29.10.2.4. histiocitossarcoma.	**nenf**	Histiocytosarcome	cutaneous histiocytosarcoma (Internet)	istiocitosarcoma
1200.	4.29.10.2.5. fibroxantoma atípico.	fibroxantoma atípico	fibroxanthme atypique, fibrosarcome paradoxal, dermatofibrome pseudosarcometeux	atypical fibroxanthoma, pseudosarcoma, paradoxal fibrosarcoma, pseudo sarcomatous dermatofibroma	fibroxantoma atipico, fibrosarcoma paradossale, dermatofibrosarcoma pseudo-sarcomatoso.
1201.	4.29.10.2.6. lipossarcoma.	liposarcoma, Liposarcoma desdiferenciado, liposarcoma pleomórfico	Liposarcome	Liposarcoma, lipoblastoma, infiltrating lipoma, lipoblastic lipoma, lipoma sarcomatodes, lipoma sarcomatosum	liposarcoma
1202.	4.29.10.2.7. angiossarcoma, angioendotelioma maligno.	angiosarcoma, hemangiosarcoma, angioendotelioma maligno,	Angiosarcome	malignant angio-endothelioma, angiosarcoma, angioplastic reticulosarcoma, hemangiosarcoma	angiosarcoma
1203.	4.29.10.2.7.1. angiossarcoma	**nenf**	**nenf**	angiosarcoma of the face and	angiosarcoma del cuoio

	do couro cabeludo e da face do idoso.			scalp in elderly patients (Internet)	capelluto e del viso
1204.	4.29.10.2.7.2. angiossarcoma secundário a linfedema crônico, linfangiossarcoma em linfedema, síndrome de Stewart-Teves.	síndrome de Stewart-Treve P	angio-sarcome secondaire, syndrome de Stewart-Treves	lymphangiosarcoma of Stewart and Treves, Stewart-Treves syndrome	linfedema secondario cronico
1205.	4.29.10.2.8. hemangiopericitoma maligno.	Hemangiopericitoma	Hémangiopéricytome malin	haemangiopericytoma, perithelioma, malignant hemangiopericytoma	emangiopericitoma maligno
1206.	4.29.10.2.9. hemangioendotelioma maligno.	hemangioendoteliomas malignos	Hémangio-endothéliome malin	malignant haemangio-endothelioma	emangioendotelioma maligno
1207.	4.29.10.2.10. sarcoma de Kaposi, SK.	sarcoma de Kaposi	maladie de Kaposi, sarcome de Kaposi (impr.)	Kaposi's sarcoma, Kaposi sarcoma idiopathic haemorrhagic sarcoma, multiple idiopathic hemorrhagic sarcoma	sarcoma di Kaposi, morbo di Kaposi
1208.	4.29.10.2.10.1. sarcoma de Kaposi clássico, SKC.	sarcoma de Kaposi clásico	sarcome de Kaposi classique	classical Kaposi's sarcoma	sarcoma di Kaposi classico, sarcoma di Kaposi mediterraneo.
1209.	4.29.10.2.10.2. sarcoma de Kaposi endêmico, sarcoma de Kaposi africano, SKA.	sarcoma de Kaposi endémico	sarcome de Kaposi africain	endemic Kaposi's sarcoma (Internet)	sarcoma di Kaposi africano, morbo di Kaposi (forma endemica).
1210.	4.29.10.2.10.2.1. sarcoma de Kaposi endêmico nodular, SKA nodular.	sarcoma de Kaposi endémico nodular	forme papulo-nodulaire	**nenf**	sarcoma di Kaposi africano forma papulo-nodulare, sarcoma di Kaposi di forma nodulare, morbo di Kaposi di forma nodulare benigna.
1211.	4.29.10.2.10.2.2. sarcoma de Kaposi endêmico florido, SKA florido.	sarcoma de Kaposi endémico florido	forme floride généralisée	**nenf**	sarcoma di Kaposi forma fiorita generalizzata, morbo di Kaposi di forma fiorita.
1212.	4.29.10.2.10.2.3. sarcoma de Kaposi endêmico infiltrativo,	sarcoma de Kaposi endémico infiltrativo	forme agressive ou infiltrante	**nenf**	sarcoma di Kaposi di forma infiltrante, morbo di

	SKA infiltrativo.				Kaposi di forma agressiva.
1213.	4.29.10.2.10.2.4. sarcoma de Kaposi endêmico linfadenopático, SKA linfadenopático.	sarcoma de Kaposi endémico linfadenopático	forme lymphadénopathique	**nenf**	sarcoma di Kaposi di forma linfoadenopatica, morbo di Kaposi di forma linfadenopatica.
1214.	4.29.10.2.10.3. sarcoma de Kaposi do imunodeprimido, SKI.	sarcoma de Kaposi relacionado con el tratamiento inmunosupresor	sarcome de Kaposi des immuno-déprimés	**nenf**	sarcoma di Kaposi da immunodepressione
1215.	4.29.10.2.10.4. sarcoma de Kaposi relacionado à AIDS, sarcoma de Kaposi epidêmico, SKE.	sarcoma epidémico de Kaposi, sarcoma de Kaposi relacionado con el SIDA	maladie de Kaposi du sida, sarcome de Kaposi au cour de l'infection à VIH	Kaposi's sarcoma and the AIDS, HIV disease resulting in Kaposi's sarcoma, epidemic Kaposi's sarcoma (Internet)	sarcoma di Kaposi epidemico, morbo di Kaposi (forma epidemica).
1216.	4.29.10.2.11. neurofibrossarcoma.	neurofibrosarcoma, sarcoma neurogénico	Neurofibrosarcome	neurofibrosarcoma, neurogenic sarcoma	neurofibrosarcoma
1217.	4.29.10.2.12. linfoma, granulomatose de Wegner.	Linfoma	lymphome, hématodermie	lymphoma	linfoma
1218.	4.29.10.2.12.1. linfoma de células T, LCCT, linfoma cutâneo de células T, linfoma cutâneo de células T adultas, linfoma epidermotrópico de células T, linfoma linfocítico, leucemia de células T do adulto.	linfoma de células T linfoma,germinoblastoma, reticulolinfosarcoma, sarcoma germinoblástico, linfoma maligno, linfocitoma	Lymphomes périphériques et cutanés à cellules T	cutaneous T-cell lymphoma, CTCL, T-cell lymphoma, adult T-cell lymphoma, ATL, adult T-cell leukemia	linfoma T epidermotropo, linfoma cutaneo a cellule T
1219.	4.29.10.2.12.1.1. micose fungóide, MF, granuloma fungóide.	micosis fungoide	Mycosis fongoïde	mycosis fungoides, MF	micosi fungoide
1220.	4.29.10.2.12.1.2. síndrome de Sézary, MS, eritrodermia de Sézary, eritrodermia linforreticular, reticulose, moléstia de Sézary.	síndrome de Sézary, eritrodermia de Sézary P	Réticulose de Sézary, Syndrome de Sézary	Sézary syndrome, Sézary erythroderma, Sezary's disease, Sezary's reticulosis	sindrome di Sézary
1221.	4.29.10.2.12.1.3. reticulose pagetóide, RP, reticulose epidermotrópica.	Enfermedad de Woringer-Kolopp, reticulosis pagetoide	lymphome pagétoïde	pagetoid reticulosis, Woringer-Kolopp disease, epidermotropic	linfoma pagetoide, reticulosi pagetoide; morbo di Woringer-

				lymphoblastoma	Kolopp; liofoma di Kétron-Goodmann.
1222.	4.29.10.2.12.2. linfoma de células B, imunocitoma linfoplasmocitóide, linfoma linfo-histiocítico.	linfoma de células B	Lymphomes à cellules B	B-cell lymphoma	linfoma diffuso di grandi cellule B, linfomi a cellule B.
1223.	4.29.10.2.12.3. linfoma de Hodgkin, linfogranulomatose maligna, moléstia de Hodgkin, moléstia de Paltauf-Sternberg, doença de Hodgkin	enfermedad de Hodgkin, Linfoma de Hodgkin granuloma de Hodgkin, granuloma maligno, linfogranuloma maligno P	MAladie de Hodgkin	Hodgkin's disease, Hodgkin granuloma, malignant granuloma, malignant lymphogranuloma	manifestazioni cutanee della malattia di Hogdkin, linfoma di Hodgkin.
1224.	4.29.10.2.12.4. linfoma de Burkitt, linfoma africano, tumor de Burkitt.	Linfoma de Burkitt	Tumeur de Burkitt	African lymphoma, Burkitt's tumour, central african lymphoma, lymphoblastic lymphoma, Burkitt's lymphoma, Burkitt lymphoma, Burkitt tumor, Burkitt's tumour	linfoma di Burkitt.
1225.	4.29.10.2.12.5. mieloma, linfoma linfoplasmocítico, plasmocitoma, mieloma múltiplo.	mieloma múltiple, plasmacitoma maligno, plasmacitoma del hueso, mieloma de célula de plasma, discracia de las células del plasma, mieloma de célula de plasmática	Myélome multiple	Myeloma	mieloma multiplo, plasmocitoma, mieloma.
1226.	4.29.10.2.13. leucose.	**nenf**	Leucose	Leukosis	leucosi
1227.	4.29.10.2.14. granuloma da linha médio-facial, granuloma faciale, granuloma facial, granuloma médio-facial, granuloma médio-facial letal.	granuloma letal de la línea media, granuloma gangrenoso	Granulome éosinophile de la peau, granulome malin médio-facial	lethal midline (facial) granuloma, granuloma gangraenescens	granuloma facciale
1228.	4.30. disembrioplasia cutânea e genodermatoses	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1229.	4.30.1. disembrioplasia cutânea	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**

1230.	4.30.2. genodermatose	Genodermatosis	Génodermatose	Genodermatosis	genodermatosi
1231.	4.30.2.1. genodermatose da ceratinização	**nenf**	anomalies de la kératinisation	Disorders of Keratinization	**NENF**
1232.	4.30.2.1.1. ictiose, pele de jacaré, pele de peixe	ictiosis, ictiosis congénita	Ichtyose	ICHTHYOSIS	ittiosi
1233.	4.30.2.1.1.1. ictiose simples, ictiose vulgar, ceratose difusa fetal, hiperceratose congênita, ictiose intra-uterina	ictiosis vulgar	Ichtyose vulgaire	ICHTHYOSIS VULGARIS, epidermolytic hyperkeratosis	cheratosi diffusa, ittiosi volgare.
1234.	4.30.2.1.1.2. Ictiose universal, ictiose universal típica, ictiose congênita, eritrodermia ictiosiforme congênita	erythroderma ichthyosiform, ictiosis congénita	Ichtyose congénitale	congenital ichthyosis, CONGENITAL ICHTHYOSIFORM YTHRODERMA	eritrodermia congenita ittiosiforme, ittiosi lamellare, ittiosi congenita.
1235.	4.30.2.1.1.2.1. ictiose universal maligna, feto arlequim, ceratoma congênito difuso maligno	feto en arlequín	foetus Arlequin	HARLEQUIN FETUS´	cheratoma maligno, feto arlecchino, Ittiosi congenita tipo feto Arlecchino.
1236.	4.30.2.1.1.2.2. ictiose universal colodiana, bebê colóide, ictiose lamelar, descamação lamelar do recém-nascido	ictiosis lamelar	ichtyose lamellaire, Bébé collodion, érythrodermie ichtyosiforme non bulleuse, ichtyose lamellaire autosomique récessive	Collodion baby, Lamellar ichthyosis, Lamellar desquamation of the newborn	ittiosi lamellare recessiva, eritroderma ittiosiforme congenito non bolloso, collodion baby, desquamazione lamellare (esfoliazione), cute di collodio.
1237.	4.30.2.1.1.2.3. ictiose universal frusta	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1238.	4.30.2.1.1.3. ictiose bolhosa, ictiose fetal bolhosa, hiperceratose epidermolítica, epidermólise ictiosiforme, epidermólise bolhosa, epidermólise bolhosa hereditária forma simples,	hiperqueratosis epidermolítica, ictiosis bulosa, epidermólisis ampollosa P	Érythrodermie ichtyosiforme bulleuse congénitale, érythrodermie ichtyosiforme bulleuse autosomique dominante	epidermolytic hyperkeratosis, Epidermolysis bullosa, ichthyosiform erythroderma, 'porcupine men'	epidermolisi bollosa, epidermolisi bollosa semplice.

	eritrodermia ictiosiforme, epidermolysis bolhosa, ictiose espinhosa, pele de porco-espinho				
1239.	4.30.2.1.1.4. ictiose histrix, nevus verrucosus	ictiosis hystrix	ichtyose histrix	ICHTHYOSIS HYSTRIX, Verrucous epidermal naevus	ittiosi volgareautosomica dominante, ittiosi hystrix Curth cklin Type, ittiosi nel neonato.
1240.	4.30.2.1.1.5. neuroictiose, ictiose conjugada	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1241.	4.30.2.1.1.5.1. síndrome de Refsum, doença de Refsum	síndrome de Refsum, enfermedad de Refsum, heredopatía atáctica polineuritiforme	MAladie de Refsum	Refsum's disease or syndrome	sindrome di Refsum, malattia di Refsum.
1242.	4.30.2.1.1.5.2. síndrome de Sjögren-Larsson	idiocia ictiósica con paraplejia espástica, síndrome de Sjãgren-Larsson	syndrome de Sjögren-Larsson	SJOGREN-LARSSON SYNDROME	sindrome di Sjögren-Larsson,, deficit di aldeide deidrogenasi, sindrome di Sjógren-Larsson.
1243.	4.30.2.1.1.5.3. síndrome de Netherton, ictiose linear circunscrita, cabelo em bambu, aminoacidúria inconstante	enfermedad de Netherton, síndrome de Netherton	ichtyose linéaire circonflexe	Netherton's syndrome, ichthyosis linearis circumflexa, BAMBOO HAIRS	ittiosi lineare circonflessa, sindrome de Netherton, sindrome dei capelli a bambù, capelli a canna di bambù.
1244.	4.30.2.1.1.5.4. síndrome de Rud	ictiosis ligada a X, ictiosis ligada al cromosoma X, síndrome de Rud	syndrome de Rud	Rud's syndrome	sindrome di Thibièrge-Rud, sindrome di Rud.
1245.	4.30.2.1.1.5.5. síndrome de Conradi, doença de Conradi, condodistrofia congênita punctata	síndrome de Conradi, síndrome de Conradi-Hunermann condrodistrofia calcificante congénita, condrodisplasia puntacta, epifisis punteada, displasia episial puntacta	**nenf**	Conradi's syndrome, Conradi's disease	sindrome di Conradi-Hünermann-Happle, condrodisplasia puntata 2 legata all'X dominante, condrodisplasia punctata, sindrome di Conradi-Hünermann, condrodisplasia calcificante congenita.

1246.	4.30.2.1.2. eritroceratodermia variabilis, eritroceratrodermia Mendes da Costa, ceratose rubra figurada, eritroqueratodermia variabilis de Mendes da Costa, síndrome de Mendes da Costa	eritroqueratodermia variable	Syndrome de Da Costa	Erythrokeratoderma variabilis, keratosis rubra figurata, Mendes da Costa syndrome	eritrodermia variabile di Mendes da Costa, eritrocheratodermia variabile, eritrocheratodermia congenita familiare figurata in placche, malattia di mendes da costa, eritrocheratodermia figurata variabile Mendes da Costa.
1247.	4.30.2.1.2.1. eritroceratodermia simétrica progressiva, eritroqueratodermia congênita simétrica progressiva	eritroqueratodermia progresiva simétrica, Eritroqueratodermia Congénita Progresiva Simétrica de Gottron Transtorno de la Queratinización 20	**nenf**	Symmetrical progressive erythrokeratoderma	eritrocheratodermia simmetrica progressiva, eritrocheratodermia congenita progressiva simmetrica.
1248.	4.30.2.1.2.2. eritroceratodermia com ataxia	eritroqueratodermia con ataxia, Síndrome de Giroux Barbeau,	Erythrokeratodermie ataxie	**nenf**	eritrocheratodermia con atassia
1249.	4.30.2.1.3. queratodermia palmoplantar, ceratose palmoplantar, ceratodermia palmoplantar, ictose palmar e plantar, ceratoma plantar sulcado, tilose palmar e plantar, queratose palmoplantar	queratodermia de las palmas y plantas, queratosis palmar y plantar adquirida	kératodermies palmo-plantaires, kératose palmaire et plantaire héréditaire	palmoplantar keratoderma, palmoplantar keratoses	cheratodermie palmoplantari, cheratosi palmoplantare ereditaria, cheratosi palmoplantari.
1250.	4.30.2.1.3.1.-queratodermia palmoplantar tipo Meleda, ceratodermia palmoplantar tipo Meleda	mal de Meleda, enfermedad de Meleda	maladie de Meledda	MAL DE MELEDA, KERATODERMA PALMOPLANTARIS TRANSGREDIENS, Palmoplantar keratoderma of the mal de Meleda type	Malattia di Meleda, cheratodermia di Meleda, l di Meleda, Cheratosi palmoplantare transgrediens, Cheratosi palmoplantare transgrediens

					(Morbo di Meleda) (forma estesa con sintomi associati).
1251.	4.30.2.1.3.2. queratodermia palmoplantar tipo Unna-Thost, ceratodermia palmoplantar tipo Unna-Thost	queratosis palmoplantar variedad Thost-Unna, síndrome de Unna-Thost síndrome de Thost- Unna, queratodermia palmar y plantar difusa	maladie de Thost-Unna	Keratoderma of the Thost-Unna type, Unna-Thost syndrome, Thost-Unna syndrome	malattia di Thost Unna, cheratosi palmoplantare diffusa circonscritta(Thost-Unna), ittiosi palmare e plantare.
1252.	4.30.2.1.3.3. queratodermia palmoplantar tipo estriado de Siemens, ceratodermia palmoplantar tipo estriado de Siemens	Síndrome de Siemens-Christ-Touraine	**nenf**	STRIATE KERATODERMA	displasia ectodermica anidrotica di christ-siemens-touraine.
1253.	4.30.2.1.3.4. queratodermia palmoplantar Howel-Evans, ceratodermia palmoplantar Howel-Evans	**nenf**	Kératose palmoplantaire et cancer, syndrome de Howell-Evans	Palmoplantar keratoderma (Howel-Evans syndrome)	sindrome di Howell-Evans, síndrome di Howel-Evans.
1254.	4.30.2.1.3.5. queratodermia palmoplantar tipo mantoux, ceratodermia palmoplantar tipo ntoux	poqueratosis de mantoux	porokératose de ntoux	Porokeratosis of ntoux	porocheratosi di ntoux, porocheratosi papillomatosa palmoplantare (MAntoux).
1255.	4.30.2.1.3.6. queratodermia palmoplantar tipo Osvaldo Costa, ceratodermia palmoplantar tipo Osvaldo Costa	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1256.	4.30.2.1.3.7. queratodermia palmoplantar tipo Vohwinkel, ceratodermia palmoplantar tipo Vohwinkel, queratodermia difusa mutilante	síndrome de Vohwinkeh con hiperqueratosis palmar y plantar	kératodermie aïnhumoïde et mutilante type Vohwinckel	VOHWINKEL'S SYNDROME, Vohwinkel's disease, MUTILATING KERATODERMA	cheratodermia a tipo ainhum. e mut. di Vohwinckel, cheratodermia ainhumoide e mutilante, sindrome di Vohwinkel, Cheratosi palmoplantare mutilante, Cheratosi palmoplantare mutilante (Vohwinkel)

					(forma estesa senza sintomi associati).
1257.	4.30.2.1.3.8. queratodermia palmoplantar tipo Richner-Hanhart, ceratodermia palmoplantar tipo Vohwinkel, queratodermia plurifocal com tirosenimia tipo II	síndrome clásico de Richner-Hanhart	tyrosinémie, syndrome de Richner-Hanhart	PALMOPLANTAR KERATODERMA OF RICHNER-HANHART, VOHWINKEL'S SYNDROME/ Vohwinkel's disease	tirosinemia, sindrome di Richner-Hanhart, tirosinemia tipo II, oculocutanea, Keratosis palmoplantaris circumscripta sive areata, tirosinemia II.
1258.	4.30.2.1.3.9. queratodermia palmoplantar tipo Greither, ceratodermia palmoplantar tipo Greither, queratodermia difusa progressiva, ceratodermia difusa progressiva	queratodermia difusa de palmas, plantas y superficies flexoras de dedos de manos y pies	Greither (kératodermie de type)	GREITHER'S SYNDROME, Progressive keratoderma	displasia ectodermica tipo Greither, Cheratosi ereditaria degli alti transgrediens et progrediens (Niles-Klump, Greither) (forma estesa senza sintomi associati), sindrome di Greither.
1259.	4.30.2.1.4. queratose folicular, ceratose folicular, moléstia de Darier, doença de Darier, doença de White	enfermedad de Darier, enfermedad de Darier-White	Kératose folliculaire [Darier-White], maladie de Darier CABÔ!!!!	Darier Disease, Dariers Disease, Darier's Disease, Darier-White disease, Disease, Darier, Disease, Darier's, Dyskeratosis follicularis, Dyskeratosis, follicularis, Keratosis Follicularis, Keratosis, follicularis, PSOROSPERMOSIS, FOLLICULARIS, WHITE-DARIER DISEASE	malattia di Darier, cheratosi follicolare, malattia di darier white, cheratosi follicolare, Lichen pilare, cheratosi pilare, cheratosi soprafollicolare, cheratosi spinulosa.
1260.	4.30.2.1.4.1. anomalia pigmentada reticular das flexuras, DDD, doença de	**nenf**	maladie de Degos. (1 f)	Reticular Pigmented Anomaly of the Flexures, DOWLLNG—DEGOS	malattia di Dowling-Degos, dermatosi pigmentaria reticolata

	Dowling-Degos			DISEASE	delle pieghe (Degos, 1954), pigmentazione reticolata delle pieghe, Dark Dots Disease (DDD), morbo di Dowling-Degos, dermatosi pigmentata reticolata delle pieghe.
1261.	4.30.2.1.4.2. queratose pilar tipo Brocq-Darier, ceratose pilar tipo Brocq-Darier	queratosis pilaris	kératose rouge pilaire	**nenf**	cheratosi pilare rossa (Brocq)
1262.	4.30.2.1.4.3. queratose folicular rubra tipo Brocq, ceratose folicular rubra tipo Brocq, ulerythema ofriógenos, ulerythema ophryogenes de Tanzer	Uleritema ofriógeno, Seudopelada de Brocq	**nenf**	Keratosis pilaris atrophicans, Keratosis pilaris atrophicans faciei, Ulerythema of eyebrows, Ulerythema ophryogenes, Ulerythema ophyrogenes, Ulerythema, ophryogenes	Ulerythema ophryogenes, Keratosis rubra pilaris atrophicans faciei, folliculitis ulerythematosa reticulata.
1263.	4.30.2.1.4.4. queratose folicular decalvante e ofiásica tipo Siemens, ceratose folicular decalvante e ofásica tipo Siemens	Queratosis Folicular Espinulosa Decalvans Siemens, Síndrome de Ictiosis Folicular Queratosis Capilar Decalvante	**nenf**	**nenf**	Cheratosi follicolare spinulosa decalvante, cheratosi pilare decalvante, sindrome di Siemens 1, cheratosi follicolare spinulosa decalvante di Siemens.
1264.	4.30.2.1.4.5. foliculite uleritematosa reticular, uleritema reticulada, atrofoderma reticulado simétrico faciei, atrofoderma vermiculado, atrofodermia vermiculada	**nenf**	**nenf**	folliculitis uierythernatosa reticulata, Atrophoderma vermiculatum	follicolite sicosiforme atrofizzante, uleritema sicosiforme, sicosi lupoide, follicolite decalvante atrofizzante.

1265.	4.30.2.1.4.6. queratose folicular penetrante tipo Kyrle, ceratose folicular penetrante tipo Kyrle, keratosis pilaris penetrans	enfermedad de Kyrle	**nenf**	Hyperkeratosis follicularis penetrans (in cutem), Keratosis follicularis et parafollicularis in cutem penetrans, Kyrle's disease	malattia di Kyrle, hyperkeratosis follicularis et parafollicularis in cutem penetrans, follicolite perforante.
1266.	4.30.2.1.4.7. pitiríase rubra pilar, doença de Dever	Pitiriasis rubra pilaris	pityriasis rubra pilaire	Pityriasis Rubra Pilaris, Devergie's disease	pitiriasi rubra pilare
1267.	4.30.2.1.4.8. hiperceratose lenticular persistente, doença de Flegel	**nenf** (ver obs)	**nenf**	Hyperkeratosis lenticularis perstans, Flegel's disease	hyperkeratosis lenticularis perstans, ipercheratosi lenticolare persistente di Flegel.
1268.	4.30.2.1.4.9. queratose esfoliativa congênita, ceratose esfoliativa congênita	**nenf**	**nenf**	**nenf**	cheratolisi esfoliativa congenita, desquamazione familiare continua, "deciduous skin".
1269.	4.30.2.1.4.10. acroceratose verruciforme, acroqueratose verruciforme	acroqueratosis verruciforme	**nenf**	acrokeratosis verruciformis	acrocheratosi verruciforme, acrocheratosi verruciforme di Hopf.
1270.	4.30.2.1.4.11. comedão disceratósico familiar	**nenf**	comédons	Familial comedones	comedoni
1271.	4.30.2.1.4.12. poroqueratose, doença de Mibelli, ceratodermia excêntrica, poroceratose, hiperceratose excêntrica, hiperceratose figurada centrífuga atrófica, ceratoatrofoderma	Poroqueratosis de Mibelli	porokeratose de Mibelli (1f)	Porokeratosis, POROKERATOSIS OF MIBELLI	porocheratosi di Mibelli
1272.	4.30.2.1.4.12.1. poroqueratose actínica superficial	poroqueratosis actinica superficial diseminada	porokératose actinique disséminée superficielle (1f;	Disseminated superficial actinic porokeratosis	porocheratosi attinica superficiale disseminata di

	disseminada, poroceratose actínica superficial dissimada		ac)		Chernosk, porocheratosi attinica superficiale disseminata, morbo di Chernosky- Freeman.
1273.	4.30.2.1.4.13. papilomatose confluente e reticular de Gougerot e Carteaud, PCR	papilomatosis reticulada y confluyente de Gougerot-Carteaud	**nenf**	Acanthosis (acquired) (nigricans), Gougerot-Carteaud disease or syndrome, Keratosis nigricans, Papillomatosis confluent and reticulated , Confluent and Reticulate Papillomatosis	papillomatosi confluente e reticolata, papillomatosi reticolare confluente, papillomatosis confluens et reticularis (Gougerot-Carteaud).
1274.	4.30.2.2. genodermatose bolhosa	**nenf**	génodermatoses	**nenf**	genodermatosi
1275.	4.30.2.2.1. epidermólise bolhosa, epidermolysis Bullosa	epidermolisis ampollar	épidermolyse bulleuse	EPIDERMOLYSIS BULLOSA	epidermolisi bollosa
1276.	4.30.2.2.1.1. epidermólise bolhosa simples, doença de Goldscheider	epidermólisis ampollar simple	épidermolyse bulleuse simple	EPIDERMOLYSIS BULLOSA SIMPLEX	epidermolisi bollosa semplice
1277.	4.30.2.2.1.1.1. epidermólise bolhosa simples tipo Köbner	epidermólisis ampollar simple variedad de Koebner	**nenf**	EPIDERMOLYSIS BULLOSA SIMPLEX KOBNER	epidermolisi generalizzata di Koebner, EBS generalizzata di Koebner, epidermolisi bollosa semplice (Köbner).
1278.	4.30.2.2.1.1.2. epidermólise bolhosa simples tipo Ogna	epidermólisis ampollar simple tipo Ogna	**nenf**	simple epidermolysis bullosa Ogna	epidermolisi di Ogna, epidermolisi bollosa semplice (Ogna).
1279.	4.30.2.2.1.1.3. epidermólise bolhosa simples localizada tipo Weber Cockayne,	epidermólisis bullosa simple localizada P	épidermolyse bulleuse simple localisée	Cockayne's syndrome, simpie epidermolysis bullosa Weber-Cockayne	epidermolisi localizzata di Cockayne-Weber, epidermolisi localizzata di

	epidermólise bolhosa simples localizada				Weber-Cockayne, Epidermolisi bollosa semplice (WeberCockayne), Eruzione bollosa (estiva) riconneate dei piedi.
1280.	4.30.2.2.1.1.4. epidermólise bolhosa juncial, epidermólise bolhosa letal	epidermólisis ampollar de la zona de unión	épidermolyse bulleuse létale, syndrome de Herlitz (1f)	JUNCTIONAL EPIDERMOLYSIS BULLOSA, EPIDERMOLYSIS BULLOSA LETALIS	epidermolisi bollosa giunzionali
1281.	4.30.2.2.1.2. epidermólise bolhosa distrófica	epidermólisis ampollar distrófica	épidermolyse bulleuse dystrophique	epidermolysis bullosa dystrophica	epidermolisi bollosa distrofica
1282.	4.30.2.2.1.2.1. epidermólise bolhosa distrófica tipo Cockayne-Toraine, epidermólise bolhosa distrófica tipo Cokayne Toraine hiperplásica dominante, epidermólise bolhosa distrófica dominante hiperplásica	ES distrófica hiperplásica de Cockayne y Touraine	épidermolyse bulleuse dystrophique hyperplasique dominante	Dominant dystrophic Cockayne-Touraine epidermolysis, hyperplastic epidermolysis bullosa	epidermolisi bollosa distrofica dominante di Cockayne-Touraine, EBD generalizzata ipertrofica di Cockayne-Touraine, epidermolisi bollosa distrofica (Cockayne-Touraine.
1283.	4.30.2.2.1.2.1.1. dermatose bolhosa dermolítica	dermatosis ampollar dermolítica	**nenf**	**Nenf**	epidermolisi bollosa dermolitica, malattia di Cockayne-Touraine.
1284.	4.30.2.2.1.2.2. epidermólise bolhosa distrófica tipo albopapulóide de Pasini, epidermólise bolhosa distrófica dominante variante de albopapulóide de Pasini	epidermólisis ampollar distrófica dominante (variante de Pasini)	**nenf**	**Nenf**	epidermolisi bollosa dominante albopapuloide di Pasini, epidermolisi bollosa distrofica albopapuloide(Pasini).
1285.	4.30.2.2.1.2.3. epidermólise bolhosa distrófica recessiva,	epidermôlisis ampollar distrófica recesiva	épidermolyse bulleuse dystrophique récessive	**Nenf**	epidermolisi bollosa recessiva di Hallopeau-

..	polidisplasia tipo Hallopeau-Siemens, epidermólise bolhosa distrófica displásica		Também é uma forma		Siemens, epidermolisi bollosa distrofica (Hallopeau-Siemens).
1286.	4.30.2.2.1.2.4. epidermólise bolhosa adquirida	epidermólisis ampollar adquirida	épidermolyse bulleuse acquise (EBA)	Acquired Epidermolysis Bullosa, EBA - Epidermoly bull acquisit, EBA - Epidermolysis bullosa acquisita, Epidermolysis bull acquisita, Epidermolysis Bullosa Acquisita, Epidermolysis Bullosa, Acquired	epidermolisi bollosa acquisita.
1287.	4.30.2.2.1.3. bulose crônica benigna familial, pênfigo benigno familiar crônico, doença de Hailey-Hailey	pénfigo benigno familiar	maladie de Hailey-Hailey, pemphigus bénin familial, dermatose acantholytique familiale, pemphigus chronique bénin familial	Chronic familial benign pemphigus, HAILEY-HAILEY DISEASE	pemfigo cronico benigno familiare, malattia di Hailey-Hailey, morbo di Hailey-Hailey, pemfigo familiare benigno.
1288.	4.30.2.2.1.4. acrodermatite enteropática, acrodermatitis enteropathica	acrodermatitis enteropática	acrodermatitis enteropathica	Acrodermatitis enteropathica	acrodermatite enteropatica .
1289.	4.30.2.3. genodermatose hiperplásica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1290.	4.30.2.3.1. síndrome de Gardner	síndrome de Gardner	syndrome de Gardner (1 f)	GARDNER SYNDROME	sindrome di Gardner
1291.	4.30.2.3.2. cútis verticis gyrata	cutis verticis gyrata	**nenf**	cutis verticis gyrata	cutis verticis gyrata, pachydermia verticis gyrata.
1292.	4.30.2.3.3. acantose nigricante, acanthosis nigricans	acantosis nignicans	acanthosis nigricans	Acanthosis nigricans	acanthosis nigricans
1293.	4.30.2.4. genodermatose aplásica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1294.	4.30.2.4.1. aplasia cutânea congênita, aplasia cutânea,	aplasia congénita	Aplasie ectodermique congénitale (1f), dysplasie	Aplasia cutis congenita,	aplasia cutanea congenita, aplasia cutis congenita.

	aplasia cutânea da Cútis		ectodermique congénitale (1f)	Aplasia cutis	
1295.	4.30.2.5. genodermatose displásica	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1296.	4.30.2.5.1. poiquilodermia congênita, síndrome de Rothmund-Thomson	poiquilodermia congênita de Rothmund-Thomson	symdrome de Rothmund-Thomsom (1f; ac)	POIKILODERMA CONGENITALE, ROTHMUND-THOMSON SYNDROME	poichilodermie congenite
1297.	4.30.2.5.2. poiquilodermia esclerosante hereditária, síndrome de Weary	**nenf**	**nenf**	Hereditary sclerosing poikiloderma of Weary	morbo di Weary, poichilodermia acrocheratosica ereditaria, poichilodermia acrocheratosi congenita di Weary, poichilodermia congenita con bolle tipo Weary.
1298.	4.30.2.5.3. poiquilodermia acroceratósica hereditária	**nenf**	**nenf**	Hereditary acrokeratotic poikiloderma of Weary	poichilodermia acrocheratosica ereditaria.
1299.	4.30.2.5.4. displasia cutânea anexial	displasia ectodérmica	dysplasie ectodermique (1f)	Ectodermal Dysplasia	displasia ectodermica
1300.	4.30.2.5.4.1. displasia ectodérmica anidrótica, síndrome de Christ-Siemens	displasia ectodérmica anhidrótica	dysplasie ectodermique (anhidrotique)	ANHIDROTIC ECTODERMAL DYSPLASIA, Christ-Siemens-Touraine syndrome	displasia ectodermica anidrotica di Christ Siemens Touraine, displasia ectodermica anidrotica, displasia ectodermica ipoidrotica X-cromosomica, sindrome di Christ-SiemensTouraine, anidrosi ipotricotica.
1301.	4.30.2.5.4.2. displasia ectodérmica hidrótica	displasia ectodérmica hidrótica	dysplasie ectodermique (hidrotique) (1f)	HIDROTIC ECTODERMAL DYSPLASIA	sindrome di Clouston, displasia ectodermica idrotica.

1302.	4.30.2.5.5. disceratose congênita, disqueratose congênita, síndrome de Zinsser-Cole-Fanconi	disqueratosis congénita	dyskératose congénitale (1 f)	DYSKERATOSIS CONGENITA, Zinsser-Engman-Cole syndrome	discheratosi congenita, sindrome di Zinssman Egman Cole.
1303.	4.30.2.5.6. síndrome de hamatomatose múltipla, doença de Cowden	síndrome de hamartoma múltiple	**nenf**	Multiple hamartoma syndrome, Cowden disease	malattia di Cowden, Morbo di Cowden, sindrome degli amartomi multipli.
1304.	4.30.2.5.7. displasia cística multiforme	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1305.	4.30.2.6. genodermatose atrófica	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1306.	4.30.2.6.1. progeria da criança, progeria, doença de Hutchinson-GILford	Progeria	progeria de l'enfant (1 f)	Progeria, Hutchinson—Gilford syndrome	progeria infantile, sindrome di Hutchinson-Gilford, sindrome di Gilford, sindrome da senilità prematura, sindrome di Souques-Charcot.
1307.	4.30.2.6.2. acrogeria	Acrogeria	acrogéria (1 f)	Acrogeria	sindrome di Gottron, acrogeria.
1308.	4.30.2.6.3. metageria	**nenf**	**nenf**	Metageria	metageria
1309.	4.30.2.6.4. progeria do adulto, síndrome de Wener.	síndrome de Werner	syndrome de Werner	Adult progeria, Werner syndrome	sindrome di Werner.
1310.	4.30.2.6.5. síndrome de Cockayne	síndrome de Cockayne, síndrome tipo progeria	syndrome de Cockayne (ac)	COCKAYNE SYNDROME	sindrome di Cockayne.
1311.	4.30.2.6.6. hipoplasia dérmica focal, síndrome de Goltz.	hipoplasla dérmica focal, síndrome de Goltz	**nenf**	FOCAL DERMAL HYPOPLASIA, GOLTZ SYNDROME	ipoplasia dermica focale, sindrome di Goltz-Gorlin.
1312.	4.30.2.7. genodermatose mesenquimal	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1313.	4.30.2.7.1. cútis laxa,	cutis laxo	cutis laxa, chalazodermie	CUTIS LAXA, Ehlers—	cutis laxa

	síndrome de Ehlers-Danlos tipo IX, cútis flácida, dermatólise, dermatocalasia, dermatochalasia, chasodermia, pele frouxa			Danlos syndrome type IX, DERMATOLYSIS	
1314.	4.30.2.7.1.1. cútis laxa congênita	cutis laxa congénita	**nenf**	Congenital cutis laxa	cute lassa congenita.
1315.	4.30.2.7.1.2. cútis laxa adquirida	cutis laxa adquirida, dermatoclasia, elastólisis	**nenf**	Acquired cutis laxa	cutis laxa acquisita.
1316.	4.30.2.7.1.3. cútis laxa localizada	**nenf**	cutis laxa localisée (1 f)	Localized cutis laxa	**NENF**
1317.	4.30.2.7.2. cútis hiperelástica, síndrome de Ehlers-Danlos	síndrome de Ehlers-Danlos, cutis hiperelástico, cutis elástico	cutis hyperelastica (1 f), maladie d'Ehlers-Danlos (1 f)	CUTIS HYPERELASTICA, EHLERS—DANLOS SYNDROME	sindrome di Ehlers-Danlos, malattia di Ehlers-danlos, Sindrome di Ehlers-Danlos, cutis elastica.
1318.	4.30.2.7.3. pseudoxantoma elástico, síndrome de Grondblad-Strandberg, pseudoxanthoma elasticum	seudoxantoma elástico, elastorrexis sistematizada, síndrome de Gronblad-Strandberg	pseudo-xanthome élastique	PSEUDOXANTHOMA ELASTICUM, GRONBLAD-STRANDBERG SYNDROME, PSEUDOXANTHOMA ELASTICUM	pseudoxantoma elastico, elastorrexi sistemica — sindrome di Grondbladt-Strandberg, sindrome di Darier-Groenblad-Strandberg, elastoressi generalizzata.
1319.	4.30.2.7.4. elastose perfurante, elastose perfurante serpiginosa	Elastosis perforante serpiginosa, elastoma perforante, queratosis folicular serpiginosa	elastome perforant serpigineux (1f; ac); elastome perforant (1 f)	Disease, Lutz-Miescher, Elastoma, Miescher's, Elastosis perforan serpiginosa, Elastosis perforans serpiginosa, Elastosis, perforans serpiginosa, Keratosis follicul serpiginosa, Keratosis follicularis serpiginosa, LUTZ-	elastoma perforante serpiginoso, cheratosi follicolare serpiginosa, malattia di Lutz-Miescher, elastosi perforante serpiginosa, elastosi intrapapillare perforante verruciforme, cheratosi follicolare serpiginosa.

				MIESCHER DISEASE, Miescher's elastoma, Perforat serpiginous elastosis, Perforating elastoma, PERFORATING ELASTOSIS, Perforating serpiginous elastosis	
1320.	4.30.2.7.5. colagenose reativa familial	colagenosis perforante reactiva	collagénome perforant verruciforme	Collagenosis reactive perforating	collagenosi perforante reattiva
1321.	4.30.2.7.6. síndrome de Puretic	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	fibromatosi ialina giovanile, sindrome di Puretic.
1322.	4.30.2.7.7. lipodistrofia congênita generalizada, lipodistrofia, síndrome de Lawrence-Berardinelli	lipodistrofia generalizada, diabetes lipoatrófica, lipodistrofia total, lipodistrofia	lipodystrophie	LIPODYSTROPHY, Generalized lipodystrophy	sindrome lipodistrofica, lipodistrofia, lipodistrofia generalizzata, lipodistrofia totale, sindrome di Lawrence-Seip.
1323.	4.30.2.8. genodermatose neurocutânea	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1324.	4.30.2.8.1. facomatose	síndrome de neurocutáneos, facomatosis, síndrome de displasia neuroectodérmicos	syndrome neuro-cutané, phacomatose (1 f)	PHACOMATOSIS	facomatosi
1325.	4.30.2.8.2. disautomia familial, síndrome de Riley-Day	disautonomía famillar G90.1 disautonom¡a familiar, síndrome de Riley-Day, HSAN tipo III, neuropatia hereditaria-sensorial y automa tipo III, neuropatia automa tipo III y hereditaria-sensorial tipo III	dysautonomie familiale (1 f)	FAMILIAL DYSAUTONOMIA, Riley—Day syndrome	disautonomia familiare, sindrome di Riley-Day, neuropatia sensitiva e autonomica ereditaria tipo 3.
1326.	4.30.2.9. genodermatose com fotossensibilidade	**nenf**	génophotodermatose	**Nenf**	genodermatosi con fotosensibilità.
1327.	4.30.2.9.1. eritema	síndrome de Bloom, síndrome	syndrome de Bloom (if; ac)	Congenital Telangiectatic	sindrome di Bloom, erythema

	telangiectásico congênito, síndrome de Bloom	de Bloom – Torre – chacek		Erythema, BLOOM SYNDROME	teleangiectaticum congenitale.
1328.	4.30.2.9.2. síndrome de Hartnup, doença de Hartnup	enfermedad de Hartnup, trastorno del transporte de aminoácido neutral, trastorno del transporte neutral de aminoácido, leucodistrofia de célula globoide	maladie de Hartnup (1f; ac)	Hartnups syndrome, HARTNUP DISEASE	malattia di Hartnup, sindrome di Hartnup.
1329.	4.30.2.9.3. xeroderma pigmentoso, dermatose de Kaposi, atrofodermia pigmentosa, angioma pigmentoso e atrófico, xerodema pigmentosum, e as variantes: XPA, XPB, XPC, XPD, XPE, XPF, XPG, XP-V	xeroderma pigmentoso, Enfermedad de Kaposi, xerodermia pigmentosa	xeroderma pigmentosum	XERODERMA PIGMENTOSUM	xeroderma pigmentoso.
1330.	4.30.2.10. esclerose tuberosa, esclerose tuberosa de Bourneville, queratose seborréica, verruga seborréica ou senil, ET, doença de bourneville, epilóia, doença de Pringle-Bourneville	Esclerosis tuberosa	verrue séborrhéique, kératose séborrhéique, sclérose tubéreuse, epiloïa, maladie de Bourneville (1 f)	TUBEROUS SCLEROSIS, Seborrhoeic keratosis, seborrhoeic wart, senile wart, BOURNEVLLE'S DISEASE, Epiloia	sclerosi tuberosa di Bourneville, epiloia (Epilepsy Low Intelligence Adenoma Sebaceum), malattia di Bourneville, adenoma sebaceo di Pringle, sclerosi tuberosa, Morbo di Bourneville.
1331.	4.30.2.10.1. neurofibromatose, moléstia de Recklinghausen	Neurofibromatosis	neurofibromatose (non maligne) (1 f; ac), maladie de von Recklinghausen (1 f; ac), maladie de Recklinghausen (1 f), neurofibromatose de Recklinghausen (1f)	Neurofibromatosis	neurofibromatosi, morbo di Von Recklinghausen, malattia di Von Recklinghausen.
1332.	4.30.2.10.1.1. neurofibromatose 1, doença de Von Reckling-Hausen, NF1	neurofibromatosis de Von Recklinghausen, neurofibromatosis 1, sindrome de Leopard, neurofibromatosis periférica enfermedad de nerviosa Von	NF 1	ROFIBROMATOSIS 1, Von Recklinghausens disease	neurofibromatosi 1, neurofibromatosi classica.

		Recklinghausen Enfermedad de Recklinghausen			
1333.	4.30.2.10.1.2. neurofibromatose 2, neurofibromatose acústica bilateral, NF2	neurofibromatosis acustica bilateral, neurofibromatosis central, NF2 neuroma acustico bilateral, Schwannoma acustico bilateral, neurofibromatosis 2	NF 2	NEUROFIBROMATOSIS 2, bilateral acoustic neurofibromatosis	neurofibromatosi 2, neurofibromatosi bilaterale acustica, NF centrale, neurofibromatosi tipo 2, neurofibromatosi tipo 3, schwannomatosi dell'VIII nervo.
1334.	4.30.2.10.2. síndrome de Sturge-Weber	enfermedad de Sturge-Weber, Angiomatosis, encefalotrigeminal; síndrome de Sturge-Weber-Dimitri, síndrome de Sturge-Weber, neurorretinoangiomatosis, facomatosis de Sturge Weber	Syndrome de Sturge-Weber-Dimitri (1 f; ac)	Sturge—Weber syndrome, STURGE-WEBER NEURORETINOANGIOMATOSIS PHAKOMATOSIS, ENCEPHALOFACLAL ANGIOMATOSIS	angiomatosi encefalo-trigeminale, sindrome di Sturge-Weber-Krabbe, sindrome di Sturge-Weber, angioma piano facciale monolaterale.
1335.	4.30.2.10.3. ataxia telangiectásica, síndrome de Louis Bar	ataxia-telangiectasia, enfermedad de Louis-Bar, síndrome de Louis-Bar	ataxie-télangiectasie (1 f), ataxie télangiectasique (1 f ;a c), ataxie cérébelleuse avec défaut de réparation de l'ADN (1 f ;a c).	Ataxia telangiectasia, Louis Bar syndrome	atassia telangectasica, sindrome di Louis-Bar, atassia teleangectasica.
1336.	4.30.2.10.4. doença de Von-Hippel-Lindau, angiomatose retino cerebelar, hemangioblastoma do cerebelo e da retina	Hemangioblastoma de cerebelo y retina, síndrome de Lindau-von Hippel - Síndrome de von Hippel-Lindau, enfermedad de Hippel-Lindau, enfermedad de Von Hippel-Lindau, Hemangioblastoma de cerebelo y retina, angiomatosis cerebelorretinal familiar, enfermedad de Lindau	Syndrome de von Hippel-Lindau (1f; ac)	VON HIPPEL—LINDAU DISEASE	sindrome di Von-Hippel-Lindau.
1337.	4.31. farmacodermia, dermatite medicamentosa	Dermatitis medicamentosa, erupciones por medicamentos	toxicodermie	DERMATITIS MEDICAMENTOSA	NENF

		dermatitis medicamentosa, dermatitis por fármacos y medicinas, dermatitis por reacción adversa a medicamentos, erupción medicamentosa, erupción por medicamento			
1338.	4.31.1. farmacodermia mimética de quadro clínico importante	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1339.	4.31.1.1. lúpus eritematoso sistêmico-símile	lupus eritematoso sistémico lupus eritematoso sistémico inducido por fármacos, Lupus eritematoso sistémico inducido por drogas	lupus érythémateux systémique (1 f; ac)	Systemic lupus erythematosus	lupus eritematoso sistemico
1340.	4.31.1.2. ectodermose erosiva pluriorificial, erytema multiforme exudativum, síndrome de Stevens-Johnson	síndrome de Stevens-Johnson, eritema multiforme flictenoso Síndrome de Stevens-Johnson	syndrome de Stevens-Johnson, érythème polymorphe bulleux	Ectodermosis erosiva pluriorificialls, erythema multiforme exudativum, Stevens-Johnson syndrome Ectodermosis erosiva pluriorificialis	eritema polimorfo, eritema multiforme, sindrome di Stevens-Johnson, ectodermosi pluriorifiziale di Fiessinger-Rendu.
1341.	4.31.1.3. necrólise epidérmica tóxica, epidermólise necrótica com bustiforme, eritema necrótico combustiforme, doença de Lyell, síndrome da pele escaldada, TEN (Toxic Epidermal Necrolysis)	necróllsis epidérmica tóxica, NET, enfermedad de Lyell Necrólisis epidérmica tóxica síndrome de Lyell, síndrome de piel quemada no estafilococica	syndrome de LyeII, nécrolyse épidermique toxique, épidermolyse nécrosante suraiguë (1f; ac)	toxic epidermal necrolysis, Lyell's disease, scalded skin syndrome, TEN	sindrome di Lyell, necrolisi epidermica tossica (= TBN Toxic Epidermic Necrolysis), sindrome di Lyell da farmaci, sindrome della cute ustionata.
1342.	4.31.1.4. eritrodermia esfoliativa, eritroderma esfoliativo, Keratolysis esfoliativa.	Eritrodermia, Dermatitis exfoliativa	**nenf**	exfoliative erythroderma, Keratolysis exfoliativa	eritroderma esfoliativo
1343.	4.31.1.5. vasculite, Angüte, angeíte	Vasculitis, angeítis	vascularite, angéite (1f; ac), angéite nécrosante (1 f)	VASCULITIS, ANGIITIS	vasculiti, vasculiti cutanee.

1344.	4.31.1.6. púrpura, peliose, púrpura anafiloctóide de Henoch-Schoenlein	púrpura anafilactóide de Henoch-Schoenlein, púrpura de Henoch-Schoenlein	purpura	PURPURA, Henoch—Schõnlein púrpura, PETECHIAE	porpora anafilattoide, sindrome di Schoenlein-Henoch, porpora di Schönlein-Henoch, porpora reumatica.
1345.	4.31.1.7. doença do soro	enfermedad del suero	maladie sérique	SERUM SICKNESS	malattia da siero, malattia da siero localizzata.
1346.	4.31.1.8. choque anafilático, antítese de profilaxia	Anafilaxia, reacción anafiláctica, shock anafilactico	choc anaphylactique	anaphylactic shock, PHYLAXIS, ANAPHYLACTIC REACTION	shock anafilattico
1347.	4.31.1.9. doença exantemática-símile	erupción exantemática	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1348.	4.31.1.10. erupção vesicolbolhosa	Erupción fija por drogas	éruption vésiculo-bulleuse (1 f; ac)	**Nenf**	eruzione bollosa, eruzione vescicolo-bollosa.
1349.	4.31.1.11. eritema nodoso, eritema condusiforme, dermatite contusiforme, febre nodal	eritema nudoso	érythême noueux	ERYTHEMA NODOSUM	eritema nodoso, eritema contusiforme.
1350.	4.31.1.12. urticária, fervor-do-sangue (pop.).	Urticaria	urticaire	Urticária	orticaria
1351.	4.31.1.13. fotodermatites	Dermatitis por fotocontacto, fotodermatitis	**nenf**	Photodermatitis	fotodermatiti
1352.	4.31.1.14. porfiria	Porfiria P	porphyrie	Porphyria	porfiria
1353.	4.31.1.15. pustulose exantemática aguda generalizada, AGEP, acute generalized exanthematic pustolosis.	exantemas generalizados, Exantema agudo	pustulose exanthématique aigué généralisée	**Nenf**	pustolosi esantematica acuta generalizzata, pustolosi acuta generalizzata.
1354.	4.32. fotodermatose	Fotodermatosis	photodermatoses (1f)	Photodermatosis	fotodermatosi

1355.	4.32.1. fotodermatose tóxica primária	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1356.	4.32.1.1. fotodermatose tóxica primária precoce	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1357.	4.32.1.1.1. fotodermatose tóxica primária precoce pigmentar, fenômeno de Meirowsky	**nenf**	**nenf**	Meirowsky phenomenoa	scurimento immediato della cute, fenomeno di Meirowsky.
1358.	4.32.1.1.2. espessamento epidérmico	engrosamiento epidérmico	épaississement de l'épiderme SAI (1f; ac)	Thickening epidermal	**NENF**
1359.	4.32.1.2. fotodermatose tóxica primária tardia	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1360.	4.32.1.2.1. dermatose elastótica actínica	elastosis actínica, elastosis senil	**nenf**	**Nenf**	dermatite attinica cronica.
1361.	4.32.1.2.1.1. elastoma difuso, elastoma difuso de Dubreuilh	Melanosis de Dubreuilh	mélanose de Dubreuilh, mélanome de Dubreuilh	Dubreiulh 's elastoma	melanosi di Dubreiulh.
1362.	4.32.1.2.1.2. pele romboidal	piel romboidal	cutis rhomboidalis (1f; ac), nuque rhomboïdale (1f; ac), peau rhomboïdale (1f; ac)	Cutis rhomboidalis	cute romboidale
1363.	4.32.1.2.1.3. pele citreínica	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1364.	4.32.1.2.1.4. elastoidose cística e comêmica, elastoide nodular a cistos e comedões de Favre-Racouchot	Elastosis nodular con quistes y comedones, Favre-Racouchot	**nenf**	**Nenf**	morbo di Favre-Racouchot, elastéidose cutanée nodulaire à kystes et à comédons.
1365.	4.32.1.2.1.5. nódulo elastótico das orelhas, anti-hélix	nódulos del antehélix, Carcinoma de células escamosas	nodule douloureux de l'oreille	Elastotic nodules of the ear	noduli elastosici
1366.	4.32.1.2.1.6. ceratodermia marginal das palmas, doença de Ramos e Silva	queratodermia palmar y plantar adquirida	kératose palmaire et plantaire acquise (1f, ac), kératodermie palmaire et plantaire acquise (1f; ac)	**Nenf**	cheratodermie palmoplantari.
1367.	4.32.1.2.1.7. granuloma anular elastolítico, granuloma actínico, granuloma actínico de O'Brien	granuloma actínico	granulome actinique	ACTINIC GRANULOMA, O'BRIEN'S GRANULOMA	granuloma anulare.

1368.	4.32.1.2.2. câncer cutâneo	tumor, neoplasia	tumeur cutanée, cancer cutanée	skin cancer, SKIN NEOPLASMS, CANCER OF SKIN	tumori, cancro.
1369.	4.32.2. eritema solar, erythema solare, queimadura solar	quemadura solar, quemadura por el sol	coup de soleil	solar erythema, Sunburn	eritema solare (forma diretta acuta), eritema solare, eczema solare, dermatite solare.
1370.	4.32.3. pigmentação solar	Pigmentación	**nenf**	**Nenf**	pigmentazione solare, cheratosi solare, cheratosi attinica.
1371.	4.32.3.2. pigmentação tardia	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	**NENF**
1372.	4.32.4. melanose solar, lentigo solar, lentigo senil, mancha hepática, melanose actínica, mancha da senilidade	lentigo solar, léntigo senil	lentigo sénile (1 f; a c)	senile lentigo	lentigo, lentiggine solare, lentiggine senile, macchia senile, lentigo senile.
1373.	4.32.5. queratose solar, ceratose actínica, queratose actínica, acantose verrucosa, verruga senil, verruga plana senil, ceratoma	queratosis solar, queratoma, verruga senil	kératose actinique, kératose sénile (1 f; a c), kératose solaire (1 f; a c)	solar keratosis, actinic keratosis, senile wart	cheratosi solare, cheratosi senile, cheratosi attinica.
1374.	4.32.6. elastose solar, Peau Citrine	elastosis solar	élastose sénile, (1 f; a c) élastose solaire (1 f; a c)	SOLAR ELASTOSIS	elastosi attinica, elastosi senile, elastosi solare.
1375.	4.32.7. poiquilodermia solar	**nenf**	-	Ne	**NENF**
1376.	4.32.8. leucodermia solar, leucodermia gotada, hipomelanose gostada idiopática	Hipomelanosis idiopática guttata, HIG, Hipomelanosis idiopática en gota	leucodermie acquise en goutte	Idiopathic guttate hypomelanosis	leucodermia.
1377.	4.32.9. fotodermatose induzida por substância química, fotodermatose por sensibilização, fotodermatite,	acción fotodinámica, fotosensibilidad inducida por una farmacoterapia general	dermatose avec photosensibilité	Photodermatitis	dermatosi da fotosensibilità.

	leucite				
1378.	4.32.9.1. fototóxica	fototoxicidad, dermatitis fototóxica, dermatitis por contacto fototóxica	phototoxicité	Phototoxic dermatitis, PHOTOTOXIC PHOTOTOXICITY CONTACT DERMATITIS	dermatite da contatto fototossica.
1379.	4.32.9.2. fotoalérgicas, fotoalergia, fotossensibilização	Fotoalergia, dermatitis por contacto fotoalérgica, dermatitis por contacto fotosensitiva, dermatitis por fotocontacto	photoallergie	PHOTOALLERGIC DERMATITIS, PHOTOALLERGY	fotoallergia.
1380.	4.32.10. fotodermatose idiopática	fotodermatosis idiopática	**nenf**	Idiopathic Photodermatosis	fotodermatosi idiopatiche.
1381.	4.32.10.1. urticária solar	urticaria solar	urticaire solaire	Solar urticária	orticaria solare
1382.	4.32.10.2. reticulóide actínico, reação lumínica persistente, actino-reticulóide	reticuloide actínico	pseudo-lymphome actinique (1f), actinic reticuloid (1 f), actino-réticulose, actinoréticulose	actinic reticuloid	pseudolinfoma reticuloide attinico, reticuloide attinico.
1383.	4.32.10.3. hidroa vaciniforme, hidroa estival, hidroa das crianças, hidroa vaciniforme de Bazin, hydroa vacciniforme	hidroa vacciniforme	hydroa vacciniforme (ac), hydroa-vacciniforme (ac)	hydroa vacciniforme	hydroa vacciniforme, hydroa vacciniforme di Bazzin.
1384.	4.32.10.4. erupção polimorfa lumínica, erupção polimorfa à luz, erupção lumínica polimorfa, erupção papular	erupción lumínica polimórfica, erupción polimórfica lumínica	lucite polymorphe	Polymorphic light eruption, Papular eruption	dermatite polimorfa alla luce, dermatite polimorfa solare.
1385.	4.32.10.5. prurigo estival, prurido de Hutchinson, prurigo estival ou de verão	prurigo estival de Hutchinson	**nenf**	Hutchinson's summer prurigo	prurigo attinica tipo hutchinson.
1386.	4.32.10.6. púrpura solar	**nenf**	purpura sénile (1 f; ac)	**Nenf**	**nenf**
1387.	4.32.11. queilite actínica	queilitis actinica	coup de soleil	Actinic cheilitis	cheilite attinica
1388.	4.32.12. ceratose actínica, ceratose senil, verruga senil, queratose senil, acantose	queratosis actínica, queratosis senil	kératose actinique, kératose sénile, kératose solaire	actinic keratosis, keratosis senilis, senile wart, senile keratosis	cheratosi solare, cheratosi attinica, cheratosi senile.

	verrucosa, verruga plana senil, ceratose actínica e solar.				
1389.	4.32.13. câncer cutâneo	neoplasma cutáneo, cáncer de la piel	tumeur cutanée, cancer cutané	CANCER OF SKIN, SKIN CANCER	melanoma cutaneo.
1390.	4.32.14. púrpura senil, púrpura senil de Bateman.	púrpura senil	púrpura sénile, púrpura simple (1 f, ac)	Senile purpura	porpore senile.
1391.	4.32.15. pseudocicatrizes estelares	seudocicatrices espontáneas estrelladas	pseudo-cicatrices stellaires (1f; ac)	stellate pseudoscars	pseudocicatrici stellari.
1392.	4.32.16. hiperplasia sebácea, hiperplasia sebácea senil.	hiperplasia sebáceo senil, hiperplasia sebácea, adenoma sebáceo senil	hyperplasie sébacée (1f; ac)	**Nenf**	iperplasia sebacea senile, iperplasia sebacea.
1393.	4.32.17. miliaria solaris	**nenf**	miliaire sudorale	Miliaria	miliaria
1394.	4.33. afecções das mucosas	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	secchezza della mucosa orale, xerostomia.
1395.	4.33.1. queilite esfoliativa, dermatitie esfoliativa.	dermatitis exfoliativa, queilitis exfoliativa	**nenf**	EXFOLIATIVE CHEILITIS, EXFOLIATIVE DERMATITIS	cheilite esfoliativa.
1396.	4.33.2. queilite angular, perleche, comessurite labial, queilite comissural.	queilitis angular, boquera	perlèche, cheilite commissurale (1f; ac)	Angular cheilitis, perleche	cheilite angolare, perlèhes, cheiliti angolari delle labbra.
1397.	4.33.3. queilite actínica, queilite solar	queilitis actinica	coup de soleil	ACTINIC CHEILITIS	cheilite attinica, cheilite solare.
1398.	4.33.4. quelite de contato, dermatite de contato.	queilitis de contacto, dermatitis de contacto	dermite exogene (1f), dermite de contact (1f)	CONTACT CHEILITIS, Contact dermatitis	dermatite allergica da conttato, dermatite da conttato.
1399.	4.33.5. queilite glandular, mixodemite labial, queilite de Valkmann, doença de Bealz.	queilitis glandular, enfermedad de Puente	cheilite glandulaite (1f; ac)	GLANDULAR CHEILITIS	cheilite ghiandolare (Volkmann), sindrome di Baelz, cheilite ghiandolare.
1400.	4.33.5.1. queilite glandular simples	queilitis granulomatosa, glossite fissurada	**nenf**	simple glandular cheilitis	cheilite ghiandolare semplice.
1401.	4.33.5.2. queilite glandular	**nenf**	**nenf**	**Nenf**	cheilite granulomatosa

	apostematosa				apostematosa, cheilite ghiandolare apostematosa.
1402.	4.33.6. queilite granulomatosa, glossite fissurada	Sindrome de Melkersson-Rosenthal, queilitis granulomatosa	cheilite fissuraire	granulomatous cheilitis	cheilite granulomatosa, cheilite, macrocheilite di Miescher.
1403.	4.33.7. queilite lúpica	**nenf**	maladie lupique	Ne	cheilite lupica
1404.	4.33.8. queilite plasmocitária, quielite de plasmócitos	**nenf**	**nenf**	PLASMA CELL CHEILITIS	**NENF**
1405.	4.33.9. grânulo de Fordyce, ponto de Fordyce, mancha de Fordyce, doença de Fordyce, pseudocolóide dos lábios.	puntos de Fordyce, enfermedad de FordyceP	grains de Fordyce (1f; ac)	Fordyce spots, Fordyce's disease	granuli di Fordyce, ghiandole sebacee ectopiche, ghiandole sebacee eterotope, granuli di Fordyce.
1406.	4.33.10. língua escrotal, língua plicata, língua fissurada, língua sulcada.	lengua arrugada, lengua escrotada, lengua fisurada, lengua escrotalP	langue plicaturée (1f; ac), langue fissurée (1f; ac), langue scrotale, langue striée (1f; ac)	scrotal tongue, lingua plicata, fissured tongue	lingua plicata, psoriasi delle mucose.
1407.	4.33.11. língua geográfica, golssite migratória benigna, língua dissecada, ptiríase da língua, eritema migrante, língua migratória.	lengua geográfica, glositis migratoria benigna; glositis areata migratória, glositis areata exfoliativaP	langue géographique, glossite exfoliatrice marginée (1f), migratoire bénigne (1f; ac)	GEOGRAPHICAL TONGUE, benign migratory glossitis, erythema migrans	lingua a carta geografica, lingua geografica, glossite migrante benigna.
1408.	4.33.12. língua negra pilosa, língua negra vilosa	lengua negra pilosa, lengua negra, lengua pilosa	langue noire villeuse, langue chargée	black hairy tongue, lingua villosa nigra	lingua nera villosa, lingua villosa (nigra).
1409.	4.33.13. glossite, glossite inflamatória.	glositis	glossite, abcès de la langue (1f; ac), ulcération (traumatique) de la langue (1f; ac)	Glossitis	glossite
1410.	4.33.13.1. glossite de Moeller	(Internet) glositis de Moeller/Möller/Hunter	glossite de Hunter, anémie macrocytaire (1f; ac)	Moellers glossitis	glossite di Moller-Hunter.

1411.	4.33.13.2. glossite mediana romboidal, glossite mediana losângica	glositis romboidea mediana, glositis romboidal mediana, glositis romboide media	glossite losangique médiane	Median rhomboid glossitis	glossite romboidale mediana, glossite rombica mediana.
1412.	4.33.14. úlcera eosinofilica da língua	(Internet) úlcera eosinofílica de la lengua	**nenf**	Eosinophilic granuloma of the tongue	ulcera eosinofilica, ulcera indolente, ulcera del roditore o eosinofilica.
1413.	4.33.15. fibromatose gengival idiopática	fibromatosis gingival, gingivitis hipertrófica	hyperplasie gingivale, fibromatose gingivale (1 f; ac)	Idiopathic gingival fibromatosis	Fibromatosi gengivale ereditaria, fibromatosi gengivale.
1414.	4.33.16. nevo espongiforme branco, nevo esponjoso branco, displasia branca familiar, nevo epitelial oral.	nevus esponjoso blanco	**nenf**	White sponge naevus	nevo spongioso bianco.
1415.	4.33.17. epúlide, epúlida (f. paral.)	epulis, épulis (verificar se é variante)	épulide, épulie	Epulis	epulide.
1416.	4.33.18. leucoplasia	leucoplasia	leucoplasie (1f; ac)	LEUKOPLAKIA	leucoplachia, leucoplasia.
1417.	4.33.19. cisto mucoso, mucocele, cisto mucinose.	mucocele, mucocele de glándula salival, quiste mucoso de glándula salival, quiste de retención de la mucosa; ránula	kyste muqueux, mucocèle des glandes salivaires (1f; ac), grenouillette	Mucous cysts, Mucocele	cisti mucoide, cisti traumatica mucoide, mucocele, mucocele delle ghiandole salivari.
1418.	4.33.20. torus palatinos, toro palatino	torus palatinus	**nenf**		toro palatino, toro mandibolare.
1419.	4.33.21. estomatite nicotínica, estomatite tabágica, ceratose do fumante, placas do fumante	LEUCOPLAQUIA BUCAL, LEUCOPLASIA BUCAL, QUERATOSIS ORAL, queratosis del fumador, (Internet) estomatitis nicotínica	**nenf**	oral leukoplakia, oral keratosis, leukoplakia oral epithelium including tongue (mucosa), hairy leukoplakia, leukoplakia buccal, leukoplakia mouth, smokers' keratosis of the palate, syndrome stomatitis nicotina	leucocheratosi nicotinica del palato, stomatite nicotinica.
1420.	4.33.22. estomatite galvânica	(Internet) estomatitis subprótesis	**nenf**	verrucous carcinoma	stomatite elettrogalvanica, stomatite da

					elettrogalvanismo.
1421.	4.33.23. papilomatose florida oral, papilomatose oral franca	papilomatosis bucal florida	papillomatose orale floride (1f; ac)	florid oral papillomatosis, verrucous carcinoma, Ackerman tumour, florid papillomatoses	**NENF**
1422.	4.33.24. pioestomatite vegetante, piostomatite vegetante.	(Internet) pioestomatitis vegetante	**nenf**	pyostomatitis vegetans	piostomatite vegetante, stomatite vegetante pluriorifiziale.
1423.	4.33.25. balanite	balanitis	balanite (final)	balanitis, kraurosis penis, balanoposthitis, candida balanitis	balanite
1424.	4.33.25.1. balanopostite erosiva circinada, balanite erosiva circinada	balanitis circinada	balanite érosive et circiné, balano-érosive circinée	balanitis circinata, balanitis erosiva, circinate erosive balanitis	balanite erosiva circinata.
1425.	4.33.25.2. balanite plasmocitária de Zoon, balanite de Zoom, balanite circunscripta, eritroplasia de Zoom, plasmacellularis, balanite de plasmócitos.	balanitis crónica circunscrita, (Internet) balanitis de Zoon, balanitis plasmocitaria de Zoon, balanitis plasmocelular de Zoon	balanite à plasmocytes (Zoon), balanite plasmocytaire	balanitis of Zoon	balanite cronica circoscritta plasmacellulare(Zoon), balanite palsmocitaria.
1426.	4.33.25.3. balanopostite xerótica e obliterativa	Balanitis xerótica obliterante	balanitis xerotica obliterans	balanitis xerotica obliterans, syndrome balanitis xerotica obliterans	balanopostite xerotica obliterante, balanite xerotica obliterans.
1427.	4.33.25.4. balanite bowenóide da genitária	papulosis bowenoide	papulose bowénoïde (1 fonte)	bowenoid papulosis, syndrome multifocal indolent pigmented penile papules	papulosi bowenoide, papulosi bowenoide genitale.
1428.	4.33.25.5. papulose perolada do pênis	(Internet) PAPULOSIS BOWENOIDE CONFLUENTE DEL PENE	**nenf**	**nenf**	papulosi bowenoide del pene.
1429.	4.33.25.6. craurose vulvar, leucocraurose.	craurosis vulvar, craurosis de la vulva	kraurosis vulvae, lichen scléreux, balanitis xerotica obliterans, lichen scléro-atrophique, kraurosis de la vulve	kraurosis vulvae, leukokraurosis vulva(e)	craurosi vulvare, lichen sclero-atrofico vulvare, distrofia vulvare.

1430.	4.33.25.7. atrofia senil genital da mulher, atrofia genital senil, atrofia da vulva	atrofia posmenopáusica vulvar, vaginitis atrófica postmenopáusica, vaginitis (atrófica) senil, atrofia de vulva	vaginite sénile (atrophique)	senile atrophy, atrophy vagina (senile), vaginitis atrophic postmenopausal, vaginitis postmenopausal atrophic, vaginitis senile (atrophic)	atrofia vulvo-vaginale.
1431.	4.33.25.8. vulvovaginite	vulvovaginitis	vulvo-vaginites	vulvovaginitis	vulvovaginite
1432.	4.34. onicopatia, afecção das unhas	trastornos de las uñas, enfermedades de la uña	onychopathie	onychopathy	onicopatia
1433.	4.34.1. acaulose	**nenf**	affections à Scopulariopsis Brevicaulis scopulariopsidose	nail diseases	afezioni da scopulariopsis brevicaulis.
1434.	4.34.2. acropaquia	acropaquía	ostéoarthropathie pneumique, ostéo-arthropathie hypertrophiante pneumique de Pierre rie, acropachie, maladie de Pierre rie, ostéite hyperplasique secondaire	**nenf**	acropachia.
1435.	4.34.3. anoníquia	anoniquia	anonychie	anonychia, congenital anonychia, anonychosis	anonichia
1436.	4.34.4. braquioníquia	(Internet) braquioniquia (1 ocorrência)	brachyonychie	**nenf**	brachionichia
1437.	4.34.5. coiloníquia, celoníquia	coiloniquia, uña en forma de cuchara	koïlonychie, ongle en cuvette, ongle en cuiller	celonychia, koilonychia	spoon nail, coilonichia (spoon nail), coilonichia.
1438.	4.34.6. coloníquia	não é a mesma coisa que o de cima	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1439.	4.34.7. cristas longitudinais e transversais	estrías longitudinales y transversales	sillons transversaux	**nenf**	**NENF**
1440.	4.34.8. cromoníquia	(Internet) cromoniquia	chromonychie	Chromonychia	cromonichia
1441.	4.34.9. defluvium ungueal, edefluvium unguium, onicomadese	(Internet) onicomadesis	onychomadésis, onychomadèse	defluvium unguium	onicomadesi
1442.	4.34.10. depressões puntiformes, pitting ungueal,, depressões cupuliformes, unhas em dedal	hoyo, depresiones, poctto (verificar grafia), piqueteado, perforación de las uñas, punteado en las uñas (Internet) pitting ungueal,	dépressions punctiformes, ongles en dé à coudre	regular pitting of the nail	unghie " a ditale da cucito", depressioni puntiformi.

		hoyuelo ungueal, depresiones puntiformes, hoyuelos puntiformes, depresiones en dedal			
1443.	4.34.11. distrofia canalicular mediana, solenoníquia, distrofia ungueal mediana, distrofia mediana cenalforme.	**nenf**	dystrophie médiane de Heller	dystrophia unguis mediana canaliformis, median nail dystrophy	**NENF**
1444.	4.34.12. distrofia catenular	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1445.	4.34.13. distrofia do quinto pododáctilo	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1446.	4.34.14. distrofia infantil das vinte unhas, distrofia das vinte unhas	(Internet) distrofia de las veinte uñas	dystrophie des vingt ongles	twenty-nail dystrophy, twenty nail dystrophy of childhood	distrofia delle venti dita.
1447.	4.34.15. doliconíquia	(Internet) doliconiquia (1 ocorrência)	**nenf**	**nenf**	doliconichia.
1448.	4.34.16. hapaloníquia, unhas em casca de ovo (pop.)	(Internet) hapaloniquia	hapalonychie	hapalonychia, shell nail syndrome	**NENF**
1449.	4.34.17. helconixe, heliconixe	(Internet) elconiquia (1 ocorrência)	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1450.	4.34.18. hemorragias em estilhas, hemorragia por seqüestro, hemorragia em lasca	Hemorragias astillares subungueales, hemorragias astilladas en las uñas	**nenf**	splinter hemorrhage, hemorrhage nail (subungual)	emorragie subungueali.
1451.	4.34.19. ceratose subungueal	queratosis subungueal, hiperqueratosis subungueal	hyperkératose sous-unguéale	subungueal keratosis	ipercheratosi subungueale (e ipertrofia).
1452.	4.34.20. leuconíquia, leuconíquia total, leucopatia ungüis, acromia das unhas, alvura das unhas, albugem, selenose, albugo	leuconiquia	leuconychie congénitale, leuconychie	leukonychia, leukonychia congenital, leukonychia (punctata) (striata)	leuconichia.
1453.	4.34.21. linhas de Mees, tira de Mees.	líneas de Mees	ligne de Mees (Internet)	mees' line's, mees stripes	linee di Mees
1454.	4.34.22. linha de Milian	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1455.	4.34.23. linha de Muehrcke	líneas de Muerhrcke	**nenf**	muehrcke's line's, paired, narrow, white bands	linee di Muehrcke

1456.	4.34.24. macroníquia	(Internet) macroniquia	macronychie	macronychia	macronichia
1457.	4.34.25. melanoníquia, melanoníquia total, melanônquia	(Internet) melanoniquia	mélanonychie	melanonychia	melanonichia
1458.	4.34.26. microníquia	(Internet) microniquia	micronychie	micronychia	micronichia
1459.	4.34.27. onicoatrofia	(Internet) onicoatrofia	onychatrophie	**nenf**	onicoatrofia
1460.	4.34.28. onicobacteriose	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**NENF**
1461.	4.34.29. onicoclasia, oniclasia, onicoclase	(Internet) onicoclasis	onychoclasie	onychoclasis	onicoclasia
1462.	4.34.30. onicocriptose, unha encravada, acronix, unhas aducas.	uña encarnada, unguis incarnatus, onicocriptosis	ongle incarné, onychocriptose	ingrown nail, onychocryptosis, ingrowing toe nail	onicocriptosi, unghia incarnita.
1463.	4.34.31. onicodínia, onicalgia	(Internet) onicodinia (1 ocorrência)	onychalgie, onychodynie	onychalgia	onicalgia
1464.	4.34.32. onicodistrofia	onicodistrofia	onychodystrophie	onychodystrophy, nail dystrophy	onicodistrofia
1465.	4.34.33. onicofimia,onicofima	(Internet) onicofima	onychophyme	onychophima	pachionichia, onicofima.
1466.	4.34.34. onicofose	(Internet) onicofosis	onychophose (net – 1 ocorrência)	onychophosis	**NENF**
1467.	4.34.35. onicogrifose, onicogripose, gripose ungueal, unha em garra	onicogrifosis, onicogriposis	onychogryphose	onychogriphosis, onychogriposis, hypertrophied toe nails	onicogrifosi, unghia ad artiglio.
1468.	4.34.36. onicóide	(Internet) onicoide (1 ocorrência)	onychoïde (problemas com def.)	onychoid	**NENF**
1469.	4.34.37. onicólise	onicólisis	onycholyse	onycholysis, idiopathic onycholysis	onicolisi
1470.	4.34.38. onicoma	(Internet) onicoma	onychome	onychoma	onicoma
1471.	4.34.39. onicomadese	(Internet) onicomadesis	onychomadésis, onychomadèse	onychomadesis	onicomadesi
1472.	4.34.40. onicomicose, tinha das unhas.	tiña de las uñas, dermatofitosis de la uña, onicomicosis, oniquia dermatofítica, tiña ungueal	onychomycose	onychomycosis, tinea unguium, ringworm nails	onicomicosi, tinea unguium.
1473.	4.34.41. onicoptose	(Internet) onicoptosis	onychoptose	onychoptosis, shedding of the nails	onicoptosi
1474.	4.34.42. onicorrexe	onicorrexis	onychorrhexis	onychorrhexis	onicoressi

1475.	4.34.43. onicosquizia, onicósquise, onicosquíze.	onicosquizia, onicosquisis	onychoschisis, onychoschizie	onychoschizia, splitting into layers, lamellar dystrophy	Onicoschisi.
1476.	4.34.44. onicotrofia	(Internet) onicotrofia	onychotrophie	onychotrophy	Onicoatrofia
1477.	4.34.45. oníquia, onixite, oniquite	oniquia	onychie	onychia	Onichia
1478.	4.34.46. paranício, paraniz, unheiro, paranoníquia gavarro, paraníquea.	**nenf**	**nenf**	hangnail	**nenf**
1479.	4.34.47. paquioníquia, paquionixe, escleroníquia, onicauxe, onicosclerose	agrandamiento e hipertrofia de las uñas, onicauxis congénita, paquioniquia, onicauxia	pachyonychie	pachyonychia, pachyonychia congenita	Pachionichia
1480.	4.34.48. paroníquia, perionixe, perionixite, unheiro, oníquia lateral, oníquia periungueal	paroniquia	paronychie chronique, périonyxis , paronychie	paronychia	Paronichia
1481.	4.34.49. platoníquia	(Internet) platoniquia	platonychie	**nenf**	Platonichia
1482.	4.34.50. polioníquia	(Internet) polioniquia	polyonychie	polyonychia	**nenf**
1483.	4.34.51. pterígio ungueal, pterígio da unha	pterigión	pterygium	pterygium unguis, pterygium	pterigio, pterigio ungueale
1484.	4.34.52. pterígio ventral, pterígio inverso	**nenf**	pterygium ventral	familial subungual pterygium, pterygium inversum unguis	pterigio inverso, pterigio ventrale (só fonte 1 e não achei na net)
1485.	4.34.53. síndrome da unha amarela	síndrome de la uña amarilla	syndrome des ongles jaunes	yellow nail, yellow nail syndrome, Samman's syndrome	sindrome dell'unghie gialle
1486.	4.34.54. síndrome da unha azul	lúnulas azules	ongle bleu (Internet)	Azare half-moons	sindrome delle dita blu
1487.	4.34.55. síndrome da unha meio a meio	uña "mitad y mitad"	half and half nail (1 fonte)	half and half nail	**nenf**
1488.	4.34.56. síndrome da unha verde	síndrome de uña verde	syndrome des ongles verts (1 fonte)	**nenf**	**nenf**
1489.	4.34.57. síndrome da unha em raquete	(Internet) uña en raqueta (1 ocorrência)	**nenf**	racket nail	**nenf**
1490.	4.34.58. síndrome de cotovelo-paleta-unha, síndrome de Fong, Osteo-	síndrome ungueorrotuliana, SINDROME DE LA UÑA-PATELA,	**nenf**	nail-patella syndrome, hereditary osteo-onychodysplasia; osterreicher	**nenf**

	onicodistrifa hereditária.	OSTEOONICODISPLASIA HEREDITARIA, SINDROME DE OSTERREICHER, SINDROME DEL CUERNO PELVICO, SINDROME DE TUNER-KIESER		syndrome; pelvic horn syndrome; turner-kieser syndrome, fong syndrome	
1491.	4.34.59. síndrome de Beau, sulco de Beau, linhas de Beau	Líneas de Beau, surcos de Beau	lignes de Beau	beau's line's	linee di Beau
1492.	4.34.60. toxiconíquia	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1493.	4.34.61. traquioníquia	(Internet) "traquioniquia" como sinônimo de "distrofia de las veinte uñas"	trachyonychie, ongle grésé	**nenf**	trachionichia
1494.	4.34.62. unha de Terry, unha em cristal opalino.	uñas de Terry	ongle de Terry (Internet)	terry's nail's, white nails	unghie di Terry
1495.	4.34.63. unha de usura	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1496.	4.34.64. unha fráGIL, fraGILita ungueum, fgraGILidade ungueal	uña quebradiza, uña frágil, fragilidade de la uña	fragilité unguéale	fragilitas unguium	fragilità ungueale
1497.	4.34.65. unha hipocrática, unha em bico de papagaio	encorvamiento de las uñas, uña hipocrática, uñas en palillo de tambor	ongle hippocratique	hippocratic nail's, finger clubbing	unghie a vetrino d'orologio
1498.	4.34.66. unha pinçada, unha em pinça.	**nenf**	ongle en pince, ongle en volute (Internet) ongle en chevron (fonte 1)	pincer nail, overcurvature of the nails, pincer nail deformity	unghia a pinza
1499.	4.35. afecção dos pêlos, tricose	Desórdenes del pelo, Enfermedades del pelo, Alteraciones del pelo	trichose, trichonose, trichopathie	trichopathy	tricosi
1500.	4.35.1. calvície, acomia (f. paral.)	calvicie	calvitie	alopecia, baldness, androgenetic alopecia, syndrome common baldness, male-pattern alopecia	alopecia androgenetica, calvizie comune, calvizie di tipo maschile.
1501.	4.35.2. alopecia, defluvium capillorium, acomia, pelada falacrose, peladura	alopecia, pérdida del pelo	alopécie	Ver acima	alopecia
1502.	4.35.2.1. alopecia difusa não-	alopecía difusa	alopécie chronique diffuse	chronic diffuse alopecia	alopecia non cicatriziale

	cicatricial				congenita
1503.	4.35.2.2. alopecia difusa cicatricial, alopecia acatricial, alopecia cicatricial	alopecia cicatricial, alopecia cicatrizal, pérdida cicatricial del pelo	alopécie cicatricielle (d'origine) congénitale	cicatricial alopecia, alopecia cicatrisata, alopecia cicatricial	alopecia cicatriziale congenita
1504.	4.35.2.3. alopecia circunscrita não-cicatricial	pérdida no cicatricial del pelo, alopecia no cicatrizal, alopecia no cicatricial	alopécie en plaques non cicatricielle	alopecia circumscripta, alopecia areata, pelade	ALOPECIA NON CICATRIZIALE ACQUISITA
1505.	4.35.2.4. alopecia circunscrita cicatricial	alopecia cicatricial, alopecia cicatrizal, pérdida cicatricial del pelo	alopécie cicatricielle (d'origine) acquise	**nenf**	ALOPECIA CICATRIZIALE ACQUISITA
1506.	4.35.2.5. alopecia areata, alopecia circunscrita, alopecia em áreas, alopecia celsi, alopecia ou área de Celsus, alopecia ou área de Jontar, pelada decalvante, vitiligo capitis, vitiligo Cazenave ou Celsus	alopecia areata; alopecia total; alopecia universal	pelade, alopecia areata, alopécie en aires	alopecia areata, alopecia celsi, celsius alopecia, alopecia circumscripta, Jonston's alopecia, circumscribed alopecia	alopecia areata, area Celsi
1507.	4.35.2.5.1. alopecia areata ofiásica	(Internet) alopecia areata ofiasica, ofiasisi	pelade ophiasique, pelade em couronne, ophiase	**nenf**	ofiasi
1508.	4.35.2.5.2. alopecia areata difusa	(Internet) alopecia areata difusa	**nenf**	**nenf**	alopecia areata diffusa
1509.	4.35.2.6. eflúvio telogênico, eflúvio telógeno	efluvio telógeno, efluvio telogénico, pérdida capilar telógena	effluvium télogène	telogen effluvium, effluvium telogen, alopecia postpartum	effluvium telogen, telogen effluvium
1510.	4.35.2.7. efúvio anagênico, eflúvio anágeno.	efluvio angénico, pérdida capilar anágena	defluvium anagène	alopecia postpartum	effluvium anagen, anagen effluvium
1511.	4.35.2.8. alopecia androgênica, calvície hipocrática	alopecia andrógena, alopecia androgenética	alopécie androgénétique, alopécie androgéno-génétique, alopécie-séborrhéique	androgenic alopecia, calvities, alopecia androgenic	alopecia androgenica, alopecia androgenetica, alopecia seborroica
1512.	4.35.2.8.1. alopecia androgênica masculina, alopecia androgenética masculina, alopecia de padrão	alopecia de patrón masculino, CALVICIE DE TIPO SCULINO, alopecía masculina típica, CALVICIE	alopécie masculine, alopécie andro-génétique chez l'homme	male pattern alopecia, alopecia hereditaria, baldness male-pattern	alopecia androgenetica dell'uomo, calvizie di tipo maschile, caduta dei capelli di tipo maschile,

	masculino	SCULINA, alopecia fisiológica en el hombre			alopecia androgenetica.
1513.	4.35.2.8.2. alopecia androgenética feminina, alopecia difusa parcial discreta	pérdida de pelo en la mujer, alopecia difusa de la mujer, pérdida difusa de pelo en mujeres jóvenes	alopécie andro-génétique chez la femme	**nenf**	alopecia androgenetica della donna, alopecia androgenetica.
1514.	4.35.2.9. alopecia com características peculiares	tricotilomanía, tricotilomanía del cuero cabelludo	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1515.	4.35.2.10. alopecia marginal, alopecia liminar frontal	alopecía por tracción	**nenf**	alopecia marginalis, alopecia liminaris frontalis, syndrome alopecia liminaris frontalis	Disturbo da movimento stereotipato com strappamento di capelli (achei só na ICD, mas não sei se é)
1516.	4.35.2.11. alopecia por pressão	alopecía por tracción	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1517.	4.35.2.12. alopecia endócrina, alopecia devido a distúrbios endócrinos	alopecia debida a enfermedades endócrinas	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1518.	4.35.2.13. alopecia a drogas, alopecia tóxica	alopecia inducida por drogas, alopecia debida a medicamentos, alopecía inducida por drogas y agentes químicos	alopécie androgénique médicamenteuse, alopécies toxiques	alopecia toxica, alopecia due to cytotoxic drugs, alopecia of chemical origin	alopecia androgenica indotta da farmaco (achei só na ICD)
1519.	4.35.2.14. alopecia mucinosa	alopecia mucinosa, MUCINOSIS FOLICULAR	alopécie mucineuse de Pinkus, mucinose folliculaire	follicular mucinosis, alopecia mucinosa	apolecia mucinosa
1520.	4.35.2.15. alopecia infantil	(Internet) alopecía infantil	calvitie infantile (Internet)	**nenf**	calvizie infantile (só inter)
1521.	4.35.2.16. alopecia fisiológica do adolescente, alopecia prematura, alopecia pré-senil.	**nenf** apenas descrito alopecia/pubertad	**nenf**	premature alopecia, alopecia prematura, alopecia (hereditaria) (prematura) (seborrheica)	**nenf**
1522.	4.35.2.17. alopecia das pernas	**nenf** apenas descrito	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1523.	4.35.2.18. alopecia congênita, calvície congênita, alopecia adnata, alopecia hereditária	alopecia congénita, pérdida de pelo debida a defecto genético	alopécie congénitale	alopecia congenitalis, congenital alopecia	alopecia congenita
1524.	4.35.2.19. pseudopelada, pseudopelada de Brocq, alopecia cicatrizada	seudopelada, pseudopelada, Seudopelada de Brocq, alopecia cicatrizal	pseudo-pelade, pseudo-pelade, pseudo-pelade, alopecia atrophicans, pseudo-pelade (de	cicatricial alopecia, alopecia cicatrisata, pseudopelade	pseudopedale, pseudoarea di Brocq, pseudoarea

		criptogenética	Brocq), pseudopelade		
1525.	4.35.2.20. foliculite decalvante, foliculite decalvans, alopecia folicular, deonça de Quinquand.	foliculitis decalvante, foliculitis agminada	folliculite décalvante, folliculite dépilante	folliculitis decalvans, alopecia folicularis	follicolite decalvante, follicolite decalvante di Quinquand.
1526.	4.35.3. hirsutismo, hipertricose	hirsutismo; hipertricosis	hirsutisme	hirsutism, hypertrichosis, hirsuties, excessive growth of hair and hirsutism	Irsutismo (aparece 2x. Ver:4.36.17)
1527.	4.35.3.1. hirsurtismo iatrogênico	hirsutismo provocado por medicamentos, hirsutismo inducido por drogas, hipertricosis en el hipercorticismo latrogénico(ver grafia)	hirsutisme iatrogène	iatrogenic hvpertrichosis	ipertricosi iatrogena
1528.	4.35.3.2. hirsutismo adquirido	hipertricosis lanuginosa adquirida	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1529.	4.35.3.3. hirsutismo congênito	hipertricosis congénita	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1530.	4.35.3.3.1. hipertricose lanuginosa congênita, hipeertricose lanuginosa, hipertricose universal congênita	Hipertricosis lanuginosa congénita	hypertrichose lanugineuse congénitale	hypertrichosis lanuginosa, hypertrichosis congenital, congenital hvpertrichosis lanuginosa, syndrome hypertrichosts universalis congenita	ipertricosi laguginosa congenita, ipertricosi congenita
1531.	4.35.3.3.2. leprechaunismo, doença de Donotue	leprechaunismo	leprechaunisme, syndrome de donohue	leprechaunism	leprecaunismo, sindrome di Donohue
1532.	4.35.3.4. hirsutismo idiopático	hirsutismo idiopático o constitucional	hirsutismes périphériques, hirsutismes idiopathiques G	idiopathic hirsutism	irsutismo idiopatico, irsutismo periferico (só fonte 2)
1533.	4.35.3.5. hirsutismo constitucional	hirsutismo idiopático o constitucional	**nenf**	constitutional hirsutism	**nenf**
1534.	4.35.3.6. hirsutismo androgênico		**nenf**	**nenf**	irsutismo centrale (só fonte 2)
1535.	4.36. malformação dos pêlos, má-formação dos pêlos	anormalidades del pelo, malformación congénita del pelo, anormalidades del tallo piloso	anomalies pilaires, anomalies des poils	**nenf**	MALFORMAZIONI CAPILLARI

1536.	4.36.1. moniletrix, monilethrix, moniletiquia, moniletricose, monilítrix, aplasia moniliforme, cabelo moniliforme, cabelo em conta de rosário	moniletrix, pelo en rosario, monilethrix, pelo (grafia1) o moniliforme, pelo en cuentas	monilethrix	monilethrix, beaded hair (congenital), congenital monilethrix	moniletrix, monilethrix
1537.	4.36.2. trichorrhexis nodosa, tricorrexe nodosa, tricoclasia, nodositas crimium	tricorrexis nudosa, tricoclasia	trichorrhexie noueuse, trichorrhexis nodosa	trichorrhesis nodosa	tricorressi nodosa
1538.	4.36.3. trichorrhexis invaginata, tricorrexe invaginada, cabelo em bambu, pêlo em bambu, pêlo em tufo	tricorrexis invaginada	trichorrhexie invaginata, cheveux bambou	bamboo hair, trichorrhexis invaginata, syndrome bamboo hair	tricorressi inavaginata
1539.	4.36.4. triconodose, trichonodosis, trichonodosis axillaris, doenþa de Paxton, lepotricose, ticonocardÝase axilar, triconodose axilar, triconodose nodosa, triconodose palmelina, triconodose cromática, triconodose nodular	(Internet) triconodosis	trichonodose, maladie de Paxton (trichorrhexis nodosa)	trichomycosis axillaris, trichonodosis	triconodosi (só fonte 2)
1540.	4.36.5. pili torti, trichokinesis, pêlo retorcido, cabelo retorcido, pêlo torcido	pili torti (plural), pelos retorcidos	pili torti , trichokinesis (confrontar com 4.36.11)	pili torti, twisted hair's, kinky hair, twist hair	pili torti (confrontar 4.36.11 com 4.36.5)
1541.	4.36.6. pili bifurcati	(Internet) pili bifurcati	pili bifurcati (Internet)	**nenf**	pili bifucarti (só inter)
1542.	4.36.7. pili annulati, leucotropia anular, cabelo em anel, pêlo anular, cabelo anelado	Pili annulati, pelos anulados; SÍNDROME DE MENKES DEL PELO RIZADO (não está no VMD)	leucotrichia annularis, pili annulati	ringed hair, pili annulati, syndrome ringed hair, banded hair, leucotrichia annularis	pili annulati, capelli annulati, peli annulati
1543.	4.36.8. pili pseudo-annulati	(Internet) Pseudo pillannulati	pseudo-pili annulati	pili multigemini	pseudo-pili annulati
1544.	4.36.9. pili multigemini, pêlo multigêmeo	(Internet) pili multigemini	trichostasis spinulosa, pili multigemini	**nenf**	pili multigemini
1545.	4.36.10. trichoptilosis, tricoptilose, fraGILitas crinium	(Internet) tricoptilosis	trichoptilose,	Trichoptilosis	Tricoptilosi

1546.	4.36.11. cabelo enroscado, pêlo retorcido	não é a mesma coisa que pili torti	pili torti , trichokinesis (confrontar com 4.36.5)	kinky hair, twisted hair's, stubbly hair or 'steely hair' disease	pili torti (confrontar 4.36.11 com 4.36.5)
1547.	4.36.12. cabelo laniforme, pêlo lanoso, cabelo lanoso	pelo lanudo	cheveux laineux (syndrome des), Wooly Hair	woolly hair	capelli lanosi
1548.	4.36.13. cabelo em algodão de vidro	pelos semejantes a lana o algodón	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1549.	4.36.14. cabelo em casca	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1550.	4.36.15. pseudofoliculite, pili incarnati, cabelo encravado, pêlo encravado, pêlo cuniculado, pêlo encarnado	pelos encarnados	pseudo-folliculites de la barbe	ingrown hair, burrowing hair's, pili cuniculati, pili incarnati, pseudofoliculitis, pseudofolliculitis barbae	pseudofollicolite.
1551.	4.36.16. tricostasia espinulosa, trichostasis spinulosa, tricostase espinhosa	Tricostasis espinulosa	trichostasis spinulosa (fonte 1 – confrontar com 4.36.9.)	trichostasis spinulosa	tricostasi spinulosa
1552.	4.36.17. hipertricose, hisurtismo	hirsutismo, hipertricosis (repetido)	hisurtisme, hypertrichose	hypertrichosis, hirsutism, hirsuties, excessive growth of hair	ipertricosi
1553.	4.36.18. triquíase, trichiasis	triquinosis, entropión y triquiasis palpebral	trichiasis	trichiasis, trichiasis (eyelid)	Trichiasi (só inter)
1554.	4.37. afecção das glândulas sudoríparas écrinas	Trastornos sudoríparos ecrinos, Trastornos de la sudación, Glándulas sudoríparas y sus anormalidades	affections des glandes sudoripares exocrines (só CIM)	disorder sweat gland (eccrine)	malattie delle ghiandole sudoripare eccrine (só ICD)
1555.	4.37.1. hiperidrose, hiperidrosis, hiper-hidrose, polidrose, hidrose, efidrose, sudorese, poliidrose, hiperifidrose	Hiperhidrosis	hyperhidrose , pied d'athlête	hyperhidrosis, excess sweating; excess secretion sweat; excessive sweating	iperidrosi
1556.	4.37.1.1. hiperidrose cortical, hidrosis nodorum, hiperidrose emocional	hiperhidrosis secundaria a problemas emocionales	hyperhidrose émotionnelle (Internet)	hyperhidrosis, mental sweating	iperidrosi emozionale (só inter)
1557.	4.37.1.2. hiperidrose hipotalâmica, hiperidrose térmica, hiperidrose	hiperhidrosis generalizada secundaria a desórdenes nerviosos (verificar grafia	hyperidroses endocriniennes	thermoregulatory	iperidrosi generalizzata acquista

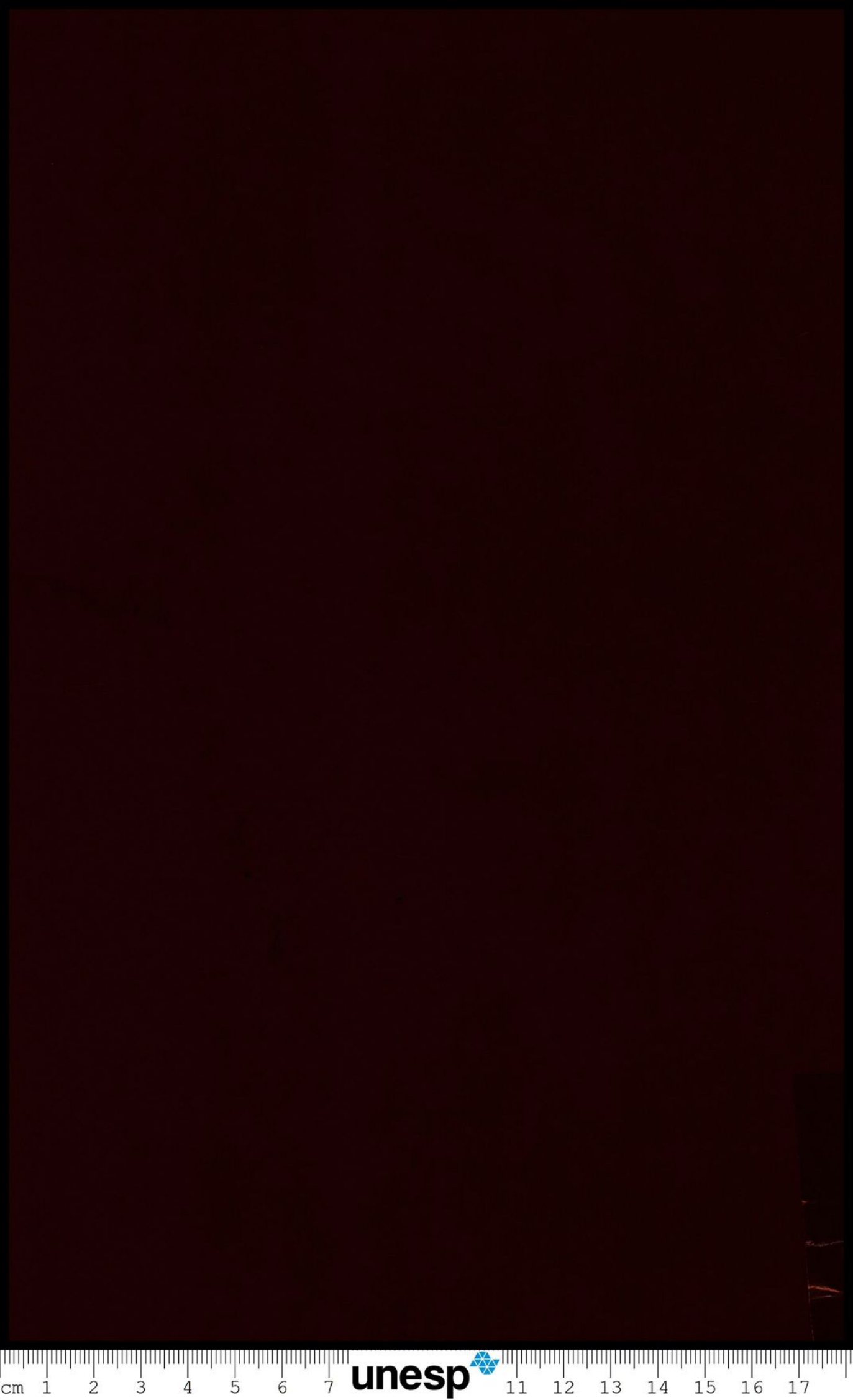
	termorreguladora	fonte 1)			
1558.	4.37.2. anidrose, anhydrosis, anidrosis	Anhidrosis	anhidrose, anidrose	hypohidrosis, anhidrosis, Anidrosis	anidrosi
1559.	4.37.2.1. anidrose generalizada.	anhidrosis generalizada	anidrose complète (1 fonte)	**nenfL**	anidrosi completa
1560.	4.37.2.2. anidrose localizada	anhidrosis localizada	anidrose partielle (1 fonte)	**nenf**	anidrosi parziale
1561.	4.37.3. granulose rubra nasal, granulosis rubranasi, granulosis rubra nasi	(Internet) granulosis rubra nasi	granulosis rubra nasi	granulosis rubra nasi, granuloma rubrum nasi	granulosis rubra nasi
1562.	4.37.4. miliária, miliar, exantema do calor, estrófulo tropical	Miliaria, SARPULLIDO POR EXCESO DE CALOR	miliaire	Miliaria, miliary fever	miliaria
1563.	4.37.4.1. miliária cristalina, sudamina	Miliaria cristalina	miliaire cristalline, miliaire sudaminas	miliaria crystallina, sudamen, sudamina	miliaria cristalina, sudamina
1564.	4.37.4.2. miliária rubra, sudômina, brotoeja	Miliaria rubra	miliaire rouge, miliaire bourbouille, bourbozuille	miliaria rubra, miliaria	miliaria rubra
1565.	4.37.4.3. miliária profunda, anidrose tropical	miliaria profunda, miliaria tropical	miliaire profonde	miliaria profunda, miliaria tropicalis	miliaria profonda
1566.	4.37.5. desidrose	Dishidrosis [ponfólix]	dysidrose , dyshidrose, pompholix	**nenf**	disidrosi
1567.	4.37.6. erupção desidrosiforme	(Internet) eccema dishidrotico	eczéma dysidrosique (net)	**nenf**	eczema disidrosiforme, eczema disidrosico
1568.	4.38. afecção das glândulas sudoríparas apócrinas	Trastornos sudoríparos apocrinos, Trastornos de la sudación, Glándulas sudoríparas y sus anormalidades	affections des glandes sudoripares apocrines, autres affections des glandes sudoripares	Disorder sweat apocrine	disturbe delle ghiandole sudoripare apocrine
1569.	4.38.1. doença de Fox-Fordyce, moléstia de Fox-Fordyce, miliária apócrina, enfermidade de Fox-Fordyce	Miliaria apocrina, Enfermedad de Fox-Fordyce	maladie de Fox-Fordyce, maladie de Fox et Fordyce, miliaire apocrine,	fox-fordyce disease, apocrine miliaria	malattia di Fox-Fordice, miliaria apocrina
1570.	4.38.2. hidrocistoma apócrino	hidrocistomas apocrinos (também há hidrocistomas ecrinos, mas não se costuma distingui-los – fonte 1)	hydrocystome apocrine, cystadénome apocrine	hydrocystoma, hidrocystoma, apocrine hidrocystoma, syndrome apocrine cystadenorna	idrocistadenoma apocrino, cistadenoma apocrino, idrocistoma apocrino
1571.	4.38.3. bromidrose, osmidrose,	Bromidrosis	bromidrose, bromhidrose,	bromidrosis, bromhidrosis,	bromidrosi

	azocratia	bromhidrosis, osmidrosis	osmhidrose	osmidrosis, fetid sweat; osmidrosis; sweat fetid	
1572.	4.38.4. cromidrose, chromidrosis	Cromhidrosis chromidrosis	chromidrose, chromhidrose	chromhidrosis, chromidrosis	cromidosi
1573.	4.38.5. hidroadenite, hidradenite, hidrosadenite (sin. em desuso).	hidradenitis, hidrosadenitis supurativa, hidradenitis supurativa	hidrosadénite, maladie de Verneuil, abcès tubéreux de l'aisselle (de Velpeau)	hidradenitis, hidrosadenitis, neutrophilic eccrine hidradenitis, hydradenitis, hydroadenitis, hydrosadenitis, acne conglobata	idrosadenite
1574.	4.39. afecção auricular, afecção das orelhas, afecção das cartilagens	DESÓRDENES INFLAMATORIOS DE LOS CARTÍLAGOS	affection auriculaire(Internet)	**nenf**	malattia auriculari (achei só na inter)
1575.	4.39.1. policondrite recorrente, policondrite recidivante, policondrite atrófica crônica, condromalacia generalizada ou sistêmica, doença de (von) Meyenburg, síndrome de Meyenburg-Altherr-Uehlinger	policondritis recurrente, policondritis recidivante	polychondrite récidivante, polychondrite chronique atrophiante, maladie de Meyenburg	relapsing polychondritis, chronic atrophic polychondritis, syndrome atrophic polychondritis; systemic chondromalacia; von meyenburg's disease	policondrite ricorrente, policondrite atrofica, policondrite cronica atrofica, policondrite ricorrente, sindrome di meyenburg altherr uehlinger.
1576.	4.39.2. pseudocisto de pavilhão auricular	seudoquiste	pseudo-kyste auriculaire (net – 1 ocorrência)	**nenf**	pseudocisti auricolare (só fonte 3, sem definição)
1577.	4.39.3. condrodermatite nodular hélix, nódulo doloroso da orelha, condrodermatite nodular crônica helicóide, doença de Winkler	condrodermatitis nodular crónica helicis, condrodermatitis helicis, condrodermatitis nodularis helicis, condrodermatitis	chondrodermatitis nodularis chronica helicis, chondrodermite nodulaire chronique de l'hélix	chronica helicis chondrodermatitis nodularis, chondrodermatitis nodularis chronica helicis or anthelicis, painful nodule of the ear	condrodermatite nodulare cronica dell'elice
1578.	4.39.4. cistos, quisto.	quiste	kyste	**nenf**	Cisti, ciste
1579.	4.40.Afecções dos pés	**nenf**	affection des pieds (Internet)	**nenf**	**nenf**
1580.	4.40.1. pápulas piezogênicas, pápula podal piezogênica	**nenf**	**nenf**	piezogenic pedal papule	papula piezogenica, nodulo piezogenico
1581.	4.40.2. queratólise puntuada, ceratose pontuada, poroceratose pontuada tipo ntoux, keratose punctata, ceratólise pontuada,	queratolisis punctata	kératose ponctuée	porokeratosis, porokeratosis of mibelli; porokeratosis, disseminated superficial actinic; linear porokeratosis, mibelli porokeratosis, punctate	cheratosi punteggiata, cheratolise plantare solcata

	keratolysis plantar sulcada de Castellani, ceratose pontilhada			keratoderma, keratosis punctata, keratoderma punctata	
1582.	4.40.3. tumor glômico, glomangioma, quimiodectoma, angiomioneuroma	tumor glómico glomangioma	tumeur glomique	glomus tumor, glomangioma, syndrome glomangioma	tumore glomico
1583.	4.40.4. granuloma piogênico, granuloma pyogenicum, granuloma telangiectásico	granuloma piógeno	granulome télangiectasique, granulome pyogénique, botriomycome, botryomycome, granulome inflammatoire hypertrophique	granuloma pyogenicum, pyogenic granuloma, angiogranuloma, granuloma telangiecticum, lobular capillary hemangioma, Granuloma telangiectaticum, Granuloma pyogenic pyogenicum (of) (skin)	granuloma piogenico,(granuloma telangectasico, botriomicoma, só uma fonte)
1584.	4.40.5. ceratodermia, keratoderma, ceratoderma.	queratodermia, queratoderma	kératodermie, kératodermies palmoplantaires, kératose [kératodermie] palmaire et plantaire acquise	hyperkeratosis palmoplantaris climacterica, keratoma, keratoderma blennorrhagicum, keratosis	cancrofobia
1585.	4.40.6. calo, clavus, tilose	clavos, cuernos, callos	cor	diffuse palmoplantar keratoderma, Thost-Unna syndrome, tylosis, Unna-Thost syndrome, keratoderma palmaris et plantaris, keratodermia palmaris et plantaris	Callo
1586.	4.40.7. calosidade	callosidades	callosité	callosities, corns, callositas, callosity	Callosità
1587.	4.40.8. petéquia calcaneana, calcanhar preto, sufusão hemorrágica traumática puntiforme do calcanhar, hemorragia pós-traumática puntiforme	**nenf**	**nenf**	talon noir, calcaneal petechiae, purpura traumatica pedis, black heel	**nenf**
1588.	4.40.9. mal perfurante plantar, úlcera anestésica, úlcera	mal perforante, pie neuropático	mal perfurant plantaire	perforating ulcer of foot, foot ulcer, plantar ulcer	male perforante plantare

	neuroatrófica, úlcera perfurante do pé, mal perfurante,				
1589.	4.41. Dermatoses psicogênicas, psicodermatoses, afecções psicogênicas	enfermedades psicogénicas, dermatosis de origen psicosomático	psychodermatoses	**nenf**	PSICODERMATOSI
1590.	4.41.1. dermatite factícia, dermatite artefacta, dermatite factitia, dermatite patomímica, dermatite autofítica	dermatitis factitia, dermatitis facticia	dermatite factice, artefacts cutanées	dermatitis artefacta	dermatite artefatta
1591.	4.41.2. escoriações neuróticas	excoriaciones neuróticas	excoriation névrotique	neurosis excoriation, neurotic excoriation, syndrome acne urticata, acne excorlee, subacute prurigo	escoriazioni nevrotiche
1592.	4.41.3. dermatofobias, fobia a moléstia da pele	(Internet) dermatopatofobia, dermatosiofobia, dermatofobia	dermatophobie	Dermatophobia	Dermatofobia
1593.	4.41.3.1. acarofobia, delírio de parasitose	ilusiones de parasitosis, delirios de parasitosis	acrophobie, acarophobie	acarophobia	Acarofobia
1594.	4.41.3.2. venereofobia	(Internet) venereofobia	vénéréophobie (1 fonte)	Venereophobia	cypridofobia
1595.	4.41.3.3. leprofobia	(Internet) leprofobia, leprafobia	léprophobie (Internet)	**nenf**	Leprofobia, leprafobia
1596.	4.41.3.4. cancerofobia	Cancerofobia	cancérophobie	cancerophobia, fear of cancer	cancrofobia
1597.	4.41.4. dermatocompulsões	excoriaciones compulsivas	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1598.	4.41.4.1. cutisfagia	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**
1599.	4.41.4.2. queilofagia, queilite factícia	(Internet) queilofagia	cheilophagie	cheilophagia, chilophagia	Cheilofagia
1600.	4.41.4.3. tricotilomania	tricotilomanía	trichotillomanie, trichomanie	trichotillomania, hair plucking, hair-pulling tics, syndrome trichotillomania	tricotillomania
1601.	4.41.4.4. acne escoriada	acné excoriada de las jovencitas, acné excoriado, acné excoriado de la mujer joven	acné excoriée des jeunes filles, acné excoriée	acne excorie des jeunes filles	acne escoriata, acne escoriata delle ragazze, acne excorriée des jeunes filles
1602.	4.41.5.onicocompulsões	**nenf**	**nenf**	**nenf**	**nenf**

1603.	4.41.5.1.onicofagia	Onicofagia, habito de comerse las uñas +-	onychophagie	nail biting, onychophagia, onychophagy	onicofagia
1604.	4.41.5.2. onicotilomania	(Internet) onicotilomania	onychotillomanie	onychotillomania	onicotillomania
1605.	4.42. cirurgia dermatológica	cirugía dermatológica	chirurgie dermatologique	**nenf**	Chirurgia dermatologica
1606.	4.42.1. onicotomia, onicotromia, onicotoma	(Internet) onicotomia (1 ocorrência)	onychotomie	onychotomy	**nenf**
1607.	4.42.2. onicetomia	(Internet) onicectomía	onycectomie (Internet)	habit tic deformity	Onicectomia


cm 1 2 3 4 5 6 7
unesp
11 12 13 14 15 16 17